REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO LXXII

PARTE I

(1909)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui

INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSI
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1910

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRAZILEIRO

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRAZILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO LXXII

PARTE I

(1909)

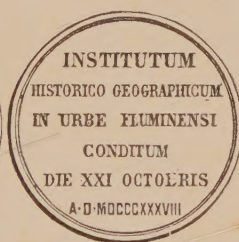
Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui

INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSI
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1910

1851 — *a*

CHRONICA

DA

MISSÃO DOS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS

NO

ESTADO DO MARANHÃO

SUMMARIA NOTICIA

Varnhagen cita a *Chronica* do padre Betendorf entre as fontes de maior confiança a que recorreu para historiar os successos de que foi theatro o Maranhão em fins do seculo XVII. Repetidas vezes invoca o seu testemunho o escrupuloso J. F. Lisboa. Forneceu ella grande cópia de informações a quantos a consultaram para estudo analytico do periodo primitivo da vida colonial em nosso extremo norte. O eminente Sr. Barão do Rio Branco, em 1899, elaborando a 2.ª memoria justificativa dos titulos do Brazil á fronteira do Oyapock, invocou a autoridade do trecho desse códice, em que se faz a descripção geographica do littoral equatoriano, já incontestavelmente portuguez, e os criticos do monumental trabalho concordam em qualificar felicissima a efficaz e opportuna citação.

E' a *Chronica* impressa agora pela primeira vez em sua integra, aproveitada uma cópia que da existente na Torre do Tombo foi obtida por Gonçalves Dias. Ignora-se onde pára o original, si por accaso não se extraviou, eventualidade tanto mais lamentavel quanto de innumeras incorrecções e lacunas resente-se o manuscripto, muito embora, como uma simples leitura evidenciará, em muito pouco esse defeito comprometta o valor da obra.

Facilmente poderia ser elle corrigido, si não se fizesse sentir, imperioso, guardadas as devidas proporções, o dever de transportar para as paginas que se vão ler o mesmo respeito com que se conservam, mutilados, os specimens da arte antiga.

Tão pouco o resumo desse longo e minucioso registro de factos procura completal-o, supprindo omissões de occurrencias, aliás importantes.

Desde logo, por exemplo, o leitor notará o silencio sobre a tentativa da primeira colonisação, da qual resultou o naufragio de Ayres da Cunha e dos filhos de João de Barros, e sobre os trabalhos missionistas, quer do padre Luiz Figueira em 1622, quer do capuchinho frei Christovão de Lisboa, em 1625. Isto, só para alludir ás remotas épocas da historia do Maranhão.

Nascido na cidade de Luxemburgo, onde entrou, em 1645, para a Companhia de Jesus, João Felippe Betendorf ministra no capitulo 17 do livro 5° da *Chronica* interessantes pormenores da sua biographia. Veio servir no Maranhão, em 1661 a convite do Geral da Ordem, attendendo ao appello que á Roma dirigira o padre Antonio Vieira. A data de seu nascimento, segundo uns, 1623, parece ter sido 1628, combinadas as indicações chronologicas da *Dedicatoria*, da *Advertencia*, e do texto, das quaes consta que elle o escrevia aos 71 annos, 38 depois de ter vindo para o Brazil. Exerceu varios cargos, emquanto catechisou pela região amazonica, tendo sido duas vezes superior da Missão, uma de 1669 a 1674 e outra de 1690 a 1693. Era em muitas

circumstancias preferido para derimir certas questões, por verem na sua origem extrangeira uma garantia de imparcialidade. Entretanto, a adaptação ao meio, nelle se operou de modo completo, a principiar pelo nome, que aportuguezou, chegando a prégar sermões em lingua tupy. Envolvido, com seus collegas, na animadversão dos habitantes do Estado, motivada pelos cautelosos, mas constantes embaraços, que oppunha a Companhia ao captiveiro dos indigenas, participou da dupla expulsão de que ella foi victima, primeiramente no proprio anno de sua chegada ao Pará, em 1661, e depois, em 1684, na cidade de S. Luiz do Maranhão. De ambas as vezes regressou ao campo de sua actividade.

Em Lisboa, durante 4 annos, occupou o cargo de procurador da Ordem ; nesse periodo escreveu uma *Informação* ao Rei sobre os acontecimentos da ultima dessas revoltas.

O anno e o logar de sua morte ainda hoje são ignorados, suppondo-se que chegou a edade bastante avançada, porque no fim da *Chronica* faz referencia á memoria de D. Pedro II, fallecido em 1706, e em uma nota manuscripta, encontrada á margem do capitulo 14 do livro 9º, lê-se que assistira aos terriveis effeitos de nova epidemia de variola, no Pará, em 1724.

A *Chronica* de Betendorf constitue, acerca do norte do Brazil, o complemento natural da que foi escripta por Simão de Vasconcellos, limitada á catechese no sul. Ha entre as duas, porém, profundo contraste de methodo e de estylo. A do jesuita belga-allemão, comquanto de real merecimento historico, é, antes de tudo, uma serie de episodios, na sua maioria

communs, quasi triviaes, que prendem a attenção pelo que apresentam de ingenuamente curioso, não sendo o menor desses attractivos a abundancia dos vocabulos indigenas, já então incorporados á lingua portugueza. Desses despretenciosos moldes conserva-se muito distante o trabalho do seu confrade, onde é visivel a preoccupação das pompas rhetoricas e as amplificações dos factos, subsidiadas em larga escala pelos conceitos eruditos, que a sciencia da época e a disciplina intellectual permittiam.

De identico em ambas as obras é o ponto de vista da moral relativa, caracteristico de todo o trabalho dos ignacianos, quer como catechistas, quer como educadores, nos seculos XVI a XVIII, concepção incompativel com um dogma theologico, mas cuja necessidade social o genio de Loyola presentio admiravelmente. Não fôra a ambição industrial dos colonos, favorecida pela frequencia das relações commerciaes com a metropole, e nas margens do Amazonas se reproduziria a organisação theocratica a que deve o Paraguay a sua physionomia ethnica.

Nessa, como em outras phases evolutivas do seu progresso, a Humanidade soube restaurar os principios da ordem, depois de periodos mais ou menos longos de agitação. A *Chronica* de Betendorf registra o aspecto de um delles, narra como então se sentia e o que então se pensava. Tanto basta para o interesse de sua leitura.

Serve-lhe de preambulo uma fervorosa invocação á Virgem Mãe, o bello resumo do symbolismo catholico, inspiradora das mysticas allucinações de Santo Ignacio de Loyola.

Em seguida, é o leitor advertido de que só em obediencia a uma ordem superior foi a obra escripta, ficando nella, pela força das circumstancias, confundidas as narrações dos factos do dominio temporal com os do espiritual. Além disto, recommenda-se que não haja precipitação nas censuras.

Dividida em livros e estes em capitulos, a *Chronica* não os subordina á rigorosa successão chronologica; em varios episodios volta a épocas anteriores, apresentando-os ligados a outros ainda desconhecidos.

Desde o principio, comprehende-se que será observada até o fim a simplicidade propria de um trabalho sem intuito litterario.

Dos 15 capitulos do livro 1º, onze são consagrados á parte descriptiva e historica do Estado.

Qual a origem do nome *Maranhão?* Ainda hoje objecto de duvida, naquellas éras o envolviam as maiores incertezas, nem se sabendo ao certo a que accidente hydrographico applical-o. Betendorf cita o rio Amazonas, o de Orellana, o Orinoco, e a reunião dos cursos d'agua operada na bahia de Tapuytapéra, largo estuario, que passara seu nome á ilha e depois á Capitania, generalisando-se em breve ao Estado.

Um navegante francez, Riffault, a convite de certo chefe indigena, equipou duas náos em 1554 e veio tentar fortuna nessa parte da America.

As tempestades e as discordias fizeram-no abandonar a conquista, onde, porém, deixou ficar um compatriota, de Vaux, que soube captar as sympathias dos selvagens, ao ponto de ser instado por elles para ir buscar francezes que alli estabelecessem uma colonia. De Vaux voltou á França e Henrique IV, depois de

ouvil-o, o encarregou de, em companhia de La Ravardière, vir proceder a uma exploração mais completa da nova terra. Executado esse trabalho preliminar, e, de regresso á patria, onde já governava a regente Maria de Medicis, La Ravardière obteve o apoio necessario. Organisou a expedição, demandou a America do Sul e em 24 de Julho de 1611 foram lançados por ella os fundamentos da cidade de S. Luiz.

Só em 1614 veio Jeronymo de Albuquerque, de Pernambuco, expellir os francezes. La Ravardière atacou-o, apenas acampado na ilha de Santa Maria, mas, repellido, capitulou e deixou a America.

A descripção da ilha do Maranhão baseia-se na que escreveu Claudio d'Abbeville, um dos missionarios capuchinhos vindos na frota franceza.

Consta do capitulo respectivo a posição geographica, a superficie, o nome das ilhotas que a cercam, dos rios que a atravessam e das 27 aldeias ou tabas indigenas, que a povoaram no principio do seculo XVII. A climatologia da ilha, e, mais adiante, a de outras localidades do Estado, são objecto de demorados detalhes. Quanto ás producções, vêm citadas as madeiras, o algodão, o anil, o urucú, a copahyba, o tabaco, a pimenta, o assucar, o sal, os couros, o ambar e o milho, só mais tarde apparecendo o cacáo, o cravo, o ouro, a prata, as castanhas e a aguardente.

Com governo distincto do resto do Brazil, pela carta régia de 13 de Junho de 1621 e de facto desde a posse do primeiro governador, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, em 3 de setembro de 1626, o Estado do Maranhão começava não longe dos baixos de S. Roque, aos 3° 30' L. S., extendendo-se

até o rio Vicente Pinson (Oyapock); ficaram indicadas suas divisas para o occidente; uma das missões jesuiticas, subindo o Tocantins, penetrou até o centro de Goyaz, onde encontrou vestigio de um estabelecimento de bandeirantes paulistas; Pedro Teixeira, percorrendo o Solimões, fixou um marco no local chamado Aldeia do Ouro, além do Putumayo.

Duas capitanias principaes o compunham, a do Maranhão e a do Grampará, subdivididas em outras secundarias, algumas da Corôa, muitas de donatarios, situadas quasi todas ao longo da costa do Atlantico, poucas no interior, proximas á foz dos rios, mas já contando grande numero de nucleos pelas margens do Amazonas até o Madeira e o Negro.

A *Chronica* enumera as 12 seguintes capitanias: S. Luiz, Itapecurú, Icatú, Ucary, Tapuytapéra, Caethé (antes Gurupy), Vigia, Belém, Joannes, Cametá, Gurupá, Norte.

Em 1607, antes da occupação franceza, os jesuitas de Pernambuco tentaram converter os selvagens que habitavam a zona septentrional do Brazil. Os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira desembarcaram no Jaguaribe e adiantaram-se até a serra de Ibiapaba; ahi o primeiro perdeu a vida, victimado pelos indigenas, o segundo retirou-se do Ceará e só 7 annos depois chegou ao Maranhão, começando mais tarde sua propaganda religiosa.

Cumprindo uma ordem de Alexandre de Moura, fundou Francisco Caldeira de Castello Branco a cidade do Pará, em fins de janeiro ou principios de 1616, como provou o Dr. Manoel Barata, em recente e apreciado trabalho; e em 1618, Bento Maciel Parente,

movendo guerra de exterminio ás tribus até o cabo Orange, tomou posse da capitania do cabo do Norte.

A actividade doutrinaria que tinha de desenvolver-se nesse vasto territorio, tornava-se comparativamente mais facil do que no sul, onde o obstaculo das altas montanhas estreitava as viagens terrestres á orla do littoral. Os magnificos cursos d'agua da bacia amazonica proporcionavam rapidas communicações, augmentando as levas migratorias dos cathecumenos e a frequencia da vigilancia espiritual que elles exigiam. A passagem do estado fetichista rudimentar ao monotheista, graças ás concessões que a moral da ordem ia opportunamente restringindo, foi-se operando com as inevitaveis alternativas. A mestiçagem ia transformando e absorvendo as raças de origem, e, como producto expontaneo do phenomeno sociologico, o espirito local, por não se poder ainda chamal-o patrio, teve alli manifestações mais cedo. Pernambuco precisou, para sentil-as, de 119 annos, entre a fundação de Iguarassú, em 1526, e a insurreição de Vidal de Negreiros, em 1645. Colonisado em 1614, o Maranhão 28 annos depois reagia pelo seu povo contra o dominio hollandez, no auge do poderio.

Além da Companhia de Jesus, outras communidades tinham representantes na ilha: os Mercenarios, os Franciscanos, os Capuchos, os Piedosos. Convencionara-se a principio que elles tomariam a seu cuidado a margem esquerda do Amazonas, o que foi depois regularisado por uma ordem do Rei, em 1693.

O livro 2°, com 11 capitulos, enceta a narração detalhada dos acontecimentos. Em 1626, primeiro do Estado, além da habitual distribuição de datas de terras

e sesmarias, começam as diversas ordens a edificar seus conventos. O padre Luiz Figueira, *grande mestre da lingua*, inicia a construcção do Collegio de Nossa Senhora da Luz, na capital, e abre a série das peregrinações catechisadoras, indo pelo Amazonas até o Xingú. Os hollandezes tentam estabelecer-se em certos pontos da margem norte do grande rio, entre os quaes no de Cumari ou Cumaú, depois Macapá, *matadouro dos brancos e indios*, mas são repellidos por Maciel Parente.

A divulgação da maravilhosa viagem de Orellana inspirou a Phelippe II o pensamento de estabelecer pelo Amazonas communicações mais rapidas e seguras entre a Hespanha e as provincias do vice-reinado do Perú. Muito mais tarde, no governo de Jacome Raymundo de Carvalho, coube a Pedro Teixeira verificar a possibilidade desse melhoramento. Em 28 de outubro de 1637 partiu elle de Belém. As peripecias dessa exploração fluvial, no seu genero a mais importante dos tempos coloniaes, são descriptas na *Chronica* minuciosamente.

O vice-rei, conde Chinchon, resolveu que Pedro Teixeira regressasse de Quito em companhia de dous jesuitas, Christovão Cunha e André Artieda, ao primeiro dos quaes se deve a narrativa da volta. Nella se baseou Betendorf para a longa enumeração que faz dos rios percorridos e avistados, das nações indigenas que os povoavam, dos accidentes notaveis dos terrenos e até das lendas, já então pouco acceitas, relativas aos ornatos de palhetas de ouro, ás mulheres guerreiras, etc.

Pedro Teixeira regressou á capital do Pará, em 3 de dezembro de 1639, seguindo logo para a Europa

com aquelles dous companheiros. Pouco depois, Portugal separou-se da Hespanha e não teve consequencias praticas a arrojada empreza.

Por esse tempo, os hollandezes, senhores do littoral desde o rio Real até o Potengy, occuparam a ilha do Maranhão, sem resistencia do governador, que foi aprisionado, reconhecendo, porém, os invasores a indole pouco submissa da população. Narra a este proposito a *Chronica* o seguinte episodio:

« Passou o commandante ordem que todos os portuguezes viessem dar juramento de lealdade á republica do Estado da Hollanda; obedeceram e juraram todos; só Pedro Dasaes, biscainho, marido de D. Antonia de Menezes, recusou de jurar, dizendo jurara a El-Rei de Portugal e lhe não queria ser desleal. Offendido o commandante desta resposta, mandou jurasse ou fosse enforcado logo, e, como elegeu antes ser enforcado que quebrar a fidelidade á corôa de Portugal, foi levado á forca, e estando já ao pé della, com alva vestida, movido o commandante dos rogos dos padres da Companhia e lagrimas de D. Antonia, sua mulher, lhe perdôou a vida. »

Dous annos e tres mezes depois, em 28 de Fevereiro de 1644, eram os hollandezes compellidos a abandonar a ilha por uma sublevação popular, dirigida por Moniz Barreiros e Teixeira de Mello, grandemente auxiliados pelos jesuitas Benedicto Amadeu e Lopo do Couto.

Antes de 1640, viera de Portugal, como governador do Estado, Pero de Albuquerque, trazendo o padre Luiz Figueira, que fôra buscar missionarios. Naufragando a expedição defronte da cidade de Belém, salvaram-se quasi todos os que nella vinham, sendo, porém, aquelle jesuita e outros companheiros victimas da ferocidade dos indigenas Aruans.

O aniquilamento das esperanças depositadas nesse valioso reforço foi como que o prenuncio da serie de provações, que desde então accidentaram os trabalhos da Companhia.

Fallecem os padres acima citados e tres outros morrem ás mãos dos Uruatis, no Itapicurú. Ao mesmo tempo, dá-se a primeira explosão da antipathia que os missionarios inspiravam a alguns habitantes. Um capitão-mór, um sargento-mór e o proprio vigario geral de S. Luiz instigam assuadas e motejos que obrigam os desrespeitados a se refugiarem no convento de uma outra ordem religiosa. Durou pouco essa agitação; mas para justificativa dos actos que a tinham provocado, conseguiram os padres e guardaram no archivo do Collegio uma certidão attestando que perto de dous milhões de indios forros já tinham succumbido em serviços violentos, descobertas cansadas e guerras injustas, por ordem dos capitães-generaes e governadores. Não eram decorridos 40 annos do primeiro estabelecimento colonial naquellas paragens.

Pareceu aos jesuitas, tanto do Maranhão como do Pará, que sem reunir o governo temporal dos indios ao espiritual, seria infructifera a Missão.

Foi nessa conjunctura, tão adaptavel ás indoles combatentes, que alli surgiu e logo se impoz o celebre Antonio Vieira. Chegado a S. Luiz em 1653, precedido pela gloria de ser o mais afamado prégador do rei D. João IV, tomou a si o encargo de alcançar a realização daquelle programma.

Depois de ter, com a maior actividade, tomado diversas providencias, não só quanto ao serviço da catechese, como quanto aos interesses materiaes da Or-

dem, regressou a Lisbôa, onde, recebido no meio do *maior alvoroço,* foi logo *despachado muito á sua vontade, conforme o que pedia.*

O resultado de tão diligentes esforços concretisou-se nos dous textos legaes conhecidos por provisão de 9 e regimento de 14 de Abril de 1655. Para avaliar-se do seu valor politico e economico, basta citar-se a seguinte disposição:

« Que as aldeias e os indios de todo o Estado sejam governados e estejam sob a disciplina dos religiosos da Companhia de Jesus; e que o padre Antonio Vieira, como superior de todos, determine as missões, ordene as entradas ao sertão e disponha os indios convertidos á fé pelos logares que julgar mais convenientes. »

O livro 3º occupa-se com a narrativa dos effeitos immediatos dessa legislação. Veio assegurar-lhe o cumprimento, na qualidade de primeiro capitão-general do Estado, tomando posse em 11 de Maio de 1655, o mais prestigioso filho do Brazil naquelle tempo, André Vidal de Negreiros, a quem ficou pertencendo, na historia do Maranhão, o cognome de grande amigo dos jesuitas

Antonio Vieira, portador da nova lei, teve, em curto lapso, uma das phases mais laboriosas da sua existencia. Ora de S. Luiz, ora de Belém, expedia recommendações e ordens incessantes para todos os nucleos de povoação já organizados, distribuindo-lhes os chefes religiosos, classificando-os, conforme sua importancia, sob este ponto de vista especial, em casas, aldeias, residencias e assistencias. Para regularidade e coherencia dos actos da catechese, escreveu uma *visita,* collecção de preceitos regulamentares, a que o Geral da Ordem enviou de Roma plena approvação.

A *Chronica* menciona essas localidades, em numero de 17, desde a de S. Francisco Xavier no Ceará até a do Xingú, ainda proxima á foz do Amazonas; e não perde occasião de salientar a desconfiança e mesmo o terror que inspirava aos indigenas o trato com os brancos, temeroso obstaculo, que era preciso remover á custa da habilidade intellectual, que o theologismo ignaciano permittia apropriar ás circumstancias.

De accordo com as recentes instrucções, Vidal de Negreiros aggregou a cada uma das expedições, que fez partir, missionarios jesuitas, cujos poderes, comprehende-se, deviam se approximar muito dos que foram exercidos na tremenda crise de 1793 pelos delegados do *comité du salut public* junto aos generaes da revolução franceza.

Era Vieira quem os designava.

Souto Maior acompanhou a tropa, que foi reduzir, ou, melhor, conquistar as tribus da ilha de Joannes (Marajó), sendo então, pela primeira vez, conhecido o uso do *curare*, com que os Anajás hervavam suas settas; em seguida, dirigiu-se com outra ao interior das terras na margem direita, chegando até os aldeiamentos dos Pacajás, em uma busca inutil de ouro.

Francisco Velloso percorreu o Amazonas até o rio Negro, regularisando os casos da servidão, a que estava sendo limitado o captiveiro; depois subiu o Tocantins, donde attrahiu grande leva de Tupinambás, e a veio localizar na ilha do Sol, que tomou o nome daquelle gentio.

Manoel Nunes, que conseguira antes reunir em Itaqui os indios de Capityba, proximo a S. Luiz, *para os fazer filhos de Deus e tel-os mais chegados ao povoado dos portuguezes, afim de lhes servirem por seu*

salario, quando assim lhes parecesse, renovou a expedição do Tocantins, no decurso da qual procedeu a observações astronomicas, verificando ter attingido o 6º gráo de latitude sul, isto é, um ponto correspondente á foz do Potengy, mais ou menos, na costa do Atlantico, ultrapassando, vindo do Norte, a confluencia do Araguaya.

Manoel de Souza seguiu até as cabeceiras do Jurunas, affluente do Xingú, encontrando entre as bellicosas tribus que o habitavam a tradicção de porfiada luta contra uma bandeira de exploradores paulistas, que não se suppunha tivessem ido tão longe no meiado do seculo XVII ; e, descrevendo as particularidades que notou, como indicio de relativo adeantamento, referiu a destreza com que as mulheres adelgaçavam a fibra do algodão até reduzil-a á espessura de um fio de cabello ; com o padre Manoel Pires realizou outra viagem de penetração do Amazonas, desembarcando já no lado septentrional, para converter os Aruaquis, os Tupinambaranas e os Condurizes.

Antonio da Fonseca executou a mesma empreza com os Curiatos, os Pataruanas e os Andirzes. Estes ultimos, diz a *Chronica,* têm em seus mattos uma fructinha que chamam guaraná, a que estimam como os brancos a seu ouro, porque dá forças, é diuretica, tira febres, dôres de cabeça e caimbras.

Salvador do Valle, ajudado por Paulo Luiz, ficou um pouco mais abaixo, fazendo identico trabalho quanto aos Pauxis, na zona onde depois se levantou a cidade de Obidos.

Francisco Gonçalves, *grande perito na lingua brazilica e possuindo a sciencia experimental de curar*

enfermidades, entrou pelo rio Negro e ahi permaneceu dezesete mezes.

O proprio Antonio Vieira foi ao Ceará, uma das mais perigosas missões, andando grande parte do caminho descalço, para imitar S. Francisco Xavier; providenciou sobre os interesses das aldeias, e deixando para dirigil-as Gonçalo de Véras, voltou a Belém, afim de completar a empreza encetada pouco antes na ilha de Marajó; ficaram celebres os ajustes que ahi realizou, conhecidos sob o nome de pazes com os Ingahybas.

Todas essas excursões, levadas a effeito em prazo relativamente curto, 5 annos, eram por sua natureza exhaustivas, máo grado as vantagens prodigalisadas pela rêde hydrographica. As estradas fluviaes, que as canôas fendiam, margeavam-se de inimigos francos ou traiçoeiros, ao mesmo tempo que condições climatericas, quasi sempre hostis, epidemias e molestias, afugentando os recem-convertidos, fazendo succumbir soldados e paizanos, leigos e ecclesiasticos, compunham factores de desanimo, que só poderiam ser affrontados por almas e caracteres de não vulgar tempera.

Muitos religiosos perderam a vida; quasi todos tiveram a saude arruinada para sempre.

São commovedoras as paginas que Betendorf consagra á narração dos padecimentos e á memoria dos seus piedosos confrades.

Entretanto, Vidal de Negreiros deixara o governo do Estado, em 1658, sendo substituido por Pero de Mello.

Dirigiu Antonio Vieira novo appello aos Collegios da Europa, reclamando cooperadores para a propaganda que assim se dilatava. O clamor encontrou écho: varios jesuitas partiram para o Maranhão. Um delles foi

o autor da *Chronica*, que, nesse trecho, descreve longamente o inicio de sua carreira apostolica, as vicissitudes da demorada viagem que emprehendeu e o modo por que foi recebido no Maranhão e no Pará.

Entrou logo em acção, partindo para a aldeia de Mortigura, proxima de Belém. Eis como elle conta a sua estréa:

« Dei-me bellamente com o padre Francisco da Veiga, tomando á minha conta a doutrina de cada dia e a classe dos meninos para ensinal-os a ler e a escrever, juntaram-se muitos discipulos e entre elles o capitão Jacaré; e são estes hoje os mais autorisados e velhos da aldeia; e por que, por falta de livros, tinta e papel, não deixassem de aprender, lhes mandei fazer tinta de carvão e sumo de algumas hervas e com ella escrevia em as folhas grandes de pacobeiras, e, para lhes facilitar tudo, lhes puz um pausinho na mão por penna e lhes ensinei a formar e conhecer as lettras, assim grandes como pequenas, no pó e areia das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldeia e as praias de lettras, ficando alastradas todas; mas como os mysterios da nossa Santa Fé são os que se devem saber e ensinar antes de tudo o mais, nelles tambem os exercitava, no fim da classe, e com isso ia tambem eu aprendendo a lingua da terra, cuja grammatica já tinha trasladado em latim, estando ainda em Portugal, e mandando-a para a minha provincia para que aprendessem por ella os que de lá quizessem vir para esta missão do Maranhão. Não faltava que fazer na aldeia, que constava de umas tres mil almas, e comprehendia muitas nações...»

Poucos mezes se demorou Betendorf em Mortigura. O padre Antonio Vieira o chamou a Belém, e na sala da livraria do Collegio, mostrando-lhe um mappa do Amazonas, o convidou para ser o primeiro missionario permanente de toda aquella provincia, cujos limites seriam a léste a aldeia de Gurupá, a oéste a do

Ouro, no territorio dos Cambebas, limitrophe com os dominios hespanhóes, e cuja séde ficaria na embocadura dos Tapajoz.

Acceita com fervor a incumbencia, mal encetara Betendorf seus primeiros trabalhos quando teve noticia do levantamento do povo no Maranhão contra a Companhia. Mas não os interrompeu; e o capitulo 3° do livro 4° da *Chronica* encerra curiosos pormenores acerca do methodo seguido pelos jesuitas na gradual adaptação do indigena á vida civilisada.

Um frade da Ordem do Carmo, em viagem para Lisboa, conseguira apoderar-se de cartas que Antonio Vieira escrevera a D. João IV, contendo referencias pouco favoraveis ao governo e aos homens da capitania.

« Não se póde crer facilmente o que esse religioso causou de sizania, odio e iras no coração de muitos, assim ecclesiasticos como seculares, os quaes, fazendo desatinos, tomaram estas cartas por motivo da expulsão dos padres missionarios, que em aquelle tempo tinham a administração temporal e espiritual dos indios das aldeias todas; não fez o governador D. Pero de Mello esforços em atalhar aquellas alterações do povo, indignado além do referido, porque os padres governavam os indios e não lh'os concediam, conforme o seu gosto, para lhes servirem á sua vontade. Portanto, vendo-se sem haver quem lhe fosse á mão, elegeu suas cabeças e foi fazer á Camera queixa dos padres, singularmente acerca do seu governo temporal dos indios, fóra do Estado. Acceitou a Camera a queixa do povo...»

Tendo o representante da Companhia recusado acceder á intimação que lhe foi dirigida, a massa popular obrigou os padres, que se achavam na ilha e nas immediações, a abandonarem o Collegio e a recolherem-se reclusos á casa de um particular. Isto passou-se em 15 de maio de 1661.

O movimento alastrou-se para o norte, produziu-se em Gurupy e em Belém. Antonio Vieira e todos os seus companheiros foram presos e remettidos para o Maranhão e dahi seguiram para Lisboa, em 8 de setembro de 1661.

Com poucos outros padres, manteve-se Betendorf algum tempo, em Tarapá e Gurupá, livre; mas afinal, em principio de 1662, foram todos detidos tambem, após varias peripecias, relatadas na *Chronica*, com interessantes detalhes. A náo que os devia transportar para o reino fez tanta agua, logo no primeiro dia de viagem, que teve de voltàr arribada a Belém; desembarcados os salvos de naufragio certo, se continuassem no mar, permaneceram em terra, presos, emquanto se concertava o navio; mas, neste interim, operou-se na sua situação subita mudança.

Antonio Vieira, chegando a Lisboa, historiara á regente, Dona Luiza de Gusmão, as scenas tumultuarias occorridas no Estado, produzindo no animo da Côrte a mais dolorosa surpresa.

Nomeado Capitão General, Ruy Vaz de Siqueira recebeu para seu governo um regimento, que lhe foi entregue pelo proprio Vieira. Quaes os seus termos? A *Chronica* não os revela. Lamentando que a principio Ruy Vaz, empossado em 25 de março de 1662, houvesse empregado certa tergiversação em cumpril-o, informa, entretanto, que elle mandou um emissario a Lisboa pedir a restituição dos padres ao duplo dominio antigo. Não resta duvida que, embora tarde, elle deu publicidade ás boas intenções da Côrte, que só podiam aproveitar, desde logo, áquelles jesuitas, que se achavam constrangidos no Pará.

Com a actividade, porém, que lhes era propria e que as circumstancias tornavam urgente, elles transportaram-se para o Maranhão e dentro em pouco tinham reorganisado o serviço, bruscamente interrompido.

Um anno depois da expulsão, dia por dia, effectuava-se, na matriz de S. Luiz, grande festa religiosa em honra da Companhia, dando o povo mostras de vivo arrependimento e assistindo os que voltaram do reino. E' possivel que para esse movimento da opinião concorresse muito uma assoladora epidemia de variola, supersticiosamente acreditada como castigo do céo, ao qual tambem foi attribuida mais tarde a morte de quantos ostensivamente concorreram para a violencia supportada. Das suas victimas, faltava uma, a principal, Antonio Vieira, que nunca mais pisou terra maranhense.

Mas a victoria que conseguira, mantendo a legislação de 1655, obra sua, contra a revolta do interesse industrialista, foi ephemera. Subindo ao throno, Dom Affonso VI adoptou politica reactora. Uma provisão datada de 18 de outubro de 1663 (12 de setembro, segundo J. F. Lisboa), concedeu amnistia plena aos sublevados das duas capitanias, reconhecendo que os tumultos havidos, provinham das vexações que soffria o povo, em virtude da maneira por que os jesuitas entendiam a lei, e fez cessar toda a ingerencia de quaesquer religiosos no governo temporal dos indios, associou aos jesuitas, na catechese, os membros de outras ordens e declarou terminantemente que desses tra, balhos ficaria excluido o padre Antonio Vieira, por não convir ao real serviço que a elles tornasse.

Comtudo, mandando vigorar os quatro casos da legislação de 1655, que permittiam o captiveiro dos

indios (quando tomados em justa guerra e ainda assim dadas certas circumstancias, quando impedissem a prégação do Evangelho, quando presos á corda para serem victimados pelos seus inimigos, quando vendidos por outros indios que os houvessem tomado em justa guerra), salvou aquella provisão o principio dominante, que, na occasião, representava o progresso; e antes de fallecer, em 1697, na Bahia, pudera Antonio Vieira ter noticia da promulgação da lei de 1680, pela qual tambem muito se esforçou. Ella aboliu de modo completo a escravidão dos indigenas do Brazil, reatando os élos de uma cadeia historica suggestiva, porque tem em uma das extremidades o vulto precursor de um jesuita e na outra o de um discipulo da Encyclopedia, Pombal.

No dominio do novo regimen, Ruy Vaz fez seguir para o interior do Estado varias expedições desacompanhadas de jesuitas.

A primeira desceu ao Ceará, com o intuito declarado de colher ambar. Foi infeliz, occasionando a dispersão do nucleo alli fundado; delle retirou-se o padre Gonçalo de Véras, conduzindo para o Maranhão 300 Tabajaras.

Outra subiu o Amazonas, levando como catechistas frades do Carmo e das Mercês e o vigario geral do Estado, soffrendo tambem completo desastre.

Duas vezes tentou-se devassar pelas armas o territorio do rio Negro e em ambas nenhum resultado se colheu. Vem aqui a proposito um trecho da *Chronica*:

«Estavam os indios Aruaquises em um rio particular, que tambem desembocava em o rio das Amazonas, e por este sitio contaram os da tropa 96 aldeias só desta nação. E' o rio de agua doce muito clara, e olhando para ella parece negra como o carvão, levando-a em

alto toma a côr de crystal. O sitio é frio e mui saudavel, e tanto, que se conta por maravilha não adoecer da tropa ninguem por este sertão, sustentando-se a gente mais de um mez de maniçoba, que se faz da folha da mandioca pisada e cozida, sem outro sustento, porque o rio pelo inverno é esteril de peixe, e como são tantos e os indios lhes fazem tantas rêdes estreitas e outras armadilhas em logares estreitos, o peixe que entra pelo rio nunca mais sahe destes laços; tem suas vasantes e enchentes, como o mar largo, com estar mais de 400 leguas distante delle. O gentio Aruaquis é trabalhador e mui impaciente de captiveiro e sujeição; tanto, que se resolveram alguns, que tomaram em guerra os portuguezes, a tomar peçonha para morrerem por mais conveniencia, do que virem a ser escravos dos brancos.»

Inefficaz como as antecedentes, essa invasão forneceu materia para as interessantes descripções do capitulo 17 do livro 4°; entre outras, a das provas impostas ao guerreiro Aruaquis para ser considerado principal e exercer a honra de matar o inimigo aprisionado.

Uma occurrencia algum tanto dramatica succedeu igualmente alli.

Aquelle frade do Carmo que interceptara as cartas de Antonio Vieira, em Lisboa, tinha voltado para São Luiz e fora eleito prelado na sua Ordem. Para compensar-se de prejuizos que tivera, resolveu partir para o sertão afim de reduzir escravos, com vinte soldados e duzentos indios, que lhe confiara o governador, devendo ser o lucro de ambos. Conseguiu captivar cerca de 500, entre homens e mulheres, que, transportados para Belém, revoltaram-se, mataram os soldados e fugiram para os mattos. Continúa a *Chronica*:

«Este prelado se resolveu tambem a vir atraz com outra canôa de escravos que tinha tomado por assaltos, pronunciando uma lei de que até os seculares zomba-

vam, e vinha a ser que todos os indios do rio Amazonas eram escravos; e vindo-se elle muito contente e descuidado para baixo, eis que subitamente, em meio da jornada, uma india velha, que tambem trazia por escrava, estando acordada, se foi chegando a elle com um tição de fogo em a mão, e á vista de todos deu uma pancada com tanto impeto e força sobre a cabeça do religioso que parecia guiada por outra mão, e elle logo cahiu morto, sem poder mais fallar nem pronunciar uma só palavra. Com esta acção inopinada se animaram então os indios que vinham por escravos, e ferindo a um ajudante, que vinha do sertão, se voltaram pelo rio acima com a india, que os capitaneava, lançando o corpo do defunto em uma praia deserta, onde ficou carecendo de sepultura ecclesiastica; e é de notar que só elle dos que vinham em sua companhia morreu, porque os mais soldados e indios christãos se puzeram em fugida, indo sahir em differentes logares, e a velha, com o tição de fogo em a mão, que foi o instrumento da sua victoria, capitaneou os barbaros, rio das Amazonas acima, para suas aldêas.»

De uma tropa que foi invadir a região dos Jurunas, depois de preparada secretamente, diz a *Chronica* que para assim ser o lucro maior, só escapou o cabo com poucos companheiros.

Menos infeliz não foi a que se aventurou pelas terras dos Poquizes, no alto Tocantins, sitio de ricas jazidas de crystal. Contrastando com esses insuccessos, a simplicidade persuasiva da palavra do padre João Maria Gorsony conseguiu attrahir os Guajajaras das margens do Pindaré para a aldeia de Capityba.

Despojada do poder temporal sobre as povoações que fundara, destituida do privilegio da catechese e do voto decisivo em casos de captiveiro, jurisdicção que passou a ser desempenhada por uma junta, a Compa-

nhia aproveitou engenhosamente o raio da actividade que lhe deixaram para transformal-o no diametro occulto da circumferencia ideiada. Fez prosperar os seus estabelecimentos, augmentou e construiu egrejas, fundou cursos de ensino e até para manter a influencia antiga, alcançou que ficassem algumas aldeias administradas por indias, chamadas *principalezas*. No Pará uma, Joanna, casada com José Corumin, e no Tapajós e no alto Itapecurú outras duas, que tinham o mesmo nome, Moacara, tornaram-se notaveis.

Quando, por acaso, qualquer duvida sobre caso de captiveiro lhes era submettida, os padres não perdiam a opportunidade. Em 1671, arrojada expedição, acompanhada pelo incansavel Gorsony, penetrou pelo rio Amazonas, indo além do Japurá e na volta conduzia cerca de 900 Solimões aprisionados.

«Quiz a Providencia Divina, diz Betendorf, que me achasse em Cametá com o Sr. governador donatario daquella capitania, o qual, vindo de visitar o Gurupá, pedio-me que, como superior, examinasse umas peças feitas pelo capitão-mór daquella fortaleza, João Botelho, sem mais autoridade que a sua: foram-se os missionarios, continuando sua viagem para o Pará, examinei as peças e achando que eram feitas contra a lei, as dei por perdidas todas, conforme o que a mesma lei estava dizendo.»

Exemplos desta natureza são frequentes.

O periodo que vae de 1667 a 1684 fórma o assumpto dos livros 5° e 6°. Os trabalhos da Companhia, apezar das restricções soffridas, desenvolveram-se. Quatro capitães generaes ou governadores, como os chama a *Chronica*, succederam-se no Estado: Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Pero Cesar de Menezes, Ignacio Coelho da Silva e Francisco de Sá e Menezes.

Em 1680 creou-se o bispado, cujo primeiro titular foi D. Gregorio dos Anjos.

O progresso industrial da colonia assumia, entretanto, grandes proporções. A exportação do cravo augmentava, produzindo cada arroba 14$ e 16$ livres. Crescia tambem a do cacáo, e as salinas que os padres tinham estabelecido na ilha eram proveitosamente exploradas.

«Depois de beneficiadas do modo já dito, informa a *Chronica*, deram tanta quantidade de sal que bastou não só para a casa e roça, mas para ajudar a republica, vendendo-se aos moradores a duas varas de panno o alqueire, quando ha abundancia delle.»

Além do panno, corriam como moeda o novello de fio, o fumo e esses mesmos productos extractivos. Tres mil cruzados em assucar eram pagos á casa do Maranhão por um legado litigioso.

A Camara de S. Luiz tinha em 1650 a receita de 53$860 e a despeza de 60$040; em 1671, a sua receita era de 180$700, para uma despeza de 118$500. O commercio avultava, principalmente no porto do Pará, residencia preferida pelos capitães generaes. Nesse periodo, tinham sido aldeados varios gentios do Xingú e até das longinquas tribus do rio Madeira.

A falta de braços para a exploração agricola e dos meios de transporte tornava-se cada vez mais intensa; corollario inevitavel da anormalidade do elemento basico do trabalho, quanto maior era a expansão industrial, tanto mais agudo se fazia sentir esse estado de crise. Não suppria a deficiencia o recurso do trafico de africanos, porque em pequena escala era então alli empregado o barbaro succedaneo, sendo muito usado

na *Chronica* o termo *tapanhuno*, designativo tupyco do homem preto.

Pois foi nessas circumstancias que, reassumindo perante D. Pedro II a influencia perdida no reinado anterior, o padre Antonio Vieira alcançou a promulgação não só da lei e provisão de 1 de abril de 1680, prohibindo o captiveiro dos indigenas, regulando o serviço dos considerados desde então livres, e restituindo aos missionarios da Companhia de Jesus o privilegio das entradas pelo sertão, annexa á plena competencia temporal e espiritual, como a do alvará de 12 de fevereiro de 1682, estabelecendo as clausulas do funccionamento de uma companhia de commercio, favorecida pelo monopolio da navegação, pelo estanco de varios generos de importação e o onus de introduzir, mas durante 20 annos, dez mil escravos negros, á razão de 500 por anno, si tantos fossem necessarios, vendendo-os ao preço de cem mil réis cada um. Comprehende-se quanto era diminuta a transigencia concedida ao espirito escravocrata da época.

Nesse mesmo anno de 1680, tão fertil na versatil jurisprudencia portugueza sobre a materia, nova provisão regulava o serviço dos indios livres, determinando que uma terça parte delles poderia ficar destinada ao serviço dos moradores, outra permaneceria nas aldeias, sujeita a parochos, entregando-se a restante aos missionarios. A competencia para essa distribuição foi dada ainda a uma junta composta do bispo, do prelado de Santo Antonio presente na localidade e de um representante da Camara.

O descontentamento dos prejudicados chegou ao seu auge: abusos commettidos na repartição dos indios

vieram aggraval-o. Entre os habitantes estava recente a tradição de 1661. O jesuita, franco defensor da liberdade dos indigenas, mesmo á custa da dos africanos, não podia subtrair-se, no Maranhão e no Pará, á fatalidade economica, que os venceu no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Os interesses em revolta colligaram-se. Beckman foi o seu orgão.

A narrativa do movimento sedicioso de 1684, materia do livro 7°, differe apenas em alguns detalhes da que se lê em Berredo e outros antigos escriptores. O perfil historico de Manoel Beckeman, através da antipathia da causa de que elle se constituiu interprete e principal agente, não ficou amesquinhado na *Chronica*, onde foram reconhecidas suas pouco vulgares qualidades pessoaes. O povo, attribuindo aos padres a má situação dos negocios mercantis, reclamava que lhes fosse retirado o governo temporal e espiritual dos indios e abolido o estanco, crente de que, feito isto, raiava-lhe uma éra de prosperidade. Manoel Beckman teve a seu lado, além da massa popular, as autoridades ecclesiasticas e civis e os representantes da força publica, achando-se o governador ausente no Pará.

Foi Betendorf quem tomou a palavra para defender a Companhia, uma vez perante o Senado da Camara e outra no proprio Collegio. A allocução proferida por Manoel Beckeman, se não é textual, *ipsis verbis*, está de accôrdo com os sentimentos e a firmeza que elle sempre revelou:

«Reverendo Padre Reitor, eu, Manoel Beckman, como procurador eleito por aquelle povo aqui presente, venho intimar a Vossa Reverencia e mais religiosos

assistentes em o Maranhão, como justamente alterado pelas vexações que padece, por terem Vossas Paternidades o governo temporal dos indios das aldeias, que se tem resolvido a lançal-os fóra, assim do espiritual como do temporal, e não por alguma falta ou máo exemplo de sua vida, que por esta parte não tem de que se queixar de Vossas Paternidades; portanto, notifico a Vossa Paternidade e mais religiosos, por parte deste alterado povo, que se deixem estar recolhidos ao Collegio e não saiam para fóra delle, para evitar alterações e mortes, que por aquella via se poderiam occasionar; e entretanto, ponham Vossas Paternidades côbro em seus bens e fazendas, para deixal-as em mãos de seus procuradores que lhes forem dados, e estéjam apparelhados para a todo o tempo e hora se embarcarem para Pernambuco, em embarcações que para esse effeito lhes forem concedidas.»

Não faltavam nunca aos jesuitas recursos da oratoria em outras occasiões, quanto mais nessa!... A réplica de Betendorf estava naturalmente indicada: se irregularidades havia na distribuição dos indios livres entre os moradores, a culpa era da junta incumbida de repartil-os e estavam os padres promptos a desistir do governo temporal dos aldeiados, uma vez que os promotores desse acto se responsabilisassem por elle perante o governo em Lisbôa.

O movimento seguio o seu curso. O povo elegeu tres governadores: João de Souza de Castro, Manoel Coutinho e Thomaz Beckeman; sem deixar de attender aos demais agitadores salientes: Eugenio Ribeiro, Francisco Deiró, Jorge de Sampaio, o vigario Ignacio da Fonseca, os frades Elias de Santa Thereza e Ignacio de Assumpção. Mas os habitantes das outras capitanias, comquanto muito se regosijassem com os resultados praticos da revolta, a deixaram limitada ao Maranhão.

No dia 26 de março de 1684 foram embarcados em dous navios, com destino a Pernambuco, 27 padres e irmãos, alguns dos quaes, ignorando a sorte a que se expunham, tinham, por aquelles dias, vindo do Pará.

Os dous barcos tocaram na Fortaleza. Um, ao proseguir a viagem, cahiu em mãos de piratas, que infligiram crueis tormentos aos prisioneiros, abandonando-os depois em pequena ilha proxima á costa, donde puderam as victimas transportar-se á Tapuytapéra (Alcantara) e ao Pará, sendo, porém, recebidos ahi com as maiores demonstrações de respeito, e recuperando, atravez de varias peripecias, a sua anterior autoridade. O outro chegou, sem contratempo notavel, ao Recife. Ia nelle Betendorf, que partiu logo para a Bahia, donde, após repetidas conferencias com o padre Antonio Vieira, os principaes da Ordem, o arcebispo e o governador geral, o 2° marquez de Minas, dirigiu-se a Lisboa, em cujo porto já se achava no dia 23 de outubro, no caracter de procurador geral das missões, encargo que exerceu até 1688.

Elevado ao throno desde 1683, D. Pedro 2° confiou a um de seus validos o estudo do caso; foi Roque Monteiro Paim, nome indicado pelo proprio Betendorf, que interessou tambem na questão o padre João Madeira, confessor do rei. Os revoltosos do Maranhão, por seu lado, haviam enviado á Corte um representante, Thomaz Beckeman, incumbido de justificar o movimento e assegurar-lhe os effeitos.

As primeiras providencias tomadas annunciaram logo a que orientação obedecia o espirito do governo portuguez. Um habilissimo general, Gomes Freire de Andrada, investido do cargo supremo no Estado, com

poderes especiaes e dispondo da força militar julgada sufficiente, partiu para o Maranhão. Betendorf declara no capitulo 9° do livro 7°, que se entendeu muitas vezes com elle, informando-o dos costumes e *manhas* da terra e, por escripto, sobre a norma de seu procedimento em relação aos moradores de S. Luiz, apontando-lhe os amigos da Companhia «nos quaes se podia fiar e com os quaes tratasse, quando estivesse ancorado em Araçagy, antes de tomar o porto da cidade. . . »

Sabe-se quão facilmente afortunada foi a expedição de Gomes Freire. Em 15 de maio de 1685, desembarcava elle, sem encontrar a minima resistencia, apezar das tentativas do indomavel Manoel Beckeman para organizal-a. Este e Jorge de Sampaio, concluida a devassa, pagaram com a vida a sua audacia revolucionaria; Deiró, foragido em tempo, teve a effigie enforcada, e, mais tarde, recebeu o perdão, que attingiu tambem aos outros compromettidos.

Antes de divulgados esses acontecimentos em Lisboa, não descansava Betendorf. Assim, redigiu um memorial, compendiando em 17 *itens* as reclamações da Companhia e os meios indispensaveis para o razoavel exito de seus trabalhos. Todos referiam-se á liberdade dos indigenas, ao regular aproveitamento de seus serviços e á protecção de que elles e os missionarios careciam. O ultimo paragrapho revela o pensamento geral que inspirou o escripto :

« 17. Finalmente, como os pobres indios não têm capacidade de requererem seu direito, assim para os pagamentos devidos por seus trabalhos, como para sua liberdade, seja Sua Magestade servida constituir procuradores delles para as capitanias, aos quaes possam

recorrer, em suas necessidades e oppressões, para lhes valer. »

Na qualidade de representante do provincial da Ordem na Bahia, Alexandre de Gusmão, oppoz-se Betendorf a que fosse entregue ao Rei uma carta ou petição do padre Iodoco Péres, que do Pará viera juntar-se-lhe em Lisboa, requerendo que, á vista dos successos ultimos e seus antecedentes, fossem dissolvidas e abandonadas as missões. Essa renuncia era um acto de coherencia. Consta da certidão passada pelos tabeliães de S. Luiz, quando notificaram aos padres a intimação para se retirarem, terem elles respondido « que em nenhum tempo, por sua vontade, nem leve pensamento tinham de voltar e assim o promettiam.»

Indeferido o requerimento, ficaria extincto o compromisso, aliás antes imposto de que acceito. Entretanto, o proprio Betendorf declara que em 1693 renovou a proposta.

A *Chronica* não é explicita a respeito dos resultados juridicos das negociações do seu autor. Informa apenas que, depois de muitas instancias com Roque Monteiro, elle obteve parte dos papeis tocantes á restituição do governo dos indios, *despachados conforme seu desejo*, e os entregara a Iodoco Péres, quando de regresso para o Maranhão, em companhia do novo governador, Arthur de Sá e Menezes, que tomou posse em 23 de maio de 1687.

O que se deprehende dos capitulos seguintes é que, com essa restituição, os padres alcançaram tambem que fosse annullada uma lei expedida em 2 de setembro de 1684, concedendo aos moradores a administração dos indios trazidos do sertão por tropa acom-

panhada de missionario jesuita ou capuchinho, e, mais tarde, em 22 de março de 1688, o restabelecimento da plena competencia espiritual e temporal, como a planejara e conseguira Antonio Vieira, em 1655. Mas o cumprimento dessas disposições ficou sujeito a *moderações*, para empregar o termo da *Chronica*.

Tinham os moradores do Estado, desta vez por intermedio das Camaras, reiterado suas representações sobre a necessidade de escravos, allegando que, além do seu alto preço, pela escassez delles, muitos fugiam e poucos viviam bastante, não vendo outro remedio para isto senão o estabelecimento das aldeias de administração.

Inclinava-se a Côrte a transigir, uma vez que os jesuitas dirigissem o serviço. Betendorf recusou a incumbencia, para não ficar a Companhia exposta, sem vantagem social de especie alguma, ás odiosidades que já excitara; pediu, entretanto, que lhe fosse conservada a liberdade de acção religiosa, indo os padres, com a devida licença, doutrinar e desobrigar os aldeiados. As instancias continuaram, mas reduzidas á permissão para as expedições conhecidas pelo nome de — entradas nos sertões para resgates.

O fim estava declarado francamente: era trazer escravos. Examinado tudo, diz a *Chronica*, por letrados, juristas e theologos, o rei concedeu a licença.

A Companhia, fiel ao seu principio da relatividade das cousas, conformou-se á situação, abstendo-se de envolver-se nos casos de pagamentos á fazenda real, mas resolvida sempre a aproveitar todas as occasiões em que, por seu esforço, a causa da liberdade dos indigenas ficasse salva, convindo então na ida de um

missionario seu com as tropas organizadas para aquelle fim.

Em 1688 o padre Gorsony acompanhou o bando, que, sob a chefia de André Pinheiro, subiu o Amazonas, percorrendo a margem esquerda, até acima do Jamundá.

Trouxe grande numero de prisioneiros e descobriu nas cabeceiras dos rios Jutumá e Urubú ricas minas de ouro e prata. São curiosas as explicações praticas que se lêm nas pags. 416 e 496 acerca do preparo dos metaes extrahidos.

Um jesuita, de origem austriaca, Samuel Fritz, que tinha a seu cargo a missão do paiz dos Cambebas, dependente da audiencia de Quito, veio procurar entre os expedicionarios, então no rio Negro, recursos para curar-se de afflictivas enfermidades. Remettido para Belém, ahi restabeleceu-se, mas só poude regressar á sua *amada* missão depois de licença do rei, obtida com grande demora. O governador, Antonio de Albuquerque, cumprindo ordens da Côrte, o fez voltar, á custa da fazenda real, em uma canôa grande « bem equipada de remeiros e provida de soldados para sua segurança, indo por cabo Antonio de Miranda, o qual, depois, por este serviço, foi provido no posto de sargento-mór do Estado. »

Muitos annos depois, em 1696, uma outra expedição encontrou o mesmo jesuita estabelecido mais para léste e o intimou a deixar aquelle territorio, que pertencia á corôa de Portugal, no que foi obedecida, e, observa a *Chronica*, nada mais houve sobre essa materia.

Entretanto, Varnhagen diz que o padre Fritz fez imprimir em Quito um mappa do rio Amazonas,

onde era muito desfavorecido o Brazil, atttribuindo isso ao desgosto causado pela delonga de sua permanencia no Pará.

A *Chronica* registra dous episodios, não muito frequentes, occorridos durante a estada de Betendorf em Lisboa.

A princeza Maria Francisca, acompanhando seu pai, o rei Dom Pedro II, a uma caçada em Salvaterra, matou um javali, com animo e destreza varonil. Elle dedicou-lhe por esse feito uma óde em latim, que, infelizmente, na cópia do manuscripto original, soffreu grandes adulterações.

Nesse specimen de litteratura profana e cortezã, apparece com certa importancia a novidade da indicação geographica da procedencia: *musa maromonense*.

As segundas nupcias do rei com a princeza Maria de Neuburg forneceram á *Chronica* paginas, em que, atravez da habitual negligencia do estylo, ha certas descripções e narrativas dignas de nota.

Datavam de 1682 as primeiras excursões dos jesuitas na capitania do cabo do Norte. Foi sómente em 1687 que os padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes se fixaram na aldeia de Camunixary, ilha situada em um lago, junto á costa. Ambos foram ahi mortos pelos indios das vizinhanças, um anno depois. Descoberto o principal criminoso, em 1689, perdeu a vida, despedaçado á boca de uma peça de artilharia. Os ossos das duas victimas, transportados como reliquias, tiveram sepultura em Belém.

Em 17 de maio de 1688 partiram de Lisboa com destino ao Maranhão os padres que para alli tinham ido

quando expulsos, e com elles vieram doze missionarios, alliciados por Betendorf.

Duas nomeações o aguardavam na cidade de São Luiz: a de reitor do Collegio e a de commissario da Inquisição, cargo vago desde o tempo de Antonio Vieira. A intenção desse restabelecimento foi fazer com que ficassem mais respeitados os padres pelos povos, «que, por qualquer cousa se levantam, sem nenhum medo».

No seu novo caracter, Betendorf tornou publica, por todas as egrejas do Estado, a bulla de Innocencio XI, de 28 de agosto de 1687, condemnando as proposições de Molina sobre o quietismo.

Formam o capitulo 21 do livro 7°. O manuscripto transcreve o que contém a obra impressa em Lisboa, na lingua hespanhola, tendo parecido preferivel traduzil-a em portuguez.

Deu-se nesse anno o fallecimento do Bispo D. Gregorio dos Anjos, a quem a *Chronica* tece elogios complacentes, não esquecendo lembrar que:

« alguns tinham para si que elle dera alguma aza de palavra ao levantamento do povo do Maranhão, mas o tempo mostrou que tudo foi uma presumpção fundada em fundamentos mui fracos, e não houve nada além de cousa de pouca substancia e momento, e assim depois sempre se correu bellissimamente comnosco, nem tivemos de que nos poder queixar delle em cousa nenhuma.»

Ainda nesse anno, creou-se a missão dos Irurizes, no alto Madeira, apoz uma viagem de tres mezes, vencidos terriveis perigos de morte, encontrados nas cachoeiras.

O titulo do livro 8° *(Põe-se a missão em estado maior e em ultima consistencia)* dá a entender que es-

tavam terminadas as lutas intransigentes contra a Companhia, no derradeiro decennio do seculo XVII, a cujos acontecimentos se refere, entre os quaes figuram diversos exterminios de tribus, verdadeiras carnificinas, dolorosamente registradas. A liberdade da raça opprimida não deixava, porém, de ser a idéa fixa dos incansaveis apostolos. Ha no seguinte trecho da *Chronica* reflexões que parecem de seculo mais proximo ao nosso:

«Importa á salvação de Sua Magestade que não convém dar tanta largueza a homens que não buscam senão o seu proveito, e empregam os indios á sua vontade, sendo que elles não consentiram nunca senão em serem governados conforme as leis de Sua Magestade, além de que muitos delles foram descidos pelos padres da Companhia de Jesus, ou vieram por sua propria vontade e estão onde querem, pois estas terras são dos indios, naturaes dellas, e ninguem lh'as póde tirar sem grande injustiça, nem obrigal-os a trabalhos senão conforme as leis de Sua Magestade, por não se terem obrigado, nem elles, nem seus antepassados, a mais. E póde-se pôr em questão se ainda a isto estão obrigados, porque ou nunca lhes propuzeram bem, nem explicaram, como devem, as obrigações dessas leis, ou porque, como são indios de pouco entendimento, não comprehendem bem esses pontos, e, se consentem em alguns, é por não entenderem o que fazem, obrigando-se ao que não fariam se tivessem tido boa noticia e conhecimento delles, e é terrivel cousa obrigar esses pobres a tão pesados trabalhos, como são os seus, antes de admittil-os a serem filhos de Deus, pelas aldêas, onde assistem os missionarios.»

Uma deploravel omissão é a que se nota no capitulo 4º desse livro. Nelle devia transcrever-se a doutrina, uniformizada pelo proprio Betendorf, que se ensinava aos indigenas, mas que o autor julgou excusado reproduzir, por constar de um cathecismo impresso. Ficou

assim a posteridade impedida de conhecer, em fonte originaria, o methodo pratico pelo qual os jesuitas applicavam o principio, muito mais tarde systematizado, da correlação entre os deveres e os sentimentos, estes determinando aquelles, confiada á fé e á acção do tempo o desenvolvimento dos germens da cultura moral, que as maravilhas da arte catholica incutiam na alma dos convertidos.

Nas frequentes visitas que faziam ás aldeias, assumpto de numerosas e demoradas narrações da *Chronica*, era constante a preoccupação dos Superiores pelo melhoramento das condições externas das egrejas e capellas, pela decencia e ordem das sacristias, a boa disposição dos collegios e a possivel magnificencia esthetica dos actos religiosos.

Em uma dessas visitas, durante o anno de 1692, Betendorf foi testemunha do terror que ainda causava aos aldeiados do rio Urubú a lembrança de um terremoto, poucos mezes antes, acompanhado de medonha enchente. A espirito tão perspicaz não escapou o que podia haver de exagerado naquella impressão e o tempo se encarregou de justificar a incredulidade, nunca mais tendo-se alli sentido phenomeno tellurico de identica natureza.

Aliás, para dissipar panicos e tornar os espiritos soffredores e resignados, eram de um poderoso alcance certas crenças supersticiosas, fazendo nascer esperançosos confortos, mediante a confiança na palavra apostolica e a pratica de elementares devoções.

Um sentimento de compassiva benevolencia, chegando muitas vezes ao carinho, exhala-se das ultimas paginas da *Chronica*, constituindo a gloriosa caracteris-

tica das relações dos padres com as tribus, justamente quando a intervenção delles no serviço da catechese ficara restringida, a ponto de sustentar uma autoridade que só lhes restava dizer missas e administrar sacramentos.

Citando casos em que a simples observancia dos deveres da Humanidade bastava, em regra, para angariar as sympathias dos selvagens, pondera a *Chronica*:

«E daqui se colhe que se os Tapuyas fossem tratados com amor e carinho pelos portuguezes todos, não se haviam de levantar tantas vezes contra elles, porque, ainda que sejam barbaros e brutos, não deixariam de reconhecer o bem que se lhes faz, visto os proprios animaes e todos os brutos serem agradecidos pelos beneficios e bom trato que se lhes dá, como consta de innumeraveis historias e vemos cada dia com os nossos olhos. Não nego, nem posso negar que com esta gente selvagem se hade tratar com toda a cautela, principalmente emquanto se não domesticar e abrandar, pelo ensino da verdadeira fé e virtudes christãs, quanto o permitte sua brutez natural.»

A dedicação dos missionarios foi submettida a rude prova durante uma devastadora epidemia de variola, que assolou todo o Estado, em 1695. Descrevendo os horrores dessa crise, o velho jesuita revelou notaveis talentos de observação:

Um navio, trazendo negros de Angola, chegara ao Maranhão; constando que a bordo vinha um enfermo do terrivel mal, foi-lhe prohibido ancorar perto da cidade, cautela frustrada pelas instancias dos moradores, ávidos de braços para o trabalho, e pelas negativas do commandante, que ameaçava com um processo por perdas e damnos.

« O que parecia ser para remedio dos moradores converteu-se em sua grande ruina, porque com elles, os tapanhunos, entraram as camaras e as febres, que mataram muita gente, não ficando de fóra os que tinham alguma mistura de sangue de indios e negros, e nem por isso parou o mal, porque, antes de partir o Padre Superior da missão, com o governador, ia morrendo tanta gente dessas molestias, e, entrando as bexigas, depois delles partidos, morreu gente sem comparação muito mais. Começou o mal pelas bexigas brancas de varias castas, e logo seguiram-se as pretas, a que chamam pelle de lixa, as bexigas sarampadas e outras dessa casta, mui pestiferas, as quaes fizeram tanto estrago nos indios, assim forros como escravos, e mais nos tapanhunos, que é uma dôr do coração sómente referil-o; cahiram e foram morrendo tantos, que ás vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse os mortos.

« Reluzio nessa occasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos no padre reitor José Ferreira, que, sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, aguas, peixe e farinha, a varias casas, e com o sacramento da confissão, por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam... Era o mal já insupportavel, por se lhe ajuntar grande fome, pela falta de commercio de farinha, em razão das grandes seccas que tinham havido naquelle anno. Para maior ajuda, accrescentou-se nesta parte á fome a guerra, que os Tapuyas faziam nos rios do Meary e Tapecorú e com isto ficaram os curraes de gado perdidos. »

Morreram oitenta pessoas no Collegio, que ficou quasi despovoado; nas mesmas condições acharam-se as aldeias e os engenhos da ilha administrados pela Companhia. Passou-se a epidemia para a villa de Tapuytapera, com igual intensidade; chegou á Caethé, onde o capitão-mór e os moradores, que antes tinham perseguido ao padre João Carlos Orlandini, não

acharam soccorro ás suas desgraças senão no altruismo e na experiencia de curar do incansavel missionario; e de facto alli o estrago foi menor.

O navio que contagiara o Maranhão, transmittiu a enfermidade ao Pará. A ilha de Marajó foi a primeira atacada; ahi falleceram quasi todos os indios aldeados; o mesmo succedeu aos Tupinambazes e aos Maraguazes, havendo dias de adoecerem vinte, trinta e quarenta pessoas. A cidade de Belém transformou-se em um hospital de bexigosos, sem exceptuar os conventos; os padres andavam pelas ruas perguntando se havia alguem que necessitasse de confissão, isto muitas vezes, por não se achar nas casas quem fosse chamar confessor e, por falta de quem sangrasse os que careciam de sangrias, prestavam tambem este serviço; acompanhavam os cadaveres, sem horror, ficando-lhes a pelle putrefacta entre as mãos. Em Cametá e em todos os demais pontos da capitania a força do mal foi irresistivel.

A observação mostrou que o unico recurso para evita-lo era a fuga para os mattos, expediente, porém, que trazia o perigo da dispersão e abandono das aldeias, com tanto trabalho estabelecidas. Betendorf, então em Inhuaba, no Tocantins, lançou mão de um meio, que modernamente seria chamado força uggestiva. Sabendo que os indios, com medo da variola, queriam procurar aquelle abrigo, animou-os, reuniu-os na egreja, disse-lhes que não se retirassem, tendo mais cuidado da salvação de suas almas ficando, do que da de seus corpos fugindo. Todos obedeceram, cumpriram com ardor seus deveres religiosos e não houve um só que enfermasse. « Alguns soffreram dôres de cabeça e de ca-

deiras com alguns vomitos, signaes precursores, diz a *Chronica*, mas, antes de recommendados aos santos e á Virgem Maria, eram sangrados, com o que desappareciam os symptomas alarmantes.» A isenção do contagio irradiou-se:

« Foi cousa para se notar muito que, ao mesmo tempo que tudo eram tristezas pelas outras partes, naquelle logar cantasse eu missas solemnes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos e acompanhavam o canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e, sobre todos elles, Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu logica e physica até o fim das cousas. Foi tanta a mercê da Senhora, que até os vizinhos, como João da Silva e outros, ficaram favorecidos.»

Betendorf tambem acha ser cousa digna de reparo que, tendo tratado de muitos variolosos e ajudado a amortalhar grande numero de victimas, não transmittira a molestia aos indios da sua aldeia, durante os quatro mezes de flagello. O facto é authentico; sua explicação póde variar; mas não ha duvida que o inspirou um energico movimento de dedicação.

No seu declinio, a epidemia transformou-se em duas, uma de febres catarrhaes e outra de sarampos, que por longos mezes dominaram, a ninguem poupando, sendo principalmente mortiferas entre os pobres indios, entre os que regressavam e os que desciam para supprir os claros abertos nas aldeias pela antecedente calamidade.

Mas, atravez de todas as vicissitudes, não cessavam os trabalhos regulamentares da Companhia. Tinham sido tambem installados no Pará os cursos de huma-

nidades estabelecidos a principio em S. Luiz, e aos quaes Betendorf. dera grande impulso, a tal ponto que estudantes de Coimbra vinham alli terminar alguns estudos especiaes, como os de philosophia e theologia. Todos os annos procedia-se a exames com apparatosa solemnidade, e os de 1696 revestiram-se da maior importancia, tomando a denominação de conclusões logicas, especie de defesa de theses, *ad gradum*. Os commentarios que faz a *Chronica* a este respeito merecem ser transcriptos:

« Armou-se uma cadeira mui bem adornada junto á porta travessa, para a banda da rua. Os defendentes foram o irmão Sebastião Pereira, um religioso de Nossa Senhora das Mercês, chamado frei Manoel Correia, e José de Souza, sobrinho do capitão-mór Hilario de Souza, que não assistiu por doente... Argumentaram o muito Reverendo padre frei Antonio Soares, o muito Reverendo mestre graduado em philosophia Manoel Tavares, e o padre Superior da missão José Ferreira e outros; respondeu mui bem o irmão Sebastião Pereira e os mais assaz bem, para principiantes; o padre mestre do curso houve-se, pela disputa toda, sempre sem nenhum abalo, e com o rosto risonho, respondendo a tudo e saltando todas as difficuldades, com a maior graça e facilidade, como tenho visto nas universidades maiores do mundo todo; e assim foram muito applaudidas suas conclusões, pelo bom successo que tiveram. Depois de partir o padre Superior da missão para a sua visita, se fez exames de cursistas; os examinadores foram o padre reitor e mestre de curso, o padre Gaspar Misseh, o padre Miguel Antunes e eu. Responderam todos como entendidos, admiravelmente bem, de sorte que mal se podia dizer quem entre elles levara a palma nas respostas, e parece-me que nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro anno mais do que fizeram os do Collegio de Santo Alexandre do Grampará. »

Mais tarde, ainda esses exames excitavam-lhe a mesma admiração, achando que, embora uns estudantes mostrassem maior habilidade do que outros, nenhum deixou de revelar que possuia a *mediedade*, merecendo muitos approvação *cum laude* e *duplice laude*. Como velho de 70 annos, e 54 depois de ter se graduado em Tréveris, não achava que o preparo ministrado no Pará fosse inferior ao que na antiga universidade alleman se obtinha.

Nesse mesmo anno de 1696 começou a adelgaçar-se o véo que isolava o Maranhão da colonia, mais pela força de circumstancias fortuitas do que pelas ficções legaes: uns *homens do Brazil* vieram requerer datas de terreno para pastos e curraes de gados nas campinas entre o Ceará e o rio Itapecorú ; voltaram a cavallo, pelo caminho mandado abrir para o sul, indo com elles Manoel Nunes Collares, que tinha sido ouvidor geral e ia provido no posto de desembargador da Bahia.

No limite opposto, occorria successo de não menor alcance. D. Pedro II recommendara muito ao padre Iodoco Peres, quando de regresso ao Maranhão, em 1688, que a Companhia dedicasse toda a attenção á margem septentrional da foz do Amazonas.

Em 1691, organizou-se uma expedição para resgatar indios naquella zona, indo como seu missionario o padre João Maria Gorsony, que instara repetidas vezes por esta providencia. No Gurupá, o capitão-mór Guedes Aranha offereceu-se para ir explorar o littoral, onde lhe constava achavam-se francezes, que pouco antes haviam trazido uma carta do governador da Cayenna, a Antonio de Albuquerque Coelho de Car-

valho, solicitando permissão para penetrar naquelle territorio. A resposta foi que a licença dependia do Rei, a quem seria transmittido o pedido. Refugiando-se nos igarapés da costa, os francezes escaparam á perseguição de Aranha.

A idéa da fundação de uma França Equatorial, concebida por Devaux, em 1604, affagada por Henrique IV e tentada por Lavardière, em 1612, já não ia além da foz do Amazonas. Em 19 de junho de 1697, Ferroles veio atacar a fortaleza de Macapá e a tomou sem resistencia; mandou occupar a do Parú, fazendo-a arrasar; e em cartas, que Betendorf reproduz, fez sciente ao governador que a França considerava sua aquella região. A conquista foi ephemera: em 10 de julho, Francisco de Souza Fundão, por ordem do governador, expellia os invasores.

Esse governador teve na historia do Brazil a sorte singular de ser feliz onde a situação lhe era adversa. Sabe-se que, depois de administrar o Maranhão durante 12 annos, veio para o sul occupar igual posto em S. Paulo, então reunido a Minas Geraes. Tomada a cidade do Rio de Janeiro por Duguay-Trouin, em 1711, chegou para soccorrê-la depois de assignada a capitulação, a cujas consequencias teve de assistir impassivel. A reconquista de Macapá, que exerceu apreciavel influencia no longo pleito diplomatico só em nossos dias decidido, valeu-lhe o titulo de benemerito e o esquecimento da perda anterior. No seu governo, sustentou varias questões com os jesuitas, e Betendorf o trata indulgentemente, lembrando-se de que foi seu mestre de latim. Duas dessas contendas ficaram celebres. Uma originou-se no dominio temporal que

os padres ainda conservavam sobre as salinas do Maracaná, no Maranhão, conseguindo a Companhia manter illeso o seu direito e até reclamando contra a exigua quantidade de generos alimenticios com que certos moradores pagavam os trabalhos dos indios. Outra teve maior significação: o padre João Maria Gorsony informou ao governador que umas vinte cabildas do Tapajoz queriam descer, e elle deu-lhe ordem para que as localisasse nas aldeias de baixo, isto é, na foz do rio; mas o missionario recusou cumprir a indicação, porque « naquellas aldeias não havia descanso, nem nellas se guardavam as leis de Sua Magestade, e os indios só desciam com a condição de servirem quando e a quem quizessem, pretendendo, antes de tudo, serem christãos e tratarem de sua salvação. »

Revestiu-se da maior gravidade, por trazer uma completa perturbação ás relações civis dos habitantes, dependente como se achava a sociedade leiga da legislação ecclesiastica, o estrepitoso conflicto que o mesmo governador abrio com o bispo. Quiz D. Timotheo do Sacramento, logo ao assumir o cargo, em 1699, effectuar no clero maranhense certas reformas, e, de rigor em rigor, chegou a mandar prender alguns religiosos e leigos. As reclamações contra a severidade episcopal impressionaram o governador, que tentou entabolar negociações com o bispo, e, nada conseguindo, fez levantar contra elle o chamado juizo da corôa. Um tribunal constituido para esse effeito avocou a si o julgamento dos actos praticados pelo espiritual e declarou insubsistentes as sentenças : recusando a attender á intimação para mandar soltar os presos, e tendo sido estes

restituidos á liberdade pelo poder civil, o bispo lançou a excommunhão sobre as pessoas interventoras e declarou interdicto o Estado. Por sua vez, o tribunal impoz ao prelado a pena de prisão e o fez permanecer muitos dias recluso no seu palacio. Ahi acudiram os jesuitas, tornando-se intermediarios entre as duas partes desavindas, e, depois de diversas concessões mutuas, restabeleceu-se a harmonia geral.

Mas, como pelas opiniões manifestadas e pela attitude assumida para normalisar a situação, alguns membros da Ordem tornaram-se suspeitos, o tribunal fez sentir ao Superior, então o padre José Ferreira, que convinha que sahisse do Estado, por supposta inconfidencia, um dos mais illustres dos missionarios, Iodoco Peres.

O Superior não se curvou a esta injuncção; respondeu que a levaria ao conhecimento do Rei, esperando que elle não a sanccionasse...

Termina ahi a *Chronica*, parecendo antes interrompida do que finalisada.

Para suas paginas procurou esta *Noticia* summaria attrahir a attenção dos estudiosos. Se o conseguir, terá salvo de immerecido esquecimento a memoria do homem superior, que foi Betendorf.

Tornou-se impossivel manter a completa uniformidade orthographica, principalmente nos nomes individuaes, porque as divergencias appareciam, no original, em occasiões inesperadas, quando o trabalho typographico, já muito adiantado, não permittia emenda de pagina anterior e era objecto de duvida se a alteração significava uma corrigenda ou uma inadvertencia do copista.

O leitor notará, por exemplo :

Gorcenin e Gorsony ;

Samuel Fernandes e Samuel Fritz ;

Jusarte e Zuarte ;

Francisco de Hiro e Francisco Deiró ;

Antonio e Antão Gonsalves ;

Villar e Avellar ;

Hyrso e Thyrso Gonsalves ;

Salema e Soleima ;

Carrea, Carreo, Correa, Caxeu.

Pedro Poderoso, Pero Poderoso, Pero Pedrosa.

Figura como de origem franceza o appellido Almeida, de origem alleman o de Coelho, de origem irlandeza o de Carrea, de origem flamenga o de Balthazar Campos.

O cargo exercido por Antonio Vieira, de Sub-prior, passou, depois de 1661, a ser denominado — Superior.

Um outro caso exemplificará as incongruencias da cópia, felizmente em assumpto de pouco vulto. O capitão-mór de Cametá recusara em 1697 entregar ao padre que tinha a seu cargo a direcção espiritual da aldeia de Parijó, certo numero de indigenas, que uma antiga lei, cuja data não vem citada, affectava ao serviço daquella missão. Esse numero, que na pagina 658 é de 25 *casaes*, passa na pagina 659 a 21 *remeiros*, que na pagina 661 sobem a 25, figurando nas paginas 660, 661 e 662 apenas 25 *indios* ; foram estes ultimos os que o governador mandou afinal entregar, mas qual o criterio para a escolha do designativo ?

Aos familiarisados com trabalhos historicos, é conhecida a falta de homogeneidade dos vocabularios antigos. Na cópia que serviu para esta publicação, a abundancia de reticencias, demonstrando ter sido difficil a

leitura do original, aggravou essa contingencia inevitavel. Em muitos casos, para dissipar incertezas a respeito de nomenclatura geographica ou tupyca, foi de importantissimo auxilio a consulta ao *Atlas* do inolvidavel Senador Candido Mendes de Almeida.

A contracção de *em* e os artigos acha-se pouco empregada no principio da *Chronica*, parecendo ter havido proposito de evital-a. A mesma observação applica-se a Camera e Camara.

Erros, propriamente typographicos, ficam assignalados os seguintes, mais importantes:

Pags.	Lin.	Em vez de	leia-se
1	4	com	em o
19	22	Salema	Soleima
31	33	da o	a do
36	19	Pedro Luiz Glui	Pero Luiz Gonsalvi
»	30	não visitou	avisinham
37	9	Maguazes	Maraguazes
38	29	Mercenario	frei Theodosio, mercenario,
39	7	Urubùs	Urubú
43	16	Migtagoaya	Mitagoaya
47	1	Titulo	Livro
»	14	1629	1626
70	4	imitados	incitados
72	31	caass	casas
73	15	Paniazes	Parizes
84	1	Capitulo 2º	Capitulo 11
90	31	Joannes ou Sacacas	Joannes, Sacacas
101	12	e partiu-se	que partiu-se
144	8	corregedor	corredor
147	26	Donai	Douai
155	26	casas	casos
175	6	Paquizes	Poquizes
200	25	tropa os padres	tropa e os padres
345	6	Amazonas a Araguary	Amazonas, Araguary
348	23	e como reitor	pondo, como reitor
359	21	como prelado	com o prelado
389	6	Amaro Cardoso Camara	Amaro Cardoso, camera
413	10	a tropa	com a tropa
471	12	1692	1690
492	1	6	6 A
523	13	Farroles	Ferroles
561	18	pedir-lhe	pedir-lhes
578	11	Capitulo 2	Capitulo 11
589	32	aquelle, mal como cousa	aquelle mal, como cousa
607	34	elle	elles
611	33	os irmãos	o irmão
612	24	mestre do curso o padre	mestre do curso, o padre

DEDICATORIA

Havendo-se de dedicar a alguem esta tão limitada obra da Chronica da Missão dos Padres Missionarios da Companhia de Jesus com o Estado do Maranhão, não acho a quem com mais direito se deva fazel-o que a vós, Oh Soberana Rainha de todo o creado, Virgem Mãe de Deos, Nossa Senhora da Luz, por quanto de vós, bella e purissima Aurora, nasceu o Sol de Justiça, vosso Bemdito filho Christo Jesus, que com os seus Divinos e Luzidissimos Raios alumia o Mundo todo, e já desde o principio desta vossa missão alumiou este Estado do Maranhão, e para o que se reflectem com mais direita reverberação, e com maior Gloria sua e vossa, alem do que conhecendo os primeiros Missionarios servos mui humildes, e amantissimos filhos, que só debaixo de vosso amparo e patrocinio, poderão fazer fruto em as almas de tanta gentilidade barbara, que vinham buscar para encaminhal-as para o Ceo, escolheram com eleição Superior e acerto Divino a vós por Mãe e Padroeira sua, levantando por essa razão á honra de vosso Santissimo Nome o seu primeiro Templo, e dedicando-vos o primeiro Collegio com o *cognissimo* titulo de Nossa Senhora da Luz, em a Cidade de S. Luiz, cabeça do Estado todo. Assim tambem por esta via vos é sempre devida esta minha obrasinha, pelo que, Senhora, dai licença a este vosso servo mais inutil que, prostrado a vossos Virginaes pés, vos tribute os effeitos de vossos favores, recebidos desde o primeiro principio de vossas liberalissimas mãos. Não engeiteis, Senhora, esta offertasinha, porque supposto que não é merecedora de apparecer em vossa presença, pela illimitação de vossa incomparavel grandeza, por ser offe-

recida de um Missionario que com tanta frouxidão se houve em vosso serviço, e em o serviço de vosso precioso Filho, com tudo, se tomada pelo aspecto que tem de uma ainda que mui imperfeita relação das gloriosas obras que por vosso meio os vossos servos Missionarios têm obrado nesta vinha do Senhor, confiado estou que aceitareis com agrado, e, por vossa natural bondade, olhareis com bons olhos por seu autor, e continuareis a favorecel o, como já fizestes por espaço de mais de *setenta e um annos* de sua idade, alcançando-lhe o Santo Baptismo, quando recemnascido corria perigo de o perder, levando-o para a Companhia de Jesus, e dando-lhe depois milagrosamente saude de uma mortal doença da qual por beneficio vosso se levantou e achou-se logo são e valente para servir, a elle e mais a vós, nesta gloriosa missão em a qual está desde o principio do anno 1661 [1], tendo-se encaminhado para ella no anno 59, e deseja de acabar seus dias de vida que lhe restam, para no cabo delles ir vêr-vos e a Deos, primeiro principio e ultimo fim seu, por meio de vossa toda poderosa intercessão.

Soberana Senhora de todo o creado: Indignissimo filho, e mais inutil servo vosso,--*João Felippe Betendorf.*

---

(1) O Padre João Felippe chegou ao Maranhão a 20 de janeiro de 1661, escreveu esta chronica 38 annos depois, portanto em 1699

AO LEITOR

Antes de eu dar principio a esta chronica da missão dos Padres Missionarios da Companhia de Jesus em o Estado de Maranhão, pareceu-me haver-vos de advertir de tres cousas, que, ignoradas, poderiam occasionar-vos algum justo reparo.

A primeira é que eu me não ingeri a escrevel-a por minha propria eleição, mas sujeitei-me a este trabalho visto o Padre Bento de Oliveira, Subprior da missão daquelle tempo, e seu successor, o Padre José Ferreira mostrarem gosto nisto, por não haver já Missionarios antigos que tenham as noticias necessarias, e ser eu o que o possa fazer, ao menos em o modo que o tempo me permitte.

A segunda cousa, de que vos quero advertir, é que não haveis de estranhar que vou sempre ajuntando o governo espiritual com o temporal, porque sendo que os tivessem os Missionarios ambos juntos acerca dos indios, ou os não tivessem juntos, mas um só que é o espiritual, comtudo andáram sempre e andarão tão annexos, que forçosamente os Missionarios se devem valer dos Governadores e Capitães Móres para effectuar na salvação das almas o que pretendem, alem do que por esta via melhor se conhecerá o que se obrou em qualquer tempo na missão.

A terceira finalmente é que se por alguma circumstancia vos parecer que a escrevi com menos acerto, não me condemneis logo, porque pode ser que erreis vós, e que acerte eu, porque alem de me governar eu assim pelo que vi com meus olhos, e pelo que soube pelas diligentes informações tomadas dos mais antigos e mais acertados, sempre sigo o que acho mais

provavel, quando não posso descobrir a verdade manifesta, o que acontece muitas vezes pelas fraquezas das memorias humanas, como vós mesmo conheceis; sigo as informações dos mais antigos e attendo em o que elles viram com os seus olhos, e ouviram todos que bem o sabiam ou obraram aquillo de que se trata.

Bôas diligencias tenho feito com os Missionarios Portuguezes e Estrangeiros para que escrevessem, mas elles antes quizeram fazer cousas proprias, dignas de se escreverem por outros, que escreverem façanhas alheias. Conheço que poderia ter feito apontamentos que me tivessem servido em esta occasião, porem como nunca me passou por pensamento que esta chronica me viria cahir ás costas, a mim o mais inepto de todos, e o mais inutil de toda a missão, parece que alguma desculpa tenho de me ver tido com menos cuidado nesta parte; e vós, benigno Leitor, olhae que tenho culpa, confesso, e com toda vontade, e peço-vos me queiraes perdoar, e pedir a Deos que me perdôe esta com as mais innumeraveis culpas que tenho em seu divino acatamento, pela muita frouxidão com que lhe servi nesta sua missão os *38* annos que nella estive, e podendo ter merecido grandes premios no Céo, mereço grandes castigos, oxalá não no Inferno; e fazendo vós o que vos peço, me deis por muito satisfeito neste pequeno trabalho, que tudo offereço a Deos Nosso Senhor por maior Gloria sua e para maior honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, sua Mãe, debaixo de cujo amparo a emprehendi, desde seu principio.

LIVRO 1.º

DA ORIGEM DO NOME, DESCOBRIMENTO, ESTADO E CAPITANIAS DO MARANHÃO

CAPITULO 1º.

DA ORIGEM DO NOME MARANHÃO

Do mesmo modo que as cartas geograficas dos Hespanhóes e Portuguezes divergem, tanto nos nomes dos logares, como em outras circumstancias, assim differem tambem na designação da origem do nome Maranhão, porque costumam attribuil-o a varios rios entre si mui diversos, e principalmente a tres que desembocam em o mar da costa Septentrional, vindos da America Meridional: rio Orelhano, das Amazonas, e Orinoco, como se póde vêr em a historia de José da Costa, para deixar outros menos *acuratos*, o qual falando em o rio do Maranhão, diz que uns o chamão Amazonas, outros Orelhano, outros Maranhão. João Laet, antuerpiense, auctor da Descripção das Indias Occidentaes, Lib. *ib*. Cap. 8, diz e prova que José da Costa se engana muito, e por conclusão diz assim: «Será Maranhão nome de algum rio ou não, porque de Abbeville nega ser nome de rio, o certo é, que uniformemente é attribuido em todas as cartas geograficas á ilha do Maranhão, onde está situada a Cidade de S. Luiz, cabeça do Estado do dito Maranhão, e se ha algum rio a se chamar deste nome, são os que nascidos de varias partes com nome á lhe pertencer, como são o rio do Pinaré, do Maracú, do Mearim, de Tapecurú, unidos vão parar em um, em a bahia chamada Tapuytapera, depois de correrem ao longo da

ilha se vão desembocar ao mar, nem embarga ter cada um destes rios seu proprio nome, porque o tem sómente correndo apartados, porém estando unidos parece-me isso ter muita probabilidade, e se me não engano costumam alguns pilotos Portuguezes dar-lhe o appelido do rio do Maranhão». Não me metto a dizer mais sobre esta materia, basta o que está dito, e ser este nome, sem nenhuma controversia, nome de ilha do Maranhão, que por nenhum caso pode ser tomado de outros rios acima referidos, nem ainda dos que outros poderão allegar, mas deste mesmo nome por serem mui acertados, salvo se dissermos conjecturas sobre o modo por que alguns chamam o rio das Amazonas, rio principal do Estado todo, o rio do Maranhão devia communicar seu nome á ilha do Maranhão, e á sua Cidade, pois é cabeça do Estado todo, e ao mesmo Estado pela mesma razão ; porém ha contra isso que a ilha do Maranhão antes que se descobrisse, sempre se chamou dos naturaes Maranhão, como affirma Claudio de Abbeville, primeiro Missionario della.

CAPITULO 2º.

DO DESCOBRIMENTO DO MARANHÃO

Consta de varias historias que se têm escripto sobre o descobrimento das terras da America, pertencentes por direito ás duas Coroas do Rei de Portugal e do Rei Catholico, conforme as repartições feitas entre ellas pelas Bullas Pontificias, como aos primeiros descobridores e conquistadores dellas, em que não pode haver duvida nenhuma, e que consequentemente a ilha do Maranhão, e todo o seu Estado pertence á Corôa de Portugal por todo direito, mas se perguntarmos, e buscarmos quem foi o primeiro que descobriu, e povoou a ilha do Maranhão, fazendo nella casa forte, e edificando moradas para soldados, acharemos que foram os Francezes, como manifestamente se prova e convence do nome de S. Luiz, Rei de França, com que appellidaram primeiro a Cidade do Maranhão, que tambem começaram a fundar, e para melhor noticia desta verdade se faz aqui este Capitulo, em que se relata com toda sinceridade

e verdade, tudo o que nos seus principios se tem passado a respeito della.

Digo, pois, que havemos de saber que um certo Capitão do Mar por nome Riffault, francez de nação, convidado por um Indio principal, de grande autoridade entre os seus naturaes chamado *Guiripù*, equipou duas náos no anno de 1594, para tentar fortuna em as terras de America, e que por infortunio seu, deu em a ilha do Maranhão mui derrotado por grande tempestade, e como se achou em a perda de tudo quanto tinha trazido, e da sua melhor embarcação, alem de grandes discordias entre os marinheiros, e mais gente que o tinha acompanhado, tratou de se tornar para França, deixando com o gentio descoberto em a ilha do Maranhão um fidalgote chamado De Vaux, e como este soubesse por seus bons termos e modo cortez ganhar os animos dos barbaros daquella ilha, pediram-lhe instantemente que procurasse trazer de sua terra uma colonia de gente que os instruisse nos costumes da Europa, e na verdadeira Fé para se poderem salvar ; convencido logo pelas muitas instancias que lhe tinham feito os Indios habitadores da ilha do Maranhão, se partio para França para *affirmar* o que se lhe tinha pedido o fidalgote De Vaux que chegando deu parte a El-Rei Christianissimo, Henrique o Grande ; porém El-Rei para se certificar mais da verdade e das riquezas que da terra do Maranhão se lhe promettiam, mandou o Senhor Ravardière e o Senhor de Vaux com promessa de dar liberalmente todo o necessario para se fazer a nova povoação que se lhe pedia, caso se achassem as cousas do modo que lhe tinham referido. Obedeceu sem dilação nenhuma De La Ravardière, e foi-se ao Maranhão levando em sua companhia o fidalgote De Vaux e depois de uma mui diligente e *acurata* informação de tudo quanto se achava de bom em a ilha do Maranhão se voltou para a França. Mas como em aquelle interim tinha sido morto El-Rei por um parricidio horrivel, deixou-se de dar execução á promessa feita até o anno de 1611, em o qual o Senhor De la Ravardière, sendo bem avizado de tudo pela Rainha-Mãe partiu com quatro capuchinhos barbados, dos quaes um era o M. R. Padre Claudio de Abbeville, e com gente bastante para principiar uma po-

voação, para a ilha do Maranhão; teve varios successos em a viagem, mas vencidas as difficuldades todas chegaram a lançar ancora em a ilha de Santa Anna aos 24 de julho do mesmo anno, e de lá passou á ilha do Maranhão a qual chamou São Luiz, onde edificou uma fortaleza junto ao porto principal, cavalgando nella vinte e sete peças. Em quanto os soldados se empregavam na estatura do Forte, iam-se empregando os Padres Capuchinhos barbados em o ensino dos Indios, dos quaes pouco depois levaram uns comsigo para Pariz, onde se baptizaram em publico com grande solemnidade; e como o Maranhão não pertença a El-Rei de França, mas á Coroa de Portugal, não durou por muito tempo aos Francezes a posse delle, porque em o anno de 1614, veio de Pernambuco Jeronymo de Albuquerque, e pouco depois, entre o anno 1614 e 1615, o Capitão Mór Alexandre de Moura, e em sua companhia dous Padres da Companhia de Jesus, o Padre Luiz Figueira, e o Padre José da Costa com uns 100 Indios; foram milagrosamente botados fora da ilha do Maranhão em o modo seguinte.

CAPITULO 3º.

ACOMMETTEM OS FRANCEZES AO PODER PORTUGUEZ, E FICAM VENCIDOS POR MILAGRE DA VIRGEM SENHORA NOSSA

Tendo Jeronymo de Albuquerque lançado ancora em os portos do Pereá em o mez de Outubro do anno 1614, mandou chamar os Portuguezes, os quaes pouco dantes tinham levantado a Villa de Nossa Senhora do Rozario no Pereá, e juntos todos em um corpo foram por seu arraial á ilha de Santa Maria, assim chamada depois pelo milagrozo soccorro que deu aos Portuguezes esta Soberana Senhora.

Logo que isso veio em noticia dos Francezes da fortaleza de S. Luiz do Maranhão, achando era bom rechassar o inimigo em seus primeiros principios quando chegaram destroçados dos mares, e mal tratados das doenças, e trabalhos da viagem, antes que lhes viesse o soccorro que esperavam, sahiram com grande poder de canoas todas mui bem equipadas de pôpa a

prôa de remeiros e soldados frescos e bem animados a pelejar com os Portuguezes por uma vez; porém succedeu-lhes tudo por modo muito diverso que elles se tinham imaginado, porque em vez de vencer elles os Portuguezes, foram vencidos, e quasi de todo acabados, acudindo o Céo pela justiça de Portugal, contra a injusta aggressão com que França acommettia o Maranhão, fez vazasse a maré mais do costumado deixando as canoas dos Francezes em secco, desde as oito horas da madrugada até ás tres da tarde sem tornar a encher, dando lugar á peleja que de ambas as partes era muito renhida, por pelejarem todos a peito descoberto com grande porfia, mas com victoria assignalada dos Portuguezes, inda que menos em numero que seus adversarios. Attribuiram todos este bom successo á Virgem Nossa Senhora por apparecer entre elles em a peleja uma magestosa e valorosa mulher, a qual andava de cá para lá, e ia repartindo a polvora e balas de seu regaço aos Portuguezes, animando-os a pelejar com valor, de sorte que tendo vindo sobre elles tresentos Francezes, não escaparam mais que cincoenta delles com vida para poderem levar a nova de sua triste dita ao Governador da fortaleza o Senhor La Ravardière, ficando só tres mortos da parte dos Portuguezes por milagre manifesto.

Ouvindo o Governador La Ravardière este successo, tão prodigioso pela relação de seus soldados, fez logo em pessoa buscar a Jeronymo de Albuquerque e lhe entregou as chaves em boa paz, para cada um dos seus poder ficar ou ir-se, como melhor lhes parecesse, dizendo, não se podiam deixar de render e pôr-se da parte de quem Deus e sua Santa Mãe ajudam, e com isso despejaram os Francezes e tomaram os Portuguezes posse do Maranhão, e para que nunca chegasse a se pôr em esquecimento este tão assignalado beneficio recebido pela Virgem Mãe de Deos, attribuindo-lhe toda a gloria deste tão prodigioso successo, lhe dedicaram a Matriz da Cidade, onde a festejam todos os annos com Procissão Solemne, Missa cantada a canto de Orgão e prégação, muitos tiros de artilharia debaixo do Glorioso titulo de Nossa Senhora da Victoria, cuja imagem se venera exposta em o Altar-mor da mesma Egreja.

O que aqui referi neste capitulo é cousa tão sabida, que não só a refere o Padre Claudio de Abbeville, Francez de nação, e um dos Missionarios capuchinhos barbados que foram em companhia do Governador o Senhor La Ravardière ao Maranhão, mas é escripto em assento publico dos antigos Portuguezes testemunhas de vista ; refere-se tambem na historia Ecclesiastica, e finalmente se préga cada anno em o dia da festa, e que tambem eu tive a gloria de prégal-o, assistindo em a cidade do Maranhão, de sorte que é couza em que se não pode ter nenhuma duvida, e pode servir este milagroso successo para animar a confiança dos Portuguezes para esperarem que nem a França, nem outro inimigo algum prevalecerá contra este Estado do Maranhão.

CAPITULO 4°.

DESCRIPÇÃO DA ILHA DO MARANHÃO, DAS ILHOTAS E RIOS, COM TODAS AS MAIS CONCHEGAS QUE LHE PERTENCEM

Diz Claudio de Abbeville, dos primeiros Missionarios capuchinhos que no anno 1611 vieram de França em companhia de La Ravardière para povoar a ilha do Maranhão, á qual chegou em os tres de Julho do mesmo anno, que os autores geograficos que escreveram do Brazil, nunca têm feito menção desta ilha, supposto fizeram muitas vezes menção do rio do Maranhão ; para pois dar alguma breve noticia della, digo com o dito autor, e pelo que me consta por ter morado nella muitos annos, que é a em que depois de expulsados os Francezes se edificou a Cidade de S. Luiz, cabeça de todo o Estado do Maranhão ; é sita a dous graus e trinta escropulos de linha para banda do Sul, tem tres legoas de largo, umas vinte e sete de comprido, e umas dez pouco mais ou menos de circuito ; para o Leste ha uma ilhota que os naturaes chamam Ipayemiry, os Francezes e, depois delles os Portuguezes, ilha de Santa Anna ; é cercada para banda do Leste do rio Muny, e por Oeste da bahia que hoje chamam bahia de Tapuytapera, havendo-se de chamar com mais razão bahia do Maranhão ; é cortada desde seu mais

alto principio de varios rios, mas o mais principalmente de tres, que a dividem do continente tres legoas por parte do Occidente, e algum tanto menos por parte do Oriente. O primeiro e mais oriental destes rios é o que se chama Muny, o qual desce 40 ou 50 legoas pela terra dentro á riba de sua bocaina larga, de um quarto de legoa pouco mais ou ou menos. O segundo é o rio de Itapecurú, largo ao menos uma meia lagoa onde desemboca na bahia que ajuda a formar na entrada do mar, e desce tambem mais de 40 ou 50 legoas de dentro do continente.

O terceiro e o mais occidental rio é o do Meary, o qual, conforme a opinião commum, dizem ter sua origem debaixo do tropico de Capricornio.

Ha mais outros rios, como são o Maracú, que entra no rio do Pinaré e ambos no do Meary, umas duas jornadas de caminho á riba do Maranhão. Deste concurso de tantos rios, e pela maior parte caudalosos, procede que na bahia se encontram grandes correntezas com ondas á entrada para a ilha do Maranhão assaz difficultosa, juntando a tudo isso os baixos e coroas, e sobre tudo a coroa grande, das quaes é cercada a ilha para banda do mar, de sorte que os que pretendem entrar na bahia, ou rio do Maranhão, necessitam de andar com grande cautela e ter pilotos muito experimentados, porque esta ilha do Maranhão é como a chave de todo este Estado cujas costas por ambas as bandas, assim por banda de Leste até as *Arvores Seccas*, e por banda Sueste, desde Tapuytapera e Cummá até o Grampará, são mui perigosas, principalmente da bahia do Maracanã por diante, em razão dos baixos chamados de Tigioca, onde perigam e se perdem as embarcações ás vezes menos acauteladas, por se fiarem demasiadamente, e chegarem muito para terra, havendo de largal-a e perder de vista até avistarem a terra da ilha de Joannes.

Estava a ilha do Maranhão, em tempo que para ella foram os Francezes, povoada de 27 Aldêas, que os indios chamam *Taba*. Constava cada uma dellas de quatro ranchos compridos, dos quaes cada um fechava por uma banda em forma de Convento, com seu terreiro bastante no meio delles, por terem

commummente duzentos e ás vezes trezentos passos de comprido e 25 ou trinta de largo, erão todas essas rancharias armadas de paus, e cobertas de folhas de palmeiras, que commummente chamão pindobas. Laet, que eu sigo nesta relação, pois elle seguiu o Padre Claudio de Abbeville, Capuchinho, varão douto curioso e testemunha de vista, refere todos os nomes dessas 27 aldêas, no modo que as achou Abbeville, porém como este era Francez de nação, e os Francezes não pronunciam nem exprimem bem os nomes de outras linguas, acho-os tão erradamente impressos, que, supposto tenha bastante noticia de todas as paragens da ilha do Maranhão, apenas posso alcançar adivinhando o que quer dizer ao menos com alguns delles; não deixarei porém de referil-os aqui para que constem. Diz, pois, Laet assim : havia naquella grande ilha do Maranhão 27 aldeas, das quaes a primeira vindo da ilha de Santa Anna é Timpohu, quer dizer Timbohi ou Timbohiba ; a segunda mais chegada a esta é Itapary, assim chamada em razão das Camboas que havia para banda de São José ; a terceira Carnapijô; a quarta Huayne; a quinta Hirahendaba (deve ser Iraendaba); a sexta Arussuê que quer dizer dia grande; a septima Pindotune (quererá dizer Pindobuna); a oitava Timboaup (será Timbóipê); a nona e a maior de todas Inniperan (será Ianiparana); a decima Toroiepeeb (não entendo, salvo se quer dizer Turuypê); a undecima Janovarem; a duodecima Ovarapiram (quererá dizer Guarapiranga); a decima terceira Coynep (quer dizer Coynpê); a decima quarta Onça ou Cap. (quererá dizer Onçaquaba, ou Oçaguapé); a decima quinta Maracanapirip (quererá dizer Mara; canapiri); a decima sexta Taperussû; a decima septima Torou ope, será Turuypé ; a decima oitava (será Aquetua, por ventura) ; a decima nona Caranaove (será Caranayba); a vigesima quer dizer Taperussu ; a vigesima prima Uaucatan (será Icatú); a vigesima segunda Iaviric (será Iavirey, quer dizer Iavire pequeno); a vigesima terceira Onry-ouvassucupe (será Turivacuype); a vigesima quarta Noyone (será Mayoba); a vigesima quinta Pacouri-huie; a vigesima sexta Huapar; a vigesima septima Meruouty (será por ventura Murutetaua). Mas seja isto como for o que se deve notar é ter sido a ilha do Maranhão capaz

de sustentar 27 aldêas de Indios, cada uma dellas povoada de duzentos, trezentos, e ás vezes de seiscentos moradores, dos quaes todos, conforme a conta que lançaram os Francezes desse tempo, contava a ilha de dez ou doze mil homens; e ella neste nosso tempo apenas sustenta duas para tres aldeotas, que todas não chegam a dar senão um tão limitado numero de indios habitadores seus, que é para pasmar. Os nomes destas aldêas como foram impressos, conforme os escreveu um Francez, assim como ficaram mal escriptos assim tambem foram mal impressos sem se poder conhecer, senão advinhando as verdadeiras pronunciações dellas cada um as chame como melhor lhe parecer, que eu confesso que não lhe sei dar a verdadeira expressão, por me não constar ter ouvido nomes que tenham alguma semelhança com varios desses. Basta sabermos que havia 27 aldêas na ilha do Maranhão, para dahi inferirmos quantas haveria de lá ao Pará e por todo o Estado. Quanta devia ser a crueldade e cobiça dos que acabaram por guerras e trabalhos tanta gentilidade!

CAPITULO 5.º

DA QUALIDADE DOS ARES, E TERRAS DA ILHA DO MARANHÃO

O céo é commummente claro na ilha do Maranhão, e são serenos os seus dias, sem que nella se ache frio nem calma, e seccuras immoderadas; ha mui poucas nuvens, e vapores menos sadios para os moradores; não ha tempestades, ou redemoinhos de ventos, nem nuvens, nem geadas, poucos trovões, salvo nos mezes de chuvas, nos quaes ha ás vezes trovões mui grandes, que com os raios e coriscos já mataram varias pessoas em tempo que assisti nella, como estou muito bem lembrado, porque vi um dia uns marinheiros, que estavam na antecamara de seu navio, junto e ancorado abaixo da Santa Casa da Misericordia, onde um raio os foi buscar descendo pelo mastriete sobre um que estava quebrando umas ostras, o qual se tinha confessado commigo aquelle dia, sem lhe fazer mal nenhum, matando porém outro que estava á portinha da mão direita, e assombrando tambem outro, de sorte que esteve sem

falla, e só o pude confessar por me apertar a mão, este escapou com vida e melhorou; não tiveram porém a mesma dita dous Indios, dos quaes em outras occasiões, um foi morto de um raio para banda do mar, e outro fugindo delle se ia retirando para o alpendre da ermida de S. João onde o foi buscar e estendeu morto logo de pancada; ás vezes tambem não faltam relampagos á bocca da noite, e ás vezes pelas manhãs dos dias mui serenos.

Quando o Sol volta do tropico de Cancer para o de Capricornio, leva deante de si e afugenta todas as chuvas daquellas bandas ás vezes quarenta dias antes de chegar sobre as cabeças, e depois de ter passado o zenith, chove dous ou tres mezes continuos conforme a diversidade dos climas; e na Ilha do Maranhão desde o fim de Fevereiro até o primeiro ou meio de Junho, ou depois de passado o Sol estivo, quando o Sol torna para o tropico de Capricornio, levantam-se uns ventos da banda do Leste, chamados vulgarmente brisas, e quanto mais se chega para o seu zenith, tanto são mais vehementes no seu soprar, e á proporção que delle se afastam pela mesma proporção se enfraquecem; levantam-se quasi todos os dias depois do raiar da madrugada, a saber, pelas sete ou oito horas, e á medida que o Sol se levanta sobre o horizonte accrecentam suas forças, porem passado o meio dia se abrandam insensivelmente, e param quasi de todo quando elle se destróe; não se sabe commummente de outro vento na ilha do Maranhão e tão firme nella, como o de Leste, o qual tempera de tal sorte o ar, que o faz mui sadio; e porque esta ilha é tão pouco distante da Linha, goza por todo o anno de dias e noites pouco mais ou menos iguaes, e de um mesmo temperamento do ar, e difficultosamente se poderia achar clima mais agradavel, nem mais commodo para a habitação dos homens.

O terreno desta ilha, supposto que por todas as partes cercada do mar, não carece, comtudo, principalmente, fóra da Cidade, de fontes nativas mui doces, claras, e sadias, e regado de muitos rios, ou riachos, e se trata bem que se não esterca, nem de o semear, comtudo dá muito milho que os naturaes chamam abaty, no mez terceiro, depois de se plantar em

grande usura; e muitas vezes, idos os annos, as raizes das mandiocas das quaes usam em lugar de trigo, engrossam em pouco tempo, os melões amadurecem no segundo mez depois de semeados, e se colhem quasi todos os mezes do anno, e do seu continente.

A mercancia que desta Ilha se pode tirar, são páus de *ybira coatino*, páo roxo, pao amarello, e ybira peteruna, como tambem pau santo, e côr de ouro, que se acha nos mattos de Tapecuru; dá muito algodão, anil, urucú, copaúba, casta de balsamo que Claudio de Abbeville compara com o *destracha*, tabaco, pimenta, e assucar, pois tem terras mui boas para elle, assim na ilha, como principalmente por fóra della, por todos seus rios, isto sem falar no courame, que se pode tirar de muitos curraes de gado vaccum, e sem tambem fazer menção do ambar, que não poucas vezes se descobre em suas praias pela costa do mar.

Não falta na ilha e nos arredores della pedra, das quaes se pode fundir, e já se tem fundido ferro muito bom, nem outras de varias castas, para os edificios, nem tambem barro de varias castas, assim para as olarias, como para fabrico das casas, mas nunca vi que se achasse uma certa especie de jaspe, do qual os Indios fazem os batoques que trazem nos beiços, e mais nas orelhas, brancos e vermelhos, mais duros que os mesmos diamantes, que os Francezes chamam *Alencon*, e varias outras de muita casta.

Emfim, não é esta Ilha estendida em campinas rasas, nem se levanta em montes mui altos, tem seus outeiros ao pé dos quaes sáem fontes e rios, pelos quaes se caminha em canoas. A terra, para dizer verdade, é já mui cançada, e já tem poucas mattas virgens, havendo sido occupada por muitas vezes, quasi toda por todas as bandas; fica, porém, coberta de mattas já mais baixas, e povoada de palmeiras mui accommodadas para a caça dos porcos do matto, veados, cotias, paccas, antas, e tambem de varias castas de passaros mui bons, no numero dos quaes devem entrar os guarás vermelhos todos como lacre, e as garças brancas, além de outros passaros, pela terra firme, dos quaes se fará relação á parte em outro capitulo.

CAPITULO 6.º

DÁ-SE BREVE NOTICIA DA CAPITANIA DO MARANHÃO, E OUTRAS QUE SE ACHAM ATÉ A DO GRAMPARÁ

DECLARAÇÃO BREVE DOS TERMOS ULTIMOS DO ESTADO, DO NUMERO DE SUAS CAPITANIAS, E PRESTIMOS DELLAS, E DE SUAS MISSÕES QUE TEM ATÉ A CAPITANIA DO PARÁ.

Começa o Estado do Maranhão por cima do Ceará, não longe dos baixos de S. Roque. Dista setenta legoas de Pernambuco, em quatro graus e cinco minutos a Sueste, onde tem seu primeiro marco, contando dalli até o Ceará cento setenta e cinco legoas, tres graus e trinta minutos para o Sul, e vai correndo do Ceará até á Cidade de S. Luiz do Maranhão, cento e setenta legoas e dous graus ; quarenta minutos, do Maranhão até á barra do Grampará ; cem legoas para o Norte, dahi ao Cabo do Norte que é a ponta da terra de outra banda do rio das Amazonas, são dous graus e cincoenta minutos, sessenta legoas que tem o rio de largo na bocca, e do Cabo do Norte até o rio Vincente Pinson umas quarenta legoas, um grau, quarenta minutos, onde tem seu ultimo marco, fazendo em tudo a sua Longitude de um marco a outro, quatrocentas e trinta e cinco legoas pela costa, porque pela terra dentro pelo rio das Amazonas para cima, chega até á aldea chamada aldea do Ouro, onde Pedro Teixeira, Capitão Maior da tropa mandada para o Quito no anno de 1637, voltando para baixo metteu o marco de Portugal em umas ribanceiras da dita aldea, que cahem sobre o Rio das Amazonas, e isto á vista do Padre Christovão da Cunha, e o Padre André de Artieda, ambos da Companhia de Jesus, mandados do Governador e real audiencia de Quito, para tomar inteira noticia das alturas, terras, nações, rios e prestimos d'aquelle famoso rio, e dar disso inteira informação á real Corte de Madrid, e mais á vista do Capitão Francisco da Costa Favella, do Capitão Pedro Bayon, o Capitão Pedro de Oliveira, e o Alferes Fernão Mendes Gago, depois Sargento Mór do Maranhão, que muitas vezes me contava a sua viagem

e toda a tropa portugueza, de que tudo fizeram, depois assento, e termo juridico em os livros da Camara e mais da fazenda real da Cidade do Grampará.

Divide-se todo este Estado do Maranhão — assim chamado da cidade principal de S. Luiz, sita como cabeça na ilha do Maranhão, ou bem do maior rio delle o famoso rio das Amazonas, que alguns querem seja o rio do Maranhão, que nascendo no Reino de Quito assim lá se chama por vir desembocar em o mar, em o Cabo do Norte — em duas Capitanias principaes, a saber a de S. Luiz, Cidade do Maranhão, e a do Grampará. A estas se juntam outras Capitanias, umas d'El-Rey, outras dos Donatarios; a Capitania do Maranhão tem outras menos principaes em seu districto, e são: a do Ceará, que dantes provia e deixou de prover por estar mui distante, e poder-se prover melhor de Pernambuco, a de Itapecuru, e de Icatú e Miary, tambem Capitanias d'El-Rey.

Para dar mais particular noticia da Capitania de S. Luiz do Maranhão, tem a Cidade do mesmo nome S. Luiz, que tambem depois da prodigiosa victoria alcançada dos Francezes, se chama Nossa Senhora da Victoria; está esta cidade sita quasi no meio da demarcação do Estado, em a altura de dous graus e vinte minutos de Linha, donde por qualquer parte fica facil a disposição de tudo, e assim muito accommodada para a cabeça delle; tem um forte antigo por de traz dos Palacios do Governador, em a ponta de uma ribanceira, em a concurrencia de dous rios que a cercam, um chamado Coty que desce do Leste, e outro chamado Abacanga, que desce do Sul, e ambos juntos em um desembocam em a bahia Tapuytapera, ou rio do Maranhão, ao longo de uma ponta que se chama ponta de João Dias, onde o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por ordem d'El-Rey Dom Pedro o 2°, de Gloriosa Memoria, fez edificar uma fortaleza real de pedra e cal no anno de 1692 e 1693, até se pôr em sua perfeição.

Não era a Cidade de S. Luiz cousa de consideração, se não mais que uma fortaleza cercada de um muro grosso para banda do Rio Mony que encerrava o Collegio, e por banda da rua ia fechando-se com um portão feito pelos primeiros conquista-

dores, com umas poucas de casas espalhadas por varias ruas pouco povoadas; mas depois da expulsão dos Hollandezes, foi crescendo pouco à pouco, tanto para o Este como para o Sul, que hoje é uma Cidade bastante, com mais de seiscentas familias, pela maior parte pobres, mas tão fecundas que os filhos podem servir para outra povoação; tem sua Matriz que Dom Gregorio dos Anjos, primeiro Bispo do Estado, quiz fosse a Sé do Bispado, alem da Sé posta na praça; tem a casa da Misericordia no cabo della. Ahi mesmo os Palacios do Governador, e Camara Nova com sua enxovia debaixo para a banda do mar; tem mais quatro casas de Religiosos, a saber: o Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, de Nossa Senhora da Luz, logo atraz da Sé, o Convento de Santo Antonio para o Leste sobre o rio Acothy, o Convento de Nossa Senhora do Carmo em um altozinho quasi no meio da Cidade, e por detraz delle á Oeste a egreja de S. João Baptista que o Governador Ruy Vaz de Siqueira mandou fazer á sua custa para os soldados. Finalmente para banda do Sul há o Convento de Nossa Senhora das Mercês, e mais para riba pelo rio de Abacanga, no Cabo da Cidade, toda pelo Sul, a ermida de Nossa Senhora do Desterro. São todas estas egrejas mui bellas, mas leva vantagem a todas as grandezas, pela sua estructura de pedra e cal, a egreja nova de Nossa Senhora da Luz com seu retabulo que o Padre João Felippe mandou fazer, correndo o Padre Diogo da Costa, Reitor, com as obras, com seus adjuntos o Irmão Manoel da Silva, e o Irmão Manoel Rodrigues, e a foram aperfeiçoando, o Padre Bento de Oliveira, e o Padre José Ferreira que me succederam no cargo, sendo Reitor do Collegio o Padre Antonio Coelho.

São os ares da Cidade de S. Luiz sadios e frescos pelas quasi continuas virações, é a terra bôa principalmente para tabacos e algodões, porem já cançada. Ha mattas virgens poucas, mas ainda com caça principalmente de veados, pacas, e cotias. As aguas são bôas mas poucas na Cidade, supposto que muitas mais por fóra della. Os mares e rios para perto com peixe miudo bastante abundante em todos os generos em os longes, assim para gastar fresco como para salgar; em uma palavra é a cidade do Maranhão avantajada, em o que toca a

peixe e carne e ao sustento da vida humana, sobre a Cidade de Belem em o Grampará, porque alem do já dito, tem carne fresca de vacca que cada semana se lhe corta a preço acommodado, vinda dos curraes de Tapuytapera, dos grandiosos pastos do Rio Meary; uma ou duas cousas lhe faltam, que são os escravos o embarcações do Reino; porem nada disso faltaria se se empregassem os moradores com diligencia em cuidar de algodões, tabaco, canna de assucar, urucú, e fabricar anil, ajuntar oleos preciosos e bellas madeiras, e cousas semelhantes de preço, que a terra liberalmente dá, sem fallar nas tintas tambem e crystaes que em seus arredores, conforme ouvi dizer, se descobrem.

A Capitania do bello rio de Itapecuru tinha nos annos atrazados a Villa de S. Jacob, porém agora não lhe fica senão a ermida meio arruinada nesse rio, e era povoada de bellos engenhos de assucar, com bons ares, boas terras para mantimentos, algodões, assucares; bòas aguas e com peixe, bons pastos acham-se juntos por esse rio, como tambem azeviche, em uma ribanceira por cima do sitio antigo de Vidal de Maciel, como me affirmou o Capitão Amaro Martins, que lá descobriu e tomou para trazel-o comsigo á Cidade.

Tem aquella Capitania sua Fortaleza renovada á custa do Capitão Mór João de Souza Salema e sua mulher Dona Isabel da Costa, isto em tempo do Governador Ignacio Coelho da Silva; sendo ella de tanto prestimo, fica hoje quasi desamparada de tudo pelas invasões dos Tapuyas, Uruatis, Cascaes, e outros que atemorizam de tal sorte os moradores, que não ha quem lá se atreva de parar. Sem embargo disso, fez o Padre João de Avellar fazer ajuda ainda de uma bella egreja de taipa a S. Miguel Archanjo, Orago daquella residencia dos padres Missionarios da Companhia, que lá assistem, ficando-lhes a aldêa de S. Gonçalo de visita.

A Capitania do Icatú, que se principiou pelo anno 1691, em tempo do Governador Arthur de Sá, tem sua villa, com egreja nova, tem vigario e Capitão Mór e uma aldêa por distante della chamada S. Jacob, por ter sido nome da aldêa de S. Jacob em Tapecurú, (por Icatú), onde as visitam os Missionarios e tambem o padre João de Avellar; está sita sobre o

rio Mony, com bons ares, bastantes aguas, bom peixe e caça, tem em riba dous engenhos, um de taboca, outro de taboca mirim, e outro por baixo, todos com boas terras para assucares, se não faltassem os escravos e tivessem quietação dos tapuyas, que continuamente os molestam.

Tem o rio do Mony crystaes, pedras preciosas e minas de prata, como me assegurou o capitão Amaro Martins, o qual acompanhando os mineiros mandados d'El-Rey Dom João o 4º, de Gloriosa Memoria, que pelas cabeceiras pescaram um diamante que foi estimado em tantos mil cruzados, e que em uma paragem onde estão dois penhascos a que chamão os dous carneiros acharam uma mina de prata, sem fallar em outra que se descobriu em taboca.

A Capitania do Rio Meary tem bons ares, e aguas com terras excellentes para cannaviaes e engenhos de assucar, como campinas de ricos pastos para curraes de gado vaccum, que lá se dá melhor que... porém é mui infestada de tapuyas do matto, que a cada passo dão nos escravos e brancos, tirando-lhes a vida ás frechadas, e por isso se vão pouco a pouco desamparando fóra do sitio onde os Reverendos Padres das Mercês tem uma residencia com tres ou quatro sugeitos. Não falta lá nem peixe nem carne, e são as marrecas sem numero em suas dilatadas campinas.

Defronte da cidade de S. Luiz, Capitania do Maranhão, está a Capitania de Tapuytapera, do donatario Francisco Coelho de Carvalho, que a deixou a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, seu filho; tem sua villa, chamada Santo Antonio de Alcantara, com sua Egreja de pedra e cal, e edificada do tempo do vigario geral, João Ferreira, tem mais sua camara, vigario, capitão mor e senado, é situada sobre um alto com bellos ares, boas aguas, terras fortes com seus engenhos de assucar, não falta caça, nem peixe, nem ostras, se ha quem o vá buscar; consta a villa de uns tresentos moradores pela maior parte pobres, a gente da Ilha, que vive do seu trabalho—só têm que mandar no barco que vai e vem á cidade do Maranhão, dando-lhe suas lavouras tudo quanto plantam nellas, e por esta rezão ha lá dous conventinhos, um de Nossa Senhora das Mer-

cês, outro de Nossa Senhora do Carmo, os quaes, tendo sido mandados demolir, forão outra vez restituidos em seu pristino ser por commissão de Sua Magestade El-Rei Dom Pedro o 2º, que os tinha mandado derribar ; nesta villa nunca houve casa da Companhia de Jesus, não porque a não desejassem muito os moradores della, offerecendo terras para esse fim, mas porque não houve fundação, nem modo de a poder lá sustentar; houve comtudo residencia na aldea de Serigippe pela terra dentro, em a qual assistia o Padre Matheus Delgado, e muitas vezes o convidaram os da villa para prégar em suas festas ; é o sitio desta villa mui aprazivel pela boa vista dos rios, montes e valles de seu arredor, em os quaes se acham umas salinas naturaes, que poderiam dar sal ao Estado todo, se houvesse quem tratasse dellas, como convém.

Umas sete para oito jornadas para a banda do Pará está a Capitania do Caethé, em o Donatario de M... de Mello. Chamou-se primeiro do Gurupy por lá estar a villa. Em meia aldêa tinham os Padres da Companhia de Jesus uma residencia de taipa de pilão, que parecia um conventinho, mas porque pareceu aos moradores que tinham poucas terras para mantimentos, mudaram a villa para o Caethé, sitio sadio de bons ares, mantimento, carne e peixe, mas não em aquella abundancia que em o Gurupy. Tem sua Igreja, Camara e Capitão Mór, e como são poucos os freguezes, e estes quasi todos pobres, não podem sustentar vigario e por isso lhes acode o Missionario da aldêa por caridade.

Segue-se para a mesma banda do Pará a Capitania de Jorge Gomes Alemó, mas como este quebrou no negocio por certas razões, achou o Governador Gomes Freire de Andrade que a villa da Vigia, que tinha mandado fazer, estava nas terras d'El-Rei, nem nunca teve aldêa, e consequentemente nem Missionario e a tirou delle; e parece nunca mais se tornou a pôr em pé, supposto que os moradores da villa gozam dos bons ares do mar, com seus peixes, ostras, caranguejos, e da fartura da terra pelo mantimento que produz em abundancia, estão sujeitos ao Pará, e o que lá tem de melhor é a Imagem Milagrosa de Nossa Senhora de Nazareth, que de todas as partes se

frequenta dos romeiros, que vão lá fazer suas romarias e novenas ; não fiz menção da aldeia de Maracanã, onde os Missionarios da Companhia tem sua residencia de S. Miguel, porque, como nella assiste de presente o Padre Diogo da Costa sem ter os indios, que El-Rey manda dar aos Missionarios pelo não querer dos que tem esta aldêa isenta das mais, para as salinas d'El-Rey, pilotos e serviço dos que governam e tem a seu cargo as salinas d'El-Rei, não entra na conta das mais, conforme me disse o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

CAPITULO 7°.

RELATAM-SE AS CAPITANIAS E MISSÕES DO PARÁ ATÉ Á CAPITANIA DO GURUPÁ, COM OS BENS QUE NELLAS SE ACHAM

Está a Cidade da Capitania de Belem distante da barra tres marés por um braço do celebrado rio das Amazonas acima, sita á margem delle em um altozinho trinta e cinço minutos para o Sul. Seu clima é assaz sadio, assim pela abertura do rio para banda do mar ao Norte, que dá lugar aos ventos de refrescar a terra, principalmente fóra dos mezes do inverno, como pelas frequentes chuvas que a regam pelo anno todo ; divide-se a Cidade em duas partes, uma para banda do Sul em sitio um pouco mais alto, e esta se chama Cidade, outra, em sitio um tanto mais baixo, se chama Campina. Para banda do Norte, bem no principio da Cidade, onde chamavam portão os antigos, está o Collegio de Santo Alexandre dos Padres da Companhia de Jesus, virado com a portaria para a praça assaz espaçosa. Della se reparte, Norte para o Sul, em quatro ruas principaes, e do Leste a Oeste em outras tantas que atravessam as primeiras. Está o Collegio no principio da terceira, tem a Matriz defronte, no cabo da praça para o Sul, entre a segunda e terceira rua ; no principio da primeira que está ao Norte, e corre Norte ao Sul, está a Fortaleza de taipa de pilão, sobre um alto de pedras, edificada em quadro, com suas peças de artilharia ao redor, tem o rio bem largo e fundo para Oeste, e no

mais cercada de muito poço secco. Correndo do Norte para o Sul pela primeira rua, occorre logo a ermida de Santo Christo, mais adeante Nossa Senhora do Rozario, e no cabo o convento dos Religiosos de Nossa Senhora do Carmo, sito bem sobre o rio; indo da mesma fortaleza, Norte e Sul, pela segunda rua logo se offerece em a praça a Casa da Camara. Pela terceira rua adeante, dá-se em o cabo com o Carmo novo que se vai fazendo, na ultima rua que atravessa a ermida de S. João, de Leste a Oeste, e de lá de Leste para Oeste, pela primeira rua que se atravessa, se dá com o Palacio do Governador, assaz grandioso se fôra de pedra e cal, e não de taipa de pilão. A parte que se chama campina se reparte pelo mesmo modo, pouco mais ou menos, em ruas direitas e travessas. A primeira vai do Collegio para o Norte tem legoa e meia, armazem d'el Rey, e depois, pelo meio, o convento de Nossa Senhora das Mercês sito bem sobre o rio. A segunda tem a campina e depois, á mão esquerda, a Misericordia, lá muito adeante e ao cabo de tudo está Santo Antonio. As ruas travessas não teem nada de consideração digno de se relatar sinão a Misericordia que pela banda do Norte tem, uma........ de lá ou pouco menos, a bella ermida de S. José, fundada por Hilario de Souza e sua mulher Maria de Siqueira, que por morte a deixaram aos Reverendos Padres Piedosos, que de novo tinham vindo por Missionarios. Tem a cidade pela banda de riba os rios Murutuçú, Guarapiranga, Mojú, e Acará, todos não tão fecundos em peixe, como em cannas de assucar, tabacos, cacauzeiros, urucuzeiros, que em suas terras se plantarem, como se vê nos engenhos e outras fabricas que por elles se acham. Não falta caça de porcos do matto, veados, cotias para o sustento dos moradores que os povôam; para banda de baixo, onde vão correndo para o mar, quanto mais se afastam as terras e rios tanto mais abundantes de peixe e farinhas, até a villa da Vigia, posta sobre as entradas do mar.

Era a cidade do Pará ainda em o anno de 1660 cousa mui limitada, porêm depois disso cresceo tanto em moradores e casas bellas, que agora se póde gloriar do titulo de cidade; se bem é mui pobre, não é isso por lhe faltar meios com que possa ser um dos mais ricos imperios do mundo, mas é por

falta de bom governo e industriados moradores, os quaes todos querem viver á lei da nobreza e serem servidos em o Pará, quando a mór parte delles em suas terras serviriam a outros, e quando menos a si mesmos; e como por esta sua soberba os castigue Deus tirando-lhes os escravos que lhe serviam, ficam pobres podendo ser abundantes em tudo, se deixada tanta ambição de honra que os mata, tratassem de servir os peões a nobreza, e quando menos a si mesmos para bem de suas familias. Todos até agora julgam a eleição do sitio da cidade do Pará um erro, e que muito melhor era se estivesse mais para o mar, onde ha bom porto, bôas terras, bons ares, melhores aguas. e abundancia de peixe e mariscos; mas isto já não tem remedio, principalmente estando já edificadas as egrejas e conventos, e mais edificadas as fortalezas, e ultimamente a de Nossa Senhora das Mercês que está á vista da cidade, feita de pedra e cal, para prohibir as entradas das embarcações dos inimigos.

Tem a Capitania do Pará duas residencias, uma para banda do mar em os Topinambás, cujos Missionarios acodem á aldêa Maguary e á aldêa Muribira, e acodiam tambem á aldêa de Joannes, antes de se a largar aos Missionarios de Santo Antonio, e outra para banda do forte, em Murtigurá, chamada S. João Baptista. Esta acode a todas as aldeotas daquella banda, e mais á aldêa do Guamá, todas aldêas de visita, que por limitadas não são capazes de sustentar Missionario, e quasi pelo anno todas estão sem indios por andarem continuamente divertidos em varias partes por onde os mandam os ministros d'El-Rei.

Varias vezes a esta aldêa do Guamá foram os pobres indios, sem nunca acharem logar para tratarem de sua salvação, por andarem quasi sempre divertidos por varias partes, fóra de suas casas, os missionarios incumbidos de vizital-os, e mal achavam quem os podesse doutrinar. E se deu que, com as bexigas do anno de 1695, falleceram muitos delles e querendo o governador Antonio Coelho de Albuquerque remediar esse damno, mandou para lá uns poucos de indios do sertão, dados por forros pelo padre João Felippe, por terem sido feitos escravos contra as leis do Reino, e pouco depois, neste anno de 1698, uns cem maraguazes, entre homens e mulheres, que,

por sua livre vontade, tinham vindo do sertão com Manoel de Passos, por não quererem mais acompanhar um tapaiùno José Lopes, natural do Cabo-Verde, o qual os tinha levado da aldêa dos *Abacaxis*, onde reside o padre João da Silva, por Missionario, com o irmão Antonio Rodrigues.

CAPITULO 8º.

DA CAPITANIA DE JOANNES PERTENCENTE AO DONATARIO

A' vista do Grampará, atravessando em canoa umas seis para sete legoas para a banda do Norte, por caudalosa concorrencia de rios que em grã parte descem com os braços e bocainas do rio das Amazonas, se dá com uma Ilha chamada Ilha Grande do Joannes, cujo donatario é Antonio de Souza de Macedo, fidalgo da cidade de Lisbôa. Tem, conforme dizem, trezentas legoas em redondo, e se reparte em varias ilhotas habitadas algumas della *de indios de lingua travada*. Na travessia do Pará a Joannes estão tambem varias ilhotas, das quaes uma chamada ilha Redonda á vista da cidade, em a qual melhor que em nenhuma parte estaria uma fortaleza para impedir aos inimigos a entrada que por junto della se faz. Para esse intento tem-se feito uma bella fortaleza de pedra e cal, em tempo do governo deste grande Antonio de Albuquerque, para banda da terra, e mais chegada para a cidade á custa da fazenda real, presidindo o capitão Luiz Vieira á sua fabrica e um... de madeiras correspondente para outra banda, á custa do capitão José D'Eça. Ambas têm suas peças cavalgadas para impedir com balas o caminho das náus. Tem a ilha de Joannes bons ares, bôas aguas, bôas terras e campinas de pastos, mas como por pouco frequentadas são asperas, e criam não sei que de peçonhento, não servem commummente para multiplicação de gados, por morrer muito nellas; tem comtudo assaz campinas, por uma banda, cheias de mangabeiras, que dão mangabas mui excellentes, e mais de jabutis, ou kagados, e suas mattas de caça de porcos selvagens, e veados, e varios outros animaes comestiveis, como tambem suas aguas e rios tão abundantes

em peixe, que nas praias delle se faz o pesqueiro d'El-Rei que com as salgas que faz de tainhas sustenta a cidade do Pará. São as terras desta ilha bôas para canna, e tabaco em algumas partes, como tambem para plantar cacauzeiros, os quaes em outras paragens della se dão mesmo por natureza, com grande proveito dos moradores della.

Já disse que a aldêa de Joannes, chamada Chipucu, em que moram os Sacacas, nos annos atrazados de vizita (e a vizitaram os nossos Missionarios dos Tupinambás, ou de murtigurá), agora, depois da repartição das missões, têm os Missionarios de Santo Antonio lá sua residencia perto da casa forte, que tambem lá se acha, e outra Aruans que para maior conveniencia
....

CAPITULO 9°.

DA CAPITANIA DO CAMETÁ

Trinta leguas da Cidade de Belem do Grampará, para o Sul, está sita a Capitania do Cametá, cujo Donatario primeiro foi Feliciano de Carvalho, pae de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, e avô do nosso Governador prezente, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Tem seu nome do rio que ahi entrou, e em os tempos passados foi de grande fama, assim por seus muitos moradores, como por ser alli aonde de ordinario se aprestavam as armadas quando haviam de fazer suas correrias, porem mudaram-se depois para outras partes, ficando lá a aldêa do Cametá povoada de indios da terra, com sua egrejazinha, a qual largaram os primeiros Padres que lhe assistiram e a tinha feito, servindo-se depois da egreja de S. João Baptista, freguezia dos Portuguezes, dos quaes ainda alguns poucos moravam pelos arredores com o seu Ouvidor da Capitania, até se mudarem para o sitio da Villa do Cumarú, onde em tempo presente tem sua freguezia de taipa de pilão, com o Padroeiro S. João Baptista que era da egreja velha do Cametá, em a qual estava enterrado Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, deante do Altar mór, bem no meio da Capella, onde se

desenterrou com missa solemne, que cantaram os Reverendos Religiosos das Mercês, estando os ossos postos em uma éça de junto com suas velas brancas, prégando eu, o Padre João Felippe, então subprior da Missão, assistindo a tudo os dous filhos do Governador, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o Capitão Mór do Pará, Paulo Martins Garro e outros á solennidade, depois da qual se levaram os ossos com grande adjunto ao Pará, e de lá em companhia do Governador para a egreja de S. Bartholomeu de Alcantara da Villa de S. Antonio de Alcantara ou Tapuytapera. Nessa aldea do Cametá assistiu primeiro o Padre Conego... Correia.........
e apoz elle os Padres da Companhia de Jesus, em residencia feita em quadra para clausura religiosa. Estes fizeram endireitar os ranchos novos dos indios de tal maneira ao longo do rio que pareciam uma Villa de Portuguezes, e assim durou até ás bexigas que descompuzeram tudo ; com poucos annos depois. veio Antonio de Carvalho assistir aos indios por ordem de seu pae, e mandou o Padre Manoel Nunes á residencia para.... onde assiste de prezente, ficando a aldêa do Cametá de visita, até que Antonio de Carvalho a mudasse para o Parijó, onde hoje está com nome de sitio, e tem egreja de taipa de pilão, e casa de Padres de taipa de mão.

A's espaldas do Cametá desemboca o rio dos Tocantins, ao longo do qual ha bôas terras, supposto que não tem bôas para tabaco baxo, que...... excellentes ares, aguas tão bôas que as de todos os rios são ricas para beber e cheias de varias castas de peixes, como tambem suas ilhas, mattas de caça, e castanhas para banda de riba onde tambem se faz cada anno a viração de uma grande multidão de tartarugas, as quaes supposto se acham pelas ilhas de todo o rio de frécha e covos, comtudo as que chamam de viração, principalmente se acham mais para as cabeceiras onde se vão buscar com tanto concurso de canôas e gente, que as canôas ás vezes passam de cincoenta e a gente de algumas mil pessôas, e vêm commummente providas todas de suas tartarugas que ajuntam em curraes á borda da agua quanto pode ser, servindo ahi de sustento pelo anno todo ou ao menos para a maior parte dello. Tem aquelle rio nome

de rico, como elle parece, sem algum encarecimento, como diz o Padre Christovão da Cunha na sua relação da Viagem do Quito; porém, ninguem conheceu seu cabedal senão sómente o Francez, que em algum tempo, conforme conta, navegava navios com terra que tirava de suas ribeiras, que levava para fora, para lá beneficial-a e enriquecer com ella, sem jamais atrever-se a mostrar aquelles thesouros aos barbaros que por alli habitavam, arreceiando-se que, vindo por esta noticia a fazer della a devida estimação, sem duvida por fim lhe haviam de embargar a pósse e não deixarem passar tantas riquezas.

Não ha de presente quem saiba que terra poderia ser esta de que os Francezes faziam tanto caso, salvo se é um barro branco que os naturaes chamam tabatinga, o qual posto de molho e passado por um panno, e depois bem cozido serve de tinta primeira aos estatuarios e aos pintores, em logar de gesso do Reino; mas esta tabatinga da qual as ribanceiras estão cheias, não é cousa de que se faça caso, e só se usa della para se caiar. Outros barros ha, uns amarellos e outros vermelhos, mas nem estes se estimam. Em as praias onde se faz a viração das tartarugas ha umas lages de pedra azul que lasca, e é esta casta da com que em Europa se cobrem as casas, porem nem ainda desta se faz caso ou estimação. Acham se tambem umas pedrinhas de varias côres em um riacho que ha no porto do caminho que tem para as terras dos Pugoris, e supposto que lá se achou já alguma de preço, ninguem se embaraça dellas, como nem dos crystaes que ha por dentro dos Pugoris; acham-se mais como acazo umas perolas nas Itans grandes, e estas por não serem bem redondas não se estimam. O que se pode estimar por aquelle rio são seus bons ares, bôas aguas e multidão de caça e peixe, principalmente de tainhas em certos tempos do anno, tantas que, de outra banda, em um sitio que chamam Marapata, andam em cardumes tão grandes que parecem uns formigueiros, e de qualquer modo que se pesquem logo se tomam em tanta quantidade que vêm as canoas carregadas dellas. As terras da Capitania do Camotá são excellentes para tabaco, mas já não tanto para canna, salvo em alguns sitios para riba; tinham suas mattas muito cravo, mas como se cortou e

não recresce si não mui devagar acha-se agora pouco, e este novo pela mór parte, e por isso tambem de menos estimação. Tem a Villa do Cumarú uns quarenta moradores pela maior parte pobres, tem seu Capitão Mór, sua Camara e pelourinho, Haveria mais vizinhos se as terras fossem mais fecundas. Haverá uns oito annos que se fez a Villa do Cumarú com tudo o mais, em tempo que Antonio de Carvalho e Albuquerque a governou com titulo de Capitão Mor, em quanto Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho governou o Estado todo, com o titulo de Governador e Capitão Geral delle, depois de ter sido Capitão Mór do Pará e, antes, da Capitania de Cametá, como filho legitimo de seu pai, como tal herdeiro de seus bens com seu irmão Francisco de Albuquerque, neste anno de 1698.

CAPITULO 10º.

DA CAPITANIA DO GURUPÁ E SEUS PRESTIMOS

E' a Capitania de Gurupá uma das Capitanias d'El Rei, que começa logo nos ultimos fins do Cametá; tem sua fortaleza em riba de uma ribanceira com uma plata-forma algum tanto mais abaixo sobre o rio com porto em o rio do Xingú e braço do das Amazonas em que este vem dar, é esta fortaleza de taipa de pilão e pedregulho, uma das mais antigas do Estado; tem seus Capitães que, supposto que na provisão não tem titulo maior, comtudo já pelo costume os chamam Capitães Maiores os quaes as governam, porque em este Estado o que servio algum posto da milicia fica com o nome por toda a vida, assim se foi Alferes, Capitão, ou Capitão Mór, sempre lhe dão todos sem nenhum reparo aquelle titulo. As terras não são más em algumas partes para banda da terra firme, que as ilhas que lhe pertencem não servem senão para se colher nellas muito bom cacáo, a razão de muitos cacaoeiros que por ellas se dão por natureza; os ares foram muito máus em os principios, mas perderam sua malignidade pouco a pouco, e muito mais depois de mandar o Capitão Mór Paulo Martins Garro derrubar por conselho meu, quando lhe assisti no anno de 1661, uma parte

do matto que impedia a viração da banda do mar. São as suas aguas barrentas, porém as que subministra um igarapé junto á fortaleza vindo da terra dentro, são excellentes e o peixe não falta a quem o manda buscar.

Tinha antigamente este sitio suas casas ao redor da fortaleza com seus moradores, alem dos soldados do presidio; porém hoje não tem mais que estes; havia tambem lá um conventinho de Nossa Senhora do Carmo, fabricado em quadro com uma egreja para banda do matto e as cellas para banda da fortaleza com uma bella varanda sobre o mar, e estava no meio do pateo uma larangeira de laranjas tão preciosas que nem em todo o Estado, e nenhures me parece as haveria melhores.

Tinha mais a fortaleza sua egreja de taipa de pilão, sita no meio do terreiro, a qual durou até hoje e durará até haver quem tenha devoção de fazer outra melhor.

Os Religiosos de Nossa Senhora do Carmo retiraram-se della desamparando tudo, por lhes não servir aquella assistencia para nada; mas á instancia de Manoel Guedes Aranha, Capitão-Mór, mandou Sua Magestade os Reverendos Padres Piedosos com ordem que lá se lhes fizesse o hospicio, para poderem assistir aos soldados do presidio, e juntamente acudirem ás suas missões que lhes couberam em repartição em o anno 1692; servem esses Religiosos de muita consolação assim na fortaleza, como aos que andam pelos sertões quando chegam doentes, ou de outro modo necessitados, porque lhe acodem com muita caridade, conforme a sua pobreza os ajuda; lá se curou e sarou o Capitão-Mór Hilario de Souza, vindo doente do Perú no anno 1697, e lá mesmo falleceu vindo com o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho do Rio Negro dos Abacaxis e rio da Madeira, que tinham ido visitar, e pagou-lhes Deus Nosso Senhor este acto de misericordia, porque assim elle com sua mulher Dona Maria de Siqueira Lhe deixaram a ermida do S. José com tudo que lhe pertencia, e seiscentos mil réis annuaes para maneio da dita ermida e suas pessoas, entregando para este effeito a roça com toda sua gente, casas e tudo o mais que tinha a um

administrador e assim a seus testamenteiros a obrigação de darem cada anno os seiscentos mil réis.

Tiveram os Padres Missionarios da Companhia pelo anno 1660 e 61 até o anno 63, residencia na Capitania do Gurupá em a aldêa de Tapará, donde visitaram a aldêa de Fortaleza chamada aldêa de S. Pedro, mas acabou com a expulsão daquelle tempo, e depois de restituidos ficou o Gurupá á conta do Missionario do Xingú que de lá vinha de tempo em tempo visitar a aldêa de S. Pedro com muito cuidado, acudindo em o mesmo tempo juntamente ás necessidades espirituaes dos Capitães-Móres, e soldados da dita Fortaleza, até á chegada dos Reverendos Padres Piedosos, por cuja conta corre de presente, como mais largamente se dirá em seu logar, contentando-me de dizer aqui que, sendo, Capitão-Mór Manoel Guedes o já incapaz de lá assistir por seus achaques e muita edade, largando o posto ao Capitão-Mór Pedro Pinheiro, seu parente, levantou este a fortaleza com seus baluartes ao redor, e poz sua proporção á sua custa, até fazer reboca-la toda ao redor.

CAPITULO 11°.

DA CAPITANIA DO NORTE OU DE BENTO MACIEL

Defronte da Capitania do Gurupá que é d'El-Rey, está de outra banda do rio das Amazonas a Capitania do Donatario Bento Maciel, chamada commumente Cabo do Norte. Corre esta Capitania pela costa até o rio Vicente Pinson, e para o Poente pelo rio a riba até por cima da aldêa de Gurupatiba, comprehende os Tucujus com suas aldeas, o rio Parú com as suas, e pelo rio das Amazonas para cima a aldêa do Jagoacuara, a aldêa de Urubuquara, e aldêa de Gurupatiba. Para parte do Norte tem a fortaleza do Macapá que o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho mandou fazer por ordem de Sua Magestade, já foi tomada uma vez pelos Francezes em o anno de 1697, com da o Parú, como depois se dirá mais largamente em seu logar.

Tem aquella paragem pelo igarapé dos Tucujus boas terras, mas muito máos ares, e pouco bôas aguas donde nasce, que sem embargo das virações do mar adoecem logo brancos e indios, dando-lhes umas febres com dôres de cabeça que lhes fazem lançar sangue.

Dos indios poucos escapam com vida. A causa deste ar pestilencial, dizem, nasce de uns lagos; as terras para dentro alem de serem bôas para mantimento, são tambem bôas para cannas, tabacos, e ferteis de muito cacáo, e podem-se estimar mais pelas campinas que tem, para muitos curraes de gado vaccum; não falta peixe nem caça para quem tem caçadores e pescadores, de sorte que só os máus ares, principalmente os do verão, são os que impedem a galhardia que delles se pode tirar.

O sitio do rio na fortaleza do Parú tem algum tanto melhores ares, mas não terras, se bem que pelo rio a dentro as tem mui bôas, tem muito peixe, caça, cacáo, salsa, castanhas e para essa banda do rio das Amazonas peixe e tartarugas em abundancia.

Em o principio do rio Parú esteve antigamente uma fortaleza chamada de Nossa Senhora do Desterro, esta fortaleza do Parú tambem já foi tomada neste anno 1697 pelos Francezes, porêm ambas foram restauradas pelo valor do famoso Capitão Manoel de Souza Fundão, honra dos Portuguezes e digno de eterna memoria. A aldêa de Gurupatuba ou Jogoaguara tem melhores ares e aguas não lhe faltam, nem caça e jabutys, mas tem poucas terras de mantimentos, e grandes campinas totalmente inuteis; em o monte alto que tem sobre o rio acha-se um bago amarello excellente, mas tirado se deve pôr de molho, e depois passar por um panno e ir pôr ao Sol para o ter perfeito, e depois disso fazendo-o queimar até ficar accezo, fica pardo e faz uma rica sombra como me mostrou o Padre João de Reis...... mathematico que foi de Sua Magestade Dom Pedro, quando lhe debuxou as fortalezas e Cidades de seu Reino.

Tem essa aldêa sido residencia dos Padres Missionarios da Companhia de Jesus, em a qual assistio primeiro o Padre Jo-

doco Pires, com o Padre Manoel da Silva por companheiro, e depois delle eu com o mesmo Padre Manoel da Silva, e fizemos umas casas de sobrado mui bellas, que fomos obrigados de deixar por não descerem os Aracajus, conforme tinham ficado; mudou-se esta aldea um tanto mais para riba, onde por informação minha e do outro Padre José Barreiros, uma nova residencia se fez, com egrejas e casas, mui bom..... mandando della ao Maranhão.

A aldêa de Urubuquara que está em um alto ao pé de um monte, que sobe a modo de um pão de assucar, tem bôas mas poucas terras, muito bôas aguas e ares melhores, muito peixe e tartarugas; nella fez o Padre José Barreiros uma nova residencia com egreja e casas, sendo eu subprior dessa aldêa, tendo pela terra dentro ao precioso páo de Ibirapinima uns dias de viagem por terra; uma jornada mais arriba está em um alto monte a aldêa de Gurupatuba, mais povoada que as outras, nella fizemos, eu e o Padre Antonio da Silva, residencia e a par de nós o Padre João Carlos, melhor, e a par delle o Padre Manoel da Costa, ainda muito melhor. Tem ares moderadamente bons, aguas excellentes, carne, peixe e tartarugas em abundancia, mas não tanto nem tão bôas terras, e de lá tambem se vae pela terra a dentro ao páo de Ibirapinima. Tem riquissima vista por todas as partes, para banda do Norte, e descobre bellos altibaixos com rochedos altos, os quaes uns e outros tempos dão estalos, signaes de algum mineral. No valle corre uma ribeira em a qual se acham umas pedrinhas lindas, e algumas dellas de preço, e refere o Padre Christovão da Cunha que vindo de Quito com os Portuguezes lhe disseram os indios, que pela terra dentro por um igarapé ou rio chamado Iriquiriqui seis dias de viagem, acharam grande quantidade de ouro pela praia de um regato ou rio pequeno, que passa ao pé de uma serra chamada Jaguaracurú, e perto desta havia outro sitio que chamavam Picurú, onde acharam um metal branco do qual faziam machados que logo se esbotavam com o uzo. Eu lá estive, Missionario e assaz curioso, mas nunca me lembrei disso para perguntar pela verdade; só digo que como por aquella banda ha multidão de outeiros pouco povoados de

arvores grandes, me parece, não poderá faltar algum mineral do que se descobriu nestes annos.

Para banda do Sul se descobre o rio das Amazonas, com muitos altos mui vistosos; para banda do Leste, tambem se offerece parte do rio e altos montes, e para banda do Oeste ou Poente occorre logo um matto com duas pedras mui grandes para altas e largas, das quaes uma é em forma de arco, outra macissa toda, com um Sol entalhado nella, e como não achei quem me desse razão destas pedras, presumi commigo que seriam os marcos da Capitania por aquella parte; logo ao pé deste alto correm por grandes espaços para baixo e á riba, bellas e vistosas campinas para gado vaccum; si se podessem limpar das cobras e bichos peçonhentos; estas no inverno se alagam em parte, e pelo verão se queimam todas, durando o fogo algum mez e mais em que se destroe toda a immundicie que nellas ha, servindo a terra em certas paragens para os indios plantarem nellas seus milhos, tirando mais outro proveito que é, secando os lagos, terem quanto peixe querem homens e mulheres, meninos e meninas, pondo uns cestos virados sobre elles sendo pequenos, ou fechando-os sendo peixe maior, que trasbordando o rio sae de toda a casta para os lagos onde fica, por se não retirar a tempo quantidade delle; só os peixes bois que os ha muitos pelos rios das Amazonas, não sahem commumente para os lagos, mas ficam nos igarapés maiores que têm hervas pelos bordos, porque estas são seu pasto ordinario, e mais gostoso; uma causa de muita molestia nesta aldêa são os mosquitos que desde as Ave-Maria da tarde perseguem até a manhã; mas fazendo-se casas de mosquitos que se fecham ao pôr e antes de se levantar o Sol, não se abrem senão muito depressa, tornando-se a fechar do mesmo modo, não dá muita molestia.

Esta aldêa pertence hoje aos Reverendos Padres Piedosos que lá assistem, tratando de ensinar aos meninos a lingua portugueza, para com isso se poderem bem doutrinar, depois elles a seus filhos, visto não terem noticia de sua lingua por não a ensinarem seus pais, aos quaes acodem por interpretes no melhor modo que lhes é possivel, e lhes supprem seu grande zelo e caridade que têm pela salvação de suas almas.

CAPITULO 12º

DÁ-SE BREVE NOTICIA DAS MAIS TERRAS ONDE HA RESIDENCIA DA COMPANHIA DE JESUS ATÉ A ULTIMA DELLAS

Como quer que com a repartição das Missões ficaram as da banda do sul dos Missionarios da Companhia do Jesus, e as para banda do Norte dos Religiosos de Santo Antonio e dos Reverendos Piedosos, dos Religiosos de Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora do Carmo, tratarei primeiro das da Companhia de Jesus.

As primeiras terras que seguem para riba da Capitania do Gurupá para banda do Sul, são as do bello rio do Xingú que os Indios tambem chamam Paranayba. Nestas esteve sempre residencia nossa até o prezente; são as terras bôas para tudo se não houvesse a praga das formigas, e sem embargo disso são ricas para tabaco. Seus ares são sadios, suas aguas até as do mesmo rio excellentes, por descerem por cachoeiras e arêas, assim da banda do Tacoanhapes, como da banda dos Jurunas, não falta caça e mel em seus mattos, nem peixe em seus rios, alem de bôas tartarugas em seu tempo; tem aquella residencia, chamada de São João, tres aldêas de sua banda, e os Coanizes de outra banda do rio, com muita gentilidade de Tacoanhapes, Jurunas, e outras nações, entre as quaes são umas vinte aldèas de Curubares da lingua geral, que o Padre João Maria tratou muito de descer para a banda do Xingú, antes de se mudar para a residencia dos Tapajoz. Deus o ajude na empreza visto ir outra vez feito Missionario da residencia do Xingú.

Umas cinco jornadas para cima ha o rio e terra dos Tapajoz, onde tambem ha a residencia de Nossa Senhora da Conceição em passagem. Assiste depois o Padre João Maria, de edade de setenta e um annos, e vinte e oito da Missão, o Padre Manoel Rabello vindo do Maranhão. Aqui havia uma populosissima aldêa onde aquelle rio desemboca em o das Amazonas com outras muitas pela terra dentro; mas tudo se tem destruido pela muita cobiça dos moradores brancos do Estado.

Mandou Sua Magestade fazer lá uma fortaleza em tempo do Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, começou e vai acabando o seu Capitão mór Manoel da Motta, cujo o pai falleceo na empreza; está sita a dita fortaleza em um outeiro alto que eu mandei roçar no anno 1661, quando o Padre Antonio Vieira, visitador da missão, me tinha mandado para lá por primeiro Missionario de accento, para o Rio das Amazonas e Tapajoz; são bôas terras para mantimentos, principalmente para milho e tabaco, os seus ares já não são tão máus como d'antes eram. Bebe-se agua do rio a qual assentada não faz mal, não falta caça por seus mattos, que até coelhos, pombos e patos cá se acham; os rios abundam em peixe, até peixes bois e tartarugas. E' paragem muito aprazivel, e tratou Sua Magestade El-Rei Dom Pedro de vêr se lá se podia fazer Villa e Collegio da Companhia de Jesus.

Umas cinco jornadas pouco mais ou menos pelo rio das Amazonas acima estão os Tupinambaranas. Estes estavam em uma ponta alta sobre o rio, onde em 1669, quando lá os foram vizitar em minha companhia o Padre Pedro Luiz Glui e o Irmão Domingos da Costa; mas pela grande praga dos mosquitos mudaram-se uma jornada pouco mais pela terra dentro sobre um bello lago ou rio que vindo parte dos Andirazes, parte do rio das Amazonas, vai dar pelos Curiatós; aqui fizeram sua aldêa que o padre Antonio da Fonseca, primeiro Missionario de accento, mudou mais para riba, e acrescentou com indios novos chamados *Pataruanas*, fazendo sua residencia com egreja e casas de Santo Ignacio. Tem bella vista, bons ares, bôas aguas em comparação de outras, bôas terras para mantimento, boas mattas para caça e fructas, e boas paragens para peixe e tartarugas, desta residencia se não vizitou os Andirazes, pela banda de riba, e os Curiatós para a banda de baixo; em ambos os sertões, principalmente nos dos Curiatós não falta gentio. Têm os Andirazes em seus mattos uma fructinha que chamam *guaraná*, a qual seccam e depois pisam, fazendo della umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de agua bebida, dá tão grandes forças, que indo os indios á caça, um dia

até outro, não têm fome, alem do que faz urinar, tira febres e dôres de cabeça e caimbras. Do prestimo que tem para provocar urina me consta; do mais não sei de certo se não pelo que commumente ouço dizer. O principal dos Tupinambaranas é João Cumarú, indio afamado nas guerras, e por essa razão feito Capitão Mór dos seus, mas já de muita edade, e morreu-lhe sua gente quasi toda e após ella tambem elle falleceu.

Navegando umas duas para tres jornadas por um igarapé acima chega-se aos Maguazes, em cuja terra mandou o Padre Subprior José Ferreira fazer residencia em o anno 1696. Para lá foi por primeiro Missionario o Padre José Barreiros com seu Irmão Secular, mas como depois de lá assistir por tempo de um anno pouco mais ou menos, adoeceu, veiu-se por doente para baixo; estão os Maguazes sobre um lago em terras mui doentias, e apartados em tres aldêas, tão pouco distantes que todos os indios poderiam vir facilmente ouvir missa e assistir á doutrina, em a do meio, onde estava o Padre Missionario. Não tem aquella paragem nada de bom nas terras, aguas e ares, só uma cousa tem de bom: em os arredores ha varias nações que se podem reduzir á Nossa Santa Fé, indo domesticando pouco a pouco. Neste anno 1698 mandou o Padre Subprior José Ferreira ao padre Antonio Gomes, mas elle ficara em Xingú em quanto lhe não ia Companheiro e tendo-se-lhe destinado o Irmão Geraldo Ribeiro foi-se para lá.

Finalmente uns tres para quatro dias mais á riba está a aldêa dos Abacaxis, a qual é bem povoada de indios; está perto da bocaina do rio da Madeira, cuja residencia que havia nos *Iruris* se deixou por muito doentia; nesta aldêa no anno 1696, mandou tambem o padre Subprior José Ferreira fazer rezidencia, sendo o primeiro Missionario della o padre João da Silva, natural do Maranhão, depois de vêr uma prenda rica restaurada do Pará; bom sitio, aprazivel, bôas terras, bons ares, muita caça e peixe.

Teve o Capitão Mór do Pará, Hilario de Souza, lá um Tapanhuno chamado José Lopes para feitor de seus negocios, assim para cravo, como para cacáo, e escravos por aquellas bandas, e este ajudado de outro Tapanhuno escravo do Capitão

Mór Manoel Guedes ; mas como já ambos lá estão escusados, depois da morte de Hilario de Souza se tiraram de lá, e ficava lá o Padre João da Silva com seu companheiro Antonio Rodrigues que o Padre Subprior lhe deu depois de vir doente para o Pará; será essa residencia uma das melhores de todas as mais que têm os Padres da Companhia em o Estado todo ; não vou mais por deante daquella banda do Sul, que de presente nos foi apartada para nossas missões d'El-Rey Dom Pedro nosso senhor, porque se bem se pode estender até a aldêa do Ouro o ultimo termo do Estado do Maranhão para banda do Ponente, comtudo, como nunca houve por ahi missões, deixarei de fallar em aquellas terras, porque quero antes acabar de fallar em as terras onde, dantes de repartirem, tinhamos direito e residencias.

Para banda do Norte até o rio Negro, onde com a repartição do anno de 1693 se concederam as mais missões, só accrescento aqui que neste anno 1698, sendo vindo o Padre João da Silva para baixo com seu companheiro, como se não deram as aldêas mais para baixo em sitio muito melhor, veio nisso o Padre Subprior, e mandou com elle o Padre Domingos Macedo para fazerem nova residencia um pouco mais para acima.

Já disse que os Padres Piedosos tinham residencia sua em Gurupatuba onde a tinhamos nós ; agora accrescento que tambem tem outra nos Jamundázes que nos pertenciam de visita ; estão os Jamundázes sobre o rio do mesmo nome, mui bello e aprazivel, entre oitoirinhos de uma e outra banda, com terras, caça e peixe bastante, porém com ares menos sadios.

Segue-se umas jornadas para cima o rio dos Urubús, onde assistiu o Padre Frei Theodosio Mercenario com licença nossa, e agora assiste como missão que coube á sua Religião em repartição. Lá estive uns sete dias de visita, e o que posso dizer das terras daquelle rio é serem em tudo meãs e terem muita gentilidade com as minas de ouro e prata, de que falarei depois.

Umas jornadas para cima, sobre o rio das Amazonas, fica a aldêa de Matary, para a qual mandei o Padre Aluizio Conrado em o mesmo tempo em que mandei fazer residencia

no Rio Negro pelo Padre João Justo ; ambos elles lá assistiram por algum tempo, mas não continuaram por estarem obrigados a retirarem-se por adoecerem de umas doenças mortaes. Tem aquella banda bòas terras, bôas aguas, peixe e carne para passar a vida, mas menos bons ares para os brancos ; e como foram dadas estas missões aos Padres de Nossa Senhora do Carmo, e as de Urubús aos de Nossa Senhora das Mercês, largamol-as a elles, e descemos para os Abacaxis, sendo dantes a ultima dellas o famoso rio Negro que vai dar no Orinoco, e finalmente nas celebradas ilhas da Trindade. Com isso ponho fim em falar nas Capitanias e mais terras do Estado, em que ha missões neste anno 1698, que dos mais onde os poderá haver pelo tempo adeante, tratarei, quando referir a ida dos Portuguezes para Quito, e a volta delles para o Pará com o Padre Christovão da Cunha, de cuja fiel relação tirarei o que dellas se pode dizer com verdade. Contento-me de accrescentar aqui que, como as Missões da Companhia correm da banda do Sul para riba até a aldêa do Ouro, ultimo termo dellas, fica logar para algumas residencias das melhores que haverá em toda a missão, porque como as terras daquella banda têm ribanceiras altas com terras ferteis e muita gentilidade, assim sobre o rio como pela terra dentro, não podem deixar de dar logar a grandes bellissimas missões para os Missionarios mais fervorosos e valentes darem campo largo a seu crystalino zelo da salvação das almas, que só vieram buscar neste Estado.

CAPITULO 13°

RELATA-SE A PRIMEIRA MISSÃO QUE, EM O ANNO DE 1607, FIZERAM PARA AS TERRAS DO ESTADO DO MARANHÃO O PADRE FRANCISCO PINTO E SEU COMPANHEIRO O PADRE LUIZ FIGUEIRA, COM A GLORIOSA MORTE, QUE O PADRE FRANCISCO PINTO ACHOU NAS SERRAS DE IBIAPABA.

Antes que se descobrisse e povoasse a ilha do Maranhão pelos Francezes, considerando os primeiros Padres da Companhia de Jesus, Missionarios do Brazil, a grande multidão de gentilidade que havia por toda aquella conquista da Corôa de Portu-

gal, sepultada em as trevas da ignorancia de Deus e das cousas de sua salvação, desde o rio de La Plata, primeiro limite della nesta America, até o rio de Vicente Pinson, ultimo limite della, e como a isto viam que iam acudindo pela banda do rio de La Plata, resolveram-se tambem de acudir para banda do Norte, e consultado com Deus Nosso Senhor este tão importante negocio, determinaram finalmente pôr por obra o seu bom intento. Para este fim elegeram dous Padres Sacerdotes do Collegio de Pernambuco, a saber: o Padre Francisco Pinto, sacerdote antigo e mui zeloso das bandas da Bahia, e já de edade de cincoenta annos, a quem o veneravel Padre José de Anchieta tinha curado milagrosamente de uma doença mortal, dizendo-lhe se levantasse porque o esperavam ainda muitos trabalhos, que por amor de Deus havia padecer antes de se assentar na mesa celestial, e o Padre Luiz Figueira, não de menos annos, mas favorecendo-o o céo de muitas graças e dons naturaes, raros talentos e grandes letras.

Convidou o Padre Provincial Fernão Cardim esses dous zelosissimos Varões, os quaes, ajudados do Governador do Brazil, partiram de Pernambuco no mez de janeiro do anno 1607; começaram sua viagem por mar, e a continuaram até Jaguaryba, e de lá proseguiram a pé por terra acompanhados de uns poucos de indios, dos quaes alguns eram da mesma nação que elles iam buscar de sua primeira tenção. Não se viram caminhos mais incommodos e asperos que estes por onde caminhavam, por estarem cheios de aguas e lodo e assim se acharam obrigados a passal-os a pé, mas com grandissima molestia sua por caminharem em tempo de inverno.

Os montes eram tão ingremes e cheios de arvoredos e espinhos, que não apparecia minimo signal de caminho, e havia por todas as partes mattas tão fechadas, que não era possivel dar um passo por deante sem primeiro abrir-se caminho á força de braços, de facas e machados.

E no tocante ao sustento necessario para a vida, havia tão grande falta delle, que ás mais das vezes se achavam obrigados a passar com umas poucas de hervas. Tendo lidado desta sorte por espaço de um anno, então com tanta difficuldade,

que depois de cem legoas de caminho deram finalmente com as serras de Ibiapaba abaixo do Ceará, quasi cem legoas para banda do Maranhão; mas chegados ao gentio que era o que iam buscar, acharam estava cercada de outro gentio bravo e cruel, não só com os forasteiros, mas ainda pelos seus vizinhos mais chegados. Mandaram os Padres repetidas vezes alguns indios daquelles que os acompanhavam, para vêr se por meio de dadivas os podiam abrandar e fazer amigos, mas acharam ser tudo debalde. Passaram logo aos segundos algum tanto mais afastados, dos quaes foram recebidos como dos primeiros, sem se lhes dar sequer uma boa resposta. Juntaram finalmente os do passo terceiro, e destes foram recebidos peor que de todos os mais, porque não se contentaram com engeitar os presentes que lhes mandavam, mas mataram tambem aos portadores delles, escapando sómente um mancebo de dezoito annos para lhes servir de guia a buscar e matar os pobres Padres. Estavam estes tratando com os que os acompanhavam, porque viam poderia chegar a nação que buscavam, quando viram uma multidão de barbaros, que ás frechadas acommettiam seus indios, e iam endireitando com a choupana do Padre Francisco Pinto, o qual se tinha retirado para rezar o officio divino. Sahiu a aquelle estrondo o Santo Sacerdote Missionario, e com palavras brandas tratou de aquietar a sua embravecida furia, e até os indios Christãos se lhes oppuzeram gritando em voz alta que aquelle Padre era Homem Santo, vindo não mais que para lhes ensinar a verdade e caminho do Céo; mas elles, mais que nunca embravecidos, respondendo que não esperavam bens nenhuns, mataram primeiro um indio christão, que mais animoso que seus companheiros se lhes tinha opposto para defender ao Padre como seu bom Mestre, e logo depois investindo com furor e crueldade diabolica contra o servo de Deus lhe deram repetidos golpes com suas ybirassangas, que são uns páus duros, largos e compridos, na cabeça, até que lh'a amassaram toda e lhe deram uma morte muito cruel, aos onze de Janeiro de 1608, justamente em o termo ultimo do anno daquella sua gloriosa missão para banda do Ceará e serras de Ibiapaba. Não estava lá o Padre Luiz Figueira, que teria sem duvida tambem sido participante da-

quella mesma sorte, se, avisado do que se passava, se não tivesse retirado em os mattos ahi chegados, em os quaes defendido da Providencia Divina esteve escondido aos olhos dos barbaros Tabajaras, que por algum espaço de tempo andaram em busca delle para tambem lhe tirarem a vida, até que desesperados de o poderem achar descarregaram o resto de sua maldade em os Ornamentos que os Padres traziam comsigo para dizerem Missa, e com isto satisfeitos de sua victoria e despojos se foram embora. Com isto teve o Padre Luiz Figueira logar de ajuntar o seu rebanho que andava espalhado com o medo da morte, e de ir ao sitio daquelle ditoso sacrificio, onde estava o corpo estendido no chão, a cabeça toda feita em pedaços e todo enlamado e banhado em seu sangue. Lavaram-no muito bem e depois de lavado lhe deram sepultura ao pé do monte, porque não lhes dava o tempo em que se achavam logar para mais, só levaram comsigo um desses páus ou ybirassangas como os chamam os com que matam, com o qual tinha sido quebrada aquella sagrada cabeça, todo ensanguentado que até ao dia de hoje se guarda com muita veneração, e lembrança eterna no Collegio da Bahia de Todos os Santos. Este foi o fim daquella gloriosa missão deste valorosissimo soldado de Christo para banda do Ceará e serras de Ibiapaba, em as quaes moram os Tabajaras, em cuja busca ia este primeiro Missionario da gentilidade do Estado do Maranhão ; e esta foi tambem a feliz morte que tantos annos antes lhe tinha prophetizado o Veneravel Padre José de Anchieta, quando milagrosamente lhe deu saude, dizendo-lhe que outro genero de morte o esperava. Eis finalmente o glorioso principio das missões dos Missionarios da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, pois a missão da serra do Ibiapaba é uma das contidas dentro dos limites da Capitania dita do Maranhão. Deixou a Providencia de Deus vivo o Padre Luiz Figueira, companheiro do Padre Francisco Pinto, para ter dahi por deante um martyrio mais prolongado, quando veiu fundar a cidade de S. Luiz, cabeça do Estado, com um Padre que o acompanhava em seus trabalhos. Deste tão bom e glorioso principio se podem facilmente colher os grandes progressos que hão de ter estes Missionarios, porque diz Christo

que se o grão lançado á terra vier a nascer ha de dar abundante fructo. O Padre Pinto nasceu na ilha Terceira, na Cidade de Angra.

CAPITULO 14°

DÁ-SE NOTICIA DA CHEGADA DO PADRE LUIZ FIGUEIRA AO MARANHÃO, E DO QUE SE OBROU EM AQUELLES PRIMEIROS PRINCIPIOS, DO CAPITÃO-MÓR ALEXANDRE DE MOURA EM A ERA DE 1615 OU 1614.

Veiu de Pernambuco Alexandre de Moura, mandado de Gaspar de Souza, Governador da dita Cidade, por Capitão Mór do Maranhão, trouxe em sua companhia tres Padres: o Padre Luiz Figueira, o Padre Lopo do Couto e o Padre Bento Amado com uns duzentos Indios, para por meio delles ganhar os animos dos da ilha, para serem amigos dos Portuguezes. Eram esses Indios de lingua geral, vassallos do principal Gregorio Migtagoaya, pae do Principal moderno Lazaro Pinto que lhe succedeu no governo por seu fallecimento. Logo que Alexandre de Moura saltou em terra, e tomou posse do seu governo como primeiro Capitão Mor daquella Capitania, sabendo os primeiros conquistadores que trazia poderes dados em nome de Sua Magestade por Gaspar de Souza, Governador de Pernambuco, que o mandara para dar terras de data e sesmaria, metteram cada qual sua petição em que pediam terras e chãos para suas moradas e lavouras. O Padre Luiz Figueira, supposto não pedisse terras para lavouras, pediu chãos para morar; concederam-se-lhe quarenta braças *em quadra*, dentro das quaes se fundou o depois Collegio de Nossa Senhora da Luz, e tudo o mais, tiradas as quarenta braças que chegam até o mar, se comprou e pagou sem se ficar a dever um só vintem; isto ponho aqui, porque vi os papeis com meus olhos, e fui eu mesmo comprador de varios chãos que estavam ao redor de nosso Collegio. Não pedia o Padre Luiz Figueira terras para lavouras, porque um certo Pero Dias Moreno artilheiro, e sua mulher Appolonia Bustamante, cigana, nos deram as em que temos nossos roçados em o sitio de Anindiba; estes nossos bemfeitores traziam de Pernambuco ordem do Gover-

nador Gaspar de Souza para se lhes dar uma legua de terra em quadra dentro da ilha do Maranhão, na paragem que elles mesmos escolhessem, e por esta razão logo que saltaram em terra para banda da ermida de S. José onde havia a casa forte de Itaparica, pediram que ahi mesmo se lhes desse sua legoa de terra, a qual se lhes concedeo de Carnapió, que estava em Ianiparana, a leste para a banda de Pinaré, a Oeste para Mocajutiba, e assim do mais para as outras bandas, como consta de nossa carta de data nova e confirmação da primeira. Tomaram logo posse de suas terras, e marcaram nellas para banda do pé do monte de S. José, e como depois de algum tempo fizeram ambos doação dellas para o bem de suas almas aos Padres da Companhia de Jesus, e quizeram que o Padre Luiz Figueira as mandasse demarcar, demarcaram-se por publica autoridade, assistindo à demarcação o mesmo Padre com muitos brancos e indios chamados por testemunhas, assistindo tambem o principal Gregorio Migtagoaya, com outros velhos, que ainda alcancei no anno 1663, no Maranhão.

Constava a ilha do Maranhão em aquelles principios de muitas aldêas, como já dito fica acima, e como eram todas povoadas de indios de lingua geral, na qual o Padre Luiz Figueira era um cicerão e mestre da arte, que della compoz para lhes poder acudir, tratou de pôr uma rocinha bem no meio dellas na paragem chamada Indiba, pondo naquelles primeiros principios a casa, assim nossa como a dos indios que nos pertenciam, no alto que ha antes de descer para a ribeira que corre ao pé della; mas a mudou depois o Padre Matheus Delgado com casa e tudo para o sitio onde hoje está, por quanto uns vapores que se levantam de uma lagoa que no anno 1689 mandei desaguar pelo Irmão Manoel Rodrigues, causam grandes doenças na gente della; e havia tambem lá perto um tanto atraz, pelo mesmo alto uma aldêa chamada S. João, a qual tambem se tirou.

Emquanto os Padres tratavam moderadamente do sustento da vida temporal, e tratavam incansavelmente da salvação de brancos e indios com infatigavel zelo, acudindo ás necessidades de todos assim sãos, como vivos, e si bem eram poucos no nu-

mero, e não muitos na virtude eram semelhantes em aquillo aos mysteriosos animaes........ do Ecclesiastico que professam pelo Carro da Gloria do Senhor, tendo cada um delles nisto ....de muitos para exercitarem todas as funcções costumadas na Companhia, assim na cidade onde comummente assistiam com muita aceitação, como fóra della onde tinham suas missões, tinham em aquelle tempo um Irmão, cujo nome se não sabe, e admittiu o Padre Luiz Figueira um outro chamado João Soares Avila ; mas este não perseverou, foi-se com seu Irmão Paulo Soares, Capitão Mór da Fortaleza do Gurupá, feito Sargento Mór della.

CAPITULO 15º

DESCOBERTO JA' O GRÃOPARA' VEM GOVERNAR AQUELLA CAPITANIA BENTO MACIEL PARENTE COMO CAPITÃO MOR DELLA, PONDO OS INDIOS EM QUIETAÇÃO COM CASTIGOS QUE MANDA DAR A SEUS PRINCIPAES.

Logo que o Capitão Mor Alexandre de Moura teve noticia do grande rio das Amazonas, mandou a Francisco Caldeira ao descobrimento delle. Este pondo-se em caminho por mar chegou aos tres de novembro, ao porto principal do Pará no dia de S. Francisco Xavier, e achando aquelle logar acommodado para fortaleza e povoação, fez um e outro, chamando á cidade de Nossa Senhora de Belém, e de lá se foi estendendo até o Gurupá, onde se fez outra fortaleza, e com povoação de alguns brancos que lá assistiam ; alem do presidio dos soldados necessarios para sua defesa, dados estes principios da banda do Pará e Gurupá, logo chegou uns annos depois, na era de 1618, de mandado de Pernambuco, Bento Maciel Parente com duzentos soldados em sua companhia e quatrocentos indios ; e como achou os indios do Estado estarem amotinados entre si contra os Portuguezes tendo reforçado a Capitania do Maranhão com bastante presidio, tratou de os castigar para reduzil-os a sua obrigação ; os indios da Capitania do Maranhão tinham morto trinta homens de um forte, que os primeiros conquis-

tadores tinham feito em Tapuytapera, e os do Pará tinham morto quatorze homens de uma lancha que acommetteram, sendo tambem culpados d'outras rebeldias semelhantes. Ora, Bento Maciel tomou uma heroica satisfação de todos elles o poz tudo em paz, como soube por uma pessoa de sua confiança que todo o gentio havia passado palavra entre si de se levantar em a Semana Santa na noite de quinta-feira das Endoenças, para Sexta, contra os Portuguezes para matal-os e não deixarem vestigio delles; antecipou seus atraiçoados visinhos fazendo chamar todos os Principaes, e recolhidos em uma casa forte, em um dia justiçou a vinte e quatro, pondo uns em boca das peças e fazendo-os vôar pelos ares e castigando todos os mais com supplicios de mortes, com que se desanimaram seus parentes todos, e ficou tudo com bella paz; com isso tendo tomado posse de sua Capitania do Grampará como valente Capitão, depois de sugeitos os Indios, começou a se entender com os Hollandezes que moravam no cabo do Norte, e pela costa do mar daquellas bandas. E em todos os annos que o Estado foi governado pelos dous Capitães Móres não se sabe do que obraram os Padres mais que, não satisfeitos de ensinarem e prégarem na Cidade e acudirem a todas as suas necessidades, sahiram pelas aldêas administrando os Sacramentos aos indios dellas, principalmente a aldêa que estava em Ianiparana com o nome de Ianiparana, por uma banda, e Carnapió por outra ou Carnapió em Ianiparana, onde tinham uma egreja dedicada a S. João Baptista, em a qual domingos e festas diziam missa a brancos e indios que para ella concorriam como me relatou uma pessoa fidedigna, assim por sua muita edade, como sua muita religião, sendo Portuguez de nação e christão velho de todos os quatro costados.

TITULO 2º.

DO QUE OBRARAM OS PADRES MISSIONARIOS, EM TEMPO DO GOVERNO DO PRIMEIRO GOVERNADOR DO ESTADO, E DO SEGUNDO EM QUE SE FEZ A VIAGEM PARA QUITO, E DO TERCEIRO EM QUE OS HOLLANDEZES TOMARAM O MARANHÃO.

CAPITULO 1º.

EDIFICA O PADRE LUIZ FIGUEIRA O COLLEGIO DE NOSSA SENHORA DA LUZ

Tendo Alexandre de Moura governado dous annos a capitania do Maranhão, chegou Bento Maciel por Governador da Capitania do Pará no anno 1618, e depois de estar o governo oito annos nas mãos dos Capitães Mores, chegou finalmente no anno de 1629 Francisco Coelho de Carvalho por primeiro governador de todo o Estado que governou treze annos.

Em os primeiros annos de seu governo, offereceram os moradores suas petições para confirmação das datas de terras, que lhes tinha concedido o Capitão Mor Alexandre de Moura; e o Padre Luiz Figueira tambem pediu confirmação e nova data da legua de terra em quadra já demarcada, que seus bemfeitores lhe tinham dado de esmola. Deu-se-lhe carta de data, como pedia.

Pouco depois começaram os religiosos a edificar seus conventos, tirados os Reverendos Padres Mercenarios, que ainda não estavam no Estado, e o Padre Luiz Figueira tambem edificou então com a ajuda dos vassallos do Principal Gregorio Migtagoaya, o Collegio e ermida velha, que edificou á Nossa Senhora da Luz, todo de pedra e cal, em o sitio em que se vê de presente o Collegio muito acrescentado, e o logar da Ermida que mandei derribar no anno 1692, para com a mesma pedra fazer-se a Capella mor da egreja nova da mesma invocação; mandou tirar a pedra de uma pedreira pedida e dada, por de traz das casas de Agostinho Corrêa, para banda da fonte das

pedras e taboado do Collegio ; começaram os Padres com muito mais fervor os costumados exercicios da Companhia de Jesus, como são: ensinar doutrina, confessar e prégar.

Em tempo do governo do mesmo Governador Francisco Coelho de Carvalho, veiu o Hollandez e queria presidiar o Gurupá, tendo feito outras fortalezas sobre o rio das Amazonas para banda do Norte, uma na Tarrerá, outra no Cumaú, que hoje chamão Macapá, e é o matadouro dos brancos e indios, com casa forte no Tapana e Mayaguary. Porem, supposto queimaram as casas dos soldados do Gurupá, postas ao redor da fortaleza, foram rechassados pelos Portuguezes, e o Capitão Mor Bento Maciel Parente lhes foi dando tantos e tão fortes assaltos que, desalojando uns, aprizionando outros, e mettendo seus navios a pique com notaveis successos dos nossos, e demonstrações do seu valor, desenganados não tornaram mais a revisitar aquellas bandas como antecedentemente tinham feito, mas retiraram-se de todo, deixando rios e terras a seu legitimo Senhor, El-Rei e Corôa de Portugal.

Aconteceu em tempo do governo deste governador um caso digno de se contar, para exemplo das mulheres casadas que se atrevem a faltar á lealdade devida a seus maridos: succedeu que uma chegasse a tirar a vida a seu marido com um machado, estando dormindo. Feitas as legitimas informações, aprendeu-se na cadêa, e como se lhe provou o caso deram-lhe sentença de morte. Como houve muitos peditorios para se lhe perdôar, deixou-se-lhe passar aquelle crime ; sabendo outra deste perdão, confiada no exemplo, deu muito mau trato a seu marido, ameaçando-o lhe havia de fazer o mesmo que tinha feito a outra ao seu ; deu-se parte disso ao Governador, que mandou prender logo a primeira que já andava solta e livre, e para não servir de máu exemplo aquelle perdão dado á instancia de devotos, a fez enforcar, e chamando depois a outra em sua presença disse-lhe que si não desistisse do que dizia e fazia, por vida d'El Rey lhe havia mandar fazer o mesmo, com o que ella se aquietou e emendou.

Por aquelle tempo, pouco mais ou menos, o Padre Luiz Figueira chegou até o Gurupá em á aldêa do Xingú, onde como

consta pela relação certa de um sargento-mór feita ao Padre João Many Gorsoni, Missionario da dita aldêa, esteve dias ensinando a grandes e pequenos os mysterios de nossa Santa Fé, accrescentando as cantigas sagradas ao cabo da doutrina, com que lhe ganharam aquelles barbaros tanto amor, que querendo se elle embarcar para saltar ao Pará, e de lá ao Maranhão, sentiram-o tanto que unidos em corpo, homens e mulheres, o foram buscar á canoa, levaram-o em corpo e alma (como se diz) para seus ranchos, para obrigal-o a ficar em companhia; nem dava outro remedio para se livrar delles sinão pratical-os: como estando elle só não podia bem acudir a elles e seus parentes, que todos necessitavam de quem os instruisse e lhes assistisse, assim convinha de todo o modo o deixassem ir, porquanto queria passar-se para o reino para de lá trazer muitos Padres Missionarios para lhes acudir a todos com a maior presteza possivel naquella sua necessidade espiritual, em que estavam uns e outros; com que, convencidos, o deixaram voltar para baixo bem contra sua vontade, e elle chegando ao Pará, logo antes das guerras dos Hollandezes com os moradores do Maranhão, se foi para a cidade de S. Luiz, e lá postas as cousas da missão em via e deixado o Padre Bento Amadeu por subprior das mais, se embarcou para o Reino, onde tendo ajuntado uns doseseis sugeitos de prenda, entre os quaes era o Padre Nicoláo Teixeira, então Irmão estudante, e depois tão afamado em Portugal pela fundura e clareza de sua doutrina, voltou para o Maranhão com o Governador Pedro de Albuquerque, e se perdeu com quasi todos elles nos baixos de Tugioca, junto á barra do Pará, como mais largamente se dirá em seu logar, quando se tratar da vinda deste Governador, em cuja companhia vinham, em tempo das guerras dos Hollandezes e Portuguezes no Maranhão.

CAPITULO 2.º

RELATA-SE A VIAGEM DOS PORTUGUEZES PARA QUITO E A VOLTA DE LÁ PARA O PARÁ COM OS PADRES DA COMPANHIA QUE TOMARAM CHEIA NOTICIA DO RIO DAS AMAZONAS COM SUAS TERRAS, NAÇÕES E COSTUMES, CONFORME SE REFERE NESTE CAPITULO TIRADO DA RELAÇÃO DO PADRE CHRISTOVÃO DA CUNHA.

No fim do governo do Governador Francisco Coelho de Carvalho, mandou El-Rei Dom Felippe, que por então governava o Reino de Portugal, por fallecimento de Dom Henrique Cardeal Rei, que se fizesse descobrir o famoso rio das Amazonas desde o Pará até o Quito, para vêr si por elle se poderia conduzir a prata e ouro com mais commodo e segurança que por outra parte; mas como morrera o dito Governador depois de treze annos de seu governo, e fôra enterrado em a egreja de S. João Baptista de sua Capitania do Cametá, e fôra eleito pela camara em seu logar Jacome Raymundo de Noronha, Provedor mór, por Governador e Capitão Geral do Estado, tratou este logo de dar execução ás ditas ordens e elegeu para esta empreza por cabo o capitão mór da Tropa Pedro Teixeira, o qual aviado de tudo o necessario á sua propria custa, partiu do Pará aos 28 de Outubro de 1637. Iam em aquella tropa quarenta e sete canoas grandes, que alem dos mantimentos e munições de guerra, levavam setenta soldados Portuguzes, mil e duzentos indios, entre os de remo e guerra, os quaes com as mulheres e rapazes de serviço, passavam em tudo o numero de duas mil pessoas; durou a viagem perto de um anno, assim por causa da força da correnteza do rio, como pelo tempo que forçosamente se gastava em procurar mantimentos para tanta gente, e sobretudo por falta de guias que encaminhassem as canôas em direitura e sem rodeios. Os indios enfadados de uma tão prolongada viagem, dos grandes incommodos della, começaram a voltar para as suas casas alguns delles, e para que os mais não seguissem o seu exemplo, usou o Capitão mor Pedro Teixeira do seguinte: fingiu que estavam já perto do fim de sua navegação, estando

não mais que no meio della; para isto mandou oito canoas bem equipadas e providas de soldados, mantimentos e munições como aposentadores das demais, assignando-lhes por cabo a Bento Rodrigues de Moreira, filho do Brazil, grande lingoa, e por esta razão estimado dos indios, o qual logo se foi caminhando deante, e depois de vencer muitas difficuldades, chegou a 24 de junho, dia de S. João Baptista do anno 1638, ao porto do Paiamó primeira povoação dos Castelhanos da Provincia dos Queixós; o Capitão Mór Pedro Teixeira sempre foi seguindo os seus aposentadores e amigos que o deixavam desta maneira; chegaram ao rio Aguarica que dá principio á Provincia dos Encabellados, e porque lhe pareceu esta paragem aprazivel e commoda, mandou que o capitão Francisco da Costa Farella lá ficasse até outra ordem sua, com parte da gente que lhe apontou ficando em sua companhia o Capitão Pedro Saião com outros mais; e elle acompanhado de Fernando Mendes Gago, foi-se em seguimento do Capitão Bento Rodrigues, ao qual não alcançou senão em Quito, chegado já uns poucos de dias antes de elle chegar. Foram recebidos uns e outros com grande gosto e louvores,assim dos Ecclesiasticos, como seculares; não houve religião que não desejasse que alguns seus os acompanhassem na volta para o Pará. Informada a audiencia real de Quito das rasões desta embaixada, deu logo avizo ao Viso Rei de Perú, o Conde de Chinchon, o qual depois de consultar tudo muito bem com os principaes da Cidade de Lima, rezolveu que voltasse logo o Capitão mor Pedro Teixeira para o Pará, dandolhe todo o necessario para a viagem para que não tivessem falta tão valerosos soldados naquellas terras tão infestadas dos inimigos, os Hollandezes, e mandou que podendo ser os acompanhassem duas pessoas religiosas de satisfação e prestimo, para poderem tomar e dar inteira noticia do rio das Amazonas, suas alturas, seus ares, seus moradores, suas terras, e tudo mais a Sua Magestade El-Rey Catholico Dom Felippe que para este intento os mandava.

Acudiu a real audiencia de Quito que fossem a par duas pessoas da Companhia de Jesus, e disso se deu avizo ao Padre Provincial Francisco de Fuentes, o qual agradecendo á real

audiencia a honra que á companhia fazia, nomeou o Padre Christovão da Cunha, Reitor actual do collegio de Cuensa, e ao Padre André de Artieda, Leitor de Theologia no Collegio de Quito, e os propoz á audiencia real, a qual mui agradecida mandou uma provisão real, para tudo.

Partiram juntos aos dezesseis de fevereiro do anno 1639, dando principio á sua viagem que durou dez mezes até o Pará.

Chegados que foram ao despenhado do rio Corá, logo deram com os Portuguezes que a pé quedo tinham esperado com mil incommodos, no braço do rio dos Encabellados, assim chamados pelo grande cabello que trazem, assim homens como mulheres ; suas armas são dardos, suas casas feitas com curiosidade guardam os mantimentos ordinarios do anno todo; têm guerra continua com os Sennhós, Becabas, Tamas, Chufias e ramos defronte, para banda do Sul; tem outras, no cabo, com Aligires, Surusunas e Zaparazes.

Oitenta leguas mais abaixo, para mesma banda do Sul, desemboca o famoso rio Tanguragua que baixa dos Mayoras com o nome de Maranhão ; faz-se respeitar de tal sorte do rio das Amazonas, que com ter este tido o cabedal de suas aguas, juntos descem algumas leguas por seu ordinario curso, dando a que aquelle, espraiando-se, põe lhe mais de uma legua de boca, assim pagando-lhe o tributo de suas aguas e muito peixe, e até a boca deste rio, não se conhece si alli está o conjunto de dous rios mais principaes, um chamado Maranhão e outro Amazonas, como reconheceo o Padre Christovão da Cunha nesta paragem.

Sessenta leguas mais abaixo começa a melhor e mais dilatada Provincia de todas quantas ha por este rio, que é a das aguas chamadas commumente Amagoas, nome improprio. Tem esta Provincia de longitude mais de duzentas legoas, continuando suas povoações quasi á vista umas das outras ; tem muitas ilhas povoadas e cultivadas todas; é a gente della de razão e de melhor genero, e anda vestida de vestidos de algodão, tecidos com grande arte, subtileza e curiosidade, e com variedade de côres, mui obediente, o que em grande parte deve aos castelhanos mais vizinhos della. São todos de cabeça chata,

pois desde que nascem a mettem em uma prensa entre duas tabuinhas; afeiam muito aos homens estas cabeças a modo de mitras, mas não tanto as mulheres em razão do cabello com que se encobrem. Tem muitos inimigos de uma banda e outra, e são tão amigos de seus escravos que com elles comem á mesa, e falar-lhes em vendel-os é molestal-os quanto póde ser. Cem legoas do principio desta Provincia dos Agoas ha uns grandes frios até mez de Agosto por haver defronte uma serra chamada Paramó pela terra dentro para o sul, a qual é coberta de neves; causa daquelle frio desde Junho, Julho até Agosto. Dezeseis leguas das aguas para banda do Norte desemboca o grande rio Putomayo, bem conhecido por caudaloso no governo de Popayan, porque antes de desembocar em o rio das Amazonas, entram nelle setenta caudalosos rios. Habitam este districto muitas nações, Jurunas, Guaitacus, Jacatiguaral, Parianaz e outras; cincoenta legoas desta bocca na parte contraria entra outro rio caudaloso em tres gráus e meio chamado Getau, mui nomeado por suas riquezas; as nações que o habitam são Tipunuz, Guanareis, Ozuanas, Miuruaz, Marianaz, e outra gente rica de ouro, que traz planchetas de ouro nas orelhas e nariz. Quatorze leguas da boca deste rio está a ultima povoação da relatada Provincia dos Agoas e Amguas, e viute e oito legoas mais abaixo do rio Juruá para banda do Sul, em terras de barreiras mui altas no principio, a povoadissima nação dos Curiciraris que, seguindo sempre uma ribeira, corre por espaço de oitenta legoas em povoações tão continuadas, que apenas se passam quatro horas sem encontrar outras de novo.

Habitadores mais esquivos, se bem não mostram menor politica, assim pelos muitos mantimentos, como pelas alfaias de suas casas, têm suas barracas excellente barro de que fazem fornos, panellas, alguidares e muitos outros generos de louça que vendem ás outras nações. Os Portuguezes em subida para Quito chamaram á primeira aldea destà nação aldea do Ouro por ter achado nella planchetas de ouro que na descida dos Portuguezes para o Pará, os indios e indias traziam em as orelhas e narizes, averiguando-se donde tiravam esse ouro, responderam que defronte da aldêa algum tanto á riba, subindo para a banda

do Norte estava a bocca do rio Yurupuei, e que subindo por elle e atravessando em certa paragem tres dias de caminho por terra até chegar ao rio chamado Japurá, se entrava por elle em o rio do Ouro que se chamava Iquiari, onde do pé de uma serra tiravam os naturaes esse ouro em grande quantidade. Esta aldêa do Ouro é aquella em que se pôz os marcos dos ultimos limites marcando por aquella banda até onde ultimamente é termo das missões da Companhia de Jesus para a do Sul; quatorze leguas da aldea do Ouro para banda do Norte está a boca do Rio Japurá, que é o por onde se entra no rio do Ouro, e é a parte mais certa para entrar a serra de Ouro, e está este rio em altura de dous gráus e meio.

Na mesma altura para banda do Sul quatro legoas mais abaixo está a bocca de um caudaloso e claro rio chamado Tapi, tem uma povoação sobre uma grande barranca, e por suas ribeiras á riba muitos gentios chamados Paguanas; são terras altas com campinas bellas para gado vaccum. Vinte e seis leguas deste rio Tapi, está a bocaina do outro rio chamado Catuá, e formando um grande lago de agua verde, nelle descança de seu dilatado curso; á terra dentro, para banda do Sul habitam muitas nações como nos mais rios. Porém, mais avantajado em nações e muito differentes, ha outro rio chamado Araganatuba, seis legoas mais abaixo, que entra para banda do Norte; chamão-se estas Jagoanais, Muennes, Mapianas, Huirunas, e outras muitas, todas de linguas diversas, e pelas noticias que ha é que delle para parte do novo Reino está o lago Dourado desejado, e que tem os animos de todo o Perú e outras nações inquietos.... leguas deste rio entra outro que tambem se chama Aragoannatiba por ser braço do primeiro; vinte e duas leguas mais abaixo deste ultimo braço acaba a dilatada e rica nação..........que goza dos melhores bocados de terra de todo o rio das Amazonas. Duas leguas mais abaixo, começa a mais afamada e buliçosa nação de todo o rio das Amazonas; está para banda do Sul chamada Ieriman ou Solimões; está a primeira povoação desta Provincia situada na boca de um rio crystalino que mostra ser mui caudaloso, e é povoado de muitas nações; vinte e duas legoas da primeira povoação, está a maior povoação que occupa

com suas casas uma legoa, vivendo os casaes em uma casa com abundancia de mantimentos; são os Solimões temidos por seu valor, ou mais por sua multidão, porém não os temeram, como ha pouco, os nossos Missionarios aos quaes cabem em repartição. Duas leguas mais abaixo acaba esta Provincia, e passadas outras duas desemboca pela banda do Sul um famoso rio chamado Cuxiguaré, navegavel, se bem tem algumas pedras, é abundante em peixe e tartarugas, mandiocas, milhos, e todo o necessario para a vida; de povoado para riba alem dos Cuchiyenas, do Cumayaris, Guaquiaris, Carucuras, e outras muitas nações das quaes a ultima é dos Cariguares, que dizem ser agigantados de dezeseis palmos de altura, mui valentes, com grandes patanas de ouro nas orelhas e narizes, mas distantes dous mezes de navegação dos Cachiguenas, e Mariabanos; para banda do Sul correm os Caripunas e Curinas, gente mui curiosa para lavrar obras de mãos, como bancos e cousas semelhantes, tão delicadas e curiosamente feitas, sobre tudo um idolozinho tão ao natural, que poderiam dar lição aos nossos esculptores.

Trinta e duas leguas do rio Cuchiguará para banda do Norte desemboca o rio Bocururu, que, dividindo a terra para dentro em grandes lagos, a tem repartido em muitas ilhas, as quaes todas povoam infinitas nações; tem terras altas que nunca se alagam, mui fecundas de mandioca, milhos, fructas, caças, peixes; chamam-se estas nações todas em geral Carabuyanas, supposto todas tem seu proprio nome, usam communmente arco e fréchas, e dizem compram suas ferramentas dos naturaes que moram mais perto de uns homens brancos, sitos mais juntos ao mar.

Ainda não trinta leguas mais abaixo de Vesururi para mesma banda do Norte em altura de quatro gráos entra em o rio das Amazonas o mais famoso rio que lhe rende vassalagem, mas tão poderoso em sua entrada que tem legua e meia de largura, e como recusando de se lhe sugeitar, corre hombro com hombro com elle, e senhoreando-se da metade do rio todo, ora acompanhando mais de doze legoas, distinguindo-se claramente suas aguas das do rio das Amazonas, porque sua mesma clareza e muita profundidade, fazem que pareçam negras suas

aguas e assim o chamam os Portuguezes rio Negro, que corre do Oeste a Leste; os naturaes o chamam Conivacoru, outros o chamam Cutána, que quer dizer em sua lingoa agua negra e vem entrando para banda do Sul. Ha nelle grandes provincias de varias nações e todas usam de arco e fréchas; suas terras são altas e fecundas, com campinas de pasto para muito gado, o peixe não é tão bom como o do rio das Amazonas, mas pelos lagos que occupam a terra a dentro, são muitos e bons. Tem bellos sitios para fortalezas com pedra para ellas, se bem julga o Padre Christovão da Cunha seria melhor umas muitas legoas á riba em o braço que entra em outro rio grande. Quarenta e quatro legoas mais abaixo, desemboca da banda do Sul o famoso rio da Madeira, assim chamado pela muita madeira e grossa que trazia com suas correntezas; os naturaes o chamam Cuyari. Moram n'elle muitas nações, e dizem que por elle se póde chegar ao Potosi, e o nome Cuyari mostra que elle desce do Peru, sendo esta palavra Cuyari de lingua Inca que significa — ama-me, — com que esse gentio significava seu rio tão bello que provocava o seu amor. O primeiro Missionario deste rio foi o Padre João Angelo Romano, que com o Padre José Barreiros assistiu nos Irurizes, e por se achar muito doentio se poz residencia na entrada em a aldea dos Abacaxis, cujo primeiro Missionario desde o anno 1696 até hoje, vespera de S. Miguel, é o Padre João da Silva, que lá esteve só um anno, e agora levou comsigo o irmão Antonio Rodrigues por companheiro. Vinte e oito legoas da boca do rio da Madeira, está uma formo a ilha de sessenta legoas de largo e consequentemente mais de cem de circuito, povoada antigamente de Tapinambás, mui valentes descendentes dos que das conquistas do Brazil e terras de Pernambuco sahiram fugindo do rigor dos Portuguezes, e foram tantos que despovoaram oitenta e quatro aldêas, não deixando creatura viva, chegaram alguns delles a encontrar-se com os castelhanos do Perú em as cabeceiras do rio da Madeira, com os quaes estiveram algum tempo, e porque um hespanhol açoitou um por lhe ter morto uma vacca, se ausentaram todos pelas correntezas primeiras do rio da Madeira; vieram dar nesta ilha que habitavam ainda quando os Portuguezes vieram de volta de

Quito no anno 1639; disseram ao Padre Christovão da Cunha que como sahiram tantos, não podendo se sugeitar juntos por aquelles sertões, se foram repartindo por todo o rio abaixo que pelo menos terá mais de novecentas legoas, ficando uns em umas terras outros em outras.

São os Tupinambás gente briosa na guerra, que bem mostraram os daquella ilha, que sendo menos que as outras nações do rio, comtudo tiveram guerras sugeitando e consumindo nações inteiras e obrigando outras a buscar terras estranhas. Disseram que para banda do Sul havia outras nações, uma de humanos pequenichinhos chamados Guaiacys, e outra de gentio que tem os pés ás avessas, de sorte que, quem os não conhecendo quizesse seguir seu rasto caminharia sempre pelo contrario delles, chamam-se Mataieces, das achas de pedra, que continuamente lavram para cortar arvores, e são tributarios dos Tupinambás.

Diziam mais esses Tupinambás que defronte para o Norte estão continuadas sete Provincias de gente fraca, que só de fructas e alguns animaeszinhos se sustentam, sendo que não têm guerras entre si, nem com outras por valerem pouco, com o que os outros não fazem caso delles, e affirmam que com outra nação não era assim; com estes tiveram pazes muito tempo tendo com elles commercio, principalmente de sal que lhes traziam, dizendo-lhes que vinha de terras vizinhas ás suas.

Aqui confirmou o Padre Christovão da Cunha a noticia que tinha das Amazonas, das quaes desde seu principio tomou este rio seu nome, e assegura que pelo rio de Conduriz, que está trinta e seis legoas abaixo da ilha dos Tupinambás para banda do Norte, ou depois da nação dos Conduriz, segue a dos Apantos e atraz destes, as dos Tagoariz, depois a dos Guaycaraz, e finalmente a das Amazonas, immediata a dos Guararaz, onde tinham estas mulheres sua habitação, entre montes e grandes serrarias, das quaes á mais alta e sempre descalvada chamam Zacamiaba.

Diziam que eram estas mulheres de grande valor, que sempre se conservavam sem ordinario commercio de homens, ainda

que, quando por concerto com ellas vêm ás suas terras uma vez no anno, os recebem com as armas em as mãos que são arcos e fréchas que disparam, até que satisfeitas pelo conhecido, acodem todas ás canoas dos hospedes, e cada uma toma uma rêde que acha mais á mão, levam-nos para a sua casa, e amarrando-a em parte onde o dono a conheça, recebe-o por hospede aquelles poucos dias, com que pela carne determinam o hospede por marido. Depois de dias determinados, voltam elles para suas terras e com elles mandam os filhos que lhes nasceram aquelle anno, ficando com as filhas por serem estas que hão levar adeante o seu valor e costume de sua nação ; isto disse um indio que sendo pequeno tinha ido com seu pae a esta entrada, porém outros dizem e é mais certo, que matam os machos que lhes nascem guardando só as femeas. Tem o padre Cunha por cousa como certa haver Amazonas pelas noticias tão averiguadas por tantas pessoas.

Estando eu Missionario no rio das Amazonas e informando-me da verdade, disse o Irmão Padre João da Silva Domingos Barboza que lhe contara um indio, como fosse ter com ellas, e o levaria se quizesse ir lá, acrescentando iriamos ambos se eu quizesse; a que respondi que com uma bôa tropa de brancos iria, e não de outro modo porque sem isso não se podia tratar da salvação de suas almas. Diz Plutarcho na vida de Alexandre Magno, que não houve mulheres Amazonas de que falla Quinto Curcio, e me parece que tambem as não ha nesta nossa America, mas se chamariam Amazonas ás mulheres daquella paragem por andarem á guerra e pelejarem contra seus inimigos com grande animo e valor em companhia de seus maridos, como bem diz Laet.

Aqui se funda o Padre Manoel Rodrigues na historia da missão do Maranhão, para dizer que dos Conduriz só se pode chamar o rio das Amazonas, e por cima se deve chamar do Maranhão, mas vai contra a correnteza dos outros, e assim terá poucos que o sigam, ao menos dos que têm noticia do que se trata.

Passada a boca do rio dos Conduriz ou Conuriz como o chama o Padre Cunha, vinte e quatro legoas delle desagua

outro rio meão pela mesma banda, o qual se chama Richamina, que sai em aquella paragem onde o rio das Amazonas mais se estreita, e é esse logar apto para levantar fortalezas de uma á outra banda para servirem de atalaia, impedindo passagem aos inimigos; desde a boca deste rio que deita mais de trezentas e sessenta legoas de mar, começam a apparecer as enchentes e vasantes das marés, e aqui mandou El-Rei Dom Pedro este anno 1598 fazer uma fortaleza para tal intento. Não falo em Gurupatiba, Xingú, Parú, Janipapo, Tucujus, ilha de Joannes, Cametá e Grampará, porque já tenho referido o que destas paragens posso dizer. Quarenta legoas mais abaixo para banda do Sul desemboca o grande e vistoso rio dos Tapajoz, onde tive o bem de ser primeiro Missionario de todo o rio das Amazonas, posto pelo Padre Antonio Vieira no anno 1661. Tem este bello rio muitas nações pela terra dentro e ricas minas de prata, com mui bellas terras e mantimentos assim de mandioca, milho, como caça, passaros, peixe, até peixe boi e tartarugas; é a nação dos Tapajoz gente briosa, mas já toda rendida aos Portuguezes com a fortaleza que lá se fez. Chegou lá antigamente uma náu ingleza de grande porte, pretendendo os Inglezes fazer lá povoação para cultivarem tabacos. Os Tapajoz tendo-lhe dado bôas palavras, os acommetteram de improviso matando os que estavam em terra e haviam de ter tomado tambem a embarcação se elles se não fizessem á vela com toda pressa para se retirar. Pouco mais de quarenta legoas do Tapajoz para banda do Norte, está Gurupatubas da nobre e primeira povoação dos Gurapatubas, não de seu rio rico de aguas, mas de grandes thezouros, a se dar credito aos naturaes do tempo que por ahi passou o Padre Christovão da Cunha no anno 1639, conforme já relatei atraz..

A isso os chamam commummente os Portuguezes todos.... acabar este summario da relação do Padre Christovão da Cunha, narrando que sendo chegado elle e seu companheiro ao Grampará, depois de dez mezes de viagem, a saber, desde fevereiro do anno 1639 até dezembro do mesmo anno, depois de terem descançado um pouco de sua jornada, passaram para Castella no anno 1640, partindo do Pará em março para dar contas de sua

embaixada, e solicitar meios convenientes para conversão de muita gentilidade da que tinham visto pelas ribeiras e ouvido achar-se pelos sertões do dito famoso rio das Amazonas, e no mesmo tempo fez o Capitão Mór Pedro Teixeira um assento aos livros da fazenda real, e outro nos da Camara da posse tomada, e da demarcação feita per provisão real de Quito da Aldeia do Ouro, para a Corôa de Portugal.

CAPITULO 3.º

COMO SE HOUVERAM OS PADRES EM A CHEGADA DOS HOLLANDEZES, EM TEMPO DELLES NO MARANHÃO

Succedeu a Jacome Raymundo de Noronha, depois de perto de dous annos de governo, Bento Maciel Parente no anno 1638, por provisão real, tendo vindo antes no anno 1618 por Capitão Mór do Pará. Era o Governador Bento Maciel já de muita edade, e pelo quinto anno de seu governo, entrou o Hollandez no Maranhão e com capa de paz, em modo seguinte.

Chegaram umas naus Hollandezas em tempo que não havia guerra contra Hollanda de que se soubesse no Maranhão, e como por isto se lhes não embargasse a entrada, foram lançar ancora no porto de Nossa Senhora do Desterro, lá saltaram em terra e se encaminharam para banda do forte ; viram isso os Padres da Companhia de Jesus, e pareceu-lhes muito mal semelhante entrada e por esta razão sahiram do Collegio, exortaram os Portuguezes que se confessassem pelo que pudesse acontecer. Como não houve resistencia alguma, foram os Hollandezes direito a Palacio a prender o Governador, e preso este tomaram posse da Cidade toda que naquelle tempo consistia em umas poucas de casas de taipa de mão, cobertas de pindoba e por que não houvesse alvoroço no povo, mandaram para Pernambuco o Governador, o qual pelo máu tratamento, falleceu pelo caminho e assim não poude ser enterrado na egreja de Nossa Senhora da Luz, como tinha deixado por testamento.

Com isso, tendo os Hollandezes tomado o Maranhão ás mãos lavadas, passou o Commandante ordem que todos os Portu-

guezes viessem dar juramento de lealdade á republica do Estado de Hollanda ; obedeceram e juraram todos ; só Pero Dasaes Biscainho, marido de Dona Antonia de Menezes, recusou jurar, dizendo jurára á El-Rey de Portugal e lhe não queria ser desleal.

Offendido o Commandante desta resposta, mandou jurasse ou fosse enforcado logo, e como elegeu antes ser enforcado que quebrar a fieldade á Coroa de Portugal, foi levado á forca e estando já ao pé della com alva vestida, movido o Commandante dos rógos dos Padres da Companhia e lagrimas de Dona Antonia, sua mulher, lhe perdoôu a vida.

Possuiram os Hollandezes o Maranhão dous annos e meio em paz, estando os Portuguezes com suas mulheres já repostas em suas casas, porque ao principio muitos delles se tinham retirado para a egreja e casa do Collegio para sua mais segurança; passados os annos referidos, já os moradores do Maranhão concordados com os indios da terra, conjuraram para Capitão Mór Antonio Moniz Barreiros e deram sobre os Hollandezes até os lançarem fora de tudo. O principio protector e fim do levantamento foram os que se seguem: Conspirados entre si os Portuguezes em todo o segredo, foram-se uma noite ao Tapecurú onde guiados de dous Hollandezes que se tinham posto da parte dos Portuguezes, investiram ao forte por uma porta falsa, de noite, matando os que estavam nella de presidio por estarem dormindo e descuidados, e no mesmo tempo a todos aquelles que estavam repartidos pelos engenhos do rio de Tapecurú, estando de antemão avisados os moradores para esse effeito. Acabados já felizmente os inimigos que estavam pelo rio de Tapecurú, encorporou-se o Capitão Mór Antonio Moniz Barreiros e todos os que o acompanhavam com os mais que tinham ficado ; o Padre Benedicto Amodecol a quem todos tinham em veneração de tão santo, estava no seu arraial, que tinham para banda de Abatanga e Tajasuaquarati, onde ficavam o mulherio e os meninos, como emquanto os homens faziam suas sahidas, ou emboscadas, ou assaltos de guerra. Tinha vindo á sua noticia que o Capitão Sandecim Olander tinha ido com uma esquadra de soldados para banda do Cutim, para apanhar os Por-

tuguezes que por lá estavam; mas elles lhe armaram uma tal cilada, que sem embargo de pelejarem os Hollandezes cahidos nella com muito valor, comtudo foram mortos quasi todos com o seu Capitão.

Animados os Portuguezes com este tão feliz successo, marcharam victoriosos para a cidade a por o sitio aos Hollandezes, junto á ermida de S. João Baptista que desde então lá havia, e levantou-se de novo depois pelo Governador Ruy Vaz de Siqueira na fórma em que se vê de presente. Lá estiveram sem se obrar cousa digna de se referir até a vinda do soccorro do Grampará pelo aviso que se lhe tinha mandado do levantamento contra os inimigos.

Era Capitão-Mór deste soccorro Pero Maciel Parente, sobrinho do Governador Bento Maciel, e Irmão de Pero Maciel, João Velho do Valle, Capitão-mór do Gurupá e Superintendente da guerra, trazendo em sua companhia cento e trinta homens portuguezes, e perto de mil indios valentes, em quarenta e tantas canoas.

Com este tão grande soccorro se encorporaram logo os Portuguezes todos, e sem nenhuma dilação foram se situar á noite seguinte em o Convento de Nossa Senhora do Carmo, onde fizeram, trincheira, levantaram baluarte cavalgando artilheria em riba, e dando com ella uns poucos de dias bateria ao forte do Convento do Carmo. Partiu o Capitão Pedro da Costa Favella a tomar a casa de Antonio Vaz Baria, sita ao pé do muro do forte, e ia passando por fóra do Collegio de Nossa Senhora da Luz, com sessenta Portuguezes e uns quatrocentos indios, e uma peça de artilharia, e estando em aquelle posto tempo consideravel, chegou entretanto soccorro aos Hollandezes trazido da banda de Ibiapaba, e de abaixo de Ceará, constando de muitos soldados, e grande quantidade de indios, capitaneados todos por um Hollandez chamado André Son.

Reforçados e animados os inimigos por este soccorro de tanta consideração, investiram dahi a dias contra os Portuguezes que estavam em a casa de Antonio Vaz Barla, no canto da sacristia da egreja nova, para banda da rua, e ma-

tando-lhes seis homens os obrigaram a fugirem da dita casa para o Convento do Carmo, o melhor que puderam por ser elle tambem acommettido em a mesma forma inda que com successo mui differente. Tinha fallecido em sua casa e cama o Capitão mór Antonio Moniz Barreiros de doença, e por não fazer tanta falta acclamaram logo por Capitão Mór Antonio Teixeira de Mello, homem de grande prudencia e valor. Este rechassou os Hollandezes pelejando assim elle com Pero Maciel Parente, Capitão Mór do Pará, e seu Irmão João Velho do Valle como uns leões, e os indios todos do mesmo modo com fréchas hervadas, a corpo descoberto com assombro de todos, ficando os Hollandezes com grande perda e destroço de sua gente, que sem embargo de vêr com seus olhos o lastimoso estrago, porfiavam a acommetter os muros do convento com seus picões para furar e derrubar se pudessem; com esta gloriosa victoria cresceram tanto os naturaes brios dos valerosos Portuguezes, que alargaram suas trincheiras para mais perto dos muros das fortalezas, o que vendo os inimigos intentaram matal-os em uma madrugada, fazendo uma sahida sobre elles, mas de balde, porque tendo os Portuguezes posto boas sentinellas ao largo, logo os presentiram e tomaram as armas, do que atemorizados os Hollandezes tiveram tão grande medo, que até a polvora e munição deitaram para se colherem mais á pressa para dentro. Neste comenos como em razão da muita duração da guerra ia faltando aos Portuguezes o necessario para ella, retiraram-se para o Cuty onde fizeram uma cilada na qual cahiu um capitão Hollandez por nome João Lucas, com grande numero de soldados e indios os quaes ficaram mortos todos, não ficando mais que uns dous ou tres para serem mensageiros de uma consideravel ignominiosa perda. Com esta segunda victoria alcançada no Cuty, foram-se os Portuguezes para maior commodo e segurança da vida fazer o seu arraial em Muruapi, junto á aldêa de Tayassutina, tendo em sua companhia o Padre Benedicto Amodecol para o bem e consolação espiritual de suas almas, e de suas mulheres e filhos. Ahi estiveram por muito tempo dando assaltos nos Hollandezes, mas como se foram achando cada vez com menos gente para pelejar, e com maior falta do necessario para uma tão prolon-

gada e renhida guerra, passaram-se á Tapuytapera e dahi se retirou o Capitão Mór Pedro Maciel, e seu Irmão João Velho Capitão Mór do Gurupá, ambos dignos de eterna memoria, pelo grande valor com que sempre se houveram nas guerras do Maranhão ; com elles tambem foi a maior parte da gente e passaram-se para o Pará. Foram com elles igualmente Pedro Dasaes com sua mulher Dona Antonia de Menezes, e Lourenço de Lyra, o qual como parte da guerra e testemunha de vista me referiu todo o que aqui puz neste Capitulo para lembrança dos vindouros. Retirou-se tambem o Commandante dos Hollandezes André Son para Pernambuco de onde tinha vindo para o Maranhão. Chegou pouco depois disso um patacho da Cidade da Bahia com muita polvora e balas, e tudo o mais necessario para a guerra encommendado ao Capitão Padilha para entregar ao Capitão mór Antonio Teixeira de Mello ; este achando-se com este soccorro assim de gente como o demais que lhe faltava, não satisfeito de dar assaltos de longe, como dantes, de Tapuytapera passou com pressa e grande resolução para a Cidade do Maranhão para dar guerra viva a peito, e incançavel, de dia e de noite aos inimigos, até que os obrigou a largarem o posto, e embarcados irem-se todos por uma vez.

Foi Deus servido levar para si algum tempo dantes o Padre Lopo do Couto, e ao Irmão cujo nome se ignora, assistindo-lhes o Padre Benedicto Amodecol, tão santo e subprior, com toda a caridade ; do Padre Lopo do Couto, não sei cousa alguma mais senão que era homem de muita virtude, e tão zelozo Portuguez que lhe imputaram..........os Portuguezes contra os Hollandezes; mas foi aleive como se prova claramente pelos papeis que se fizeram sobre isto..........por um credito assim seu como da Companhia de Jesus.

CAPITULO 4°.

A VINDA DO PADRE LUIZ FIGUEIRA DO REINO COM DEZESEIS SUGEITOS, EM COMPANHIA DO GOVERNADOR PEDRO DE ALBUQUERQUE E SEU TRISTE NAUFRAGIO NA BARRA DO PARÁ E MORTE NOS ARUANS.

Nos ultimos tempos da guerra do Maranhão contra os Hollandezes veiu do Reino por Governador do Estado Pedro de Albuquerque no anno de 1645, com dezeseis religiosos da Companhia de Jesus e duzentos soldados. Como nos principios da guerra tinha ido a El-Rei Dom João o 4° com avizo della Paulo Soares, informando elle ao Governador do que por então se passava, tratou de acudir com os seus Portuguezes para tomar falla delles e soccorrel-os no aperto e necessidade em que se achavam, e por isso entrou pela bahia de S. José, perto do Maranhão, mas como os achou mudados por outra parte, voltou atraz e se foi ao Grampará. Estão na barra uns baixos chamados de Tigioca, nos quaes deram pela pouca noticia, ou pela pouca cautela do pratico, de sorte que lhes ficou logar para acudir ao menos á vida do Governador e alguns dos outros mais, para que Pedro Maciel Capitão Mor do Pará, e seu Irmão João do Valle capitão mór do Gurupá, vindos da guerra do Maranhão em a Ilha do Sol, ou Tupinambás, mandasse logo seis ou sete canôas com Pedro da Costa Favella, para soccorrer o navio que tinha naufragado.

Chegado que foi a elle embarcou-se o Governador Pedro de Albuquerque com muita gente, offerecendo-as tambem cortezmente ao Padre Luiz Figueira para se embarcar com seus subditos em sua companhia; porém, dizem que compadecidos os Padres de uns dous ou tres homens que ficavam ao desamparo, á mercê das ondas que com a enchente iam levantando e deixando cahir a náu até que com a força da frequencia das pancadas se ia abrindo, escolheram com o Padre Luiz Figueira antes sacrificar suas vidas por caridade do proximo, que faltar naquella necessidade á salvação de suas almas; só dous delles ou como

alguns dizem, tres, a saber o Padre Nicolau Teixeira, o Padre Francisco Pires, e um Irmão, sendo de outro parecer, vendo as canôas já tão cheias, que os de dentro dellas puxavam pelas espadas para impedir a entrada de mais gente, se lançaram em riba dellas para segurança de suas vidas.

Partiram-se as canôas e o Padre Luiz Figueira com os seus tratou de dispor para uma bôa morte os que ficavam; feito isso, vendo que lhes não vinha soccorro de terra, e que já não havia outro remedio de escapar pelas grandes solapadas que o navio dava nos baixos, em que aberto por todas as partes dava entrada livre ás aguas que o iam enchendo e submergindo, fizeram umas balsas, ou jangadas nas quaes se puzeram e assim deixados a mercê das ondas e correntezas da costa brava daquella banda, foram por milagre do Céo dar na costa dos Aruans, gentios barbaros e bravos, os quaes como naquelle tempo iam em guerra com os Portuguezes, os mataram e comeram todos, conforme depois se soube dos que tinham sido mandados pela costa para saber onde estavam, ou que fim tinham levado esses caritativos Missionarios. Parece que tão gloriosa morte mereciam esses servos do Senhor, ás mãos dos inimigos de Deus, tão insalvaveis, não podiam ter morte mais gloriosa que morrer por caridade, e pela salvação das almas que vinham buscar, de Portugal a essas terras, e com muita razão se pode dizer delles que as muitas aguas não puderam vencer a abrazada caridade que em seus peitos ardia; si bem todos elles merecem eterna lembrança e louvor diante de Deos e dos homens com tudo mais ainda o Padre Luiz Figueira, que como Subprior de todos no Cargo, tambem era Superior e tão assim nas letras como na conformada virtude; elle é que no Brazil era o exemplo e o espelho em que se miravam os mais; elle por puro zelo de salvação das almas compoz a arte da Lingua Brazilica, elle que acompanhou o Padre Francisco Pinto pelas serras de Ibiapaba, derramara com elle seu sangue debaixo de um páu de jucá, ou ybirassanga, si o Céo o não guardára para cousas maiores; elle foi o primeiro Missionario do Maranhão, e Xingú, o primeiro fundador do Collegio de Nossa Senhora da Luz, que por sua industria e trabalho edificou; elle a o Mestre e, consola-

ção da Cidade de S. Luiz, elle, o primeiro pae e procurador dos Missionarios, que até em Lisbôa foi buscar para os trazer á missão ; elle exemplo da perfeita Caridade, que todos os Missionarios desta missão devem imitar, e o segundo finalmente que na ditosa tropa de Missionarios da America mereceu derramar seu sangue pela salvação das almas, e levar corôa sinão de martyr... de caridade e humildade maior, pois não ha maior caridade que dar a vida por seu amigo.

Chegou o Governador Pero de Albuquerque á cidade de Belém do Grampará, porém como ficou sentidissimo de não poder tomar falla com os Portuguezes do Maranhão, por muita diligencia que por isso tivesse feito, e por se lhe ter perdido dezeseis missionarios da Companhia de Jesus que trazia para estas Missões e salvação desta gentilidade, e alem disso uns duzentos soldados fora de outra gente do mar, concebeu uma tristeza tão vehemente, que dentro em seis mezes deu com elle na sepultura.

Ficou por nomeação de Pero de Albuquerque, Feliciano Corrêa por Capitão-Mór do Pará, e Antonio Teixeira de Mello por Capitão-Mór do Maranhão, onde de chegada tinha concorrido com a guerra, e indo de Pernambuco os Padres que tinham ficado, repartiram-se: o Padre Nicolau Teixeira se embarcou a ir-se embora para o Reino, onde leu por muitas annos com grande applauso e fama pela muita clareza de suas postillas que dictava, e como depois de muitos annos de leitor, foi mandado por visitador á ilha Terceira patria sua, lá ainda o alcancei vivo no anno de 1684, no mez de Setembro, quando expulsados com os mais Padres do Maranhão para Pernambuco tinha sido mandado para o Collegio da Bahia, para dar conta da nossa expulsão ao Padre Antonio de Oliveira, Provincial da Provincia, e della, por seu successor, o Padre Alexandre de Gusmão, para o Reino, para dar parte á Sua Magestade Dom Pedro o 2º e tratar os negocios da missão, o Padre Francisco Pires... se foi do Pará para o Maranhão onde depois de trabalhar livremente em o bem das almas dos brancos e indios, acabou gloriosamente morto dos Tapuyas em Tapecurú, como logo se dirá por mais authentico.

CAPITULO 5º.

DO QUE OBRARAM OS MISSIONARIOS EM TEMPO DO GOVERNO DO GOVERNADOR FRANCISCO COELHO SARDO, E DE SEUS CAPITÃES MÓRES QUE DEIXOU POR SEU FALLECIMENTO, E DA MORTE GLORIOSA DOS PADRES EM ITAPECURU'.

Vieram do Reino o Padre Manoel Muniz e um Irmão, mas acabadas as guerras com os Hollandezes provavelmente em companhia do mesmo Governador, porque passado anno e meio depois do fallecimento de Pero de Albuquerque Governador, succedeu-lhe no cargo Francisco de Carvalho, por alcunha o Sardo em o anno de 1646 ; e morrendo com quinze mezes de governo, deixou a Antonio Teixeira de Mello ainda por Capitão mór do Maranhão, occupando este posto no Pará Ayres de Souza Chichorro, Cavalleiro do habito de Christo, tio de Hilario de Souza agora nosso Capitão mór no mesmo Pará ; em tempo destes todos não se sabe mais senão que os Padres Missionarios acudiam.... e Indios circumvizinhos em as costumadas missões da Companhia de Jesus ; e que sendo Capitão Mór Antonio Moniz, por sua grande pobreza e zelo das almas, estando para morrer, deixou ao Collegio de Nossa Senhora da Luz o uso fructo de seu engenho que tinha em Itapecurú com tudo que ao mesmo Muniz pertencia, até chegar um filho seu natural á edade de poder governal-o por si, e que no entretanto estivesse com os Padres tomando o seu bom ensino, e o engenho foi dado no anno de 1643 ; á risca da deixa do testamento; tomaram os Padres posse do engenho, e recolheram a seu filho no Collegio tratando e ensinando como filho de seu bemfeitor, e porque o engenho era falto de escravos e bois e outras cousas, puseram os Padres nelle os seus escravos e bois de sua roça de Anhindiba para fazel-o mais corrente e rendoso.

Para consolação do Irmão, cujo nome ninguem me poude dizer, por este tempo, conforme parece maisprovavel pelas informações, levou Deus para si o bom Padre Benedicto Amadeu, já antigo na missão ; era este Padre italiano de nação e de

tanta virtude que falleceu muito mais carregado de merecimentos que de annos de vida; não é crivel quanto bem disseram delle todos os que o conheceram, affirmou-me o Sargento Mór... de Tapuytapera que o vira com seus olhos em oração cercado de luzes, quando estava fazendo a oração de noite em seu cubiculo, e acrescentava lhe parecia o haviam achar inteiro quando o dezenterrassem. Foi enterrado debaixo da lampada da Capella mór da egreja de Nossa Senhora da Luz no Maranhão, bem no meio do Cruzeiro della e de uns tijollos em forma de estrella, e foi tanta a extrema de sua santidade entre todos de seu tempo, que até as senhoras o chamavam Santo, á bocca cheia, com brados da muita caridade com que as acompanhara, e as consolara em tempo das guerras dos Hollandezes, quando fugidas andaram desamparadas pelos mattos onde o iam espreitando, e o viam cercado de luzes, levantado no ar posto em oração. O pouco cuidado dos primeiros Padres em apontar as couzas de mais de memoria, foi cauza de não poder eu alargar-me mais em seu louvor, bastame dizer que era Benedicto por nome, Amadeu por sobrenome, para eu dizer lhe o que se poderia dizer, porque não ha maior cousa que ser Benedicto, e juntamente amante de Deus, e por ser ainda hoje como elle era por testemunha de todos não tomou nome, mas tambem na realidade a olhos e bocca cheia o publicam por Santo, dizendo delle muitos louvores etc...

CAPITULO 6º.

DA MORTE DOS PADRES EM ITAPICURU' EM TEMPO DE LUIZ DE MAGALHÃES, GOVERNADOR

Em tempo do Governador Luiz de Magalhães que em o anno 1649 succedeu e governou quatro annos, succederam as mortes dos Padres Francisco Pires, Manoel Muniz, e o Irmão Velho, e de um Irmão, que os Tapuyas Uruatis com seu principal Botirou mataram no Itapecurú. A occasião foi a seguinte.

Tinha o Padre Francisco Pires mandado açoutar uma escravapor seus desmandos em materia do sexto, do que ficou tão

sentida, que fugiu para os Uruatis seus parentes; queixou-se do castigo que se lhe tinha dado, estes, como gentios barbaros que não sabem ponderar as culpas naquella materia, por viverem sem razão como animaes do matto, imitados do que haviam de ter por bem feito, propuzeram tomar vingança tirando a vida aos Padres; com este máu intento foram-se um dia para o engenho com seu principal Botirou armados de seus arcos e fréchas, e sobre isso de suas ybirassangas, que são os páus com que quebram a cabeça; chegaram ao engenho em tempo que lá estavam todos os tres com uns quatorze homens brancos postos na casa de purgar, avizaram estes aos Padres da chegada dos Tapuyas armados, dizendo-lhes não parecia isto bem; os Padres acostumados de vêr lá aquelle gentio não fizeram caso, parecendo-lhes que com um tiro de espingarda os afugentariam todos mórmente em tempo que se achavam tantos homens brancos na fazenda. Foram-se os Tapuyas dispondo, entretanto, pelo terreno com não usada ousadia, o que vendo os Portuguezes que estavam na casa de purgar, disparam uma arma de fogo sem bala, não mais que para lhes metter medo e fazel-os retirar; elles como vinham com mau intento e cheios de vingança em vez de se retirarem, vendo que com o tiro pegara fogo na casa coberta de palha e se ia queimando toda, animaram-se e dando urros investiram á casa fugindo os brancos todos, ficando os tres Padres como innocentes cordeirinhos nas bocas dos lobos, os quaes lhes quebraram as cabeças recebendo elles os golpes postos de joelhos e com as mãos juntas, pois a um delles mataram estando desta sorte entre umas paroleiras, ao outro junto ao rio para se embarcar em uma canoinha. Pareceria essa morte desastrada a alguns que não consideram a occasião della ; porém sabendo que a occazião não foi alguma culpavel acção, mas um justo castigo dessa escrava deshonesta e desaforada naquella parte para sua emenda e salvação de sua alma, não se póde dizer senão que foi morte gloriosa do acatamento divino e um modo de martyrio padecido pela virtude da castidade e justiça. Mortos os Padres com tanta crueldade, vendo-se os barbaros victoriosos terem sahido com a sua vingança, captivaram alguns escravos que lhes pareceram, e se não

tinham acolhido para os mattos ou para rio, e entre elles estava uma Maria a qual depois de ter sido no sertão mulher ou para melhor dizer manceba de um principal, voltou para o Maranhão, e vive ainda hoje na roça de Mamayacú do Collegio de Gramparú. Logo que na Cidade de S. Luiz do Maranhão tiveram noticia da morte dos Padres do Collegio de Nossa Senhora da Luz, foi a justiça com seus Ministros ao engenho para tomar conhecimento de tudo, e achando os tres Padres mortos pelos Tapuyas Uruatiz, enterraram-os lá na egreja da fazenda por se não poderem levar ao Collegio e fizeram inventario do engenho, e de tudo que nelle acharam. Tomou entrega do que lá havia pertencente ao engenho, o testamenteiro do defunto Antonio Moniz Barreiros, que tinha sido casado com Dona Jeronima, um Antonio Roiz Gama, e não foi possivel acodir tão depressa que se não tivessem perdido varias cousas, principalmente papeis tocantes ás fazendas dos Padres, vendeu-se o engenho na praça e o arrematou o Sargento-mór... sem embargo de estar vivo Antonio Moniz, filho natural do senhor delle, o qual... vivo muitos annos, até que feito superintendente da Casa forte sobre o rio Negro, falleceu já de muita edade.

O matador dos Padres foi o principal dos Uruatiz por nome Butiron, cujo filho de menor edade foi de outros captivado e dado aos Teremembés, os quaes o deram ao Padre Pedro Luiz, Subprior da missão. Este o dedicou a Nossa Senhora da Victoria para lhe servir em sua egreja do Maranhão, onde, sendo eu reitor do Collegio, foi elle entregue em tempo.

CAPITULO 7º.

PERSECUSSÃO E DOENÇA DO PADRE JOÃO DE SOUTO MAIOR, E SEU COMPANHEIRO COM A CONTINUAÇÃO DOS GRANDES TRABALHOS DOS DOUS MISSIONARIOS, E COM A HUMIDADE DO SITIO EM QUE MORAVAM, EM UMAS LIMITADAS CASAS DE UMA CASTA DE PALHA QUE CHAMAM PINDOBA, LHES ORIGINANDO UMA MUITO GRAVE DOENÇA, A QUAL AJUDOU MUITO ASSIM PARA SEUS PRINCIPIOS COMO SEUS AUGMENTOS......... COM QUE O TRATAVAM ALGUMAS PESSOAS DE AUTORIDADE.

O Capitão Mór Ignacio do Rego e o Sargento Mór das armas, com o Vigario Geral Matheus de Souza, sendo dantes amigos, como viram as Cartas e Provisões d'El Rey Dom João VI em que encommendava mui particularmente a esses seus Missionarios o trato espiritual dos indios, e de toda a gentilidade do Estado do Maranhão, trocaram por seus interesses a amizade em persecussão, por temerem que a os indios fossem testemunhas de vista de suas violencias com que vexavam as aldêas e moradores dellas, seguindo as nojadas de seus interesses; porque, como constou de uma certidão jurada que está assentada no Cartorio do Collegio, o Vigario Geral da Matriz Pedro Teixeira, antigo nesta conquista e os Governadores e Capitães Móres tinham morto, assim em seus serviços violentos, como em os cançados descobrimentos e guerras injustas, perto de dous milhões de indios forros; e como estes homens andavam cegos de sua insaciavel cubiça, arrecearam-se que os Missionarios, alem de serem testemunhas de vista de suas tyrannias, lhes atalhassem ou ao menos lhes pedissem parte dos indios para darem a escolha aos Padres em suas missões; e assim todos esses tres sobrenomeados por esse presentimento, trataram de os atemorizar de noite com vozerias ao redor das caass em que moravam, dizendo: Morram, morram, pereçam os urubús; denotando com esse nome de um passaro a modo de corvo de Europa os Padres da Companhia de Jesus,os quaes ainda supposto que recebiam essa

pragas com gosto, palavras de Christo, seu Divino Mestre, na alma, com tudo ficavam mui molestados no corpo pela........... que com isso iam tomando grandes........... e porque não acabavam, nem davam logar de descanço essas tão desentoadas gritarias do inimigo infernal, recolheu-se o Padre João de Souto Maior com seu companheiro............ Cardoso ao Convento de Nossa Senhora das Mercês, no qual foram agazalhados com muita caridade. Grande foi o sentimento de toda a Cidade pela........... de seus Missionarios, e todos os estados tirados, uns poucos delles, assentiram por excesso; portanto, começaram muitas matronas graves a fazer varias deprecações publicas pelas egrejas por sua saude, que Deus Nosso Senhor foi servido conceder-lhes por então, para dar depois uma morte mais glorioza com a falta de todo o regalo ao Padre João de Souto Maior no sertão dos Paniases, onde seu zelo e obediencia o tinham levado, como depois largamente se dirá em seu proprio logar.

Porém Deus Nosso Senhor tendo dado saúde a seus servos, fez que esses adversarios acabassem a vida não muito tempo depois, porque o Capitão Mór falleceu de subito........... com grandes indicios de sua condemnação, tendo de proximo impedido uma missão gloriosa que os Missionarios desciam do sertão, mandando por seus interesses.... os Indios novos que estavam para ir, e tendo quasi vendido alguns por tabacos e assucar.

Dahi a quinze dias morreu tambem o Sargento Mór, e seguiu o Vigario Geral; porém este, entrando em si, conhecendo o seu erro, chamou os Padres Missionarios e com elles se retirou para sua aldêa dos indios que tinha na Capitania do Cametá, onde feita uma boa confissão, com grande dôr e arrependimento de seus pecados, dando esmolas aos pobres e fazendo-se depois peregrino............. Padres Missionarios da Companhia de Jesus. Relataram-se aqui aquelles castigos do céu mandados sobre aquelles primeiros perseguidores da missão, ainda postos em seus principios para retirar a ousadia de seus vindouros, para que escarmentados em cabeça alhêa não se arrojem a semelhantes acções tão perniciosas á

conversão da gentilidade e salvação das suas almas proprias. Ora, assim como relatei que trataram mal estes dous servos de Deus, para os vindouros os não imitarem á vista do castigo que deu o Céu, quero tambem referir os que lhes fizeram bem para engradecimento e memoria eterna de sua muita caridade. Emquanto os Padres não tiveram commodo dava-se-lhes de comer em casa de Antonio Lameira da Franca, por sua mulher Dona Cecilia de Mendonça, e suas filhas Dona Maria, Dona Violante, Dona Anna, assim quando estavam sãos, como quando estavam doentes no Pará, e Dona Izabel e Manoel Pires Freire de Andrade, compadres do Padre Benedicto......... lhes davam de comer e tratavam de sua roupa no Maranhão.

CAPITULO 8º.

DA CHEGADA DO PADRE FRANCISCO VELLOSO COM SEUS COMPANHEIROS DA PROVINCIA DO BRAZIL Á MISSÃO, COM O QUE OBRARAM NAQUELLES PRINCIPIOS.

Estando o Padre João de Souto Maior com esperanças certas de algum soccorro de Missionarios não só do Reino como da Provincia do Brazil, como achavam o sitie em que moravam para a banda do matto muito humido e por isso pouco sadio, tratou logo de procurar outro mais enxuto e mais commodo e sadio; pareceu-lhe o melhor de todos aquelle em que hoje neste tempo prezente está edificado o Collegio de Santo Alexandre junto ao Forte, na vista e perto do mar, lavado dos ventos, tanto que outro nenhum de toda a Cidade procurou licença para tel-o, e não deixou de achar grandes obstaculos para essa, mas todos venceu-os sua singular industria e habilidade para que se lhe concedesse d'El Rei e seus Ministros, sem embargo de muita vizinhança da Fortaleza real da Cidade; com isto comprou o sitio a um certo Gaspar............ Cardoso, casado com Joanna de Mello, que falleceu este anno 1697 nesta cidade; lançou as medidas dos alicerces e obras, para o collegio, e começou a abril-os perto do sitio de uma ermidazinha, assistio a Camara e os que dantes tinham

feito maior opposição em lançar as suas primeiras pedras; não se fez por então mais que uma choupana e egrejinha de taipa de mão que durou até o anno de 1668, em que o Padre Francisco Telles superior da casa mandou fazer a que serve de presente, ficando a casa para se acabar depois, como se acabou o primeiro lanço della, que vai do Leste a Oeste, em tempo da visita do Padre Visitador Francisco Gonçalves, sem embargo ter elle sido de parecer que se não fizesse casa na cidade, mas sómente uma bôa residencia da aldêa de Carnapió, para ahi se ajuntarem os Missionarios de tempo em tempo a virem para consultarem e resolverem suas duvidas que se lhes offerecessem pelas missões, e se curarem dos achaques e doenças que lá por fóra lhes dessem; porém como se fez............ com pressa pelos que assistiam no Pará............ o Padre Antonio Ribeiro e o Padre Salvador do Valle, e se cobriu de telha, deu logo de si por estarem mal encaixados os tirantes, ficando as paredes com abertura quasi de um palmo e o tecto todo abaixado de sorte que por milagre do Céo não matou a todos, e foi forçoso tirar a telha e cobril-a de pindoba da terra, ficando desta sorte até o anno 1670, como tudo se dirá em seu logar; entretanto o Senhor João de Souto Maior andou com os principios da casa de Santo Alexandre da cidade de Belem do Grampará, visto que em o anno 1652 chegam a S. Luiz, cidade do Maranhão, mandado da provincia do Brazil, o Padre Manoel Nunes com o Padre Rafael Cardoso, o Padre Bento Alvares e o Irmão João Fernandes; foram muito bem aceitos dos moradores desejosos de terem comsigo os Padres da Companhia de Jesus, assim para seu bem espiritual, como para ensenhança de seus filhos e escravos e indios das aldêas; o Padre Francisco Velloso, o qual como subprior daquelle tempo tinha feito limpar a Casa e a egreja, e pôr tudo em bôa ordem, para lá se poder commodamente morar e celebrar os officios divinos e exercitar todas as missões que a Companhia costuma exercitar com os proximos, e supposto que eram mui pobres em aquelles principios, não lhes faltou em nada com amor e costumada caridade; porém os hospedes que vêm de .... mais para fóra, e por isso necessitam de maior descargo

e regalo; e porque com a morte dos Padres em o Itapecurú tinha ficado a casa sem roça e com os escravos espalhados, e tudo mais em mãos de varias pessôas, puxaram logo pelo inventario e tomaram posse do que nelle se achava assentado pelos Ministros da justiça, repondo cada cousa em seu logar; e porque Antonio de Gouvêa, testamenteiro do defunto bemfeitor, o Capitão-Mór Antonio Muniz Barreiros se alcançou em algumas cousas pertencentes ao Collegio, fez-se prender até que depois da vinda de outros Padres, que tambem lhe fizeram pleito, fez entrega de umas cousas correndo pleito sobre as mais, em as quaes vencido no Tribunal da Ouvidoria de Maranhão, appellou para o Reino onde falleceu, ficando a causa como ultimamente indecisa pelo pouco cuidado dos nossos, que não tinham bem liquidado o que pelo processo pediam, tal como o Padre Pedro Poderoso que em o anno de 1684, encontrámos em a Bahia, expulsos do povo do Maranhão, por vermos conveniente compormo-nos com o filho do defunto, chamado José de Gouvea que morava em os curraes daquella cidade; fez o Padre Pedro Poderoso aquella composição com elle de tal sorte que se repartisse pelo meio entre os Padres do Maranhão, e elle ou seus herdeiros, o que dali a pouco tempo adeante se achasse pertencer-lhe, com tanto que os Padres as cobrassem, e em vigor desta concordata lhe mandou dar sendo ultimamente subprior da missão, cincoenta mil reis em a Bahia, que era a metade do preço de umas seiscentas varas de panno de algodão, que se tinha cobrado de uma divida pertencente ao dito pleito; achou-se o Padre Francisco Velloso em o seu governo sem noticia de nossa legoa de terra em quadra, que no tempo do Padre Luiz Figueira tinha sido demarcada pela justiça com marcos de pedra, mas mostraram-lha os antigos assim brancos como indios que tinham assistido á demarcação; e porque viu que alguns marcos estavam em parte arredados e bulidos, para melhor conhecimento das paragens principaes as aclarou com Cruzes grandes, que duraram muitos annos, e com o tempo tambem foram bulidas por simplicidade ou maldade de alguns homens pouco affectos, e as achei ainda postas em seu logar sendo subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz pela primeira vez, em o anno de 1663.

CAPITULO 9º.

DA PRIMEIRA CHEGADA DO PADRE ANTONIO VIEIRA COM SEUS COMPANHEIROS Á MISSÃO DO MARANHÃO E O QUE OBRARAM EM ELLAS.

Tendo o Padre Antonio Vieira, prégador mais afamado d'El Rei Dom João o 4º tido noticia da falta de Missionarios em a missão do Estado do Maranhão, movido de Deus Nosso Senhor a deixar os pulpitos e applausos da Côrte para ir ensinar os primeiros rudimentos de nossa Santa Fé, como outro S. Francisco Xavier, ao pobre e desamparado gentio dos sertões da America, tratou alcançar licença assim do Serenissimo Rei, como de Nosso Muito Reverendo Padre Geral. E não obstante achar grandes embargos em El-Rei que com toda sua côrte o estimava sómente, comtudo como quem porfia mata caça, solicitou e porfiou tanto que Sua Magestade se veiu a render, como elle vio que o que com tanta instancia se lhe pedia era de seu gosto e commodo proprio, e da vontade....de Deus Nosso Senhor que claramente neste negocio se lhe mostrava. Queria El-Rei para maior ajuda da salvação das almas da gentilidade de seu Estado, mandar dar renda bastante para fundação de um Collegio, mas o Padre Antonio Vieira considerando a muita despesa de dinheiro que em aquelle tempo das guerras havia contra Castella, contentou-se com trezentos e cincoenta mil reis para....mil soldados de mosqueteiros para cada um, e estes ainda dados com condição que se deixassem de pagar mais quando os Missionarios tivessem por outra via com que passar a vida, e que de tempo em tempo emquanto o não tinham, provassem com certidões juradas das pessoas de maior autoridade aquella necessidade em que estava sua missão. Pagou-se esta tão limitada congrua com as ditas condições em as rendas das bolsas da Bahia e assucar do Rio de Janeiro até o anno de 1684, tempo em que eu fui mandado para a côrte sobre o negocio da expulsão dos Padres da Companhia do Maranhão, fiz com Sua Magestade que se retirassem essas condições, e se pagassem todos os annos novecentos e cincoenta mil reis de

congrua estavel e perpetua, emquanto houvesse trinta sujeitos Missionarios da Companhia de Jesus em o Maranhão.

Despediu-se o Padre Antonio Vieira da Côrte com os seus companheiros Manoel de Souza e o Padre Matheus Delgado, o Padre Thomé Ribeiro, os Padres Antonio Soares e Salvador do Valle e o Irmão Simão Luiz e embarcados em o porto de Lisbôa em o anno de 1652, chegaram com feliz viagem á cidade de S. Luiz do Maranhão, onde foram recebidos como uns Anjos do Céo. Passados os primeiros dias de descanço e visitas, tratou o Padre Antonio Vieira que vinha por subprior de toda a missão de pôr correntes todas as funcções da Companhia. Instituiu o terço que cada dia pelas cinco horas da tarde depois da classe se canta pelos estudantes e meninos da escola deante da imagem de Nossa Senhora da Luz, que estava no altar môr ; e porque nunca viesse a acabar-se esta tão grande devoção poz-lhe confraria com seu compromisso, assistindo sempre dous Irmãos com tochas accesas naquelles principios, e cantando a Salve Rainha e Ladainha pelos musicos de Nossa Senhora das Mercês estando ali um exemplo da Senhora ; no cabo mandou tambem que se continuasse o pleito contra Antonio Gouvea testamenteiro do defunto nosso bemfeitor Antonio Muniz Barreiros, pae de Ambrozio Muniz que morava comnosco, ordenou que em os domingos e festas se fizessem andando o Padre com a canna na mão, acompanhado dos estudantes com sua bandeira cantando as orações e ladainhas pela cidade, que se visitassem as prisões e hospital, ou casa da Misericordia e mais aos doentes para que não faltassemos a nenhuma obra de caridade. Quiz tambem houvesse sepulchro com o Senhor exposto e prégação ; era o sepulchro traçado de madeiras e gradezinhas torneadas, se pintava todos os annos de novo com tinta branca e negra assim e sempre era o mais bonito de toda a cidade sem embargo de muitos annos ; no entretanto chegaram ao Maranhão do Brazil, o Padre Ricardo Corrêa, e em sua companhia o Irmão João de Almeida e mais o Irmão Marcos Vieira, com este soccorro de Missionarios pareceu....a Casa e aldêas do Maranhão, e para fazer o mesmo no Pará passaram-se para lá. Levou comsigo alguns Padres, o Padre Francisco Velloso e o Padre Salvador do Valle para ajudarem

ao Padre João de Souto-Maior e o Padre Gaspar Fragoso com os seus apostolicos trabalhos, alegraram-se todos muito com a sua vinda e os dous Padres sobretudo por vêrem ia Deus Nosso Senhor pondo seus Divinos Olhos em aquella tão desamparada missão e gentilidade espalhadá em grande numero pelos dilatados sertões do grande rio das Amazonas. Estavam os Padres morando ainda em as casas de pindoba para banda do matto ; mas logo levantaram o lanço no corredor antigo como dito fica, e depois de enxuto se mudaram para elle, estando já vindo o Padre Francisco Gonçalves, do Brazil, com o Irmão João Fernandes e o Irmão João de Almeida, francez de nação a julgar de seu officio, e tambem o nosso Alonso que tantos annos nos serve de feitor em a ilha que está defronte do Collegio do Maranhão e serve de morada para elle e as lavadeiras e o curraleiro do gado que ahi se cria para sustento da Religião.

Não tinha o Collegio do Pará pateo nenhum, e era a ortaria um salão cercado de uns paus... altos a pique, com uma escada de tabuado que corria de baixo.....entre a porta da casa e a da sacristia para a porta do corredor em riba, a sacristia era uma passagem limitada, na qual estava um caixão dos ornamentos com um crucifixo grandezinho que agora serve.... de enterrado nas Endoenças em a ermidazinha de taipa de pilão e coberta de pindoba, só se achava um altar com o painel de S. Francisco Xavier, que ainda em este tempo está à mão direita do Altar para a banda da Epistola.

O quintal se fechou de páu a pique, e não tinham os pobres Padres Missionarios outra cousa com que se sustentarem senão a parte que lhes competia da congrua dos 350 mil reis, que por provisão real se lhes pagava cada anno nos dizimos do Brazil, concorrendo tambem o Padre Antonio Vieira subprior da missão, com os cincoenta mil reis annuaes de prégador de Sua Magestade. A festa do nosso Santo Patriarcha Santo Ignacio faziam alternativamente dous Irmãos da missão Seculares, o Irmão do Padre João de Souto Maior, Manoel David, do habito de Christo, e fidalgo dos Livros d'El Rei, e seu camarada Paulo Martins Garro, depois Capitão-Mor do Gurupá e Grampará.

Concorria Manoel David com grandes esmolas para os moradores pobres, dando-as a seu Irmão João de Souto Maior para repartir entre os necessitados, com o que havia tanto concurso para suas prégações, como se fôra um segundo Vieira, que levava e levou a palma a todos os prégadores do nosso seculo e muito mais.

Achando-se já os Padres Missionarios em maior numero, repartiram-se pelas aldeias alguns, ficando os mais reservados, uns para assistir em casa acudindo á Cidade, e outros para as entradas para os sertões.

Apenas começaram a tratar do governo espiritual das almas que lhes tinha concedido Sua Magestade, até então, quando logo viram por experiencia que o espiritual sem o temporal dos indios não bastava para fazer fructo em suas almas e dilatar a missão.

Por essa razão ajuntaram-se, consultaram entre si se convinha fosse algum para o Reino tratar com Sua Magestade para que quizesse conceder ambos os governos, assim temporal como espiritual dos indios, aos Padres Missionarios da Companhia de Jesus.

CAPITULO 10º.

Desce o Padre Manoel Nunes á aldêa dos Gojajáras

Estando o Padre Manoel Nunes o velho de Subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz, teve noticia dos Gojajárás, que estavam pelo rio do Pinaré á riba postos em suas terras para banda de um sitio que chamam Capitiba, onde ainda de presente moram alguns parentes seus, tratou de os tirar dos mattos para os fazer filhos de Deus, e para tel-os mais chegados ao povoado dos Portuguezes para lhes servirem por seu salario, quando assim lhes parecesse.

Para este fim metteu petição a quem tocava para lhe darem ajuda de custo para essa empreza, e como lhe respondessem que não havia dinheiro, replicou que visto não haver com que o ajudar, lhe dessem licença para descel-os á custa sua, com

tanto que ficassem para o Collegio de Nossa Senhora da Luz, mas despacharam que muito embora....

Com este despacho mandou o Padre pratical-os, e elles com desejo de serem filhos de Deus e dos Padres da Companhia de Jesus, sahiram de suas terras á custa do Collegio, situando-se primeiro umas quatro e pouco depois umas tres jornadas da Cidade de S. Luiz na paragem chamada Itaquy, onde fizeram sua aldêa e moraram annos, indo os Padres Missionarios doutrinar, baptizar e ajudar em tudo todas as vezes que necessitavam de soccorro espiritual de suas almas; era cousa sabida que aquella aldêa era pertencente ao Collegio que commummente a chamavam a aldêa dos Padres ; e assim nem os mesmos Governadores não entendiam com ella ; só Ruy Vaz de Siqueira em tempo do seu governo mandou lá fazer tabaco, por serem terras bôas para tabacaes, mas ficaram tão escandalizados os Indios daquillo que muitos delles se tornaram para os mattos por não quererem por nenhum modo servir aos brancos, visto que nem os Padres os tinham até então occupado em cousa de consideração.

Enfadados depois da paragem em que moravam, desceram uma jornada mais abaixo a um sitio que chamavam Cajuipe, para onde levei primeiro o Capitão Pero, sendo eu Subprior do Collegio e tendo ido desobrigal-os pela quaresma, neste sitio como tinha ricas terras e bôas aguas com a fartura de peixe e carne que não faltam por todo este rio e jabutys, fizeram uma bella aldêa com egreja e casa dos Padres, e morou com elles por seu primeiro Missionario o Padre João Maria Garsoni, com o Irmão Manoel Rodrigues, seu companheiro; estes mandaram plantar fileiras de larangeiras e flores por toda a aldêa, com que arremedava um Paraizozinho ; e porque viam que lhe faltavam muitos que tinham fugido para o matto com medo dos brancos, mandaram-lhes um seu parente zeloso para pratical-os para voltar ; mas porque os indios são de si para tudo mui vagarosos em o que se lhes encomenda, resolveu-se o Padre João Maria ir com seu companheiro a suas terras para trazel-os comsigo, andaram muitos dias navegando rio áriba sem difficuldade nenhuma, porém depois deram em um enxame de folhas mui largas chamado *Mururiz* pela lingua da terra, que

fechava o rio de sorte que impediam a passagem das canôas, e era necessario abrir-lhes caminho á força de braços, machados e fouces; vencida esta grande difficuldade chegaram ao porto do caminho que leva para Capytiba, cançadissimos do muito trabalho que o abrir das mururiz lhes tinha dado.

Descançaram, pois, um pouco e logo deixando as canôas em o mesmo porto, e carregando ás costas o altar portatil, a matalotagem necessaria para uns cinco ou seis dias com os resgates e dadivas, caminharam umas oito jornadas por terra por mattos fechados de espinhos, lagos que davam até o joelho, e ás vezes até a cintura até finalmente chegarem a Capytiba meio mortos todos de muito cansaço do caminho, foram bem recebidos daquelle gentio por serem parentes seus os remeiros todos.

Ajuntou o Padre João Maria os principaes e indios que ia buscar, praticando e contentando-os com algumas dadivas que levava para lhes ganhar a vontade. Gostavam muito de ouvir que descendo mais se instruiriam elles e seus filhos na Lei de Deus, e se baptizariam para se poderem salvar, mas fazia-lhes medo a vizinhança dos brancos que com continuos trabalhos consumiam os indios, e assim tendo tomado seu conselho entre si, responderam ao Padre João Maria que elles o acompanhariam para baixo, com a condição de fazel-os filhos de Deus, e lhes fizesse sua aldêa longe dos brancos aos quaes por nenhum modo queriam servir; em isto ficaram, e feita a matalotagem de farinhas, pois pelos mattos não faltavam porcos e jabutis, nem peixe pelo rio, vieram-se uns, ficando os outros mais temidos para outra missão. E chegados ao rio logo acharam as canôas da aldêa, que por ordem deixada do Padre os vieram buscar com as farinhas necessarias, e assim se desceram sem difficuldade, não lhes dando trabalho se não os meninos e meninas, das quaes como de todos tratava o irmão Manoel Rodrigues, com muita caridade.

Vieram-os encontrar os seus parentes, e com grande festa os receberam e levaram para a sua aldêa, onde o Padre João Maria, depois de os ter levado para a egreja, os foi repartindo pelas casas, emquanto não tinham casas proprias em que

morar; avisou-me a mim por ser eu então Subprior da Casa de Nossa Senhora da Luz, mandei não tratassem de outra aldêa para então lhes mandar umas vinte ou mais peças de ferramenta, para lhes emprestarem quando quizessem fazer suas roças, com condição de as tornar sempre a entregar depois do trabalho.

Succedeu o Padre Antonio Pereira ao Padre João Maria em aquella residencia de Nossa Senhora da Conceição, em a aldêa de Capytiba, e em seu tempo veiu outro lote daquelle que tinha ficado em Capyitiba, e depois outro, estando eu com cerca de duzentas e mais pessoas que foi buscar o Irmão Manoel Rodrigues, e outro o Padre Antonio da Silva com o dito Irmão em suas proprias terras, e sendo Subprior da Missão o Padre Pero Luiz, e nesta viagem puzeram.......

Finalmente, o Padre Pedro Pedroso sendo feito seu Missionario acabada a visita os mandou para Maracú, onde estão desde o anno 1683, pouco mais ou menos, assistindo-lhes sempre um Padre Missionario com seu companheiro depois de restituidos os Padres em o Maranhão por ordem de Sua Magestade, e concedida aquella aldêa ao Collegio do Maranhão pelo mesmo Senhor á instancia minha como se verá mais largamente, porque basta o referido para se tomar noticia dos primeiros principios da aldêa dos Guarajaras sobre o rio Pinaré, e conheça-se comquanto direito a possuem os Padres, e aos quaes se não pode tirar sem grande injustiça, maiormente agora depois que Sua Magestade a concedeu por suas Leis reaes do anno 1687, e terem-se cumprido todas as condições, em quanto foi possivel aos Padres Missionarios; digo isto porque se apertassem mais com elles hão de fugir todos outra vez para suas terras como dizem muitos delles, que estão em Capytiba, com seus parentes sem quererem tornar para a aldêa de Maracú, sem mais razão que o medo dos brancos, aos quaes não querem servir.

CAPITULO 2º.

EMBARCA-SE O PADRE ANTONIO VIEIRA PARA O REINO COM O PADRE CARDOSO PARA TRATAR OS NEGOCIOS DA MISSÃO COM EL-REI DOM JOÃO O 4º.

Achando os Padres, assim os do Maranhão, como os que estavam em o Pará, que sem o governo temporal dos Indios se não podia fazer fructo da missão, resolveram-se a mandar alguns para o Reino para tratar de uma Lei nova sobre o governo delles, e sobre as entradas em o sertão para fornecimento das aldêas e escravos dos particulares; e como o Padre Antonio Vieira Subprior da missão era o que melhor que ninguem podia tratar este negocio de modo que tivesse o successo desejado, por ser prégador e muito estimado de Sua Magestade, foram todos de parecer que elle fosse. Admittiu a eleição e dispostas as cousas assim pelo Pará como pelo Maranhão, embarcou-se com o Padre Gaspar Cardoso que ia acudir a seus parentes, indo tambem em sua companhia Frei José do Amaral e Frei Paulo Barreto, ambos Religiosos Carmelitas de Nossa Senhora do Carmo, para tomar as ordens em o Reino, visto não haver ainda Bispo em o Maranhão que os ordenasse.

Navegaram com mar bonante até quasi ás ilhas, quando se lhes levantou uma tempestade tão rija, que batendo ás costas da nau com suas encapeladas ondas a fez abrir, e como lançando tambem algumas para dentro a foi em breve enchendo tanto, que não faltava mais que um só palmo para se ir a pique; estavam já descoroçoados todos que alli iam, sem o Capitão e Piloto sem poderem dar a conselho, chorando todos sua pouca fortuna, e recorrendo cada qual ao Santo de sua maior confiança para o remedio.

Animou-os o Padre Antonio Vieira a uma boa dôr de suas culpas e confissão, conforme o permittiam......... do tempo e logar, e fez promessa aos Santos Apostolos S. Simão e Judas de lhes mandar fazer uma egreja em a missão e trazer para ella suas Imagens, parecendo-lhe, como elle dizia, que esses dous santos

estavam em o Céo mui occupados, para fazer terem bom despacho as petições dos necessitados; causa espanto valer tanto esta confiança para com os Santos Apostolos, quando estando já o navio para ir ao fundo, virou-se á banda, o deu logar que depois de cortar os mastros se assentassem nas costas delle todos quantos nelle iam embarcados, indo desta sorte á mercê dos ventos e das ondas. Quiz Deus que passando por accaso uma náu Hollandeza, compadecendo-se como de naufragantes os tomou e lançou em terra junto á ilha Graciosa, de onde se passaram para a Terceira; lá se detiveram alguns dias até cobrarem forças e fez o Padre Antonio Vieira no entretanto um rico Sermão de Santa Thereza, em o dia festivo de sua festa que se celebrava com toda a solemnidade, e como era compassivo das miserias de seus proximos, vendo os Religiosos e mais passageiros pobres faltos de vestidos, os proveu de roupa nova a todos. Da Terceira se foram á ilha de S. Miguel embarcar em uma fragata de seu irmão, deixando por onde passava instituida a devoção do Terço cantado, a qual elle primeiro tinha instituido em o Maranhão.

Chegado felizmente á Lisbôa foi recebido assim d'El Rey Dom João o 4º, como de toda a côrte e de todos com grande alvoroço. Aqui, tendo representado á Sua Magestade as causas de sua vinda, foi logo despachado muito á sua vontade conforme o que pedia, e requeria por bom governo do Estado do Maranhão...... dos indios e entradas pelo sertão, como se pode vêr da Lei do anno 1655, da qual elle procurou e trouxe a copia, de que se trata no capitulo seguinte. Em quanto se despachavam as cousas e negocios, fez em a Capella real estando presente Suas Magestades com um concurso grandissimo de toda a côrte, aquelle admiravel Sermão do Semeador, sobre as palavras do Evangelho: *Qui seminat seminatore semen suum.* Não é crivel quanto foi applaudido e estimado, quanto foi desejada de todos a sua ficada na Côrte, que sentia privar-se de um tão grande Varão. Porem elle a quem não bastavam applausos das Côrtes, mas a salvação das almas pelos dilatados sertões do Estado do Maranhão, estimando ter visto despachados seus negocios a seu gosto, tratou logo com Sua Magestade de voltar

para sua querida missão. El-Rey desejoso quanto ser podia de sua assistencia em o Reino comsigo na Corte, fez todo o possivel para o deter até mandar ordens expressas á torre de Belem, que não deixassem passar embarcação nenhuma sem licença sua precisa.

Porém como vio pelo grande zelo do Padre Antonio Vieira em que solicitava licença para se voltar a sua missão, que era Deus que o chamava para ella, concedeu-lha com bem grande seu pezar, e assim tendo-se o Padre despedido de Sua Magestade e toda a Côrte embarcou-se com sentimento de todos em a monsão costumada do anno 1655, tendo partido uns dias dantes André Vidal de Negreiros, por governador do Estado.

Levou em sua companhia o Padre Salvador do Valle, o Padre Manoel Pires, o noviço, o Padre Pedro Poderoso, o Padre Francisco da Veiga, o Padre Glo.... O Padre Jacome.... o Padre Paulo da Luz, o Padre Manoel de Souza e o Irmão Sebastião Ferreira. Iam tambem embarcados com elle um Padre Provincial do Carmo com dous Religiosos seus e de Seculares Martinho Moreira, cavalheiro do habito de Santiago com sua mãe Catharina da Costa e tres Irmãs D. Catharina da Costa, D. Izabel da Costa, D. Branca da Costa, das quaes quiz fazer aqui menção, não sómente por se darem sempre bem com os Padres, mas tambem em razão do successo que logo referirei. Chegados que foram defronte da torre de Belém dispararam-se sobre a embarcação em que iam umas peças com balas não sem algum damno della ; mas como o Padre Antonio Vieira mandou ao Capitão da torre a licença d'El-Rey *in scriptis*, continuou a sua navegação, sem mais embargo nenhum.

Foi tão feliz a sua viagem que dentro de vinte e cinco para vinte e seis dias a acabaram sem nunca mudar vela nenhuma nem faltou comtudo um grande susto que lhes causou a vista de umas naus que lhes pareciam ser inimigos. Augmentou o susto o grande sobresalto de Martinho Moreira, o qual por trazer comsigo a sua mãe e tres donzellas suas irmans, dava grande molestia ao Padre Antonio Vieira, botando-se de joelhos diante delle, rogando-lhe o encommendasse a Deus Nosso Senhor para que lhe valesse naquella occasião, porque se estas naus fossem ini-

migas não se saberia dar de conselho sobre o que havia de fazer com suas irmãs donzellas se não que prender-lhes uma botija ao pescoço e as deitar ao mar para morrerem antes afogadas deante de seus olhos, que deante delle affrontadas e deshonradas; consolou-o o Padre Antonio Vieira e foi Deus servido que as náos desapparecessem, e que elles chegassem a salvamento ao porto do Maranhão pelas festas do Espirito Santo, com brevissima e felicissima viagem, e porque viram...... anno 1655 nesta occasião, as quaes..

....

....

LIVRO 3°.

DO QUE OS PADRES OBRARAM DESDE O ANNO DE 1655 ATÉ O ANNO DE SUA PRIMEIRA EXPULSÃO EM 1661

CAPITULO 1°.

PUBLICAM-SE AS LEIS, PÕEM-SE OS MISSIONARIOS DE POSSE DO GOVERNO TEMPORAL E ESPIRITUAL DOS INDIOS, REPARTINDO-SE PELAS ALDÊAS.

Chegados que foram os Padres ao Maranhão, onde por então era sub-prior da casa de Nossa Senhora da Luz o Padre Matheus Delgado, mandou o Governador publicar as leis novas daquelle anno de 1655 e o Padre Antonio Vieira como Subprior da missão assignou logo as residencias pondo Missionarios nellas; e para que soubessem como se havia de governar o temporal religiosamente dos indios que lhe eram commettidos, mandou que cada qual delles tivesse um traslado de sua visita da Missão, feita e approvada pelo nosso Muito Reverendo Padre Geral, Gosvino Nikel que então governava, e outro traslado da nova lei do anno 1655, encommendando-lhes muito que não em minima cousa se desviassem do que nelles estava por escripto. Entregou-se á casa do Maranhão ao Padre Ricardo Caxeu, homem douto e virtuoso, e Hollandez de nação, em a residencia de

S. José ; em a de Serigipe, da Capitania de Tapuytapera, poz o Padre Matheus Delgado com o Irmão Amaro de Souza, filho do Maranhão, de poucas letras, com algum ramozinho de mameluco e que o nosso Muito Reverendo Padre Geral dispensou por grande lingua e muito curioso de mãos para quaesquer obras. Para a missão de S. Francisco Xavier, nas serras de Ibiapaba, mandou o Padre Antonio Ribeiro com o Padre Pedro Poderoso natural de S. Paulo e grande lingoa ; em a missão do rio Pinaré e do rio Itapecorú, não se poz por então ninguem, mas deixaram-se para serem sómente de visita, como tambem a da aldêa de Taiapucurantim ou de S. Gonçalo.

Dispostas assim estas cousas em o Maranhão, passou-se em canôa para o Grampará, e como a capitania do Gurupy lhe ficava no caminho, poz lá a missão e residencia de S. João Baptista, deixando por Missionario della ao Padre Jacome de Carvalho e o Padre Manoel Pires, noviço, aos quaes pouco depois foram mandados o Padre Bento Alvares e o Padre Ignacio de Azevedo, noviço, um daquelles quatro valorosos Portuguezes que, estando o Hollandez em Pernambuco, tiveram animo de acommetter, estando elles poucos, de noite numa náu, matando as sentinellas e todos os mais, até não ficarem mais que quatorze, os quaes, sendo seus companheiros mortos, todos se renderam, ficando quatro Portuguezes vencedores de muitissimos inimigos, e apoderando-se da náu, com tudo quanto levava de soccorro aos seus em tempo das guerras da Corôa de Portugal contra os Hollandezes; ouvi dizer como cousa certa que em a aldêa do Gurupy se mostrara o Padre Francisco Gonçalves, visitador, com o Padre Antonio Vieira, e que acabada sua visita, lhe entregara tudo, e assim devia ser, porque nunca achei outra cousa em esta materia, nem ha que espantar o se acabar tão depressa sua visita, em tempo que a missão não estava ainda bem formada e havia muito pouco que visitar.

Continuando o Padre Antonio Vieira, da missão foi-se ao Grampará onde tambem publicadas as leis dispoz a missão daquella banda em o modo seguinte. Constituiu por Subprior da casa de Santo Alexandre ao Padre Manoel Nunes ; ao Padre

Francisco Velloso, commetteu os Tupinambás antigos que moravam no Guajará, onde tambem assistiu algum tempo o Padre Manoel Nunes como assistiu na aldêa antiquissima dos indios do Maracanã; para Mortigura, mandou o Padre Francisco da Veiga para fazer a residencia de S. João Baptista em Mortigura. Para o Cametá, mandou o Padre Thomé Ribeiro para lá fazer outra residencia, a qual por ter a egreja dos brancos que tinha por Padroeiro tambem o glorioso Santo ficou com o mesmo appellido.

Ao Gurupá, mandou o Padre Salvador do Valle com o Padre Paulo Luiz, o qual fez a egreja da residencia de Nossa Senhora do Desterro, e....aldêa do Tapará, ficando-lhe a de S. Pedro junto á fortaleza do Gurupá.

Finalmente ao Xingú, mandou o Padre Manoel de Souza com seu companheiro e ninguem até ao presente ouvio que quasi pelo mesmo tempo houvesse outros Missionarios por aquellas residencias, porque como quer que uns pelo descostume do clima adoeciam, e outros se mandavam com as tropas dar entradas pelos sertões, não era possivel não haver muitas mudanças, e essas ás vezes em as mesmas casas pelas mesmas razões, e isto tanto assim que me disse o Padre Manoel Nunes, o velho, que ás vezes por falta de quem ficasse em casa fechavam as portas, e se iam para as aldêas mais vizinhas para acodir a suas missões; e não era isto só pelo Pará, mas pelo Maranhão como me contou o Padre Antonio Soares, um dos daquelle tempo, que em aquelles principios, governando o Padre Matheus Delgado fechavam as portas das casas, e sahiam para Itaquy ou Tapuy-tapera, e affirmou-me Lourenço de Lyra, escrivão das notas do Grampará, que a elle entregavam as chaves os nossos Padres quando para acudirem com a doutrina e missa, iam ás aldêas mais chegadas á cidade.

Por aquelles tempos se fez tambem uma residencia bella em a aldêa de Maguary, do principal Thomé, pelo Padre Manoel Nunes, que depois de assistir lá um tempo, foi assistir em a aldêa de Maracaná, do Principal Lopo de Souza Capauba, que aquelle tempo estava sita em um alto para banda do igarapé do Pagé, d'onde depois se mudou mais para baixo; e finalmente

pelo inconveniente do porto para o centro, onde se acha em o tempo presente; todas essas mudanças houve em vida do dito Principal, o qual finalmente falleceu, em seu ultimo sitio com os Sacramentos da Santa Madre Egreja, succedendo-lhe seu filho Francisco de Souza que é o que hoje governa a aldêa com o Padre Diogo da Costa, seu Missionario.

CAPITULO 2º.

VAI O PADRE SOUTO MAIOR PARA A TERRA DOS INGAIBAS COM A TROPA QUE MANDOU O GOVERNADOR ANDRÉ VIDAL PARA CASTIGAR OS ARUANS QUE TINHAM MORTO O PADRE LUIZ FIGUEIRA E OS QUE IAM COM OS NAUFRAGADOS.

Como Deus Nosso Senhor tinha escolhido o Padre João de Souto Maior, não só para illustrar as cidades com seu exemplo e doutrina, mas ainda para levar a luz de Nossa Santa Fé aos sertões de muita gentilidade que ha em o Estado do Maranhão, foi eleito por Missionario do Padre Antonio Vieira, subprior e visitador de toda a missão para ir aos Ingaibas, em tempo que o Governador André Vidal de Negreiros mandou dous cabos com uns cento e doze brancos e uns novecentos indios, em umas trinta e sete canôas, para irem castigar os Aruans da costa que tinham morto o Padre Luiz Figueira e seus companheiros naufragados, e juntamente para fazerem pazes com os Ingaybas em as ilhas da terra à dentro, indo por cabo da tropa da costa Agostinho Corrêa, e da da terra a dentro Pedro da Costa Favella. Está a ilha de Joannes, que comprehende as ilhas dos Ingaybas e muitas outras nações, atravessada em o rio das Amazonas, e quasi de maior grandeza de terras que todo o Reino de Portugal. Habitam-n'a sete nações, cada uma de lingua differente e de maneira que vivendo em a mesma ilha, no meio do rio, se não entendem uns aos outros, tendo muitas vezes guerras entre si. Os nomes das nações são: Joannes ou Sacacas, Aruans, Mapuázes, Mamaianázes, Pauxis e Boccas, e com serem estas nações todas só seis dias distante do Grampará e povoações dos Portuguezes, nunca lhes puderam fazer hostilidade alguma,

porque conhecendo estes barbaros que a amizade com os Portuguezos se reduzia a um dissimulado captiveiro e o conhecimento, que queriam de suas terras se reduzia a um claro conhecimento de seus igarapés para serem assaltados com maior facilidade, se resolveram a buscar a liberdade por meio de suas armas ajudando-os muito para este effeito o sitio inexpugnavel em que a natureza os poz, porque a maior parte da ilha é de tabocas grossas, que lançam de si tanta quantidade de espinhos tão rijos e fortes que não podem ser acommettidos das nações circumvizinhas, e deste labyrintho confuso se ajudam para sua defesa.

Varias vezes se empenharam as forças de todo este Estado em destruir estes inimigos domesticos, os quaes sahindo daquella ilha em canôas ligeiras, continuamente salteavam os moradores e indios christãos, quando iam para suas lavouras, não se contentando com lhes levarem os escravos e roubarem as fazendas, mas ainda lhes tiravam a vida.

Ajuntava-se mais a estas razões que estando então apregoada a guerra com os Hollandezes, tratou-se de fazer pazes com estas nações todas, ou empenhar as forças do Estado para as destruir, pelo perigo que se considerava de qualquer nação inimiga se unisse com esses barbaros para se asenhorear d'estas capitanias; e com todo este poder partiram o Padre João de Souto, e o Padre Salvador do Valle, por Missionarios.

Não são criveis facilmente os trabalhos que padeceu, andando a maior parte da ilha, a pé descalço, por aquelles rios com desejo de reduzir aquellas nações ao gremio da egreja e amizade dos Portuguezes, livrando-o Deus muitas vezes dos perigos evidentes e ciladas encobertas dos gentios, em que se metteu em os assaltos que se deram em varias aldêas que ficavam á beira mar, principalmente quando dividiu o nosso poder em duas esquadras; em uma dellas foi o Padre; anoitecendo em uma aldêa populosa de Anajás, acharam as casas todas vasias, e a gente posta em fugida pelos soldados e indios da tropa, não imaginando tão inopinada traição; molestados do rigor dos caminhos e inclemencia do tempo se puzeram a descançar aquella noite em uma das casas da paz; os barbaros que estavam de emboscada

espreitando os designios de nossa gente, se foram ajuntando de varias partes na maior escuridade da noite e, cercando a casa, e repentinamente sahiram da cilada despedindo quantidade de frecharia sobre a gente da tropa que primeiro sentiu em seus corpos as settas dos barbaros, que vissem a cilada que tinham armado. Tudo se resolveu com confusão, assim pela escuridade como pelos gritos e urros dos inimigos e gemidos dos feridos, cada um dos nossos cuidava ser aquella a derradeira noite de sua vida, acudindo o Missionario a todos mais pelo remedio de suas almas, que pela liberdade de seus corpos. Em circumstancias tão apertadas encommendou a todos que com grande contricção pedissem perdão a Deus de seus peccados, e levantando-se em pé accendeu uma candêa que comsigo trazia, com ella accesa disse em voz alta e alegre que se animassem que elle queria curar as feridas para que não perecessem ao desamparo. Quando os da tropa os viram com a candêa accesa na mão, começaram todos a bradar em alta voz, que afastasse de si a luz por quanto por ella lhe haviam de fazer o tiro mais seguro, com que infallivelmente acabariam todos a vida, porque usam estes barbaros de fréchas ervadas com peçonhas tão refinadas, que o mesmo é ferirem a qualquer contrario, ainda que seja muito levemente, que perder a vida, e o artifice desta unctura sempre é um dos prisioneiros que tomam na guerra, pois só tem dous dias de vida depois de refinar esta peçonha ao fogo, por quanto o fumo della basta para lhe causar tão apressada morte. Nesta peçonha vão unctados os bicos das fréchas que hão de levar á guerra para intimidar os seus contrarios. Não foi este aviso bastante para encovardar esse coração intrepido, que nunca temeu trabalho nem perigo algum, e logo segurou a todos que á vista daquella luz fugiriam os contrarios, porque sempre as trevas fugiram á vista da luz. Tudo o que disse se mostrou logo com evidencia, porque os barbaros vendo aquella pequena luz se puzeram em fugida imaginando ser emboscada dos soldados da tropa, os quaes ficaram livres em o campo. Pondo-se logo com aquella pequena luz a curar os feridos por suas mãos, sem ninguem saber nem conhecer o medicamento com que estancava o sangue e

curava as feridas aquella noite, nem o companheiro o viu levar medicamento algum da cabana em que ambos estavam aposentados, mais que uma Imagem de Christo Crucificado, que em as missões sempre trazia ao pescoço, nem aquella esquadra de soldados levou cousa alguma de medicinas, o que se viu foi que todos vieram sãos da cura, e em alguns os signaes frescos em partes perigosas, e algumas settas ervadas com peçonha dos barbaros. Todos os soldados depois que se encorporaram com a tropa contaram o que aqui se tem referido, affirmando que por meio do Padre Souto Maior os livrara Deus de tão evidente perigo, em que todos infallivelmente acabariam a vida.

Passados tres mezes de tão excessivo trabalho, não se podendo já soffrer a fome, porque estas nações como esperavam estas hostilidades, não queriam plantar mantimentos, sustentando-se a maior parte do anno de fructas que a ilha produz em abundancia, trataram os cabos da tropa do Maranhão e Pará desenganados que estas nações se não podiam domar por força de armas, de algum concerto racional donde vieram a resolver com o Padre Missionario João de Souto Maior, por ultimo meio, que mandassem um Principal que tinham tomado em a primeira aldêa a praticar as outras nações que viessem seguramente a fazer pazes, que dalli adeante se lhes guardariam com toda a fidelidade ; o indio deu palavra de praticar aos parentes, porém para ser melhor crido dos que já tão pouco se fiavam dos brancos, pediu lhe dessem um signal que mostrasse aos contrarios : os cabos da tropa lhe deram a ordem do Governador em que lhes promettia a paz em nome d'El-Rei com perpetua amizade ; não se aquietou o Principal dizendo que já se não fiavam de papeis, que lhe déssem outro signal mais efficaz ; com esta resposta ficaram todos confusos, duvidosos, desconfiando do meio que tinham tomado, sentindo ficarem estas nações como dantes, para se vingarem dos factos passados, salteando a lavoura dos moradores, e os mantimentos dos indios Christãos. Com o que a tropa toda tratava já da retirada para a capitania do Pará, onde estava o Governador, esperando o bom successo e fim della. Em taes circumstancias perguntou o Padre João de Souto Maior ao companheiro, padre Salvador do Valle, pelos

meios que tinham tomado, e elle lhe contou todo o successo e a impossibilidade que havia em praticar essas nações, conforme as ordens do Padre Subprior da missão, com tanto estrondo de guerra. Então o Padre sem responder cousa alguma se virou para o Principal tirando uma Imagem de Christo Crucificado que trazia ao peito, mettendo-a na mão do gentio disse que aquelle era o signal que lhe dava. Alegre o barbaro com tal penhor, sem demora alguma se partio a denunciar por todas as partes a paz promettida, voltando-se logo o Padre para Agostinho Corrêa, que era o cabo da tropa, e para a mais gente, disse em alta voz que visto o poder das armas não poder sugeitar aquelles barbaros, só em aquelle Senhor confiava que cedo os traria á nossa amizade. Tres dias se esperou pela resolução e vinda do Principal, e como não voltasse se retirou a tropa por não poder soffrer mais dilação por causa da fome, pois estavam mettidos ao intimo desses sertões sem achar mantimentos, e o pouco pescado que havia era com risco de vida, em razão das ciladas dos inimigos, e ainda a busca de agua para beberem custava muitas frechadas dos barbaros, que estavam de emboscada sem serem vistos em aquelles mattos agrestes.

Não deixou esta acção do Padre João de Souto Maior de ser murmurada de muitos ecclesiasticos, e senhores que tinham por grande indecencia deixar-se uma Imagem de Christo Crucificado em mãos de barbaros e pagãos; porém o tempo mostrou ser infallivel a promessa de tão grande penhor, porque os barbaros o tiveram em grande veneração, e todo aquelle tempo não sahiram mais em canôas ligeiras a seus latrocinios, e no fim do anno se fizeram as pazes com universal alegria, trazendo do sertão em primeiro logar a Sagrada Imagem que tinha ficado em seu poder por penhor; com grandes festas e trombetas e bailes a seu modo rustico, com grande solemnidade foi recebida esta Sagrada Imagem, em a capitania do Grampará, porque se recebeu com procissão solemne que mandou fazer o Vigario Geral, e com missa cantada em acção de graças e prégação, assistindo as Communidades das Religiões e nobreza toda, louvando tanto a Deus Nosso Senhor por uma tão grande maravilha.

CAPITULO 3º.

RELATA-SE O PRINCIPIO DA MISSÃO DA SERRA, DADO EM TEMPO DO PADRE ANTONIO VIEIRA SUBPRIOR, E DE ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS GOVERNADOR DO ESTADO.

Estão entre a fortaleza do Ceará e a cidade do Maranhão umas serranias mui altas e compridas, chamadas commummente as serras da Ibiapaba, em as quaes estão muitas nações de lingua travada, e entre ellas uma de lingua geral por nome os Tabajaras, indios de Ibiapaba, que, em tempo do Governador André Vidal, tinham sua aldêa no mais alto cumo dellas, já desde a era do anno 1614, em que o Padre Francisco Pinto com o Padre Luiz Figueira foram em sua busca e a custa de sua vida que lá deixou........................ ybirassangas com que em momentos lh'a tiraram, sem conhecerem que elle lhes vinha dar a vida a suas almas, e tiral-os da morte do peccado e inferno, por meio da graça do Santo Evangelho que lhes ia prégar. Estes Tabajaras, tendo por noticias que os Padres da Companhia de Jesus tinham vindo para o Estado do Maranhão, com maior numero movidos do desejo de sua salvação, que só pela fé de Christo se alcança como mui provavelmente lhes tinham ensinado os Indios Christãos fugidos de Pernambuco por occasião das guerras com os Hollandezes, vieram ao Maranhão pedir Missionario com grande instancia ; pareceu ao Governador e Subprior da missão, o Padre Antonio Vieira, que se havia deferir a sua petição pelo grande serviço de Deus que se esperava na salvação de muitos milhares de almas dos barbaros que ao redor dellas habitavam, e juntamente pelas muitas hostilidades que com isso se evitariam, por quanto com a presença dos Missionarios todas as nações circumvizinhas se poriam em paz, ficando por este meio tambem livre e seguro o caminho do Maranhão para Pernambuco. Concederam-se-lhe pois nesta occasião dous Missionarios, o Padre Antonio Ribeiro e o Padre Pedro Poderoso, os quaes foram em sua companhia por esse tão comprido e trabalhoso caminho soffrendo o que só Deus Nosso Senhor sabe,

por cujo amor a emprehenderam com grande gosto seu e exemplo dos mais Missionarios. Chegados que foram depois de uma larga e penosa viagem, trataram logo de fabricar egreja e casa de residencia que por ordem do Padre Subprior da missão dedicaram ao glorioso Apostolo das Indias S. Francisco Xavier, acudindo ao serviço de Deus de dentro e de fóra com grande zelo, porque instruidos os Tabajaras se baptizaram todos com suas mulheres e filhos, e se formou naquelles mattos uma grande e bella christandade, a qual se ia dilatando pelas nações ao redor, se o inimigo de nossa salvação não o impedira com os estorvos que se verão depois; faziam-se em a aldêa da residencia os officios divinos a canto de orgam com os indios musicos, e charameleiros que lá se achavam vindos de Pernambuco onde dantes moravam. Contou-me o Padre Pedro Poderoso Missionario que tinha sido daquella missão, desde os seus principios até o fim della, que até fazia pouco fructo nos adultos que tinham estado com os Hollandezes, e que uma só cousa lhe dava mais consolação era ter baptisado setecentas creanças que Deus Nosso Senhor levou para si em tempo de sua......... e não é crivel quanto lá padeciam por falta do sustento, o qual commummente eram feijões que só se davam bem em aquellas terras, e apertava tanto com elles a fome que mandavam aos rapazes da caça frechassem umas lagartixas verdezinhas algum tanto maiores que as ordinarias para as comerem assadas, isto por serem a caça e o peixe nenhuns, por ser muita a distancia do mar áquelle sitio; estiveram estes dous Missionarios algum tempo juntos, até ficar depois o Padre Pedro Poderoso, emquanto lhe não levou o Padre Subprior Antonio Vieira, o Padre Manoel da Silva por companheiro, indo visitar, em pessoa, aquella gloriosa missão em tempo do governo de Dom Pedro de Mello, como largamente se dirá depois em seu logar.

CAPITULO 4º.

ENTRADA DO PADRE JOÃO DE SOUTO MAIOR PELAS TERRAS DOS PACAJÁS, POR MISSIONARIO DA TROPA QUE IA AO DESCOBRIMENTO DO OURO POR ORDEM DE EL-REI DOM JOÃO O 4º.

Em o mesmo dia que o Padre João de Souto Maior se recolheu da missão que com tanto trabalho tinha feito para os Ingaybas, foi avisado para outra mais de trezentas legoas distante do povoado, a saber, do rio Pacajás, habitado de gente de lingua geral do Brazil. Era tanta a multidão do gentio que morava ao longo deste rio, que ajuntando-se todos os Portuguezes e Indios das aldêas d'El Rei, no principio desta conquista para lhes ir dar guerra, foi tão cruenta que affirmou um dos primeiros conquistadores do Pará que se tingiu o rio em sangue, porque os Indios Pacajás não só se puzeram em campo a esperar a peleja, mas ainda sahiram a receber os Tupinambás, e outros seus contrarios com mais de quinhentas canôas, ficando mortos quasi todos não sómente os vencidos, mas tambem os vencedores, e pelo decurso do tempo se desceram muitos delles, fazendo em Cametá, Pará, Serigipe, em Tapuytapera, cinco aldêas. Grandes foram os empenhos que se fizeram para esta jornada, pelo grande lucro que se esperava das minas do ouro e prata que El-Rei mandava descobrir, mandando para este effeito dous mineiros do Reino com toda a ferramenta necessaria para se examinar o rendimento dos mineraes, os quaes foram embarcados na mesma tropa em que iam os Missionarios, bem como differentes cuidados, pois só eram reduzir os Pacajás, e trazel-os para situal-os em varias aldêas em que com mais facilidade pudessem aprender os mysterios de nossa Santa Fé; de tão bons meios esperavam todos ditosos fins; porém como todo o acerto humano depende sómente da mão de Deus, os tempos se mudaram de modo que impossibilitaram totalmente o bom successo que as esperanças promettiam.

Tinha o Governador André Vidal de Negreiros recebido as ordens de Sua Magestade para effeito desta empreza; mas

não foi elle que a veiu por em execução, porque, como estava provido em tres governos: Maranhão, Pernambuco e Angola, em recompensa das alviçaras que tinha levado a Portugal sobre a restauração de Pernambuco, deixando encommendada a execução a Agostinho Correia, que, por conselho do Padre Sub-prior Antonio Vieira, deixara em seu logar. Partindo já o Governador André Vidal, partiu a tropa depois com duzentos indios e vinte e cinco soldados que eram o poder que se julgava bastante para quem ia denunciar a paz sem estrondos de guerra. Ia por companheiro do Padre Missionario João de Souto Maior, o padre Salvador do Valle, que já o tinha acompanhado na missão aos Ingaibas, porém, de caminho lhe mandou o Padre Sub-prior da missão se retirasse para assistir em a missão do Cametá, onde estavam quatro aldêas populosas de indios christãos com muitos moradores e seus escravos, sem terem um sacerdote em aquelle tempo que lhes pudesse acudir e administrar os Sacramentos.

Portanto, continuou o padre João de Souto Maior só a Missão dos Pacajás por se não vêr perigo algum, e parecer teria só seis mezes de duração com prospero successo, e como a terra é montuosa, atravessou logo a tropa aquellas penedias e cachoeiras do rio, que por montes e penedias se vem despenhando cobrindo-as todos com a abundancia de suas aguas mui chrystallinas. Chegados todos com saude e alegria ao porto, foram recebidos e hospedados de todas aquellas nações com singular applauso.

Os mineiros depois de um breve descanso começaram logo a tratar de descobrir as minas, e emquanto elles tratavam do ouro e prata, poz-se o padre João de Souto Maior com muito maior fervor e zelo a curar da salvação das almas daquelle gentio, em cuja comparação todo o ouro e prata não tinha valor; ia ensinando e catechizando a todos sem descanso, baptisando tambem os que achava estarem dispostos a receberem o santo baptismo, tão necessario para a salvação.

Chegado o tempo da quaresma sem embargo de estarem em mattos agrestes, fizeram-se todos os actos de penitencia com grande devoção, assim dos christãos como do gentio que

para esse effeito trouxeram muita abundancia de cera, entoando-se as musicas de Sion em a terra selvagem e rustica daquelle paganismo.

Com esta prosperidade continuou aquella missão sem contradição alguma em aquelle sertão, quando de repente se mudaram os tempos seccando o rio fóra do curso costumado, achando-se todos da tropa, entre montes e pedras, incapazes de poderem seguir sua derrota pela falta de agua, ficando as canôas todas em secco sobre pedras, mudança tão repentina que até aos mesmos naturaes causou espanto, pois tinham affirmado os praticos daquella navegação que não faltariam aguas bastantes para fazerem suas jornadas ; a missão que se imaginava teria quando muito seis mezes de dilação, se foi estendendo para anno e meio até as enchentes das outras aguas.

Desta mudança de tempo, destemperado ar e do rigor das calmas, se occasionou uma mortal enfermidade em a gente da tropa da qual morreram muitos, e entre ellas o mineiro, com cuja morte ficaram perdidas as esperanças dos thesouros que se buscava ; esta doença se ateou tambem entre aquelles indios neophitos dos quaes falleceram não poucos depois de baptisados pelo Padre Missionario. Tambem muitos dos indios christãos temendo este pestifero contagio, se metteram pelo interior do sertão, e depois de seis mezes de viagem rompendo por mattos agrestes, chegaram finalmente quasi mortos e consumidos de trabalho ao Grampará ; a todos os enfermos acudio com abrazada caridade o Padre Missionario não só com os Sacramentos para remedio da alma, mas tambem com os medicamentos para remedio dos corpos ; em estas afflicções determinou a gente da tropa largar o cuidado das minas, e retirar-se de modo que pudessem voltar á beira do rio, para com esta resolução animarem os indios que os não desamparassem.

Puzeram-se assim, fracos e debilitados, a arrastar as canôas sobre rochas de pedras, e por precipicios de montes com excessivo trabalho e grande falta de mantimentos, pois havia mais de quatro mezes que, em logar de farinha, comiam os troncos das palmeiras cosidos, porque os indios gentios tinham fugido todos daquella enfermidade ; a todas estas resoluções os animou o Pa-

dre Missionario, por se não poder soffrer mais detença em aquelle sitio ; e como queria trazer em sua companhia alguns daquelles principaes que tinham praticado por aquelle sertão, para ajudarem em aquella jornada os soldados como praticos da terra, e para lhes ser depois mais facil comboiar a mais gente... mandando-os do Pará com dadivas em o anno seguinte, partiu-se com pressa para essas aldêas com cinco indios, com uma canôa ligeira, para com mais facilidade poder vencer a pouca agua do rio, pedindo ao cabo da tropa mandasse depois uma canôa maior para o ajudarem a comboiar a gente com tres soldados ; achou-se o rio muito secco e começou a navegar com muito trabalho, do qual se lhe originou uma quentura demasiada, que se foi ateando com a falta do sustento em um corpo abstinente e fraco de compleição, com excessivos crescimentos, ajuntando-se a isto, conforme me referio João de Souza Salema, em aquelle tempo Sargento da tropa, e depois Capitão Mór em o rio Itapicurú do Maranhão, uma queda que deu sobre uma pedra andando por terra, pelos mattos, com que veiu a entender era chegada a hora em que Deus o chamava para o premio de seus trabalhos ; animou, pois, os indios que o levavam para que chegassem com brevidade ás aldêas, para onde dirigia sua jornada.

Chegou ao porto tão fraco que se não podia pôr em pé, e por isso o levaram os indios em os braços para uma pequena casa tecida de palmas. Lá mandou armar o altar portatil que comsigo trazia, onde tinha as duas imagens de S. João Baptista e S. João Evangelista, dos quaes era mui devoto, mandou tambem que lhe tirassem uma candeia de cera que levava sempre junto a si com uma Cruz em que tinha uma imagem devota de Christo Crucificado ; fez ajuntar todos os indios assim gentios como christãos, e disse-lhes que era chegada a hora de sua morte e só lhes encommendava muito de se descerem para as ldêas onde assistiam Missionarios, porque ahi achariam o caminho de sua salvação e não morressem em os mattos como uns animaes sem razão, e sempre com perda de suas almas para sempre. Dados estes e outros semelhantes avisos, posto em summo desamparo, falto de todos os remedios humanos, com

a imagem de Christo Crucificado nas mãos, repetindo o salutifero nome de Jesus por muitas vezes, entregou sua alma a seu Creador sendo de edade de trinta e cinco annos, dos quaes viveu dezoito na Companhia. Enterraram seu corpo com seus vestidos pobres de que usava, fazendo grande sentimento os barbaros por sua morte; chegaram os soldados da tropa que o vinham ajudar e achando-o já sepultado com grande pranto daquellas aldêas, que durou por espaço de oito dias, se tornaram atraz a seguir sua derrota. O Padre Subprior da missão que estava no Pará, não sabendo a que causa attribuisse a muita tardança da tropa com seu Padre Missionario, mandou o Padre Salvador do Valle, que por sua ordem tinha ficado no Cametá, e partiu-se logo com algumas canôas carregadas de mantimentos para soccorrer a gente, caso viessem faltos delles; executou logo o Padre Salvador do Valle sem nenhuma tardança a ordem do Padre Subprior da Missão, o Padre Antonio Vieira; caminhou e entrou com toda a pressa pelo rio dos Pacajás, e depois de muitos dias de viagem achou a tropa quasi toda doente, clamando todos que o Padre João de Souto Maior era um homem santo, e que a causa de sua morte fôra o incansavel zelo das almas, remedio de todos que ardia em seu coração. Animados os homens da tropa com a sua ajuda, voltaram para a Capitania do Pará, onde chegou depois uma canôa do sertão com os indios daquella aldêa onde morreu o Padre João de Souto Maior a pedir ao Padre Subprior da missão os mandasse buscar, referindo-lhe toda a pratica que o Padre lhe fizera antes de morrer. Tal se effectuou: os indios Pacajás se deixaram doutrinar e baptisar, ficando moradores entre os mais indios das aldêas pelas quaes se repartiram; foram elles os que trouxeram o corpo defunto em uma canastra tecida de palmas com todos os ornamentos e vestiduras sacerdotaes de que usava pelas missões, e disse-me João de Souza Salema, Capitão-Mór do Itapicurú em o Maranhão, mas então Sargento da tropa, que os soldados e elle iam puxando a canastra mais para a cabeceira onde descançavam para participarem o bom cheiro que de si lançava o corpo do defunto, e tenho da boca de seu irmão Manoel David Souto Maior, cavalleiro do habito de

Christo e fidalgo dos livros d'El-rei que elle apartara a cabeça do mais corpo para a levar em a mão quando fosse em romaria para a terra santa, como tinha tenção de fazer, em companhia de seu camarada Paulo Martins Garro, nosso irmão de fóra e depois Capitão-Mór do Pará; sepultou-se em o sitio da primeira egreja nossa em o Pará, para a banda da Epistola, algum tanto chegado para o canto da parede entre a sachristia e egreja, que quando muito deitará da porta do corredor de hoje uns vinte e dois palmos, pouco mais ou menos; descuido foi dos mais antigos de o não mandarem tirar para lhe darem sepultura mais honrada em a egreja de S. Francisco Xavier, que, de presente, ha em o Collegio de Santo Alexandre, pois o merece tanto como do summario de sua innocente vida se verá no capitulo seguinte.

CAPITULO 5º.

SUMMARIO DA VIDA DO PADRE JOÃO DE SOUTO MAIOR ANTES DE VIR Á MISSÃO DO MARANHÃO

Merecia o Padre João de Souto Máior um grande elogio pelo que gloriosamente obrou nesta misssão do Maranhão, mas a meu vêr, não se lhe poderá fazer elogio melhor do que se comprehende sobre elle em esta chronica, porque que maior louvor se lhe poderia dar do que referir os exemplos de singular virtude que deu, assim aos seculares como aos religiosos, do que fez em a cidade do Grãopará, e em as missões dos Ingaybas e Pacajás, onde acabou a vida como um Apostolo deste Estado? E por isso não me cançarei com mais, mas para que este genero de elogio seja em tudo perfeito, acrescentarei sómente ao referido a santa vida que levou antes de vir á missão do Maranhão, estando ainda em o reino de Portugal.

Foi o Padre João de Souto Maior natural de Lisbôa, de paes nobres, que desde sua tenra edade o criaram em o santo temor de Deus e mais virtudes, como requeria sua condição; chegado á edade de maior capacidade, applicou-se a estudar humanidades no Collegio de Santo Antão, onde se bem aproveitava muito nas letras humanas, muito mais se adeantava em a sciencia do espirito e propria perfeição, porque sendo ainda estudantinho

de pouca edade, deante da Virgem Maria Mãe de Deos, de quem sempre foi devotissimo, fez voto de perpetua virgindade, o qual guardou inviolavelmente todo o decurso de sua innocente vida, e para melhor conservar este grande thesouro de sua virginal pureza, pediu com instancia ser admittido na Companhia de Jesus, o que vistos e bem examinados os seus bons desejos com o mais que se costuma, como tambem as suas bôas partes, alcançou do Padre Provincial que lhe desse promessa de admittil-o ao noviciado, em o qual entrou com grande alegria, e perseverou com grande exemplo na oração, meditação e mais exercicios de humildade e obediencia, indo subindo a maiores degráus de oração, em a qual era tão consolado que o estado da religião lhe parecia um paraizo em a terra. Não poude o inimigo infernal supportar de vêr um novo soldado da milicia de Christo ir tanto adeante em a vida espiritual, portanto tratou com ardis infernaes de apartal-o do gremio da religião, onde tão quieto e constante vivia, de modo ardiloso. Sentiam seus paes com grande excesso que seu filho se apartasse delles e entrasse em a Companhia, e por isso trataram com todo o saber possivel achar algum meio para o fazer sahir da religião, aconselhando e induzindo um irmão seu de menor edade, Manoel David Souto Maior, para que pedisse com instancia ser admittido em a mesma Companhia, para que, á vista como de um inimigo domestico, fossem mais rigorosos os combates, ficando-lhe mais facil fazel-o retroceder de sua primeira vocação com as razões fingidas e apparentes que lhe intimava. Tudo quanto o demonio traçou succedeu, porém sem effeito algum, porque, entrando na provação o fingido noviço, tratou com grande efficacia desvial-o de seus intentos, propondo-lhe que nenhuma cousa lhe faltaria em casa de seus paes, e outras razões apparentes que a malicia sabe ensinar. A nenhuma cousa lhe deferiu Souto Maior; só tratou, nas praticas que tinha com o irmão em as recreações, fazel-o perseverar em a Companhia; e como viu o seu irmão Manoel David Souto Maior frustrado seus intentos, buscou outro caminho e foi ter com o Mestre dos noviços por mudar a conta, e disse-lhe que seu irmão João de Souto Maior não via nada de um olho, ainda que tinha em outro a vista mui

apurada, e por esta causa se lhe não podia notar este defeito; examinado logo, conhecida a falta em o noviço, foi despedido do noviciado depois de estar alli anno e meio de provação, com grande sentimento seu e grande copia do lagrimas de que não cessou por muitos dias, depois que lhe deram esta triste nova, com a qual lhe quiz Deus apurar sua paciencia, e mostrar a firmeza de sua virtude porquanto, se foi demittido da Religião, nunca perdeu os exercicios della.

Um anno inteiro que viveo no mundo sempre conservou o fervor da vida no exercicio das virtudes como se estivera vivendo na clausura da Religião, que desta maneira soube recolher seus sentidos, pedindo com maior instancia outra vez á Companhia, mettendo por intercessora a Rainha dos Anjos para que se lhe deferisse a sua petição; nenhum caso fazia dos parentes que trabalhavam com fervor para o desviarem de seus intentos, imaginando elles o tinham já seguro, mas elle os aborrecia como inimigos domesticos; examinada segunda vez a falta em consulta do sugeito foi desenganando o Padre Provincial que não podia ser admittido á Companhia, e buscasse outra Religião onde pudesse tambem servir a Deus. Com esta nova foi pedir a Religião do Glorioso Patriarcha S. Domingos, em a qual teve promessa seria logo admittido; mas, como em taes circumstancias não aquietava seu coração, foi de novo informar o Padre Provincial do que se tinha passado e do meio que tinha buscado, e tanto insistiu em allegar que seu impedimento não era bastante, que examinada terceira vez pelos Padres consultores a proposta do requerente, e maravilhados da efficacia de suas palavras, se julgou uniformemente não ser impedimento bastante para se lhe negar o fim de seus desejos. Com esta promessa se partiu alegre e contente, a dar graças á Virgem Senhora Nossa, medianeira de sua petição; e logo foi admittido segunda vez á Companhia com grande alegria de sua alma, e em a mesma tarde em que voltava ao noviciado foi despedido delle seu irmão Manoel David Souto Maior, o qual, como tinha conseguido sua pretenção, logo tratou de ser expulso; aquella tarde se encontraram ambos os irmãos, um sahindo e outro entrando em o noviciado. Olhou João de Souto Maior para seu irmão Manoel David e

disse-lhe aquellas palavras de Christo: *qui mittit manum suam ad aratrum et respiciens retro non est aptus regno Dei*, que querem dizer: quem pega no arado seguindo o caminho da perfeição e torna atraz olhando para as migalhas do mundo não é apto para o Reino de Deus. Estas foram as palavras de saudação, e virando-lhe as costas, entrou pela casa da provação, em a qual não é accessivel o quanto aproveitou em as virtudes e o salutifero cheiro que deu de si a todos como exemplo de sua santa vida. Em a mortificação do seu corpo era rigorosissimo, do que até os seculares se maravilhavam em as missões, sendo de fraca compleição; em a abstinencia era a todos de espanto; tinha o sentido do gosto tão mortificado que nunca lhe desagradou manjar algum ainda que fosse muito grosseiro, e até em suas peregrinações mais molestas affligia seu corpo com jejuns; em o noviciado pedio instantemente ao Padre Luiz Figueira a missão do Grampará, prostrado em terra com muitas lagrimas, desejando ser admittido ao numero dos Missionarios que trazia para cultivar tão grande seara. Não se defiriu a sua petição em aquelle tempo por justas razões, porque parece que o governava Deus para se amparar com elle tão grande perda, não muito longe da ilha do Sol, para alumiar a muitos errados com a luz de sua doutrina.

Completos os dous annos de provação fez os votos da Companhia com grande alegria de sua alma, pois já gozava seguro em o pacto, o que tantos annos tinha desejado e lhe tinha custado tanto, tendo tres annos e meio de provação, e como era de vivo e delicado engenho foi mandado ao Collegio de Coimbra a continuar o estudo da Philosophia, sendo depois eleito por mestre da Rhetorica em o Collegio de Santo Antão em Lisbôa, onde teve particular amizade com o Principe D. Theodozio, o qual o mandou chamar muitas vezes para praticar com elle cousas do espirito em lingua latina; por este tempo começou a abrazar-se em desejos de padecer martyrios em a ilha do Japão pela prégação do Evangelho, e com grande instancia pediu esta missão, alcançando licença dos superiores para partir logo para a India, ordenando-se para este effeito de ordens sacras, para poder com mais facilidade administrar os Sacramentos em aquella missão. Porém, como Deus Nosso Senhor tinha guar-

dado esta planta para cultivar e lançar o odorifero cheiro de suas virtudes entre os mattos agrestes e gente rustica deste paganismo,dispoz os meios para que totalmente ficasse impossivel o fim de seu Missionario, porquanto estando para dar á vela em as náus que partiam para a India com um Padre estrangeiro por seu companheiro, mandou El-Rey D. João o 4º que nenhum estrangeiro passasse em aquella missão á India; este decreto d'El-Rey se lhe intimou, por cuja causa se lhe tirou logo o companheiro para o Collegio de Santo Antão, ficando elle só, mas nem por isso desistiu do seu intento, pedindo licença de ir só em o navio, visto o impedimento do companheiro; porém, o Padre Provincial lh'a negou, mandando-lhe ordem para que se retirasse para o Collegio de Santo Antão, para continuar com a leitura da Rhetorica. Quando lhe deram esta nova e aviso tão repentino, foram tantas as lagrimas de sentimento em vêr que se lhe impedia o fim de seus desejos, que causaram admiração a muitos Padres graves de nossa Companhia, os quaes conheceram o verdadeiro espirito com que pedia a missão. Muitas vezes referia o padre Francisco Gonçalves que foi Provincial da provincia do Brazil, e depois Visitador desta missão, que só com a missão do Maranhão enxugara Deus as lagrimas do padre João de Souto Maior, que tão copiosamente derramara pelas ruas de Lisbôa, pela perda da missão do Japão; continuou com a Rhetorica, porém como aquelle tempo viesse o Inglez com uma poderosa armada sobre a barra de Lisbôa, em as controversias dos Principes Palatinos com o Parlamento, sahiu a nossa armada em defesa delles, e foram pedidos dous religiosos da Companhia para irem em a armada que ia para pelejar com a ingleza; para este perigo tão evidente se foi offerecer aos superiores, dizendo que nenhum gosto teria maior que dar a vida pela obediencia; aceitou-se sua offerta e partiu em a armada que ia pelejar, onde o livrou Deus de varios perigos. Embarcou-se primeiro em um galeão, e depois foi mudado para uma caravella que ia adeante a reconhecer o poder dos inimigos; andou sempre sem temor algum, acudindo a todos com os Sacramentos, e retirada a armada se recolheu para o Collegio de Santo Antão, onde se tratava em aquelle tempo de mandar outra vez novo

soccorro de Missionarios á prégação da Fé em a missão do Maranhão, depois do naufragio e morte do padre Luiz Figueira. Pediu outra vez com instancia esta missão, e foi nomeado pelos superiores em numero dos quatro Padres que então se estavam preparando para conseguir sua viagem, e logo se embarcou com grandes jubilos de alegria, não se despedindo de parente algum. Em viagem foi amado de todos, principalmente de dous Capitães Móres que vinham governar o Maranhão e o Grampará, que o veneravam como um anjo do céu e com muita razão porque era sua vida angelica e desejava..... como anjos todos os que com elle vinham embarcados, nem ficou frustrado de tudo este seu intento, por que com as continuas doutrinas e prégações que fazia, foi desterrando os máus costumes e vicios da infantaria que em a náu vinha embarcada. Chegado á barra do Maranhão desembarcou em a praia, e prostrado por terra a começou a beijar com admiração de todos, como quem via que em a mesma havia alcançar os fins de seus trabalhos, e como quem previa cumpridos seus desejos, pois era a ultima terra que Deus lhe mostrava, para alli lhe servir em a salvação das almas que de tão longe tinha vindo buscar; esta é summariamente a primeira parte da vida do Padre João de Souto Maior, a qual junta com a que já referimos nos capitulos atrazados, acharemos que o melhor elogio que se lhe podia dar era contal-a toda desde o principio até o fim, para ficar como um espelho de crystal fino, para ahi se mirarem todos os Missionarios desta missão do Maranhão, principalmente aquelles que não conhecendo o bem que lhes fez Deus em chamal-os para ella, logo que se acham com algum trabalho, se arrependem de a ter pedido e suspiram pelo Reino e Brazil com tanto excesso, quanto poem em a missão de não perder a sua vocação e companhia, e juntamente a salvação, para segurança da qual Deus os tinha chamado para a Religião.

CAPITULO 6º.

REFEREM-SE AS DUAS MISSÕES QUE FEZ O PADRE FRANCISCO VELLOSO, UMA PELO RIO DAS AMAZONAS, OUTRA PELO RIO TOCANTINS, EM OUTRA OCCASIÃO.

Em tempo do governo de André Vidal de Negreiros, mandou-se uma bôa tropa de brancos e indios ao resgate de escravos pelo rio das Amazonas; foi nomeado cabo della Vital Maciel Parente, filho natural do Governador Bento Maciel Parente, e por Missionario o padre Francisco Velloso, varão de muita prudencia e zelo das almas, e além disso um cicerone em a lingoa da terra. Partiu esta tropa da cidade do Grãopará em a era do anno 1657, e andando pelo rio das Amazonas á riba, chegou até ao rio Negro, gastando muitos mezes em sua viagem. Por todo o caminho não fez o Padre Missionario senão doutrinar, levantar Cruzes e baptisar em caso de suprema necessidade, além de examinar com grande diligencia as causas da escravidão dos que se lhe traziam por escravos, averiguando-se por legitimos passando de seiscentos, os quaes todos vieram para baixo a proveito dos particulares, sem os Padres Missionarios terem mais que o trabalho de os irem buscar em seus sertões, e terem averiguado seus captiveiros com risco de suas vidas, em rios e terras tão doentias como é notorio a todos; as causas de captiveiro legitimo deviam de ser as que contem a lei do anno 1655 feita por El-Rey D. João o 4º, de Gloriosa Memoria, e trazida do Reino pelo Padre Antonio Vieira, as quaes confirmou depois El-Rei Dom Pedro, que Deus guarde, em o anno 1687, e para que não fizesse duvida ao Missionario a causa da guerra, averiguaram entre si os Padres Missionarios da Companhia de Jesus, assistindo o padre Antonio Vieira, o padre Francisco Gonçalves, o padre Manoel Nunes e outros de mais letras e autoridade na missão, que por legitima causa de guerra entre os indios bastava aquella que elles costumavam de ter por tal, quando dão guerra uns aos outros, e que sendo duvidosa a causa então se resgatariam com a condição de servirem cinco annos a quem os resgatasse, e ao cabo delles ficarem sem impedimento como os

mais das aldêas; e como ás vezes se acham por aquelles sertões uns escravos tidos por taes, já desde seus avós, sem ser possivel alcançar a origem e causa primeira de sua escravidão, resolveu-se que tambem estes taes se poderiam resgatar por escravos legitimos, dando a todos seus registos em que se declaravam os servos, os senhores, a causa do seu captiveiro certo ou duvidoso, os seus nomes e signaes por onde se pudessem conhecer melhor, e finalmente como se tinha dado por elles o resgate depois de serem legitimos escravos, e a quem pertenciam, para de tudo se fazer assento nos livros..... e constar em todo o tempo a verdade, e como pela lei daquelle tempo se davam por perdidos para a fazenda real os que não eram feitos pela lei, julgava-se por lei penal, e conforme isso se iam governando as consciencias dos que tinham taes escravos.

CAPITULO 7º.

A MISSÃO DO PADRE FRANCISCO VELLOSO ENTRE OS TUPINAMBÁS PELO RIO DOS TOCANTINS

Tendo o padre Francisco Velloso acabado a missão que se tinha mandado fazer pelo rio das Amazonas á riba, vieram uns Tupinambás que por sua livre vontade se tinham descido para junto do povoado dos brancos em outro tempo; estes informaram aos Padres como em suas terras havia muitas aldêas de sua nação que podiam ir buscar para virem ser filhos de Deus como elles eram; folgaram todos com essa bôa nova; elegeu logo o Padre Subprior Antonio Vieira ao Padre Francisco Velloso, como homem peritissimo na lingua dos Tupinambás, além disso de muito bôa saude, por Missionario daquella empreza, assignou-lhe canoas e indios com todo o mais necessario para a viagem; não quiz que o acompanhasse escolta alguma de soldados, mas um só homem branco, chamado Pedro Biscainho e cirurgião da casa, irmão de fóra, com sua mulher Dona Antonia, por carta de irmandade que elle lhes tinha dado; deste modo aviados, partiram do Pará pela festa de S. João, em o anno 1658, tendo já vindo governador novo do Estado, Dom Pedro de

Mello ; e, como me referiu logo Ibiratuima, indio autorisado e dos mais entendidos e ladinos Tupinambás, que andou em aquella viagem, tendo navegado perto de um mez pelo rio dos Tocantins á riba, chegaram ás terras de seus parentes que tinham povoado todo aquelle rio com aldêas mui populosas ; foi recebido o Padre Missionario como um anjo vindo do Céo, e apenas lhes propoz a causa de sua vinda a suas terras, quando ouvidas suas praticas que lhes fazia em sua lingua propria, que falava como natural entre elles e ainda muito melhor, d'elles não houve um só que não quizesse descer em sua companhia ; portanto, tratou logo de baptisar todos os meninos porque não acontecesse morrer algum sem o santo baptismo, e catechisar cada dia assim pela manhã como pela tarde os adultos, para os ir dispondo daquelle modo pouco a pouco para depois se baptisarem com mais facilidade a seu tempo, e estarem preservados todos por algum caso de extrema necessidade que pudesse acontecer; em o mais tempo que lhe sobejava da doutrina mandava aos homens fizessem canoas ligeiras de um páu molle chamado sumaúma, cujas fructas em modo de um melão, supposto que não tão grossas e compridas, dão uma casta de lã felpuda e serve para colchões e para panno, que arremeda o de lã, como se viu de um pedaço que trouxe do Reino o Padre Antonio de Almeida, clerigo do habito de Christo, para mostrar, que vi com meus olhos; e para que acabassem depressa essas canoas, deu-lhes tambem ferramenta bôa para as fazer; ás mulheres occupava em fazer roças e cozer farinhas, carimans e tapiocas para mantimento da viagem; em taes apparelhos gastou pouco mais ou menos dous mezes, e passados estes mandou embarcassem grandes e pequenos com seus moveis, que consistem em umas rêdes, cabaças, cuias, panellas, arcos e frechas, com algum cachorro de caça. Aqui se viu o grande poder da Divina Graça com que moveu estes barbaros a largarem sua patria, sita sobre um rio de crystallinas e as mais sadias aguas do Estado todo...... umas campinas que estendendo-se a perder de vista, além de muito aprazíveis lhes davam mantimentos em abundancia, e sem embargo disso vieram-se alegremente para baixo, sem se lhes dar do que deixavam, emquanto não deram

em algumas cachoeiras pelas quaes se despenham as aguas; pelo caminho nevegavam em as canoas que tinham feito grandes e em bôa quantidade, mas chegados ás cachoeiras saltaram em terra as mulheres, meninos e meninas, rapazes e velhos, ficando em as canoas não mais que os mais dextros e experimentados em remar até sahirem dos perigos, que não são pequenos, quando a força da correnteza das aguas se despenha do alto para baixo, levando comsigo juntamente as canoas com tudo o que se acha ahi; em as entradas de suas terras encontraram o Padre Antonio Vieira, subprior da missão, que os estava esperando com outras canoas e mantimentos, de refresco, do que ficaram summamente satisfeitos, juntando-se com elles, com grandes demonstrações de alegria e suas......costumadas.

Dahi foram continuando sua viagem até a residencia de S. João Baptista em a Capitania do Cametá, onde por então residia o Padre Salvador do Valle, e lá consultaram os Padres entre si onde os haviam agasalhar; parecia por uma parte bem agasalhados em Murticura, a velha aldêa das mais fartas e povoadas daquelle tempo, mas como repararam não ser conveniente pol-os com os Pacajás por se não haverem de dar bem com elles, levou-os o Padre Francisco Velloso para o Guajará junto á ilha do Sol, onde moravam alguns parentes seus..... terras ferteis, alem de terem perto o peixe e caranguejo, pela visinhança do mar, pouco distante daquella paragem. Pasmou toda a cidade do Pará em vêr tanta gente guerreira junta e não faltou quem dissesse que se mandassem estar de aviso os soldados da fortaleza, com medo de mil duzentos Tupinambás, gente mais guerreira de lança que ha em todas as conquistas! descançaram primeiro com seus parentes em a aldêa do Guajará onde lhes assistiu o Padre Manoel Nunes, e della os levou depois o Padre Francisco Velloso para a ilha do Sol, á beira-mar, que hoje se chama ilha dos Tupinambás, por lá morarem até o presente, supposto que mudados mais para a terra a dentro; lá se lhes mandou fazer uma valente aldêa, com egreja tão grande que parecia uma sé, dedicada ao Espirito Santo, e como lhe quiz assistir aquelles primeiros principios, tambem fabricou umas bellas casas de taipa de mão para residencia, em

que elle morou primeiro com o irmão Sebastião Teixeira, para como pai amante e tão amado delles regeneral-os todos á Christo, por meio do santo baptismo; era a aldêa disposta de sorte que estando o Missionario á porta podia sem difficuldade alcançar com a vista tudo quanto se fazia por toda ella. Daqui foi chamado o Padre Francisco Velloso para governar a casa de Santo Alexandre da cidade do Pará, succedendo-lhe o Padre Jacome de Carvalho por um pouco de tempo. O que na descida dos Tupinambás se poude mais admirar não é sómente terem pela força da Divina Graça sahido de suas proprias terras tão bellas e fecundas, como já se tem dito, para virem em conhecimento da verdadeira fé, mas tambem é terem-se deixado trazer tantas almas de gente mui guerreira por um só Missionario da Companhia de Jesus, sem mais escoltas de soldados e armas, que sua pessoa armada de uma viva confiança em Deus todo poderoso, a cuja Graça tudo se rende e se sujeita. São os Tupinambás hoje mui poucos mas bons christãos, e amigos dos Padres da Companhia de Jesus, e além disso a flor dos guerreiros mais valentes e alentados do Estado todo. Desde que o Padre Francisco Velloso os trouxe de suas terras, quizeram alguns ficar na roça dos Padres, e porque os invejosos não podiam soffrer ficarem uns quatro .... com os que tinham trazido mais de um milheiro para a Capitania do Pará, mandou El-Rey Dom Pedro, de Gloriosa Memoria, que se deixassem estar, e se não bulisse com elles por eu lh'o ter pedido, assim quando assisti em a corte desde o anno 1684 até 1687, sobre os negocios da missão, depois da derradeira expulsão dos Padres Missionarios do Maranhão, como consta da lei.

CAPITULO 8º.

ENTRADA QUE FEZ EM O MESMO ANNO DE 1658 O PADRE MANOEL NUNES PELO RIO DOS TOCANTINS, E O QUE ALLI SE TEM OBRADO

Em o mesmo anno de 1658 se fez uma segunda entrada pelo rio dos Tocantins. Della foi por Missionario o Padre Manoel Nunes, lente que foi de prima de Theologia em Portugal; era cabo de tropa Paulo Martins Garro, natural de Aveiro, por então

Capitão Mór do Gurupá e Grampará, levava de escolta quarenta e cinco soldados portuguezes com quatrocentos e cincoenta indios de arco, frécha e remo. A primeira funcção em que se empregou este poder foi em dar guerra e castigar certos indios rebelados de nação Inheyguaras, que o anno passado, com morte de alguns christãos, tinham impedido a outros indios de suas visinhanças descerem para a egreja e vassalagem d'El'-Rey de Portugal. São os Inheyguaras gente de grande resolução e valor, totalmente impaciente de sujeição, e tendo-se retirado com suas armas para os logares mais occultos e defensaveis de suas brenhas, em distancia de mais de cincoenta legoas, lá foram buscados, cercados, vendidos e tomados quasi todos sem damno mais que dous indios nossos levemente feridos; ficaram presioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis reaes passadas em o anno 1655 a cerca dos captiveiros, foram julgados por escravos e repartidos entre a soldadesca. Tirado este impedimento entenderam os Padres... e conducção de outros indios Potys ou Potyguaras em que padeceram grandissimos trabalhos, vencendo difficuldades que pareciam invenciveis; estava esta gente distante do rio dos Tocantins um mez de caminho, ou não caminho, porque tudo são bosques cerrados e rochedos de grandes lages e serras, e eram das aldêas que se havia de descer com mulheres, meninos, crianças, enfermos e todos os outros impedimentos que se acham na transmigração...... inteiros; emfim, depois de dous mezes de continuo e excessivo trabalho e vigilancia (que tambem é necessaria), chegaram os Padres com esta gente ao rio onde os embarcaram por elle abaixo para as aldêas do Pará, em numero por todos até mil almas.

Não se acabou aqui a missão, mas continuando pelo rio acima chegaram os Padres ao sitio dos Tupinambás que ficaram em suas terras; eram outros tantos como os que tinham vindo havia tres annos, a saber: mil e duzentos com o Padre Francisco Velloso, como dito fica, mas acharam que estavam divididos em duas bandas do mesmo rio, um dos quaes por ser na força do verão se não podia navegar; avistaram-se com estas por terra, e deixando assentado com elles que se desceriam para o inverno, tanto que as primeiras aguas fizessem o rio na-

vegavel, com os outros que eram quatrocentos, recolheram-se ao Pará, tendo gasto oito mezes em toda a viagem que passou de quinhentas legoas ; deixaram tambem o rio arrumado com suas alturas, diligencia que até então se não tinha feito, e acharam pelo sol que tinham chegado mais de seis gráus da banda do Sul que é pouco mais ou menos á altura de Parahyba.

Os indios, assim Potyguaras, como Tupinambás, se puzeram todos em as aldêas mais vizinhas á cidade para melhor serviço da republica, a qual ficou este anno de 1658 augmentada com mais de dous mil indios, escravos e livres, mas nem por isso ficaram jámais satisfeitos seus moradores, porque, sendo os rios destas terras os maiores do mundo, a queda é maior de suas aguas. Eram os Tupinambás que trouxe o Padre Manoel Nunes da tropa de 1658 para 59, os sobejos dos que, tres annos antes, tinha ido buscar o Padre Francisco Velloso na missão que fez pelo rio dos Tocantins ; aconteceu ao cabo desta viagem perder-se nos mattos para os quaes tinha sahido o irmão companheiro Simão Luiz, e desgarrou-se tanto que em vez de buscar o porto das canoas sobre o rio onde ellas estavam, foi mettendo-se pelo matto dentro em tal distancia, que por quantos signaes que se lhe dessem em buzinas e tiros, não valeu para ser ouvido ou achar-se com as canoas; já não podiam descer-se mais pela muita gente que levavam, e o peior... que tinham por sustento della, foram-se logo encommendando-o a quem o buscasse e trouxesse ; passaram-se muitos dias que andou o pobrezinho desgarrado por aquelles mattos agrestes, sustentando-se como milagrosamente com umas poucas fructas e orvalho do Céo, até que finalmente tornou achar o rio, ao bordo do qual o foram tomar umas canoas que passavam, e o levaram para a cidade do Pará onde ainda o alcancei. Veiu pela segunda vez a missão depois da expulsão primeira do Brazil com o Padre Visitador Manoel Juzarte, e com elle voltou para Portugal, donde veiu outra vez, sendo companheiro do Padre Pedro Francisco em a residencia do Caethé. Por ser homem pequeno e grosso, deu-lhe uma noite um catarrho tão vehemente, que amanheceu morto delle pela manhãzinha. Não ha que receiar de sua salvação por morrer de subito e sem Sacramentos, porque era irmão quieto e de conhe-

cida virtude, muito prompto para tudo o que lhe mandassem, e tão devoto da Virgem Senhora Nossa que sempre ia rezando por suas contas todo o dia, sem nunca largal-as da mão ou pescoço, além de ser de vida em tudo mui religiosa e exemplar, por onde cuido foi essa morte bem lucrosa deante de Deus, que por esse modo quiz premeiar em o Céo os seus muitos trabalhos padecidos, pelas intimas e grandes viagens que tinha feito á honra e gloria sua em a missão do Maranhão.

CAPITULO 9º.

MISSÃO DO PADRE MANOEL DE SOUZA PELO RIO DOS JURUNAS

Conhecendo o Padre subprior da missão, o Padre Antonio Vieira o grande zelo das almas do Padre Manoel de Souza, ainda moço em a edade, mas muito maduro em a virtude, o destinou por Missionario de duas principaes entradas pelos sertões, uma e a primeira pelo rio dos Jurunas, e a segunda pelo grande rio das Amazonas; da primeira trataremos em este capitulo e da segunda em o capitulo seguinte.

E' o rio dos Jurunas um dos mais nomeados em o Estado pelo rio do Xingú para dentro, declinando sua bocaina para Este, vindo o rio do Xingú, chamado Parahyba, da banda do Sul; são suas aguas crystallinas e mui medicinaes para os que padecem dôr de pedra, porém só pelo inverno se póde navegar seguramente pelas muitas cachoeiras que só em aquelle tempo se cobrem; não se sabe ainda de certo donde tira a sua origem. Com serem suas aguas clarissimas, abundam em pescados de todo o genero, que os naturaes matam á frécha, sem anzol nem rêde, porque se descobrem claramente sem nenhuma difficuldade; tem praias de areias bellas e espaçosas, pelas quaes sahem em seus tempos principalmente outubro por deante, milhares e milhares de tartarugas a desovar, como em o rio dos Tocantins e outros semelhantes, e são estas o ordinario sustento dos que vivem á borda delle, e ainda dos da terra dentro, os quaes saem á viração dellas. Por este tão bello e fecundo rio habitam varias nações de lingua geral, como são os Jurunas em umas, Guayapis

e alguns Pacajás, para os quaes ordenava o Padre Antonio Vieira uma missão ; mas o demonio a estorvou com a expulsão dos Missionarios em o anno de 1661. Os primeiros habitadores do dito rio são os Jurunas, que significa — de boca preta, porque fazem um risco de largura de quatro dedos, começando da testa até a boca, com certos dentes de animaes, dando-lhe juntamente unturas com certos summos de algumas hervas, de modo que fica de côr roxa ; e este risco ou listrão roxo trazem, por divisa dos mais indios, impresso em seu proprio rosto, a trazem até as mulheres, sabendo martyrisar-se para parecerem galantes. São os homens muito valentes e guerreiros, como se tem experimentado em varios encontros que com elles tiveram por vezes as tropas que vieram da capitania de S. Paulo para os castigar, como contou um delles aos Padres; dizia que tendo os Paulistas feito entrada em terras dos Jurunas, para fazerem melhor negocio, se tinham fortificado em uma ilha de páu a pique, não conhecendo o muito poder e valor dos indios,os quaes tendo disso noticia tocaram logo muitas buzinas e moracira de trombetas, para se ajuntarem todos para guerra, e juntos sahiram em suas canôas ligeiras, e correndo toda a ilha lhe deram varios assaltos, e ultimamente, minando a fortificação de páu a pique, deram com ella em terra, e com o mesmo impeto arremetteram aos pobres homens e os mataram a todos, sem escaparem mais que dois, com dois indios que, pela obscuridade da noite, se lançaram entre as suas canôas, a nado, e com a corrente do rio sahiram muito longe com vida, ficando tudo quanto traziam em as mãos destes barbaros, que trouxeram depois ao povoado algumas cousas bem conhecidas.

As indias, mulheres desse gentio, são muito dadas ao trabalho, dextras ao extremo em o officio de fiar algodão, torcendo o fio ás avessas com notavel arteficio e limpeza, de sorte que fica fino como o cabello da cabeça.

Por este sertão fez entrada com cem mosqueteiros e tres mil indios, o Capitão-Mór do Gurupá, João Velho do Valle, e se retirou delle com perda de alguma gente, que lhe mataram, sem lhe poder fazer damno consideravel, porque os Jurunas ardilosamente se uniram com outras nações e fizeram varias

emboscadas para sua defesa entre o matto, para mais a seu salvo poderem escapar, além de outros ardis e traços de guerra que não refiro por bastarem estes dois acontecimentos ou casos para vêrmos que sujeitou a Divina Graça com um Missionario ainda novato, o que não poude fazer o poder humano. Bastou o Padre Manoel de Souza com seu companheiro o Padre Manoel Pires, indo á missão por aquelle grande rio, para sujeital-os, e, com as suas praticas, reduzir duas aldêas populosas de Jurunas, descendo-as sobre o rio do Xingú, pondo uma em a mesma aldêa de Xingú e a outra mais abaixo em um sitio que chamam Maturú, onde até o presente estão alguns com a aldêa de Xingú.

Trouxera este anjo de paz a todos para o Christianismo, se o não mandasse o Padre subprior para outra missão pelo rio dás Amazonas, da qual se tratará em o capitulo seguinte. Indo-se navegando pelas cabeceiras daquelle rio dos Jurunas, como disseram os indios ao Padre Antonio Vieira, dá-se com um arco de pedra de baixo do qual se acha uma Cruz, com uma estatua de mulher por uma banda, e outra de um homem por outra, e caminhando mais adeante um pouco, chega-se a um lago onde se vêm casas de brancos da outra banda; julgam os Padres seriam casas de alguma povoação de castelhanos, e que esta Cruz era a de Christo Crucificado com a Virgem Senhora Nossa por uma banda e S. João por outra, e queria o Padre Antonio Vieira mandar descobrir as cabeceiras do rio para informar-se da verdade, mas como foram expulsos não poude dar execução a esta sua determinação.

CAPITULO 10°.

VAI O PADRE MANOEL DE SOUZA COM SEU COMPANHEIRO POR MISSIONARIO DA MISSÃO QUE SE FEZ PELO RIO DAS AMAZONAS A' RIBA E MORRE EM TERRAS DOS CONDURIZES ONDE SE ENTERROU.

Mandou-se fazer uma tropa pelo grande rio das Amazonas, em que ia por cabo Domingos Pocú, por alcunha, ou Monteiro por seu nome proprio, com duzentos indios e vinte e cinco sol-

dados portuguezes, e della foi por Missionario o Padre Manoel de Souza, com seu companheiro, o Padre Manoel Pires; não me será facil relatar os effeitos do seu grande zelo das almas, que mostrou nesta missão até ahi morrer. Tinha-se dado muito máu exemplo a esses indios dos sertões pelos ministros da egreja, antes de entrarem por elles os Padres Missionarios da Companhia de Jesus, tirando-se interesse em o captiveiro dos gentios, por qualquer cousa espiritual que lhes administravam; e como estes indios são muito pobres e não têm cabedal algum senão o tido com o suor de seu rosto e trabalho de suas mãos em suas lavouras, que mal chega para se vestirem a si e seus filhinhos, lhes ficava mui odioso qualquer Sacramento, que tanto lhes custava.

Tendo, pois, sido mandado o Padre Manoel de Souza por primeiro Missionario das tropas acompanhadas de algum Padre da Companhia de Jesus, logo que chegou do Gurupá para riba para as aldêas dos mais afastados dos Tupinambaranas e Aruaquiz, e começou, depois da doutrina e baptismo, a levantar Cruzes em as aldêas, faltas deste signal do Christianismo e prégação evangelica, chegaram alguns principaes das aldêas ao Padre pedindo-lhe muito que não tratasse levantar Cruzes em suas aldéas, e perguntados pela razão que tinham de repugnarem uma cousa tão santa, signal de nossa redempção e sua christandade, responderam-lhe distinctamente estas formaes palavras: «Pae, nós desejamos muito ter Cruzes postas em nossas aldêas, pois são o signal de christãos e filhos de Deus, e assim as temos pedido com muita instancia a muitos clerigos ecclesiasticos que continuamente passam por este rio, mas elles nos responderam que como tivessemos certo numero de escravos para pagamento então as levantariam, e como não temos ainda computo a este numero não te podemos pagar.» Então lhes intimou o Padre Missionario o grande desinteresse dos Padres Missionarios da Companhia de Jesus, e que como elle era um delles que vinha mandado para sua conversão, e bem de suas almas, não queria lucro nenhum pela administração dos Sacramentos, e tudo o mais que era em bem de suas almas, pois só vinha buscar a sua salvação e ensinar-lhes o caminho do Céo.

Ficaram pasmados, contentes e muito edificados que o desinteresse nas cousas de Deus até aos barbaros fáz pasmar e edifica muito; levantaram, pois, logo, as Cruzes com muita festa da gente da tropa, com varias cargas de mosquetaria; acabada, porém, esta santa funcção, foram os principaes secretamente falar com o companheiro, levando-lhe uma rapariga escrava, para que ao menos elle acceitasse esta, visto o Padre não querer aceitar nada, e como o companheiro lhes respondeu pelo mesmo modo, ficaram ainda mais attonitos e edificados, visto se haver praticado o contrario, quarenta annos havia pelos... ecclesiasticos que passavam por seus sertões. Logo pela direcção do Padre Missionario se puzeram a levantar uma egreja, que dedicaram á Santa Cruz; dia de S. Silvestre disseram missa ahi com grande importunação dos indios, que queriam que os Padres ficassem com elles de morada para sahirem do paganismo, e receberem as aguas do santo baptismo. Fez-lhes o Padre o que por então se lhes podia fazer, indo em a tropa catechisando e exhortando os sãos, visitando e ajudando aos doentes, instruindo e baptisando os moribundos, examinando o captiveiro com tanto zelo e fadiga, que, sendo o trabalho maior que as forças, cahiu gravemente doente de umas sezões que no sertão lhe deram com uns flatos, que pouco a pouco o foram debilitando de tudo ; donde depois de ter Deus Nosso Senhor obrado por elle muitos baptismos e conversões maravilhosas, conhecendo que era chegada sua hora, se armou com todos os Sacramentos em uma aldêa dos barbaros Condurizes, e ahi mesmo acabou, com grande desamparo dos remedios humanos, o curso de sua santa vida e ditosa peregrinação para ir gozar em o Céo o fructo de seus apostolicos trabalhos. Foi enterrado em uma egreja que os indios mesmo lá fizeram, em reverencia do seu corpo. Disse um certo dos antigos moradores do Pará, que elle morrera e se enterrara... e affirmou, como cousa certa, mas tenho da boca de Manoel Coelho e de Matheus Coelho, testemunhas de vista, que morreu e se enterrou em os Condurizes, donde depois de muitos annos trouxe os seus ossos Simão dos Santos, sendo subprior da casa de Santo Alexandre do Grãopará, onde se enterraram na ermidasinha velha de S. Francisco Xavier,

ao pé do altar, para banda da Epistola, mas algum tanto mais chegado á parede.

Foi o Padre Manoel de Souza um dos Missionarios que o Collegio de Coimbra cá mandou em a era do anno 1655, em companhia do Padre Antonio Vieira, em sua segunda viagem para o Maranhão, e quiz Deus que esta arvore da vida fosse transplantada daquelle Paraizo para os mattos agrestes da gentilidade do Estado do Maranhão, para dar a vida da graça a tantas almas; elle, como dito fica, foi o primeiro Missionario que entrou pelo rio das Amazonas, em aquella parte da fortaleza do Gurupá, levantando varias egrejas entre aquella espaçosa gentilidade com fructo copiosissimo, porque da primeira entrada que este Embaixador do Céo fez por aquelle grande rio............ com grande trabalho baptisou a quinhentos e quarenta e tres adultos, como consta do Livro dos baptismos, e depois desta missão fez outras, com o mesmo e maior lucro, e entre estes baptismos muitos delles como milagrosos, porque das mãos do Padre sahiam para as dos Anjos, com grande sua consolação, gastando tambem desta..........espiritual parte da fazenda que tinha herdado de seus pais. Cousa prolongada seria referir as muitas mais virtudes; só contarei uma dellas com que se conhecerão as mais, com que deixou singular exemplo de obediencia e deferencia, cortando por sua propria saude.

Padeceu em o sertão grande dôr de olhos, e como lhe faltavam os remedios humanos se lhe cubriu um olho com uma belide; propoz........ subprior se queria ir a Lisbôa curar-se, e juntamente acabar seus estudos, pois lhe faltava a Theologia, que o declarasse porque partiria em o primeiro navio. Nunca houve remedio para elle se declarar, e poder-se entender um minimo aceno de sua vontade, a tudo respondia que faria o que lhe mandassem por obediencia, e com esta resposta se partiu para o rio das Amazonas, quinhentas legoas distante do povoado, onde parece que em aquelle deserto o chamava Deus, para lhe dar mais perfeita e clara vista de sua Face Divina, livrando-o das trevas e cegueiras desta vida mortal.

A relação destas duas missões do Padre Manoel de Souza a meu ver haviam de preceder a do Padre Francisco Velloso, pelo

mesmo rio, e conseguintemente as mais referidas; mas porque achei que um dos moradores antigos, homem de autoridade, me affirmou que a entrada que fez Vital Maciel em que o Padre Francisco Velloso foi por Missionario, fôra a primeira, quiz cedesse o mais moço ao mais velho em cousa que pouco importa, visto ficar sempre a substancia do que obrou, sem embargo de haver alguma mudança na discordancia do tempo.

CAPITULO 11º.

VISITA O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA A MISSÃO DE S. FRANCISCO XAVIER SITA NA SERRA OU MONTES DE YBIAPABA

A mais difficultosa missão de todas quantas ha em o Estado, parece ser aquella de S. Francisco Xavier, não porque seja a mais distante, porque são as do rio das Amozonas muito mais distantes sem comparação que ella; mas porque a ella se vai por terra e montes altissimos, a pé, com summa molestia, por se haver de levar os provimentos e mais necessario para ella ás costas, quando em as mais missões se navega em canôa, onde se leva sem difficuldade alguma todo o fato e mantimento que se requer.

Tinha o Padre Subprior da missão já mandado para aquella tão gloriosa missão dous Missionarios, em tempo do Governador André Vidal, como dito fica, e como, conforme um capitulo da visita, feito por elle, approvado pelo Nosso Muito Reverendo Padre Geral e mais publicado em todas as casas, se devem visitas ás residencias das missões, quiz elle, para não faltar á sua obrigação, visitar pessoalmente a missão da serra. Para este effeito juntou indios bastantes das aldêas para levarem os fatos e mantimentos necessarios, quando tivessem passado os lançóes, pelos quaes se mandou levar com tudo o seu acompanhamento em um barco alugado para esse effeito; partiu do Maranhão, levando por companheiro o Padre Gonçalo de Veras, que queria deixar na serra em logar do Padre Antonio Ribeiro, que lá estava com o Padre Pedro Poderoso. São os lançóes perigosissimos, em razão da muita correnteza das aguas, que com gran-

de impeto correm ao longo de uns areaes branquissimos umas dezoito legoas de distancia e por isso se chamam lançóes.

Passaram-os com felicissima viagem, e chegados que foram ao rio das Preguiças, saltaram em terra para fazer o restante do caminho a pé por aquellas praias de area que atollam tanto que até os mais robustos caminhantes não as vencem senão com muitas difficuldades. Carregaram os indios os fatos ás costas, e o Padre Subprior lembrado de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias, cuja residencia ia visitar, se descalçou e começou a caminhar a pé nú, á imitação de seus exemplos por aquellas praias, como o Santo Apostolo tinha caminhado pelas praias de pescaria da India Oriental; pasmaram todos vendo um homem de sua idade andar dias e semanas por aquellas areas com a molestia e cansaço que se pode considerar; cansavam todos e só elle ia caminhando como incansavel; tinha ficado atraz com um indio por nome Christovão, o qual por sua muita violencia que mostrou em as guerras contra os Hollandezes assentou praça nas companhias d'El-Rei, e supposto que entrava de guarda em camisa e sem ceroulas, nem gibão com seu mosquete ás costas, era estimado não só dos Padres, mas de todos os soldados portuguezes como se fôra um delles; este tal como caminhavam em aquellas praias, pelas quaes saem o ambar, teve tanta fortuna que achou um pedaço, que pesava pouco mais ou menos uma arroba; não o tinham visto os que andavam deante por estar coberto das areas, que a muita ventania que commummente ha por ahi, tinha ajuntado em aquelle logar. Foi tanto o desinteresse do Padre Subprior da missão que podendo-o ter tudo por qualquer cousa que désse ao indio, não quiz nem sequer aceitar uma onça delle, deixando-o todo ao indio para o vender ao Governador Dom Pedro de Mello quando voltassem ao Maranhão. Chegados que foram ao pé da serra, cançadissimos de um tão molesto e comprido caminho, descançaram um pouco logo depois começaram a subir pelas serras arriba, com o mais incrivel esforço, mas como o desejo da salvação das almas dava azas ao Padre Subprior e seu companheiro, não sentiam a molestia do caminho, ainda que de si trabalhozissimo, até para

os indios que os acompanhavam, e eram costumados a andar a pé por qualquer parte que seja.

Logo que os Padres Missionarios e indios da aldêa souberam que vinha o Padre Subprior Antonio Vieira, o foram receber ao caminho com os Principaes com muita festa e danças dos meninos, e assim o acompanharam até a egreja onde se repicou sino, tocando os Tabajaras Pernambucanos suas charamellas e frautas; feita a oração, recolheu-se o Padre Subprior para sua casa dos Padres, onde vieram dar-lhe as bôas vindas, trazendo-lhe suas fructas, e mais putabas, conforme seu costume; premiou-os a todos, e acabado este primeiro agazalho, tratou de sua visita, depois de algum descanço de uma tão trabalhosa viagem. Entre as cousas que lá ordenou, tocantes todas ao serviço de Deus e conversão da gentilidade que havia nos arredores, mandou que os Padres Missionarios por nenhum modo tratassem de mandar em busca do ambar, nem ainda comprassem o achado quando se lhes tornasse a vender; praticou largamente por alguns dias que lá se déteve sobre o modo que se haviam de governar e haver os indios com seus Missionarios para sua conservação e salvação de suas almas; estava em aquelle tempo o Principal da aldea, o famoso Simão, indio tão ladino, e muito politico, conforme referia o Padre Pedro Poderoso, que em esta parte não lhe levavam vantagem os mesmos brancos; a este o chamou com os seus o Padre Subprior Antonio Vieira, e depois de lhe ter declarado largamente a vontade de Sua Magestade, e encommendado a lealdade que deviam a Portugal como vassallos seus, deu-lhe uma moeda de ouro massiço que trazia as armas portuguezas por uma banda, e o retrato d'El-Rei por outra, para trazel-o em modo de habito de Christo. Dispostas pois todas as cousas conforme pediam as circumstancias, deixando grandes saudades entre os indios, poz-se em caminho para o Maranhão; trazendo comsigo o Padre Antonio Ribeiro; e deixando o Padre Gonçalo de Veras em seu logar, veiu para o Maranhão pelo mesmo caminho que tinha ido, supposto que com menos molestia, por vir descendo muito abaixo, e depois de ter tomado algum descanço, chegado que foi ao Maranhão, relatou sua viagem ao Governador Dom Pedro de Mello, e o

indio Christovão lhe fez offerta de todo o ambar que tinha achado, pagando-lhe elle cousa limitada em comparação do que valia. O Principal Simão a quem o Padre Subprior tinha dado a medalha, não tardou de fazer das suas, em dar muita molestia em seu amancebamento aos Padres Missionarios, e chegou a tanto que o Padre Poderoso se foi sózinho, com uns dous ou tres indios, para Pernambuco, caminhando sempre a pé com incrivel cancaço e trabalho, como elle raras vezes contava, e alcançou do Governador poder de prender o dito Principal, e remettel-o preso em grilhões para a cidade de Castella (digo de Pernambuco), para assim apartal-o da manceba, e tirar da aldêa o grande escandalo que dava a todos com esta sua má vida; mas nada se poude.. pelas razões que houve, como se verá pela continuação desta historia. Trouxe o Padre Pedro Poderoso tambem de Pernambuco ornamentos para a sua egreja, cavallos com suas sellas para o uso da residencia que o Governador lhe dera em nome de Sua Magestade. O Principal, cada vez mais desaforado, vendeu a veronica de ouro que o Padre Subprior lhe tinha dado, a um mameluco, o qual a trouxe depois ao Maranhão, e deu ao Governador Ruy Vaz de Siqueira por umas poucas de varas de panno, que não chegavam a metade do que ella valia ; não me alargo mais sobre as cousas da serra, porque logo tornarei a tratar dellas por capitulo inteiro.

CAPITULO 12º.

RELATA-SE BREVEMENTE A MISSÃO DO PADRE SALVADOR DO VALLE AOS PAUXIS, COM SUA DOENÇA, E MORTE DO PADRE PAULO LUIZ

Mandou o Padre Subprior Antonio Vieira ao Padre Salvador do Valle com seu companheiro pelo rio das Amazonas, a descer uma nação de gentio de lingua geral porno me Pauxis; foram-se ambos com grande zelo, doutrinando e administrando os Sacramentos pelas aldêas ao redor da fortaleza do Gurupá, e della caminharam em canoas com remeiros e tudo o mais necessario para o fim que intentavam, e foram tão prudentes em

suas disposições e tão acertados os meios, que em breve tempo viram o fruto de seus trabalhos, descendo do sertão mais de seiscentas almas, as quaes se puzeram em um sitio novo e aprazivel que está em a boca do rio Xingú e das Amazonas; porém em o tempo que estes indios se estavam situando, fazendo suas casas e lavouras, contentes de sua sorte, adoeceu o Padre Valle, Subprior daquella residencia com o seu companheiro, mortalmente; julgaram todos serem obrigados a vir ao Pará a buscar o remedio de suas vidas; nestes apertos tão perigosos, resolveu-se o Padre Valle a mandar seu companheiro com dois soldados ao Pará para se curar, e ficar elle, por quanto se ambos se retirassem todos essas seiscentas almas que com elles se estavam situando, infallivelmente se tornariam para suas terras, perdendo-se o fructo de seus trabalhos, e ficando sem lucro os gastos que em a missão se tinham feito, perdendo-se juntamente as cousas necessarias daquella residencia. Ficou pois o Padre Salvador do Valle sem companheiro, esperando só de Deus remedio desta vida. Poucos dias depois de partido o Padre Paulo Luiz, seu companheiro, começou a doença do Padre Salvador do Valle a crescer com accidentes mortaes, com a muita força do mal, que em breves horas imaginavam todos acabaria o termo de sua vida, porque a falta do necessario era grande em aquelle sertão, não havia medico, nem enfermeiro que tratasse delle. Em estas ultimas afflições, chegou o Padre Paulo Luiz, enviado com diligencia para lhe acudir. Tanto que chegou e viu as miserias e o grande desamparo do enfermo, foram tantas as lagrimas de compaixão e sentimento desse transe, que a todos os circumstantes cauzou admiração. Se poz logo a dizer Missa para lhe dar os Sacramentos, por se imaginarem todos que logo acabaria os dias de vida ; porém, assegurou aos circumstantes que o Padre Salvador do Valle cedo cobraria a saude perdida, e escreveu uma carta ao Padre Subprior da missão, Antonio Vieira, em que lhe dava clara noticia do estado em que se achava aquella missão ; acabando com estas palavras : — o Padre Salvador do Valle infallivelmente houvera de morrer, porém eu tenho pedido com instancia a Deus Nosso Senhor, que a morte que lhe havia de dar a elle me desse a mim, e espero

na Sua Bondade que me ha de conceder. Esta foi a petição em que mostrava a sua mera caridade, e exemplo foi singular, o caso extraordinario ; porquanto, deferindo Deus a sua petição, repentinamente começou o enfermo a cobrar saude, e o Padre Paulo Luiz a enfermar, e entrar em agonias de morte com tanta força do mal, que em breves dias acabou a vida com todos os Sacramentos, que o Padre Valle, Subprior da residencia, lhe administrou com varias jaculatorias ao Céo, com o Santissimo nome de Jesus, que a miudo repetia comsigo, e deste modo deu sua alma ás mãos de Deus, em a mesma hora que Christo Senhor Nosso expirou em a Cruz. Em o mesmo dia chegou Paulo Martins Garro, irmão da missão e Capitão Mór da fortaleza do Gurupá, com muitos soldados a visitar o Padre Subprior da residencia, pelas novas que lhe tinham dado que infallivelmente morria, e vendo a morte trocada, acompanharam ao defunto, carregando-o até á sepultura, louvando todos a Deus de tal genero de morte, e maravilhados de mudança tão repentina, dispondo o Céo que todos se achassem presentes áquella tarde em a aldêa, sem serem avizados, como acazo, para que seu servo tivesse honra da sepultura em a egreja de Nossa Senhora do Desterro da aldêa do Tapará, onde esteve sepultado, até eu, sendo Subprior da missão, o mandar desenterrar e trazer seus ossos ao Pará. Dizia o Padre Salvador do Valle que o Padre Paulo Luiz lhe tinha pedido seus Sermões, cuidando que morria e que elle lh'os dera, mas tornara a cobrar, tendo Deus trocado as sortes como temos visto. Era o Padre Paulo Luiz moço pela edade, mas muito perfeito em sua prudencia, modestia religiosa e suas virtudes, principalmente devoção, simplicidade e obediencia singular. Partiu do Collegio de Coimbra com mais dous companheiros para esta missão com grande alegria e deligencia, começou a aprender a lingua brazilica, para com mais efficacia poder ajudar as almas em tão copiosa... posto que um só anno esteve com ella, chegou ao auge da caridade do proximo, pois esta, como diz o proprio Christo Senhor Nosso, quando é a mais perfeita chega a dar a vida pelo amigo ; o que visto, pouco importa ter fallecido moço, porque em caminho da virtude não são os muitos annos que fazem a muita edade,

e sim a vida immaculada, como por meio da qual o que fallece moço vem a consummar os annos de velho, e levar-lhe a vantagem em virtude, grande motivo para cada qual, ainda que moço, animar-se de trabalhar com muito fervor, para chegar a merecer em breve tempo o que outros menos fervorosos não merecem em muitos annos. Estando os Missionarios tão occupados em a salvação das almas por toda a missão do Maranhão, veiu para ella do Brazil o Padre Francisco Gonçalves com cargo de Vizitador, e trouxe comsigo o Irmão Manoel Lopes por companheiro. Foi sua vida de grande exemplo para a Provincia do Brazil, que acabou de governar como Provincial della, e juntamente de grande agrado aos Missionarios do Maranhão, por verem autorizada sua missão com um sugeito de tanta autoridade.

CAPITULO 13º.

REFERE-SE BREVEMENTE O QUE OBROU O PADRE FRANCISCO GONÇALVES ANTES DE VIR A ESTA MISSÃO DO MARANHÃO

Como este veneravel varão se houve com grande exemplo em a missão do Maranhão, pareceu-me relatar o que obrou antes de ahi entrar elle, para que a mesma sua vida exemplar lhe sirva de elogio em esta chronica.

Entrou o Padre João Francisco Gonçalves para a Companhia em o Collegio da Bahia, sendo de dezeseis annos de edade; começou e continuou seu noviciado com grande fervor de espirito e singular mortificação. Feitos seus votos e chegado o tempo de se applicar ao curso das Artes, faltou o enfermeiro do Collegio e elle se foi offerecer voluntariamente ao Padre Subprior para supprir o seu lugar, allegando que lhe não faltaria tempo para continuar seus estudos; o Padre Subprior lhe acceitou a sua offerta, ficando elle atrazado em os estudos, porem mui adeantado no officio da humildade, pois continuou o de enfermeiro com raro exemplo e vigilancia, curando os religiosos, serventes e tapanhunos servos do collegio com muita caridade, e ficaram-lhe tão impressos no coração os fundamentos desta singular virtude

que por este officio lançou, que ainda depois de ser Provincial da Provincia do Brazil, e já nomeado visitador desta missão do Maranhão, por nosso Muito Reverendo Padre Gosvino Niquel, o primeiro officio em que se exercitava acabada a nossa..... era ir visitar os enfermos e curar as feridas e chagas mui asquerosas com suas proprias mãos, trazendo comsigo sempre todos os medicamentos necessarios para aquelle fim. Passados cinco annos, que serviu com grande fervor e exemplo em tanta humildade e caritativo effeito de enfermeiro, foi mandado continuar o estudo das Artes, e depois de estudar Theologia em a qual foi ordenado sacerdote, onde com o novo estudo tratou da reformação mais apertada de sua vida, não sendo bastantes as occupações que teve de Mestre de Noviços e juntamente de Lente de Theologia Moral em o Collegio da Bahia, para lhe diminuirem um ponto de sua muita oração: todos os dias, antes de dizer Missa tinha tres horas de oração mental, começando das tres da manhã até ás seis, e depois de dizer Missa que celebrava com singular devoção, tinha mais uma hora de oração de joelhos em a Capella, e quando as occupações de seu officio eram urgentes uma meia hora somente; todo o tempo que em a Companhia viveu, a todos deu singular exemplo de todas as virtudes, e em os cargos em que o occupavam procedeu com grande satisfação, sendo respeitado de todos como apostolico varão.

Quando os Hollandezes foram tomar a Capitania do Espirito Santo, era elle Subprior daquella casa, que hoje é Collegio, e foi tal o animo que metteu aos moradores com um Christo em as mãos, que todos pelejaram com grande valor, alcançando uma grande victoria dos inimigos, com tantos prodigios do Céo, que tiveram a batalha por prodigiosa pelo pouco numero de nossa gente, que só eram duas companhias limitadas de ordenação, contra o excessivo poder dos herejes que traziam em..... do Estado retirando-se com muita mortandade, e de nossa gente só morreu um homem que......... uma só peça de artilharia que tinham para defesa; muitos attribuiram esta victoria ás orações do servo de Deus, o Padre Francisco Gonçalves, desta Capitania do Espirito Santo, que disse do pulpito, prégando publicamente ao povo, que os mareantes de um navio que estava para partir

quando chegassem á Lisbôa achariam acclamado El-Rey Portuguez, com grande alegria sua ; tudo se cumpriu, porque o navio chegou a salvamento e acharam El-Rey Dom João o 4º governando o Reino ; assim o juram todos em a Corte e estes testemunhos andam impressos em a relação dos prodigios daquelle anno de 1640.

Do Collegio do Espirito Santo foi enviado para..........do Collegio do Rio de Janeiro, e depois nomeado em a congregação para procurador geral em Roma, a tratar materias de consideração pertencentes á Provincia do Brazil; a primeira cousa sobre que falou em Roma a nosso muito Reverendo Padre Geral Gosvino Niquel, foi pedir-lhe licença para trabalhar e morrer em as missões do Estado do Maranhão, em a conversão desta numerosa gentilidade, e foi esta supplica com tanto fervor que por então alcançou o despacho, que com tanta ancia pretendia.

Depois de propôr os mais negocios pertencentes á Provincia se veiu alegremente a Portugal a se embarcar para a missão, como quem trazia o despacho de seus serviços ; estando já para partir, lhe mandou nosso muito Reverendo Padre Geral patentes até para ser primeiro Provincial do Brazil, e que depois deferiria a sua petição ; muito sentiu atalharem-se seus desejos, porém, abaixando a cabeça ao peso, se partiu para o Brazil, onde foi acceito de todos com grande alegria porque conheciam e veneravam universalmente o thesouro de suas grandes virtudes, e assim o mostrou Deus Nosso Senhor em as grandes felicidades que seguiram em o tempo de seu governo. Sempre visitou a Provincia toda por sua propria pessoa ; elle foi o medianeiro da restituição do Collegio de S. Paulo, sendo recebido em aquella Capitania com grande alegria de todos os moradores, ainda daquelles que tinham sido causa da sacrilega expulsão dos Padres que assistiam em aquelle Collegio, onde foram tantas as lagrimas que o Padre, com os moradores, assim homens como mulheres, derramou, que causaram espanto,

Ouviu-se em o Collegio de S. Paulo um pranto desentoado, e um arrependimento grande........... commettida entre Deus e seus Ministros ; concedeu-se-lhes um jubileo e indulgencias plenarias das censuras, penas e casos da Bulla da Cêa, em que tinham incorrido, perdoando liberalmente a satisfação da parte

offendida, e elle foi o que fez dar á execução em seu tempo o Collegio que temos em a Capitania de Santos, restituindo tambem os Padres com jubilos notaveis de alegria a aquella villa, nomeando o primeiro Reitor que teve; elle foi que nomeou a Casa do Espirito Santo em a villa da Victoria em Collegio, nomeado o Subprior Reitor daquella Capitania; elle foi o primeiro visitador que teve esta missão, nomeado do Provincial do Brazil, o Padre Simão de Vasconcellos, e depois confirmado com patente do nosso muito Reverendo Padre Geral, até em seu tempo conseguiu-se a restauração de Pernambuco tão maravilhosa, entrando elle primeiro a visitar e ordenar as cousas daquelle Collegio, que até estas felicidades, quiz o Ceu se alcançassem em seu tempo, e que fosse primeiro nestas acções para deixar exemplo de seguirmos suas pisadas. Acabado o governo da Provincia do Brazil, foi eleito por Mestre de noviços segunda vez, onde parece se esteve ensaiando em aquella escola do espirito para as gloriosas missões que havia de fazer por esta gentilidade, e para as peregrinações e trabalhos que com tanta paciencia havia de soffrer em o Estado do Maranhão.

CAPITULO 14º.

DO QUE O PADRE FRANCISCO GONÇALVES OBROU COMO VISITADOR E PARTICULAR EM ESTA MISSÃO ATÉ Á SUA DITOSA MORTE EM CAMETÁ.

Depois de continuar o Padre Francisco Gonçalves algum tempo em o cargo de Mestre de noviços do Collegio da Bahia, trataram os Subpriores de mandar alguns Padres para continuar esta missão do Maranhão; foram tão notaveis os requerimentos que lhes fez para que lhe dessem a primeira licença que tinha trazido de Roma para vir a ella, que alcançou o que pedia, sendo mandado por visitador; foi recebido como um Anjo do Céo; e em todo o tempo de seu governo, procedeu como pai assim dos Religiosos como dos gentios; a todas as missões e residencias visitou sempre por sua propria pessoa pela forma seguinte:

Primeiramente consolava os seus subditos, animando-os a perseverarem em o trabalho da vinha do Senhor, com praticas pias e devotas. Tinha antes da Missa as suas tres horas de oração; ao sahir da aurora dizia a primeira Missa aos indios, conforme o costume, para depois irem trabalhar em suas lavouras; acabada a Missa, ensinava a doutrina geralmente a todos, catechizando os adultos; depois tinha a sua meia hora de recolhimento em acção de graças, a qual acabada, ia visitar aos enfermos, curando-os e applicando-lhes todos os medicamentos necessarios, porque sua muita caridade e grande experiencia, que tinha tido nas enfermarias, lhe havia communicado a sciencia experimental de qualquer enfermidade e toda sorte de chagas curava sempre por sua mão. Depois de visitar e consolar em lingua brazilica, em a qual era muito perito, punha-se a repartir, por sua pessoa, o sustento que houvera de ir a cada um delles, conforme a enfermidade que padecia. A's tardes continuava com a mesma doutrina e catechismo, baptisando os innocentes e adultos, que já tinham sciencia dos principaes mysterios de nossa Santa Fé; ao fim da doutrina, sahia com todo o auditorio a encommendar as almas pela aldêa, entoando os meninos em voz alta a doutrina christã com Cruz alçada, e respondendo todos, assim indios como indias, uniformemente a tudo; e para que se fizesse todos os dias este acto com mais devoção e maior solemnidade, elle era o que muitas vezes entoava aos gentios a santa doutrina, levando deante uma Cruz, ajoelhando-se em todos os cantos da aldêa, até se tornarem a recolher á egreja da qual tinham sahido, fazendo que se guardasse este costume em todas as nossas residencias. Com estas obras de caridade, piedade e religião, se fez vulgarmente amado de todos, sendo respeitado por um varão apostolico, e os indios o chamavam em sua lingua varão de grande prudencia e por este nome o divizavam e distinguiam dos mais Missionarios. Por este tempo lhe mandou o nosso muito Reverendo Geral patente de Visitador Geral, a qual recebeu em a Capitania do Pará, onde residia, e foi declarado por tal, ainda que com muita repugnancia sua, porque dizia que viria tempo em que todos os

Padres conhecessem os grandes desejos que tinha de se livrar daquelle cargo, para com mais efficacia se empregar em as missões que fossem da propagação da Fé ; e, com realidade, assim como o tinha dito por palavra, o executou por obra, porquanto, mandando o nosso muito Reverendo Padre Geral allivial-o do governo desta missão depois de algum tempo, em o mesmo dia em que largou o cuidado da missão, se offereceu a seu successor para ir em missão ao rio das Amazonas ; por mais razões que lhe propuzeràm para se não deferir a sua petição e tanto zelo, vista a sua muita edade e achaques particulares, pois tinha perto de setenta annos de edade, e a missão era mui trabalhosa, em a qual se havia de assistir por aquelles sertões, mui doentios, mais de anno, comtudo foram tantas as diligencias e instancias deste veneravel varão, os seus desejos tão efficazes de querer acabar em a vida em aquella milicia do Céo, que se deferiu a sua petição. Com extraordinaria alegria de sua alma, se partiu da capitania do Maranhão para o Rio Negro, mais de quinhentas legoas de jornada, com quarenta soldados e quatrocentos indios, que iam aos resgates dos escravos. Não se podem facilmente explicar os grandes serviços de Deus que fez por todos aquelles rios, prégando, confessando, catechisando, baptisando como um Apostolo entre aquellas nações tão varias, em que andou por espaço de dezesete mezes, mettido em grandes trabalhos, que padeceu e perigos de que Deus o livrou. Não são criveis os grandes damnos e perdição irreparavel das almas que atalhou durante as guerras injustas que os barbaros tinham entre si, porque por aquelle tempo em que se occupava com aquelles exercicios de caridade, morreu um dos maiores Principaes que tinha aquelle rio, imaginando seus vassallos que outra nação poderosa, tambem do rio Negro, lhe teria dado veneno; sem mais razão nem justiça que esta imaginação fingida e inimizade antiga, se partiram em setenta canoas pelo rio á riba, com tenção de distruir os seus contrarios, os quaes tambem se tinham posto em armas, armando suas ciladas para o conflicto em que todos haviam de acabar. Por mais segredo que os barbaros tiveram no apresto desta guerra, para que ao menos lhes não impedissem o primeiro assalto, não

foi possivel, porque sendo avisado o Missionario de algumas aldêas circumvizinhas, lhes mandou dizer que se aquietassem e não dessem guerras injustas, matando os innocentes, porquanto o Principal morrera de sua enfermidade antiga. Foram tão efficazes estas palavras que os barbaros se retiraram outra vez, sendo que estavam já distantes do Padre mais de trinta legoas, desistindo totalmente do primeiro intento, persuadindo-se todos que se matariam com grande injustiça, reprovada de todos, que tanta era a efficacia que Deus tinha posto em suas palavras. Das perseguições e trabalhos que padeceu em esta missão lhe originou um... incruento, em que ganhou a corôa da gloria que em o Céo gozará, porquanto depois de estarem dez mezes pelo interior do sertão, se levantou um contagio do qual todos adoeceram mortalmente, porquanto este rio tem muitos lagos pelo sertão que todos se enchem de peixe, jacarés e outros animaes, pelo rigor do inverno; mas com a força do verão, com a força das calmas que o sol causa em aquelle tempo, ficam todas as lagôas em secco e os animaes que em ellas estavam mettidos, por falta da agua, se acham mortos; esta grande mortandade de pescado corrompe o ar, occasionando varias enfermidades em a gente, que não é natural em aquelle sertão; a todos, assim indios como Portuguezes, acudia o Padre Missionario com grande caridade, não só com os Sacramentos mas ainda com os medicamentos para cura de seus corpos; como a necessidade era grande e os enfermos muitos, elle lhes repartia a todos o sustento, servindo não só de medico e enfermeiro, mas tambem dispenseiro e cozinheiro... o mais tempo que lhe ficava depois destes exercicios de caridade, examinava o captiveiro dos indios que seus senhores lhe traziam por escravos, para os venderem aos soldados da tropa, julgando a justiça de seus captiveiros, segundo as leis d'El Rei, ouvindo as razões do indio captivo, não consentindo que se lhe fizesse molestia alguma, para que tambem pudesse allegar as razões de sua liberdade. Com este virtuoso procedimento, se fez mui respeitado e conhecido por aquelles sertões, em os quaes entrava com tanta segurança que a todos causava espanto, sendo elle o primeiro ou dos primeiros Missionarios que alli entraram com a pro-

pagação da Fé, andando entre os barbaros em suas povoações, como se estivera entre amigos domesticos. Em esta ultima missão lhe deu uma febre lenta, que ao principio mostrou ser de pouca consideração, e por esta causa se retirou para a mais gente da tropa que tinha deixado em o rio, por ser já tempo conveniente de se voltarem ao Pará; com o que tendo resgatado setecentos escravos e muitas aldêas de indios livres, que deixava pousadas á borda do rio, já domesticadas e postas em paz, se vieram todos alegremente para baixo. Pela jornada começou a febre a crescer com o trabalho do caminho e balanços da canôa, e como se ateava em um corpo já velho e debilitado, se lhe originou uma ethica; com esta enfermidade o trouxe Deus ao Pará, para nos dar singular exemplo de paciencia em o fim de sua vida, assim como a tinha dado no decurso de todas suas peregrinações, porque esteve sete mezes de cama, em os quaes se lhe tolheram os braços para maior martyrio. Entendendo que aquelle era o tempo em que Deus o chamava para o premio de seus trabalhos, pediu licença ao Subprior para se retirar para a aldêa do Cametá, e ahi com mais quietação preparar sua alma a morrer entre os indios. Lá esteve dois mezes em os quaes se foi preparando com os Sacramentos, respondendo a elles como Sacerdote; o que mais admiração causou a todos os circumstantes foi que, não tendo forças para se manear e sustentar em pé, todas as vezes que recebeu o Santissimo Sacramento sempre se poz de joelhos, com grande reverencia, e parece que foi particular favor do Céo, pela muita devoção com que recebia sempre este divino sacrificio, derramando copiosas lagrimas quando consagrava e consumia a hostia em o sacrificio da Missa que todos os dias celebrava. Finalmente, dia de S. João Baptista, Padroeiro da egreja do Cametá, em a tarde, 1660, entregou a alma a seu creador; em o mesmo dia e tarde foi enterrado, diante do Altar Mór, cumprindo-lhe Deus seus desejos, como dizia varia vezes, que era de morrer em campanha, em qualquer aldêa dos indios ou sertão dos barbaros, affirmando que a maior gloria que levava desta vida era morrer em esta missão, tão perseguida e desamparada, onde fez tan-

tos serviços a Deus na conversão da gentilidade. Foi varão de grande abstinencia, nunca comia mais que ao jantar, e á noite passava com qualquer fructa; foi singular em a mortificação, porque nunca em a missão dormia em cama, mas passava parte da noite sobre umas tabuas quando descançava; nem se poude acabar com elle, quando partiu para o sertão, que aceitasse colxão, visto ser o clima frio e mui doentio para sua muita edade e continuos achaques. Teve particular devoção com a Rainha dos Anjos, repetindo muitas vezes entre o dia uma particular saudação, com a qual lhe pedia saude e ajuda em suas missões; teve tambem grande despreso de si e grande amor á santa pobreza, e, sendo visitador desta missão andava com uma roupeta velha, parda, a qual largou depois de passarem muitos mezes, por petição dos Padres, contentando-se com uma de algodão tincta de preto; nem usava de escriptorio, suas alfaias constavam de uma canastra em que guardava os seus cilicios, disciplinas e alguns livros de casos de consciencia, para resolver as duvidas que em a missão se alterassem; finalmente, pela oração e caridade e todas as mais virtudes, era varão singularissimo, e em uma palavra mui perfeito e santo.

CAPITULO 15°.

FAZ O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA PAZES COM OS INGAIBAS E MAIS NAÇÕES DAQUELLA ILHA

O Governador D. Pedro de Mello, vendo o bom successo que tinham as entradas e missões que se faziam para bem commum do Estado por uma parte, e o grande detrimento que lhe davam os Ingaibas e outras nações da ilha Grande, por commerciarem com os Hollandezes que vinham carregar navios de peixe-boi para banda do Norte, e receando-se que se uniriam a elles contra a Corôa de Portugal, fazendo guerra ás Capitanias do Estado, fez junta, á instancia dos homens principaes da terra, para conhecer da justiça da guerra que se lhes pudesse dar antecipadamente, antes que o

mal que se temia chegasse a não se poder remediar; resolveram todos, assim Ecclesiasticos como seculares, que Sua Magestade manda consultar em semelhantes occasiões, que a guerra era muito justa, e de tudo necessario para o bem e conservação do Estado, e assim se havia de dar. Foi o Padre Antonio Vieira de parecer que, emquanto á guerra, se ficava prevenido em todo o segredo, que para maior justificação e ainda justiça della, se offerecesse primeiro a paz aos Ingaibas, sem soldados nem estrondo de armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha succedido; e porque os meios desta proposição de paz pareciam egualmente amizades, pelo conceito que se tinha da fereza da gente que morava espalhada pelos rios e mattos ignorados e impenetraveis, tomou á sua conta o mesmo Padre Subprior da missão ser o medianeiro della; suppondo todos que não só o não haviam de admittir, mas que haviam de responder com as fréchas aos que lhes levassem semelhante pratica, como sempre tinham feito por espaço de vinte annos, que tantos tinham passado desde o rompimento desta guerra. Nem era mal fundado este parecer ou medo, porque é cousa sabida que os Ingaibas são naturalmente ferozes, e sua ilha é toda composta de um confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques e poços, aquelles com infinitas entradas e sahidas, e estes sem entrada nem sahida nenhuma bôa, onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda vêr os inimigos, estando elles a mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores, apontando e empregando suas fréchas; porque este modo de guerra volante e invisivel não tivesse estorva da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram esses barbaros, tanto que se resolveram a guerra com os Portuguezes,foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse um avisar os outros, e nunca serem acommettidos juntos, ficando desta sorte habitando toda a ilha sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes, porém, todos os bosques de muros, e os rios de defesa, e as casas de atalaia, e cada Ingaiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate; porém, todos estes medos e receios tão bem funda-

dos os atalhou o Céo, porque em dia de Natal do mesmo anno de 1658, despachou o Padre Subprior dous indios Principaes com uma carta patente sua a todas as nações Ingaibas, em a qual lhes segurava que por beneficio da nova Lei que elle fôra procurar ao Reino, se tinham já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos que lhes faziam os Portuguezes, e que em confiança desta sua palavra e promessa, ficaria esperando por elles ou por algum recado seu para ir ás suas terras, e que em tudo o mais dessem credito ao que em seu nome lhes diriam os portadores daquelle papel. Partiram os embaixadores que tambem eram de nação Ingaibas, e partiram como quem ia ao sacrificio, tanto era o horror que tinham concebido da fereza daquellas nações até os de seu proprio sangue ; mas provou Deus que valem pouco os discursos humanos onde a obra é de sua providencia. Em dia de Cinza, quando já se não esperavam, entraram pelo Collegio da Companhia os dous embaixadores vivos e mui contentes, trazendo comsigo sete Principaes Ingaibas acompanhados de muitos outros indios das mesmas nações ; foram recebidos com as demonstrações de alegria e applauso que se devia a taes hospedes, os quaes depois de um comprido arrazoado em que disculpavam a continuação da guerra passada, lavando-se de toda a culpa, e como não era verdade a pura fé que lhes tinham guardado os Portuguezes, concluiram, dizendo assim: Mas depois que vimos em nossas terras o papel do Padre grande de que já nos tinha chegado a fama, que, por amor de nós e de outra gente de nossa pelle, se tinha arriscado ás ondas do mar alto, e alcançado d'El-Rei para todos nós cousas bôas, posto que não entendemos o que dizia o dito papel, pela relação destes nossos parentes, logo em o mesmo ponto lhe demos tão inteiro credito, que, esquecidos totalmente de todos os aggravos dos Portuguezes, nos viemos aqui metter entre suas mãos e em as bocas de suas peças de artilharia, sabendo de certo que debaixo das mãos dos Padres, de quem já de hoje adeante nos achamos filhos, não haverá quem nos faça mal. Com estas razões tão pouco barbaras desmentiram os Ingaibas a opinião que se tinha de sua fereza barbara, e se estava vendo em as palavras, gestos, e acções, os effeitos do que falavam então

e mais a verdade do que diziam. Queria o Padre Subprior partir logo com elles á suas terras, mas responderam com cortezia não esperada que elles até aquelle tempo viveram como animaes do matto debaixo das arvores, que lhes dessemos licença para que logo fossem descer uma aldêa para beira do rio, e que depois que tivessem edificado casa e egreja em que receber os Padres, então os viriam buscar muitos mais em numero, para que fosse acompanhado como convinha, signalando nomeadamente que seria por S. João, nome conhecido entre os gentios, pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o prometteram, ainda mal cridos, os Ingaibas, assim o cumpriram pontualmente, porque chegaram ás aldeias do Pará cinco dias antes da festa de S. João com as canoas, que com treze da nação de Cambocas que tambem são da mesma ilha, faziam numero de trinta, e em ellas outros tantos Principaes acompanhados de tanta e tão boa gente, que a fortaleza da cidade se poz secretamente em armas. Não poude ir o Padre Subprior em esta occasião por estar mortalmente doente, mas foi Deus servido que o pudesse fazer em dezeseis d'Agosto, em que partiu das aldêas de Cametá em doze grandes canoas, acompanhado dos Principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis Portuguezes, e do Sargento Mór da praça, para mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos Mapuazes, que é a nação dos Ingaibas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos mattos em que receber os Padres, e duas legoas antes de chegarem ao porto sahiram os Principaes a encontrar as nossas canoas em uma sua, grande e bem equipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando bozinas e levantando pocemas, que são vozes de alegria e applauso com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles, com que tambem de todas as nossas se lhes respondiam. Conhecida a canôa dos Padres entraram logo em ella os Principaes, e a primeira cousa que fizeram foi apresentar ao Padre Subprior Antonio Vieira a Imagem do Santo Christo, do Padre João de Souto Maior, que havia quatro annos tinham em seu poder e da qual se tinha publicado que os gentios a tinham feito em pedaços e que por ser de metal a tinham applicado a usos profanos,

sendo que a tiveram sempre guardada e com grande decencia, e respeitada com tanta veneração e temor que nem a tocal-a, nem ainda a vel-a se atreviam. Receberam os Padres aquelle sagrado penhor com os effeitos que pedia a occasião, reconhecendo elles Portuguezes, e ainda os mesmos indios, que a este Divino Missionario se deviam os effeitos maravilhosos da conversão e mudança tão notaveis dos Ingaibas, cujas causas se ignoravam. Logo disseram que desde os principios daquella lua estiveram os Principaes de todas as nações esperando pelos Padres em aquelle logar ; mas vendo que não chegavam ao tempo promettido, nem muitos dias depois, resolveram que o Padre grande devia ser morto, e que com esta resolução se tinham despedido, deixando, porém, assentado antes, que dahi a quatorze dias se ajuntariam outra vez todas as suas canoas, para irem ao Pará sobre o que se passava, e se fosse morto o Padre chorarem sobre sua sepultura, pois já todos o conheciam por Pae. Chegados enfim á povoação, desembarcaram os Padres com os Portuguezes e Principaes christãos, e os Ingaibas naturaes os levaram á egreja que tinham feito de palmas ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada Imagem, com nome da egreja de Santo Christo, e se disse *Te-Deum Laudamus*, em acção de graças. Da egreja, a poucos passos, levaram os Padres para a casa que lhes tinham preparado, a qual estava muito bem traçada, com seu corredor e cubiculos, e fechada toda em roda com uma porta só, enfim com toda a clausura que costumam guardar os nossos Missionarios entre os indios. Mandou-se logo recado ás nações que tardavam em vir mais ou menos tempo, conforme a distancia, mas emquanto não chegaram as mais vizinhas, que foram cinco dias, não esteve o demonio ocioso introduzindo-se em os animos dos indios, e ainda dos Portuguezes em o principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavam se os Ingaibas faltassem a fé promettida; á taes desconfianças suspeitas e temores, faltou pouco para não largarem a empreza e esta ficar perdida e desamparada para sempre. A resolução foi dizer o Padre Subprior Antonio Vieira aos cabos que lhe pareciam bem as suas razões, e que, conforme ellas, se fossem embora todos, que elle só ficaria com seu companheiro,

pois só a elles esperavam os Ingaibas, e só com elles haviam de tratar; mas no dia seguinte, começou de entrar pelo rio em suas canoas a nação dos Mamayanazes, de quem havia maior receio por sua fereza, e foram taes as demonstrações de festa, de confiança e verdadeira paz que nesta gente se viam, que as suspeitas e temores dos nossos se foram desfazendo, e logo os rostos e os animos, e as mesmas razões e discursos se vestiram de differentes côres. Tanto que houve bastante numero de Principaes, depois de se lhes ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos Padres como pelos indios de sua doutrina, deu-se ordem ao juramento de obediencia e fidelidade, e para que se fizesse com toda a solemnidade e ceremonias exteriores (que vale muito com gente que se governa pelos sentidos), se dispoz e fez pela forma seguinte.

Ao lado direito da egreja estavam os Principaes das nações christãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas que as suas espadas; da outra parte estavam os Principaes gentios despidos e empennados ao uso barbaro com seus arcos e fréchas na mão, entre um e outros os Portuguezes; e logo disse Missa o Padre Subprior Antonio Vieira em um altar ricamente ornado que era da adoração dos Reis, á qual Missa assistiram os gentios de joelhos, sendo grandississima consolação aos circumstantes ve-los bater em os peitos e adorar a hostia e o calix com tão vivos effeitos daquelle preciosissimo sangue que, sendo derramado para todos, aqui mais que em outros animos teve sua efficacia. Depois da Missa, assim revestidos dos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma pratica a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do logar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração e sem engano a tudo o que lhes fosse perguntado, e de guardar inviolavelmente depois o promettido. E logo fez perguntar a cada um dos Principaes se queriam receber a fé do verdadeiro Deus, e ser vassallos d'El-Rei de Portugal, assim como são os Portuguezes e os outros indios das nações christãs e avassalladas, cujos Principaes estavam presentes, declarando-lhes juntamente que a obrigação de vassallos era haverem de obedecer em tudo as ordens de Sua Magestade, e se sujeitar ás suas Leis e ter paz perpetua

e inviolavel com todos os vassallos do mesmo Senhor, sendo amigo de todos os seus amigos e inimigos de todos os seus inimigos, para que desta forma gozassem livre e seguramente de todos os bens, concordancias e privilegios que pela ultima Lei do anno 1655 eram concedidos por Sua Magestade, e os indios deste Estado a tudo responderam, todos uniformemente: que sim; só um Principal chamado Piye, o mais entendido de todos, disse que não queria prometter aquillo, e como ficassem os circumstantes suspensos em a differença não esperada desta resposta, continuou dizendo, que as perguntas e as praticas que o Padre lhes fazia que as fizesse aos Portuguezes e não a elles, porque elles sempre foram fieis a El-Rei e o reconheceram por seu Senhor desde o principio desta conquista, que sempre foram amigos e servidores dos Portuguezes, e que se esta amizade e obediencia se quebrou e interrompeu fôra por parte dos Portuguezes e não pela sua, e assim os Portuguezes eram os que agora haviam de fazer ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes, e não elle e os seus que sempre as guardaram. Foi festejada a razão do barbaro, e agradecido o termo com que qualificava á sua fidelidade, e logo o Principal que tinha o primeiro logar, chegou ao altar onde estava o Padre e levando arco e fréchas aos seus pés, posto de joelho, com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do Padre, jurou desta maneira: Eu, fulano, Principal de tal nação, em meu nome e de todos os mais subditos e descendentes, prometto a Deus e a El-Rei de Portugal, á Fé de Nosso Senhor Jesus Christo, de ser (como já sou) de hoje por deante, vassallo de Sua Magestade, e de ter perpetua paz com os Portuguezes, sendo amigo de todos os seus amigos e inimigo de todos os seus inimigos e me obrigo assim a o guardar e cumprir inteiramente para sempre. Dito isto, beijou a mão do Padre de quem recebeu a benção, e foram continuando os mais Principaes por sua ordem, da mesma forma. Acabado o juramento, vieram todos, pela mesma ordem, a abraçar os Padres, e depois aos Portuguezes, e ultimamente aos Principaes Christãos, com os quaes tambem tinham então a mesma guerra que com os Portuguezes.

Era cousa muito para dar graças a Deus vêr os extremos

de alegria e verdadeira amizade com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que diziam entre elles; por fim, postos todos de joelhos, disseram os Padres o *Te Deum Laudamus*, e sahindo da egreja por uma praça larga, tomaram os Principaes Christãos seus arcos que tinham deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da egreja se tinha feito, os Portuguezes tiraram as balas dos arcabuzes, e as lançaram ao rio e dispararam sem bala, e logo uns e outros Principaes quebrarão as fréchas e atiraram com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra— *Arcum conteret et confringet arma.*

Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados de um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquelia multidão de gente declarava sua alegria, estendendo-se este geral conceito a todas, posto que eram de mui differentes linguas. Em esta praça se foram juntos todos os Principaes com os Portuguezes que assistiram ao acto da casa dos Padres, e alli se fez termo juridico e autentico de tudo o que na egreja se tinha promettido e jurado, que assignaram os mesmos Principaes, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houveram de chegar á presença de Sua Magestade, em cujo nome se lhes passaram logo cartas para em qualquer parte e tempo serem conhecidos por vassallos. Em a tarde do mesmo dia deu o Padre seu presente a cada um dos Principaes, como elles os tinham trazido, conforme o costume destas terras, que a nós é sempre mais custoso que a elles. Os actos da solemnidade que se fizeram foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos em um mesmo dia; e os dias que alli se detiveram os Padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que, como differentes pelas vozes, modos, instrumentos, e harmonia, tinham muito que ver e que ouvir. Rematou-se este triumpho da Fé... ao mesmo logar o estandarte della, uma formozissima Cruz, em a qual não quizeram os Padres tocasse indio algum de menos qualidade, e assim foram cincoenta e tantos Principaes os que a tomaram aos hombros e levantaram com grande festa e alegria, assim dos Christãos como dos gentios, e de todos foi

adorada. As nações de differentes linguas que aqui se introduziram foram os Mamayanazes, Pancacás, Guajurás, Pixpixis e outras. O numero das almas não se pode dizer com certeza, os que menos o sabem dizem que serão quarenta mil, entre os quaes tambem entrou um Principal dos Tucujus, que é provincia á parte, em a terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos Ingaybas, e ha fama que os excedem muito em numero e que uns e outros fazem mais que cem mil almas. Deixou o Padre Antonio Vieira assentado com estes indios que no inverno se sahissem dos mattos, e fizessem suas casas sobre os rios, que pelo verão seguinte os pudesse já ver todos em suas terras, e deixar alguns Padres entre elles, que os começasse a doutrinar, e com estas esperanças se despediu, deixando a todos contentes e saudosos. Pareceu aos Padres trazerem comsigo até tornarem, a Imagem de Santo Christo, a qual, por commum applauso e devoção, decoro das religiões e da Republica, foi recebida pela cidade do Pará em solemnissimo triumpho, dando todos a gloria de tamanha empreza a este Senhor, e confessando que só era e podia ser sua. Este é, por maior, o successo das pazes com os Ingaybas, estes os augmentos da Fé que conseguiram com seus trabalhos os Padres Missionarios da Companhia de Jesus em aquella gente barbara, não sendo de menos consideração e consequencia as utilidades temporaes e politicas que por este meio accresceram á corôa e Estados seus, porque os que conseguiram ver a felicidade desta empreza, não só com os olhos em o Céo, senão tambem em terra, tem por certo que com ella se acabou de conquistar o Estado do Maranhão, porque com os Ingaybas por inimigos seria o Pará de qualquer nação estrangeira que se confederasse com elles, e com os Ingaybas por vassallos e por amigos fica o Pará seguro e impenetravel a todo o poder estranho. E porque todo este bem se deve ao Santo Christo que o Padre João de Souto Maior deixou em penhor entre as mãos dos Ingaybas, vendo eu em tempo do meu primeiro Subprior da missão, que este divino Missionario e Conquistador das nações sobreditas, estava mettido em um canto e quasi esquecido, ordenei que se puzesse á veneração de todos, em a Cruzinha que esta sobre a portinha do Sacrario dourado do Altar Mór da

egreja de S. Francisco Xavier, Collegio de Santo Alexandre da cidade de Belém, Capitania do Grampará, e quiz fazer disto menção para que em nenhum tempo se o venha a desconhecer, mas fique em lembrança e veneração perpetua dos Padres Missionarios que tiver esta missão.

CAPITULO 16°.

MANDA O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA UMA CARTA PARA ROMA A PEDIR MISSIONARIOS, FAZ O CORREGEDOR NOVO DO MARANHÃO PARA A BANDA DA MATRIZ E CHEGA O PADRE JOÃO MARIA GORCENIM COM SEUS COMPANHEIROS.

Acabada a gloriosa missão dos Ingaybas, manda o Padre Subprior Antonio Vieira a Roma pedir Missionarios para prover as novas missões; entretanto, parte para o Maranhão ; e como achava ser a casa mui limitada, mandou-lhe accrescentar um corredor novo de pedra e cal, para banda da Matriz, a Oeste; continuaram outro, correspondente a aquelle para banda de Santo Antonio, a Leste, ficando ambos com uma bella portaria, com seu sobrado posto sobre arcos para banda da rua ; e edificou uma egreja nova para a mesma banda, fóra de todas estas obras, por uma ribanceira e cova grande que ahi havia, ficando as officinas em quadra para a banda do mar em aquella ladeira, e o refeitorio correndo da janella grande para o poço, com sua cozinha e tudo isto em eirado, sem tecto, para se poder espairecer por elles pelas manhãs e tardes do dia, entre uma multidão de vazos dispostos pelos arredores com seus cheiros para maior agrado. De tudo isso tinha um bello debuxo feito pelo Irmão João de Almeida, francez de nação, que tinha vindo do Brazil, e era engenheiro, ao menos bem principiante de sua profissão. Chegadas as cartas do Padre Subprior a Roma, logo se mandou avisar pelas Provincias para que dellas viessem os Missionarios que se offerecessem ; o primeiro de todos foi o Padre João Maria Gorcenim, Lombardo de nação, homem moço de bom talho e saude, que, depois de ensinar, já tinha servido o cargo de Ministro em um dos principaes Collegios de sua pro-

vincia. Chegou a Lisbôa em o anno 1659, sózinho, e como logo se offereceu occasião de partir para o Maranhão ajustaram-se-lhe por companheiros o Padre Paulo Luiz, o Irmão Domingos da Costa, ainda em habito secular, e um outro cujo nome se deixou perder, deixada a Religião, e o Padre Agostinho, o qual, tendo sido despedido, tomou o habito de Santo Antonio, e foi estimado entre os seus no Grampará, onde teve os Irmãos Terceiros á sua conta e os governou muito bem. Chegaram com feliz viagem e saúdo ao Maranhão, onde foram recebidos do Padre Subprior Antonio Vieira, e o Subprior da casa o Padre Ricardo Carrea, Irlandez, com muita festa e caridade. Passado um pouco de tempo, vendo o Padre Subprior o grande zelo das almas do Padre João Maria, o mandou por Subprior Missionario da aldêa de S. Gonçalo, por outro nome Tayassú Coaraty, sita dentro da mesma ilha do Maranhão, para banda do Itapecurú, á beira-mar ; folgou o Padre João Maria summamente de vêr cumprida parte de seus desejos com tanta caridade; mandava-o o Padre Subprior, que o aviou de tudo o necessario para o caminho, e para a assistencia em a aldêa como se costuma, mas como elle repugnava e não queria aceitar nada, dizendo bastava-lhe seu bordão e breviario, á imitação de S. Francisco Xavier, e nisto partiu-se fixo, sem embargo de se lhe dizer que em estas terras se vivia por differente estylo, deixou-o partir para ir aprendendo á sua custa, já que assim o queria, e servisse para exemplo dos que não querem andar pelo caminho já trilhado dos mais. Partiu mui contente para sua missão, mas como, chegado a ella, começou a sentir a falta do que se lhe tinha offerecido em casa, mandou logo um grande aranzel de tudo o que lhe era necessario, pondo-lhe por titulo—rolo do necessario, por não estar ainda corrente na lingua portugueza, com que deu a ir aos de casa, e ficou ensinando; de sorte que pelo tempo adeante não houve melhor buscavida em toda a missão, em a qual assistio por espaço de trinta e oito annos, que até o presente de 1697 concorreram, desde então occupado sempre ou em as residencias ou em os sertões e partes mais afastadas e perigosas que ha em este Estado, como se irá vendo pelo decurso desta historia. Passado um anno, pouco mais ou menos, em a residencia

de S. Gonçalo da aldêa de Tayassú Coaraty, onde assistia com grande zelo, doutrinando e administrando os Sacramentos, conforme se costuma, foi o primeiro que lá fez umas salinas para ter sal que dar aos indios, quando lhe trouxessem seus presentes; neste somenos foi chamado para a cidade onde prégou a festa de S. Xavier, e depois disso partiu com o Padre Subprior e Visitador Antonio Vieira, e outros para o Gampará; e como não approvava o modo com que se governavam os indios em o temporal, não agradava isto ao Padre Subprior, o qual se queixou a mim, Padre João Felippe Betendorff, ainda um anno depois, por não gostar que houvesse pareceres contrarios em aquella materia. Partidos do Maranhão, onde ficavam o Padre Ricardo Carrea, por Subprior da Casa, o Padre Antonio Soares por Mestre de Latim, o Padre José Soares por Confessor, o Padre Antonio Ribeiro por Subprior da residencia de S. José, acudindo-se da Casa ao Pinarê, Tayassú Coaraty, foram para Tapuytapera, e de lá passaram para Serigipe, onde o Padre Matheus Delgado era Missionario, com o Irmão Amaro de Souza, e de lá foram navegando para a aldêa de S. João em Gurupy, onde assistia o Padre Bento Alvares com o Irmão Ignacio de Azevedo. Aqui se detiveram uns dias, esperando aguas vivas para poder passar, que com as aguas mortas ficam em secco pelo caminho, e depois de terem aguas, continuando sua navegação, foram ao Maracaná, e dahi á aldea dos Tapinambás, que o Padre Francisco Velloso tinha descido de seu sertão e situados de novo, com bella egreja e casas, á beira mar da ilha do Sol; aqui foram recebidos com muita festa e bailes, que lhes faziam os meninos, estando toda a praça cheia de indios desejosos de ver e saudar o Padre Subprior e seus Companheiros; finalmente, daqui se foram á cidade do Pará descançar, em a Casa de Santo Alexandre, de um caminho tão prolongado, molesto e perigoso, como é o do Maranhão para o Grampará. Agasalhou-os o padre Manoel Nunes, o velho, que aquelle tempo era Subprior da Casa, com muita caridade, porque supposto era Casa muito pobre, por então suppria essa virtude riquissima toda a falta que sem ella podia haver. Ahi se deteve o Padre Antonio Vieira uns mezes, esperando outros Missionarios,

de cuja vinda para a missão estava moralmente seguro, pelas grandes diligencias que para isso tinha mandado fazer o nosso muito Reverendo Padre Geral.

CAPITULO 17º.

PARTE O PADRE JOÃO FELIPPE BETENDORF, COM O IRMÃO JACOB COELHO, THEOLOGO DA PROVINCIA GALLO-BELGICA, PARA A MISSÃO DO MARANHÃO.

Logo que o nosso muito Reverendo Padre mandou a carta do Padre Subprior, Antonio Vieira, para a provincia Gallo-Belgica, tratou o Padre Provincial de uns Missionarios com que lhe soccorrer. Estava eu aquelle tempo theologo do quarto anno em o collegio da Universidade de Douai, com esperanças proximas de ir para a missão do Japão ou China, e como a providencia de Deus é que tudo dispõe, conforme os seus desejos eternos, que moveram-se interiormente para offerecerem-me a missão do Maranhão, lançaram logo os subpriores mão de mim, dando-me o irmão theologo Jacob Coelho, meu condiscipulo, por companheiro. Ordenou-me o Illustrissimo Geral Arcebispo e Principe de Cambray, e querendo o Céo mostrar que ia levar vida apostolica, quiz que, entre muitos que commigo ordenaram-se, me dessem a ler o Santo Evangelho da missa em que todos se ordenaram; era em aquelle anno de 1659 provincial o padre Humberto... e reitor do collegio o padre Jacob Krek. Partiram os do collegio, ambos Missionarios, em companhia do padre Ludovico, reitor de Lille, vindo nos acompanhar o padre reitor de Donai, com grande parte dos theologos uma hora de viagem ou mais ainda; apenas nos tinhamos apartado com os abraços e saudades costumadas em semelhantes occasiões dos que voltavam para a cidade, e subimos por uma penha de um outeiro que se offerecia, quando fomos accommettidos de dois soldados de cavallo, dos quaes chegando-se primeiro um delles me pediu dinheiro, puchando pela pistola; perguntando-lhe eu quem era respondeu-me que era o diabo, com que lhe arranquei a outra pistola e lh'a puz em a cabeça, dizendo-lhe se fosse a seu ca-

minho e me não molestasse, pois não tinha dinheiro que lhe dar. Persistiu o soldado de cavallo em seu damnado intento, e como nos achassemos em o caminho junto a um poço, para desviar-me delle a ganhar campo mais largo, saltei ligeiramente o poço pondo-me da outra banda delle com a pistola na mão; o soldado de cavallo vendo-se com isso envergonhado, picou seu cavallo..... para tambem saltar o poço atraz de mim, mas cahiram ambos, cavallo e elle, pelo meio do poço. Não lhe quiz fazer mal, e deixei-o sahir para fora para lhe falar outra vez e fazel-o aquietar; elle chegando-se para mais perto, gritou a seu companheiro que se guardasse mais, pois eu não era homem, mas um demonio; eu, sem me dar nada delle, ia me desviando do tiro e não lhe virando nunca o peito, mas somente a ilharga, disse-lhe se fosse seu caminho e que para que visse que lhe não queria mal nenhum nem o temia, lhe tornaria a dar suas armas que lhe tinha tomado; veio disso eu lhe pôr sua pistola em a mão. Aconteceu por este comenos que querendo elle enxugar o rosto do suor, achou-se ensanguentado, com que se irritou tanto que tornou a puchar pela pistola, jurando que me tiraria a vida, mas eu vendo sua pouca fé e o perigo de vida que corria, dei ligeiramente outro salto e chegando-me a elle, com toda a pressa, tirei-lhe ditosamente a outra pistola, pela segunda vez, para me defender com ella pois não tinha outras armas. O padre reitor de Lille e o irmão theologo Jacob Coelho estavam parados e pasmados em o caminho sem saberem que fim teria esta peleja de um Religioso contra dois soldados de cavallo; porém, quiz Deus Nosso Senhor que, dizendo eu ao meu adversario que não o temia, e que justamente me defendia contra seu injusto aggresso, e mais lhe tornaria a dar outra vez suas armas se me quizesse deixar em paz, veiu a estar pela condição que se lhe tinha offerecido; tomou, pois, suas armas que lhe apresentei, porém jurou que atraz delle vinham sete companheiros que me fariam um S. Jorge, querendo dizer que me tomariam tudo; respondi-lhe que se fosse embora, e que com os sete me haveria quando os encontrasse. Emquanto aquelles dois iam accommettendo um pobre caminhante, que vinha atraz de nós, fui apressando os passos com meus companheiros, mas

porquanto nos accelerassemos, para nos tirar do perigo que nos ameaçava, demos com os sete soldados a cavallo, os quaes á redea solta vinham resolutos sobre nós. Apearam-se logo todos e começaram a investir com o Padre reitor de Lille e o irmão theologo, tomando-lhes o pouco que levavam; o cabo delles, puxando pela espada, m'a poz sobre a barriga, defendi-me, porém, e não quiz permittir que me tocassem; tinham falado até então francez, mas vendo que eu me não queria render, começaram a fallar allemão; então lhes comecei a dar uma reprehensão por se haverem desta sorte com as pessoas sagradas, que os allemães tanto veneram, e ao cabo dei-lhes um abraço, dizendo-lhes fossem depressa, porque os seus companheiros, que iam adeante, já nos tinham dado busca; com isso desistiram logo e montaram a cavallo para dar alcance aos mais, e continuaram seu caminho até á cidade de Lille. Foram a pé os dois missionarios para Gand onde nos encontramos com o Padre provincial de Flandres, o qual nos disse: a Padres flamengos bastava a sua missão de Hollanda e outras de sua provincia, sem ser necessario mandar sujeitos para Portugal, onde os detinham sem os deixar ir para suas missões. De Gand fomos para... sendo sempre regalados nos collegios, sem gastarmos um só vintem á missão. Passamos, vestidos já de seculares, para Bréda, navegamos pelas terras alagadas, e por todas as mais cidades de Hollanda até os paizes do Principe do Orange, e ultimamente á cidade de Amsterdam, onde fomos agazalhados em casa do Padre Subprior da missão uns oito dias, vendo e admirando aquella bella e bem ordenada cidade, até que se nos offereceu occasião de passar em barco para a ilha de Texel, onde os navios da frota esperavam as monsões do vento Leste para navegarem para Portugal.

Estivemos seis semanas em esta ilha agazalhados em casa de um herege, cuja mulher e filhas eram catholicas romanas, e isto para poupar os gastos que em as estalagens eram maiores e com menos commodos, assim para o sustento como para tudo mais; em casa, sem embargo haver hereges por todas as bandas, dizia eu missa em um altar portatil, que me tinha emprestado o vigario da villa, assistindo á missa, que se dizia ao cantar do

gallo, com o irmão theologo, agora Padre gravissimo, a dona da casa com suas filhas e uma padeira tambem catholica romana. De Texel partimos com a frota em dezembro, e em os ultimo dias do mez lançaram-me em Belém, havendo de ter ido á terra dos mouros se tivesse chegado um só dia mais cedo a Cascaes, por terem lá estado doze náos de mouros, esperando pelas que haviam de entrar pela barra de Lisbôa. Saltámos em terra em Belém, dia de Jesus; confessei-me com o Reverendo Padre... e lá disse Missa, e jantava, se quizesse acceitar a cortezia daquelles santos Religiosos. A' tardinha fomos á Lisbôa por terra, e nos agazalhamos em Santo Antão onde achámos o reitor, Padre Tavora, e por procuradores do Brazil o irmão Manoel Luiz e o irmão João Dias, aos quaes succedeu logo o Padre Paulo da Costa, vindo do Brazil. Occupamo-nos ambos perto de um anno em acompanhar aos procuradores, indo eu com o companheiro ao hospital ás vezes converter hereges, dos quaes converti dois, e fiz casar um amancebado em a hora da morte para o pôr em caminho da salvação. Acompanhei um dia ao Padre Vasconcellos ao Limoeiro a instruir a reza do terço, fazendo elle a pratica, acabada ella fomos para o collegio, dando as Ave-Maria quando chegámos ao portão, junto ás casas de um livreiro. Para logo fechou o porteiro a portaria, indo, entretanto, dar conta ao Padre reitor que tinhamos chegado á casa depois das Ave-Maria dadas; o reitor nos mandou dar uma picola a ambos em o dia seguinte, a qual aceitei com gosto, por acompanhar ao Padre Vasconcellos, cujo companheiro eu tinha sido. Extranhou muito o Padre visitador claramente o rigor do velho Padre Tavora, e extranharam todos os mais Padres de Santo Antão e de S. Roque, mas a mim não se me deu nada disso, supposto era a primeira e ultima penitencia que em cincoenta annos tive em a Companhia, e parecia que a não tinha merecido por ter sido companheiro sómente, porque se então a não mereci, tinha-a merecido dantes muitas vezes. Era como se ia acabando o anno, e não se offerecia embarcação para o Maranhão, estava o Padre procurador geral Paulo da Costa resoluto de mandar-me para a Bahia com meu companheiro, e mais sete religiosos que se tinham vindo ordenar em Lisbôa, deputando-me por subprior daquella nave-

gação, e emquanto se aviava a náu mandou-me com o Padre Luiz Machado para Gibraltar para visitar seus parentes em este.... chegaram da Allemanha dois missionarios, o padre Theodoro Heres, e o padre Gaspar Misseh, ambos allemães e da provincia... inferior, e como logo se offereceu um patacho de Simão dos Santos para ir ao Maranhão, mudou o Padre procurador geral Paulo da Costa de parecer, e mandando o Padre Jacob Coelho, com os mais padres ordenados, ao Brazil, ordenou fosse eu levar o Padre Gaspar Misseh e o irmão Manoel Rodrigues e Manoel da Silveira, Secular, para o Maranhão, ficando o padre Theodoro Heres para assistir em o exercito com Schomberg, a ver se o podia reduzir á fé catholica romana. Este depois se foi para o Brazil, e de lá tornou á Lisbôa, onde adoeceu e morreu, por ganhar uma doença pestilencial, assistindo com grande caridade aos soldados vindos da campanha. Partidos já os do Brazil, adoeci de uma febre que parecia maligna, mas com dez sangrias melhorei, e querendo os Padres me purgasse antes de embarcar-me, respondi-lhes que assaz me purgaria o mar com os continuos enjôos que costumava de padecer. Aviou-nos bellamente de tudo o Padre procurador geral Paulo da Costa, e nos foi embarcar em pessoa com o padre Valentim Estancel, vespera de Santa Catharina ; deu-me logo um enjôo tão grande que nem comer pude, nem levantar cabeça para me despedir da Côrte de Lisboa. Retirado já o Padre procurador levantaram ancora, e, dando á vela, fomos felizmente até Val das Aguas, onde, subito, nos deu uma tão grande tempestade, que lançou da primeira pancada uma onda grande para riba e entrou pelas janellas da praça de armas, onde estavamos, navegando o patacho á banda do Oeste, que pareciam tocavam as vergas o mesmo mar ; mandei então se confessassem os Padres. e depois disso fosse o padre Gaspar Misseh acudir á gente de fóra, esperando eu com os mais a morte em a mesma praça de armas onde me achava, e, como é crivel, descoroçoados ficaram os marinheiros todos, mas animei-os que tivessem confiança em Deus, que nos livraria daquella em que o inimigo queria nos perder para não irmos, os missionarios, ao Maranhão, e como vi que os homens do mar acudiam muito frouxamente ao leme

para o levantar para riba conforme a direcção do piloto que estava de fóra, puz-me, assim doente, a levantal-o com ambas as mãos, com tanta força que me doeram os pés tres semanas. Depois mandei tambem ao irmão Manoel da Silva lançasse uma veronica benta em o mar, e o capitão Simão dos Santos fez voto de offerecer o traquete a Nossa Senhora de Cabo Verde e resgatal-o, com que foi Deus servido livrar-nos dessa horrivel tempestade, a qual depois de ter durado umas tres para quatro horas foi abrandando, porém não cessou de todo, porque continuou o mar ainda perturbado alguns dias. Descompoz essa tempestade toda a frota, de sorte que se espalhou toda, ficando alguns navios com mastros quebrados, outro botados por ahi, sem se saber para onde, além dos perigos de náus inimigas, das quaes escapamos com a maré e escuridão da noite.

Emfim, tomou a frota toda Cabo Verde, para se reunir e concertar ; deteve-se lá uns treze dias... o patacho do capitão Simão dos Santos ; sahimos á terra tres vezes, uma para dizermos Missa em acção de graças em o altar da Senhora da egreja dos Capuchos, onde se fez a offerta e se resgatou o traquete, as outras duas vezes para fazer doutrina e pratica do pulpito em a egreja cathedral, estando presentes os conegos, e entrando o Governador em o cabo de uma dellas. Aqui nos mostraram os moradores, aos Padres missionarios, os logares onde tinham morado os nossos Padres quando assistiam em aquella villa, pedindo-nos muito quizessemos ficar com elles, convidando-nos o Deão da Sé, duas vezes. á sua casa para jantarmos com elle. Passados os dias necessarios para o concerto das náus da frota, partimos todos juntos, deixando um capitão de S. Paulo que, por homisiado, tinhamos trazido até lá, pelo amor de Deus, e se tinha passado para sua embarcação em a qual tinha seu fato e matalotagem. Antes de se apartar, Simão de Santos, capitão do patacho, em que vimos embarcados, o Sr. Francisco de Brito, governador de Pernambuco, nos deu a bôa viagem e nós a elle com toda a cortezia e eu principalmente, porque elle me tinha rogado em S. Roque que o quizesse acompanhar até Pernambuco que me faria levar ao Maranhão. Pelo caminho não faltamos com a doutrina e

prégação a seu tempo, nem com seu terço e ladainhas cantadas, com que iamos alegremente navegando, sem nos adoecer ninguem, nem nos faltar cousa nenhuma (digo nenhuma, pois achavamos peixe fresco em abundancia, e esta tanto maior quanto mais nos iamos chegando á terra); queria o capitão Simão de Santos tomar a terra, mas não lhe permittiu a correnteza das aguas, que prosperamente nos levou até Jericoacoàra, á riba de Ybiapaba. Lá botamos ancora e esperamos uns oito dias, mandamos um indio que nos tinha vindo visitar á terra, para avisar o Padre Pedro Poderoso viesse logo para baixo vêr os Padres e tomar algum refresco do Reino que se lhe daria; foi-se o indio com toda a pressa e veiu o Padre Poderoso ao tempo determinado; mas como em o dia antes vio que pelo monte abaixo se faziam grandes fogos, receiando o capitão que seriam alguns tapuyas que dessem assalto ao patacho e matassem a gente delle para assar e comer, como tinham comido de proximo em aquella paragem, onde ainda se achavam os espetos, cinzas e ossadas que todos viram com seus olhos, não quiz esperar mais, por quanto lhe pedissemos, mas mandou logo levantar ancora e dar á vela fazendo-se para o mar. Apenas esteve o patacho afastado uma hora do porto de Jericoacoara, quando a elle chegou o Padre Pedro Poderoso com seus indios da serra, meio morto de cançasso do caminho; começou a chamar e dar signaes; mas nada lhe valeu, por estar o capitão Simão de Santos com grande medo por se não fiar em indios, que só descobria em terra. Contou-me depois o Padre Pedro Poderoso que, vendo frustradas suas esperanças de se poder ver comnosco, que de tão longe tinha vindo buscar, com os incommodos da falta de tudo, se apressara pela praia e começara a derramar mil lagrimas, chorando a sua pouca dita, e seguira o patacho com os olhos até o perder de vista, e depois disso se voltara todo exhausto por aquelle trabalhoso caminho da serra. Entretanto, foi navegando o patacho e pouco faltou que não désse na Corôa Grande, porém, quiz Deus chegasse com lua cheia, felizmente, ao porto do Maranhão, aos vinte de janeiro do anno de 1661. Veiu receber-nos o Padre Ricardo Carrea, Subprior da casa, e nos agazalhou com muita caridade os poucos de dias que nos detivemos em o Maranhão; veiu

tambem visitar-nos o governador Pedro de Mello e nos mandou seu presente; estavam por aquelle tempo fazendo-se corredor novo de taipa de pilão e não havia mudança alguma. Dizia o Padre Ricardo Carrea que recorriam muito a elle para as prégações. Passados já os dias da hospedagem, avisou o Padre Gaspar Misseh, da ordem do Padre Subprior da missão, Antonio Vieira, a qual era, que em chegando alguns Missionarios, os mandasse logo para o Pará; fomos, pois, despedirmo-nos do governador, o qual abraçando-me perguntou porque viera para esta miseravel terra, e disse-me que désse um abraço de sua parte ao Padre Antonio Vieira, supposto não lhe merecia, pois pedindo um pescador não lh'o tinha dado, sendo que se elle não fôra lhe tiraria o povo á espingarda. Não estranhei muito de ouvir semelhantes discursos e porque já pela viagem tinha ouvido o muito mal que os moradores queriam aos Padres, e como estavam para lançar-nos do Estado. Embarquei-me logo com o padre Gaspar Misseh, meu companheiro, ao Pará; passamos á Tapuytapera, onde achamos o padre Matheus Delgado, em casa do vigario João Maciel, esperando por nós. Elle nos levou para Serigipe, onde tinha sua residencia muito bem ordenada, e os indios tão bem doutrinados, que não contentes de assistir pela manhã em a egreja, tambem pela tarde á boca da noite assistiam até os velhos ao encommendar das almas; fez-nos o Padre Delgado matalotagem, e deu a cada um sua rede para descançar e dormir, e desde então comecei a renunciar á cama para sempre, não dormindo senão em rede os trinta e oito annos que estive em a missão. De Serigipe, fomos muito bem providos do Padre, que nos acompanhou até o porto, e lá nos regalou com ricas ostras. Despedimo-nos delle em o porto, e partimos com Antonio Franco, tapanhuno mui ladino, para continuar nossa viagem. Depois de uns dias assaz perigosos e molestos, em razão dos muitos mosquitos, chegamos á aldêa do Gurupy, uma bôa hora distante da villa. Lá achamos o Padre Bento Alvares, com seu companheiro, o irmão Ignacio de Azevedo, bom musico e algum dia valente soldado; moravam os Padres ainda em suas casas velhas de pindoba, e ia-se acabando o bello quadro de casas com sua egreja, tudo de taipa

de pilão ; havia em a aldeia muitos indios de varias nações, que os Padres tinham descido para lá com o Capitão-Mór João de Herrera, nosso irmão, casado pelo Padre Subprior Antonio Vieira com Dona Catharina da Costa, depois nossa irmã por carta de irmandade que lhe veiu de Roma. Ahi estivemos esperando as aguas vivas, e com ellas fomos até á aldeia dos Tupinambás, onde assistia o Padre Francisco Velloso, que nos recebeu com muitas danças de meninos, que nos vieram acompanhar para a egreja, e depois para casa, onde fomos mui bem agazalhados ; de lá passamos ao Pará, onde achamos o Padre Vizitador e Subprior Antonio Vieira, o qual mui contente com a nossa vinda fez uma bella pratica sobre as palavras do Evangelho : *Quidem enim illorum de longe venerunt.*

CAPITULO 18º.

REPARTE O PADRE SUBPRIOR DA MISSÃO OS NOVOS MISSIONARIOS, PONDO-OS EM AS ALDÊAS DE MORTIGURA E INGAYBAS

Com a chegada dos dois Missionarios novos, cujos irmãos tinham ficado em o Maranhão, mandou o Padre Subprior Antonio Vieira chamar o Padre Francisco Velloso dos Tupinambás, pondo em seu logar o Padre Jacome de Carvalho, e o fez Subprior da casa do Pará, nomeando o Padre Manoel Nunes seu antecessor por subprior dos Ingaybas, dando-lhe por companheiro o Padre João Maria Gorsony, e mandando o Padre Gaspar Misseh com o Padre Thomé Ribeiro para a residencia de Nossa Senhora do Desterro, em a aldêa de Tapará, á riba do Gurupá. Antes de nos apartarmos, fez suas consultas e conferencias de casas mais occorrentes em a missão, deputando-me a mim para ter cargo de assental-os em um livro feito para esse fim. Assentaram-se em esta primeira conferencia tres resoluções: a primeira, que com as velas feitas de Ybicuyba se não havia de dizer Missa, ainda que sejam amarellas e pareçam cêra, porque o não são, e, por tanto, só podem servir em caso de total necessidade e para o Sepulchro de quinta-feira de Endoenças ; a segunda, que, visto entre algumas nações ser costume mudar as mulheres,

por não terem nenhuma com que qu ram viver por toda a vida, conheçam por xerimirêcó só a verdadeira ou legitima mulher, e deixem a perdição os que querem casar com as que quizerem, logrando todas as mais, visto não terem sido casadas verdadeiramente com nenhum; a terceira resolução foi que, como os meninos e meninas dos indios, ainda passados já os sete annos de edade, são muito innocentes, e parece não terem inda uso de razão, se possam baptisar sem mais instrucção como os mais innocentes, bastando-lhes quererem ser filhos de Deus.

Acabadas estas conferencias partiram os padres da casa em varias canôas. Eu fui em a canôa do Padre Subprior e visitador Antonio Vieira e o padre João Maria e o Padre Manoel Nunes na sua, sendo já partido o Padre Thomé Ribeiro para Tapará com o Padre Gaspar Misseh. Fomos direitos para Mortigura, a velha, onde assistia o Padre Francisco da Veiga por Subprior da residencia de S. João. Fomos recebidos com repiques e danças costumadas, e depois fomos vizitados dos indios que traziam seus presentes ao Pai Assú ou padre grande, e entre elles os Ingaybas da outra banda do rio.

Em esta aldêa de Murtigura, tendo o Padre Subprior e visitador Antonio Vieira despedido o Padre Manoel Nunes e o Padre João Maria Gorsony para os Ingaybas, e mandando ficar-me a mim por companheiro do Padre Francisco da Veiga para aprender a lingua, ensinando o A B C aos meninos, voltou-se para o Pará; dei-me bellamente com o Padre Francisco da Veiga, tomando á minha conta a doutrina de cada dia, e a classe dos meninos para ensinal-os a lêr e escrever; juntaram-se muitos dicipulos e entre elles o capitão Jacaré; e são estes hoje os mais autorizados e velhos da aldêa (os meus discipulos) e por que, por falta de livros tinta e papel, não deixassem de aprender, lhes mandei fazer tinta de carvão e summo de algumas ervas, e com ella escrevia em as folhas grandes de pacobeiras e para lhes facilitar tudo lhes puz um páuzinho na mão por penna, e os ensinei a formar e conhecer as letras assim grandes como pequenas no pó e arêa das praias, com que gostaram tanto que enchiam a aldêa e as praias de letras, ficando aldêa e praias

alastradas todas; mas como os mysterios da nossa Santa Fé são os que se devem saber e ensinar antes de tudo o mais, em elles tambem os exercitava em o fim da classe, e com isso ia tambem eu aprendendo a lingua da terra, cuja grammatica já tinha trasladado em latim, estando ainda em Portugal, e mandando-a para a minha provincia para que aprendessem por ella os que lá quizessem vir para esta missão do Maranhão. Não faltava que fazer em aquella aldêa, que constava de umas tres mil almas aquelle tempo, e comprehendia muitas nações, das quaes umas moravam em meio, fazendo suas casas em quadro, para banda do matto, aberto sómente para a banda do rio, á cuja beira estava a aldêa ; as outras sahiam, estendendo a modo de duas casas de uma banda e de outra, ficando atraz de todas os Combocas e Ingaybas que tinham descido para lá. Tinha o Padre Missionario obrigação de visitar de quinze em quinze dias a aldêa de Carnapió, onde morava o Principal Felippe com sua gente, bartante em numero, para lhe acudir com a Missa, doutrina e Sacramento ; em esta aldêa é que o Padre Antonio Vieira tinha mandado fazer uma bella egreja de taipa de mão, bem rebocada e coberta de telha á honra de S. Simão e Judas, em cumprimento do voto que disso tinha feito, quando se viu perdido em o mar alto, conforme dito fica atraz, e tinha esta egreja seu altar e grades...... e mais uma bella casa de sobrado á beira do rio, para morada dos Padres, com todos seus commodos necessarios ; mas como com o decurso do tempo se mudou de lá a aldêa, ficando tudo ao desamparo, mandei, sendo Subprior da missão, derrubal-a para aproveitar a telha, antes que si viesse a dar ao chão com perda consideravel. Era grande o zelo e caridade do Padre Francisco da Veiga para com os doentes, visitando-os, consolando-os e ajudando-os assim em o temporal como em o espiritual.

Aconteceu um dia que, estando eu occupado com a classe dos meninos, veiu recado ao Padre Missionario que fallecera um indio. Mandou elle dar signal e pôrem-se em fileira os meninos todos para acompanharem a tumba e irem em busca do defunto. Fui eu com elles, mas como havia poucas horas que morrera...... deu-me vontade de vêr se já amortalhado

dava por ventura algum signal de vida. Riu-se disso o Padre Francisco da Veiga, parecendo-lhe escusada diligencia, porém desenganou-se logo quando por certos signaes descobri que o indio não morrera, mas estava ainda com vida, com que voltamo-nos para casa com o esquife e tratamos de acudir ao moribundo com mais cuidado até morrer de lá a alguns dias. Relato aqui este successo para que os Missionarios não se fiem dos indios quando dizem estão mortos seus parentes, e elles os amortalham, porque daqui se colhe que amortalham e enterram ás vezes ainda vivos em logar de mortos, e assim se deve proceder com muita cautela em semelhantes occasiões.

LIVRO 4°.

LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO E PARÁ CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, EM QUANTO SE INSTITUE A MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS COM MISSIONARIOS E RESIDENCIA EM OS TAPAJOZ.

CAPITULO I°.

MANDA O PADRE SUBPRIOR ANTONIO VIEIRA, POR PRIMEIRO MISSIONARIO DO ASSENTO DO RIO DAS AMAZONAS COM ORDEM DE FAZER RESIDENCIA EM OS TAPAJOZ AO PADRE JOÃO FELIPPE.

Apenas tinha eu estado uns poucos de mezes em companhia do Padre Francisco da Veiga em a aldêa de S. João em Murtigura, quando o Padre vizitador e Subprior Antonio Vieira me chamou á casa do Pará, e lá levando-me para o cubiculo que hoje serve de livraria, me mostrou em o mappa o grande rio das Amazonas e disse-me: Eis aqui, meu padre João Felippe, a diligencia do famoso rio das Amazonas, pois a Vossa Reverencia elegeo Deus por primeiro Missionario do assento delle, tome animo e apparelhe-se que em tal dia partira, e levará por companheiro um irmão conhecedor da lingua, Sebastião Teixeira, para o ajudar em as occasiões em que for necessario. Respondi-lhe eu que estimava

muito esta dita de ser o primeiro Missionario de um rio tão afamado e de uma tão dilatada missão, e agradecia muito a Deus e a sua Reverencia essa eleição, e que da minha parte faria todo o possivel para lhe corresponder, segundo a obrigação que me ficava de trabalhar com grande zelo pela salvação das almas que por elle havia. Aviou-me logo o Padre Francisco Velloso, Superior da casa, com as cousas seguintes que aqui se referem, para saberem os Missionarios deste tempo presente como se haviam os Missionarios do tempo antigo. Deu-me uma canôa meãzinha já quasi velha e sem cavernas bastantes, um altar portatil com todo seu aviamento, uma piroleira de vinho para as Missas e necessidade de um anno, uma botija de azeite do Reino, uma frasqueira...... tres paruleiras de aguardente, uns alqueires de sal, um machado, uma foice, uma meia duzia de facas carniceiras de cabo branco de páu ordinario, uns poucos de anzóes, umas poucas de agulhas, uns massetes de velorio preto, e de outra cor, os quaes juntos não faziam um meio masso ordinario, uns poucos de pentes e ataccas do Reino, uma caixa de matolotagem com seus pratos, facas e garfos para a mesa, um triangulo de páu para fazer casas e egreja, um boiãozinho de doce ; e com isso mandou-me á Murtigura em busca de farinha para a viagem, e ao Cametá em busca de umas poucas tartarugas, que as daria o padre Salvador do Valle.

Queria o Padre Subprior Antonio Vieira que as residencias dos Ingaybas, onde assistia o Padre Manoel Nunes com o Padre João Maria Gorsony, e a do Gurupá, onde assistia o Padre Gaspar Misseh e a do rio das Amazonas com os Tapajós, fossem sobre si sem mais dependencia que do Padre Subprior da missão; mas respondi-lhe eu que da minha parte não queria ser independente da casa do Pará, porque me convinha ter a quem recorrer em as necessidades que se offerecessem e houvesse quem tivesse obrigação de acudir-me em razão de seu officio; e com isso não se effectuou o que o Padre Subprior pretendia fazer, caso os Padres Missionarios quizessem. Com este limitadissimo aviamento, eu com meu companheiro, muito doente fomos para minha, missão, que não tinha outro limite que todo o rio das Amazonas, que corre pelo districto das conquistas da corôa de Portugal,

começando na aldêa do Ouro, em Cambebas, até a residencia do Gurupá ou Tapará, incluindo de mais todo o rio dos Tapajós com suas serrinhas e sertões. Chegado que fui a Murtigura deu-me o padre Francisco da Veiga uns tres para quatro paneiros de farinha com uma só tartaruga, que os indios comeram por ceia. Em Cametá não me deu o padre Salvador do Valle mais que uma bôa vontade, por não ter peixe, nem cousa alguma para me dar em aquella missão; e assim partimos, sustentando-nos pelo caminho com farinha e um bocadinho de doce, tirado do boiãozinho que levavamos. Não faltaria algum conducto se o irmão mais pratico que eu, que ainda era novato, mandasse pescar os indios; passados uns seis para sete dias chegamos á fortaleza de Gurupá, onde o Capitão-Mór Paulo Martins Garro mandou disparar duas peças de artilharia para com isso nos dar as bôas vindas, e agazalhou-nos muito bem; em o dia seguinte nos acompanhou em sua canôa até o Tapará, fazendo os gastos pelo caminho, botando-me agua ás mãos, para com isso dar exemplo do respeito que os indios me haviam de guardar. Andamos dia e quasi meio do Gurupá até á residencia do Tapará, onde não achamos nem o padre Thomé Ribeiro, nem o padre Gaspar Misseh, por se haverem ido ambos para o Pará; fizeram-nos os indios seus presentes de peixe-boi assado e excellente, mas, como não é tão sadio, comendo delle o Capitão-Mór logo lhe deram febres, que lhe duraram muito tempo, com que, despedindo-se, voltou para sua fortaleza, e nós, depois de termos doutrinado os indios conforme pedia a necessidade, fomos para Igoaquara. Aqui ajuntei a gente que lá havia, doutrinei e lhe fiz pratica do que haviam de guardar em minha ausencia, e deste modo fui visitando as mais aldêas, catechizando, baptisando e confessando. Estava em aquelle tempo a aldêa de Gurupatiba dividida em duas: uma que estava em uma ponta do monte sobre o igarapé e se chamava Caravela pelos brancos, e não é crivel quanto me custou a ensinar e baptisar aqui uma velha, para que não morresse sem a agua do santo baptismo; a outra parte estava em riba do monte onde está hoje; e como me encaminhava para elle, muito de madrugada, vieram os indios, postos por fileira, com candeinhas de cêra preta em as mãos

receber-nos, levaram-nos para sua aldêa; aqui achei muito que fazer: avisei a todos que se juntassem na egreja, disse-lhes Missa, doutrinei e baptisei quantidade de innocentes, e, sem embargo de ter encommendado que não deixassem nenhum ainda dos que não fossem baptizados, ficára de fóra um rapazinho que estava muito mal. Porém, quiz Deus que, acabado já tudo, como parecia, entrasse eu em duvida se porventura por negligencia dos indios tinha ficado alguma creança sem baptismo; portanto, sem embargo parecer isto ao irmão escrupulo, quiz eu tornar a visitar as casas que já tinha visitado todas. Cousa notavel: entrando em casa de um principal, vi uma redinha velha e preta de fumaça, e, chegando para vêr o que em ella estava, achei um rapazinho innocente reduzido a ossos e quasi aos ultimos da morte. Perguntei ao indio principal se este menino estava baptisado e respondeu-me elle que não, e que não se tinha tratado delle, pois estava muito mal; então, dando-lhe eu uma reprehensão ao principal, baptisei lá mesmo o menino chamando-o Francisco Xavier. Foi isto singular providencia de Deus, porque pouco depois se foi para o Céo gozar da vista de seu Creador, da qual havia de ficar privado para sempre se eu por inspiração particular não tivesse tornado a visitar as casas. De Gurupatiba fomos para os Tapajós, onde havia de fazer minha residencia, conforme a ordem do Padre Subprior e visitador Antonio Vieira. Lá chegamos depois das festas do Espirito Santo, e fomos recebidos dos indios daquella populosa aldêa com grande alvoroço e alegria; levaram-nos para uma casinha de palmas, que não tinha mais commodo que uma varandinha com dois limitados cubiculos, e á ilharga uma choupanazinha para dizer Missa. Vieram vêr-nos não sómente os cinco principaes que havia, aquelle tempo, de diversas nações em a aldêa, mas tambem os mais com suas mulheres e filhinhos, trazendo-nos seus presentes, que chamam putabas. A todos contentei, dando-lhes justamente a razão da minha vinda, de que gostaram muito, por haver muito tempo que desejavam a dita de ter comsigo Missionario da Companhia de Jesus. Em o dia seguinte vieram outros principaes do sertão, tambem com suas dadivas de kagados e fructas, rogando-nos com muita instancia quizessemos chegar ás suas

terras para levantar a Santa Cruz e fazer-lhes egreja, como em as mais aldêas dos Christãos; correspondi a seus presentes com a pobreza que trazia commigo, dando-lhes minha palavra que cedo lhes acudiria com o que pediam; porém impossibilitou a execução da minha promessa o humor melancolico do irmão Sebastião Teixeira, que me acompanhava, porque era tal a melancolia delle, que pela confissão de sua propria bocca, esteve com o Padre Francisco Velloso, seu maior amigo, sem lhe falar uma só palavra em seis semanas inteiras. Tratei de divertil-o, levando-o já pelas praias que ha bellissimas pelo rio dos Tapajoz e já pelas campinas e montes, sem poder remediar a esse seu mal, que o fazia dar gritos e dizer «basta que havemos de viver aqui entre lobos»; entregava-lhe todo o governo temporal correndo elle só, e eu só com o espiritual para vêr se por esta via o curava; mas foi tudo de balde, e se dantes era molesto, então se ia fazendo intoleravel, porque, tendo-me sido dado por companheiro e por ser grande lingua para ajudar-me em occasiões que requeriam maior discurso, não queria falar, dizendo que o Padre Antonio Vieira se enganara com elle, imaginando que era versado na lingua dos indios. Vendo eu, pois, que este irmão não me servia senão de estorvo, pedi a Deus Nosso Senhor que, se fosse o seu santo serviço, lhe mandasse uma doença para por este meio ficar livre delle; não tardaram de lhe dar umas sezões causadas de sua muita melancolia, que lhe deram occasião pedir-me o levasse para baixo para tratar de sua saúde; mandei armar logo a canôa, e puz-me ás vezes a remar eu mesmo para andarmos com mais pressa; chegados que fomos, depois de uns tres ou quatro dias de viagem, á residencia de Tapará, achamos a residencia ainda sem os seus Missionarios; e como lá havia uma aldêa de gente novamente descida do sertão, sem ninguem que lhes acudisse em suas doenças e mais necessidades, e morava por ahi perto um Portuguez por nome João Corrêa, alferes, e filho de um Capitão-Mór do Ceará, que era grande sertanejo e lingua e além disso sangrador de grande caridade, detive-me lá alguns dias para tratar assim da melhora do irmão companheiro, como dos doentes e mais gente dessa aldêa, com tenção de voltar para riba si acaso o irmão

tivesse melhoria e ficasse mais tratavel. Mandei logo chamar João Corrêa, de sua roça, para vir curar o irmão. Ia dizendo, Missa cada dia e fazendo doutrina aos indios, e aconteceu em este interior onde me detive ser chamado a um indio pagão que estava em perigo de morrer ; instrui-o e baptiseio-o em aquella necessidade extrema, em tão bôa hora que o santo baptismo lhe deu a saúde da alma e juntamente a do corpo, porque em o dia seguinte se levantou da réde e foi-se pescar ao rio.

E como faltava farinha a esses indios novos, vinham os meninos e meninas com suas cuias pedil-a, e nós lhes davamos daquella que tinhamos para nossa viagem ; vendo depois que meu companheiro não sarava de suas sezões, o levei para baixo, por elle mesmo instar por isso. O primeiro porto que tomámos foi o da residencia do Cametá, umas oito jornadas de Tapará, para quem navega com mais vagar. Insinuou o irmão que lá queria ficar com o padre Salvador do Valle, por serem os ares e aguas daquella Capitania muito sadias, e não faltar carne e peixe para o sustento da vida. Eu com os seus desejos o deixei lá, continuando minha viagem até a casa do Pará, não sem grande incommodo por andar falto de tudo. Achei em casa o Padre Superior e Visitador Antonio Vieira, já de volta do caminho do Maranhão, por ter tido aviso, da banda de João Vascalhão, que estava lá levantado o povo todo contra os Padres da Companhia. Perguntou-me elle se eu vinha ajudar os padres do Pará em os trabalhos da expulsão, e como eu lhe referisse as causas da minha vinda, contou-me o successo do levantamento do Maranhão, e me mostrou pela janella do corredor de riba a Manoel Cordeiro Jardim, o qual tendo sido mandado para lá, já vinha dar conta á Camara e povo do Pará, que, pouco depois seguindo o mesmo exemplo dos do Maranhão, tambem se levantou contra os Padres Missionarios desta banda... muito o Padre Antonio Vieira, e disse-lhe eu que não vinha para ficar em o Pará, mas que atrevia-me ir só outra vez para riba ; com que dando-me elle uma pouca de aguardente para a viagem, tornou logo a mandar-me para os Tapajoz, dizendo-me levasse do Tapará o alferes João Corrêa, meu conhecido, por companheiro. Fui-me logo direito ao Tapará, falei-lhe, e elle, deixando sua

filha e escravos encommendados ao Sargento-Mór da aldêa, foi com muito gosto acompanhar-me aos Tapajoz. Visitamos de caminho as aldêas, fazendo o que se offerecia do serviço de Deus, e estando nós já perto da residencia, postos pela meia noite em o rio das Amazonas, em uma canôa limitada, deu-nos uma tempestade tão rija, que, não havendo porto algum por aquella paragem, corremos grande risco de vida, mas por mercê do Céo escapámos, agarrámo-nos a um galho de um tronco de cedro que encostara parado junto a terra; passou a trovoada e applacadas as ondas do rio, atravessamos para outra banda sobre a madrugada, e fomo-nos pôr em a aldêa dos Tapajoz, em essa pobre casinha, festejando muito os indios todos o me vêrem outra vez, e muito mais por me verem acompanhado de um branco entre elles tão conhecido e amado, pela grande caridade com que os sangrara e curava em suas doenças e achaques, o que por esta razão tambem todos o chamavam seu atoassanã, que quer dizer compadre.

CAPITULO 2°.

LEVANTA-SE O POVO DA CIDADE DE S. LUIZ DO MARANHÃO CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS, E REFERE-SE A ORIGEM DESTE LEVANTAMENTO.

Tinha El-Rei D. João o 4°, de Gloriosa Memoria, ordenado ao Padre Visitador Antonio Vieira, que o avisasse de tudo quanto se passava pertencente assim aos ecclesiasticos como seculares de seu Estado do Maranhão; fel-o o Padre por carta com a maior modestia possivel. Souberam os ecclesiasticos e ficaram mui sentidos; permittiu Deus que em a mesma náu em que ia resposta áquella carta de Sua Magestade remettida ao Muito Reverendo Padre André Fernandes, bispo eleito do Japão, fosse embarcado um religioso de N. S. do Carmo, e que a náu, umas 40 leguas da cidade de Lisbôa, désse á vista de terra ás mãos de um corsario gallego, com que o dito religioso não menos sentido que os demais, de nenhuma cousa tratou tanto em aquella occasião que de haver ás mãos as cartas do Padre

visitador, que iam em resposta a El-Rei, por via do Sr. Bispo eleito do Japão; e como Satanaz sempre concorre para discordias, deu-lhe pressa de furtal-as e abril-as contra todo o direito, leu-as, e como conhecia ser grande crime que El-Rei havia de castigar se viesse a sua noticia, deteve-as em seu poder com todo o segredo dous annos inteiros, sem se atrever de sahir com ellas em tempo que El-Rei e Bispo viviam.

Defuntos elles, com a mudança do Governo do Reino, sahiu á luz com ellas, mandando-as ao Governador do Estado D. Pedro de Mello, ao Senado e Religiosos, para lerem e fazerem publicas todas as informações que iam escriptas a El-Rei, pelo Padre Vieira, sobre este Estado do Maranhão. Não se póde crêr facilmente o que este religioso causou de sizania, odio e iras no coração de muitos, assim ecclesiasticos como seculares, os quaes fazendo desatinos tomaram estas cartas por motivo da expulsão dos Padres Missionarios, que em aquelle tempo tinham a administração temporal e espiritual dos indios das aldêas todas; não fez o Governador D. Pedro de Mello esforços em atalhar aquellas alterações do povo, indignado além do referido porque os Padres governavam os indios e não lh'os concediam, conforme o seu gosto, para lhe servirem á sua vontade. Portanto, vendo-se sem haver quem lhe fosse a mão, elegeu suas cabeças, e foi fazer á Camara queixa dos Padres, singularmente, acerca do seu governo temporal dos indios, fóra do Estado. Aceitou a Camara a queixa do povo, e mandou vir deante de si o Padre Ricardo Carreo, que era Subprior da casa em a cidade de S. Luiz. A'quella sessão foi elle, para excusar bulhas com o Padre José Soares; fez-lhe a Camara presente as queixas do povo sobre o governo temporal dos indios, dizendo-lhe largasse Sua Paternidade este governo. Respondeu o Padre Ricardo que aquelle governo era concedido aos Padres Missionarios da Companhia de Jesus pela lei do anno de 1655, passado por El-Rei D. João o 4º, de Gloriosa Memoria, e que não tocava a elle subprior da casa largal-a, mas pertencia esta deixação ao Padre Subprior de toda a missão, o padre Antonio Vieira, o qual estava no Grampará; intimou-se logo esta resposta do Padre Ricardo Carreo ao povo, o qual estando já a paz alterada pelos máus

conselhos de varios amigos de novidade e alterações, em 15 de maio do anno de 1661, dia do Espirito Santo, se levantou contra os Padres e assanhados todos como féras bravas, investiram á casa de N. S. da Luz, mandando e obrigando todos que em ella estavam a sahirem para fóra. Estavam então alli além do Padre Subprior Ricardo Carreo, o Padre José Soares, o Padre Antonio Soares, o irmão João Fernandes, o irmão João de Almeida com um secular Manoel da Silva, que estava para se admittir ao noviciado; sahiram todos, depois de ter dado o Subprior da casa suas razões, tirado o irmão João de Almeida, francez de nação, ao qual um certo Arnau pequeno abraçou como um menino e o poz da portaria para fóra. Aos religiosos todos mandaram para casa de um morador da banda de Santo Antonio, chamado Gonçalo Alvares; ao secular Manoel da Silva mandaram despir uma loba que trazia desde Portugal e vestir-se como os mais seculares; feito isto chegou um procurador das fazendas da casa dos Padres, que entregaram em suas mãos para a todo o tempo dar conta dellas. Este foi João Pereira Barbosa, carapina de seu officio, e porque administrou com grande cuidado da casa de N. S. da Luz, ajudou-o o Céo, tanto que feito de carapina mercador em grosso, enriqueceu tanto em breve tempo, que foi um dos mais abonados homens do Maranhão, e mereceu ter com sua mulher carta de irmandade, com que se affeiçoaram tanto á Casa de Nossa Senhora da Luz, que, em tempo do meu primeiro subpriorado da missão, prometteram dar tres mil cruzados para a fabrica da egreja nova, e depois, pagando Gabriel Pereira, seu successor, e tambem irmão do collegio, os tres mil cruzados, e muito mais ainda por sua grande devoção e liberalidade. Presos os Padres da casa, mandaram tambem vir da aldêa de S. José o padre Antonio Ribeiro e o puzeram com os mais. Todas estas violencias sacrilegas fizeram, sem o Governador Dom Pedro de Mello se oppôr a cousa alguma, antes pegado em uma imagem de São José se foi para Santo Antonio, deixando obrar o povo como o seu juiz, todo á sua vontade; nem podia ser menos, tendo elle e seus criados grande parte em aquelle motim. Não faltaram demandas amotinadoras logo ao Grampará, para que a Camara

e o povo da cidade de Belém se levantassem, a exemplo dos do Maranhão; para isso tinha ido ao Maranhão Manoel Cordeiro Jardim informar-se de que lá obrara a Camara. Veiu com cartas suas ao Grampará o Capitão Mór do Gurupy, João de Herrera da Fonseca, nosso irmão e marido da nossa irmã Dona Catharina da Costa, e tendo sido provocado por alguns amotinadores do Maranhão para que com sua Camara se levantasse tambem contra os Padres, tão longe esteve de consentir em sua maldade que mandou prender um delles e derrubou muitas arvores pelo igarapé para lhes difficultar a passagem, que depois á força de machados foram obrigados a abrir.

O Padre Subprior Antonio Vieira que como Visitador ia para o Maranhão e com as novas do levantamento se tinha retirado de caminho para o Gurupy, sendo bem informado de tudo, despachou logo o padre Bento Alvares, subprior daquella residencia, com seu companheiro o irmão Ignacio de Azevedo, para que em uma canôa meã fosse logo para a cidade de São Luiz, e visse se se podia embarcar em uma embarcação que de lá partisse para o Reino e dar parte á Corte do que se tinha passado para de lá acudir com o remedio; porque como o povo teve noticia da chegada dos Padres, logo os prenderam ambos e os metteram em casa de Gonçalo Alvares com os mais, mandando em aquella embarcação Jorge de Sampaio, inimigo dos Padres e como procurador do povo; no entretanto voltou o Padre Subprior Antonio Vieira para a cidade de Belem da Capitania do Grampará, consultando com os Padres daquella banda, com Manoel Guedes e com Manoel David Souto Maior, ambos amigos, sobre o que se havia de fazer em aquellas circumstancias em que os do Pará estavam, para seguir o exemplo dos do Maranhão, como fizeram com effeito, movidos pelas cartas que de lá lhes trouxe Manoel Cordeiro Jardim e outros, que vieram para os amotinar e fazer levantar.

CAPITULO 3°.

BREVE RELAÇÃO DO QUE OBREI PELOS TAPAJOZ, ANTES DO LEVANTAMENTO DO PARA' CHEGAR ATÉ LÁ

Estando as cousas da missão nestes termos, cheguei ao Tapajoz com o Alferes João Corrêa. A primeira cousa que lá fiz foi com a ajuda de meu companheiro e alguns indios grandes linguas fazer uns catechismos de varios idiomas daquelles seus principaes, todos pelo da lingua geral, um era em lingua dos Tapajoz, outro dos Urucucus, que commummente entendiam, e com este os ia ensinando e baptisando; estavam já baptisados muitos pelos Padres Thomé Ribeiro e Gaspar Misseh, que para lá tinham chegado de passagem, e ficavam outros muitos para se baptizarem, e como eram tantos os meninos era necessario pôr-lhes um escriptinho na testa para poderem se lembrar correntemente de seus nomes quando administravam os Sacramentos do Santo Baptismo; e aconteceu uma cousa, que foi um principal, perguntando eu como queria que o chamassem, respondeu : Padre, chama-me Cabo de Esquadra, porque me parece bello nome aquelle, porém dizendo-lhe eu que este nome não era daquelles que se usavam, desistiu logo e tomou o nome de Sebastião. E já que se fala nos baptismos parece bem relatar aqui o baptismo de um menino que por singular providencia do Céo chegou a recebel-o antes de morrer ; costumava eu visitar cada semana as casas da aldêa conforme a visita, quando entrando em um rancho folguei de o vêr bem varrido e limpo, e estando já para sahir delle pela porta da rua, deu-me curiosidade de lançar os olhos para traz ; cousa admiravel, não tendo dantes visto alli pessoa viva, descobri em um cantinho um meninozinho reduzido aos ossos, botado em o chão, com um pedacinho de bijú na mão. Cheguei-me logo a elle e sendo que os filhinhos dos mais indios costumavam dar gritos de medo ainda quando estão acompanhados, este estando sózinho olhou para mim estendendo os bracinhos e sorrindo-se. Tomei-o, pois, nos braços e o levei para a casa, onde estava João Corrêa e outro branco, Garcez ; mandei ao colomim

que o levassem e lhe dessem nm torrão de assucar, e depois fiz diligencia, não só pelos livros, mas pela informação dos indios, os quaes concorreram logo para verem o que se passava, se estava baptisado; achando que era ainda pagão, perguntei então por que razão ficava sem baptismo, e respondeu um indio que era por ser escravo; com que, tendo-lhes dado uma reprehensão pelo descuido, o baptisei solemnemente, sendo padrinho o soldado João Garcia; e para os indios não cuidassem que eu tinha morto o menino, o tornei a levar para sua casa, depois de lhe ter dado bem de comer; seria de tres para quatro annos e morreu em aquella mesma noite, deixando a todos mui consolados, mas principalmente a mim, lembrando-me que estando em a provincia sonhara que estava sobre um grande rio pescando com uma rede meninos, que então me parecia deverem ser estes e mais outros, que quasi do mesmo modo baptisei em a aldêa de Gurupatiba, conforme fica dito atraz.

Tratei depois disso de fazer a egreja e casas de taipa de mão, indo eu mesmo acompanhar os indios que iam cortar a madeira e padecendo muito bòas fomes, no entretanto, por estar ainda novato; posta a madeira em a aldêa, a lavrou o companheiro João Corrêa com os indios, e como acudia muita gente assim de indios como de indias, dentro de tres para quatro dias ficou toda a obra feita e coberta. Fiz então um retabulo de morutim, pintando ao meio Nossa Senhora da Conceição pisando em um globo a cabeça de serpente, enroscada ao redor delle, com Santo Ignacio á banda direita e S. Francisco Xavier á esquerda. A' noite antecedente da festa em que se havia por o altar, houve uns trovões, relampagos e coriscos, tão terriveis que todos os indios sahiram para fóra das casas, e parecia que se ia acabando o mundo. Disseram-me depois que tinham visto em o Céo uma mão com um lenço branco que ia limpando o sangue derramado pelo Céo; em dia seguinte lhes fiz uma pratica sobre a Conceição da Immaculada Virgem Senhora Nossa, e disse que este signal foi alguma cousa, foi prognostico de um grande castigo que a Senhora havia de remediar. Ainda mal, que logo se seguiu o levantamento do Pará com expulsão dos Missionarios e ao depois disso deram os Portuguezes guerra aos Arua-

quizes daquelle sertão, onde houve grande derramamento do sangue dos indios ; porém nunca dei credito a este signal.

Tinham os Tapajoz um terreiro mui limpo pelo matto dentro, que chamavam Terreiro do Diabo, porque indo fazer alli suas beberronias e danças, mandavam as suas mulheres levassem para lá muita vinhaça, e depois se puzessem de cocoras com as mãos postas deante dos olhos para não vêr, então falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha em a cabeça tudo o que queriam ; assim me affirmou o principal Roque. Indo eu com elle vêr aquelle terreiro, para depois prohibil-o, como fiz, dando-lhes só licença para beber em suas casas, convidando-se alternativamente uns aos outros, aconteceu um dia que vendo eu uma fileira grande de homens e mulheres com seus filhinhos ao collo ou pelas mãos, e igaçabas ou quartas grandes de vinho na cabeça, perguntei ao alferes João Corrêa que cousa era esta procissão de gente, e disse-me elle que eram os indios da aldêa que iam beber e fazer suas danças que chamam poracés no Terreiro do Diabo. Mandei-o que fosse avisal-os da minha parte que logo voltassem para suas casas, e quando não obedecessem ao que lhes mandava dizer, quebrasse os potes ou igaçabas dos indios, e derramasse o vinho no chão, e como o alferes João Corrêa não se atrevesse com receio que os indios o maltratassem, animei-o outra vez que fosse dizer-lhes de minha parte que se retirassem para suas casas, e quando não, lhes desse com um páu nas igaçabas e as fizesse em pedaços ; foi elle então e com prospero successo lhes intimou á minha ordem, e porque repugnavam de obedecer logo, deu com grande animo e confiança em Deus que o havia de ajudar, com um páu nos potes e derramou os vinhos. Cousa notavel, não houve um só que se lhe oppuzesse, mas foram-se todos para suas casas e nunca mais foram ao terreiro prohibido, emquanto lhes assisti ; porém, para não ir com tudo ao cabo em aquelles principios, lhes permitti se convidassem uns aos outros em os dias de suas festas para suas casas, para lá beberem com moderação. Outro terreiro tinham tambem dentro da mesma aldêa, que os brancos chamavam de Mofama ; este tambem não se frequentou mais e ficaram

tirados os terreiros em que os Diabos tinham grande ganancia pelas desordens que em elles se commettiam com as continuas beberronias e danças. Não se tirou com menos feliz successo a multidão das mulheres que tinham aquelles indios ; tinha o Padre Superior dito aos Padres Missionarios que, achando-se indios pelos sertões com muitas mulheres, se casassem com aquella que tinham por sua legitima mulher, á que elles chamam Xerimirêcô-atê, e quando nenhuma dellas fosse verdadeira os casassem com quem elegessem a seu gosto, e como entre os indios da aldêa de Tapajoz havia varios que tinham mais de uma só sua mulher, tratei de lhes tirar as mancebas e casal-as com uma, conforme Deus manda ; porém como esta empresa fosse difficultosa, disse a João Corrêa mandasse aos indios de minha parte, que em um dia de festa assignalada apparecessem todos deante de mim e delle, e de seu companheiro, grande lingua. Foram, servindo-me elle de interprete, as praticas, que fiz do modo seguinte:

— Filhos, como eu sou ainda pouco praticado em os estylos destas terras, pela pouca assistencia que em ellas tenho feito até agora, por haver pouco que sou vindo do Reino, desejando eu de saber o verdadeiro modo de as governar, ouvi dizer que haveis de ser governados com pancadas como se governam os brutos, por não seguirdes a razão que Deus deu aos homens para se dirigirem por ella ; não me posso persuadir que isto seja assim e por tanto quero fazer experiencia antes de crêl-o. Olhae os Mandamentos da Lei de Deus, todos se fundam em a razão, e quem os seguir deve-se chamar homem racional, e pelo contrario quem os não quer seguir este se póde chamar bruto, e se deve governar com pancadas como se governam os animaes irracionaes.— Feito este preambulo lhes fui propondo os Mandamentos da Lei de Deus um por um, mostrando-lhes eram mui conformes á lei da razão que Deus... em nossas almas. Approvaram elles todos o que lhes praticava, e chegado que fui ao sexto e nono, perguntando se lhes se parecia bem andar algum com mulher não sua, respondeu-me logo um que se sua mulher lhe fizesse adulterio a botaria ao rio. Disse-lhes eu então:—Ora, basta-me isso, filhos, para conhecer que não haveis de ser governados com pancadas á maneira de

animaes brutos, mas como homens de razão; o que supposto, como quer Deus e manda que ninguem tenha mais de uma mulher, peço-vos me entregueis todas as vossas mancebas, e vos caseis com aquella que tendes por vossa mulher verdadeira, com a que mais fôr a vosso contento, salvo se houver algum impedimento. Concordaram todos nisso logo e as foram entregando e pondo em um rancho grande do Principal chamado de Magdalena, para de lá se irem casando com outros desempedidos, com condição, porém, que se metteria no tronco aquelle que se atrevesse de tirar alguma daquelle recolhimento de Magdalena. Não houve senão um unico cavalleiro que uma noite foi tirar uma das que tinha largado, mas obrigou-se logo a repôl-a e esteve dias no tronco, por parecer dos mesmos Principaes, a cuja discrição eu tinha deixado a determinação do tempo do castigo; dessa casa do recolhimento da Magdalena se haviam de ter casado todas se não sobreviesse o levantamento do Pará, que estorvou essa bôa obra.

O Principal Roque casou-se logo para não andar mais amancebado. Era Maria Moacara princeza, desde seus antepassados, de todos os Tapajoz, e chamava-se Moacara quer dizer fidalga grande, porque costumam os indios além de seus Principaes escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oraculo, seguindo-a em o seu parecer. Fez esta Maria Moacara, que depois da morte de seu marido casou com um Portuguez, uma acção digna por certo de se contar. Tinha sua mãe Anna, viuva, a qual andava com um cavalleiro da sua aldêa, não lhe estorvava esta acção sua filha Maria por lhe parecer não era mal feito aquillo; mas logo que ouviu de mim o mal que em isto se fazia, vendo-a uma noite em sua mesma rêde com o mancebo, foi-lhe cortar os punhos ou cordas della com uma faca, dizendo-lhe desistisse daquella acção, pois já se sabia que era offensa de Deus. Seguiu Anna o dito de sua filha Maria e veiu-me pedir marido, e respondi-lhe eu escolhesse algum cavalleiro ou Principal desobrigado e desempedido e que logo a casaria com elle, e como ella replicasse que não se achava outro que lhe fosse igual em nobreza, aconselhei-lhe o estado das viuvas honradas, tão estimadas dos homens e do mesmo

Deus e nisto ficou até o cabo de sua vida. Os vassallos do Principal foram se casando á imitação do exemplo que lhes dera; um só Sargento Mór havia por nome Tuxiapó, o qual estando amancebado com uma gentia, a não queria largar e ia ameaçando feramente a quem se atrevesse de lh'a querer tirar. João Corrêa, ainda que esforçado Portuguez, tinha medo delle, e já não queria comer as pacovas que vinham de sua casa pelo medo que tinha de ser morto com peçonha, muito usada entre os Tapajoz; zombei disso, e vindo-me falar nisso lhe disse que se não queria comer as pacovas as mandasse a mim e a meu rapaz: e fiz tanto com o Sargento Mór que finalmente tocado de uma especial graça do Senhor se rendeu ao que se lhe pedia. Com isso instrui a manceba em os artigos de nossa Santa Fé e baptisei-a, dando-lhe por nome Luzia e finalmente a casei com o dito Sargento Mór Tuxiapó.

Tinha-me o Padre Subprior ordenado que fizesse a residencia no outeiro onde hoje está a fortaleza e chegasse a aldêa para o pé do monte; tudo se intentou e roçou-se o monte, deixadas as duas arvores que até o presente em ella se vêm e chegou-se a aldêa para elle, mas não do meu tempo por chegarem as novas do levantamento do Grampará contra os Padres Missionarios. Offereciam-se-me os indios para levar-me para seus mattos até novas do Reino; mas, como em o mesmo tempo tive novas da fugida da gente do meu companheiro, achei melhor ir com elle para lhe valer em o Gurupá, deante do Capitão Mór Paulo Martins, meu amigo. Por tanto, dispostas as cousas dos Tapajoz em a melhor forma que podia, parti com João Corrêa pelos mesmos igarapé e rio, onde se tinham maltratado uns indios que eu mandara com farinhas para soccorro da fortaleza, e tinha sido levada a filha do meu companheiro; foi a acção arriscada, mas teve bom successo, por que em o logar do máu trato não achamos ninguem, e pelo restante do rio nada mais que jacarés, tantos, em numero e grandeza, que indo o companheiro á pescaria com os indios, me vi não sem algum medo e... delles; de lá partimos para a aldêa de Tapará, onde achamos o Padre Gaspar Misseh com o Irmão Domingos da Costa, ainda noviço. Lá me fiquei, indo o companheiro João Corrêa falar com o Capitão Mor do Gurupá

para dello se valer para uns soldados que o fossem acompanhar, para ir em busca de sua filha e escravos que lhe tinham fugido para o matto. Aconteceu que indo eu, um dia, a visital-o depois de jantar o achei deitado em sua rêde, com um livrinho de orações devotas e actos de contricção na mão: approvando muito o que fazia o exortei fizesse sempre acto de contricção antes de se deitar a dormir, para a morte não o achar algum dia desapercebido; espero em Deus que em pagamento de sua amante caridade que sempre usou commigo e com os indios, em tudo, alcançaria do Céo a graça de fazer o que eu tanto lhe encommendara; ditoso se fez, porque vindo depois do sertão com uma canôa grande de escravos, confiado em o muito que todos lhe queriam, se deitou a dormir, o que vendo, os escravos lhe deram com um páu de jucá em a cabeça e o mataram, deitado em sua rêde e se acolheram para o matto: Deus se lembre de sua alma.

CAPITULO 4º.

DECLARA-SE MAIS PARTICULARMENTE AS DILIGENCIAS QUE DE LÁ SE FIZERAM PARA LEVANTAR O GURUPI E EFFECTIVAMENTE LEVANTARAM O CAPITÃO DO GRAMPARÁ E PRENDEU-SE O PADRE ANTONIO VIEIRA, SUBPRIOR E VISITADOR COM OS MAIS PADRES.

Estando já levantada a Capitania mór do Maranhão contra os Padres Missionarios, e elles presos todos em casa de Gonçalo Alvares, elegeu o Governador Dom Pedro de Mello, Domingos Fialho, que tinha servido em o Pará o cargo de almoxarifado e sido o primeiro que em a Capitania do Maranhão gritou em voz alta que fossem fóra os Padres Missionarios da Companhia, para que fosse dar as primeiras novas e levantar as Capitanias do Gurupy, Pará e Gurupá; e foi notavel o empenho com que este Governador se deu por obrigado a executar os meios para expulsar os ditos Missionarios, que como tinham o governo temporal dos indios e viam suas negociações, lhe pareciam impedir seus maiores lucros, sendo que em os primeiros dous annos de seu governo procedeu com piedade e Religião, e era amado de todos

e ajudava as missões. Deus Nosso Senhor lhe multiplicava os bens, porque se lhe resgatavam muitos escravos, lhe veiu muito ambar da serra, e um indio Sebastião, soldado d'El-Rei lhe deu perto de uma arroba, e por pouco mais de nada se desceram de seu tempo muitas nações, como são Tupinambás, Paquizes e Pauxizes, além de uns trezentos indios da serra, e ultimamente se fizeram as pazes com os Ingaibas, e varias outras cousas pertencentes ao serviço de Deus e grande bem do Estado, indo-lhe tudo em grande augmento até lhe irem para o Reino dous navios a salvamento, com muitas riquezas; porém, quando o Padre Subprior Antonio Vieira foi visitar as Capitanias, elle tomou por conselheiros uns homens que tinham vindo do Reino fugindo da justiça, e estes lhe prometteram grandes bens e do que havia adquirido o dobro, em o ultimo anno de seu governo; e elle que procedia com Religião e pureza de vida, e dava dantes bom exemplo a todo o Estado, a cubiça o obrigou a querer o que estes malevolos lhe certificavam sem castigo do Céo, porem indo elles em companhia do seu capitão de guarda para Lisbôa em a náu que levava sua fazenda, foram aportar em Argel. Estes mesmos criminosos eram os que andavam pelas fazendas incitando os moradores ao motim, promettendo-lhe o favor do Governador. O Fialho, enviado delle, ia com capa de buscar um papel ao Pará que lhe faltava para dar suas contas em o Maranhão; porém como esta maldade vinha tão pouco capeada, logo na primeira Capitania do Gurupy, que fica a entre o Maranhão e Grampará, se descobriu sua mascara, porque sem demora foi buscar o Capitão Mór João de Herrera da Fonseca ao qual deu as cartas do Governador, e requereu que se ajuntasse a camara, á qual entregou outras cartas que trazia com grande applauso e como quem lhe trazia grandes felicidades; o Capitão-Mór sendo, por extremo, como irmão que era da Companhia, temente a Deus, oppoz-se e começou-se a fortificar; fechou o igarapé (como dito fica), querendo perder a vida em defesa dos Missionarios, e prendeu a este... e amotinador; porém, como as ordens do Governador eram mui apertadas, e o mandassem logo dar as contas em que importavam, e o almoxarife lhe protestasse, por vinte mil cruzados, que dava de perda á

fazenda real, e já do Maranhão vinham avisos que haviam de ir-lhe queimar o engenho e prendel-o affrontosamente, lhe pediram os Padres que o soltasse. Concordou em o que se lhe pediu ; porém não o quiz fazer sem primeiro mandar aviso particular a todos os Missionarios da perseguição que o Demonio lhes levantava. Não são criveis as blasphemias que este almoxarife dizia, até se entregar muitas vezes ao Demonio, cujo officio em aquella occasião fazia ; largou-se ultimamente, e vendo-se solto e livre da prisão, se foi com toda a pressa ao Pará ; e ainda depois da sua chegada esteve o Capitão-Mór do Gurupy sem se querer revelar contra a egreja, nem contra as leis d'El-Rei, antes sua camara seguia o parecer dos Padres, até que os criados criminosos de D. Pedro de Mello, vendo que era em grande descredito do Governador amotinar-se a capitania, onde elle assistia pessoalmente governando, foram pelos engenhos e quintas dos moradores do Pará ajuntar muita gente de baixa sorte, para que em a cidade fizessem o motim em o dia do Anjo Custodio, aos vinte de julho daquelle anno, provendo o governador as capitanias com seus criados para que não houvesse resistencia alguma. O Fialho que tambem vinha ensaiado do Maranhão para esta alteração, não ficou sem grande castigo do Céo, porque os mesmos já levantados, imaginando-se falsamente que era trahidor ao povo, foram á sua casa e o mutilaram, deixando-o por morto deitado no chão; porém convalesceu e ficou aleijado de um braço, e não parou aqui, porque logo se lhe tirou a vista de ambos os olhos, andando cego, e sua mulher accusada de adulterio nos Tribunaes, e parece não era razão ficasse com luz dos olhos o que tambem foi causa de ficarem tantas almas em cegueira de sua gentilidade, sem gozarem da luz da Graça.

Correndo a noticia do levantamento que por aquelles Ministros e amotinadores se estava forjando, trataram alguns Padres da Companhia de se pôr em salvo ; o Padre Manoel Nunes com o Padre João Maria Gorsony e o Padre Antonio Ribeiro e outros entraram pelos Ingaybas, onde se detiveram uns dias, emquanto se permittia segurança entre elles ; porém, correndo depois fama de alguma alteração daquelles indios, se retiraram de lá para maior sua segurança. Escreveu o Padre

Francisco Velloso, Subprior da casa ao Padre Gaspar Misseh, e a mim, que estavamos ambos do Gurupá para riba, mandando-nos que retirassemos a residencia e aldêa de Tapará para os mattos; até vir alguma resolução e remedio do Reino; mas como o que ha de ser tem grande força, fez-se o levantamento em o mesmo anno, em dia do Anjo Custodio do Reino, estando Marçal Nunes Capitão-Mór do Pará; foi-se o povo amotinado ao collegio de Santo Alexandre, e lá prendeu ao Padre Antonio Vieira Subprior e Visitador das missões, e o levou preso com grandes descortezias para a ermida de S. João Baptista, onde o tiveram com tanto aperto, que nem por uma necessidade estava livre; e indo caminhando entre os remoques pelas ruas para essa sua prisão, disse-lhe um morador dos mais autorizados: O' meu Padre Antonio Vieira, que é agora das suas letras? Prenderam-se tambem os Padres que se puderam alcançar, a saber: o Padre Manoel Nunes com o irmão Marcos Vieira, e se puzeram em casa do capitão-mór Feliciano Corrêa, o Padre João Maria Gorsony que foi posto no engenho de Balthazar Aranha, o Padre Thomé Ribeiro no engenho do Sargento-Mór Vicente de Oliveira; e os mais, a saber: o Padre Francisco Velloso, o Padre Salvador do Valle, o Padre Francisco da Veiga e outros, com o irmão Manoel Lopes estiveram fechados em uma casa particular, onde Pedro... nosso procurador e irmão, e sua mulher Dona Antonia, nossa irmã, e Marianna Pinto, tapanhuna caritativa, os estavam sustentando, até que uma noite escapando daquella prisão se foram para o Gurupá; e como esses levantados tinham maior odio ao Padre Antonio Vieira, Subprior e Visitador da missão, mandaram-o para o Maranhão em uma canôa, tratando-o pelo caminho com muita descortezia, e lá o embarcaram em uma náu do Sacramento, pertencente ao Governador, com os mais Padres, que alli estavam para irem para o Reino. Embarcaram os Padres comsigo o Santo corpo de S. Bonifacio Martyr, e estando á vista de terra ainda para dar á vela, chegou-se o Sargento-Mór Antonio... á náo, e empurrando-a com a mão disse fosse para fóra. Partiu e com feliz viagem, navegando até além das ilhas, onde deu sobre ella outra náu de corsarios mouros, a qual foi porfiadamente seguindo-a para se assenhorear della, ati-

rando-lhe de longe com bala, e tinha já chegado tão perto que desconfiados os marinheiros estavam resolutos a se entregarem e serem escravos dos mouros antes que perderem a vida. Vendo isto o Padre Subprior Antonio Vieira, mandou trazer para o convez as santas reliquias de São Bonifacio bispo e martyr ; cousa prodigiosa ! o Santo que até no nome faz bem fez logo que o corsario se retirasse, largando uma presa tão rica de assucares... e gente que tinha a náu. Com este tão prodigioso beneficio do Santo a quem agradeceram todos, como seu bemfeitor, se foram lançar ancora em o porto da cidade de Lisbôa. Foram, assim que chegaram, á Côrte, onde vendo-os a Senhora Rainha, e ouvindo o que tinham passado, lhes teve grande compaixão, e quiz logo mandar castigar um tão grande atrevimento.

CAPITULO 5º.

CONTINUAÇÃO

Presos todos os Padres das residencias do Pará, chegaram á cidade, mas faltando eu e o Padre Gaspar Misseh, que estavamos no Gurupá, mandaram uns tres homens que nos fossem mandar descer para irmos embarcados para o Reino com os mais. Estavamos ambos com o irmão Domingos da Costa, em a residencia de Taparà, quando esses embaixadores do povo nos vieram intimar a ordem da Camara ; recebemol-os e despedimol-os com cortezia ; escrevi á Camara uma carta bem larga, em que lhe estranhava suas desordens, e lhe ameaçava o castigo do Céo pelo muito mal que faziam em impedir a salvação das almas, e redução de tanta gentilidade para o gremio da egreja e nossa Santa Fé. Sentiu muito a Camara o aviso daquella minha carta, e em vindo Ruy Vaz de Siqueira por Governador lh'a entregou, e elle m'a tornou a dar como amigo; voltaram os enviados para o Pará sem terem effectuado nada, e nós continuamos a ter cuidado daquelle gentio novo, que o Padre Salvador do Valle e seu companheiro tinham descido do sertão á aldêa do Taparà. Não muito depois, chegou-nos uma carta do Padre Francisco Velloso, Subprior da casa do Pará, para que nos fossemos esconder no matto até vir reme-

dio do Reino ; obedecemos e carregando a pobreza toda da residencia, fomos com dezeseis indios e tantos alqueires de farinha que eu tinha trazido dos Tapajós em minha canôa, e chegados ao Gurupá achamos um mameluco de uso de Manoel David de Souto Maior para nos servir de guia pelo caminho. Confessou-se este geralmente commigo por temer o matariam os homens do Pará, quando acaso o encontrassem ; feita esta diligencia nos foi levando para baixo até o Marapatá, onde, atravessando o rio, nos puzemos em aquella ilha que está defronte. Mercê do Céo ahi estivemos até se nos ir acabando a farinha, ao maior desamparo que se pode considerar, porque, por falta de anzóes, nos faltava o peixe, e se os indios nos traziam algum era cousa mui limitada; porém nunca deixamos de ser alegres, e dizia eu que nunca nos punhamos á mesa sem tres iguarias, das quaes a primeira era farinha dos Tapajós, que parece farelo, a segunda farinha com sal e a terceira farinha com sal e pimenta, que chamam giquitaia. Assim iamos levando alegremente por Christo essa nossa miseria até ás festas do Natal, que celebramos no matto, dizendo cada um suas tres missas, não menos que se estivessemos em a cidade. Compadeceu-se de nós Deus Nosso Senhor e enviou Manoel David de Souto Maior que nos soccorresse com alguma cousinha, e désse novas do Padre Pedro Luiz Gonçalves Romano, e João Balthazar de Campos que tinham chegado do Reino ao Maranhão, depois de terem já partido os Padres ; cuidava o Padre Pedro Luiz, conforme me escrevia, que obrasse alguma cousa com D. Pedro de Mello em bem da missão, mas trabalhou debalde. Posto em a ilha de S. Francisco, defronte do Collegio, para onde o povo o tinha mandado, até haver occasião para o Pará, para onde o mandaram depois, os homens do Pará, parece, o mataram com seu companheiro em Santo Antonio. Indo-se-nos acabando a farinha no matto, voltamos outra vez para o Gurupá, faltos de tudo e não sem perigo da vida do Padre Gaspar Misseh, porque querendo o pobre passar por um páu, cahiu com a cabeça deante, no lodo, onde morria, se lhe não acudissem os indios com a pressa que o caso requeria. Em poucos dias nos puzemos em a fortaleza do Gurupá, onde o Capitão-Mór Paulo Martins pediu-nos que ficassemos em a aldêa de S. Pedro, pouco distante da

fortaleza, e se fosse o padre Gaspar Misseh para o Tapará com seu companheiro Domingos da Costa acudir aos indios novos que lá estavam desamparados. Fizemos isso e continuando o padre Gaspar a sua viagem, fui-me eu pouco depois com um morador do Gurupá por nome Lucas Madeira para assistir aos indios que lá se achavam; estive em a aldêa de S. Pedro muitos dias, não tendo mais que uma porção de peixe ao jantar, que cada dia me mandava de esmola o Capitão-Mór, por estarem os da aldêa pobrissimos, e acudindo de dia aos doentes com os Sacramentos, e era tão pouca a christandade daquelles barbaros que, estando uma parenta sua morrendo na sua rêde com a assistencia minha, ahi mesmo estavam bailando e fazendo seus poracés e bebedices, pondo-lhe ao doente uma cuia de farinha secca debaixo da rêde, para que della comesse se quizesse. Havia nesse mesmo tempo outra muito doente, em outro rancho, a qual já estava com todos os Sacramentos, não lhe faltando Oleos Santos, quando, por eu ter ouvido um tiro de uma peça, que era signal de rebate, me puz em caminho com meu companheiro para a fortaleza, levando dois indios o altar portatil nos hombros. Já tinhamos andado um quarto de hora pelo matto quando Antonio Barradas com José de Souza e mais dois brancos, uns dez ou quinze indios, todos armados, me vieram encontrar dizendo-me que da parte do povo do Pará me viesse com elles para ser embarcado com os mais Padres para o Reino. Respondi-lhes eu que o povo nenhum poder tinha sobre mim, e que elle desistisse porque incorria em excommunhão maior com os que o acompanhavam se me fizesse violencia. A isso respondeu Antonio Barradas que protestava a Antonio, querendo dizer *ante omnia*, e como não quiz aquietar-se... de proposito, para descançar e fazel-os esperar algum tempo; tomado, pois, um pouco de descanço, continuei meu caminho para a fortaleza, e elles me cercaram ao redor; queixei-me delles por impedirem o serviço de Deus em que me estava occupando, com os indios gravemente doentes, e me replicou Antonio Barradas que me devia ter ficado em minha terra, pois cá não faltaria quem acudisse a essa obra de caridade. Estando já á vista da fortaleza requereram-me que me fosse, ou ao conventinho de Nossa Senhora do Carmo

que lá havia junto, ou me embarcar na sua canôa ; mas eu lhes não deferi, dizendo-lhes que no Carmo não tinha que fazer por então, e que em a canôa não havia de ir, salvo se me levassem á viva força, porém olhassem bem que ficavam excommungados e os havia Deus de castigar pelo desaforo com que me tratavam, e assim me deixassem ir livremente meu caminho para a fortaleza ; cercaram-me então ao redor e estando assim preparados commigo, eis que veiu o Ouvidor Geral Diogo de Souza de Menezes com seis soldados, com espadas desembainhadas, da fortaleza ; apenas o viram, quando elle chegando-se a Antonio Barradas, cabeça desse sacrilegio, pegou-lhe em o braço e disse-lhe fosse preso da parte de Sua Magestade. Levantaram os seus companheiros as armas contra o Ouvidor Geral, estranhando-lhe que prendia seu cabo posto pelo povo do Pará, e eu fui levantando com o braço os canos das espingardas para que não fizessem mal ao Ouvidor geral, me sahi dentre elles e me acolhi para casa do Capitão-Mór. Como os soldados da fortaleza se houveram frouxamente nessa occasião não poude o Ouvidor Geral prender esses culpados, os quaes escapando-lhe das mãos se safaram com toda a pressa para sua canôa, e fingindo que navegavam para riba, para ir prender ao padre Gaspar Misseh, atravessaram pouco depois para banda de além do rio, e apertando os remos foram navegando para baixo cozidos com a terra, toda coberta de matto. Não o poderam fazer com tanta destreza que não chegassem a ser descobertos da fortaleza ; mandou, pois, o Capitão-Mór Paulo Martins Garro equipar tres canôas, uma para o Ouvidor Geral com um sargento e bastante soldados, outra para Manoel David Souto Maior cavalleiro do habito de Christo e irmão nosso, e a terceira para o capitão João de Mattos em que foram logo investir a canôa de Antonio Barradas por todas as partes, de sorte que lhe não pudesse escapar por muita diligencia que para isso fizesse, e assim veio-lhes cahir nas mãos. Prendeu-o pois o Ouvidor Geral com toda a sua gente, assim brancos como indios, tomaram-lhes as armas a todos, e mandou os brancos presos á fortaleza, largando os pobres indios, os quaes vinham bem contra sua vontade. Este successo estive vendo da fortaleza

como quem vê touros de palanque. Indo-me para casa encontrei em o caminho a Antonio Barradas que poucas horas antes me tinha levado preso; dei-lhe um abraço dizendo-lhe: Guarde Deus a vossa mercê, Senhor Antonio Barradas; e como elle me respondesse que este abraço seria bom se não fôra de Judas, repliquei-lhe que não era de Judas, senão de um animo muito christão, e com isso me fui para deante e elle com os mais para a prisão, onde foram carregados de ferros todos. O Ouvidor Geral fez logo um auto contra elle por seu escrivão, pae do Padre Diogo da Costa, escrivão da Ouvidoria Geral, e achando que todos tinham levantado as armas contra si, mandou levantar uma forca para enforcal-os, conforme as leis, e para que morressem christãmente perguntou-lhes quem queriam para se confessar e sacramentar; e como elegessem dos que pareciam de sua facção não se lhes concederam, com que vieram a escolher a mim para que, visto que tinham incorrido em excomunhão prendendo-me, fosse tambem eu que della os absolvesse e lhes desse o Senhor. Tudo se fez como tinham pedido, mandou-se-me recado á aldêa para onde eu tinha voltado para acudir aos doentes, vim-me confessal-os e ao depois prometterem toda a satisfação, e pedirem perdão do que tinham obrado: absolvi-os, disse-lhes Missa na mesma prisão e lhes dei o Senhor. Foi este caso mui raro, por certo, em o qual reluziu claramente a justiça, a misericordia de Deus. A justiça intimou vingança dos delictos: a misericordia não deixou ir com tudo ao cabo ao Ouvidor Geral, como logo se verá. E em o que mais ainda se mostrou a providencia que Deus Nosso Senhor tem dos seus, é que em a mesma tarde em que estes criminosos tinham sido apanhados em o rio, estava uma canôa dos Padres que tinham fugido da prisão do Pará junto a uma ilha um tanto mais abaixo da paragem onde se prenderam seus perseguidores, para que fossem testemunhas de vista de seu castigo. Chegou essa canôa ao porto da fortaleza, e vinham alli o Padre Francisco Velloso, Subprior da casa do Pará, Vice-subprior da missão nessas circumstancias, o Padre Salvador do Valle, o Padre Francisco da Veiga, o Padre Thomé Ribeiro e o irmão Manoel Lopes. Não é crivel quanta foi a alegria de uns e

outros Padres e do Capitão-Mór Manoel David Souto Maior em aquelle encontro nunca esperado. Já ia o Ouvidor Geral dispondo as cousas para se enforcarem os culpados sobre ditos, quando eu eleito delle para seu confessor, fui ter com elle e o roguei que quizesse conceder a vida aos réus, não porque não merecessem a morte, mas para que não irritasse mais com isso o povo levantado, e se não dissesse que os enforcára não para fazer justiça, mas para dar gosto á Vingança dos Padres da Companhia de Jesus. Teve o Ouvidor Geral a sua repugnancia de perdoar por estarem claramente... os culpados, mas como viu que o capitão mór Paulo Martins Garro e Manoel David Souto Maior pediam o mesmo que eu, lhes perdôou a morte da forca, contanto, porém, que fossem publicamente açoitados todos ao redor da polé, que estava no meio da praça do Gurupá. Aqui tornei-lhe a fazer outra petição e pedi-lhe lhes perdoasse tambem os açoites, contentando-se da prisão, mas elle pondo-me a sua vara na mão disse-me tomasse aquella vara, ou o deixasse fazer justiça, respondi-lhe que a vara era de Sua Magestade, e que eu não pretendia impedir sua justiça, mas sómente moderar o rigor della em o que pudesse ser sem encargo de sua consciencia, e visto Sua Mercê não poder perdôar os açoites a todos, perdoasse ao menos a Antonio Barradas, que era o que me prendera e o que me dissera depois, quando o abracei em a rua, que meu abraço era de Judas, como elle dizia, e não de caritativo christão, e mais, por elle e sua mulher acudirem com muita caridade ao Padre Francisco Gonçalves na sua doença de que morrera no Cametá; quizesse tambem perdôar os açoites a um velho que vinha em companhia dos criminosos por medo do povo que o mandara. Custou-me muito a alcançar esta graça, mas como tambem o Capitão-Mór e Manoel David Souto-Maior se botaram de joelhos deante delle, fazendo-lhe o mesmo requerimento, veiu finalmente a render-se e foram açoitados os outros dois ao redor da polé, em praça publica, á vista de todos os indios e brancos. Aqui reluziu outra vez a justiça divina com sua misericordia, porque quiz que sua justiça que estes mesmos que tinham vindo para prender os Padres, fossem não só presos, mas ainda castigados, em sua presença, e quiz sua

Misericordia fossem castigados com moderação e brandura á instancias dos mesmos offendidos, para que aprendam os que se atrevem de tornar-se contra os Missionarios da Companhia de Jesus, que lhes não faltará o castigo, supposto que ás vezes será mais brando por elles mesmos, a exemplo do seu Capitão Geral Christo Jesus, perdoarem seus inimigos e rogarem por elles, Verdade seja que alguns entendendo mal este genero de caridade dizem que mais vale ser inimigos que amigos dos Padres da Companhia, pois acodem tanto por elles que parece não poderão fazer mais por seus afeiçoados ; porém andam muito enganados, porque supposto acodem tanto por seus inimigos, sempre acodem mais pelos amigos, e se a aquelles livram dos castigos da terra, não os podem livrar commumente senão de uma parte delles ; assim nesta como na outra vida acharão ser verdade os que bem considerarem o fim que levaram os inimigos dos Padres da Companhia de Jesus até o presente, para de lá colherem o que levaram ao deante os que contra elles se atreveram. Não relato aqui esses castigos, porque os reservo para um capitulo inteiro, sendo tantos que bastavam para fazer um grande tomo : contento-me por agora dizer em tres palavras como o pobre José de Souza, um dos açoitados por levantarem as armas contra o Ouvidor Geral... de me prenderem, morreu, pouco tempo ha, afogado em seu sangue sem Sacramentos, morrendo sem elles quasi todos os mais que se tinham singularizado em perseguirem-nos em tempo desta nossa expulsão para que, escarmentados os vindouros, saibam e conheçam, se quizerem, o fim que levam aquelles que se atrevem contra os Missionarios de Christo Nosso Senhor.

CAPITULO 6°.

Vai-se o Padre Subprior Francisco Velloso ao sertão, deixando-me a mim por vice-subprior dos padres, e chega o povo do Pará' a prender uns e outros para os embarcarem para o Reino.

Emquanto estas cousas se obravam no Gurupá, já havia muito tempo que o Padre Antonio Vieira e mais Religiosos tinham sido embarcados da banda do Maranhão, para o Reino,

onde chegaram felizmente, estranhando toda a Côrte o desaforo dos povos amotinados como já fica atraz. Achavam-se os Padres sobrenomeados juntos em aquella fortaleza do Gurupá, debaixo do mando do Padre Francisco Velloso, o que fazia as vezes de subprior da missão, por não querer acceitar o cargo o Padre Manoel Nunes, porque esperava, como particular, que fossem abrandando os homens do Pará, entre os quaes muitos delles, de maior autoridade, eram seus amigos, e o respeitavam muito; e julgaram que seria bom ir o Padre Vice-subprior Francisco Velloso pelo rio das Amazonas á riba, para fazer uns poucos de resgates por aquelles homens, que tanto nos tinham obrigado em aquella occasião. Deixou pois as suas vezes a mim por estar eu por então por subprior da missão do Gurupá, e foi-se ao que se tinha assentado. O povo do Pará, tendo tido noticia do que tinha acontecido a seus enviados na capitania do Gurupá, para onde tambem se tinham retirado os Padres fugidos da prisão do Pará, mandou logo uma grande tropa, assim de brancos como de indios, armados todos para levarem os seus presos, e prenderem os Padres todos para se embarcarem para o Reino em duas nàos que estavam para partir. Tinha eu com o padre Salvador do Valle tornado para a aldêa de S. Pedro, e se tinha tambem ido o Padre Francisco da Veiga para o Xingú á riba do Tapará, onde assistia o Padre Gaspar Misseh com seu companheiro o irmão Domingos da Costa, e a Tapará, para acudirem a essas desesperadas ovelhas do rebanho de Christo com grande necessidade pela falta de tudo; porém como não convinha andarem tão espalhados em tempo de uma tão grande perseguição, em a qual era melhor guardarem-se para melhor ou maior bem das almas, recolheram-se todos depois de desobrigar os indios da quaresma no anno de 1662, para a fortaleza, em casa do Capitão-Mór Paulo Martins Garro o restante daquelle tanto tempo, em que elle, com o Ouvidor Geral e seu escrivão e Manoel David Souto Maior, se agazalhou na fortaleza, mandando cada dia aos Padres com que poderem passar; cada dia á boca da noite sahiam umas canoinhas ligeiras com alguns soldados para espreitarem se acaso vinha já o povo do Pará para acudir a seus presos e prender aos Missionarios; e não obstante

andar tudo tão arriscado queria o Ouvidor Geral ir com o Padre Salvador do Valle para a banda do mar para se aliviar, com a mudança dos ares, de umas sezões que lhe tinham dado ; porém receiando que dessem em as mãos do povo que os mataria ou ao menos os trataria muito mal, ia diferindo,.. ao Ouvidor Geral, como meu penitente, e negando licença ao padre Salvador do Valle, que tinha pedido um companheiro ; e não foi isto singular providencia do Céo porque ao mesmo tempo que elle andava pretendendo ir-se, vinha-se chegando o povo do Pará tão assanhado que achando em o caminho dois portuguezes da fortaleza, que tinham sido mandados por descobridores, mataram logo um delles á espingarda, sendo o matador um mulato feitor de uma fazenda do Pará, e o morto um Saraiva, irmão do capitão João Saraiva, natural do Gurupy, e pouco depois prenderam o outro e o descompozeram e trataram muito mal, ferindo e cutilando-o gravemente. Tinha eu pedido em a vespera de nossa prisão ao Capitão-Mór, que já que fazia graça aos Padres de os querer defender, os quizesse tambem recolher á fortaleza para estarem seguros ; como elle não deferisse logo a minha petição, parecendo-lhe que ainda não havia tanto perigo, eis que aquella mesma noite, estando eu dormindo e sonhando actualmente que vinha o povo a prender os Padres, ouvi bater á porta e acordando do somno perguntei quem era; respondeu-me Manoel Cordeiro Jardim, um dos cabeças do motim, abrisse a porta, da parte do povo do Pará, mas eu não lhe quiz abrir e disse-lhe que não entraria, salvo se fizesse violencia, e quebrasse a porta, fazendo-a em pedaços. Deu tanto medo ao Padre Thomé Ribeiro essa vinda do povo, que me rogou com muita instancia que abrisse a porta, porém eu mais contranitente em não querer abrir, até que disse Pedro... nosso irmão e procurador, que quizesse abrir, pois elle lá estava em companhia de Manoel Cordeiro, e não tinha a cousa nenhum remedio. Abri então a porta, fomos levados presos os Padres todos, até o padre Gaspar Misseh que estava bem doente, para o conventinho de Nossa Senhora do Carmo, em cuja varanda que está para a banda do rio, tinha feito sua praça de armas o amotinado povo. Chegou á porta do convento frei Alberto,

então prelado daquella casa, em que tambem assistia frei Angelo que o tinha vindo visitar, e como me dissesse que entrassemos disse-lhe eu que não cuidava que Sua Paternidade quizesse consentir que se fizesse prisão de seu convento, mas haviam de fechar as portas dizendo que sua casa não era algum Limoeiro nem cadeia, mas casa de religiosos e de refugio e não de prisão ; mas como vi que os frades do convento eram como o povo, que nelle tinham feito sua praça de armas e que não havia que esperar, entrei e após mim entraram os mais Padres e fomos fechados em uma limitada cella com tanto aperto que nem por uma necessidade nos deixavam sahir sem guarda á ilharga. Os religiosos do convento conversavam, comiam e bebiam com os amotinados, e lhes diziam missa sem nenhum escrupulo porque uns e outros eram do mesmo parecer. Tinha eu por espia um dos mais autorizados do povo, e por este mandava dizer ao Capitão-Mór o que queria, e recebia resposta a tudo ; mandou-me dizer um dia o Capitão-Mór que elle queria dar um rebate falso para banda de terra, para que correndo os do povo para lá fugissem os padres do convento, e viessem á fortaleza pela banda do rio, mas não quizemos usar desta troça para não dar occasião a maiores alterações. Um dia me chamaram esses homens para que, como Vice-subprior, assignasse um termo de como largava de mim toda a jurisdição assim espiritual como temporal sobre os indios, ao que com o parecer dos mais padres respondi que me não tocava assignar tal termo, porém como as provincias nos tinham tirado aos padres a jurisdição temporal em ambas as capitanias, assim do Pará como Maranhão, já não tratavamos, os Padres, dellas, e que em o tocante á jurisdição espiritual por nenhum caso largavamos, e desta fórma levaram o termo que se fazia. Pediram-me depois que fizesse com que o capitão-maior da fortaleza lhe puzesse fóra, solto e livre o seu procurador Antonio Barradas com os mais seus companheiros e a isso lhe respondi que o capitão-mór tinha aquelles presos por ordem da justiça, e do Ouvidor Geral que estava em a fortaleza, que lá se houvessem com elle sobre esta materia; comtudo lhe mandaria pedir por favor, por via do Ouvidor da capitanta, Manoel da Cunha, o

que propunham, e assim o fiz, mas respondeu o capitão-mór Paulo Martins Garro que elle estava em aquella praça por parte d'El-Rey seu senhor, e havia de defender assim a ella como a todos que ahi estavam até morrer ; que viessem e escalassem a fortaleza se quizessem, porque ali achariam quem tinha animo para resistir. O Padre Thomé Ribeiro, receiando que por essa razão lhe acontecesse algum mal, poz-se de joelhos á vista da fortaleza, e com as mãos levantadas pediu ao capitão-mór não quizesse dar occasião de alguma ruina, mas elle zombou daquelle medo do Padre, e com muita razão, porque era muito conhecida de todos... chaneza daquelle sujeito, que ror largar o principal Capauba do Maracaná que o Padre Vieida lhe remettia preso, para apartar do seu amancebamento, e por outras que fez, foi despedido da Companhia logo que chegou a Portugal. Vendo o povo que debalde estavam detendo os Padres em Gurupá, resolveu-se de embarcal-os e mandal-os presos ao Pará, para de lá embarcarem para o Reino com os mais, em cujo numero tambem estava o padre Francisco Velloso que tinham ido buscar ao sertão. Indo, pois, embarcados os pobres missionarios todos em canôas, ia eu com uns soldados para guardas em canôa, de Pedro Dorsaes, nosso irmão e procurador, que por isso tinha cuidado de nós ; apenas estava afastada sua canoa um tiro de espingarda quando de terra dispararam da fortaleza uma peça carregada com bala, que passara sibilando á riba do toldo, e um dos soldados por medo do tiro se poz por detraz de mim, servindo-se de rodela de minha dessoa ; não se retirou, comtudo, toda a tropa, mas ficou a maior parte della em Gurupá, tendo a fortaleza como cercada até que se lhe desse seu procurador, e mais brancos que estavam em sua companhia. Passamos pelos engenhos do Munjú, e não houve christão que se atrevesse a falar-nos, e muito menos dar nos algum refresco, e logo que chegamos ao Pará levaram-nos ao navio que estava ancorado junto á cidade. Só o Padre Francisco Velloso levaram para o patacho de Simão dos Santos, mas afastado algum tanto ; o Padre Francisco da Veiga difficultou de se embarcar, mas como eu lhe disse que se embarcasse visto isto não ter outro remedio, chegou-se para

os mais. Estivemos em aquella estreita prisão o resto da quaresma, e nem pela Semana Santa nos quizeram dar licença de sahir, sustentando-nos Dona Antonia, nossa irmã, e Marianna Pinto, a qual ia pedir esmola para nos sustentar, e como não podiam os levantados soffrer a caridade que esta caritativa tapanhuna usava comnosco, a ameaçaram que lhe queimariam a casa, mas ella lhes respondeu — queimassem muito embora sua casa, que, sem embargo disso, faria de comer em a praça publica para sustentar aos pobres. Agradou tanto esta sua caridade aos nossos que sempre a tiveram em grande estimação, e finalmente pelas muitas obrigações que lhe ficamos devendo, e pelo bem que ao depois a cada passo nos estava fazendo, lhe demos em agradecimento carta de Irmandade por ser mulher, além de muita virtude, tal que não ha nem Senhores, nem Religiosos que não publiquem seus louvores todas as occasiões que para isso se offerecem.

CAPITULO 7º.

Chega novo Governador do Estado com um novo Capitão Mór para a Capitania do Grampará

Depois da expulsão dos Padres da Capitania do Maranhão, não tardou muito o novo Governador Ruy Váz de Siqueira, o qual trazia muito encommendados da Senhora Rainha Dona Luiza de Gusmão os Missionarios que ainda ficavam em o Estado. Veio em sua companhia Francisco de Seixas Pinto, para succeder a Marçal Nunes em o cargo de Capitão Mór da Capitania do Grampará; emquanto o novo Governador se ia informando do que passara mandou a este Capitão Mór para seu governo, e como com sua vinda se soube que tinha chegado novo Governador, tirou o povo os Padres do navio e os pôz em umas casas de sobrado com animo de embarcal-os de lá quando chegasse o tempo da partida dos navios. Estava essa casa um pouco adiante da Casa da Misericordia onde iam os Padres dizer Missa; e como o Capitão Mór publicamente estava dizendo que não trazia ordem para impedir a embarcação dos Padres, tratou o povo com mais fervor de embarcal-os antes que viesse algum embargo, obri-

gando-os a fretar as náus para a sua passagem para o Reino, não obstante os protestos que lhe fazia o Padre Manuel Nunes, o Velho, que então tomou o governo á sua conta, vendo que assim ou assim não alcançava nada com seus amigos para nossa quietação; repartiu os Padres em dous lotes, um para ir com o Padre Francisco Velloso em o patacho de Simão dos Santos, outro para ir em sua companhia em outra náu maior, fretando os camarotes de ambas as embarcações. Nomeou para ir com o Padre Francisco Velloso o Padre Salvador do Valle, o Padre João Maria Gorsoni, o Padre Thomé Ribeiro, e o Padre Francisco da Veiga, o Irmão Estudante Antonio Pereira, o Irmão Sebastião Teixeira, e Manoel Lopes coadjutores temporaes ; para irem comsigo, nomeou a mim, que quiz corresse sempre com tudo, o Padre Pedro Luiz Gonsalves, o Padre Manoel Pires, o Padre Garpar Misseh, o Irmão Marcos Vieira, o Irmão Balthazar de Campos, Flamengo.

Tomados logo todos os bens da Casa de Santo Alexandre em primeiro logar, em rol, e posto por procurador Pedro Dorsaes nosso Irmão, embarcaram-se os que iam em o patacho de Simão de Santos com o Padre Francisco Velloso e pouco depois partimos tambem os mais á vista dos amotinados, cujos cabeças estavam assentados em uma varanda ou girau de Domingos Torres, cujas casas estavam junto ás Mercês, perto do rio, detraz das casas de Pedro Dorsaes. Partimos em o mez de junho, indo embarcado em a mesma nau comnosco o Capitão Mór Marçal Nunes, que tinha acabado seu governo e se passava para o Reino.

O Padre Superior Manoel Nunes só se embarcou defronte da ponta do Mel. Iamos contentes todos, sem embargo do grande incommodo por estarmos obrigados todos a dormir em o convés, indo só o Padre Superior Manoel Nunes em camarote; apenas começou a náu a andar á vela, entre as ondas da bahia do Joannes, quando começou a fazer tanta agua que dando á bomba assim os Padres como os marinheiros todos os quartos, não podiamos vencer a muita agua; e por que tanto incommodava a Deus muitas vezes nossa viagem, achamos ser melhor arribar que perecer no mar, ou ir ao menos dar ás Indias de Castella; com que voltamos atrás e uma noite pela madrugada ancoramos

arribados em o Pará, com espanto do povo que nos fazia e desejava já idos de todo, e para sempre; e visto isso tornaram a prender-nos de novo em a casa onde estavamos agasalhados, antes de nossa partida, em quanto se concertava a náu. Não havia alma viva que nos visitasse, porque estando nós sem culpa nenhuma, mas por termos acudido para conservação das Leis reaes, como tinhamos de obrigação, eramos tidos por muito culpados de todo o povo, nem achavamos recurso se não em Deus Nosso Senhor, por cujo amor folgavamos de soffrer aquellas tão injustas vexações, sem se achar entre nós quem abrisse a boca para se queixar. Compadecendo-se, pois, esse Divinissimo Senhor de nós, quando mais apertados estavamos e mais necessitavamos de seu Divino auxilio, em falta de todo o soccorro humano, acudiu por sua Divina Misericordia, como Juiz rectissimo, e consolador dos affligidos em tempo opportuno, com remedio não esperado, do modo seguinte, que, como ainda não sabido, não se referio como era bem. Quero referir agora desde seus principios com todos seus progressos até o seu ultimo fim, que tambem se não esperava já de nenhum de nós: só advirto aos Padres todos que saibam o muito que devemos e deveremos para sempre a Dona Antonia de Menezes e Dona Marianna Pinto, ambas nossas Irmãs por carta de Irmandade, por serem ellas que nos sustentaram em tudo, em quanto estivemos desamparados de tudo.

CAPITULO 8º.

Encommenda a Senhora Rainha ao novo Governador Ruy Vaz de Siqueira, muito, a restituição dos Padres, e o mesmo fez ao Padre Antonio Vieira, já posto em Lisboa, e relata-se o modo com que elle e seu Capitão Mór se houveram em aquella restituição.

Estando os Padres Missionarios do Maranhão já chegados a Portugal com o Padre Visitador geral Antonio Vieira, que de tudo deu conta á Senhora Rainha Dona Luiza de Gusmão, e os Padres que estavam para a banda do Pará presos em um navio, chegou Ruy Vaz de Siqueira por Governador do Estado com o Ca-

pitão Mór do Pará Francisco de Seixas Pinto, aos vinte e cinco de março do anno 1662 ao Maranhão, e supposto que vinha com recommendações notaveis da Senhora Rainha Dona Luiza, e mais pessoas reaes para que restituisse os Padres Missionarios da Companhia de Jesus ás suas missões, para bem da gentilidade, tudo obrou pelo contrario do que trazia em o seu regimento, que a mesma Rainha lhe tinha dado, por mão do Padre Antonio Vieira, Visitador geral da missão do Maranhão, o qual procedendo com coração limpo, se bem com menos cautela, lh'o tinha entregado secretamente em o Collegio de Santo Antão em Lisboa; por quanto, com a sua chegada, continuaram com mais insolencia os povos levantados, depois de lhes assegurar que não vinha castigo nenhum; e desta fórma mandou logo ao Pará o Capitão Mór daquella Capitania Francisco de Seixas Pinto, o qual tanto que chegou ao Pará tratou de fazer importante ostentação para aquietar as inquietações desse povo, e ainda que pelo coração (que só Deus o conhece) seria boa sua intenção, comtudo em o exterior exaltava mais os animos dos amotinados com suas palavras, tirando-lhes todo o temor com que obravam, dizendo-lhes sem encarecimento a elles, e aos mesmos Padres presos com seu Superior o Padre Manoel Nunes, que não trazia ordem d'El-Rei em seu favor, sendo que o Governador trazia ordens expressas e mui particulares da dita Rainha; mas como tudo vinha em segredo, nem o Governador, nem o Capitão Mór nunca publicaram taes ordens.

O Capitão Mór do Pará, com as praticas que pelas ruas fazia com voz alta, se imaginava que captava a benevolencia do Governador de quem se soube depois trazia ordens secretas, e as execuções dellas resumiram-se e acabaram com a sua chegada, em lançarem se os Padres fóra sem mais dilação, pois obrava se sem temor de castigo, e como trazia empenhos da Côrte, persuadia-se que ficando com o dominio dos indios do Pará, que lhe deu o Governador, por então adquiriria, com o suor delles, grandes interesses. Para isso pôz logo capitães em as aldêas para com isso tratar de suas ganancias com os Missionarios; porém houve-se de maneira que, pagando-os com boas palavras e allegando sua importancia para ajudal-os, os deixou botar fóra e embarcar

para o Reino, dizendo aos amotinados que já se não met'eria com os Padres; só para maior justificação sua, ajuntou os nobres da Cidade com muita gente humilde do povo,os quaes com o chamado Juiz do povo estiveram á porta da Camara em quanto lhes ia um papel que tinha feito, em que pedia deixassem ficar os Missionarios, porque com os lançar fóra incorriam em pena de excommunhão.

Os officiaes da Camara, como homens timeratos, sentiram muito a expulsão dos Padres, e tinham feito quanto puderam para atalhar tão grande sacrilegio, e responderam que se alegravam muito de lhe verem aquelle zelo; porém, como por este tempo estava de baixo o mais povo ao qual todo tinha chamado o Capitão Mór, com seus gritos—que fossemos para fóra, confundia a nobreza, e a intimidava quanto a tomar resolução em cousa alguma. Entre estes tumultos não faltou um Juiz, que então era da Camara, Manoel Guedes de Aranha, que ao depois foi Capitão Mór do Pará e da fortaleza do Gurupá, por ordem d'El-Rei, homem dos mais nobres e o mais caritativo e temente de Deus, o qual conheceu o engano do Capitão Mor Francisco de Seixas Pinto, e publicamente o reprehendeu, dizendo-lhe que sentia muito o modo com que procedia sua mercê em tal cousa, tanto contra serviço de Deus e d'El-Rei, e juntamente com perdição de innumeraveis gentios, e accrescentando ao cabo estas palavras: — agora vejo eu que não ha remedio, pois esperavamos em o Governador e vossa mercê, portanto, me parto logo a fazer matalotagem aos Padres, pois não ha mais que esperar. Este foi o zelo de Manoel Guedes Aranha, que tanto se mostrava pelos Padres que até sua mulher Dona Catharina saiu um dia á porta de sua casa, com uma arma de fogo á mão, para defendel-os, e apregoando se depois o perdão geral d'El-Rei pelas Capitanias com tambores e trombetas, começou a gritar o dito Manoe Guedes:

— Senhores meus, não nos convem este perdão, o que nos convinha era que Sua Magestade fizesse justiça e castigasse os deliquentes, para livrar-nos do rigoroso açoite da mão ode Deus, de que nenhum de nós se ausenta, e por esta causa vem-nos tudo assolado, por vir a tal sacrilegio tão largo perdão; mas com

os cabeças castigados haveria Deus misericordia de nós. Vendo todo o povo amotinado e que não havia quem lhe fosse á mão, com poder de impedir que embarcassem e expulsassem os Padres como se relatou em o capitulo passado, sem fallencia nenhuma o sahiriam fóra, se a náu não fizera tanta agua que a obrigou a arribar para o porto da cidade de Belém do Grampará.

Em quanto se despacham as cousas para os Padres se embarcarem a primeira vez, mandou-se logo aviso ao Governador do Maranhão, e como este trazia ordens mui apertadas para restituil-os em seus collegios e missões, fez ajuntar-se a Camara e achar-se presente o seu antecessor Dom Pedro de Mello, e fez-se esta junta em a Santa Casa da Misericordia, em dia do Espirito Santo, em o qual se tinha feito o levantamento do Maranhão, o anno antecedente. Lá, depois de Ruy Vaz de Siqueira ter dado uma reprehensão em Dom Pedro de Mello como autor ou consentidor do levantamento, propoz ordens de Sua Magestade com tão bons modos, que todos vieram em o que se lhes ordenava a Côroa, da restituição dos Padres, caso que ainda estiveseem alguns delles pelo Estado, porque cuidavam que já se tinham ido todos, sem ficar nenhum. Fizeram-se per esta occasião varias descortesias pelo povo a Dom Pedro de Mello, e houve vozes que diziam que lhe tirassem a vida, por quanto elle tinha culpa da expulsão dos Missionarios e que morresse, pois persuadira-o, por via de seus criados, de tão grande maldade e houvera executar-se essa vingança, se não fora o respeito que tinham ao novo Governador, seu parente e juntamente o medo da muita infantaria que o cercava.

Concluida, pois a restituição dos Padres, acaso se achassem ainda alguns em o Estado, mandaram-se logo começar repiques e dar applausos da muita alegria em que todos andavam universalmente mettidos. O governador Ruy Vaz de Siqueira, que em tudo obrava com dissimulução para satisfazer a Rainha, tanto que teve nova carta do Pará que já estavamos embarcados e expulsados todos daquella Capitania, logo se pôz a restituil-os pelas Capitanias, onde já não estavamos, com grandes indicios exteriores de alegria e como querendo isso tudo que se fazia no Maranhão. E persuadindo-se que os Padres do Pará já tambem estariam partidos para o Reino, não sabendo que tinham

tornado a arribar, mandou logo para o Pará o Sargento-Mór Antonio Pacheco, com toda a pressa, com ordens que se ainda lá estivessem os Missionarios de Companhia de Jesus os restituissem em seus collegios e missões, e despachou uma embarcação para o Reino, para que levasse as novas á Rainha e seus tribunaes. Porém como não podem as traças humanas contra os decretos Divinos, querendo Deus mostrar que esta missão era sua, tinha feito que arribasse a náu e em a náu os Padres já expulsados da capitania do Pará e se achassem ainda presos os do Maranhão, ainda não já idos todos. Seja isto como for, porém, certo é que logo que chegou a ordem do governador Ruy Vaz de Siqueira ao Pará, veio a Camara em corpo á casa onde os Padres estavam presos e com muita... e festa sem contradicção de ninguem, os levou para seu collegio de Santo Alexandre, onde começaram a estar com a mesma quietação que dantes tinham tido e ainda com muita maior,porque como não tinham já o governo temporal dos indios das aldêas, não havia occasião de lhes quererem mal, antes a muitos delles quererem bem e honral-os com todo o respeito, pela muita caridade com que serviam e serviriam a todos, pelo que tocava ao bem das almas, assim suas como dos seus... Os que se restituiram no collegio de Santo Alexandre da cidade de Belém do Grãopará, são os seguintes: Padre Manoel Nunes, o velho, Superior da missão, nomeado pelo Padre Visitador Antonio Vieira, antes de sua partida para o Reino; eu, Superior da casa, nomeado pelo Padre Manoel Nunes; o Padre Pedro Luiz Gonzalves; o Padre Gaspar Misseh; o Padre Manoel Pires ; o irmão Balthazar de Campos e o irmão Marcos Vieira, ambos coadjuctores temporaes. Cousa é digna de se narrar que, depois de nossa expulsão, em quanto não foram nenhuns Padres para a casa do Maranhão, nunca se deixou de cantar o terço, nem ainda em a segunda oitava do Espirito Santo, em cujo dia se tinha feito o levantamento. O vigario geral Francisco da Costa foi á egreja de Nossa Senhora da Luz a visitar o Senhor em o Sacrario, pois nada faltava para o guardarem sempre ahi, com a decencia devida, por assistir o irmão Manoel da Silva em trajo secular com o Capitão-Mór Paulo Martins Garro e Manoel David de Souto Mayor, ambos irmãos por carta

de Irmandade, que lhes tinha dado o Padre Antonio Vieira Visitador em a dita casa. Acudio Deus Nosso Senhor a esse tão grande desamparo, porque como estavamos já desempedidos pela restituição, não tardaram de prover com sujeitos aquella parte principal da missão. Para este fim ordenou o Padre Vice-superior Manoel Nunes, primeiro as cousas da casa do Pará em o modo seguinte. Deixou-me a mim por Superior della, dando-me por companheiro o padre Gaspar Misseh com dois irmãos: o irmão Marcos Vieira e o irmão Balthazar de Campos, uns tres para quatro escravos, que... uns poucos de condição e o cabedalzinho... deixou em as mãos de nosso procurador Pedro Dorsaes, ordenando que a nossa gente ficasse com a sua em a ilha chamada de seu nome ilha de Pedro Dorsaes e agora, depois do seu fallecimento, ilha de D. Antonia e que elle nos acudisse com a farinha e alguma cousa de que tivessemos necessidade, ordenando mais a mim que em uma das domingas..... da Matriz, apontasse para a absolvição do povo da excommunhão em que tinha incorrido e o fosse absolver com absolvição publica e geral e em o mais acudisse de dentro e de fóra ás obrigações de meu officio, assim pela cidade como pelas aldêas que nos ficam sujeitas. Com isso se partiu para o Maranhão com o Padre Pedro Luiz e o Padre Manuel Pires e o irmão Balthazar de Campos, deixando a casa tão pobre e necessitada, que mal se podia achar pobreza maior; mas acudio Deus Nosso Senhor com algumas esmolas, principalmente em as festas em que eu pregava muitas vezes e ainda quando não pregava por ser costume daquelle tempo de mandar o juiz presente a todos os conventos, por grandeza de suas festividades, e não faltava alguma com que passarmos a vida. Passando o Padre Superior pela capitania do Gurupy, deixou lá o Padre Manoel Pires, com um irmão, e foi com o Padre Pedro Luis Gonzalves ao Maranhão, onde chegou para fazer a festa de Nossa Senhora da Luz, aos oito de setembro, dia em que o Padre Antonio Vieira, com os mais padres expulsados, partira para o Reino do porto de S. Luiz, querendo a Virgem Senhora Nossa mostrar com isso que se em aquelle dia por permissão de Deus tinha o povo amotinado expulsado seus filhos, em aquelle mesmo dia queria que os recebesse, estando já muito

socegado. Constituiu logo o Padre Pedro Luiz por Superior da casa bem contra seu gosto, e como o vigario da matriz Valentim de Amaral lhe disse, em nome de todo o povo, arrependido do sacrilegio que tinha commettido com a expulsão dos Padres, que absolvesse da excommunhão a todos, fel-o com muita vontade e em dia de maior concurso, constituido para aquelle effeito, lhes deu uma absolvição geral de que ficaram todos mui contentes e satisfeitos; e o mesmo fiz eu em o Pará, pela ordem que me tinha deixado antes de partir para o Maranhão. Reinava aquelle tempo pestifero mal de bexigas de pelle de lixa e não é facil de escrever quanto trabalho custou aos pobres Padres, sendo elles tão poucos para a necessidade de tantos doentes que além... se queriam confessar com elles; porém se os Padres eram poucos era a sua muita caridade tanta que a todos abrangia e muito mais ainda quando o Padre Pedro Poderoso e o padre Gonçalo de Veras, fugidos da serra de Ibiapaba, pelas desordens que lá houve, chegaram a S. Luiz e como eram ambos já bons linguas, foram de grandissimo alivio em aquella tão apertada necessidade, em que toda os linguas tinham sido expulsados e mandados para o Reino, sem ainda terem voltado para missão nenhum delles. Ao Padre Poderoso mandou o Padre Superior Manuel Nunes ficar em a casa do Maranhão comsigo e com o Padre Pedro Luiz, Superior della, e ao Padre Gonçalo de Veras mandou para a aldêa de S. José, para de lá acudir a nossa aldêa de trezentos Tabajaras, que tinham trazido comsigo da serra e juntamente a nossa roça de Aninduba, onde teve largo tempo para exercitar o seu grande zelo das almas, que em seu peito ardia, e, porque importa muito terem os Missionarios vindouros noticia maior da residencia de S. Francisco Xavier em as serras de Ibiapaba, e das razões que houve de se virem della os Padres, parece-me que bom será pôr aqui em esta chronica um capitulo que disso trate mui em particular. Bem sei que devia tratar primeiro do levantamento da serra do que da vinda dos Padres, mas por certas razões que facilmente se alcançará, acho melhor tratar primeiro da vinda dos Padres Missionarios e então do levantamento, para dar razão della e não confundir umas cousas com outras, como aconteceria se o não fizesse assim.

CAPITULO 9º.

MANDA O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA UMA TROPA PARA A SERRA DE IBIAPABA COM QUE VEIO A LEVANTAR O GENTIO DELLA E ACABAR-SE AQUELLA MISSÃO, VINDO OS MISSIONARIOS COM UMAS QUATROCENTOS OU MAIS ALMAS PARA O MARANHÃO

Ficava ainda livre de todas estas sobreditas molestias e perturbações a missão de S. Francisco Xavier, em as serras de Ibiapaba, vivendo alli com muita paz os dois Missionarios, o Padre Pedro Poderoso e o Padre Gonçalo de Veras, mas como o inimigo infernal tinha minado a maior parte da missão, que tanta guerra lhe fazia na conversão da gentilidade, tratou de ruinal-a toda até não ficar nem um só Missionario della. O meio de que se serviu foi o seguinte: mandou o governador Ruy Vaz de Siqueira, tanto que chegou a tomar posse de seu governo, vinte e cinco soldados e os mais delles mulatos e mamelucos, com muitos indios das aldêas do Maranhão a resgatar ambar por aquellas nações, com capa de verse os Missionarios necessitavam de algum soccorro e isso tudo por conveniencia de seus interesses. Foram-se estes... a aldêa em que os Padres tinham sua residencia e donde saiam a visitar as outras povoações de gentio, guardando em esta aldêa tres mil cruzados que levaram do resgate do governador. Ao principio foram todos bem agasalhados como hospedes dos Missionarios e mais indios christãos, porém passados uns tres mezes, vendo os indios que não tratavam de se retirar e eram homens de pouca consciencia e ruim exemplo, começaram a afastar-se delles, e ultimamente lhes mandou o principal D. Simão, indio entendido, e a quem o Padre Superior da missão Antonio Vieira tinha dado uma grande medalha de ouro, de uma bauda com o habito de Christo e com a imagem d'El-Rei da outra, a requerer que despejassem a aldêa, pois já não podiam soffrer as molestias que lhes davam, porque de outra maneira haviam valer-se de suas armas para desforçarem-se.

Desta embaixada zombou o cabo Manoel Carvalho e mais gente da tropa, mandando armar uma forca em o meio do terreiro, ameaçando de os enforcar ahi, se se não aquietassem e

assim ficaram, continuando como dantes, com o escandalo que davam. Como se achavam alli alguns desses indios da terra, que havia vinte e quatro annos que manejavam as armas em as guerras de Pernambuco, arrimou-se totalmente o principal Dom Simão em muitos delles, mettendo-se pelas aldêas circumvizinhas, dos tapuyas, gente selvagem e barbara, e com suas praticas os moveu a ajudar com suas armas em o conflicto e assalto que queria dar aos soldados e indios da capitania do Maranhão, para os fazer despejar, por força, já que não queriam retirar-se por vontade.

Movidos os tapuyas com as praticas de Dom Simão, vieram com elle á aldêa, prepararam suas emboscadas, de noite, matando logo uns indios da companhia dos soldados, que acharam fóra da aldêa, descuidados de uma tão inopinada traição; e de repente, ao sair da aurora, acommetteram a aldêa com gritaria, atirando com muita frexaria aos soldados e indios delles que em a aldeia tinham ficado, e para mais os intimidarem puzeram fogo em muitas casas, mettendo tudo em confusão com os indios e estrondos de armas.

Puzeram-se os da tropa em defesa ajudados de seus indios, ferindo e matando tambem alguns de seus aggressores, os quaes por então se retiraram, para o dia seguinte os acommetterem com mais força, pois viam que as casas serviam de trincheira aos brancos para empregarem seus tiros com mais segurança e lhes matarem sua gente.

Os Padres Missionarios durante aquella peleja se metteram em sua igreja, por que como Dom Simão era amancebado, sem emenda, com grande escandalo e ruina dos mais, e o Padre Pedro Poderoso tinha ido a Pernambuco para trazer ordem, como trouxe, de o prender em grilhões e manda-lo para lá, e assim livrar a aldêa de um tão máo exemplo, e de um tão grande impedimento da propagação de nossa Santa Fé, não se tinham por seguros delle, porquanto lhes estava querendo mal por esta razão.

O segundo dia da peleja usaram os inimigos de outro estratagema de guerra, que era em total ruina dos nossos se não se retirassem, porque elles impossibilitavam totalmente aos sol-

dados e indios, que estavam fortificados, esperando a batalha ; o ardil foi este:

Emquanto uns estavam pelejando, outros com cincoenta machados estavam a toda a pressa derrubando arvores grossas com que impediam o caminho por onde a gente que ficava em a aldeia ia buscar agua, para que, impedindo assim o caminho, com mais segurança, se puzessem emboscados detraz das arvores derrubadas, para matarem e frexarem os que iam ao rio.

Em estes apertos se retiraram os soldados da tropa, juntamente os Padres Missionarios, aos quaes não pareceu bem ficarem por então, pelas alterações que tinham havido com Dom Simão, sobre o seu amancebamento e máo exemplo. E porque havia muitos indios de bem, tementes a Deus, trouxeram comsigo trezentas almas com grande trabalho, comboiando aquelle rebanho pequeno, que não perecesse ás mãos de seus contrarios.

Vendo os indios da terra que o campo lhes ficava livre, porém, que perdiam a presença e assistencia dos Padres, que alguns annos tinham vivido em sua companhia, usaram de dois meios para que ao menos um delles ficasse comsigo em aquelles mattos agrestes.

O primeiro foi mandar uma esquadra de indios barbaros, que, saindo de uma emboscada, pegassem em um delles, e o trouxesse com os armamentos que levava ; porém como esta invenção de guerra lhes não succedesse por se retirarem os da tropa os Padres com seus indios, pelo sertão, com grande cautela em razão do medo que os acompanhava, mandaram embaixadores ao caminho a requerer aos Missionarios voltassem outra vez para a aldêa, para estarem em sua companhia, desculpando-se das hostilidades passadas, cuja causa tinham sido os soldados e mais indios da tropa do Maranhão.

Pareceu ao Padre Poderoso, que então era Superior daquella missão da terra e ao Padre Gonçalo de Veras, seu companheiro, mais acertado seguir sua viagem ou jornada para o Maranhão, persuadindo-se que voltariam logo a restaurar com mais segurança o fructo dos damnos passados.

Não é crivel quanto padeceram por aquellas praias, pela falta de tudo o necessario para o sustento da vida de mais de trezen-

tas almas que levaram comsigo, e os perigos em que se acharam em as passagens dos rios caudalosos, que sem canoas nem remos passavam em umas jangadas limitadas, molhando e perdendo se lhe quasi tudo quanto traziam, entre outras cousas, uma bellissima pedra verde, pedaço de uma bem grande, que se tinha dado ao Padre Poderoso, da terra, achada por alli, algures. Chegaram finalmente ao Maranhão, onde foram recebidos com grande gosto, maiormente trazendo em sua companhia trezentas almas de indios, os quaes logo se aldearam da banda de S. José, chamando-se a sua povoação a aldêa dos Tabajaras, do principal Carauaty, encommendada com as mais desde então ao Padre Gonçalo de Veras, que todos amavam e queriam como seu pai.

CAPITULO 10º.

CHEGAM O PADRE SALVADOR DO VALLE E O PADRE JOÃO MARIA DO REINO PARA O MARANHÃO, E SÃO RECEBIDOS...

Um anno depois da expulsão dos padres da Companhia de Jesus da capitania do Maranhão, tornaram a chegar a ella o Padre Salvador do Valle e o padre João Maria Gorsony, com cartas d'El Rei em que mandava se restituissem os Padres Missionarios, como estavam antes de sua expulsão, em suas missões. Ajuntou-se em praia todo o povo para os receber com muitas lagrimas, levando-os em procissão solemne para a egreja Matriz, indo nosso santo patriarcha Santo Ignacio com grande triumpho, acompanhando-o todas as communidades. Estava a egreja cheia de gente, homens, mulheres e meninos, que com lagrimas, clamando em alta voz: padres, perdão e absolvição! a qual elles lhes deram com grande vontade, depois de dizer o vigario Valentim do Amaral, primeiro com elles, postos de joelhos, e mãos juntas, a confissão geral. Assim se houveram com grande arrependimento por verem, com seus olhos, a mão de Deus, tão rigorosa em castigal-os com as bexigas de pelle de lixa, que iam accrescentando tudo, de sorte que parecia os queria acabar por uma vez, porque em breves dias, como o mesmo vigario exhortava aos

Padres, eram mortos dous mil indios deste contagioso mal, com tanto desamparo que já não havia quem enterrasse os corpos mortos, assim dos indios forros das aldêas, como dos escravos das casas e fazendas dos moradores, os quaes mesmo em pessoa os traziam de noite a enterrar. Da matriz foram os Padres com o mesmo acompanhamento á casa de Nossa Senhora da Luz, sendo vespera de seu santo nascimento, que é o orago da sua egreja; cantaram-se-lhe as vesperas, e em o dia seguinte a Missa solemne, estando tambem o Senhor exposto, por espaço de oito dias, entoando todos uniformemente o terço do Rosario, pela contemplação dos mysterios da Senhora, devoção que se continuou sempre, desde que a instituiu o Padre Antonio Vieira, Superior da missão, sem faltar um só dia, o que se imprimiu tanto em o coração de todos que ainda o anno da expulsão estando fóra do Maranhão, todos os Padres se não quiseram esquecer della. E não carece do mysterio que em o mesmo dia em que os Padres sahiram pela barra do Maranhão, que foi aos oito de setembro de 1661, em este mesmo dia do anno seguinte, de 1662, entrassem em a casa a solennizarem a festa de Nossa Senhora da Luz, mãe e protectora da missão, e que em o mesmo dia do Espirito Santo, em que se fez o motim em a cidade de S. Luiz, governando D. Pedro de Mello, com mais desaforo, para expulsarem os Padres, este mesmo dia do Espirito Santo, se unissem os povos em a Santa Casa da egreja da Misericordia, com varios repiques, para receberem os Missionarios e o anno seguinte, governando Ruy Vaz de Siqueira, por cuja ordem se festejou aquelle acto, não só com repiques, mas com repetidos tiros de peça de artilharia e cargas de infanteria, e se continuou o mesmo pelas demais capitanias.

Pereceu mui particular a capitania do Maranhão, por ser ella a primeira que se levantou, e della como... forte, fazia o inimigo das almas repetidos combates por estarem alli armados oitocentos homens para defenderem este levantamento, e para que se veja claramente que não obraram privanças, nem meios humanos, fique por documento aos Missionarias vindouros desta missão, semelhante tempestade que o demonio lhes levantou, para impedir a salvação das almas, a pedirem e es-

perarem das mãos de Deus o remedio, como fizeram os discipulos de Christo, quando se viram em a tempestade do mar e gritaram por seu Divino Mestre, dizendo: Senhor, livrai nos, porque, sem isso perecemos. Juntamente lhes fique isto para motivo de agradecimento devido por um tão alto e assignalado beneficio. Eu de mim confesso que quando delle me lembro, sinto-me movido a levantar as mãos e o coração para o Céo, dizendo com todo o affecto de minha alma: Bemdito e Louvado sejas, Senhor, para sempre jamais, pois nunca desamparaes aos que em vós esperam, mas lhes acudis com o remedio e soccorro opportuno em o tempo de sua maior necessidade e desamparo.

CAPITULO 11º.

MANDA O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA TROPA AO RIO DAS AMAZONAS AO RESGATE DOS ESCRAVOS, CUJO CABO ERA ANTONIO ARNAU, MORADOR DO MARANHÃO, E LEVA UM FRADE DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS POR MISSIONARIO, MAL SUCCEDIDO.

Estava o Maranhão ardendo com a peste das bexigas, de sorte que muitas vezes faziam os Padres Missionarios as covas com suas proprias mãos para enterrar os mortos, por haver aldêas onde não se achavam dois indios em pé e deixarem os pais os filhos, fugindo para o matto, para lhes não pegar um mal tão pestilencial e não acabarem a méro desamparo por falta do necessario, assim para a cura como para o sustento da vida, e ainda que o zelo dos Padres não perdia trabalho nem um, não se escusando ao perigo que causava este mortal contagio, cujo ar e máo cheiro só bastavam para pegar aos corpos humanos esta peste, que lançava de si um fedor abominavel, mudando a cor do indio, de si sobre vermelha, em uma cor tão preta como de um .... e em alguns com tanta força que lhes iam cahindo pedaços de carne; acendia mais esse contagio vir a ser o tempo quente, em que as doenças andam mais accesas, e mais em o Estado, onde as terras são humidas em razão dos rios, que todos vem sahir com impeto

mais furioso, por serem as mais baixas que tem a America, e mui quentes por estarem juntas á linha, como é notorio de todos.

Em taes circumstancias sahiu a tropa do governador Ruy Vaz de Siqueira do Maranhão, e porque a cobiça e empenhos que trazia da Côrte lhe não davam logar a detença alguma, ou seria por ser já consummada a malicia do Estado para castigar a Divina justiça tão horrendos sacrilegios que alli se obraram por causa desta gentilidade, deu-se que os mesmos indios fossem executores da justiça do Céo, pois lhes tinha faltado a da terra. Ia por cabo da tropa o Sargento Mór Antonio Arnau, natural da cidade de Evora, que foi uma das principaes cabeças da expulsão, parte para se ver livre do dinheiro consideravel que devia á Casa do Maranhão, por fingidamente arrematar em praça todos os seus bens, quando uns dos primeiros Padres foram mortos em Itapecurù, e por se imaginar cégamente que com lançar os Padres fóra adquiriria grande cabedal para onze filhos que tinha.

Não contente este miseravel homem com expulsar os Padres, em terra, tomando por força as chaves da Casa de Nossa Senhora da Luz, se fazia segunda vez depositario dos nossos bens, mandando a justiça, que tambem era cumplice em o delicto, que fosse inventariar tudo quanto se achava, ameaçando com morte a quem lhe falasse na fazenda que devia aos Padres, e para manifestar mais o seu entranhado odio, em o dia em que davam á vela, que era o da náu do Sacramento, em que ia o Padre Antonio Vieira, Subprior e visitador geral da missão, com o Padre Ricardo Correa e mais Padres do Maranhão em dia de Nossa Senhora da Luz, aos oito de setembro, se foi em uma canoa e empurrou a dita nau com ambas as mãos, dizendo tres vezes em voz alta: fóra, fóra, fóra, á vista de toda a cidade ; e voltando com brevidade para terra para que não fizesse falta ao juiz do povo, a quem servia de oraculo nas resoluções que tomava e nos decretos que mandava executar, e como era cabeça deste bando, logo o Governador o proveu em o cargo de cabo da tropa ao sertão, que era toda sua ancia, pois havia annos que suspirava por elle ; e como as entradas

para o sertão iam governadas por este homem, não lhes parecia irem nossos Missionarios com ellas, e nomearam o Prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo para uma, para outra o Vigario Geral de todo o Estado e para a terceira os religiosos de Nossa Senhora das Mercês, para que o acompanhassem sempre, onde quer que dirigisse a sua jornada,

Determinava este desgraçado homem andar tres annos todos pelo sertão, promettendo a todos que o acompanhavam grandes felicidades e riquezas, por cuja causa ia grande cabedal mettido na sua tropa; porém em breve tempo acabou lamentavelmente os dias da sua peregrinação; porquanto indo primeiro ao rio da Madeira, por onde vieram sahir ao Gurupá, alguns homens que vieram derrotados das tropas que tinham partido de S. Paulo, temendo-se da grande gentilidade que em o rio se lhe apresentou com os poucos escravos que os indios lhes tronxeram, que não chegavam a cincoenta, se voltou, contra a ordem que levava, pelo rio das Amazonas, e se metteu pelo rio dos Aruaquizes, gentio de paz, onde tinhamos sempre estado com as nossas missões. Os indios o agasalharam e lhe deram mantimentos, porém vendo elle que lhe não davam tantos escravos quantos pretendia por seu intento, saqueou á traição algumas aldêas circumvisinhas, cercando-as ainda á noite. Depois, dizem que intentava captival-os a todos por esse sertão onde se contavam aquelle tempo noventa e seis aldêas desta nação dos Aruaquizes; porém os indios conhecendo-os..... Arnau pelas exacções que já experimentaram, e vendo com seus olhos como era homem pouco pratico do sertão, ardilosamente o enganaram, fazendo-o dividir o poder que tinha para outras aldêas, onde lhe asseguravam maior numero de indios escravos, para que assim com mais segurança e menos resistencia o matassem a elle e aos mais, como fizeram. O Arnau, cégo de cobiça, parecendo-lhe que fazia melhor ganancia, consentiu em tudo quanto os Aruaquizes lhe propuzeram, dividindo a sua gente em duas tropas, mandando uma com os indios, em que ia por cabo o chamado juiz do Pará, Pedro Siqueira, com muitos seus sequazes, a fazer os resgates que se lhe promettiam.

Os indios Aruaquizes que ahi estavam se dividiram em varias emboscadas e ao sahir da aurora entraram com muitas indias amarradas á maneira de escravas, com cuja vista se alegraram muito os soldados do Arnau, porque entendiam faziam melhor ganancia por serem menos para o ganho, livremente lhes abriram as portas do reducto em que estavam fortificados, tendo-se já por ditosos em tal vista e visita, onde tanto, lhes parecia, podia interessar. Porém, os Aruaquizes, com dissimulação fingida, se foram aos logares onde estavam os principaes amotinadores............... por espirito superior, por serem açoite da Divina justiça tão justamente provocada, chegaram-se primeiro á choupana onde morava o Arnau e lhe disseram com as indias amarradas por engano: eis aqui as escravas que procuras. Alegre o Arnau com estas vozes e vindo a receber seguramente as presas que se lhe offereciam, sem levar armas nenhumas comsigo, que tanto foi a pressa com que se levantou da cama, a ver as escravas que lhe traziam, ao sahir da porta, o principal dos Aruaquizes lhe deu com um pau á maneira de massa, desses com que matam gente, uma pancada sobre a cabeça que logo lha abriu em duas partes, e outra na boca, quebrando-lhe os dentes e os queixos. Cahiu o triste em terra como morto e a palavra que se lhe ouviu ao principio foi — guerrivi, que quer dizer — guerra; morrendo á vista de todos, sem Sacramentos, aquelle que foi causa de tantas almas os não gosarem. Esteve tres dias penando sem accordo algum, movendo sómente aquella boca que tanto falou contra os religiosos, de vida inculpavel.

Em sua casa do Maranhão, como era tão aparentado, se faziam as juntas e devassas publicas contra os sagrados, por ministros cumplices do motim e seus delictos, offerecendo-as aos tribunaes seculares................ cheias de suas........ e tão falsos testemunhos, que a mesma enormidade das culpas fingidas publicaram egualmente a falsidade e o odio infernal com que foram forjadas. Finalmente da casa de Arnau sahiu o procurador e abonador de seus delictos, que mandaram á Lisboa, com toda a pressa, em uma caravella, em a qual não quizeram fosse papel nem carta em abono do religioso e vir-

tuoso procedimento dos Missionarios, a requerer em presença do El Rei e seus ministros contra religiosos de vida e procedimento tão exemplares, que offereceram suas vidas a taes vituperios e affrontas, para seguirem as pisadas daquelle Senhor, que pela redempção do mundo foi tido por malfeitor; e para que mais capeada fosse a sua maldade, levou comsigo alguns indios por força, deixando preso em uma corrente da cadeia do Maranhão, seu principal, que era um valoroso indio de nação Tupinambá, por acudir pelos Missionarios, e arriscar a vida por elles, querendo-se por em armas para os defender, o que os Padres não consentiram para que se não queixassem e fingissem avexações e molestias que lhes faziam; porém os mais principaes desses indios, como se viram livres em a Corte dos testemunhos das *virtudes angelicas*, e trabalhos afrontosos de seus mestres, e assim com a esmola que a Rainha lhes mandou dar, foram remettidos com o Governador em paz para suas aldêas; e por se entender a malicia do procurador, mandou a Rainha D. Luiza de Gusman, que ainda então governava, castigar rigorosamente os culpados e muitos corregedores se offereciam a vir executar este castigo, que os Padres sempre impediram por não convir aos Missionarios do Santo Evangelho mais que pedir a Deus se compadessesse de suas almas, contentando-se que a Rainha encommendasse muito ao novo Governador que o fim para que o mandava ao Estado do Maranhão, era principalmente favorecer aos Missionarios em a propagação da fé, e esta recommendação lhe fez ella muitas vezes, até ainda quando estava dando a menagem, como o affirmou o mesmo Governador Ruy Vaz de Siqueira, ao Padre Salvador do Valle, ainda que tudo obrou logo pelo contrario com a mudança do Governo, que tomou El-Rey Dom Affonso.

Foram logo começando as mortes entre os indios Aruaquizes, homens da tropa e indios das aldêas, que estavam em o forte da estacada de páo a pique, acudindo com grande vigilancia a fechar a porta por onde os inimigos tinham entrada com aquella negaça, para que não entrasse a multidão dos barbaros que vinha atraz em soccorro, até que

os barbaros, com o estrondo das armas de fogo deixaram o campo e, sahindo do reducto, se puzeram em fugida, imaginando que vinha maior poder sobre elles. Até o Padre Missionario da real e militar ordem de Nossa Senhora das Mercês, o muito reverendo frei João da Silveira, escapou por misericordia de Deus, com um alfange e uma rodella em as mãos, como capitão que tinha sido, sendo ainda secular, ficando o companheiro com a cabeça quebrada durante o conflicto, por querer livrar a um pobre morador do Maranhão, chamado Rosa, a quem os inimigos levaram ás costas para o matarem depois, a sangue frio, em o terreiro de sua aldêa, como costumam. Foi então que succedeo um caso extraordinario a Francisco de Miranda, que ia por lingua e interprete da tropa ; o caso foi este. Vieram com a tropa passada estes indios Aruaquizes, que estavam de paz, a pedir aos Missionarios da Companhia de Jesus que não fosse esse homem a taes sertões, pelo máo trato que lhes dava e aggravos que delle tinham recebido, e quando não infallivelmente o haviam de matar ; avisaram-o com muita caridade os Padres da resolução que os indios tinham tomado de lhe tirarem a vida com morte violenta, porém elle recebeo o aviso com tanta raiva e furor, cuidando que com isto lhe tiravam o remedio, que nos ajustamentos e consultas que se faziam contra os Padres ao tempo do motim, era o primeiro que se adeantava a todos, ferindo e acutilando com espada a alguns moradores, que lhe extranhavam a sua muita insolencia ; porém como andava sempre tão acompanhado de gente para beber, não havia ninguem que em publico se lhe atrevesse de oppor, e para mostrar que o aviso e conselho que os Padres lhe tinham dado fôra sem fundamento, nas primeiras tropas que o Governador fez, partio logo para o sertão com o cargo de lingua e interprete dos indios para se lhes impor seus captiveiros ; e os indios Aruaquizes como o achavam em suas terras lhe cumpriram pontualmente a ameaça que lhe tinham feito, porque, vendo já o cabo da tropa, Antonio Arnau, cahido, logo investiram com algazarras e festas ao triste Miranda, indo-o buscar a seu rancho, guiados

por um espia que traziam comsigo ; ahi, em o mesmo logar, pegando-lhe uns pelas mãos, outros quebrando-lhe a cabeça acabou miseravelmente a vida. Deixando atraz outras mais mortes, que não refiro, me passo a uma só, para contar brevemente o que succedeo a outra parte da tropa, em que ia Pero Silveira, chamado juiz do povo, com outros muitos seus sequazes. Foram estes pobres e mal afortunados homens caminhando com muita quantidade de indios, a buscar os captivos que se lhes tinham promettido, com grande festa e alegria, considerando-se ir com muitas riquezas e novos engenhos de assucar que iam fabricando em sua imaginação, como affirmaram os poucos que escaparam do conflicto. Os indios Aruaquizes, que levaram por guias, os foram mettendo e empenhando pelos mais interior do sertão, onde tinham os espias emboscados e preparados para seus diabolicos intentos; os pobres homens, cançados da aspereza do caminho, vendo que a escuridade da noite lhes impedia a jornada que tinham começado, tornaram de novo a inquirir dos guias fingidos a certeza dos escravos que com tanta fadiga e ancia buscavam ; os indios tudo lhe facilitavam, segurando-lhes tudo quanto desejavam em suas povoações, e para que o lucro fosse mais copioso os guiavam ás aldêas mais interiores do sertão, Mettidos os tristes caminhantes em as emboscadas ouviram de repente uma grande grita, que é costume que usa todo o gentio antes da peleja, e com este signal saltaram dos mattos a arremetter a gente da tropa e a quasi todos tiraram a vida em tal escuridão, sem escapar mais que um pobre indio que lhes sahiu das mãos, mettendo-se pelos sertões incultos e mattos despovoados, para poder escapar mais livremente desta inopinada traição ; só a Pero Silveira, chamado juiz do povo do numero, leváram vivo para lhe darem mais prolongado tormento, e para com sua vida se armarem cavalleiros a seu costume gentilico, que obram da maneira seguinte. Os indios que fizeram mais façanhas em a guerra e se avantejaram aos outros em esforço e valentia, antes de lhe darem titulo de cavalleiro, fazem que padeça primeiro por tempo de um mez grandes jejuns e abstinencias, como um abstinente e solitario

anachoreta, e depois, ajuntando muitos vinhos para a festa, para cujo gasto se fintam os parentes e amigos, o trazem para o meio da aldêa e dahi o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que tem mui bem ornada de varias pennas e é toda de palma, nem serve mais que para este ministerio; ahi se occupam, uns com danças, outros com assobios e folias, em signal de alegria, porém os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas pelles de onça e outros animaes que tem guardadas e arroladas para este fim, para experimentarem se é soffredor de trabalhos e contente em o padecer; cuidam que este é o maior favor que se lhe faz; o cavalleiro que se ha de armar está com tanta paciencia em as pancadas, que não dá de si um gemido nem mostra ter tormento algum, e se houvesse algum que mostrasse, ficava incapaz de tal honra e infamado em geração.

Depois destas ceremonias, trazem os velhos executores dellas muita quantidade de formigas e outros animaes e bichos que mordem muito, e levam ao padecente cavalleiro para que o mordam e maltratem.

Acabado tudo isto, o tornam a pendurar mais, por espaço de oito dias, ao cume mais alto da casa nova, feita de palmas e para serem todos testemunhas de sua paciencia e perseverança em aquelles martyrios que lhe dão, armam suas redes debaixo delle, assistindo-lhe, e como estes oito dias são os ultimos, nelles lhe apertam mais o jejum, tendo a casa ornada de quartos de carne de porco do matto, e andando seus parentes com outros indios continuamente a comer e beber á sua vista, com danças que fazem de noite e de dia, sem socego algum, ao som de seus instrumentos barbaros, festejando sua ditosa sorte e dando-o por muito honrado da grande dignidade a que honrados o levantam.

O officio das velhas que nunca estão em casa ociosas, é irem todas juntas em dança, com aguas cheirosas, ás tardes e manhãs a laval-o e todas lhe praticam que não desfalleça em os trabalhos que brevemente passam, pois só são apparencias para a honra que ha de gozar entre elles, que até estes barbaros não sabem dar premio sem merecimento, e assim o tem

como cousa sagrada, levantando-o e abaixando-o por umas pelles de tigre, sem ninguem ser ousado a tocal-o nem ainda com a mão.

Deixo outras experiencias que vão continuando, para não cortar o fio á minha historia, por serem ceremonias sabidas de que usam todos os indios gentios, e ainda christãos pelo rio das Amazonas; porém, com distincção que os gentios matam os inimigos que tomaram em guerra, e os christãos matam um animal de estima que criam em casa por lhe ser prohibido pelos Missionarios serem homicidas em sangue frio de seus adversarios.

Passadas estas experiencias, começam a armar cavalleiro este novo soldado, que ordinariamente é filho dos mais notaveis dos principaes e muitas vezes parece um retrato da morte, pelos jejuns e experiencias que de seu valor fazem; vestem-no de suas armas e elle sae ao terreiro qual um......... empennado com pennas de varias e graciosas cores, leva á cabeça um como morrião de varios pennachos, tecidos com graça notavel e assim, bizarro e galante, passeia por todo o terreiro com seu arco e fréchas e páo de matar gente, que chamam Ybirassanga em lingua geral dos indios, á maneira de espada em a mão. Chegando-se ao prisioneiro, o qual está atado com cordas de algodão a um páo que tem posto no meio do terreiro, para que não fuja, entre os applausos da alegria, como succede muitas vezes fugir o prisioneiro, ahi o frécha com o arco, outra vez lhe quebra a cabeça com o páo que traz á cinta, obrando em o preso varias crueldades. Pareceu-me escrever com esta funebre elegia a morte desse pobre juiz do povo, para que cada um veja deste exemplo o fim em que veio a parar, dando com sua morte nome ao gentio, porque o cavalleiro fica com o nome do primeiro que tyranicamente matou. Aconteceu-lhe esta desgraça seis mezes depois de governar o motim; de crer é que, como sua morte foi tão prolongada, haveria Deus misericordia delle, e se arrependeria dos males que fez e da perda de tantas almas, do que foi cumplice em seu cargo de chamado juiz do povo. Os ossos do sargento mór Antonio Arnau foram depois levados ao Maranhão, e de sua casa levados a enterrar

em uma caixinha posta em tumba, á Igreja de Nossa Senhora do Carmo, e ao entrar da porta, escorregando a caixinha, cairam ao chão. Deus perdôe a sua alma pela intercessão da Virgem Senhora Nossa. Pareceu-me bem referir aqui como este desgraçado Sargento-Mor Antonio Arnau, feito cabo da tropa, me veio visitar á casa de Santo Alexandre do Pará, onde eu era então Superior, e me perguntou se ficava excommungado em razão da expulsão dos Padres, e respondendo-lhe eu que sim, caso que tivesse ajudado para a dita expulsão, disse que elle não ajudara para expulsar os Padres, mas ajudara-os para partirem para o Reino, onde se acha quão difficultoso é conhecerem os homens sua culpa para se emendarem. Melhor fortuna teve um Indio christão e forro das aldêas, que pela mesma occasião foi preso e amarrado para se matar em terreiro, como contou o ajudante Antonio de Oliveira ao Padre Salvador do Valle em Cametá, e tinha da boca do mesmo Indio a quem succedeu ; o caso é: Que estando tambem elle atado para se matar depois de Pedro da Silveira, pelo terem apanhado em a guerra, considerando o pobre que morria como gentio, sem confiissão, se pôz com grande dor do seu coração a chorar sua desgraça, pedindo a Deus lhe concedesse não perder a vida sem primeiro se confessar com os Padres Missionarios. Depois desta petição se viu subitamente livre das fortes prisões em que estava atado, e secretamente em o maior silencio da noite, pelo meio das danças e folias em que estavam os Aruaquizes, festejando sua sorte, se metteu pelo matto e depois de muitos dias de jornada veio a parar em uma aldêa de paz, onde contou toda o referido a este Ajudante e aos indios, que levava em sua companhia, que se espantaram com sua vista, tendo-o já por morto, em poder destes crucistigres tão vingativos dos aggravos que se lhes fazem. Com estes funestos successos, voltaram os homens da tropa escapos, com pouco lucro, assim do Governador que os mandava, como dos que iam interessados, para que se veja que todos nossos successos pendem da mão de Deus. Na retirada lhes deu um mal de sarampo, de que morreu muita gente e ao fim deu tambem em pobres indios de varias aldêias e logo se espalhou o mal por todas as Capitanias, isto ainda antes de

se acabar a peste das bexigas. Ninguem poude conhecer de onde vinha aquelle mal ; alguns diziam que vinha do Quito, porém o certo é que foi occasionado de nossos peccados com que...... ....a Divina justiça a nos castigar; mais mortes haveria se os Padres Missionarios não tivessem acudido não só com os Sacramentos para cura das almas, mas ainda com as meizinhas para saúde dos corpos, cumprindo o que disse Christo, *Euntes predicata evangeliis et male infirmis Matt. c.*

CAPITULO 12º.

COMO SE HOUVERAM OS PADRES DO PARA' EM TEMPO DAS BEXIGAS DAQUELLA E MAIS CAPITANIAS CIRCUMVIZINHAS

Com a vinda do Governador Ruy Vaz de Siqueira vieram as bexigas á Capitania do Maranhão e de lá passaram ás mais ; começaram em a Pará em casa de Clara de Souza, mulher das ilhas, e lhe mataram seu filho; de lá, como eram bexigas contagiosas, se foram espalhando pela cidade e Capitanias, com tanto estrago dos indios que acabou a maior parte delles, morrendo tambem alguns filhos da terra que tinham alguma mistura. O Padre Manoel Nunes, Superior da missão, com o Padre João Maria, o Padre Salvador do Valle, Pedro Luis Gonsalves acudiam em o Maranhão com o cuidado e zelo, que já temos dito em outro capitulo ; eu, com o Padre Gaspar Misseh, acudia pelo mesmo modo, para a banda do Pará. E porque não eramos mais que dous, e o Padre Gaspar Misseh era pouco versado na lingua, carregou o maior trabalho sobre mim só, como tambem pelas aldêas faltavam os Missionarios que tinham sido expulsados, e alli estavam postos capitães que as governavam, esses vinham buscar o Padre e o levavam para administrar Sacramentos e doutrinarem os Indios della. Aconteceram por aquelle tempo alguns casos dignos de memoria, que aqui se devem referir, para maior gloria de Deus Nosso Senhor.

Começando esta praga pestilencial em a cidade do Pará, tinha eu ficado, com alguns de maior autoridade, que se elegesse

S. Francisco Xavier por Padroeiro, para aplacar a Ira de Deus, e que para isso se faria uma procissão com Missa cantada e pregação, que correria por minha conta ; e estando nós por isto, se tinha posto escriptinhos pelas portas das egrejas, para que viesse em noticia de todos esta devoção ; porém não se effectuou nada, porque dizendo depois muitos que tinham pejo de invocar S. Francisco Xavier, Padre da Companhia, para lhes valer contra as bexigas, tendo elles expulsado seus irmãos, os Missionarios do Estado, com que continuaram a morrer como dantes ou mais ainda, só em nossa casa não morriam por terem invocado o Santo Apostolo Padroeiro de nossa egreja, e ouvindo aquillo o Sargento-Mór Bernardino de Carvalho estranhou muito a desconfiança dos moradores, e tendo alcançado um bello registo do Santo, que lhe dei, o pôz em sua casa, pedindo-lhe seu favor, e foi cousa admiravel que nenhum, nem de sua casa em a cidade, nem de fóra della, em a roça, morreu de bexigas, sendo que tudo ao redor ardia dellas e, o que mais é, tendo-lhe fugido quatro escravos, logo tornaram a apparecer, como elle mesmo me referio a mim, que lhe tinha aconselhado aquella devoção. E como quer que eu só sabia a lingua da terra, ia correndo todas as aldêas, desobrigando-os e administrando os Sacramentos aos doentes, e mettendo os bexigosos em um rancho, pondo os que estavam já melhorados para lhes servirem, aconteceu um dia que, tendo vindo buscar-me João de Souto, capitão da aldêa dos Tupinambás, fui logo ao matto com sobrepeliz e estolla e oleos santos, para ungir uns indios do Gurupy que estavam morrendo ; um delles achei já fallecido por se não ter apressado o capitão, conforme eu lhe requeri em o dia anterior. Os outros dous estavam sem falla havia quasi dous dias. Um delles me deu signal apparelhado com actos de fé, esperança caridade e contricção, e se absolveu logo absolutamente, outro sob condição, fallecendo ambos logo depois de eu chegar a elles. E por este successo se confirmou o parecer de nunca negar aos moribundos a absolvição, sob condição, ainda que não tenham dado nenhum signal, por me mostrar Deus, aquella occasião, que esses dous tinham esperado ha dias a morte, para fallecerem absoltos. Indo eu

desobrigar á aldêa de Carnapió, aconteceu cahir o meu José de riba de um sobrado, ficando sem falla; acodi-lhe com meisinhas da alma e do corpo, conforme permittiam as circumstancias do logar, e melhorou com o favor do Céo com as meisinhas e sangrias que lhe deu o capitão da aldêa, e ficando logo expedito para continuar o dia seguinte em meu serviço. Estando em a mesma aldêa desobrigando os indios della, senti-me fortemente movido a passar por outra e pedi com tanta instancia ao capitão Bicudo, um dos que tinham vindo de S. Paulo, que finalmente me acompanhou para lá. Indo de caminho, veio encontrar-nos um alferes da aldêa de Varucura com um cacho de pacobas, e perguntando-lhe eu para onde ia respondeu-me que ia em busca de mim, por que havia noites que se via um Padre grande andar pela aldêa tocando uma campainha que se ouvia, e por quanto sua filha estava muito mal das bexigas vinha buscar confessor. Entendendo eu que devia de ser São Francisco Xavier, disse ao indio: vamos, filho. Fui, instrui e confessei a doente, dispondo-a para bem morrer, e tendo visitado aos mais doentes da aldêa toda, me recolhi para a aldêa de Carnapió. Tendo vindo o principal da aldêa do Cametá em busca do Padre em uma canoa mui limitada, embarquei-me com o irmão Marcos Vieira, com o incommodo que se pode considerar; era uma viagem de trinta legoas, pouco mais ou menos. Logo que cheguei á aldea achei-a toda abrazada de bexigas. Mandei logo ajuntar todos os mais perigosos em um rancho grande para ensinar a confessal-os, e não é crivel quanto me custou a confessar uma velha que dizia não tinha peccado; em o dia seguinte confessei e dei a communhão a todos que achei capazes, e como faltavam uns, fugidos para o matto, mandei-os chamar; vieram elles, e os estive confessando grande parte da noite, com grande molestia que me davam uns bichos que chamam tungas, que entram em os pés e causam uma intoleravel comichão; só faltou um, o qual fui buscar, navegando ao redor das ilhas, que estão pelo meio do rio, e tendo-o buscado muito tempo o descobri, finalmente, pelo fedor, porque estava deitado já morto e fedorento em sua rede. Da aldea do Cametá sahi pelo rio arriba para os Tocantins, a desobrigar tambem aquella aldea toda;

faltavam tres pessoas fugidas para o matto, mandei-as chamar muitas vezes e como tardassem, permittio Deus Nosso Senhor que os seus inimigos os frechassem e ferissem seus parentes, os quaes então os trouxeram para a aldêa, mas tão cobertos de bexigas e podridão que faziam horror aos seus proprios, os quaes vendo que o Padre os queria confessar me disseram me guardasse de chegar a elles porque não era soffrivel o ruim cheiro que de si lançavam. Tinha eu algum receio de os não poder entender bem, mas foi Deus servido que os entendesse melhor que os outros, e o seu ruim cheiro me parecesse um cheiro agradavel, como de um pão branco quando se tira do forno, sendo que para confessal-os era forçoso pôr minha boca junto aos ouvidos delles, cheios de ascorosa materia das bexigas de lixa, de que estavam cobertos todos. Da aldêa dos Tocantins fui acudir a uns escravos de um senhor de engenho, Antonio Ferreira, e de lá á aldea do Cumarú, onde casei o principal José Tabaraxi, desobrigando tudo quanto achava. Estando em o fim eis que chegou a mulher do Sargento-Mór do Cametá com sua mãe em uma canoinha, em busca de mim, por estar morrendo seu marido. Embarquei-me logo e acudi ao doente antes que fallecesse. De lá parti a desobrigar a gente das fazendas e engenhos dos moradores; e foi cousa digna de se notar que morrendo os indios por onde andava, não me morresse nenhum remeiro nunca. Indo á aldea de Mortigura achei uma moribunda que cuidavam ser baptisada, porém quando tratei de a confessar descobri ser gentia; com que a baptisei e morreu baptisada. Tinha o Padre Superior Manoel Nunes, o velho, levado comsigo o irmão Balthazar de Campos, e o deixado com o Padre Manoel Pires em a aldea de S. João Baptista da Capitania do Gurupy quando se passou do Pará ao Maranhão. Foi notavel a caridade com que estes dous caritativos religiosos acudiam aos que morriam de bexigas, porque, tendo pegado o mal pestilencial geralmente em todos os indios que se achavam em a aldêa, não havia quem pudesse enterrar os defuntos senão elles, que comasco os curavam, os amortalhavam, lhes faziam as covas e os enterravam, acudindo o padre Manoel Pires antes de tudo a confessal-os e sacramental-os.

CAPITULO 13º.

VEM O PADRE SUPERIOR MANOEL NUNES VISITAR O PARÁ, TRAZENDO EM SUA COMPANHIA ALGUNS PADRES, E CONSULTOU O GOVERNADOR A GUERRA CONTRA OS ARUAQUIZES, SENDO OS PADRES DE CONTRARIO PARECER.

Acabando-se já as bexigas, veio o Governador ao Pará e ao mesmo tempo o veio visitar o Padre Manoel Nunes, e trouxe comsigo o Padre João Maria e o Padre Pedro Poderoso. Visitou o Collegio e algumas aldêas, dando-lhe o Governador ajuda de custo, conforme manda uma Provisão d'El-Rei que temos para isso... e que fiz confirmar-le dar de novo, achando-me em a Corte esta derradeira vez, sobre os negocios da missão. Estando os Padres em o Pará, pareceu bem ao Governador consultar com elles a justiça da guerra contra os Aruaquizes, a qual desejava muito se pudesse conseguir por lhe dizerem os alvitreiros ambiciosos que tiraria della quinze ou quando menos doze mil cruzados; por esta causa ia preparando com grande diligencia gente de todas as Capitanias para ella. Só se lhe representou um impedimento, que embargava a execução, que era que a Lei d'El-Rei Dom João o 4º mandava que nenhum Governador fizesse guerra offensiva sem voto do Padre Superior da missão e mais Prelados das religiões, com que se levantou a maior persecussão que tivemos depois da alteração do povo, porque o Governador movido de seus interesses queria que dissessem os Padres da Companhia que a guerra era justissima, e os Padres, segundo as leis da consciencia, lhe diziam que lhes parecia que era injusta, pelas mortes, degolações e captiveiros injustos que se tinham feito entre aquellas nações em tempo de seu governo. E por mais que nos escusassemos de votar aquella materia, não foi possivel, porque os outros que haviam de votar, como não eram letrados, diziam que estavam pelo que diziam os Padres da Companhia de Jesus; com estas palavras se puzeram á banda todos. Apontamos ao Governador varios meios racionaes por onde, segundo as leis da consciencia, se podia obrar tudo seguramente, e mostrou depois a experiencia que só estes eram verdadeiros e

proveitosos, e os que seguia o Governador, por sua cobiça, foram a ruina do Estado. O meio que apontavamos, os Padres, era que, visto aquelles indios hospedarem com grandes festas os Missionarios, iriam lá em missão dirigida para propagação de nossa Santa Fé, como El-Rei mandava; e como eram tantas aldêas se tiraria inquirição dos delinquentes e se castigariam, e os innocentes ficariam sem castigo ou pena. Este meio tão justo não quiz admittir o Governador, porque intentavam captivar todos, porém sem effeito como se verá depois. Não é crivel quanto sentiu esse homem, cego da cobiça, o parecer que se lhe deu, porque temia que então El-Rei lhe mandasse julgar os indios Aruaquizes, que tornasse por livres, e perdia o gasto com o trabalho. Umas vezes entrava pelo cubicolo do Padre Superior Manoel Nunes, dizendo quem tem inimigos não dorme, e outras bradava ao povo da janella que não havia escravos, porque os Padres não queriam; porém como os homens nobres lhe não approvavam esta guerra e deram por escripto seus votos que não convinha, não faziam caso de suas vozes. Vendo logo que nada sahia a seus intentos, deu por suspeitos os Padres Portuguezes, e queria só por Juiz de tudo a mim, estrangeiro, Allemão de nação, e por então Superior da Casa de Santo Alexandre, em Belém do Grampará, e fiando o Padre Superior sua consciencia em minha, pedi um pouco de tempo e fiz um arrazoado por escripto, mostrando as razões, todas fundadas em direito, que algum dia estudara sendo secular, que a guerra contra os Aruaquizes era injusta e por nenhum modo se podia dar. E na verdade era materia de muito peso, onde havia de haver tantas mortes, assim de adultos como de meninos e ainda innocentes, por quanto os indios que commummente são a maior parte da guerra, nada reparam, e matam cruelissimamente a todos que encontram. Com estas razões e com a falta de mantimentos que havia por então pela Capitania do Pará e Gurupá, parou a guerra aquelle anno; porém foi o Governador secretamente dispondo as cousas para ella o anno seguinte depois de ter noticia do Reino, que lá andavam as cousas algum tanto embrulhadas; seguindo logo seu proprio parecer com os de algum de sua parcialidade, mandou uma valente tropa contra

os Aruaquizes, o anno seguinte, indo por cabo della Francisco da Costa Favella, homem guerreiro e grande sertanejo Foi este assolando aquella nação, porém com pouco proveito, por só matarem os indios pelo interior de seus sertões. Mandou tambem o Capitão do Gurupá, Paulo Martins Garro, uma tropinha com João Palheta, que, pelo bom successo, foi provido em o cargo de Capitão de Infanteria. Preguei por aquelle tempo ás almas em a igreja da Misericordia, estando presente o Governador, e como esta santa casa não tinha meios com que acudir aos necessitados e mais obrigações, dei por alvitre que se poderia descer do sertão uma aldêa de indios forros, que livremente quizessem vir para esse fim. Agradou a todos a minha proposta, e como, acabado o sermão, me fui assentar junto ao Governador, que me fazia graça de ser amigo meu, conchavámos que se puzesse por obra, havendo quem descesse aquella aldêa. Tomei o negocio á minha conta e logo escrevi ao Capitão-Mór do Gurupá Paulo Martins Garro, que em outro tempo me tinha fallado em uma aldêa de Tacoayapes, para que a mandasse para ajudar a Santa Casa da Misericordia ; fel-o elle assim sem nenhuma dilação. Veio a aldêa, que constava de alguns oitenta casaes ; fez-se o compromisso pelo Provedor e Irmãos da mesa, e o Capellão da Misericordia, á qual veio o mesmo Governador que esses Indios tivessem sua aldêa a parte com seu Capellão, que os instruisse e sacramentasse, e que a metade do tabaco, assucar e todo o mais que fizessem fosse para se vestirem e remediarem, e não tivessem outra obrigação que de andar pelas festas daquella santa casa, para o que lhes fosse mandado, para limpeza e ornato della. Era Provedor daquelle anno o Sargento-Mór Bernardino de Carvalho, ao qual encommendei, como amigo, esta obra de misericordia, para que fosse sempre em grandes augmentos e bem da salvação das almas daquelles indios ; porém, pouco ou nada se lhes guardou e assim se foram diminuindo, não havendo hoje nem a quarta parte delles ; aconteceu que fallando-se a uns dos que se tinham retirado para que voltassem, responderam: *na sutare misericordia*, que quer dizer : não quero misericordia.

CAPITULO 14º.

VAE O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA VER AS ALDÊAS, ACABADAS AS BEXIGAS, LEVANDO COMSIGO A MIM E O CAPITÃO-MÓR MANOEL GUEDES ARANHA, HOMEM DE MAIOR AUTORIDADE.

Acabada já a peste das bexigas de pelle de lixa, pediu-me o Governador, como Superior da Casa do Pará, que o acompanhasse para ir ver as aldêas como ficaram; não lhe pude negar uma petição tão justa, e por isso, em companhia do Capitão-Mór Manoel Guedes Aranha, o qual fazia os gastos da viagem em tocante ao sustento pelo caminho, embarcamo-nos todos juntos em uma canoa grande, que tinha logar bastante para tres tamboretes diante da tolda, e dentro mais que de sobejo onde commodamente estavamos todos tres. Levava o Governador seu acompanhamento mas muito limitado, porque não era homem de festas; e entre outros ia um tambor, um terço de charameleiros para tocarem pela madrugada, jantar e ceia; eu cuidava, chegando ás aldêas, de avisar os Principaes que viessem receber o senhor Governador e leval-o para seu aposento, mandar-lhes seus presentinhos, posto que limitados; feito isso, os chamava á doutrina a todos, e, acabada ella, deixava os vir fazer suas danças pela tardezinha; pela madrugada dizia-lhes Missa á todos, e feita a doutrina, iam para suas casas, e depois das horas de almoço vinham todos, homens e mulheres, diante do Governador, o qual primeiro os praticava, servindo-lhe eu de lingua, depois disso lhes dava de beber uma pouca de aguardente, que é o que mais appetecem; logo, deu a todos os indios, até os machos, ainda de mama, velorios e agulhas, da mesma maneira ás indias e suas filhinhas, com que partiram alegres e satisfeitos todos. Depois de jantar e um pouco de descanço, recebia o Governador as visitas e acabadas ellas, dando já logar a calma do dia, ia commigo visitar a aldêa, e ouvir as queixas dos indios... Chegados que fomos á aldêa de Mortigura, agazalhamo-nos, como sempre em a casa da residencia, e indo visitar a aldea levei — o primeiro pelas bellas praias do rio, e achando — nos que fomos defronte da

casa de um Principal mui autorizado, assim pelo posto como pela sua muita lealdade, a quem sem embargo disso tinha maltratado o capitão João de Souto, que governava a aldêa, quebrando-lhe até o pau de Principal sobre as costas, pedi ao Governador quizesse ir commigo vel-o. Foi elle commigo e fez-lhe o Principal suas queixas, mostrando-lhe o bastão, que o Souto lhe quebrou ás costas; consolou-o o Governador e como justiceiro mandou pouco depois o dito capitão João de Souto desterrado para a Capitania do Gurupá, em castigo de sua culpa. Acabada já a visita das aldêas do Pará, foi o Governador visitar as mais que estão para riba, do mesmo modo como tinha visitado as da Capitania do Pará; mas não o acompanhei, nem elle passou á aldêa do Xingú, que está sobre o Gurupá. Gastou em aquella viagem, em dadivas que fazia, mui bom cabedal, que sem duvida devia de ser de seu, pois El-Rei não mandava fazer essas larguezas a seus governadores. Imitou-o depois em as visitas das Capitanias, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que chegou a visitar o Gurupá, não havendo depois outro Governador que até lá chegasse, detendo-se commummente todos entre os limites do Maranhão e Grampará, tirando seu filho, que hoje nos governa, que chegou até o rio Negro, pelo anno 1695.

CAPITULO 15º.

CHEGA O PADRE FRANCISCO VELLOSO COM SEUS COMPANHEIROS AO MARANHÃO, E MANDA O PADRE SUPERIOR, EM MEU LOGAR, MANOEL NUNES SUPERIOR DO PARÁ, E CHAMANDO-ME A MIM PARA SER SUPERIOR DA CASA DO MARANHÃO.

Estando já o Padre Superior da missão Manoel Nunes e a par delle o Governador em o Maranhão bastante tempo, chegou navio do Reino com os Padres expulsos, e com lei nova passada aos dezoito de outubro do anno 1663. Os Padres eram os seguintes: o Padre Francisco Velloso, que vinha por Superior delles, o Padre Bento Alvares, o Padre Antonio Soares, o Padre Pedro da Silva, o irmão João Fernandes, o irmão João de Almeida, francez, o irmão Sebastião Teixeira, o irmão Manoel Lopes, o irmão

Antonio Ribeiro, vindo de novo do noviciado; ficaram em o Reino o Padre Superior e Visitador Antonio Vieira, o Padre José Soares companheiro, o Padre Ricardo Carrea, e o irmão estudante Antonio Pereira, que foi para o Brazil estudar curso e Theologia. Veio em o mesmo tempo o Padre Antonio da Silva, então rapazinho e sobrinho do Padre Bento Alvares, ao qual acompanhou ao Gurupy, até que depois o admittio para a Companhia, sendo eu superior da missão. A sustancia dos pontos da lei era a seguinte: Que todos os Missionarios da Companhia tornassem a ser admittidos em o espiritual governo dos indios das aldêas, ao qual seu santo zelo era muito necessario, e que tambem fossem admittidos por obreiros os religiosos das mais religiões, por ser justo que todos trabalhassem pela vinha do Senhor, e que nem uns nem outros tivessem jurisdicção alguma temporal sobre os ditos indios das aldêas, mas que as Camaras as administrassem, elegendo uma pessoa em principio de cada anno para que tivesse a repartição com o parocho de cada aldêa, para apontar os indios que haviam de servir; que os cabos das entradas ou capitães-móres para o sertão fossem nomeados pelas camaras quando ellas as requeressem, com um religioso da religião que lhes tocasse por... com tanto que tal religioso nem para si, nem para sua religião pudesse tirar, nem resgatar escravos, com pena de os perder, metade para o accusador e o mais para a fazenda real; que o cabo da dita entrada, governadores, capitães-móres, e mais Ministros e officiaes do dito Estado fossem advertidos que em nenhuma maneira mandassem fazer resgates para si, sob pena de mais se lhes dar em culpa em suas residencias e proceder-se contra elles com todo o rigor, e que em serviço das indias se profizesse o exemplo das orphãs do Reino e o que dispõe a Ordenação; porque não sendo o risco menor em a quantidade, não seria razão houvesse differença em o serviço, Tornou-se esta lei publica pelas ruas com toda a solennidade, mas pouco se observou della; o que exactamente se guardou foi não se metterem os religiosos Missionarios em o governo temporal dos indios, entrarem todos em a seara do Senhor, e repartirem-se as indias das aldêas, se bem que nenhuma destas cousas era para o bem dellas, como o mostrou a experiencia.

Com a vinda deste soccorro de Missionarios foi o Padre Superior provendo as casas e residencias das missões em o que poude ser. Estava o Padre João Maria, Superior da casa do Maranhão depois de vir do Reino com o Padre Salvador do Valle, mas por que o Padre Superior se mettia em o seu governo, desejava antes ser particular que ser occupado em superiorados, e pediu-lhe que o quizesse aliviar. Fel-o elle assim, e mandou-me vir em seu logar, indo render-me em o Pará o Padre Francisco Velloso, levando em sua companhia o Padre João Maria para ficar com as missões, me as quaes se occupou louvavelmente até hoje com muito zelo, e persiste com a missão do Xingú com o Padre João de Villar, tezo como se fôra moço, sendo de setenta e tres annos de edade ou pouco menos disso. Logo que o Padre Francisco Velloso chegou ao Pará com seus companheiros, á ordem do Padre Superior, declarei o que é de costume, e sendo-lhe entregado tudo por conta, me fui para o Maranhão sem companheiro nosso, porque me embarquei em a canoa de Manoel Cordeiro Jardim, meu amigo, que tambem levava Frei Alberto religioso de Nossa Senhora do Carmo ; a matalotagem que me deram foi um paneiro de farinha com giquitaya, e uma piroleira de aguardente, que me deu Agostinho Duarte, esta em uma quarta que servia de agua por não haver piroleira. Refero isto aqui, para que não estranhem os Missionarios modernos quando forem mandados para algures com limitado provimento, porque se um superior de uma casa, mudado para superior de outra, se não aviava aquelle tempo por seu successor portuguez, se não com esta limitação, não tem que extranhar mudar-se ás vezes um particular de um logar para outro com pouca matalotagem, quando assim o pedem as circumstancias do tempo e logar.

O Padre Francisco Velloso como achou a casa de Santo Alexandre pobrissima, e com pouca gente, que o Padre Superior da missão tinha posto em a ilha de nosso irmão Pedro Dorsaes, depois de uns dias de descanço, passou ás aldêas de Missionarios e mudou nossa gentinha para Mamayacu, pondo-lhe Juliana por feitora, casando-a primeiro com José Curemim, da Casa; ao Padre João Maria mandou para Murtigura, para o Cametá o Padre Salvador

do Valle, e Para os Ingaybas o Padre Gaspar Misseh, e para os Tupinambás o Padre Pedro da Silva, e, se achou a Casa com pouco cabedal, achou-a ao menos desendividada e sem pleitos, que é cousa de grande consideração; e teve além disso o bem que alguns indios Tupinambás que estavam morando em Guajará onde o Padre Manoel Moniz, algum dia, lhes tinha assistido, se mudaram com seu principal, Tucano, para ajudar a quem os tinha trazido de seu sertão para a roça dos Padres, que no principio si situou no Tapará, de um engenho de assucar chamado .... e se mudou depois mais para baixo para, Mamayacu, onde esteve até o presente. Eu tambem achei a casa do Maranhão muito pobre, se bem que com mais escravos, e algnns indios forros, e supposto achei poucas dividas, com tudo achei uns tres pleitos, um com Antonio Rodrigues Gouvea, outro com Antonio de Arnau ou seus herdeiros, e o terceiro com Manoel de Bequeman; os quaes todos com outros mais se acabaram com trabalho, mas bom e feliz successo. Os Padres que estavam ali eram o Padre Superior da missão, Manoel Nunes, o Padre Mestre de latim Antonio Soares, que tambem catechisava os indios, o Irmão Manoel Lopes, e o irmão Manoel da Silva, ainda noviço. Havia uma só residencia, que era a de S. José, cujo Missionario era o Padre Gonçalo de Veras. Acudia eu ás mais aldêas: á de S. Gonçalo, dentro da ilha, e dos Guajarás, sobre o rio Pinaré, e a esta acudia a seu tempo em canôa, e a outra, parte em canoa, até o porto, até o Bacanga, e parte a pé, que era o restante do porto até á aldêa, não sem grande cançasso; ás mais aldêas todas, assim da ilha como Itapecurú, corria com grande perigo e incansavel zelo o Padre Gonçalo de Veras, umas por terra, outras por mar, não tendo outros remeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrificio da Missa, por ser um delles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter alem destes uns indios charameleiros da mesma nação, com um indio velho, mestre de todos, o qual morava em a aldeia de S. José. Não havia uma gota de aguardente em casa, ou só raramente, por não haver um cannavial em a engenhoca. Mandei fazer um e outro logo; e como tambem não havia pacovas nem laranjas,

plantou o irmão João Fernandes um bem grande pacoval em a ilha de S. Francisc·, que até hoje persiste, e umas laranjeiras assim da China como da terra, que são as que hoje se veem em a nossa horta. Tinha o Padre Antonio Vieira comprado a ilha de S. Francisco, que está defronte da casa de Misericordia, por um frontal e missal; faltava-lhe agua para o gado e fez o irmão João Fernandes poças para este effeito com grande trabalho; abriu tambem o irmão João Fernandes um poço, e por dar pouca agua desistio da obra, porém depois o mandou cavar mais fundo o Padre Diogo da Costa, e deu abundante agua para todo o gado e gente da ilha, e todos quantos se querem aproveitar hoje della. Não havia sal em casa nem se achava á venda, portanto mandei fazer primeiro umas salinas pequenas por Domingos Duarte, mestre dellas, e como não prestaram, fizeram os irmãos João Fernandes, Manoel Rodrigues e Manoel da Silva outras maiores, de muito proveito, como se dirá em seu logar; em casa não se comia carne se não por uma festa, e trazia o pescador Felippe, indio nosso, cada dia a ração de peixe para jantar e ceia; pediu o Padre Superior Manoel Nunes ao Governador uma legoa de pastos sobre o rio do Mearim, do pasto das vaccas para riba uma legoa, e de ambas as bandas tudo o que houvesse por dentro do sertão; concedeu-se-lhe por carta de data e sesmaria, puzeram-se alli umas poucas de vaccas, procedidas de uma que tinha uma só teta e se criara no curral de Manoel de Bequeman, e como um Antonio da Costa, que tinha cuidado do curral, por sua caridade, deu de esmola vinte e cinco cabeças, cresceu logo tanto que chegou a um curral grande, e deu carne para todos os dias ao jantar e quantas vezes que quizessemos, quando antes era tão rara a carne em casa que, matando a onça alguma rez em a roça, escrevia-me o Padre Gonçalo de Veras assim: Padre Superior, fez-nos Deus favor de matar a onça uma rez para comermos um bocado de carne. Desta sorte se foi pondo em pé e caminho a Casa do Maranhão, pelo que toca ao temporal, comprando-se tambem em occasiões uns tapanhunos e negros da terra que por aquelle tempo eram baratos, vendendo-se os negros a trinta, e os tapanhunos a oitenta mil

réis. Pelo que toca ao espiritual, andava quasi em igual passo com o que anda de presente, porque o Padre Antonio Soares, que era mestre do latim, acudia cada dia á tarde com seus discipulos e meninos das escolas, ao cantar do terço; as confissões, que haviam bastantes, ás domingas e festas, se ouviam todas pelos tres Padres que havia, e elles mesmos assistiam aos doentes e presos; as pregações, assim dentro como fóra, com as praticas da sexta-feira e tardes das domingas pela quaresma, fazia eu todas; e, como já então havia, as estações dos passos se faziam com concurso notavel, e do mesmo modo as endoenças, armando-se o Sepulchro que o Padre Antonio Vieira, sendo Superior da missão, tinha mandado fazer por uma arte nova. Os cathecismos dos indios fazia commummente o Padre Antonio Soares ou eu, que era o cathechrista ordinario dos estudantes e meninos das escolas, ás domingas de tarde, concorrendo, além delles, gente mais devota quando se fazia em nossa egreja, e quando se fazia por fóra então era o numero muito maior. Antes de passar mais adiante, ha de se saber que faltaram varios que tinham estado em a missão: o Padre Manoel de Lima, que tinha vindo com o Padre Antonio Vieira, pelo anno de 1653 e fez o officio de commisario da santa inquisição do Maranhão, e excommungou o Cabral, dezembargador e ouvidor geral, por entrar em a casa de audiencia de commissario da santa inquisição para tirar um preso, que o obrigou a restituil-o antes de lhe dar a absolvição, e voltou para o Reino antes da expulsão, para ver se em sua patria se acharia melhor das grandes dores que continuamente padecia, pelos martyrios que os herejes lhe tinham feito padecer, indo embarcado para a India Oriental. Disse-me o Sargento-Mór Manoel da Silva, vira partir-lhe a cabeça com uma espada pelos herejes, como se parte uma melancia, e fôra depois botado ao mar. O Padre Antonio Soares, que annos serviu em o Maranhão, disse-me que fôra martyrisado em as partes secretas, onde depois se lhe ajuntara a dôr de pedra. Eu nunca tive o bem de o ver ou conhecer mais que de ouvido, o certo é que era varão a quem muito se tinha estimado em Roma, donde trouxe os dous corpos dos Santos martyres Santo Bonifacio e Santo Alexandre para Portugal, e d'ahi para o Maranhão.

Antes de se expulsarem os Padres do Maranhão, morreu em a aldêa de Sirigipe o Padre Matheus Delgado, e lá mesmo o enterraram os indios em sua egreja; era varão de grande zelo, tinha sido soldado, antes de entrar para a Companhia e vir a esta missão, onde foi uma vez Superior da Casa do Maranhão e me disse o Padre Antonio Soares que, sendo elles poucos, fechavam a Casa, e se iam á missão dos Guajarás, ou de Tapuytapera, onde depois me veiu a receber pelo anno 1661, indo-me eu com o Padre Gaspar para o Pará, e levou-nos para sua residencia, tratando-nos com muita caridade. Delle se conta que, como tinha fallecido um indio, em ausencia sua, sem confissão, logo que o soube, reprehendeu muito os que o tinham enterrado e mandára abrir a cova, e ella aberta, vivera o indio e se confessára. Isto ouvi de nossos Padres. Não lhe deixou a sua doença logar de chegar ao Maranhão, tendo de sua banda o vigario João Maciel e os Reverendos Padres de Nossa Senhora do Carmo e das Mercês. Quizeram dizer alguns que lhe tinha dado peçonha alguma pessoa, contra as quaes pregava, por andarem escandalosamente amancebadas. Não o quiz nunca mandar desenterrar, porque os primeiros Missionarios elegeram antes serem sepultados entre os que vieram buscar, que em outra parte, para resuscitarem com elles em o derradeiro dia de juizo. Disse delle que era varão de muito zelo e caridade para que........ . ... a Rainha das virtudes, tambem teria todas as mais em grau superior. O seu companheiro Amaro de Souza morreu em o Reino de uma queda que deu da cavalgadura. Era natural do Maranhão, bem moço, muito quieto, modesto e obediente a tudo que lhe mandavam. Ficou estudando theologia o Padre Francisco da Veiga em o Collegio de Coimbra, donde passou para a missão da India, parecendo-lhe se acabaria já a do Maranhão; de lá me escreveu algumas vezes a mim e ao Padre Antonio Pereira, que Deus tem, mandando peças de bellas sedas, pedras de cobra e duas bocetas de calim, das quaes puz uma em a sachristia do Maranhão, e outra em a do Pará, e ambas ellas estão servindo por serem mui limpas e lindas. Dizia em suas cartas ultimas que o Padre Gonçalo lhe mandara patente de Reitor de Macáu e que elle se escusara, estava em as

entradas do Sião e tinha fundado muitas egrejas e christandades. Era homem de muita caridade para com os pobres, de que sou testemunha de vista, pois tive o bem de estar com elle, seu companheiro, em Murtigura, pelo anno 1661, e aprender delle os principios da lingua geral; depois de ter estado primeiro em Xingú, assistia já ha annos em Murtigura; foi preso com os mais em Gurupá e mandado para o Reino, em companhia dos Padres Francisco Velloso e João Maria e outros, que foram em o patacho de Simão dos Santos. Não voltou tambem para a missão o Padre Antonio Vieira, porque o deteve Sua Magestade, e em quanto esteve em a Côrte quiz o nosso muito Reverendo Padre Geral ficasse sempre com o cargo de visitador geral desta missão; elle é que verdadeiramente a foi restaurando, mas não fomos dignos de gosar mais de sua presença. Escreveu-me do Brazil, uns annos, que desejava vir ser meu companheiro em as missões do rio das Amazonas, e o achei em o Collegio da Bahia quando por ordem dos Padres fui dar conta da nossa expulsão ao Padre Provincial da Provincia; e escreve-me o Padre Jacob Coelho de lá, em suas cartas, aos quatro de julho do anno 1696 estas palavras: Pater Antonius Vieira etiam... provincia nostra, degit consotio Josepho Soares sua Clavi Prophetarum exfabricanda... operam novam; augeat illi Dominus rite dies et annos ut nil infectum relinquat. Não fallo aqui mais largamente deste incomparavel varão, porque, sendo a corôa e o prodigio de nosso seculo, mais largo tempo e melhor penna que a minha pode fazer o seu louvor. Não fallo da prisão desse incomparavel varão, preso.........., de Coimbra, por umas informações da gente.......... e pouco affecta, acerca de alguns pontos de algumas suas prégações, porque se lá padeceu alguma.........
.... a sua fama foi para subir depois de ponto, em a Santa Inquisição de Roma, onde lhe foi restituida com summo louvor............,.. que parecia louvor de um santo Padre.

CAPITULO 16º.

TRATA O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA DE INTERPRETAR AS LEIS NOVAS CONTRA OS PADRES MISSIONARIOS, MAS EL-REI, INFORMADO, LHE IMPROVA E ENGEITA.

Como o Governador andava temeroso sobre a Lei de Sua Magestade, que provavelmente haveria de vir do Reino, e ella como lhe tinha predicto o Padre Manoel Pires, sonhador das cousas futuras, lhe mandaria tirar o governo temporal dos indios com que estava desde a expulsão dos Missionarios, tinha posto ordem pelo Maranhão que ninguem, de qualquer qualidade e condição que fosse, desembarcasse em terra, sem primeiro lhe levarem aviso ao Pará, onde estava actualmente, tratando de suas negociações, e vinha a resultar da ordem dar dous mezes de prisão apertada em o mar aos navegantes, tudo isto ordenado para ver se poderia impedir a Lei que lhe prohibia os indios escravos, que com tanta ancia buscava, como evidentemente o mostrou o effeito; porém como ficava governando o Maranhão, em seu logar, Agostinho Correa, que já tinha sido outra vez guarda e era homem affecto á missão e lhe parecia que esta ordem se não devia entender com os Padres, foi pessoalmente com a Camara e mais povo, com grande festa, a buscar recebel-os a bordo e trazel-os a nossa casa, com toda a cortezia. Fez-se aviso ao Governador do Pará da vinda do navio do Reino com os Padres, o procurador do povo e nova Lei de Sua Magestade que comsigo trazia. Veiu logo e teve taes traças, subornando com dadivas e promessas aos particulares da Camara que reclamassem outra vez ao Rei sobre esta sua Lei, mandando novo pro curador, que morreu na empreza, em Lisboa. Repartiram-se os Missionarios pelas christandades, sem embargo do impedimento que o demonio lhes punha, tratando só das almas dos gentios com simgular paciencia em a administração dos Sacramentos, á maneira de caçador que espera a caça, para empregar o seu tiro, porque havia muitas povoações que careciam totalmente de quem as administrasse, por estarem os indios novamente descidos do sertão e muito pobres e não ter com que pagar os

sacerdotes e ministros capelães, que lhes não queriam servir de graça, como fazem os Missionarios da Companhia de Jesus. As interpretações que o governador dava ás novas Leis de Sua Magestade eram as seguintes : Primeiramente, sobre o ponto que diz que os Missionarios serão repostos em suas egrejas, pois as tinham levantado com sua industria e despeza, e haverão dellas... e precalsos, e que, como mestre da ordem de Christo, os tinha emmittido de posse dellas, replicava que se entendia este ponto só em a egrejas que os religiosos da Companhia de Jesus tinham em as quatro capitanias do Maranhão, Gurupy, Pará e Gurupá, entre os moradores, e de nenhuma sorte se entendia quanto ás aldêas e povoações dos indios. Em segundo logar, sobre o ponto que dizia que o Missionario apontaria os indios para servirem, e as Camaras nomeariam o repartidor para apontar os moradores que necessitavam de indios para suas lavouras, disse que tinha que replicar a El-Rei sobre este ponto, e com outras replicas com fundamento confundia o ponto mais essencial da lei que mais lhe tocava ao coração, e cortava a raiz de seus interesses, e prohibia as guerras e extorções passadas. Mandou El-Rei que nenhum governador ou capitão-mór, nem cabo de tropa, nem missionarios fizessem por si, nem interposta pessoa, indio algum escravo, e fazendo-o, seria perdido e se lhe daria em culpa, nem faria o governador tropas se não quando a Camara daquelle Estado lhe requeresse. Para fazer mais materiaes estas suas interpretações frivolas, com que capeava a sua cobiça e interesse, intimando que isto era o que convinha ao bem do povo e augmento do Estado, as mandou apregoar com trombetas pelas capitanias ; porém a injustiça e engano não lhe sahiram a seu gosto ; porque a Camara do Pará, onde mais se ateava este fogo, lhe mandou fazer um protesto pelo provedor do Conselho, que não queria estar por suas interpretações nem guardal-as, pois mudavam o sentido da Lei del-Rei, a qual tinham apregoado o anno passado em seu verdadeiro sentido. Com esta proposta recorreram a El-Rei e sahiram providos, mandando devassar do governador, como se fez, acabando seu governo, e estando elle mandado retirar-se por um tempo da cidade para a ilha da Tuxa, e de-

pois para a ermida de S. Marcos, e finalmente acolheu-se em S. João da cidade. Se alguem foi desejoso de saber porque razão este governador sempre se mostrou quasi desde o principio de seu governo até o fim contrario aos Padres Missionarios da Companhia, deve de saber que não foi outra que persuadir-se que lhe estorvavam seus interesses com os seus pareceres, não querendo ter um mesmo sentir com elle para se conseguir o que intentava em ordem a suas ganancias. Mostrou-se isto claramente em duas occasiões : uma e a primeira foi não querer o Padre Superior da missão tornar a mandar Missionarios para a missão das serras de Ybiapala ; a segunda não aprovarem os Padres a guerra que desejava dar aos Aruaquizes. Tocante á primeira occasião, ha de se saber que, tendo-se vindo da serra os seus dois Missionarios, como fica já dito atraz, vieram depois os indios de lá requerer outra vez algum Padre para lhes assistir em seus sertões, levantou-se uma grande controversia entre o governador Ruy Vaz de Siqueira e o Padre Manoel Nunes, Superior da missão, sobre esta materia. Queria o governador que se deferisse ao requerimento dos indios, e o Padre Superior lhe não queria deferir ; a razão que dava o governador era ser isso em grande serviço de Deus e das almas, que, por falta de Missionario, ficavam desamparadas ; e a razão do Padre Manoel Nunes era, que não era tanto serviço de Deus irem os Padres para a missão da serra que para outras missões para as quaes os havia de mandar, porquanto a missão da serra, além de ser muito afastada e se não poder visitar, nem se lhe poder acudir com o necessario, tinha seus indios tão voluntarios, que pela confissão dos mesmos Padres se não podia esperar fructo entre elles senão em lhes baptisar os meninos, e por estar lá actualmente o principal Simão, indio amancebado, ao qual os Padres queriam mandar prender, por sua escandalosa vida, o que não puderam effectuar por elle se levantar contra os brancos, que lá tinham ido por ordem de Sua Senhoria, sem fallar do muito que lá padeciam os Padres pela grande falta que havia de sustento de vida, e assim não era serviço de Deus que voltasse a aquella missão. Estas eram as razões que o Padre Superior da missão allegava claramente ao governador, e

as que calava comsigo eram que, como o governador tinha perdido fazenda consideravel com a retirada que tinha feito o cabo Carvalho, que para lá tinha mandado ao resgate, principalmente do ambar, por ficar em mãos dos barbaros sem esperança de cobral-a, e queria mandar os Padres com uma tropa de soldados, aviando um barco para leval-os pelos lençóes, para assim se lhe não ficar fechada a porta de suas ganancias, que esperava com a assistencia dos Padres para a cobrança de sua fazenda e emprego della, e outra que mandaria para o resgate do ambar que esses indios tinham e descobriam a cada passo por essas praias do mar. E porque isto não parecia bem ao Padre Superior da missão, mandou-lhe o governador fazer um protesto por um tabellião publico, ao qual elle respondeu sem querer deferir a sua petição, pois só era ordenada ao interesse e não ao serviço de Deus; e como o governador não conseguio o seu intento, tratou de impugnar os Padres todo o tempo de seu governo, e impedir em o que poude entender e apertando a Lei de Sua Magestade com contrarios sentidos em tudo aquillo que favorecia aos Missionarios; e muito mais o irritou de novo contra os Padres terem por injusta a guerra que intentava dar aos Aruaquizes, e que deu, com o pouco successo que se verá do capitulo seguinte.

CAPITULO 17°.

DÁ-SE NOTICIA DA GUERRA QUE O GOVERNADOR RUY VAZ DE SIQUEIRA MANDOU DAR AOS ARUAQUIZES, DAS TERRAS E GENIO DAQUELLE GENTIO E SUCCESSO DA TROPA, COM A MORTE LASTIMOSA DE UM RELIGIOSO DE NOSSA SENHORA DO CARMO.

O Governador, depois de embargar e interpretar a Lei a seu modo, logo tratou da guerra contra os Aruaquizes que os Padres lhe tinham improvado, e veio com muita pressa pelas Capitanias, a trazer o poder que por ellas havia, de soldados e indios, com mantimento para a empreza, e chegando á Capitania do Pará, preparou quarenta e oito canôas grandes de guerra, com mantimentos, soldados e indios, para irem

pelo rio das Amazonas a este tão desejado combate, e fez que viesse uma embarcação do Maranhão para o Pará carregada de farinhas para o sustento dos que iam, e juntamente dos muitos escravos que em sua phantasia já fazia prisioneiros ; porém, por mais que os homens ponham os meios proporcionados, Deus é que tudo dispõe para os fins, conforme a sua santa vontade. Partio a guerra com grandes festas, entre disparos de artilharia, para os Aruaquizes, e achou pelo caminho dezesete aldêas de paz, mettidas pelo sertão a dentro, pelo mau tracto que o Capitão-Mór do Gurupá e seus adjuntos lhes davam, e com esta falta chegou a tropa ao rio dos Aruaquizes, dentro de um mez de viagem, com muito trabalho, sem acharem indio algum, por estarem fugidos todos, depois da sacrilega expulsão dos Padres. Estavam os indios Aruaquizes em um rio particular, que tambem desembocava em o rio das Amazonas, e por este sitio contaram os da tropa noventa e seis aldêas só desta nação. E' o rio de agua doce muito clara, e olhando para ella parece negra como carvão, levando-a em alto toma côr de crystal. O sitio é frio e mui saudavel e tanto que se conta por maravilha não adoecer da tropa ninguem por este sertão, sustentando-se a gente mais de um mez de maniçoba, que se faz da folha da mandioca pisada e cozida, sem outro sustento, porque o rio pelo inverno é esteril de peixe, e como são tantos os indios e lhe fazem tantas redes estreitas, e outras armadilhas em logares estreitos, o peixe que entra pelo rio nunca mais sahe destes laços ; tem suas vasantes e enchentes, como o mar largo, com estar mais de quatrocentas legoas distante delle. O gentio Aruaquiz é trabalhador e mui impaciente de captiveiro e sujeição, tanto que se resolveram alguns que tomaram em guerra os Portuguezes a tomar peçonha para morrerem, por mais con veniencia, do que virem a ser escravos dos brancos. Esta pratica imprimio o demonio tanto em seus corações, que rarissimo é o dos que trouxeram ao Pará que escapasse com vida. O ordinario sustento seu é a mandioca que desfazem em vinhos, com outros legumes de batatas e carás. Quando querem o pescado, vão todos em almadia ao rio das Amazonas, de onde trazem muito peixe-boi, tartarugas, e varios peixes do rio, para o seu sustento ; as

terras mui abundantes e frescas, tem ribeiras entre si e estão cercadas de aguas tão frias, que ainda pelo maior rigor da calma não ha quem lhes possa pôr a mão; não ha por este rio mosquitos nem animaes peçonhentos, ha muitas fructas em seus mattos, mui doces e saborosas, que a natureza produz. O gentio Aruaraquiz é de lingua travada, mui diversa das outras linguas, que é para louvar ao Creador ver por este rio tantas diversidades de linguas; e só pelo das Amazonas, conforme a relação que tivemos de nossos Padres Castelhanos, que vieram do Quito ter a este Pará, com a tropa que daqui tinha partido para lá, em descobrimento do rio das Amazonas, e daqui partiram para Hespanha para irem dar conta a El-Rei da conveniencia e facilidade que havia para se trazer ouro e prata por este rio ao Pará, se acharam á borda do rio oitenta linguas diversas e distinctas umas das outras, sem fallar do gentio que fica mais pelo interior do sertão. Deus que os creou lhes buscará e facilitará os meios para que se vejam diante do throno de sua Gloria, onde assistam conforme o texto sagrado, *ex omni tribu lingua et natione tantos ante thronum*. Este gentio, com ser tão forte e robusto, mudando-se para outro clima, logo adoéce, e é sujeito a caimbras de sangue, e outras enfermidades mortaes, não come carne humana, e se mata os prisioneiros de guerra em o terreiro só é para ganhar e tomar nome; é mui ardiloso e em respeito de suas traças se lhe não pode fazer guerra consideravel por não ter plantado mantimentos. Tanto que teve novas da tropa em que vinha por cabo Francisco da Costa Favella, homem guerreiro e grande sertanejo, algum que tinham foi mui escondido, para com a fome impossibilitar a continuar a guerra por muitos mezes. Por justos juizes de Deus que os homens não alcançaram, tudo que trataram os da tropa succedeu mal, por quanto a embarcação que vinha com as farinhas para sustento da tropa, com muitas mil varas de panno para comprarem escravos, que os Aruaquizes ainda amigos tomassem em a guerra, se encontrou com um navio que estava ancorado em uma bahia, por ter desgarrado da barra do Maranhão pelo pratico lhe morrer em o mar. O caravelão foi reconhecer o navio, que trazia muitos vinhos, sahiram todos ao convite, e, esquecidos de tudo com a festa, fez naufragio lastimoso,

porque se afogou um Religioso do Carmo em o mesmo lugar em que se tinha afogado o Provincial e seu companheiro, que iam em uma canôa do Pará ao Maranhão; perdeu-se tudo, sem escapar nada do que ia, e esta perda foi a maior guerra que a tropa teve, e que impediu todo o successo que della se podia esperar. Começaram com grande calor os soldados, tanto que chegaram ao sertão, a fazer um forte ou reducto de pau, onde se fortificassem para dahi com mais segurança poderem fazer as entradas, que intentavam, pelas terras e lavouras dos Aruaquizes; e fazendo varias sahidas acharam que os indios, reconhecendo o muito poder que ia contra elles, pelo aviso que tiveram de suas sentinellas, largaram totalmente as aldêas e povoações e puzeram-se em o interior do sertão, para, com mais segurança, poderem livrar e esconderem seus filhos e mulheres, sem a gente da tropa os poder descobrir por mais diligencias que fizesse. Continuou-se a guerra por espaço de tres mezes, com grandes fomes e incansavel trabalho, caminhando grandes jornadas pelo matto dentro, e só prenderam trezentas almas, entre crianças e velhos, sendo que em taes aldêas ordinariamente se resgatavam quinhentos indios, que seus senhores livremente vendiam, tomados de tapuyas de outras nações a que davam guerra. Estas trezentas pessoas todas foram remettidas ao Governador Ruy Vaz de Siqueira, e o maior numero dellas morreu por esses caminhos á pura necessidade; a muitos delles baptisamos *in extremis*, por interpretes outros innocentes, em as aldêas por onde passavam. O principal cabeça dos Aruaquizes, o chamado Caytabuna, que era indio muito guerreiro e atrevido que os capitaneava, tinha perdido a vista de ambos os olhos e com esta cegueira ficou desamparado de seus subditos, foi morto miseravelmente, sem baptismo, a sangue frio pelos homens da tropa, que sobre elle tomaram vingança de parentes e amigos que aleivosamente tinham sido mortos pelo sertão. Retirou-se a gente da tropa por não ser já toleravel a fome que padecia, queimando as aldêas dos inimigos e atemorisando todo aquelle sertão. A' esta jornada, á exemplo dos Padres da Companhia, foram religiosos de todas as missões, por se esperarem grandes lucros, que a perda da embarcação impossibilitou.

Os Aruaquizes que traziam espias para ver os da gente da tropa, tanto que conheceram todos recolhidos, sem mais detença, começaram a tomar vingança, e não sómente elles, mas outros de outras nações, a meu ver, injustamente......pelo rio das Amazonas, levantaram-se contra os brancos, que iam em canôas buscando o risco de suas vidas e sua liberdade. Referirei um só caso unico, e com isso passarei a outra materia. Aquelle religioso de Nossa Senhora do Carmo, que tinha apanhado as cartas do Padre Visitador Antonio Vieira, escriptas a El-Rei, acerca das informações, que Sua Magestade lhe tinha mandado fazer sobre o Estado do Maranhão, e tinha voltado do Reino em companhia do Padre Salvador do Valle para a cidade de S. Luiz, como os seus, logo o elegeram por Prelado, e elle nada achava em sua prelacia para compensar os damnos que padecera, sendo roubado dos gallegos em sua sahida para o Reino, e muito menos para estar commodamente em Lisboa, cansado e doente, se resolveu ir ao sertão a resgatar escravos com vinte soldados e duzentos indios, que lhe deu o Governador para que o lucro fosse de ambos. Partiu-se com estes por Missionario e captivou muitos indios em algumas guerras, que eram os de sua tropa, e das quaes elle ia por Juiz de sua justiça e tambem mui interessado em seus captiveiros. Depois de algumas mortes, captivaram quinhentos indios, entre homens e mulheres, os quaes, vindo do sertão para o Pará a vender-se, levantaram-se pelo caminho contra os soldados que os traziam prisioneiros, matando muitos delles e fugiram por esses mattos; este Prelado sobredito se resolveu tambem a vir atraz com outra canôa de escravos que tinha tomado por assaltos, pronunciando uma lei, de que até os seculares zombaram, e vinha a ser que todos os indios do rio das Amazonas eram escravos; e vindo-se elle mui contente e descuidado para baixo, eis que subitamente em meio da jornada, uma india velha que tambem trazia por escrava, estando acordado, se foi chegando a elle com um tição de fogo em a mão, e á vista de todos deu com elle uma pancada, com tanto impeto e força sobre a cabeça do religioso que parecia guiada por outra mão e elle logo cahio morto sem poder mais fallar, nem pronunciar uma só palavra.

Com esta acção inopinada se animaram então os indios que trazia por escravos, e, ferindo a um ajudante que vinha do sertão, se voltaram pelo rio acima com a india que os capitaneava, lançando o corpo do defunto em uma praia deserta, onde ficou carecendo de sepultura ecclesiastica; e é de notar que só elle dos que vinham em sua companhia morreu, porque os mais soldados e indios christãos se puzeram em fugida, indo sair em differentes logares, e a velha, com o tição de fogo em a mão, que foi o instrumento de sua victoria, capitaneou os barbaros rio das Amazonas acima para suas aldêas.

CAPITULO 18º.

MANDA O GOVERNADOR UMA TROPA AOS JURUNAS SEM MISSIONARIO E SUCCEDEU-LHE MUITO MAL

Inculcaram alguns alviçareiros ao Governador que pelo rio dos Jurunas havia muitos escravos, e logo mandou para lá o Capitão-Mór do Gurupá com uma tropa, a qual navegando prosperamente rio acima com alguns Jurunas das aldêas de Xingú por guias chegaram á primeira aldeia, e alegres os indios della, com a vista dos soldados, os hospedaram, porque ainda não sabiam os desejos e intentos que os encaminhavam para lá. Porém, como os da tropa eram homens de vida larga, logo houve desconcertos sobre as indias, e como esses indios são mui ciosos de suas mulheres, começaram a ir-se enreminando. O cabo, em vez de aquietar os soldados, era o que este respeito dava o peior exemplo e causava mais escandalo, açoitando duas indias Jurunas, por cuja causa os indios seus parentes arremetteram aos da tropa e os mataram, escapando só o cabo com poucos outros e um companheiro, valente, bem entendido e pio, chamado Antonio da França, com sete frechadas, invocando sempre Nossa Senhora do Rosario, e poude por milagre escapar elle e livrar com a valentia de sua espada uns poucos, que sem isso haviam de ficar mortos todos. A esta entrada não quizeram que fosse sacerdote nenhum, porque se fez secretamente, para assim ser o lucro maior. Alguns indios christãos, que estavam de largo,

vigiando as canôas, escaparam embarcados, voltando logo para o Gurupá, sem escravo nenhum; o maior sentimento foi que muitos Jurunas que estavam em as aldêas dos Padres que os tinham descido do sertão com feliz successo, voltaram para suas terras a viver entre seus parentes, pelas ameaças que ouviram. Ainda o demonio com esta tropa, em que tanta parte teve, nos levantou uma perseguição, porque o cabo, que escapou, disse ao Governador, por sentil-o pouco affecto a nossas cousas, que o Padre Manoel Pires tirara, em a aldeia do Xingú, uma india christã do poder de um indio, e que em vingança disso lhe tinham dado os Jurunas; porém, a todos constou logo que aconteceu esta desgraça por amor do desaforo com que procedera a tropa com aquellas indias, para que se veja que nem sempre prevalece a maldade contra o serviço de Deus e credito de seus servos, os Missionarios. Contaram muitas vezes esses indios Jurunas aos Padres que rio acima, defronte de seu sertão, se viam casas de telha e povoações de gente branca, com homens a cavallo, e que só se mettia uma bahia de permeio, donde por estes signaes tão certos inferimos que confinava com algumas capitanias de brancos ao sul. Este descobrimento intentava o Padre Antonio Vieira, visitador geral da missão, pelo anno 1661, se o não embargara o levantamento do povo. O tapanhuno Antonio de França, que em tal occasião se houve com grande animo e valor, livrando muitos brancos da morte com a destreza de sua espada, entre outros serviços que allegou a Sua Magestade, por minha via, estando em Lisboa em 1686, allegou tambem este que venho de relatar, e estava Sua Magestade para lhe dar o habito de Christo, se eu, a instancia do Padre Adrião Poderoso, o não impedira, com que então se lhe passou a provisão de Capitão de Campo, e.... a sua gente em a mesma Côrte; e foi tão aceito a El-Rey que gostava de falar com elle para seu divertimento, porque, como crioulo do Sr. França da ilha da Madeira, era mui cortez, bem falante e dextro das armas e sobretudo do uso da espada.

CAPITULO 19°.

RELATAM-SE ALGUNS CASTIGOS DOS QUE CAUSARAM O LEVANTAMENTO DO ANNO 1661

Além dos castigos já referidos, houve outros de alguns quarenta para cincoenta, que morreram desastradamente, sem Sacramentos, os quaes todos deixo, contentando-me de fazer menção de uns poucos, para delles se inferir os mais.

Gonçalo Domingues, fidalgo homem, nomeado por ter procedido com grande valor em as guerras de Pernambuco, esquecido da obrigação que tinha de defender as Leis de seu Rei, tomava por occupação sua ir de noite a amotinar a infanteria, para que os soldados tambem andassem com os povos levantados, e chegou a tanto o seu odio que foi á embarcação em que estava o Padre Superior Antonio Vieira, e lhe disse umas palavras pouco compostas, calumniando-o daquillo que era serviço de Deus e bem das almas. O Superior lhe respondeu com muita modestia e religião, remettendo a Deus a satisfação de tudo o que tinha obrado, como justo juiz de nossas obras. Veiu para sua lavoura e estando repousado pelo meio dia, dous indios que tinha escravos lhe deram, á traição, varios golpes em a cabeça com um machado e lhe abriram o craneo, com cuja dor se levantou, mas cahiu logo sobre o chão, morto; arrastaram-no uma legoa e botaram-no em um fojo que tinham feito para os porcos, e assim morreu sem Sacramentos e sem sepultura ecclesiastica. Foi a cousa descoberta por uma desunião por causa dos parentes, e a justiça depois de um anno o foi buscar por indicios e accusações certas delles; trouxeram seus ossos á vista do sogro, que os escravos, nos tratos, disseram ter sido conselheiro. Este foi o primeiro que notificou aos Padres para que sahissem fóra, permittindo Deus que fossem castigados ambos por este meio, como cabeças de tão grande maldade. Não foi menos lastimoso o castigo de Domingos Martins, que nas alterações sempre se queria adeantar aos mais amotinadores, affirmando em as juntas, com gritos e vozes descompostas, que ou elle ou os Padres não haviam de estar em o Estado, e estas palavras parece trazia por texto a repe-

tir tantas vezes que já causava riso aos companheiros; porém, dahi em breve tempo lhe cumpriu Deus os seus desejos, porquanto os Padres foram recebidos com grande applauso de todos, e elle acabou a vida com grandes signaes de sua perdição. Caso foi, que comprando um escravo Aruaquiz, naturalmente inimigo de sujeição, e este logo que se conheceu ser captivo matou seu senhor com um páu e o enterrou; vestiu-se de seus vestidos, e andou pelo terreiro com suas armas com que elle andava nas alterações do povo. Morava em a Capitania do Pará um mameluco aparentado com o Capitão Mór e com os principaes homens da terra, chamado Carlos Madeira; este tomava sempre por officio capitanear os de sua parcialidade em occasiões e execuções, zombando das excommunhões da Bulla da Ceia, dizendo que obrava pela liberdade do Estado.

Partiu-se, depois de alguns mezes, para Murtigura, onde morava o Padre Gaspar Miseh, allemão de nação, com um irmão, administrando os Sacramentos aos indios desta e mais aldêas da ilha; e como o Padre lhe não procurava os indios que pedia, dizendo-lhe não tocava metter-se em o temporal delles, começou o dito mal afortunado a gabar-se do que tinha obrado, dizendo aos indios: Eu sou Carlos de Madeira, que lancei os Padres fóra do Pará e destas aldêas; e outros desaforos semelhantes que o demonio lhe dictava. O Padre calou-se, não lhe respondeu palavra alguma, porque em taes combates o vencer consiste em o calar.

Escandalizaram-se os indios com estas palavas do Madeira, edificados do silencio do Padre Gaspar, e tomando Deus á sua conta a defesa de seu Missionario, duas horas depois, embarcando-se com grande impeto, como apaixonado, em a canôa, um dos escravos que levava comsigo o matou com uma fouce, tomando entre si uma pendencia sobre uma occasião torpe que comsigo trazia e o lançou ao mar, para que tambem carecesse de sepultura e nunca mais fosse visto dos parentes, que com grande cuidado o faziam logo buscar para o enterraram. Não deixarei de referir o successo de um outro infortunado. Ficou este mui contente depois de vêr os Padres expulsados pela barra fóra, gabando-se pelos corrilhos e ajuntamentos do povo, que já vira o

lucro de seus trabalhos, pois ninguem lhe levara vantagem do que fizera para lançar os Padres Missionarios fóra da terra e que esperava ser premiado do povo.

Com esta alegria, se embarcou para sua fazenda, contando lá á sua mulher o que tinha obrado, e por fim da historia lhe disse estas formaes palavras, que foram as ultimas de sua vida: Ponha-se a mesa, que agora comerei meu bocado quieto, pois já vimos fóra os Padres. Sentou-se á mesa, e caso notavel, tanto que tomou o primeiro bocado, se levantou com tanta colera e furia que ficaram os circumstantes pasmados, e como homem insensato se metteu pelo matto dentro, sem nunca mais apparecer, ha mais de trinta e tantos annos. Uns disseram que endoudecera e morrera sem atinar com a estrada, outros que pelo matto lhe tiraram secretamente a vida e o enterraram, porém nunca appareceu o matador; não faltou quem attribuisse isso a algum espirito maligno que delle se apoderára, para da mesa, como outro Balthazar, ouvir a sentença de sua condemnação. Já tenho relatado a desastrada morte de Antonio Arnau, que foi por cabo da tropa, e agora quero referir a de seu irmão, o Arnau pequeno. Este tinha pegado do irmão João de Almeida para leval-o da portaria para fóra, quando, em tempo do levantamento, tinha repugnancia de sair do pateo para a rua, feito prisioneiro do povo; tinha-se este homem trocado, de sorte que, vindo-se confessar e commungar-se muitas vezes á nossa egreja, diziamos que Deus Nosso Senhor provavelmente havia de lhe fazer misericordia; porém, morreu infelizmente de uma estocada que lhe deu Antonio Carvalho, cirurgião de S. Luiz do Maranhão, para sua defesa, quando elle, sem razão, vinha com a espada feita atraz delle para lhe dar; caiu logo, como morto, sobre o chão, sem nunca dar signal de arrependimento para poder receber absolvição. Destes castigos rigorosos do Céo podia aqui ajuntar muitos, mas bastam aquelles; só acrescentarei um menos rigoroso dos que Deus Nosso Senhor achou menos culpados e mais bem arrependidos. O ouvidor geral Francisco de Sousa de Menezes, levado das primeiras informações, escreveu dos Padres aos tribunaes, mas depois, informado melhor, escreveu o contrario; mas já tarde; morreu pobrissimo, porém, arrependido do que

tinha mal obrado. O Capitão-Mór do Pará, Francisco de Seixas, Pinto, o qual obrou contra os Padres o que relatei em os capitulos do levantamento do Gran-Pará, foi preso e maltratado de Ruy Vaz Siqueira, governador do Estado, dando-lhe em culpa que tinha deixado ir os navios e embarcar os Padres sem o avisar, não impedir ao povo a sacrilega expulsão que obrara em seu tempo; cuido que alcançou graça para se confessar em seu juizo, por intercessão de S. Francisco de Xavier, de quem era muito devoto, fazendo-lhe sempre a sua festa com apparato, em nosso collegio do Pará, emquanto foi Capitão-Mór. Isto se conheceu em sua doença, porque, tendo um accidente, sem fala que lhe durou dous dias, sahio delle com essas palavras: Por intercessão de S. Francisco Xavier, me espero salvar. A doença de que morreu foi causada de paixão que tomou por se ver preso e em tão miseravel estado, com o credito perdido e sem fazenda por aquella coisa que elle pudera remediar, permittindo Deus lhe fizesem varias injurias, sendo posto fóra de suas casas e pondo-se-lhe o fatc para a rua, sahindo com gritos e sentimento dellas, quando o levarão a outra prisão. Provavelmente teria Deus misericordia de sua alma, por intercessão do santo Francisco de Xavier, que lhe importariam bem pouco as affrontas desta vida, e se lhe dariam em satisfação de sua culpa pois lhe formou o castigo da mesma materia com que o offendera. Jorge de Sampaio, Escrivão da Provedoria, tendo escapado do castigo do primeiro levantamento que ajudára a fazer, não escapou do castigo do segundo, porque convencido de ser um dos cabeças do levantamento do anno 1684, foi enforcado com Manoel Beckman em a ribeira de São Luiz, Cidade do Maranhão, junto ao armazem d'El Rey.

São tantos os castigos que se podiam referir, que para fazer menção delles seriam necessarios muitos capitulos; não falo na peste das bexigas, chamadas pelle de lixa, com que Deus castigou todo o Estado, depois dos povos se terem levantado contra os Padres Missionarios da Companhia de Jesus, porque este castigo é tão notorio que se não pode negar; negou-o com tudo um certo religioso que, ouvindo dizer que Deus castigava o Estado por terem os moradores expulsado os Padres

Missionarios da Companhia, disse que não os castigara por isso, mas por elles não expulsarem a todos. Deus Nosso Senhor lhe dê arrependimento deste dito seu, antes que parta deste mundo para lhe dar rigorosa conta em o outro.

LIVRO 5°.

DO QUE SE OBROU DO ANNO 1667 ATÉ O ANNO 1684

CAPITULO 1°.

CHEGAM CARTAS DO BRAZIL, EM QUE O PADRE PROVINCIAL NOMEIA O PADRE SALVADOR DO VALLE POR SUPERIOR DA MISSÃO, E SUCCEDEU-ME O PADRE PEDRO LUIZ EM O GOVERNO DO COLLEGIO DO MARANHÃO.

Estando Ruy Vaz de Siqueira quasi em fim de seu governo, vieram ao Padre Salvador do Valle que então estava em as missões do Pará, patentes de Superior da missão alli, as quaes elle mandou lêr, pondo-se de posse do governo, e como era achacoso não podia com grandes viagens, mandou logo o Padre Pedro Luiz, por visitador, ao Maranhão, dando-lhe por companheiro o Padre Manoel Pires. Vieram ambos ao Maranhão e como o Padre Pedro Luiz tambem vinha para render-me a mim, que era então Superior da Casa de Nossa Senhora da Luz, eu, pelo que tocava á minha pessoa, logo lhe dei posse do Superiorado e quanto ao mais escrevi ao Padre Manoel Nunes o que lhe parecia se fizesse, e como não respondeu direitamente ficou o Padre Valle tido por Superior da missão, em quanto não houvesse cousa que lhe embargasse aquelle cargo. O Padre Francisco Velloso, Superior da Casa de Santo Alexandre do Pará, não o queria conhecer por tal, em quanto não tinha informação de que o Padre Manoel Nunes, em logar do Padre Antonio Vieira, como legitimo Superior e Visitador geral, confirmado por nosso muito Reverendo Padre Geral, o consentisse, e assim lhe remetteu pelo irmão Sebastião Teixeira até Tapuytapera; e como lá tinham recebido o masso das cartas do Reino, as quaes, ao Padre

Manoel Nunes, todas, o reconheciam por Superior, tornou a exercitar seu cargo como dantes, e ficou o Padre Salvador, particular, assistindo aos Tupinambás; o Padre Pedro da Silva em Murtigura ; o Padre João Maria, em Cametá ; o Padre Salvador do Valle em os Ingaybas ; o Padre Gaspar Misch correndo juntamente pelo Gurupá, Xingú e rio das Amazonas, com incansavel zelo e immenso trabalho, porque todas aquellas partes visitava quatro vezes por anno. Queria o Padre Superior Manoel Nunes que eu tornasse a exercitar meu cargo de Superior da Casa, mas roguei que deixasse o Padre Pedro Luiz Gonçalves e assim fiquei por prégador, confessor e...... acudindo tambem ás aldêas de S. Gonçalo e Itaquy, sendo necessario. Contava o Padre Pedro Luiz que o Padre Manoel Pires sonhara em um seu sonho prophethico que vira todos os Padres com seus thurybulos incensar o Padre Salvador do Valle, mas não a mim com elles, isto seria porque eu me não metti, nem me pareceu que o Padre Salvader era legitimo Superior em logar do Padre Manoel Nunes, pois só o Padre Antonio Vieira o podia mandar por ter sido confirmado em o dito seu cargo pelo muito Reverendo Padre Geral. Houve por aquelle tempo mudança em o governo temporal, porque chegou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho por successor de Ruy Vaz de Siqueyra, o qual, com a Camara, foi em sua companhia recebel-o em o porto da cidade, acompanhando-o até o palacio, onde elle se agazalhou, mudando-se Ruy Vaz de Siqueira para outras casas da cidade.

O novo Governador, depois de ter recebido as visitas, veio logo ao Collegio ver os Padres dos quaes era affeiçoado. Tinha cahido, uns dias antes, uma parte da parede do muro para a banda do pateo, por esta ser de taipa de pilão mal socada e lhe ter dado a agua ao pé, com que veio a faltar e vir para baixo, e tinha acudido João Pereira Barboza, nosso Irmão e procurador, com risco de vida, a pôr espeques, para que tivesse mão que não desse comsigo ao chão todo o tecto. Estavam já os pedreiros levantando nova parede de pedra e cal, e como o Governador soube o que se passava, mandou logo dar de sua fazenda trinta mil réis para ajuda de custo, pedindo aos Padres lhe perdoassem não ser mais

liberal por vir pobre. Muito lhe agradecemos esta esmola, bastante para pagar os obreiros e conhecemos logo a differença que havia deste Governador ao outro, o qual tendo visto... o estado assentado junto a elle, nunca offerecera um só vintem. Passados uns poucos de dias, veiu se confessar ao Collegio commigo, e continuou a confessar-se emquanto esteve em o Estado, achando-se em logar onde eu estava, e póde-se dizer delle que era de uma consciencia tão limpa que nunca se lhe achou culpa grave, e até mais, confundiria um homem religioso que vive em clausura, tratando de véras de sua perfeição.

Como quer que tenham ido queixas ao Reino contra Ruy Vaz de Siqueira, pelo que tinha obrado, foi reprehendido dEl Rei, o qual mandou devassar delle; para este effeito mandou se retirasse da cidade, e foi primeiro para a ilha da Tuxa, depois para a capella de S. Marcos, onde o Padre Superior da Casa, Pedro Luiz, commigo, o fomos visitar e finalmente deu-se-lhe licença para morar em a egreja do S. João Baptista, da cidade que pouco antes tinha mandado edificar á sua custa para os soldados, para com isso pagar o que tinha tido com uma mulher nobre casada, da qual lhe nasceu uma filha, que depois falleceu e com cuja filha casou um seu parente... cumprindo-se á risca o sonho do Padre Manoel Pires, que procedera do modo seguinte: Sabia o Governador Ruy Vaz de Siqueira que o Padre Manoel Pires sonhava as cousas futuras e dizendo-lhe um dia: —Padre Manoel Pires, sonhe Vossa Paternidade o que me ha de vir do Reino e acontecer; respondeu-lhe o Padre: sonharei se meu superior, me der licença; deu-lh'a, e sonhou que ao Governador vinha tirada do Reino a administração temporal dos indios e que estava recolhido em uma ermida. Tudo aconteceu, porque tirou-se-lhe o governo dos indios e recolheu-se á ermida de S. Marcos e depois á de S. João, o que vendo Ruy Vaz dizia, galanteando, que não queria nada com esse apostolo.

Aconteceu por aquelle tempo, pouco mais ou menos, que indo eu com um irmão acudir á aldêa dos Jaracázas, mandei armar em o matto o altar portatil para dizer Missa, por ser domingo e não ser possivel chegar á aldêa para lá dizel-a, e emquanto se ia armando o altar e eu preparando-me para

tão alto sacrificio, chegou-se a mim um dos indios remeiros, dizendo que perdera seu tabaco ; entendia eu que dizia perdera seu cachimbo de tabaco; disse-lhe eu: filho, encommenda-te a Santo Antonio, que faz achar as cousas perdidas. Com isto dei uns poucos de passos e achei deante de mim um cachimbo bello, rico e novo, picadinho como costumam de ser os mais galantes; levantei-o do chão e o dei ao indio, o qual, pasmado de o vêr, disse que elle não perdera cachimbo, mas tabaco ; repliquei-lhe dizendo : o santo que te deu o cachimbo, tambem te dará o tabaco, encommenda-te a elle. Disse-lhe isso e fui continuando em o apparelho para o sacrificio da Missa ; e vi diante de mim um pedaço de tabaco que dei ao indio, o qual, maravilhado e contente, se retirou. Fiquei depois pezaroso de não ter guardado o cachimbo por parecer milagroso aquillo e achar-me em occasião de passagem onde ninguem costumava andar. Fui-me para a aldêa fazer o que de mim requeria minha obrigação e como entre o Pinaré e o Maranhão está o rio do Meary, onde os Padres têm seu curral de gado, quiz ir vêl-o de volta. Para este fim naveguei rio para riba, até dar com o sitio de um morador rico, chamado Lourenço da Costa. Estava sua mulher, Catharina de Mello, assentada ao pé de uma Cruz que havia á sua porta, rezando por seu rosario; saudei-a, conforme de passagem, e ella, sabendo que ia ao curral do Collegio, me pediu encarecidamente saltasse em terra para lá lhe dizer Missa ; catechisei os escravos, confessei os brancos e fiz alguns baptismos pelas festas do Espirito Santo, porque em o curral não havia logar para..... achando-lhe razão ; fui-me para terra e perguntando-lhe por que estava tão triste, como mostrava, respondeu ella que isso era por lhe fugir uma india, sua escrava, que era seus pés e mãos e que creara como filha desde sua meninice ; consolei-a e disse-lhe tivesse bom animo, porque se era devota de Santo Antonio, elle lh'a traria para casa ; mandou-se logo buscal-a, confiada em o patrocinio do Santo, ficando comsigo falando em Deus, contando-lhe eu, entretanto, o que me tinha acontecido em o caminho com Santo Antonio sobre o tabaco e o cachimbo ; respondeu ella que já tinha feito as diligencias e que não appa-

recia havia já sete dias e assim sem duvida a havia de ter morto alguma onça.

Vieram os que tinham ido em busca da escrava fugida, dizendo que não apparecia ninguem, com que ficou a pobre mulher quasi de tudo desconfiada, dizendo: Padre, não o disse eu a vossa paternidade que debalde mandava buscar a minha india, visto não se ter achado, depois de feitas tantas diligencias? Reprehendi-a de sua pouca confiança e lhe disse que não era merecedora que o Santo a ouvisse e soccorresse, comtudo tornasse a mandar em busca da escrava; fel-o assim e logo chegou a escrava e se poz de joelhos a meus pés, com as mãos juntas; perguntei então á velha se esta era sua escrava e respondendo, cheia de pasmo e alegria, que sim, disse-lhe eu: Pois eil-a tem vossa mercê, Santo Antonio bemaventurado lh'a trouxe e agradeça-lhe e não seja mais desconfiada. Em o dia seguinte e mais festas do Espirito Santo, disse Missa em a capella do sitio e administrei os Sacramentos, conforme pedia a necessidade daquelle tempo, e passadas as festas recolhi-me ao Collegio, tendo dado uma vista ao curral. Este anno e o seguinte não houve cousa digna de se referir, senão que em os Collegios e, missões todos acudiam a suas obrigações e que em o Collegio do Maranhão andou o Padre Superior Pedro Luiz só, acabando o corredor novo e forrando ou para melhor dizer ensinando a forrar os cubiculos..... e que em o Pará fez o Padre Francisco Velloso, Reitor do Collegio, edificar aquella egreja de taipa de pilão, que até hoje temos. Tinha Paulo Martins Garro. Capitão Mór do Pará, tomado á sua conta a capella-mór para ser elle e sua mulher D. Maria de Athayde de Vasconcellos sepultados alli com condição que a proveria de todo o necessario, mas como depois se passou para o Reino e morreu em..... patria sua, nada se fez senão pagar o feitio das taipas da capella; e como o mestre das obras era um Christovão Domingues, tanoeiro por seu officio, pouco experimentado em taipas de pilão, fez a egreja tão torta que para endireital-a foi necessario pical-a pelo meio para a banda dos altares collateraes, com que ficaram as paredes mui delgadas e fracas pelo meio e por conseguinte requerendo algum encosto de corredor,

ou .... para a banda da rua, para a sua........ duração havia eu mandal-a fazer de pedra e cal mais larga, e com o arco mais levantado; mas como a achei já com todas as paredes acabadas, não tratei disso, nem o Padre Bento Alvares, que succedeu ao Padre Francisco Velloso em o governo da casa, tratou mais que acabal-a e pôl-a em o ponto em que se acha ao presente.

Faltam-lhe os retabulos para todos os altares, para os quaes, uns vinte annos depois della feita, dei ao Padre reitor Bento de Oliveira quarenta e duas couçoeiras de cedro precioso, largas de tres palmos e compridas de vinte e sete para os fazer, correndo por minha conta a missão do Cametá. Mas não se fizeram, não por falta de bons mestres entalhadores, mas falta de gente que as bexigas levaram, e por elle andar occupado com o curso que por sua muita caridade quiz ler, por se escusarem os mais moços, por motivo dos seus achaques e quererem-se antes occupar com as missões do que com as leitura do curso de Philosophia.

CAPITULO 2º.

VEM O PADRE MANOEL ZUZARTE DO BRAZIL POR VISITADOR E TRAZ COMSIGO O PADRE PERO FRANCISCO DE SEANS E NOMEIA O PADRE JOÃO FELIPPE POR SUPERIOR DA MISSÃO.

Estando as cousas da missão em os termos atraz referidos, eis que o Padre Manoel Jorge chegou, em um barco comprado, por visitador mandado ao Brazil pelo Padre commissario Antão Gonçalves. Trouxe em sua companhia o Padre Pero Francisco, milanez de nação, que tinha sido, annos havia, Missionario do Ceará, deixando lá em seu logar o Padre Luiz Machado, em companhia do Padre Jacob Coelho, Superior daquella residencia, por lhe parecer que ainda estava sujeita á missão do Maranhão. Mas enganou-se sobre isso, porque achando-se que do Maranhão se não podia soccorrer o Ceará tão bem como de Pernambuco, largaram-n'o os governadores do Maranhão aos de Pernambuco, sem embargo de estar dentro das demarcações

do Estado e Capitania do Maranhão e com isso ficou o provimento delle pertencendo á Provincia do Brazil. Chegou ao Maranhão em principio da quaresma do anno de 1669...... dias de hospede, se poz logo a visitar a Casa e não visitou aldêa nenhuma, mandando-me a mim visital-as em seu logar. Fez uma das praticas de sexta-feira em nossa egreja e o mandato em a matriz, ambas com muita satisfação; compoz uns pontos de visita, que accrescentou á visita do Padre Antonio Vieira e a publicou, mas vieram confirmados de Roma e por isso não se continuou a observação delles. Era varão de muita virtude e de uma bella e alegre concepção, com que agradou a todos assim do Maranhão como do Pará, para onde passou com o Padre Manoel Nunes e o Padre Pero Monteiro e o irmão Simão Luiz e commigo, deixando o padre Pero Francisco por Missionario de S. José.

Passou em canôa para Tapuytapera, sem nenhum medo, e do mesmo modo pelas bahias todas, por mais que fossem. Em Toque Emboque lhe deu uma onda ao peito e o molhou todo, o que vendo eu lhe disse galanteando: Padre vizitador, esta paragem se chama Toque Emboque, por isso quizeram as ondas jogar com vossa Reverencia como sabedor deste jogo, para ver si era déstro nelle. Passámos pela capitania do Gurupy, onde por então assistia o Padre Bento Alvares com grande acceitação dos indios e brancos. Morava em a residencia nova, que, por ordem do Padre Antonio Vieira, tinha feito. Era um bello quadro com sua egreja toda de taipa de pilão, coberta de telhas, com sua hortinha em meio do pateo, e tudo mais com a maior perfeição que se pudesse desejar para uma aldêa.

Do Gurupy partimos para o Pará, onde era o Padre Francisco Velloso Superior da casa, e ahi, acabando de fazer as janellas e portas para a egreja de taipa de S. Francisco Xavier, que estava ainda coberta sómente de pindoba. Visitou a Casa e algumas aldêas sómente, porque não passou do Cametá para riba, dizendo que estava com pressa para ir em o navio que estava para partir e que detendo-se mais não chegaria a avistar-se com o Padre Antonio Gonçalves, que tinha ido por commissario ao Brazil e havia de achar-se cedo em Lisbôa, para lhe

dar conta da sua visita. Antes da sua partida para o Reino, com seu companheiro, o irmão Simão Luiz, que depois voltou ainda para a missão, declarou-me a mim por Superior da missão, em logar do padre Manoel Nunes e a esse por Superior da Casa; e como havia duvida como se chamaria a egreja nova, seguiu o meu parecer, a saber, que a casa se chamaria de Santo Alexandre, como se tinha chamado desde seu principio, e a egreja de S. Francisco Xavier, porquanto a sua santa imagem fora sempre de posse da egrejinha velha e determinou que assim fosse, dedicando-se então a egreja a S. Francisco Xavier e o altar collateral da banda direita á Virgem Senhora Nossa da Consolação e o da banda esquerda a Santo Alexandre Martyr, cujo tumulo dourado logo se expoz á veneração.

Partiu aos 18 de setembro de 1669, muito bem aviado e levava umas oitenta arroubas de cravo para um sino grande e ornamentos; mas como pelo mar alto caiu em mãos dos pichelingues, estes tomaram o que lhes pareceu. Nunca soubemos em que tinha parado esta tão boa carregação, em tempo que a arroba valia dezeseis mil réis livres para seu dono. Em tempo daquella visita gastou a casa do Maranhão tres mil cruzados que Manoel Beckman tinha pago em assucar pela herança da terça que o pae de Maria de Caceres lhe tinha deixado; verdade é que importava mais por ter sido João Pereira de Caceres senhor de um engenho de mais de cem escravos, sobre o rio Meary, mas como os herdeiros fizeram pleito aos Padres, querendo que varias cousas se haviam de tirar da terça e não do monte mór, como cuidavam os Padres Antonio Vieira, Manoel Nunes e outros, entrando eu por Superior daquella Casa, vendo que depois das partilhas feitas gritavam os herdeiros contra nós, e provavelmente perderiamos esse pleito que corria em o Reino, aconselhei ao Padre Superior Manoel Nunes se compuzesse amigavelmente, o que fez, presente o Juiz dos Orphãos com toda .... de escripturas que estão entre os papeis do Collegio de Nossa Senhora da Luz; e foi singular beneficio de Deus Nosso Senhor fazer-se esta amigavel composição, porque feita ella e paga já a divida, veiu o pleito decidido contra nós, e se não fora serem os herdeiros muito amigos meus, haviam de ter

reclamado para desfazer a composição feita, dizendo tinham sido os orphãos muito prejudicados por ella, e que os Padres por terem de antemão noticia do que lhes vinha do Reino se tinham antecipado para levar aquelle dinheiro que lhes não havia de ter sido dado por inteiro depois da vinda da decisão do pleito. Mas, como já dito fica, tudo se gastou em aquella vinda do Padre, visitador para pagar fretes, e outras cousas que se ajuntaram; porém, se perdeu a Casa do Maranhão, aquella occasião, tanto, não perdeu menos a do Pará, porque o Padre Velloso tinha mandado fazer cravo em Jacundá, mandando o irmão Marcos Vieira com o Padre João Maria em companhia de Francisco Bicudo, homem de S. Paulo, umas duzentas arrobas, em tempo que a arroba dava a seu dono uns 14$ livres em o Reino, como já tenho dito. Improvou o nosso muito Reverendo Padre Geral irem os irmãos ao cravo, permitindo-se mandassem a elle, sem nunca, nem o Padre João Paulo de Oliva, nem nenhum dos seus successores, prohibirem essas viagens, pois eram dirigidas ao remedio das casas e cousas que o matto dá a todos sem aggravo de ninguem; e por isto até os reverendos Padres de Santo Antonio mandam sem nenhum reparo ao cravo ou cacáu para os gastos de suas egrejas; e porque bom é saberem tambem os padres vindouros tudo o que se passou em annos atrazados, tocante ás fazendas, por se ignorarem muitas vezes grandes pleitos em razão da ignorancia de direito delles, pareceu-me pôr aqui uma composição amigavel que o Padre visitador Manoel Zuzarte presente o Padre Superior da missão, o Padre Superior da casa, tinha feito com o capitão Manoel Soeiro sobre uma ponta de nossas terras de Jaguarary, sobre o rio Mojú, chamado Juquiry. Tinham Bernardo Serrão Palmella e sua mulher, Isabel da Costa, vendo-se já velhos ambos, feito deixa de sua fazenda toda, com terras e escravos, e todos os mais direitos, á casa de Santo Alexandre, do Pará em tempo do Padre Francisco Velloso, então superior della, com condição que os padres os sustentassem em quanto vivessem, o que se fez a contento delles, até que Deus os levou para si, mandando-se depois fazer seus enterros com toda a honra, com os officios costumados, e avisando nosso muito Reverendo Padre Geral

para que os fizesse gosarem de tudo o que a Companhia dispõe em semelhantes materias.

Tinha o dito Bernardo Serrão Palmella dado licença a uma honrada viuva de morar em Juquiry, com a qual veiu a casar-se o capitão Soeiro, e tinha mais permittido ao Sargento Mór Vicente de Oliveira fazer engenho em Juquiry, comtanto que, feito, lhe moesse alli as suas cannas, uns nove ou mais annos, e como nem lá se fez engenho nem se cumpriram as condições, ficou tudo como dantes estava, e estando as cousas em taes termos immaginando-se o capitão Soeiro que as terras do sitio eram devolutas, as pediu como taes ao governador, o qual sem mais reparo lhas concedeu contra o direito de Bernardo Serrão Palmella. Este, sabendo o que se tinha passado, moveu logo pleito a Manoel Soeiro, allegando eram as terras suas por carta de data e sesmaria ; nem Vicente de Oliveira em algum tempo allegou cousa alguma contra Manoel Soeiro, o que havia de fazer se as terras de Juquiry lhe pertenceram; nem o Palmella as havia defender se entendera que já não eram suas. Achando o Padre Manoel Zuzarte que o Padre Francisco Velloso corria com essa demanda, chamou a Manoel Soeiro para se compôr com elle, e a composição foi avaliar-se esse sitio com a parte da terra que lhe tocava para se lhe pagar, e como os avaliadores a puzeram em 40$, ficou com elle que se lhe pagariam e com isso se partiu para o Reino. Porém, arrependendo-se Manoel Soeiro, foi com o pleito adeante, á final sentença, que se deu por Bernardo Nogueira de Souza, juiz commissario daquella causa, por se dar Martinho Moreira por suspeito ; a sentença, porém, que se deu foi de sorte que parecia por de parte Manoel Soeiro, e assim o avisou um letrado do Maranhão, por nome Alonso....... o qual por suas trapaças foi mandado da Camara para o Reino, e eu, como Superior, indo logo visitar o Maranhão, mostrei ao juiz commissario como sua sentença era ambigua, e tinha obrigação de a declarar, allegando-lhe as Leis que assim o mandavam; escusou-se, dizendo terem-lhe dado uns certos religiosos de conselho que désse sentença ambigua, mas declarando-a a deu contra o Soeiro e claramente por nós ; avisei depois a Manoel Soeiro escrevendo-lhe que se queria os 40$ lh'os daria, estando

pelo contrato feito pelo Padre visitador, e quando sua mercê não quizesse mandaria logo passal-a pela chancelaria, e despejar a elle sem lhe dar cousa alguma. Com este aviso favoravel imaginou-se Manoel Soeiro que eu fazia isso por estar de mau partido em o pleito, e respondeu-me que havia de fazer em Juquiry um engenho real, com que mandei logo a sentença ao Padre superior da casa do Pará, Bento Alvares, com ordem de ir logo tomar posse em virtude della, e mandei despejar Manoel Soeiro, o qual, vendo que não havia já remedio, despejou muito a seu pezar o que mostrou assaz, cortando seus escravos até umas laranjeiras que lá tinha plantado pelo sitio. Os herdeiros de Vicente de Oliveira vieram com algumas pretenções, allegando que Bernardo Palmella dera esse sitio a elles para engenho; mas como nunca fez engenho, nem se cumpriram as condições, nem elle acudiu quando Ruy Vaz o deu como devoluto a Manoel Soeiro, nem tratou de lhe tirar nem acudir ao pleito dos Padres contra Manoel Soeiro, parece que não tem nada que pretender; accrescenta se que Vicente de Oliveira deixou avalial-o pelos avaliadores, e pagal-o pelos padres si Manoel Soeiro não se arrependesse do contracto.

Os Padres do tempo vindouro têm com que defender-se, quando acaso lhes quizerem armar pleitos, porque lhes ficam em mão todos os papeis em que se fala desta materia, e os que correram antes dos de Manoel Soeiro.

CAPITULO 3º.

MUDA-SE O SUPERIOR DA CASA, E SE VAI APERFEIÇOANDO A EGREJA NOVA

Considerando o Padre Superior a egreja imperfeita, e a Casa ameaçando ruina, depois de ter ido já o Padre visitador para o Reino, e o Padre Francisco Velloso para seu governo de Nossa Senhora da Luz em Maranhão, logo tratei de aperfeiçoar a egreja em primeiro logar e, depois disso, de mandar levantar e cercar a Casa com muro para clausura religiosa, visto os paos a pique a cada passo se furtarem e apodrecerem, deixando uma pensão perpetua de quotidiano cuidado, que se não fazia sem grande

incommodo e trabalho dos irmãos e gente do serviço. O Padre Manoel Zuzarte, visitador, tinha deixado o Padre Manoel Nunes por Superior da Casa de Santo Alexandre do Pará, achando-se elle cançado pela muita edade e achaques, e portanto com difficuldades para acudir ás obras que eu forçosamente pretendia fazer, pediu-me encarecidamente que o quizesse aliviar do cargo; respondi-lhe que bem via a muita razão que tinha, mas como por mim se lhe não podia despachar sua petição, allegasse por escripto suas razões para se ouvirem em consulta, para se deferir a ella com o devido acerto; fel-o elle assim, deu suas razões por escripto, as quaes bem ponderadas, em consulta, foram achadas bastantes para eu o poder aliviar, principalmente em tempo de obras que requeriam um homem moço e esperto, tambem entendido em materia de officios.

Aliviei pois ao Padre Manoel Nunes e o mandei com o irmão Balthazar de Campos, para a residencia de S. João Baptista do Cametá, onde havia muita gente, assim de brancos como de indios, e mais bons ares, boas aguas, muito peixe e carne e todo o mais a seu gosto.

Puz em seu logar o Padre Bento Alvares, homem de boa edade, robusto, prudente e já versado em obras, pois tinha feito a bella residencia do Gurupy; e para que tivesse quem o ajudasse e fosse tambem bem entendido em aquella materia, dei-lhe por director das obras o irmão Manoel da Silva; com isto se foi o Padre Manoel Nunes com o irmão Balthazar de Campos, para o Cametá, e o Padre Salvador do Valle para o Gurupy, ficando ambos mui contentes com sua sorte e os indios e moradores brancos mui satisfeitos todos.

O Padre Bento Alvares, logo que entrou em o governo, mandou acabar as portas e janellas da ereja, rebocar e ladrilhar a Capella Mór, e como se ia chegando a festa de S. Francisco Xavier, tomei á minha conta o sermão e o altar mór, e o irmão João de Almeida, os altares colateraes á conta sua. O altar mór era de Christovão Domingos, que tinha feito a egreja, e os altares debaixo os pintou bellamente o irmão João de Almeida, que, por ter sido companheiro de um engenheiro, sabia debuxar e pintar mui bem. O altar mór se fez em tres para quatro dias e durou

até o presente anno. Os colateraes tambem se acabaram a tempo, mas como eram de papel e a cada passo se bolia com elles botaram-se a perder.

Benzi a egreja nova, e ornou-se ricamente para a festa do Santo, em a qual preguei, sendo o auditorio mui grande, pelo concurso de gente a essa novidade.

Depois disso deu-se ordem a se fazerem as casas em roças de Jaguarary e Mamayacú, para onde o Padre Francisco Velloso tinha feito mudar a roça, e como em a aldeia de Carnapió não havia já indio nenhum, mandei o Padre Bento Alvares se aproveitasse da telha e tudo mais da egreja e casa, o que logo fez para que nada se perdesse, tirando de lá o altar e o banco de communhão que mandei por em a nossa roça de Jaguarary. Feito isso, tratou-se de cortar as madeiras para cobrir as casas e varandas do pateo, que tinha mandado fazer; para esse effeito elegeu-se Antonio, indio carapina bizarro, o qual tinha feito a residencia de Gurupy, e era tão destro em seu officio que nem branco lhe ganhava, e este Antonio, que Deus o tem, é que fez o madeiramento todo, assim para a egreja como para a casa e varandas ao redor, estando a egreja e casas, dantes, cobertas de pindobussú ou palmeira grande.

Tudo isso, porém, depois de se ter levantado uma parede nova de taipa de pilão, da banda do mar e corredor, e este com um muro todo ao redor, correndo com as obras o irmão Manoel da Silva, com muita diligencia ; em o mesmo tempo quasi, mandei endireitar o muro do pateo com enchimento de pedaços de telhas com cal, abrir a portaria ao meio, uma janella nova por cima e em o corredor, e fazer a escada que hoje serve para a sachristia, tirando outra dobrada que impedia a ambos os corredores ; em o tecto houve falta por lhe dar o irmão Manoel da Silva o ponto mui alto.

CAPITULO 4º.

CHEGA O PADRE GASPAR MISSEH COM O CABO E SARGENTO MÓR, JOÃO DE ALMEIDA FREIRE, DA TROPA DOS POQUIZANTES, DA FESTA DO SANTO XAVIER.

Tinha ido, o anno antecedente, uma tropa de brancos e indios para as terras dos Poquizes, sitos pelo rio dos Tocantins a dentro, tendo o sargento mór Freire por cabo, e o Padre Gaspar Misseh como missionario della e esta chegou ao Pará ainda em 1669, com alguns indios fôrros e outros escravos; e porque é bom ter inteira noticia de todas as entradas que fizeram os nossos padres, quero aqui relatar brevemente o que della me relatou o mesmo Padre Missionario.

Foi a tropa bem aviada de tudo pelo rio dos Tocantins á riba, a chegada que foi ao porto do caminho que leva para as terras do sertão dos Poquizes, acharam lá um igarapé ou riacho, em cujo fundo estavam varias pedrinhas de côres, entre as quaes dizem dera um soldado com uma, que foi avaliada em alguns tantos mil réis em Portugal. Deste porto foram caminhando, por mattos e brenhas, uns perto de oito dias, sempre a pé, com grande fadiga e trabalho, assim o cabo como o Padre Missionario e indios todos, passando rios e campinas, pelas quaes se acharam bellas pedras de crystal á flor da terra, signal mais certo que muito maiores se achariam se se buscassem cavando. Chegados já para mais perto das aldêas, fortificou-se a tropa, por andarem levantados os Poquizes com medo dos brancos dos quaes se não atreviam de fiar. Vinham os espias de noite ver a cayssára para reconhecer o que se passára e retiravam-se outra vez, pelo que os cabos com os que iam em a tropa suspeitaram que lhes queriam dar e buscavam occasião para isso; e de facto, uma india moça deu por informação que uns tinham vindo com essa tenção, pelo que prenderam-os, e os fizeram confessar debaixo dos açoites como tinham vindo para queimar a cayssára ou casa forte dos brancos. Com isso, captivaram os traidores, trazendo outros parentes delles por fôrros. Ajuntaram-se quantidade de Po-

quizes, de sorte que metteram medo á tropa, á qual, vendo que era muito o poder dos indios, foi-se retirando, e não ha duvida que si se atrevessem a acommettel-a, ella havia de ter tido seu trabalho, e mais quando, por desastre, indo uns soldados descuidadamente tirar polvora do barril, cahiu uma faisca dentro, com que, em um instante, accendendo-se toda, matou um e queimou outros mais chegados. Uma noite, estando a tropa quieta e tendo comsigo um Poquiz preso em grilhões, com esporas ás mãos, com tudo isso ainda teve animo de atrever-se a pegar em uma espingarda, que estava junto a elle e ao Padre missionario, para lhe tirar a vida com ella; deu o Padre um grito, com que, acordados os soldados, logo mataram o barbaro em castigo de seu atrevimento. Com isso não obraram mais cousa de consideração pelas terras dos Poquizes, e, voltando atraz, por onde tinham vindo, foram aos Araracajuz de onde trouxeram muitos arcos e fréchas com uns escudos largos e compridos, todos empennados com bellas pennas. Os fôrros que trouxeram se metteram em a aldêa de Murtigura com seus parentes, e os escravos repartiram-se, conforme cabiam a cada um; por direito, o sargento mór João de Almeida Freire levou um bom quinhão, e em agradecimento do bom successo mandou cantar uma Missa em a egreja de Santo Antonio, com sua pregação, em acção de graças pelo bom successo de sua viagem; foi gabado do pregador como se tivera feito grandes proezas, comparando-se com os antigos mais valentes guerreiros.

O Padre Missionario trouxe uma perigosa doença da qual com o favor do Céo escapou para ir assistir aos Ingaybas, com os quaes esteve annos, com muita satisfação, dando sempre muito boa conta de si, e de tudo que os superiores lhe encommendaram. O irmão João de Almeida, que tinha acompanhado, veio são e valente, e depois de uns dias de descanso, pintou os altares colateraes, e, passada a festa de S. Francisco Xavier, se foi acompanhar o Padre Manoel Nunes ao Cametá, onde assistiu com elle algum tempo; trouxe aquelle irmão uma bella e grossa pedra de crystal das terras dos Poquizes, e disse que á flor da terra se descobriram muitas, que é signal manifesto

haver por lá minas de crystaes, cousa tão estimada pelo mundo todo por sua belleza e grande utilidade, como os vidros, espelhos e outras obras, e curiosidades mui grandes. Quiz apontar isto aqui para dar noticia della aos vindouros, para que, quando se quizerem aproveitar dellas, saibam onde as poderão ir buscar sem perder o tempo e trabalho.

São as terras dos Poquizes mui boas para mantimentos, porém como correm pelo sertão dentro e não tem rios grandes são faltas de peixe, nem ouvi terem cousa de consideração, tirados os seus crystaes; não faltam nações de varios tapuyas que com ellas confinam.

Deus os traga para a luz de nossa Santa Fé, e dê meios a seus missionarios para pol-os em caminho de sua salvação, dando algum descanso aos Poquizes já descidos, para que, afeiçoados ás terras dos brancos, se animem a guial-os para os ir descer para baixo, junto ás povoações.

CAPITULO 5º.

O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO VISITA AS ALDÊAS TODAS, LEVANDO EM SUA COMPANHIA O PADRE PERO LUIZ E O IRMÃO DOMINGOS DA COSTA.

Como o Padre visitador Manoel Zuzarte me tinha encommendado que visitasse em seu nome toda a missão que lhe ficava para visitar da banda do Pará, querendo eu pôr logo em execução as suas ordens, me metti em caminho com o Padre Pero Luiz, que depois havia de ficar em a missão do Xingú.

A primeira residencia que tomei foi a de S. João Baptista em Cametá, onde estava por Missionario o Padre Manoel Nunes com o irmão João de Almeida; não achei que dizer sinão muitos louvores do bom zelo, porque estava a egreja bem limpa e ornada, com seus indios quietos e contentes. Tinham chegado a essa aldêa, cujo donatario era o governador Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, e um filho seu, bastardo por capitão della, uns indios do sertão daquelle rio dos Tocantins, os quaes eram sobejos de umas duas aldêas de sua nação, que

pouco dantes tinham levado de suas terras, á viva força, os paulistas para S. Paulo. Estes vinham em busca dos dos Padres Missionarios da Companhia a que chamam Pays, e porque o dito capitão Antonio de Albuquerque se oppunha, por meio do principal da aldêa, dizendo vinham buscar a elle, não tratou mais delles, para escuzar pendencias, e assim se foram os indios, sem ficar nem de uma, nem de outra parte. Veiu-me visitar o capitão e mandou seu presente, eu lhe agradeci por meio do Padre Pero Luiz, e despedindo-me, fui para a residencia dos Boccas, que tinha começado o Padre João Maria, fazendo lá egreja e casas, e tinham occupado os Padres de Nossa Senhora das Merces, com licença de Feliciano Corrèa, capitão mór do Pará, sob capa de ir fazer uma pescaria por aquellas paragens mui fartas de peixes e de tartarugas, e estava lá residindo actualmente o reverendo Padre João da Silveira, por Missionario, da parte dos seus prelados. Como estava ausente, ajuntei os indios que havia para doutrina da tarde e em o cabo lhes disse, que eu era seu parocho verdadeiro e que os Padres das Mercês não o eram senão com licença minha que lhe concedia, para lhes poder administrar os Sacramentos em quanto não tivessem Missionarios da Companhia. Dos Boccas nos encaminhamos para os Ingaybas ver o Padre Gaspar Misseh, e de lá á fortaleza do Gurupá, onde mandei que se tirasse um sino pertencente aos Padres, que o capitão-mór Antonio Pacheco tinha levado para a egreja daquella fortaleza, tirando-o da aldêa do Tapará, que se ia acabando; tentou o capitão mór ver a sua egreja da fortaleza com sino, mas não se atreveu a oppor, sabendo mui bem que era nosso, e o tinha levado Antonio Pacheco, com termo feito e juridicamente como tal. Este sino o levei comigo ao Xingù, onde o Padre Pero Luiz havia de residir, acabada minha visita, em a qual me acompanhava, por ver as aldêas dos rios das Amazonas, que tambem por falta de Missionario haviam de correr por sua conta. Ajuntei os indios da aldêa do Xingú e lhes mostrei o Missionario que dahi a pouco haviam de ter, e feito tudo o mais que requeriam as circumstancias, nos passamos para Iagoaquára, Urubúquára e Gurupatiba, onde levantamos

uma bella Cruz, com toda a solemnidade. Acabadas as funcções ordinarias, que eram doutrinar, fazer casamentos e baptismos e ajudar aos moribundos e consolar os vivos, animando-os todos com umas dadivasinhas e gotas de aguardente que estimam sobre tudo, passamos para os Tapajoz, a minha primeira missão, que tinha tido em a éra do anno de 1661. Vieram os indios mui alegres a receber-nos com seus presentes de farinha e fructas, e acabada esta sua cortezia costumada, retiraram-se outra vez, sem esperar o retorno. Chamei-os então e disse-lhes: Filhos, estando eu comvosco, de residencia, não vos dava nada quando me trazieis os vossos presentes, por quanto estava falto de tudo, agora que venho com mais alguma cousa, vinde, que vos quero consolar com o que trago como Payuassú; quer dizer, padre grande, como elles chamam ao Padre superior da missão.

Dos Tapajoz subimos seis dias para riba, para os Tupinambaranas, que por aquelle tempo moravam em uma ponta sobre o rio das Amazonas; ahi estivemos doutrinando, baptisando, casando...... uma egreja...... de S. Miguel. Estando cansados com o muito trabalho do dia, mandei os remeiros que levassem a canoa grande em que iamos pelo meio do rio, que por aquelle tempo estava quieto, e nós á boca da noite nos fomos pôr dentro della, cuidando que por meio desta prevenção não nos perseguisse tanto a praga de mosquitos, qne não deixavam descansar a ninguem; porém, foram nos seguindo, tanto que não houve Padre nem ainda indio que pudesse fechar olho para dormir; o que vendo eu que levava em nossa companhia um indio, por nome Thomazio, trombeteiro, mandei-lhe tocasse trombeta, virado para banda de um outeiro, para com a agradavel correspondencia do éco que ahi havia, passarmos a noite com algum alivio, ou ao menos com menos molestia pelo divertimento que causou. Estando já noite fechada, pareceu a aldêa, um abrazado incendio e muito maior ainda pela madrugada, e ouviam-se grandes choros de meninos, com confusões de varias vozes; aclarando já o dia, perguntei ao branco Manoel Coelho que nos acompanhava por seus negocios, que causa tinham tido esses gritos e fogos da aldêa á noite passada; respondeu-me que os fogos que tinha visto eram os que os indios tinham feito debaixo de suas redes

para se defenderem dos mosquitos, e que as gritas tinham sido os meninos e meninas, que, molestados das picaduras delles, estavam chorando.

Com isso fomos dizer Missa e fazer doutrina á aldêa aos indios todos, e como lhes falamos da grande praga de mosquitos, pediram-me que os excommungasse para que se retirassem para outra parte. Respondi-lhes dizendo: Filhos, os mosquitos estão em sua terra, não se lhe dão de excommunhões como vós outros, que sois entendidos, tirae-vos daqui e mudae-vos para outra parte. Assim o fizeram e se mudaram para terra dentro, onde estão até o presente, em logar alegre, de bons ares, terras, aguas, mantimentos, peixe, fructas, tartarugas, e com menos praga de mosquitos. Não fomos mais para riba dos Tupinambaranas, por que só os Missionarios que iam com as tropas chegavam para mais longe aquelle tempo, mas recolhemo-nos e chegados aos Tapajoz, veiu Maria Moacara, principaleza, com os principaes e cavalleiros, visitar-nos, mostrando-nos uma bella golla de seda toda, que o novo Governador lhe tinha dado em a visita que lhe tinha feito; deu-me tambem parte de umas pazes que ia fazer com umas nações, dizendo necessitava para isso de um frasco de aguardente, o qual lhe mandei dar logo, para esse fim. Aconteceu uma cousa digna de se referir em tal occasião, e foi que, baptisando eu, com o Padre Pero Luiz, as creanças dos christãos, houve uma india que, sabendo-o, logo fugio para o matto com a sua, para que não baptizasse. Mandei-a buscar e vindo ella lhe perguntei por que razão, sendo christã, se tinha fugido, respondeu-me que reparara que as creanças que eu baptisara em annos atrazados morriam muito, e se fugira para que não morresse tambem a sua. Desenganei-a, então, mostrando-lhe a necessidade e o grande bem da agua do baptismo, com que, consolada e desenganada, logo offereceu sua creança para receber o Santo Baptismo, como as demais. Deste modo fomos indo pelas outras mais aldêas, dando cumprimento á visita que, louvado seja Deus, teve muito bom successo. Logo que chegamos com saude á cidade do Grãopará, mandei o Padre aviar ao Padre Pero Luiz de tudo o necessario para sua viagem e residencia do Xingú, para a qual partiu com grande gosto, levando

por companheiro o irmão João de Almeida, vindo do Cametá, onde tinha estado com o Padre Manoel Nunes, indo em seu logar. Depois de uns poucos de dias, dei ordem ao Padre Bento Alvares, superior da casa do Pará, de levantar uma parede da banda do mar, e fazer um pateo da banda da cidade, e cercar o quintal com um muro. E com isto parti para visitar o Maranhão, levando por companheiro o irmão Marcos Vieira, que, muito havia, assistia em a cidade do Pará. Fomos em canôa bastante com uns remeiros jacumaybas, e um piloto, que era Felippe Cosme, da aldéa de Maracanã, tido desde então por um dos melhores pilotos que havia por aquelle tempo. Fomos navegando bellamente até entrar o igarapé de Toqueem boque, e como não achamos já aguas para passal-o, para não estarmos esperando por ellas uns tres dias, levou-nos o pilotos com consentimento meu, por onde se navegava sem perigo. Fizemo-nos logo ao mar e achamos tantas ondas encapelladas que iam quebrando contra a canôa, ao largo de todos ellas, que nos achamos perdidos todos ; vendo eu isto, animei o piloto, e remeiros, que fizessem sua obrigação, e mandei ao irmão Marcos Vieira lhes désse de beber uma gota de aguardente, e ao capitão Domingos de Almeida, que vinha em a canôa, que botasse agua fóra, pegando eu em um bello painel em que vinha retratado S. Francisco Xavier, meu padroeiro, por esses caminhos da visita por mar, oppondo-o á furia das ondas que vinham, uma após a outra, sobre nós e se quebravam todas contra a canôa. E foi caso raro que por beneficio do Santo não nos alagou a canôa nem se nos perdeu cousa alguma pela muita agua que lhe entrava dentro, isto sem embargo de ter durado esta furia das ondas mais de um tiro de espingarda por toda a costa brava daquella ilha. Descabeçaram, finalmente, as aguas, tanto que ficaram em secco, e logo com a enchente nos puzeram da outra banda da bahia, sem nenhum perigo, sendo ella de si muito perigosa, e assim chegamos a salvamento á residencia do Gurupy, onde residia já o Padre Salvador do Valle, com agrado e satisfação. De lá partimos a Tapuytapera e, atravessando a bahia em canôa, estando quasi cheia a maré, levantou-se-nos em a travessia um vento tão rijo que mettia medo á todos, mas

levantando outra vez o retrato do meu Santo para o ar, moderou-se de tal sorte que, admirado, o capitão Domingos de Almeida Figueiredo disse que parecia levavamos os ventos em um sacco; com que passamos bellissimamente, e fomos tomar o porto de nossa Casa do Maranhão, com todo o socego que se podia desejar.

CAPITULO 6º.

O QUE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO OBROU VISITANDO A CASA DE NOSSA SENHORA DA LUZ DE S. LUIZ DO MARANHÃO

A este capitulo pertencia o que em outro atraz se tem dito do pleito sobre as terras de Juquiry, que Bernardo Palmella Serrão e sua mulher, Izabel da Costa, que Deus tem, deixaram á Casa de Santo Alexandre do Grampará, mas como bastantemente fora referido tudo, passo a dar noticia do que se obrou em o mesmo tempo em bem da Casa do Maranhão. Havia umas trinta ou mais cabeças de gado pertencentes á casa em a ilha de S. Francisco, que está defronte della, onde assistia um tapanhuno chamado João Velho, homem de bem e que pelo anno de 1661 tinham tirado do governo da roça de Anindiba, pondo seu filho Francisco Velho, cafuz, em seu logar; assistia com elle o pescador Felippe...... e sua mulher, com os filhos de João Velho; o Felippe cuidava do gado em tudo, assim para largal-o para o pasto pela madrugada, como para tirar-lhe o leite e encurralal-o antes da noite; e como esta ilha estava falta de agua para o dito gado sem se poder achar remedio para esta necessidade, pois não bastavam os tanques que o irmão João Fernandes tinha feito, tratei de comprar as terras de São Marcos que por um alagadiço confinam com a ilha, e pertenciam a Dona Viuva Maria Sardinha e seus herdeiros; porém, estavam occupados por um curral de gado que alli tinham os reverendos Padres de Nossa Senhora das Mercês, que as tinham aforadas á razão do pasto e aguas para o seu gado, que um irmão leigo guardava, estando lá de assistencia, com suas casas postas em a descida do outeiro de S. Marcos, cuja ermida era frequentada com roma-

rias contra as febres, dos moradores do Maranhão, com tanta fé das mulheres, que, sendo a imagem do santo de vulto e feita de barro, a comeram quasi toda, levando-a pouco a pouco em pedacinhos para a comer. Informei-me da Dona Viuva Maria Sardinha, se os reverendos Padres das Mercês tinham algum direito sobre as ditas terras, porque mostravam um escriptinho que lhes tinha dado um seu procurador, em que lhes dizia que lhas havia de vender; respondeu ella que nenhum direito tinham e que este escriptinho era passado sem nenhuma ordem sua, nem ella queria vender suas terras a elles, mas si as viesse a vender, seria aos reverendos Padres de Nossa Senhora da Luz, como já tinha dado palavra, quando muitos annos antes lhe fallara sobre esta venda o Padre Matheus Delgado, sendo Superior da dita Casa. Ouvindo esta resposta, disse-lhe eu que visto as terras estarem desempedidas, e ella ter tão boa vontade para a Casa de Nossa Senhora da Luz, considerasse bem com seu filho João Sardinha e sua filha F. Madeira se lhe estava bem vendel-as a mim, e achando que sim, me mandasse avisar para se escolherem avaliadores das ditas terras depois de terem ido commigo a vel-as todas; por isto ficou, e passadas umas cinco para seis semanas, mandou-me dizer que estava resoluta a vender as terras de S. Marcos e elegesse dois homens que fizessem vistoria dellas e as avaliassem ao preço em que ambos ficariamos; respondi-lhe eu elegesse ella, porque se não dissesse depois que escolhera eu homens de minha parcialidade; elegeu ella logo a André Cordeiro e João Monteiro, que eram os mesmos dois que eu tinha vontade de nomear. Fui pois eu e o irmão de Manoel Sardinha com João Sardinha e os ditos avaliadores, ver as terras, correndo os altos e baixos dellas, desde o principio até o cabo, e depois de vistas, as avaliaram os avaliadores em cento e vinte mil réis, os quaes logo lhe mandei pagar em seiscentas varas de panno de algodão. Souberam os reverendos Padres das Mercês e seu commendador frei Luiz Pestana metteu logo petição ao juiz ordinario, que era então Bartholomeu Barreiros, para se prohibir aos escrivães de fazer escriptura; mas a dona viuva fez outra petição de queixa ao ouvidor geral, o qual deu uma reprehensão

ao juiz por ter procedido incivilmente e mandou que todos os escrivães do numero pudessem fazer a escriptura que eu quizesse sobre as terras de S. Marcos; com isso se fez a dita escriptura de venda e pagamento e se foi tomar posse da terra pela justiça, indo comigo o irmão Manoel da Silva, André Cordeiro, João Monteiro e capitão João de Moraes Lobo e guardando-se todos as ceremonias que prescrevem as leis do Reino. Começam estas terras da primeira lombada sobre o mar, para banda da ponta de João Dias, onde está hoje a fortaleza de Santo Antonio, e acabam em os cannaviaes, para a banda de Maria Sardinha, tudo conforme reza a escriptura e carta de data e sesmaria, que estão entre os papeis da Casa do Maranhão. Armaram-nos os reverendos Padres das Mercês pleito para mostrarem ser nulla a venda e compra daquellas terras, mas, vencidos sempre em todas as instancias, até que, vendo claramente sua pouca justiça com que se defendiam, desistiram finalmente do pleito, e para se não tirarem de tudo daquella banda, compraram uma sorte de terras junto á Casa de Nossa Senhora da Luz e as demarcaram, como se dirá em seu logar; mas como lhes não foi de proveito, a venderam annos depois ao Collegio, sendo eu pela terceira vez reitor delle.

CAPITULO 7º.

CONTINUA-SE O MAIS QUE O PADRE SUPERIOR OBROU, ESTANDO DE VISITA AO MARANHÃO

Mandou por aquelle tempo o Padre commissario da Confraria de Nossa Senhora do Soccorro cartas com poderes do Reino para a instituir por todo o Estado do Maranhão, e assim logo a instituiu em dia de Nossa Senhora da Luz, havendo sua festa com a do Orago da egreja. Não é crivel com quanta devoção foi acceita de todos, accentuando-se ahi os irmãos da Confraria da Senhora da Luz, os seculares até os estudantes e os nossos quasi todos com os mais religiosos, excepto os de Santo Antonio, dos quaes não me lembra ter-se assentado algum. Foi-se propagando essa devoção com tanto fervor que

não houve quasi quem a não tomasse, pelo muito que lhes encommendei em meu sermão da festa da Senhora, que institui, então, de Nossa Senhora da Luz e Terço do Soccorro; e porque ainda a Confraria de Nossa Senhora da Luz não estava incorporada e de Roma a tinham feito incorporar, vindo-me de lá bulla de acceitação com todas as indulgencias que se participam, estas li aos irmãos e mandei se expusesse nas festas do Orago ás portas das egrejas, com a instrucção da Confraria do Soccorro, e assignando o modo que haviam de guardar para a acceitação dos irmãos. Tinham estes disposto em o principio do compromisso da Confraria de Nossa Senhora da Luz, que ella não acceitasse irmão algum de que houvesse minima suspeita de nação, mas como isto era causa que muitos se retiravam, tirei aquella condição, dizendo que Nossa Senhora do Soccorro a não tinha, e assim a não tivesse a Confraria de Nossa Senhora do Terço; em isto se ficou, porque a não ser assim se havia de expulsar varios que estavam assentados e não se podia, pelos mais, continuar a confraria. Prescrevi-lhes tambem as regras que se costumavam guardar em as solemnidades ou confrarias da Europa, e lhes li a todos com grande sua acceitação; mas como esta terra não é capaz dessas cousas por morarem os irmãos commummente em suas fazendas, não houve logar para se poderem guardar.

Era o Padre Velloso reitor do Collegio em aquelle tempo, em que, por eu ter escripto a Roma que as Casarias se podiam chamar Collegios e os Superiores dellas Reitores, por terem os requisitos para isso, concedeu o nosso muito Reverendo Padre João Paulo Oliva licença para se chamarem assim dahi por deante. O Padre Velloso, primeiro reitor do Collegio, pediu-me com os irmãos da Confraria, que tambem instituisse a devoção das quarenta horas que a Confraria ha de fazer á sua custa. Tive eu para isso alguma repugnancia dantes, por parecer-me não haveria quem fizesse e continuasse a fazer os gastos e não são pequenos, e com o tempo podiam vir a cahir ás costas do Collegio; mas como quer que, assim o Padre reitor, como a direcção da Confraria, como o prefeito e assistente e mais irmãos, instaram fortemente, institui então com elles as quarenta

horas para sempre, e porque os gastos não fossem tão molestos, fiz que esta Confraria se juntasse com a de Nossa Senhora do Soccorro, porque como esta havia de fazer uma festa em o anno, fosse em o dia de Nossa Senhora do Terço em dia de Nossa Senhora da Luz, e porque aquelle dia ha jubileu e indulgencias plenarias, alcancei de nosso muito reverendo Padre Geral que as da Confraria se pudessem deferir a ganharem o domingo seguinte. Isto assim ficou, fazendo-se as festas com tão grande solemnidade, que nem as de Lisboa lhes ganham em devoção, porque nos dias das quarenta horas, em tempo de entrudo, ha tanto concurso em nossa egreja, que é cousa para dar graças a Deus, assim por isso como por não se achar pela cidade desordem alguma. Desencerra-se pela manhã o Senhor exposto em seu Throno, bem adornado com sua musica e Missa cantada, com pregação á tarde, pelas duas horas, por serem as manhãs impedidas com muitas confissões e mais communhões, e para que se possa continuar sempre a devoção por todo o dia, retirando-se gente para tornar um bocado, assistem aquellas horas os religiosos e estudantes com os musicos, os quaes, depois de um bom jantar, que lhes dá a Confraria, em uma casa perto da egreja, cantam seus motetes, acabada a pregação, cantam-se as completas e as ladainhas e se encerra o Senhor, e pelo mesmo modo se passam os mais dias, tirando o dia terceiro em que ha procissão pelo terreiro, acompanhando os religiosos e clerigos e todos os seculares, assim homens como mulheres, o Santo Sacramento e a Imagem da Senhora, que se eleva em sua charolla, e ao cabo de tudo, cantando-se *Tantum ergo*, dada a benção do Senhor, se recolhem todos para suas casas com tanta modestia pela cidade como se não fossem dias de entrudo, em que pelas outras terras parece andar o inferno todo solto para procurar aos homens as offensas de Deus Nosso Senhor. Por meio desta devoção já se acha o povo todo muito disposto para a Santa Quaresma ; ella é as tardes em as domingas e praticas em as sextas-feiras, depois das Ave-Marias, á boca da noite, com tanto concurso que não cabe a gente em a egreja e está pelas ruas. Não falo das lagrimas que se derramam, principalmente em os colloquios que se fazem ao

cabo, mostrando-se uns passos de umas imagens de vulto feitas em Lisboa, tão perfeitas que não ha outras eguaes. Tenho corrido muitas terras e visto o que alli se faz em tempo da Santa Quaresma, e confesso que lá se revê o Maranhão em apparatos, concurso e musicas ; porém, não em as lagrimas que se choram até desmaiarem algumas pessoas: não tenho visto cousa semelhante. Não fallo aqui das procissões dos Passos dos Terceiros e do Senhor em quinta-feira de endoenças, com seus sepulchros disciplinantes e penitentes de muita casta, porque essas cousas se não usam em outras terras, fóra Castella e Portugal e seus Estados. Não quero julgar em que parte haja mais devoção e serviço de Deus, porque julgar isso a só Deus Nosso Senhor pertence, pois conhece os corações; mas, tudo considerado acho que se a demonstração exterior é maior em Portugal e em suas conquistas, em o interior é maior em as outras partes, porque lá se acha maior observancia da lei de Deus e de seu Rei, que nestas partes ultramarinas, onde parece que, passados aquellas acções exteriores, anda solto o inferno, todo com pouca ou nenhuma emenda. Isto digo como testemunha de vista em trinta e sete annos que assisto em este Estado do Maranhão, onde se bem vi muita devoção exterior pelas festas, nunca achei melhoria das vidas e parece se cumpre á lettra o que lá diz Horacio, que os filhos são peiores que os pais, e os netos peiores que seus avós ; e é certo que os primeiros conquistadores desta terra achei todos homens sinceros e modestos, e os seus filhos e netos tão diversos, que não parecem filhos nem netos de quem são. A instituição das quarenta horas em o Maranhão se deve ao zelo do Padre Francisco Velloso, porque é certo que se elle não instara tanto não a instituiria, por me parecer que mal se havia de continuar, em razão dos grandes gastos em tão pobre terra.

CAPITULO 8º.

VAE O PADRE JOÃO MARIA GORSONY COM O IRMÃO MANOEL RODRÌGUES E DESCE BOA PARTE DOS GUAJAJARAS DE SEU SERTÃO PARA A RESIDENCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO IMMACULADA, SOBRE O RIO DO PINARÈ E ALDÊA DE CAYRITIBA.

Estando o Padre João Maria Gorsony, Missionario dos Guajajaras em Cayritiba, aldêa do rio Pinaré, como via que faltavam muitos indios já descidos pelo Padre Manoel Nunes, mandou pratical-os para se descerem, e como teve noticias que se queriam descer foi, com licença minha, em pessoa, buscal-os, como bom pastor que ia em busca das ovelhinhas perdidas, levando comsigo o seu companheiro, o irmão Manoel Rodrigues, natural da ilha de S. Miguel, com canoas equipadas de indios, providas de mantimentos e tudo o mais bastante para o effeito que intentava. Partiu do Cayritiba pelo rio arriba sem difficuldades em os principios, mas depois de dar com umas verduras de folhas largas, a modo de aguapés a que chamam *muruzes*, achou-se obrigado a abrir caminho á força de braços e machados, com trabalho immenso até o porto do sertão dos que ia buscar. Chegado que foi ao porto, deixando lá as canoas, e carregando os indios os mantimentos e mais cousas necessarias ás costas, foram caminhando a pé, por terra, cinco dias de jornada, por chuvas e sóes, por espinhos e lagos, até chegarem finalmente á primeira aldêa de Capiytiba. Folgaram muito os barbaros de ver os Padres e mais seus parentes em sua companhia ; o Padre como missionario zeloso, que aborrecia dilações, ajustou logo com todos os principaes e praticou-os para virem para baixo com elle, para serem filhos de Deus, e não morrerem por aquelles mattos como uns animaes brutos, feitos o sustento do lobo infernal. Elles, como estavam já com noticia dos intentos do Padre, havia muito tempo, não se puzeram a deliberar muito o que já tinham resoluto e determinado comsigo, e era que, ficando uns para verem o successo dos primeiros, iriam os outros com mulheres e filhos para morarem sobre o rio do Pinaré, com condição

porém, que nunca se obrigariam a servir os brancos, mas estivessem aldeados á parte, não mais que para serem doutrinados e feitos filhos de Deus pelos Padres Missionarios, que a não ser isso não se queriam descer, pois estavam em seus mattos mui livres e fartos do necessario para o sustento da vida.

Veio a isso o padre João Maria e lhes deu palavra de lhes fazer cumprir estas suas condições sem nenhuma fallencia. Com isso se embarcaram, poucos dias depois, em boa quantidade, com suas mulheres e filhos em canoas que se tinham deixado no porto á vinda e outras ligeiras, que fizeram para este effeito com toda a pressa. Não é crivel quanto padeceram os Padres durante a jornada, com tanta gente que levaram a seu cargo. O Padre João Maria, para alegral-os pelo caminho, lhes tocava uma gaitinha, que toca perfeitamente bem por solfa, e o irmão lhes dava de comer por suas proprias mãos, com que lhe pegaram as bobas de umas creanças, das quaes se bem se curou depois, comtudo ficou muito mal tratado dellas até o presente.

Tinha o Padre João Maria dado ordem aos da aldêa, que o viessem encontrar com canoas e mantimento e assim o cumpriram ; com que nada lhe faltou para chegarem á sua aldêa onde foram recebidos com grande alegria e festa, e tendo sido levados primeiro para a egreja para darem graças a Deus com um *Te Deum Laudamus*, foram repartidos pelos ranchos de seus parentes até em outra occasião podel-os accommodar melhor. Avisou-me o Padre João Maria de sua feliz chegada, pedindo que fizesse guardar as condições com que tinham ficado com elle antes de se descerem, a saber: de não trabalharem para os brancos, e morarem á parte em uma aldêa apartada, para terem caminho aberto para voltarem ás suas terras, sendo caso que os brancos quizessem entender com elles. e pediu mais que se lhe mandasse algum panno para se vestirem e ferramenta para tratarem de suas casas, e roças para mantimentos, e anzóes para pescarem. Mandei logo, sem detença alguma, tudo o que se tinha pedido, e mandei dizer juntamente ao Padre João Maria que tocante ao ponto de os novamente descidos morarem em aldêa apartada, seria para depois, porque de presente não se tratava de repartir os do Pinaré entre os barbaros, e que em seu tempo

se lhes cumpriria suas condições, mudando-os sobre o mesmo rio até á distancia em que pudessem ser commodamente visitados, doutrinados, baptisados e ajudados em tudo o que tocava a sua salvação, que era o que tinham vindo buscar, que, entretanto, descançassem, estivessem em companhia de seus parentes até se fazerem ao clima da terra, que lhes iam ferramentas que cada dia se lhes entregavam pela manhãsinha para irem com ellas ao trabalho, contanto que á boca da noite as tornassem a entregar para se não perderem, ia tambem algum panno para se vestirem. Com que, finalmente, contentes e satisfeitos todos, e pelo tempo adiante, foram fazendo suas casas a parte, tendo o seu principal, sargento mór, capitão e mais officiaes, que os mais indios costumam ter; e ficaram, depois de bem doutrinados e baptisados, tão correntes e ladinos alguns delles, que nem os antigos da aldêa lhes levavam a vantagem e vieram elles mesmos a conhecer, indo para a cidade, que os brancos não eram tão máos que elles se imaginavam dantes de os ver e praticar. Acharam-se estes primeiros tão bem onde estavam, que, avisados seus parentes em o sertão, vieram uns oitenta, entre grandes e pequenos, por terra, tendo-se já ido o Padre João Maria para o Pará, e estando eu em seu logar, emquanto como reitor do collegio, e tinha ido a visitar a aldêa por um pouco de tempo, fui recebel-os com trombetas ao porto e os levei com fésta á egreja, e dahi, depois de rezar em alta voz o *Te Deum*, tomei-os em rol e fui repartindo por seus parentes que logo os agasalharam e vestiram a seu contento. A estes se foram depois ajuntando outros, assistindo-lhes o Padre Antonio Pereira e outros mais, estando em a aldêa o Padre Pero Luiz. Ficaram, porem, sempre alguns em seu sertão, por não largarem suas mancebas, e viverem mais á sua vontade em seus mattos, que mais estimam do que os mais regalados as suas quintas mais ricas e queridas. Tem estes Guajajaras de bem serem mui preguiçosos e pouco valentes, serem mui inconstantes e grandes fujões, porque a cada passo tornam a fugir para seus mattos, não tão somente os novos mas ainda alguns dos mais antigos. O Padre João Maria os ensinou a tocarem a gaitinha, e assim affeiçoadissimos a este genero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias, estando des-

occupados ; não ha duvida que um dos meios para entretel-os e affeiçoal-os a ficar e estar com os Padres, é ensinal-os a tocar algum instrumento para suas folias em dias de suas festas em que fazem suas procissões e dansas, levando deante de si a imagem da Virgem Senhora Nossa, cantando alternativamente: *Tupá cy angaturana, Santa Maria Christo Yára.*

CAPITULO 9º.

PARTE O PADRE JOÃO MARIA PARA O PARÁ E VAE POR MISSIONARIO DA TROPA DO MARANHÃO

Depois de ter o Padre João Maria assistido algum tempo, para consolação do seu novo rebanho, aos Guajajaras, mandei-o para o Pará, e de lá com a tropa do Maranhão e o cabo era Manoel Coelho, morador de S. Luiz. Levou por companheiro o Padre Manoel Pires. Apoz elle, fui tambem eu e o governador para a mesma parte. Indo as canoas da tropa pelo rio das Amazonas para riba e os Padres em canoa sua propria e como passaram junto a uma grande correnteza, foi-se-lhes enchendo de agua de tal sorte que quando menos cuidavam se acharam alagados ; o Padre Manoel Pires ficou dentro da canoa, mas o padre João Maria fóra della sobre uma taboa, vestido de seu roupão que lhe não deu pouca molestia ; e como não sabia nadar foi-se rio abaixo, levado da correnteza, abraçado com a taboa, a qual se lhe poz sobre o peito para mais molestia sua. Um indio, remeiro seu, tendo compaixão delle, lançou-se ao rio com perigo de sua propria vida, e pegando em um canto da taboa a foi acompanhando para onde a correnteza a ia levando ; pediu o Padre João Maria ao padre Manoel Pires absolvição de seus peccados, e elle lhe deu por estar ainda em distancia proporcionada a este effeito ; e logo depois de ter o Padre recebido a absolvição e feito sua penitencia, como entendia comsigo que infallivelmente haviam de perecer ambos por aquellas ondas, tratou de dispor o indio, seu bemfeitor, á confissão e o confessou; depois disso como o roupão lhe servia de grandissimo estorvo, para se ter em riba d'agua, fizeram tanto ambos, dando-lhe voltas, que o tiraram, com que

ficou mais desempedido para se ter em cima della; com isso foram andando assim, por tempo consideravel, para onde os levava a correnteza, a qual finalmente os foi botando para mais perto de terra; pediu então o Padre ao indio que se esforçasse para ver se podiam tomar porto seguro, mas respondeu-lhe o indio que aquelle logar, por ser paragem cheia de espinhos, havia de ser sua perdição, se por ahi tratassem de sair. Deixaram-se levar um pouco mais adiante, onde se lhes offereceu um lameiro ou tijucal, para o qual foram botados ambos, valendo-se da mesma correnteza, já meio mortos de frio, porque, supposto que em terras de America não ha frio de consideração em nenhuma parte, comtudo como as aguas são frias, por natureza, acharam-se os pobres tão resfriados que, postos já em terra, apenas poderam bolir comsigo. Acodiram-lhe logo os brancos que, desde o principio que tiveram noticia do caso, andaram solicitos para soccorrel-os sem se lhes offerecer modo de o poder effectuar; vestiram os Padres de suas roupas e lhe acudiram assim a elles como ao pobre indio, o melhor que lhes foi possivel pelas circumstancias do tempo e logar, e como por aquella occasião se perdeu quasi tudo que os Padres levavam, mandaram logo aviso ao Pará, para que de lá os soccorressem com provimentos novos do que necessitavam. Estava eu já então em o Collegio e como vice-reitor o Padre Bento Alvarez e compadecidos do successo desgraçado, logo sem nenhuma demora lhes mandamos uma canôa grande, carregada de tudo o necessario para esses sertões, encommendando ao capitão Domingos de Almeida Figueiredo para que levasse com todo o cuidado, escrevendo ao Padre João Maria que em reconhecimento deste trabalho, que sobre si tomava Domingos de Almeida, lhe valesse com o cabo para tirar por seu dinheiro algum remedio para sua casa. Foi esta obra de caridade de tanto proveito ao dito Domingos de Almeida, que então o tomaram os Padres Missionarios á sua conta, com que, por suas ganancias licitas com a gente da tropa, tirou tambem o remedio que até o presente tem com que passe commodamente a vida, com sua mulher Anna Baptista..... irmã uterina de frei Salvador, religioso de Santo Antonio, que ensinou Philosophia em o Maranhão a seus religiosos.

Com este bom soccorro de provimento, foram os Padres Missionarios com a tropa até os Solimões e ...., sendo que dantes nenhuma tropa tinha chegado mais que até o rio Negro, salvo a que foi ao Quito, que não foi resgatar escravos. Os Solimões não são costumados a ver semelhantes hospedes em suas terras, retiraram-se para o matto e não deram escravos nenhuns; mas, visitados depois pela segunda vez, deram boa quantidade delles, os quaes com os que se fizeram pelo rio Negro e outras partes, chegaram a novecentas cabeças, sem entrarem em tal numero as que tinham os soldados para si. Com este bom successo veio a tropa para baixo com seus Missionarios e quiz a Providencia Divina que me achasse em Cametá com o Sr. governador donatario daquella Capitania, o qual, vindo de visitar o Gurupá, pediu-me que, como Superior, examinasse umas peças feitas pelo Capitão-Mór daquella fortaleza, João Botelho, sem mais autoridade que a sua; foram-se os Missionarios, continuando sua viagem para o Pará, e examinei-lhe as peças e achando que eram feitas contra a Lei, as dei por perdidas todas, conforme o que a mesma Lei estava dizendo. Fiquei em Cametá emquanto lá se deteve o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, instituindo a camara de sua villa, dando-lhe suas varas em casa de seu filho Antonio Carvalho, que, como capitão, governava a aldêa, não que o Padre Manoel Nune necessitasse de tanta detença minha em sua residencia, mas para fazer esta cortezia ao governador, meu amigo, porque o Padre Manoel Nunes era missionario ajustadissimo em suas cousas, e affeito a todos os brancos e indios, acudindo a uns e a outros em o espiritual, por não haver outro parocho em a aldêa que servisse á egreja velha de S. João, que ahi havia desde o principio. O que alcancei, aquella occasião, do modo de proceder do Padre Manoel Nunes, foi guardar elle á risca a visita do Padre Antonio Vieira que de todas se mandava guardar; dizia sua Missa pela manhã, depois da oração da Communidade para os indios a poderem ouvir, e, feita a doutrina como se costuma fazer, mais de uma meia hora de recollecção; depois disso, por ser já muita sua edade, descansava um bocadinho e logo se punha a rezar pelo P..... horas e horas, com um joelho ao

chão, por lhe doer o outro. Acabadas suas devoções, acudia com grande zelo e caridade aos brancos e indios, principalmente á nação dos Coatingas, que estava dispondo para o Santo Baptismo ; e se algum indio ou india se confessava com elle, confessava-o primeiro muito de vagar á tarde, e o tornava a confessar pela manhãzinha, antes da communhão, e o que mais admirei delle é que, tendo occupado os cargos que se sabia, e homem de tanta edade, letras e virtudes, me queria acompanhar para fóra sem eu lh'o pedir, como se fôra o minimo irmãozinho de toda a missão ; ficando seu intimo amigo, tudo confesso de tanta sua humildade, que delle acceitava, muito a meu pesar, por me estimar indigno da honra que me fazia. Acabada a visita, foi-me acompanhando até o Pará, tendo tanto cuidado de mim como se elle fôra moço, e eu algum padre velho de muita autoridade, sendo tudo o contrario, por ser elle de muita edade e eu um moço de quarenta e cinco annos, quando muito.

CAPITULO 10

DO QUE O PADRE PERO LUIZ OBROU EM XINGU', E A VIAGEM QUE FEZ O PADRE PEDRO PODEROSO COM O IRMÃO ANTONIO RIBEIRO PARA OS TACONHAPÊS.

Andava em aquelle tempo o Padre Pero Luiz Gonsalves correndo com a missão do Xingú, com incansavel zelo, tendo a seu cuidado não sómente as aldêas de seu rio, mas tambem de Gurupá e rio das Amazonas para riba. Ajuntou em sua aldêa do Xingú muita gente nova, uns Jurunas, outros Cacoanhapés de nação, os quaes, vendo as occasiões que lhes davam os brancos, se voltaram muitos para suas terras, e outros poucos, tocados da graça do Céo, perseveraram até o fim. Entre estes, houve um principal, grande feiticeiro, o qual, depois de ensinado em os mysterios de nossa Santa Fé, arrependido de sua má vida passada, pediu com grande instancia ao Padre Pero Luiz que o baptisasse para poder ir ao Céo ; instruiu-o elle com cuidado e pressa e o baptisou em uma grande e perigosa doença, que lhe tinha

dado. Não é crivel quanto se alegrou de ser já feito filho de Deus, e quanto desejou logo de acabar a vida para ir ver a face de seu bom Pae; e com este amoroso desejo continuamente, expirou com os Santos nomes de Jesus e Maria em a boca, deixando o Padre todo admirado de tão ditoso genero de morte, como foi a sua. Havia mais uma mulher gentia em sua aldêa, a qual, achando-se tambem gravemente doente, pediu encarecidamente ao Padre Pero Luiz que a baptisasse e puzesse em caminho de sua salvação; poz-se elle a ensinal-a com todo o cuidado possivel, preparando-a com todos os mais requisitos para tão alto Sacramento e ao cabo disse-lhe: Filha, amanhã te baptisarei e te chamarei Paula. Descançou entretanto, suspirando sempre para aquella tão grande dita; não a baptisou logo, por entender que em duvida chegaria ao dia seguinte; porém, como os homens principalmente menos praticos do conhecimento das doenças facilmente se enganam, enganou-se tambem elle, porque pela meia noite lhe vieram dizer que morrera a sua doente.

Pasmou muito, mandando logo quem pudesse certifical-o da verdade, e se botou de joelhos deante de seu crucifixo, pedindo a esse Divino Redemptor e amante das almas, quizesse perdoar-lhe a elle o seu descuido, e dar vida a Paula para se poder baptisar. Chegou recado que a india verdadeiramente morrera, com que o pobre Padre ficou ainda mais afflicto, e continuando sua oração até sobre a madrugada, veiu-lhe recado que a india vivia. Alegrou-se elle com tão bom recado, foi depressa para casa della e vendo-a com vida disse-lhe: Que é isto, filha Paula, é certo que morreste sem eu sabel-o? Morri, respondeu ella, e morri verdadeiramente, mas quiz Deus Nosso Senhor que tornasse a viver, para que tu acabes de me instruir e baptisar. Fel-o assim o Padre com summo gosto de sua alma, tornou a ensinal-a e fazer com ella os actos de Fé, Esperança, Caridade e contrição e depois disso lhe lançou a agua do baptismo, com que deu seu ditoso espirito a seu Creador. Estes dois casos tão maravilhosos me escreveu o mesmo Padre Pedro Poderoso, como Superior, dando-me conta do que se passara em sua missão de Xingú, para onde eu o tinha mandado. Ora, já que estamos fallando em a missão do rio Xingú, referirei brevemente a viagem

que por elle fez o Padre Pedro Poderoso com o irmão Antonio Ribeiro para os Taconhapés por minha ordem, para descer aquella nação, de lingua geral, de seus sertões. Tendo eu por noticia que pelo sertão daquelle rio Xingú estava a nação dos Taconhapés, indios de lingua geral, mandei-lhes o Padre Pedro Poderozo e o irmão Antonio Ribeiro, ambos bons linguas, para pratical-os a que se descessem para as aldêas mais chegadas á povoação dos brancos, para poderem ser filhos de Deus. Navegaram os Padres em canôa bem equipada e provida, uns quatorze dias pelo rio a riba, contra umas correntezas do mesmo rio, que... precipitando-se de terras altas para mais baixas entre rochedos mui... com tanta vehemencia, que só pegando-se os indios remeiros em uns ramos que havia ao bordo do rio, podiam avançar alguma cousa, e dizia-me o Padre que em esses rochedos havia figuras de umas lettras á grelha, como entalhadas alli. Chegaram finalmente, supposto que com incrivel trabalho, ao porto onde amararam a canôa, deixando dentro quem tivesse cuidado para se não perder. Logo que puzeram o pé em terra, deram com uma vara de tantos porcos do matto que mataram uns quartoze delles, e acharam uma arvore de tão desmedida grossura que tomada a medida della chegava a seis braças de róda; pararam ahi por ser já tarde e começaram os indios a fazer suas assaduras e comer de tal sorte que dentro em uma noite puzeram os quatorze porcos em a barriga, sem sobejar siquer um quartinho, que o Padre Poderoso lhes tinha mandado guardar, para tomar de madrugada um bocado, antes de se por em caminho; parecia cousa incrivel se os Padres o não contassem, e se não conhecesse a grande voracidade daquella gente, a qual como é muito soffrega de fome, quando lhe falta o necessario, assim faz excesso em comer, quando tem com que se encher. Ao levantar do Sol, proseguiram sua viagem por terra, seguindo o caminho que os levava pelo matto dentro, e tendo caminhado um bom estirão, chegaram á vista de uma aldêa, cujos Principaes com os mais seus vassallos os vieram encontrar ao caminho, e tendo-lhes dado as boas vindas, com muita festa, os levaram para umas casas em as quaes tinham feito armar duas bellas redes, e um dos ditos Principaes, pegando dos Padres, os fez assentar

ahi; acabada esta primeira cortezia, vieram as mulheres com os seus presentes, que eram umas espigas de milho assadas e umas poucas de castanhas da terra com uns bolos cosidos debaixo do borralho, feitos do mesmo milho pizado, e embrulhados em umas folhas para se não encherem de cinzas; nisto pararam todos os seus presentes, por não terem outra cousa que dar, correspondeu-lhes o Padre Pedro Poderoso com uma tijella de sal para cada uma, por ser cousa muito estimada em seus sertões. Acabado este recebimento, como o Padre os tinha juntos, declarou-lhes a causa de sua vinda, dizendo era mandado de seu Payuassu ou Padre grande, que é o mesmo que superior maior, para convidal-os em nomedelle, padre, que, deixados os seus mattos, onde irreparavelmente se perderiam para sempre, sahissem para junto ao povoado dos brancos, para os Padres lhe ensinarem o caminho do Céo, dando-lhes noticia de Deus, seu Creador e Senhor, para se poderem baptisar, fazerem-se filhos seus e por este meio alcançarem a salvação de suas almas. Pareceu-lhes bem esta proposta e pediram tempo para tomarem seu conselho entre si, e darem-lhe a resposta e resolução que tinham tomado. Emquanto isto andaram, descansaram os remeiros dos Padres e se passou aquelle dia; em o dia seguinte bem cedo, ao levantar da aurora, viram vir o Principal da aldêa para o terreiro, a limpal-o das immundices dos cães, que o tinham sujado á noite passada e fazia isso como cousa de seu cargo e digna de sua pessoa, e viram mais que afugentavam os indios de si os mosquitos que havia, com um pouco de azeite de cocos bravos ou inajazes, com tão feliz successo que, dizia o irmão Antonio Ribeiro, que o mesmo era assentarem-se esses animaesinhos sobre o que estava untado delle, que cairem mortos todos em o mesmo momento.

Logo que se aclarou bem o dia, vieram todos os indios dar a resposta ao que se lhes tinha praticado, e foi que um delles acompanharia os Padres a suas terras, e que, achando serem boas e a seu gosto, tratariam de fazer ahi suas roças (digo seus roçados), e se desceriam para fazer sua aldêa. Com esta resolução, foram os Padres praticar outros seus parentes, divididos pela vizinhança; de todos tiveram a mesma resposta, e assim se

vieram para baixo, trazendo alguns delles em sua companhia, mas não aquelles que tinham fugido da aldêa da Misericordia, que eu tinha procurado pelo anno de 1662 para 1663, porque offerecendo-lhes o Padre Poderoso uma dadiva da parte da Misericordia, disseram redondamente: naputare Misericordia, que quer dizer: não quero nada com a Misericordia; com o qual dito, deu muito que rir aos que depois o ouviram contar. Os Padres, para ganharem as vontades delles, lhes repartiram suas ferramentas para fazerem suas lavouras, o que estimaram summamente por não terem com que roçarem suas terras. Trouxe o Padre Poderoso de lá um passaro mui grande, que se chamava Aguia imperial ou real, a qual tinha pernas da grossura de um braço e comia de uma vez uma pacca, que é maior que uma lebre da Europa; mas como comia tanto quanto lhe davam, tambem passava muitos dias sem comer bocado, quando lhe faltava. Chegaram todos a salvamento ao Grampará, onde lhes fallei, animando-os a descerem seus parentes, e indo visitar as aldêas, mandei com elles um Principal Tupinambá, de nossa roça de Mamayacú, por nome F....., e, como os não podia acompanhar, dei-lhes um meu barrete, para que á vista delle se viessem para baixo. Fizeram assim e á vista do barrete vieram quantidade delles com o Principal F......, para roçarem; mas como o Capitão Mór da fortaleza do Gurupá, Fuão Botelho, era pouco amigo dos Padres, os maltratou; com que voltaram para suas terras e nunca mais appareceram, e daqui se verá claramente quanta extorsão fazem alguns homens pouco tementes a Deus aos pobres Missionarios em as cousas de seu santo serviço. Tem aquelle sertão dos Taconhapés quantidade de cravo, porém como a subida rio acima é tão difficultosa como temos visto, e juntamente a descida arriscadissima, em vista da grande correnteza das aguas, que de um alto correm, como um vento, para baixo, com constante perigo de darem as canoas comsigo em uma penha, não sendo destrissimamente governadas por pilotos muito experimentados, poucos ha que se atrevam ir em busca delle; porém como tudo vence a cobiça insaciavel dos homens nada ha hoje... aos cravistas, que a tudo se arriscam, para levar o cravo de onde quer que esteja. Deixo á consideração do leitor

o muito que padeceriam esses pobres Missionarios por esses caminhos tão arriscados; mas como foram em serviço de Deus, elle lhes dará o premio do que padeceram por seu santo amor.

CAPITULO 11

VARIAS COUSAS QUE SE OBRARAM PELO PARÁ ANTES QUE O PADRE SUPERIOR PARTISSE PARA O MARANHÃO COM O GOVERNADOR, QUE LEVAVA OS OSSOS DO QUE TINHA SIDO ENTERRADO EM A EGREJA DO CAMETÁ.

Estavam os nossos irmãos coadjutores ensinando os meninos da escola a lêr, escrever e contar, pois em isto eram destros o irmão Marcos Vieira, e sobre todos o irmão Balthazar Campos, e como o Padre Salvador do Valle, estando em o Collegio, tinha ensinado em particular dous rapazinhos, pareceu-me bem abrir classe de latim para se ensinar alguns filhos dos moradores que quisessem estudar. Fiz logo da sachristia, ainda por acabar, classe, e ajuntaram-se alli bellos moços para meus discipulos, entre elles os dous filhos do Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a saber: Francisco, o mais velho, e Antonio, que hoje nos governa, o mais moço, que por aquelle tempo teria os seus 13 annos. Iam estudando todos com furor e grande aproveitamento, porque alguns delles já tinham começado a traduzir Quinto Curcio. Aconteceu em aquelle interim que o Governador mandasse, não sei por que razão, sentar praça ao sobrinho do Capitão Mór do Pará Paulo Martins Garro, e como a Camara não acudisse nem o Governador deferisse ao meu requerimento em que lhe allegava os privilegios que tinham nossos estudantes para se não obrigarem a assentar praça sem haver perigo de inimigos, fechei a classe, nem a abri nunca mais. Começaram-se varias vezes a doutrina em nossa egreja pelas tardes dos domingos e festas; e como não acudiam a ellas, foi forçoso deixal-as, depois de as ensinar o Padre Bento Alvares, Vice Reitor do Collegio. Mandou o nosso muito Reverendo Padre geral Paulo Oliva, á instancia do Padre Superior da Missão, que visto as Casas terem com que sustentar os sujeitos dellas, e mais

haver classes de latim, se chamassem Collegios e os Superiores dellas Reitores, o que começaram ha pouco por patentes de Roma, como os mesmos Superiores das Missões. . . . . .

Estavam em as missões alguns Padres, aos quaes faltavam os estudos de Theologia; resalvei-me em consulta, que se ajuntassem em a residencia do Gurupy por ser farta do necessario; e assignei o Padre Salvador do Valle, bello engenho, por mestre; mas como isto era aldêa e o Padre Salvador, além de achacoso, muito brando, foi necessario desmanchar tudo, e botar, da Companhia, o Padre Pedro Monteiro, um dos novos theologos. Como os Padres Missionarios não tinham a administração temporal dos indios, eram como criados dos capitães das aldêas, os quaes dispunham dos indios sem se lhes darem delles, e assim visitando-se as residencias, não se achavam cousas dignas de se referirem, tirado o muito trabalho que tinham, e isto muitas vezes sem nenhum commodo em suas casas, e sem remeiros bastantes e bons, para suas viagens e visitas de suas aldêas. Tinha o governador o seu avô, dos primeiros governadores deste Estado, enterrado em a egreja do Cametá, pediu-me que quizesse acompanhar o Capitão-Mór do Pará, seus dous filhos, com a communidade dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês, para lhe desenterrarmos os ossos. Acompanhei-os em o tempo da ida e foi com grande gosto que desenterramos os ossos, que estavam em o meio, deante do altar-mór, e achou-se uma medalha e um...... puzeram-se os ossos em decente bahú, sobre a eça rodeada de bom numero de vellas brancas; cantou-se a missa com toda a solemnidade, e préguei então, tomando por thema que os filhos de Israel tiraram os ossos de seu pae Jacob e os levaram do Egypto para a terra da promissão. Acabada esta funcção, com toda a decencia, poz-se o bahú com as candeias accesas em uma canôa grande, que muitas outras iam acompanhando até ao Pará, onde á vista delle dispararam-se muitas peças da fortaleza e recolheu o governador os ossos para os levar comsigo para Tapuytapera, tambem capitania sua, e guardal-os lá em a egreja de S. Bartholomeu, a qual se edificou em tempo do vigario geral, João Ferreira, filho da Bahia, mandado, *sède vacante*, para o Maranhão, então sujeito ao bispado do Brazil. Pouco depois

fomos ambos ao Maranhão, o governador e seus filhos, em sua canôa, e eu com o Capitão-Mór, Francisco Paes, em a minha, tirado que de dia tambem passava muitas vezes para a do governador para conversar com elle. Apartamo-nos por pouco tempo, porque fui visitar a residencia do Gurupy, onde já estava o Padre Pero Francisco, acudindo com summa....... e diligencia a tudo o que era de seu officio. Em aquella occasião, fui, uma noite, em terra, a passar a bahia do Turyassù, e só cheguei a outra banda pelas sete horas do dia seguinte, para dizer Missa; alcancei outra vez o governador, em Santo Antonio de Alcantara ou capitania de Tapuytapera, e lá fui convidado delle á ceia de umas regaladas ostras. Contou-me então, como tinham as justiças do Maranhão mandado dar tratos a Francisco de Barros, culpado com os Beckemans, cujo feitor era, pela morte de Manoel Corrêa, filho de Agostinho Corrêa, e se tinham quebrado os cordeis. Disse-lhe eu, então, que visto isso, não se havia condemnar á morte, sem outra prova. Em o dia seguinte, fomos em o barco de Tapuytapera para o Maranhão, e como chuviscava, amparou-me o governador, com sua capa. Fez-se a salva costumada e veiu a Camara com a mais nobreza e religiosos, levar o governador para seu palacio, onde, com licença sua, me apartei, e fui-me para o Collegio com o padre Francisco Velloso, inda reitor delle, aquelle tempo. Estavam presos em a cadeia publica da cidade, Manoel Beckeman e seu irmão Thomaz Beckeman, penhorado o engenho da Vera Cruz, sobre o rio do Meary, e com elle o seu feitor, Francisco de Barros, e José de Caceres, accusados todos como culpados na morte de Manoel Corrêa. Tinhamos, os Padres da Companhia, algumas obrigações a esses presos, por estarem os Beckemans casados com as filhas do Capitão-Mór, João Pereira de Caceres, o qual tinha deixado ao Collegio de Nossa Senhora da Luz a terça de seus bens; e por esta razão, além da caridade devida aos proximos, acudiamos por elles, fallando com o governador e com o ouvidor geral, João Corrêa, empregado com muita diligencia em esta obra de caridade, o Padre Pedro Poderoso, a quem tinha sido encommendado de mim este negocio. Com a vinda do

governador fez-se nova junta, a quem pertencia dar voto em a causa e foi condemnado á forca e para ser esquartejado o feitor dos Beckemans, sem mais prova que o dito de uma rapariga, e se lhe achar sangue em a camisa, que elle dizia procedera das sangrias dadas á gente da fazenda. Representei ao ouvidor geral, João Corrêa, que esta prova não era bastante para se condemnar um homem á morte, pois, para isso, diziam os doutores, devia a causa ser meridiana; mas como achei todos serrados á banda para que morresse o pobre Francisco de Barros, fui-me ter com elle á casa do segredo, onde estava esperando cada momento a execução da sentença da forca, dada contra si. Consolei-o como pude e depois disso lhe disse que, já que não havia logar para a vida temporal do corpo, tratasse devéras da vida eterna, a alma, assim, como amigo, lhe dizia que se de verdade estava culpado do crime que lhe imputavam, para se arrepender e confessar delle, e quando não fosse culpado, perdoasse de coração a todos os que concorriam para tanto seu mal e descredito de sua casa. Respondeu-me elle, tomando em testemunho o Senhor Crucificado, que estava posto sobre a mesa, que elle não tinha concorrido á morte que lhe imputavam injustamente, nem este Senhor, Justo Juiz de tudo, lhe havia de pedir conta de tal crime. Exhertei-o, então, que se conformasse com a vontade de Deus, que por seus secretos juizos dispunha tudo bom e em bem de sua salvação, que perdoasse de coração, pelo amor daquelle Divino Senhor, que nos tinha dado exemplo em a cruz, de perdoar aos que nos tiram a vida; respondeu-me que perdoava com grande vontade, e se por esta morte que lhe imputavam não merecia tal morte, outros peccados tinha diante delle, pelos quaes a tem merecido. Com isso, tendo-o disposto para bem morrer com os actos necessarios, me despedi delle e me fui para o collegio. Pouco depois disso, o levaram para enforcar, e estando junto á forca e seus accusadores ao pé delle, vestidos de galla, e as justiças ao redor, disse publícamente em voz alta assim: «Senhores meus, eis que eu condemnado á forca, vou padecer morte por culpas das quaes me não acho culpado, e assim por credito e honra de minha mulher e filhos, protesto que sou innocente de tudo que me culparam, mas nem por isto

quero morrer mal com os que, com suas accusações, depoimentos e sentença, concorreram para tão ignominiosa infamia diante do mundo todo; mas perdôo de coração a todos quantos me causaram a condemnação e acceito esta morte tão affrontosa pelo amor de meu Senhor Jesus Christo, que por mim morreu sobre a arvore da Santa Vera Cruz, e peço a todos com muita submissão que perdoem pelo amor do mesmo Senhor se em alguma cousa os offendi. Ditas estas palavras o botou o algoz da escada a baixo, assistindo-lhe á morte um religioso de Santo Antonio. O cadaver se fez em quartos, os quaes se puzeram em as praias do mar, pelos quatro cantos da cidade de S. Luiz, e a cabeça se levou para o Muny, onde se expôz em um páu a pique, defronte do logar do homicidio commettido; ficaram lá uns dias, porém depois se lhes deu sepultura, pela piedade de alguns homens caritativos, bem inteirados de sua innocencia. Feita esta execução, sahi eu de meus exercicios do anno para ir pregar á matriz sobre o Evangelho *Homo quidam facit cœnam magnam;* assistiu o governador para me fazer honra, com ambos seus filhos, o ouvidor geral e mais nobreza da cidade, achou-se tambem presente o Padre Reitor do Collegio, Francisco Velloso, e supposto que passando adiante delles para o pulpito lhes fiz as cortezia costumadas, nem em o discurso da prégação disse cousa alguma que justamente pudesse aggraval-os, comtudo vindo-me recolhendo depois do sermão para o Collegio, mandou-me o Governador uma carta de queixa em que me dizia que ficava attonito que sendo tão meu amigo e por esta razão tinha vindo assistir a meu sermão, tinha eu sem embargo disso faltado com a cortezia costumada aos governadores, mas sem elle merecer; respondi lhe eu brevemente que me pesaria muito si me tivesse descuidado em cousa de minha obrigação para com Sua Senhoria, que o Padre Reitor perguntado sobre esta materia me dizia não tinha faltado em um só ponto; e assim devia ser isto alguma desconfiança, a qual passada iria beijar as mãos a Sua Senhoria; Passados uns poucos de dias, veio o governador ter conhecimento da verdade, e achando ser isso desconfiança sua mandou seus filhos ao Collegio e eu me fui botar a seus pés em suas casas, ficando outro vez amigos como dantes.

CAPITULO 12

FAZEM-SE AS PAZES COM A NAÇÃO DOS URUATIS, E PERDE-SE UMA NÁU EM OS BAIXOS DO CUMÁ, CUJA PERDA SE IMPUTOU AO GOVERNADOR SEM BASTANTE RAZÃO

A relação das pazes com os Uruatis e pouco bom successo pertencia.... o Padre Gonçalo de Veras.... Poquizes e outras nações mais atraz, porém como a differença do tempo é pouca quero referi-las aqui, para que não fiquem em esquecimento com muitas outras cousas de que se não faz menção. Havia pelo sertão do rio Tapecurú, entre outras nações de gentios, uma chamada Uruatis, a qual foi aquella cujo Principal, Botirão, tinha morto os padres do engenho que administravam, como... o dito rio. Dava com suas continuas sahidas grande molestia aos moradores daquella Capitania, e pouco havia que, depois de vir de lá de prégar á festa de S. Gonçalo, confessar e commungar os irmãos da confraria, que tinham chegado.... sobre a madrugada deram em Casa do Pirito-ó, a elle e sua mulher e mais uma filha que se não queria entregar, levando outra comsigo para suas terras, donde depois foi resgatada pelos Teremembezes e vendida por elles aos brancos; além disso tinham quebrado a cabeça ao ermitão de S. João, da cidade de S. Luiz, havendo de ter feito o mesmo a mim se lá estivera mais dias, porque andavam em guerra com os Portuguezes, por lhes ter mandado acommetter o governador Ruy Vaz de Siqueira, e seu successor Antonio de Albuquerque, que supposto que sem nenhum effeito, por serem muito acautelados e muito valentes, e por isso se darem pouco dos brancos dentro de suas terras, onde a pé quedo os esperavam e provocavam e faziam retirar-se não sem grande medo. Tratou-se pois de fazer pazes com essa nação por meio de um indio mancebo que tinha sido baptisado pelo Padre Pero Poderoso, e sido seu moço em a residencia de S. Francisco Xavier da serra de Ibiapaba, por ser este o mais valente de todos e casado com uma filha do Principal. Esperou-se boa occasião para se lhe poder falar e por meio del e ao.... e mais principaes sobre as pazes que se queriam fazer com elles, para ficarem com so-

cego aldeados em Tapecurú, terras de seus antepassados. Pareceu a todos muito bem esta resolução, e, consultando-se o meio de se conseguir o intento, foi resoluto que Agostinho, ou Ambrosio, como dantes chamavam o seu valentão, o capitão da guerra, viesse ao Collegio falar commigo sem nenhum receio, porque se lhe assegurava que não lhe aconteceria mal nenhum. Chegou, pois, esse ao Collegio com toda a confiança, e foi agazalhado dos Padres com toda a demonstração de amizade; propoz-se-lhe então as pazes e motivos dellas, e como elle vinha com tudo sem nenhum reparo, mandou-se ao governador Antonio de Albuquerque, o qual lhe fez a mesma pratica, dando-lhe sua palavra em nome d'El-Rei que nem a elle nem aos seus se faria mal algum. Pediu-me o governador a mim que, como Superior da missão, quizesse fazer as condições das pazes para Agostinho levar a seus parentes, para que, estando por ellas, viessem confiadamente fazer o juramento da lealdade; fiz logo brevemente as condições pela fórma seguinte: 1.ª Que esquecidos de ambas as partes das hostilidades passadas, faziamo-nos amigos dos amigos e inimigos dos inimigos. 2.º Que viriam os principaes dar juramento de vassallos á corôa de Portugal e da lealdade de vida, que desceriam de suas terras sobre o rio de Tapecorú para lá se aldearem. 3.ª Que se lhes dariam farinhas para seu sustento aquelles primeiros dias, e ferramentas para fazerem suas casas e roçarias. 4.ª Que dariam alguns filhos seus para assistirem com os padres para aprenderem a doutrina, e ensinarem depois a seus parentes; finalmente que se lhes daria missionario para morar com elles, e acodil-os com o sacrificio da missa e administração das sacramentos. Bem me dizia elle que os Uruatis difficultosamente admittiriam a condição quarta de darem alguns filhos seus para assim os ter mais seguros, e por isso resolvi com o governador que caso dado que admittissem as mais condições, se lhes não poria difficuldade desta. Isto assim disposto, mandei o Padre Pero Poderoso com seu afilhado Agostinho, com alguns presentes ou dadivas, para com ellas agazalhar o affecto e benevolencia delles. Propuzeram-se-lhes pelo Padre todas as condições, e elles com todas vieram com muita vontade, sòmente repararam em a

condição quarta, de dar alguns filhos seus, dizendo que suas mães lhes tinham muito amor e haviam de receber grande pena com os largar de si, mas como se lhes disse que se não repararia em esta condição uma vez que consentissem em as demais, e viessem dar juramento de vassalagem e lealdade, vieram logo todos com o Padre Pero Poderoso, e achando-me eu em palacio com o ouvidor geral e mais ministros, prometteram vassalagem pondo a mão sobre o bordão do governador, com que ficaram feitas as pazes, e se fez assento dellas para em todo o tempo constar da verdade. Deram-se os abraços e parabens em palacio, e de lá foram levados ao Collegio onde o Padre Reitor Francisco Velloso os regalou e contentou a todos, de sorte que se voltaram mui contentes e satisfeitos para seus parentes sobre o rio Tapecuru, onde se queriam aldear. Lá tambem foram recebidos, como compadres dos brancos, com muita festa, e fizeram suas danças e bailes a seu modo gentilico, livres já de todo o receio de mais inimigos e guerras; mas não lhes durou muito esse gosto porque além de lhes não acudirem bem da cidade, conforme a concordata que com elles se tinha feito, um morador do rio, que mesmo me contou aquella sua maldade, lhes levou aguardente misturada com resalgar e lhes deu a beber; alguns delles, como o principal Botirão, não quizeram beber antes delle beber primeiro; os outros foram bebendo sem mais reparo, e estes, pouco depois, sentindo-se mal dispostos, cuidaram que procedia da agua que bebiam, sem se poder persuadir que era a aguardente; comtudo, como causava vomitos a uns, e derrubava outros, entraram em desconfiança e retiraram-se, ficando inimigos como dantes. Aconteceu depois disso que tendo um senhor de engenho apanhado uns quatro delles, entre os quaes ia o valentão Agostinho, ou, como outros chamam, Ambrosio, foi mandado para o Reino, e de lá se o levou para o norte e nem appareceu mais, só correu fama que acabou a vida em Inglaterra. Os mais, por castigo de Deus, sendo perseguidos das mais nações circumvisinhas suas, acabaram quasi todos, até o seu Principal Botirão, matador dos padres em o Tapecurú, cujo filho de menor idade trouxe depois o Padre Pero Luiz, dos Teremembezes, e fez offerta delle a Nossa Senhora da Victoria, em acção

de graças da victoria alcançada contra os ditos Teremembézes, como se dirá em seu logar. Estando o governador já quasi em fim do seu governo, aconteceu um caso, que depois foi quasi causa da perdição de sua casa. Tinha um........... Gonçalves feito um bello navio em o Maranhão, em nome de um morador de Lisboa, a qual lhe tinha mandado dois pilotos, um inglez, e o outro portuguez, para leval-o para Portugal, e como ao mesmo tempo faltava piloto para outra embarcação muito........... que pertencia ao governador Antonio de Albuquerque, quiz elle que, visto haver dois pilotos, dos quaes um bastava, fosse um para piloto de sua embarcação. Resistio....... Gonçalves, fizeram-se papeis da parte e outra e resolveu finalmente o Provedor-mór, Antonio da Fonseca, que um fosse em a náu, á escolha do capitão, e outro em a embarcação do Governador, que ficou sem piloto. Elegeu o capitão Gonçalves o piloto inglez e largou o portuguez ao governador, mas não contente dos marinheiros que levava bastante levou alguns fugidos, sendo prohibido sob pena de oitenta......... de levar alguns delles. Partio a náu com boa maré e como chegou a paragem onde se costuma de esperar outra vasante, requereu o piloto ao capitão Gonçalves que se deixasse lá estar ancorado para não vir a navegar contra a maré, pois lhe podia sobrevir a enchente antes de terem sahido pela barra fóra. O capitão Gonçalves receiando-se que da cidade lhe viriam tirar os marinheiros fugidos, e imaginando-se tambem que tinha vasante bastante para botar para fóra de tudo, não quiz parar, mas foi-se andando, afastando-se da Corôa Grande e baixos que chamam do Cumá, porém como a maré lhe foi enchendo foi levando a náu mais do justo para terra; vendo isso alguns repararam logo, e perguntando que terras eram as que se lhes offerecia diante, respondeu Manoel de Albergaria, que tinha sido provedor-mór do Estado, que não era nada, e que elle tinha pisado tudo isso com seus pés e assim fossem por diante. Apenas disse aquellas palavras quando a náu tocou tres vezes nos baixos do Cumá, e se partio em duas metades sobre a ancora que tinham lançado. O provedor-mór Manoel de Albergaria, querendo pegar a escotilha para salvar-se a nado sobre ella, pegando o annel grande que tinha, foi logo lançado pela

furia das ondas para dentro, onde pereceu miseravelmente de uma morte mui amargosa, em meio da doçura das caixas de assucar; afogou-se um religioso de Santo Antonio com um sobrinhosinho que levava em sua companhia, um capitão e outros varios que iam em a praça; outro religioso de Santo Antonio que tinha sido commissario, chamado Frei Thomaz, com muitos outros que com elle estavam á pôpa, fazendo vela de sua capa, foi levado para banda do sitio de João Vaz, e achou onde tomaram terra por favor de Nossa Senhora da Luz, que invocavam. As fazendas e cadaveres andaram espalhados pela praia, até que, havendo noticias do naufragio, se lhes deu sepultura, e se recolheram as cousas que não estavam de todo damnadas. Frei Thomaz e seus companheiros vieram a pé descalço fazer uma festa a Nossa Senhora da Luz em em nosso collegio, fazendo elle um bello sermão, em que referiu o successo de seu naufragio e de seu livramento por favor da Senhora, a quem vinham render as graças com esta festa e novena, mui agradecidos de um tão assignalado beneficio recebido por sua intercessão. O provedor mór Manoel de Albergaria, ao qual eu tinha alcançado licença do governador para se poder ir, não teria praticado a devoção do Veneravel Padre João de Almeida que eu lhe tinha aconselhado, por isso incorreram nesta fatal desgraça. Começou logo o capitão da nau dar a culpa ao governador por lhe ter tirado um dos pilotos; mas o certo é que, como a mim me parece, tinha elle toda a culpa, por não ter querido esperar outra vasante, tendo-lhe requerido o mesmo piloto inglez, porque se esperára, não lhe teria faltado boa maré para sahir pela barra fóra, nem a enchente o teria botado sobre os baixos.

Comtudo fez pleito ao governador e alcançou sentença por si, e esteve o governador arriscado a perder tudo quanto tinha, se El-Rei nosso Senhor, em a revisão que se lhe pedio, o não tivesse livrado, lembrando-se Deus da inteireza de sua boa vida e da piedade com que acudia ás egrejas e religiões, dando liberalmente de sua pobreza já farinha para as hostias, já velas de cera branca para os altares sagrados, e sendo em tudo um espelho dos governadores, que tratam de governar como bons

christãos. Para que não fique atraz uma tropa que se fez ainda em o tempo do governo do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, quero fazer della aqui menção, supposto que algum tanto fóra de seu logar, e é a que se segue. Em o anno de 1671, tendo vindo os Guarajuz do rio dos Tocantins queixar-se ao governador de alguns indios levantados contra si, sem embargo de terem sido seus escravos, e ao mesmo tempo os Aruaquizes daquella banda querendo-se valer dos Portuguezes, ordenou-se, ouvidas as razões justas, uma tropa em que mandei por missionario o Padre Gonçalo de Veras com o irmão Sebastião.......indo por cabo della o Sargento mór Francisco Valladares. Foi a tropa com tão feliz successo que além de alguns escravos e outros de condição dos Naimiguaras, desceu o Padre Missionario em breve tempo, assim dos Aruaquizes como de Coatingas, mais de quatrocentos para quinhentas almas de indios forros. Os indios Naimiguaras, indios de lingua geral, vieram por escravos, todos julgados por taes pela junta que manda Sua Magestade ; os Aruaquizes e Coatingas vieram por forros ; baptisou o Padre Gonçalo de Veras mais de cem meninos lá em riba do rio dos Tocantins ....Coatingas por o missionario na aldêa dos Tocantins, onde os baptisou o Padre Manoel Nunes, tendo-os catechisado o Padre Antonio da Silva, que lhes assistia antes de tomar a roupeta, e são os que depois mudaram para Inhuhaba e de proximo para o Parijó ; os Aruaquizes divertiram para Murtigura, onde foram baptisados pelo Padre Salvador do Valle, que la estava em aquelle tempo, os mais puzeram aldêa propria sobre o mar, em a Ilha dos Tupinambazes ou do Sol ; lá os catechisou o mesmo Padre Gonçalo de Veras, que os tinha trazido para o sitio que chamam do Vinacho e os baptisou a todos ; dahi os foi espalhando de tal sorte a cobiça e ambição dos brancos, que de tanta gente não sei se se acha um só Indio por este tempo presente ; só dos Coatingas, que de seu proprio moto se tinham offerecido ao Padre missionario, me consta viverem alguns que desceram para a aldêa dos Tocantins, e depois vieram para Inhuaba e de lá para o Parijó, sem ter nisso parte Antonio de Carvalho, nem antecessor seu nenhum.

CAPITULO 13

SUCCEDE PERO CESAR DE MENEZES AO GOVERNADOR ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO, E MANDA TROPA AO SERTÃO, E RELATA-SE O QUE ACONTECEU E OBROU EM O PRINCIPIO DE SEU GOVERNO.

Ao governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, succedeu Pero Cesar de Menezes, em 1673 e governou cinco annos o Estado ; recebeu-o o seu antecessor com muita honra e melhor sem comparação nenhuma, do que Ruy Vaz de Siqueira tinha recebido a elle em sua entrada; ainda não se tinha desembarcado o governador novo, quando o outro se mudou para as casas em que hoje mora Alberto Gonçalves, junto ás de Manoel Baldez, da banda da praia, e lhe mandou apparelhar o palacio com toda a pressa. Eu, como ainda superior da missão, cheguei logo para a bordo lhe dar as boas vindas ; sahio de seu camarote, e levou-me para dentro, onde estivemos conversando por algum tempo com toda a familiaridade. Chegou-nos entretanto Antonio de Albuquerque á praia com o Senado e nobreza, e prelados das Religiões, entre os quaes vinha o Padre Francisco Velloso, Reitor do Collegio, e assim se foi fazendo o recebimento em a praia, entre os repetidos tiros de artilharia, com toda a felicidade; e andando ambos os governadores debaixo do palio, foram á matriz, e de lá á Camara e finalmente a palacio, onde todos nos despedimos delle, dando-lhe logar de descançar de sua viagem. Trazia este governador a sua conta de mandar fazer fabricas de anil, para as quaes vinha anileiro e se esperavam negros de Angola, mandados pelos contratadores para a fabrica delle. Aconselharam-lhe (ainda que mal) os homens da terra que o sitio de Coty era o proprio para isso, e, feito com que, mandou logo levantar o engenho de anil junto ao rio, e semear um roçado para feitura delle. Deu o anileiro, que juntamente vinha por engenheiro, ordem á fabrica e tudo o necessario para elle, vieram tambem para o mesmo fim uns cincoenta negros de Angola. Deputou-se o capitão Domingos de Almeida para tratar delles ; semeou-se

um campo grande, mas como rendeu mal, fez-se pouco anil, porém tão excellente que indo ao Reino se julgou melhor que os das mais terras; porém, como se não puderam reprezar as aguas, por ser por terra arcenta a correrem por baixo dos muros delles, ficou a obra inutil para o que se pretendia, e assim se vendeu por pouco mais de nada a Domingos de Almeida, o qual me deu os esteios dos quaes me aproveitei para casa da olaria que mandei fazer em São Marcos. Apalpou o clima ao governador que adoeceu gravemente, e por esse interim chegou á ponta de João Dias uma náu hollandeza, arribada com novecentos negros de Angola, todos de saude e vigorosa idade; queria o seu capitão vendel-os todos para lhe não morrerem em o mar, de enfadados, e para lh'os não tomarem seus inimigos; o partido que fazia era que daria os melhores por cincoenta, e os rapazes e raparigas por vinte e um mil réis, pouco mais ou menos, e que o tocante aos pagamentos acceitaria não sómente assucares e tabacos, madeiras boas, couros, e tudo o mais até rêdes, algodões, fios, macacos e passaros, e para que não fizessem duvida, os direitos os pagaria em todas as entradas e sahidas de armadas, assim em o Maranhão como em Lisboa, e que deixaria procurador seu, morador da terra, e outro portuguez em o Reino para cobrança. Pareceu este negocio mui bom á Camara e a todos os homens do Maranhão, por estarem faltos de negros para seus engenhos e lavouras, e por acharem comsigo que Sua Magestade tomaria em bem, o que para o bem publico se obrasse em aquellas circumstancias; fizeram um papel para se offerecer ao governador, subscripto por todos os prelados das religiões, ouvidor geral, e mais pessoas de autoridade, que de todos soube. Com isso foi fallar á Camara, com o juiz mais velho, que então era Antonio Mendes do Turú, e ao governador, o qual não quiz vir por ter, como diziam, alguma cousa de castelhano, o esperar muitos negros de Angola, e escravos de uma tropa do sertão; com que achou-se a Camara sem ter animo de lhe dizer que tomaria á sua conta este negocio para responder a Sua Magestade; foi-se logo o hollandez, muito pezaroso e o que lhe aconeceu foi dar em mãos dos inimigos, que lhe tiraram

com perda de tantas almas, que podiam ter sido feitas christãs se ficassem pelo Maranhão. Soube-se em o Reino o que tinha passado, e impressionou os ministros muito o que a este respeito tinha obrado o governador Pero Cesar de Menezes, com tão grande detrimento do Estado todo. Tinha elle mandado de antes uma tropa para o sertão do rio das Amazonas, em que ia por cabo Antonio de Oliveira, que tinha sido criado de Ruy Vaz de Siqueira, e tinha casado de proximo com D. Maria Maciel, viuva do capitão-mór Manoel Pitta da Veiga, seu primeiro marido. Iam por missionarios da tropa o Padre João Maria, e o Padre Manoel Pires; não houve cousa de consideração ahi, porque si bem que o cabo era homem de prestimo, que por sua grande liberalidade e bom modo com que tratava os indios lhes era muito affeito, comtudo, como dentro de pouco tempo adoeceu e falleceu, assistindo-lhe o Padre missionario João Maria, parou tudo, sem os effeitos esperados. Elle é que deu uma bella reliquia de S. Bartholomeu ao Padre João Maria, antes de morrer, e deixou tres mil cruzados por testamento para empregarem em obras pias; mas tudo parou em nada por não abranger a sua fazenda as dividas que se lhe acharam depois de fallecido. Tinha o dito cabo quantidade de peças boas para banda de Gurupatiba, antes de se lhe ajuntar o padre missionario, e as tinha remettido ao Maranhão como soube o governador, e mandou chamar-me para ver o que se havia dispor dellas; examinei-as com meu companheiro, e achando serem feitas contra o direito as declaramos por forras, e como taes mandaram pôr em as aldêas d'El-Rei; fiz termo de tudo, mas em vez de se pôrem em as aldêas d'El-Rei, mandou-as o governador pôr em Guarapiranga, dando-lhe o capitão Ambrozio Rodrigues para as governar em serviço da Camara, e sem embargo de mandar El-Rei que se puzessem em as aldêas, acharam os camaristas sempre razões para se ficar com ellas; e sendo José de Seixas procurador da Camara, as mandou para um bello sitio chamado Tiberi, sem embargo de lhe requerer que as puzesse onde se podessem commodamente doutrinar com os demais; e portanto, pedindo-me o senado depois que as tomasse a nossa conta, o não quiz fazer, dizendo-lhe as puzessem em logar com-

modo para os padres lhes poderem acudir, ou bem, buscassem missionario de outra religião que lhes assistisse. Puzeram então um frade do Carmo que logo se enfadou, e se veiu para a cidade. Tinha-lhes a Camara posto um indio que os governasse, não como principal, mas como meirinho, indo elles quasi continuamente empregados ao serviço da dita Camara, ou .... os pagamentes de seu suor ficavam á conta do procurador. Queixando-se os pobre indios que lhes não pagavam bem, respondia elle que lhes pagaria por inteiro; assim andaram miseraveis até o presente, mas já quasi acabados todos com a peste das bexigas de pelle de lixa; Deus Nosso Senhor lhes acuda com a sua Divina Graça, para que não tendo descanço na terra gozem ao menos depois de sua morte do descanço eterno do Céo. Tinha-se reservado a Antonio de Oliveira o seu direito para allegal-o se algum tivesse, mas como falleceu pelo sertão, nunca seus herdeiros abriram a boca para allegar contra o que se tinha disposto. Andava o reverendo reitor Francisco Velloso já, desde então, ajuntando pedras e madeiras por minha ordem para se fazer a egreja nova, e eu mesmo muitas vezes acompanhava o irmão João Fernandes á pedra que elle tirava da ilha de S. Francisco e levava o irmão Manoel Rodrigues para o porto do Collegio. Deus Nosso Senhor com sua Santa Mãe pagará a ambos o muito que trabalharam em seu serviço.

CAPITULO 14.

PASSA O PADRE SUPERIOR PARA O PARÁ A VISITAR AS ALDÊAS

Tendo eu visitado as residencias do Maranhão, em o Collegio, fui-me visitar o Pará para onde se tinha já passado o governador novo, depois de ter honradamente despedido o velho quando se embarcou para o Reino com ambos seus filhos, que levou em sua companhia. Para ir com mais pressa, embarquei-me em a nau caravela de Thomé Domingues, em que iam tambem embarcados o Padre Manoel do Corpo Santo, o vigario geral, o ouvidor geral Thomé de Almeida e o ....
Pela viagem andaram sem susto, até perto dos baixos de Tujioca; lá achei que tinhamos chegado muito para terra e dei

por conselho ao capitão que com as velas meias abertas, fizesse tornar a nau caravela atraz para não dar sobre elles; fel-o assim o capitão com feliz successo até os ventos não darem logar para mais. Com isso fomos para deante, sondando sempre a terra das aguas, e como achavamos que estavamos em duas braças e meia, com que ficaram todos assombrados de medo, e muito mais ainda quando vimos deante de nós arrebentar os mares, que cuidavam os homens do mar ser sobre os mesmos baixos, o capitão passeando de uma banda para outra não se sabia dar de conselho, e perguntando-me que me parecia em tal aperto tão perigoso, respondi-lhe eu que não me mettia em dar conselho em cousa de tanto risco, e somente lhe dizia que confiasse do patrocinio da Virgem da Conceição, cuja devoção tinhamos rezado pelo caminho, e se eu fora dono da caravela havia de andar para deante sem embargo da atrapalhada das aguas que se nos offerecia, porquanto isto eram correntezas, e não eram mares arrebentados em os baixos. Animou-se com esta minha resposta o capitão, e mandando ir a nau para deante entre o medo e esperança, logo em a mesma paragem onde lhe parecia havia de perecer achou-se em nove braças de agua, com que ressucitaram todos como da morte para a vida. Chegado que fui ao Pará, achei os Padres do collegio com saúde, a parede da borda do mar levantada, a casa coberta de telha, o pateo cercado de um muro de taipa de pilão com suas varandas ao redor sobre columnas, tambem a cerca cercada do mesmo modo pela diligencia do padre, novo reitor, Bento Alvares, e o irmão Manoel da Silva sub-intendente. Das obras todas não faltava mais que uma escada para a sacristia, e uma janela para o pateo, o que tudo se fez em breve tempo, pelo modo que hoje se vê; abriu-se tambem a portaria ao meio por não estar bem em direitura da porta do collegio de dentro. Ao Padre Antonio da Silva, sobrinho do Padre, vice-reitor, ao qual tinha admittido por noviço, mandei tomar á sua conta a horta para couves, e o pateo para parreiras, laranjeiras da China e flores para a egreja. Era uma belleza ver tudo bem limpo e cheio de varias curiosidades, e não ha duvida que seria hoje um paraisozinho se se conservára assim. Acabada a

visita do collegio, fui visitar as residencias, as quaes achei pobres todas, mas bem governadas, só aquella dos Tupinambases se houve do desamparar de todo por se terem mudado os indios para o igarapé onde estiveram até o presente. A occasião ou causa desta mudança foi a seguinte. Como quer que o governador Pero Cesar de Menezes vinha empenhado pelas fabricas de engenhos de anil, e tinha tido mau successo com a de Coty, em Maranhão, mandou fazer outrosobre um riacho de agua, para cima da aldêa da ilha do Sol, em o curral dos bois que serviam ás obras da mesma aldêa, de que enfadados os indios se foram mudando com o seu principal, Pero-uassú, para um igarapé dentro, e não ha duvida que foi grande damno, porque o Padre Pero da Silva,que por entretanto assistia em Mamaiacú tinha feito uma bella egreja e casa coberta de telha alli, por ordem. Indo eu a visitar a roça de Mamaiacú, passei com o Padre Pero da Silva para ver a aldêa e achando-a toda desamparada, sem embargo de sua egreja nova, fiquei muito sentido; mas como achei que isto não tinha remedio, fui ver o anilal do governador com a fabrica que se estava fazendo e o anilal estava pouco povoado, e a fabrica posta em logar onde logo havia de se perder por ser toda de madeira, e em sitio mui humido. Estava assistindo à obra o engenheiro — anileiro, juntamente com o sargento mór e foi meu parecer, como disse ao engenheiro, de se desenganar ao governador. Fizeram-me muita honra e me mandaram levar em rêde para a residencia, donde depois de termos gosado da bella vista e viração, nos tornamos para a roça. Logo que cheguei á cidade dei parte ao governador do qne tinha visto com que se desenganou, e em breve mandou parar a obra, porem não bastou isto para os indios tornarem para o sitio antigo, porque acharam no igarapé melhores terras, e tambem o caminho mais facil, navegando pelo igarapé do que navegando pela costa brava, e esta foi a razão porque se fez egreja nova com casas em o sitio novo, tendo o Padre Antonio Pereira succedido em o governo da roça ao Padre Pero da Silva ; porem nem ainda ahi ficaram parados os indios, porque os mandou o principal Jacintho para o sitio posto sobre o mar, em razão do

marisco, pelo anno de 1678, do que fazendo o Padre Antonio da Cunha queixa ao governador, o Reitor Bento de Oliveira então mandou mudar para logar mais acommodado para se lhes ir dizer missa aos domingos, e sacramental-os sem difficuldade e ao mesmo tempo instituir em Pará a confraria de Nossa Senhora do Socccorro, em a qual se assentaram muitos, assim religiosos como clerigos e seculares, por irmãos e se foram assentando cada dia mais e mais. Pediu-me o governador quizesse fazer as praticas das sextas-feiras da Quaresma em nossa egreja; fil-as com grande concurso, e não com pouco fructo, como parecia, porque ficaram bastantemente movidos. Aconteceu que o governador tinha tocado em obras do Padre Vice-Provincial do Carmo, frei Manoel de Brito, de que logo ficou tão pesaroso que veio ao collegio valer-se de mim; consolei-o e tendo elle vindo em tudo que lhe propunha para a devida satisfação que estava obrigado de dar antes de se poder absolver publicamente da excommunhão incorrida, fui eu a instancia delle pedir em seu nome perdão do aggravo feito por pouco agastamento e arrependido, e offerecer toda a satisfação devida, conforme o direito; porém a nada quiz deferir frei Manoel, mas antes, fechando as portas do convento, foi-se com seus frades para a roça onde ninguem lhe chegasse. Vendo eu pois que frei Manoel de Brito estava, irracionavelvente, obstinado, fallei com o vigario geral sobre o caso, para receber elle a satisfação que o governador, dantes seu amigo, lhe offerecia. Chegou-se elle á nossa egreja onde tambem se achou o governador, conhecendo o seu erro, offerecendo-se a toda a devida satisfação que ao tempo adiante se lhe pedisse, foi absolvido solemnemente da censura em que tinha incorrido; folgou tanto disso e ficou tanto amigo nosso que pediu ser irmão fóra da missão, o que lhe concedeu e deu-lhe meu sucessor carta de irmandade, e contentando-me eu de lhe aconselhar que lesse e meditasse pelo livrinho do padre..........o que fez com grande gosto e vontade. Ainda, em tempo de meu superiorado, fez o governador uma junta de todos os prelados das religiões, vigario geral Domingos Antunes Thomaz, e outros ministros que El-rei manda assistir sobre as guerras que se hão de dar ao gentio da terra.

Tinha Vital Maciel, senhor ou donatario da capitania do Norte, onde estava por seus negocios, avisado por cartas que pelo sertão de Urubuquara e aldêas circumvizinhas havia uma nação que impedia outra mais interior de chegar-se ao gremio da egreja catholica, impedindo o santo Evangelho, contra as leis reaes que em tal caso permittiam a guerra, e a tinha por justa e legitima; e assim requeria a sua senhoria mandasse examinar e dar a guerra, mandando gente que o acompanhasse para ella como cabo da tropa que se fazia em terras de sua capitania. Fez o governador logo junta em as casas de sobrado que estão defronte do palacio, para a banda da cidade; convidou a mim que primeiro subisse pela á escada a riba, mas como éstavam lá todos os mais prelados maiores das religiões, dei-lhes como era razão a precedencia e durante a junta me puz tambem em derradeiro logar. Propoz-se a causa da guerra, cuja justiça se havia de consultar; logo todos, o vigario geral Domingos Antunes Thomaz, o Padre provincial do Carmo, o commissario de Nossa Senhora das Mercês, o Padre commissario de Santo Antonio e o provedor-mór, uniformemente, acharam que a guerra era justa e se havia de dar; só eu disse era injusta, porque estes tapuyas por suas inimizades só impediam a sahida dos outros, sem nenhum missionario lhes ter ido fallar nem a uns nem a outros em pregação evangelica; sem embargo disso, se.........todos a quizeram fizesse eu o mesmo............. por ser costume, mas accrescentei ao meu nome que eu era de contrario parecer. Com isso mandou-se dar a guerra, queimaram-se casas, captivaram-se indios, até que Vital Maciel, entrando em si por uma carta que lhe escrevi eu, desistiu de exercitar mais hostilidades, e se retirou com a tropa para a sua casa. Veio de lá um dos mais abalisados gravemente enfermo, o qual mandando-me chamar da cidade de Belém do Grampará, para se confessar, me disse fallando commigo fóra da confissão, daquella guerra, que elle por achal-a injusta se retirara della com o cabo Vital Maciel e com elles se retirara a tropa toda. Foram mui grandes as crueldades que então se usaram, porque tendo a tropa chegado a uma aldêa de indios resolutos e tendo-os tomado como de sobresalto, vendo-se elles sem remedio, acolheram-se em um

rancho grande, donde ás frexadas se iam defendendo dos brancos seus aggressores.

Estes, vendo que os indios obstinadamente se defendiam sem se quererem entregar, puzeram fogo ás casas e as queimaram, escolhendo muitos morrerem antes queimados, do que verem-se feito escravos sem causa a seu ver sufficiente e legitima. Eu como não concorri com meu voto para que se fizesse essa guerra, folgo muito achar-me com a consciencia livre diante de Deus, mas nem por isso condemno os pareceres dos que concorreram, porque só esse Divino Senhor conhece a verdade das cousas, entre as controversias, e a elle só toca julgar dellas como justo e recto juiz. E já que cheguei a tocar a esta materia, pareceu-me dizer, para cautela dos missionarios vindouros, que sendo chamados, conforme as ordens reaes, para tratarem da justiça das guerras, não se apressem em dizer o que se lhes offerece de primeira vista, mas peçam tempo e logar para consultarem as propostas, com Deus Nosso Senhor primeiro, e depois com os livros e seus consultores, dando então ao cabo o voto que poderiam ter, dando-o em a hora de sua morte, tudo conforme as regras de nosso santo patriarcha; mas, como ás vezes não permittem as circumstancias dilação para ponderações vagarosas, e pedem resolução do caso mais apressada pelo tempo e logar o pedirem assim, em tal caso melhor fôra não se achar em semelhantes juntas, como eu fiz uma vez ausentando-me da que se fazia em a camara do Pará, e fui approvado por nosso muito reverendo padre geral Paulo Oliva, sem embargo de ter eu sido chamado para ella; e como os camaristas tomaram esta minha acção muito em mal, fui eu dar-lhes satisfação em suas casas. Não aconselho a ninguem que se ausente com risco de inconveniente maior, mas vá para onde é chamado, tendo primeiro encommendado a Deus todo o negocio e pedido sua Divina Graça por meio da Virgem Santissima, do nosso santo patriarcha, e todos os santos do Céo, para o bom acerto, lembrando-se tambem que em causas do captiveiro, duvidosas sempre, prepondera a liberdade.

Para remate deste capitulo derradeiro em que referi as cousas acontecidas em tempo do meu primeiro superiorado

da missão, peço a todos não se escandalizem ser eu o relator dellas, porque o faço primeiramente para honra de Deus e lembrança para os vindouros, já que não houve ninguem que até o presente quizesse fazer, e faço eu para dar gosto á obediencia que devo a meus prelados, e assim como dei principio a esta obra por esses motivos, assim tambem por elles a irei continuando até o fim.

LIVRO 6

DAS COUSAS QUE SUCCEDERAM A' MISSÃO EM TEMPO DO GOVERNO DO PADRE PERO LUIZ GONSALVI, ROMANO.

CAPITULO 1

VEM DE ROMA PATENTE DE SUPERIOR DA MISSÃO AO PADRE PERO LUIZ GONSALVI, E AO PADRE FRANCISCO VELLOSO DE REITOR DO PARÁ, E A MIM DO COLEGIO DO MARANHÃO E PRINCIPIAM TODOS SEUS GOVERNOS.

Estando eu em o quarto anno de meu superiorado, mandou o nosso muito reverendo Padre Geral Paulo Oliva patente de superior ao Padre Pero Luiz Gonsalvi, que tinha sido seu noviço em Roma, e ao Padre Francisco Velloso de reitor do Pará, e a mim de reitor do Maranhão; chegaram a todos em 1674. Veiu o Padre Pero Luiz, de Xingu, tomar posse de seu governo, depois de ter lá padecido o que Deus sabe e lhe premiará em o Céo; succedeu-lhe em aquella residencia, por ordem sua, o Padre João Gaspar Coutinho, o qual, tendo a seu cuidado esse rio com os Ingaybas, indo ao rio das Amazonas, adoeceu mortalmente pelo muito trabalho e cansaço. Eu tambem parti logo para o Maranhão em uma canôa nova e rica de pau piquy verdadeiro, que tinha comprado a Manoel Guedes Aranha por cento e setenta mil réis e feito encavernar, chamando-a Santo Ignacio, com tenção de me servir della para a fabrica de sua egreja nova, que pretendia fazer á Virgem Nossa Senhora da Luz, e tudo o mais necessario para o collegio que ia governar. Deu-me muito tra-

balho pelo caminho, por serem os remeiros insufficientes, e a canoa tão alteroza, que não podiam bem chegar á agua para remar, e ser-me necessario endireitar os igarapés para lhe dar passagem. Ajuntou-se a isso que, tendo pedido ao Principal da aldêa do Maracaná, Lopo de Souza, o famoso.................
....Pacaúba, um piloto, me remetteu ás salinas, onde Roque Monteiro, que então presidia áquella fabrica, me deu um, por nome Gonçalo. Veiu esse para a canôa e seguiu-o enganosamente a mulher como quem lhe trazia o seu fato, agradeci-lhe a caridade e o presenteei. Com isso partimos alegres até o cabo do igarapé, que sae para a bahia de Guirapepó; lá passamos a noite, mettidos em uma correnteza e querendo eu, ao romper do dia, continuar minha viagem, achei-me sem piloto, por ter fugido para as salinas. Mandei logo em busca delle com uma carta a Roque Monteiro, em que me queixava delle, ameaçando-o com o castigo que lhe havia de dar o governador si o indio não apparecesse, porque sabia que o tinha querido levar aos jabotys ou kagados. Quiz Deus Nosso Senhor que áquelle tempo passasse o vigario geral Domingos Antunes Thomaz com outra canôa do Caeté e extranhasse a trapassa que se me tinha feito, a mim, tão seu amigo. Veiu o indio em companhia do vigario geral, agradecendo-lhe eu muito o favor de trazel-o comsigo. Um morador da villa do Caeté, conhecendo ser o Gonçalo muito ribeirinho e que não ia sinão como forçado, deu seu piloto proprio para governar a minha canôa, de Santo Ignacio; deste modo fomos bellamente até a residencia do Caeté, onde o Padre Gonçalo de Veras, que tambem era vigario da vara para os brancos, nos agasalhou com toda a satisfação, não faltando as dansas dos moradores que, á boca da noite, vieram com suas violas fazer festa a seu vigario geral e juntamente a mim que ia em sua companhia. Morava o Padre missionario Gonçalo de Veras, por aquelle tempo, em umas casas que o Padre Pero Francisco tinha feito, do tempo de seu superiorado, que depois se mudaram para a aldêa, onde estão de presente. Conheceu-me o Padre Gonçalo de Veras, então, por seu reitor, por estar aquella residencia ainda sujeita ao collegio do Maranhão e de uja sujeição se tirou depois por se poder prover mais commo-

damente do collegio do Pará,porque, emquanto esteve em o Gurupy sempre foi sujeita ao collegio do Maranhão, onde cheguei em breves dias, depois de partir do Caeté com mui feliz viagem. Deu-me o Padre Francisco Velloso posse do collegio e se partiu muito bem aviado para o seu, de Grampará; lá achou o Padre Bento Alvares, reitor, muito mal disposto e como lhe parecia que alli não melhoraria tão bem como em o engenho de D. Catharina da Costa, nossa irmã, foi-se para lá; porém, como o achaque era de morte, deu-lhe uma dysenteria incuravel, a qual o levou para a outra vida, ainda em boa idade para trabalhar em a vinha do Senhor, si Elle não tivesse sido servido chamal-o em aquella edade de quarenta e seis annos, pouco mais ou menos, para premial-o pelos bons serviços que lhe tinha feito em a missão,principalmente pela residencia do Gurupy e collegio do Pará, onde trabalhou mais, com o irmão Manoel da Silva, que nenhum outro seu successor. Era homem muito prudente, zeloso e obediente, com uma palavra, a quem por sua rara virtude lhe mandou o nosso muito reverendo Padre Geral Paulo Oliva a profissão de tres votos de pio. Falleceu aos vinte e tres de janeiro do anno 1676 e foi enterrado com a solemnidade costumada em a capella mór de nossa egreja do Grampará, chegado á parede, da banda do Evangelho. Teve o Padre Francisco Velloso em Pará a perda de um tão grande missionario, que, supposto não tinha estudado theologia, pregava muito bastantemente e era sujeito de grande prestimo, não só para as aldèas, mas tambem para o governo dos collegios. Houve em o Maranhão outra quasi semelhante, por morrer, o anno dantes, de uma carnosidade, o Padre Antonio Soares, irmão do Padre José Soares, companheiro inseparavel do Padre Antonio Vieira, com o qual ambos vieram para a missão em 1657. Foi enterrado em a egreja de Nossa Senhora da Luz; era homem de estatura pequena, de cabello ruivo, rosto vermelho, beiços algum tanto grossos, e de tão grande virtude que me não dá logar a brevidade desta historia para o poder dizer como bem merecia; era tal a sua humildade que para não ser sacerdote se tinha tirado o primeiro artigo do primeiro dedo ás dentadas, como elle mesmo me contou; amante da pobreza tão...

que nunca se viu trazer roupeta ou sapatos novos, andando com uma roupeta velha que elle mesmo ia remendando com fio branco, de sorte que não havia frade de Santo Antonio tão pobremente em tudo como elle ; nunca appetecia regalos, nem quintas, sendo mestre de latim tantos annos, nem se achava em seu cubiculo livro ou cousa sua que valesse ser cobiçada ; tão devoto que sempre rezava de joelhos, botado meio de bruços ao chão. Era prefeito perpetuo da egreja, a qual com seus estudantes tinha meia limpa e concertada ; fazia a doutrina aos indios dentro e fóra da Casa, elle os desobrigava pela mór parte á quaresma ; era tão zeloso que acompanhava os padres pelas aldêas, não se dando por satisfeito com o que fazia em a cidade, tão paciente que sendo quasi continuamente molestado da pedra nunca se ouviu queixar, dizendo que lhe fazia Deus graça de herdar o mal que tinha o Padre Manoel de Lima, a quem elle tinha servido emquanto estivera em a missão; tão obediente que acudia ao minimo signal e tão caritativo e amante de Deus e do proximo e da Virgem Senhora Nossa, que não tenho palavras com que encarecel-o.

Em uma palavra, era um santinho e exemplar de toda a virtude, e para que ninguem imagine que fallo apaixonado, saibam que a isto não me move nenhuma paixão, mas a pura verdade, como poderão certificar todos aquelles que com elle viveram.

CAPITULO 2

QUE TAL ACHEI O COLLEGIO DO MARANHÃO, E O QUE OBREI ALLI PELOS PRINCIPIOS DE MEU REITORADO

Achei em o collegio de Nossa Senhora da Luz o Padre Antonio Pereira e o Padre Francisco Ribeiro, ainda noviços, os quaes tinham partido de Lisboa aos... de maio do anno 1674, e tinham chegado aos vinte e sete de junho do mesmo anno ao Maranhão e tinham trazido comsigo as patentes para o superior novo da missão, para os reitores de ambos os collegios ; achei mais outros dois padres, um que estava em a residencia de S, José e outro em a dos Guajajáras, do Pinaré.

Irmãos coadjutores eram o velhinho João Fernandes, o irmão Marcos Vieira e o irmão Manoel da Silva; o Padre Antonio Pereira fazia officio de pregador e confessor, juntamente de mestre de noviços; e como quer que pelo Brazil, onde tinha estudado curso de theologia, havia tambem corrido com os enfermos e dando-se por entendido em a materia de cura-los, era buscado dos doentes, aos quaes acudia assim para a saude do corpo como da alma, com muita caridade. O Padre Francisco Ribeiro, filho de Lisboa, e irmão de João Ribeiro, o cégo, tinha já estado em a companhia alguns annos, ensinando grammatica; mas tinha sido expulsado pelo Padre commissario geral Antão Gonçalves por mostrar repugnancia de ir para uma aldêa para a qual se mandava, e depois de expulsado servindo de capellão a João Peixoto, homem autorisado em o Brazil, e finalmente sido reduzido outra vez pelo Padre Antonio Pereira, o que visto constituiu-se mestre do latim em o collegio de Nossa Senhora da Luz, sem embargo de ser ainda noviço, por ter fallecido o Padre Antonio Soares e não haver outro que se pudesse substituir em seu logar; cumpriu com este seu cargo com toda a satisfação, ensinando, catechisando, havendo-se em tudo como quem já tinha experiencia, e sido mestre de muito engenho e devoção.

Achei o collegio bem regrado e bastantemente provido de escravos, adquiridos pelo Padre Francisco Velloso, em seu tempo de reitorado. Duas cousas faltavam tocantes ao temporal e eram não estarem acabadas as casas nem salinas; verdade seja que tambem faltava a egreja nova, mas a muita diligencia e grande cuidado do meu antecessor, Francisco Velloso, deixava já toda a madeira puxada para junto do collegio, com grandes rumas de pedra para fabrica della, conforme lhe ter eu ordenado, sendo Superior da missão. Comecei, pois, pelo concerto do collegio e com a assistencia do irmão Manoel da Silva, que até a arte de pedreiro sabia por sua curiosidade, fiz levantar as paredes do corredor velho á altura do novo, e cobrir todo de telha. Mandei proporcionar as janellas delle com as mais; fiz mudar as portas dos cubiculos para condizerem todas umas com outras, fiz mais picar as paredes para lhes tirar a tortura

ou desigualdade que tinham e ao cabo de tu lo, levantar o sobrado do corredor velho para egualal-o com o novo. Parecia esta empreza muito difficultosa, mas effectuou-se com toda facilidade do modo seguinte: tiraram-se as taboas das ilhargas, levantaram-se um palmo de mais os buracos dos barrotes, e feito isso tomando-se o nivel por corda se foi alçaprumando pouco a pouco todo o corredor, até ficar pela medida, com que, tendo-se tornado a pregar o taboado, ficou obra boa e uniforme, como se vê do presente, tendo sido de antes uma cousa mui feia e desproporcionada. Desconfiava o irmão Manoel da Silva, mestre das obras, por elle fazer tudo por suas mãos, com uns escravos que ensinava, de poder-se picar a parede, dizendo que se não mettia em tal e se chamaria esse corredor de quem o mandava picar, e desconfiava tambem de poder se levantar o sobrado todo, sem desfazel-o primeiro; mas alegrou-se de ver tudo feito com feliz successo, sem ajuda de sua muita industria e diligente cuidado. Levantada e concertada já a Casa, tratou-se de acabar as salinas, para fabrica das quaes, se bem a commetter eu, ao irmão Manoel Fernandes, o irmão Manoel da Silva em tudo teve a maior parte, em fazer o tanque e vallas e cercar tudo ao redor, por amor de não entrar agua doce, nem sahir agua salgada para fóra, e o irmão Manoel Rodrigues em fazer o tanque e cercar de vallas, porque a disposição das marinhas e fabrica dellas e da casa de taipa de pilão se devem á industria e diligencia do irmão Manoel da Silva. Antes de se fazer este beneficio, tinham apanhado uns duzentos alqueires de sal umas canoas que tinham feito para receber as aguas de agosto e setembro; as salinas, porém, depois de beneficiadas de modo já dito, deram tanta quantidade de sal que bastou não só para a Casa e roça, mas para ajudar a republica toda, vendendo-se aos moradores a duas varas de panno o alqueire, quando ha abundancia delle. E não foi pequeno bem que o collegio recebeu com a fabrica destas salinas, porque se dantes com muita antecedencia se alcançavam uns alqueires do sal que vinha do Reino, e havia continua falta delle assim para o collegio como para a roça, e para gente da fazenda, depois, graças a Deus Nosso Senhor, nunca faltou, porque se em algum anno por serem muitas as chuvas,

não o havia, havia-o em o seguinte e neste interim recorria-se ao que estava guardado em casa das salinas. O modo mais facil de fazer sal é o seguinte: Faz-se um cercado grande de vallos, este se reparte em duas partes, a quarta parte, pouco mais ou menos se dá ás marinhas, e a outra, apontada em sua cerca e vallas, ao tanque grande, o qual tem seus fossos ou vallas ao redor, da parte de dentro, para conservarem melhor as aguas; faz-se-lhe uma porta que se possa facilmente abrir e fechar para dar entrada ás aguas, e conserval-as depois de terem entrado para dentro; pelas aguas vivas de agosto se admitem as primeiras e estando bem cheio o tanque e em boa altura se fecha a porta e destas aguas parte consomem as ventanias, parte embebe a terra sequiosa; tornam se a receber as aguas novas pelas aguas vivas de setembro, estas então se guardam com grande cuidado e se bem que tambem embebe a terra boa parte dellas, comtudo fica bastante para o sal, se as chuvas as não botarem a perder; passadas umas cinco para seis semanas, pouco mais ou menos, conforme a força do sal, começam a engrossar as aguas e morrendo os peixinhos que por ellas andam, já veem a ser aptas para se passar para as marinhas, que são uns como taboleiros largos de quatro, seis ou oito palmos, e compridos de 15, pouco mais ou menos, dispostas em tantas carreiras que se quizerem, conforme a quantidade de sal que se espera fazer, comtanto que pelo meio e ilhargas tenham seus caminhos largos para andar ao redor, e suas vallasinhas ou regos para receberem as aguas, as quaes, vindas do tanque grande, se lhes communicam por uns canos até se encherem de sal, o qual se vae recolhendo e levando a um tanque, onde umas indias o lavam e o limpam do lodo, pondo-o sobre umas peneiras para lhe botar agua em riba, e já branco e sem o lodo, o põem a enxugar ao sol, e o que fica menos branco esse chama-se sal preto, se põe a parte e serve para os servos e necessitados, e, estando já enxuto, se mede e se recolhe á casa. As chuvas pequenas, não sendo repetidas, accrescentam o sal, as grandes o botam a perder quando se não ha logar de as deixar sahir das aguas muito engrossadas. Não se deve passar aqui sob silencio uma casta de pedra branca, que lasca a modo de talco e parece vidro, cuja mina se achou em o

tanque grande para banda do matto, uns seis ou sete passos afastada da valla, e do canto della uns 20, pouco mais ou menos. Soube desse mineral o irmão André, apothicario da Bahia, e mandou pedir algum para suas meisinhas e deve-se notar bem aqui que os mineraes commummente não teem que escoria por cima, e quem quizer ter o mais puro delles deve cavar mais fundo. E já que se falla em mineraes, hade-se de saber que esta ilha está cheia de mineral de ferro, e acham-se uns pedaços que já parecem ferro fundido. Tinha eu já feito fazer muitos annos dantes umas salinas junto á casa das canoas, pagando dous bois de carro a Domingos Duarte, mestre dellas ; mas como não tiveram successo por elle se enganar, tratamos de fazer estas onde eu dantes queria fazer as primeiras, ficando em S. Marcos, logar rico para outras muito melhores. Como o collegio tinha grande necessidade de telhas, tijollos, quartas, pucaros e semelhantes cousas, tratei afim de ter um oleiro e uma olaria com João, filho de Alonso, que veio do Brazil com o Padre visitador Francisco Gonçalves, e estava casado com uma tapanhuna, escrava, Izabel, filha de João Velho, a quem Alonso, por morte, succedeu em o governo da ilha, aprendeu o officio de oleiro com o mestre oleiro de Miguel Rodrigues, e depois com o do Capitão-Mór Francisco Paes. Eentretanto, fui decobrir bom barro em as ilhas de S. Francisco e de S. Marcos; em a de S. Francisco achei barro como pedra marmore, mas muito forte, em uma fonte que ha junto do tanque das salinas, ao pé do monte, para banda da cidade ; o outro achei em S. Marcos, mais brando, e com esse mandei fazer casa de olaria onde está de presente, com seu forno, o que tudo fez o irmão Manoel da Silva com suas mãos, ajudado dos indios seus aprendizes. Só agua faltava, a qual tambem fiz buscar por Francisco, feitor da roça, dizendo-lhe cavasse onde achasse hervas mais verdes, fel-o assim achou, u na veia de agua junto à olaria, a qual serve para beber e lavar a roupa dos que lá assistem e quiz Deus Nosso Senhor, em honra de sua Mãe Santissima, a Virgem Senhora da Luz, a quem esta olaria se dedicou, que em o mesmo logar onde se cavou para fazer amolecer o barro sahiu uma veia de agua que servisse para temperal-o, e reparou-se como cousa digna de admiração, que, tendo o irmão Manoel

da Silva feito limpar e egualar a casa da olaria, que dentro de uma noite ou pouco mais, cresceram alli tres lyrios brancos sahidos de um só talo, que o irmão Manoel da Silva me trouxe ao collegio e eu, á vista desta maravilha, de tres lyrios brancos, declarei que esta olaria se havia de chamar Olaria de Nossa Senhora da Luz, virgem antes do parto, em o parto e depois do parto. Fui depois disso ver a obra com André Cordeiro, nosso irmão de fóra e outros, e querendo elle disparar em signal de festa uma pistola que trazia comsigo junto á Cruz que se tinha levantado, não tomou fogo e tornando-a eu então sem lhe por polvora á escorva a disparei. Ficou lá de morada desde aquelle tempo, João Oleiro com sua mulher, e alguns mais necessarios para cavar e ajuntar os materiaes e bois, deputados para este effeito, e o que era de muito commodo foi que com todas as marés cheias, póde a canoa chegar um lanço de pedra perto do forno para levar e trazer o necessario, que nunca mais houve falta de louça e telha em casa, antes houve para se vender quanto quizessemos a oito mil réis o milheiro posto em casa. Sentiu o Commendador das Mercês escapar-lhe das mãos essa paragem, mas não debalde, porque o venceu sempre Dona viuva Maria Sardinha, que me tinha vendido aquellas terras, que a não ser isso assim, nunca eu havia de ter comprado as terras de S. Marcos por me correr sempre bem, assim com o Commendador como com os mais Padres Religiosos de Nossa Senhora das Mercês. Tinham as terras de S. Marcos aguas para o gado, mas como havia um alagadiço muito grande de permeio, ficavam inuteis para o intento e para isso dei traça ao irmão Manoel da Silva para fazer uma passagem de pedra pela qual homens e meninos passassem a seu gosto com maré vasia, com que ficaram de grandissimo proveito para o collegio de Nossa Senhora da Luz, e juntamente para allivio dos Padres quando quizessem ir espairecer.

CAPITULO 3

DA VINDA DO PADRE PERO LUIZ GONSALVI, SUPERIOR DA MISSÃO PARA O MARANHÃO, E MORTE DO PADRE MANOEL NUNES QUE ELLE TRAZIA EM SUA COMPANHIA

Tendo o Padre Pero Luiz recebido a patente de Superior da missão, tomou logo posse e visitou as residencias em o collegio da banda do Pará aonde se achava ; e como não houve mudanças que fazer logo, foi-se do Pará para o Maranhão, levando comsigo o Padre Manoel Nunes, o qual pouco havia era retirado de sua missão do Cametá, onde tinha assistido muitos annos com muita satisfação, e estava descansando em o collegio do Grampará, feito tão escrupuloso em sua velhice que não havia quem lhe pudesse tirar os escrupulos que o faziam meio tonto, e lhe abreviavam os dias de vida : e como eu tinha pedido por carta que m'o trouxessem para ter bem cuidado delle em seus derradeiros annos, m'o trazia o Padre Superior. Aconteceu pelo caminho que tendo sahido do igarapé chamado Pagé, entraram em a bahia que ha entre elle e o igarapé de Maracaná, comeram um bocado e ditas as ladainhas e feito o exame costumado, deu somno ao Padre Superior Pero Luiz, com que se reclinou para dormir um pouco ; e entretanto, achando-se o Padre Manoel Nunes apertado de uma dor de barriga, em vez de se assentar em o logar costumado, que o é da quarta do meio, assentou se em riba da taboa da popa, pegando com ambas as mãos os arcos da tolda, como depois affirmou tel-o visto um dos rapazes ; donde se colhe que, como era achacoso e tinha, sua fonte, além de ser de muita edade e pouco ligeiro de mãos, braços e pés, cançou, e querendo-se levantar não o ajudaram as forças, com que deu comsigo dentro d'agua, sem nenhum dar fé disso. Acordou o Padre Superior Pero Luiz e achando de menos o Padre Manoel Nunes, chamou por elle, e visto que não respondia, nem elle o via, perguntou aos remeiros, dizendo: Filhos, que é do Padre Manoel Nunes? e como elles lhe disseram que não o sabiam, e disse o rapaz o vira sómente assentado junto ao cabo da popa, sobre a taboa, pegando em os arcos da tolda, inferiu que cahira ao mar e se afogara.

Começou logo a derramar perarosas lagrimas e dar gritos para o Céo, e com elle todos os indios, fazendo-lhe um pranto pelo muito que lhe queriam, e é cousa digna de reparo que falleceu desta sorte em paragem de tapéra da aldêa de Maracaná antiga, em que tinha sido missionario dos que, pela maior parte ainda, viviam mudados para outro sitio,em que moravam depois da sua mudança.

Puzeram-se a buscar o corpo morto todo aquelle dia, e como não poderam por nenhum modo dar com elle foram se para a aldêa de Maracaná, onde o Padre Superior disse missa, e feita a doutrina, referiu ao principal Lopo de Souza Pacaúba o que se passara, encommendando mandasse logo canoas em busca do cadaver. Sentiu muito toda a aldêa a morte do defunto seu, Padre Manoel Nunes, que amavam e veneravam como pae, por ter sido seu missionario; foram-se logo as canoas em busca do corpo do defunto, e depois de o terem buscado por todas as partes o acharam finalmente em um tijucal ou lameiro, entre os mangues, em a paragem já referida, coberto todo de seus vestidos e sem nenhuma corrupção mais que em os olhos e boca do estomago, onde os passaros lhe tinham dado umas picadas. Contentes com a chegada, o levaram para a aldêa, que o chorou muito, e mettido em um caixão o puzeram junto ao altar de sua egreja por não dar de si nenhum ruim cheiro, e o ter encommendado muito o Padre Superior, para depois se poder trasladar para a egreja de S. Francisco Xavier do collegio de Santo Alexandre do Grampará. Logo que o Padre Francisco Velloso, Reitor do collegio, o soube, mandou em busca delle o Padre Pedro da Silva, que assistia a roça, e do lá como missionario acudia aos Tupinambazes e Maracanazes. Chegou o Padre, disse missa, praticou os indios, ajuntados todos em a egreja mui tristes e chorosos; acabada a pratica e lido um responso sobre o corpo do defunto, pegaram d'elle os mais autorizados da aldêa, e o levaram em o esquife para o porto, acompanhando-o todos, homens e mulheres, em procissão, com candeinhas de cêra pela mão; lá se embarcou em canoa do Padre Pedro da Silva, o qual o levou á egreja de S. Francisco Xavier, da cidade do Grampará, onde esteve muitos mezes, debaixo do altar mór, sem nenhum ruim cheiro, até que

finalmente lhe deram sepultura em a capella mór, bem ao meio, diante do altar, em fins de novembro do anno de 1676. Era o Padre Manoel Nunes dos mais velhos da missão, assim pela sua edade como pela assistencia em obras della. Professo de quatro votos, natural do Reino, onde leu primeira de Theologia, e depois em o Brazil, donde veio para a missão, foi superior della uma vez, e muitas vezes Reitor, varão de singular virtude e doutrina, até em Direito, sobre o qual o consultavam como um Orago; teve suas missões para os sertões, assistio em Maracaná, Maquary e foi o primeiro missionario dos Ingaybas, cujo cathecismo compoz em lingua delles, que até hoje se ensina, e depois recusando o reitorado do Pará, que o Padre Gonçalo lhe tinha mandado por patente, finalmente foi-se para o Cametá onde assistio com o irmão Balthazar e Campos e o padre Antonio da Silva, reverenciado e amado de todos os indios e brancos. Era mui casto, pobre e obediente e grande desprezador de si mesmo; o zelo das almas estava tanto em seu peito que bem o mostrava quando ensinava e confessava os indios, em cuja lingua era um cicerão. Sua mortificação tal, que em já sua muita edade fazia disciplina todos os dias e sua oração com todo o cuidado, e dita sua missa, feita a doutrina, empregava uma meia hora em acção de graças e depois pegava em Senhor Jesus com um joelho sobre o chão e outro erguido, por andar achacozo, passava as manhãs e tardes em continua oração, tirado o tempo em que a caridade ou a obediencia o occupava para com o proximo, e sempre com suas contas ou pela mão ou ao pescoço. Era devotissimo do bemaventurado S. José, donde queixando-se o Padre Superior amorosamente ao Santo, porque tinha deixado afogar-se o seu devoto daquella sorte, adormeceu e pareceu-lhe que via o Santo bemaventurado tendo preso o Padre Manoel Nunes por uma cadêa de ouro, e, levando-o para o Céo, dizendo estas palavras: Eis aqui como trato os meus devotos. Um caso raro contou-me delle um irmão nosso, e foi que, chamado para uma roça mui distante e por caminhos escabrozos para ouvir de confissão um indio doente, levantou-se logo da meza sem dilação nenhuma, e andou por pedras e lamas a confessal-o. Não fallo em a sua grande devoção para com a Virgem Senhora

Nossa......levava sempre pendurada ao pescoço, já rezando por ella onde quer que fosse; e quem era tão ouvido com Deus por meio da oração quazi continua, mal podia deixar de ser muito amante de sua Santissima Mãe. Em uma palavra, era o retrato de um perfeito missionario, e ricos exemplos nos deixou a todos para imitação; confesso que era algum tanto rigoroso, mas logo se remettia á sua egualdade de animo bom, com que costumava tratar.

CAPITULO 4

DAS TROPAS EM QUE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO PERO LUIZ ANDOU PELO MARANHÃO, E DO MAIS QUE SE OBROU EM TEMPO DO GOVERNADOR PERO CEZAR DE MENEZES

Chegou o Padre superior da missão ao Maranhão e admittiu á companhia dous sujeitos, o Padre Manoel Borba e o Padre Diogo da Costa, ambos naturaes da terra,e commetteu-os ao Padre Antonio Pereira,que já tinha á sua conta o Padre Francisco Ribeiro. Fez sua visita, como é costume, e assistiu em o collegio em quanto se forraram os cubiculos que ficaram para se forrar, e se acabou o corredor novo para a banda da matriz. E como em tempo do governo do governador Pero Cesar não houve cousa digna de se referir, tirando as tropas, por ser tudo o mais idas e vindas, mudanças dos sujeitos de uma parte para outra, só das tropas fallarei mais largamente, acrescentando ao cabo deste Capitulo o que houver digno de se relatar. A primeira tropa que se offereceu foi a que se fez pelo rio do Meary para riba, e ella teve o Padre superior Pero Luiz por missionario com Balthazar Fernandes, então sargento mor, e depois capitão mor de S. Luiz do Maranhão. A occasião e causa de mandar esta tropa foi andarem pelos mattos e campinas daquelle rio, uns tapuyas que tomavam de sobresalto os escravos dos engenhos e os matavam com muita crueldade, sem se poder saber donde vinham, ou que eram senão por advinhações. Foi logo esta tropa ver se podia dar com a aldêa ou terra desses e mais matadores; andou dias e semanas para riba, sem dar com gente

alguma nem rastro della, com que, suspeitando morreriam pelo sertão dentro, andou toda com o missionario e o cabo pela terra a pé, por alagadiços, lagos, rios, por chuvas e sol, por campinas e mattas fechadas, com incrivel trabalho mas sempre de baldado. Não se repara aqui em os cansaços, fomes e sedes que passaram por aquella viagem, tanto quanto se repara que com todas estas molestias nunca se esquecessem da sua devoção que o Padre missionario tinha determinado para se guardar cada dia, quando tivessem chegado á boca da noite a alguma paragem onde quizessem tomar qualquer descanço e foi que todos com elle, que os precedia com seu bom exemplo, rezavam de joelhos o terço e ladainhas da Senhora, sem embargo de andarem ás vezes todos molhados e, quando isto não sempre, mui cansados, ficando toda a tropa mui edificada deste bom exemplo do Padre Superior, que não acharia palavras bastantes para engrandecer a sua muita virtude. Vendo, pois, o cabo da tropa que debalde se cansavam de andar em busca do gentio, que pretendiam de achar para lhe dar o merecido castigo pelos assaltos injustos que davam aos escravos dos moradores do Meary, e já tinham gastado alguns mezes em tal pretenção sem lhes ficar se quer esperança probabil de poder dar com elle, resolveu-se a um prudente retiro antes que, pela mudança do tempo e clima, désse alguma doença aos soldados. Já se vinham descansando para baixo, sem medo de algum mau encontro, quando a canoa do Padre superior da missão deu em uma pedra aguda, a qual lhe traspassou o fundo de tal sorte, que só por milagre de Deus e pela intercessão da Virgem Senhora Nossa, escapou do perigo evidente de alagar-se e perder-se, pois alem de tirar-se da pedra em que estava fincada pela vehemencia do remar, foi maravilha grande tambem se tapar, de sorte que se não alagasse com a perda de tudo quanto ia dentro della. A segunda tropa em que o Padre superior Pero Luiz foi por missionario, foi a que mandou o governador Pero Cesar de Menezes, em descobrimento do rio Parauassú, entre o Maranhão e o Ceará, em que o capitão Affonso ..... Ruy ia por cabo, e o irmão Antonio Ribeiro por companheiro do padre missionario. Partiu esta tropa pelo verão e como o Padre Superior da missão,

desejoso de seguir as pizadas de S. Francisco Xavier, quiz correr a pé descalço aquellas praias que ha entre o rio Parauassu e o rio das Preguiças,como o Santo tinha corrido,não é crivel quanto padeceu, atolando-se-lhes os pés a cada passo por aquellas areias que a ventania continua daquellas paragens está amontoando.

Andaram mezes em aquella viagem rio acima até á altura das serras de Ibiapaba, conforme contara o irmão Antonio Ribeiro, o qual tinha feito um mappa dos rios e terras em que tinha entrado. Deram finalmente com uma nação que tinha roças abundantes em mandioca, não faltando pelo rio pirahuybas e outras castas de peixes, com que a tropa se ia sustentando.

Sahiu aquelle gentio para o porto das canoas sobre uma ribanceirinha, deixando o seu mulherio posto á vista, mas posto algum tanto de longe em o matto. Sahiu o Padre Superior como missionario da tropa a encontral-os, fallando-lhes como podia por interprete, por serem de lingua travada, cercaram ao redor por todos as partes, com uns machadetes pelas mãos, reclinados aos hombros, como quem estavam esperando o signal para ferir-lhe a cabeça. O Padre Superior, como elle mesmo me contou, vendo que entre tanta gente não havia logar para se tratar do que intentavam, que era reduzil-os, se foi recuando pouco a pouco, e finalmente saltou para canoa, para a qual convidou o seu principal delles, para lhe fallar de assento.

Veiu elle, supposto que com algum receio dos brancos que se achavam todos com suas espadas ás cintas, suas espingardas ás mãos, até que vendo a brandura com que o tratava, o padre superior, perdeu todo o medo que de antes tinha concebido. A seu exemplo chegaram outros mais á canoa assim do padre missionario como do cabo da tropa Affonso ; e se entretiveram largamente, porém sem nenhum effeito do fim que se pretendia ; com o que veio a tropa para baixo, sem se tirar daquella viagem mais proveito que o descobrimento do rio e suas terras com aquellas com que vão confinar.

Disseram os indios que o Parauassú ia dar pelas cabeceiras em um despenhadeiro de aguas, e de lá em umas campinas de bellos pastos, onde os brancos iam sobre uns cavallos, e sem duvida que isto deve ser as campinas e pastos que vêm do

Ceará, correndo aquella corda para baixo até o rio Parauassú, e de lá até perto do rio Tapecurú em Maranhão, o que me faz crer ser isto por assim m'o ter dito o Agostinho Urury, do qual já tenho fallado em capitulos atraz, e mais um fuão Figueiredo, natural do Brazil, o qual indo commigo em o barco em que iamos alguns dos padres........... do Maranhão, do Ceará para Pernambuco, em 1684, me disse, contando o desgraçado successo que tinham tido uns filhos da Bahia, e foi da maneira seguinte:

Tinhamos, disse elle, eu e mais uns camaradas meus, corrido a cavallo os pastos que ha entre Ceará e o Maranhão, para vermos si eram bons para pasto de gado vacum, e como os achámos a nosso gosto e achámos os indios que por ahi moravam, pedimos-lhes que nol-os vendessem, dando-lhes muita ferramenta que traziamos para esse intento por ellas; aceitaram a ferramenta com muito gosto seu e ainda com muito maior gosto nosso, persuadindo-nos que tinhamos feito bom negocio, e com isso fomos-nos á Bahia pedir carta de data e sesmaria dos ditos pastos em nome d'El-rei; feito tudo corrente, fomos outra vez ás terras dos ditos barbaros vendedores, dizendo-lhes que vinhamos tomar posse real dos pastos que nos tinham vendido o anno atrazado. Responderam elles que, supposto isso, lhes dessemos de novo outra ferramenta, e como replicassemos que lhes tinhamos dado a que bastava para cumprimento do preço, não se deram por satisfeitos, allegando que a ferramenta que lhes tinhamos dado não era mais que para o anno atrazado e que pelos annos vindouros lhes haviamos de pagar cada anno nosso foro, pois elles nunca tinham querido vender o senhorio das terras que tinham herdado de seus avós, mas sómente aforal-as por um anno. ficando sempre com o senhorio dellas. E como porfiassemos que lh'as tinhamos pago como vendidas e não como aforadas sómente, nos apartámos uns dos outros para depois tratar mais devagar este negocio.

Os meus camaradas, disse-me elle, foram adeante. caçando pelas mattas que havia e, tendo morto alguma coisa, assaram e comeram por serem horas de jantar; eu com o meu moço, indio da terra, vinha atraz, por manquejar

a minha cavalgadura de um pé, e estando ainda em boa distancia ouvi pancadas de ybirassanga ; mataram esses barbaros os meus camaradas que estavam descansando e dormindo em suas rêdes, sem suspeita de uma tão grande traição. Vendo, pois, isto, logo em o mesmo momento me metti com o meu moço pelo matto dentro com toda a pressa, e atravessando-o sem parar, me vim sahir pelo Ceará, donde e agora volto para minha casa.

E supposto que esta relação bastava para tirar toda a duvida do que se trata, comtudo fica isto agora indubitavel, depois que o governador Antonio de Albuquerque mandou abrir o caminho do Maranhão para o Ceará e Bahia, e por elle vinham e voltavam os homens que vieram pedir datas de terras e pastos por aquellas bandas, indo-se com elles o ouvidor geral que tinha sido deste Estado, Manoel Nunes Colares.

Antes de se fazer a ultima tropa para os Teremembezes, foram admittidos pelo Padre Superior da Missão, pelos poderes que tinha alcançado, já dantes, dois novos sujeitos, João da Silva e Balthazar Ribeiro, ambos naturaes da cidade de S. Luiz do Maranhão; tomaram a roupeta a dois de fevereiro do anno de 1677 e foram encommendados ao Padre Antonio Pereira, que ainda estava em o collegio do Maranhão. Não me detenho aqui a relatar o descobrimento do caminho que por terra se fez desde o Maranhão até á cidade da Bahia, porque reservo esta relação para seu mais proprio logar, bastando o até agora referido para se saber as disposições mais remotas que pouco a pouco foi tendo, até finalmente se conseguir com effeito que se podia desejar.

CAPITULO 5

DA GUERRA DADA AOS TEREMEMBEZES EM QUE O PADRE SUPERIOR PERO LUIZ FOI POR MISSIONARIO

A terceira tropa em que o Padre Superior Pero Luiz foi por missionario com o irmão João de Almeida, francez de nação, é aquella em que o capitão mór Vital Maciel foi outra vez ao rio Parauassú e lá dar castigo á nação dos Teremembezes.

Antes de relatar o successo daquella tropa, pareceme conveniente dar primeiro noticia breve da causa della. Tinha-se perdido uma nau que vinha do Brazil, em os baixos de S. Roque, por perto do Ceará, e tinham escapado uns poucos de naufragantes daquelle triste naufragio em uma jangada ou balça, em que além de suas pessoas traziam umas cousinhas de seus fatos com algum sustento de vida; estes vieram a dar comsigo depois de uns poucos de dias em riba da praia, meio mortos de fome, e trabalhos que as ondas do mar lhes tinham dado. Estavam lá acaso uns Teremembezes que continuamente correm áquellas praias, os quaes logo que os viram tão desfeitos deram sobre elles e os mataram cruelmente a todos, levando tudo quanto traziam comsigo. Feita esta tão tyranica e mais que barbara acção, vieram-se direito ao Maranhão, mui confiados, vendendo pelas roças e cidade algumas cousas, as quaes do feitio logo se conheceram ser das ilhas, e como já se sabia por fama do naufragio acontecido em os baixos de S. Roque, suspeitou-se que sem duvida nenhuma estes teriam morto alguns naufragantes. Fundada em tal suspeita, mandou-os prender a justiça a todos, assim mulheres como homens; examinados por lingua de sua nação, achou-se ser verdadeiro o que delles se tinha suspeitado, pelo que todos foram condemnados á morte, tirando uma mulher com sua cria. Eu então, como reitor do collegio, tratei logo de ensinal-os, mas como eram barbaros e mui agrestes, acabei sómente de ensinar a mulher para baptisal-a com a criança, como foi feito; depois, como eu estava occupado com as cousas de meu officio, continuou a ensinal-os o Padre Superior da missão, Pero Luiz, animando-os que, visto serem condemnados á morte, tratassem de sua salvação, e baptisar-se para escaparem do fogo do inferno e irem gozar de Deus em o Céo; obedeceram e depois de bem doutrinados se lhes deu a todos a agua do Santo Baptismo, excepto um velho, o qual havia de ir com a tropa por lingua, e por isso não necessitava de tanta pressa. Estava entre elles um bello mocetão que seria de idade de dezoito annos, pouco mais ou menos; este me tinha rogado que se lhe perdoassem a vida, por quanto era filho de um grande principal, nem tinha ainda conhecido mulher, nem tambem tivera parte alguma em a

morte dos naufragados, mas vinha sómente em companhia dos matadores sem mais animo que de ir em companhia delles ao Maranhão, offerecendo-se juntamente a ser escravo dos padres para os servir toda a sua vida. Compadecendo-me eu deste bello mancebo assim por sua nobreza, como principalmente por sua rara castidade e innocencia em o caso quanto me parecia, intercedi por elle; mas como Deus Nosso Senhor o queria salvar por esta via, permittiu que o velho parecesse mais idoneo para o fim que se pretendia que elle; e assim instruidos de novo todos e apparelhados em bons e famosos actos de Fé, Esperança e Caridade, e Contricção, pelo Padre Superior da missão, se mandaram depois de baptisados cavalgar sobre dous bancos, postos á boca de duas peças carregadas, e foi cousa digna de reparo que estando já cavalgados sobre os bancos, um delles chamou o Padre Superior, pedindo-lhe o instruisse ainda um pouco melhor, o que fez, dando-se depois disso, logo, a mesmo tempo, fogo a ambas as peças carregadas de balas, com que voaram em um fechar de olhos pelos ares, feitos em pedaços. Assistiu a irmandade da Santa Misericordia com a sua bandeira, a qual logo recolheu os pedaços e os foi enterrar com muita piedade. Costumava dizer o Padre Pero Poderoso, o qual, como missionario das serras de Ibiapaba, tinha tratado muito com os Teremembezes, sem nunca poder converter um só delles á nossa Santa Fé, que lhe parece que eram precitos todos, porém mostrou-se por essa occasião que não estivemos, o Padre Superior da missão e eu longe de ajudar a salvação ao menos de alguns; mas tambem confesso que fóra desta occasião nunca pude dar-lhes um bom sentimento de Deus quando me vinham ver, antes foi o seu principal maior que, fallando lhe eu com todo o empenho do Céo, em nosso collegio do Maranhão, disse estas escandalosas palavras *nicatui ibaca, ibinho, ycatú*, que quer dizer: Céo, não presta para nada, só a terra sim, esta é boa. Mas disse aquillo com o barbaro, porque como do Céo lhe vinham e abrazavam calmas, e a chuva que o molhava, achava que não prestava, como a terra lhe dava fructas, peixe, carne, e outros mantimentos, que só esta era boa, Morreu este principal e foi enterrado em as areias da praia,

pondo-se-lhe, conforme me contaram, sobre a sepultura uma canoa de pesca, e um cachorro ou cão de caça. Cousa pasmosa : ia o cão á caça, e trazia sempre um pedaço para junto da sepultura onde elle se detinha, sem sahir de lá senão para ir caçar ; mal o pude crer, mas refiro, porque m'o referiu pessoa digna de todo o credito, como cousa admiravel porém certa ; e não é isto incrivel para quem leu as historias do amor e lealdade dos cães, e muito menos quando são ensaiados para alguma cousa. Acabado o acto da justiça vingativa, foi-se a tropa em canoas bem equipadas para o Parauassú e Teremembezes, para tambem tomar vingança assim dos do rio como dos das praias do mar. Vencidas as correntezas dos lançóes, foram desembarcar da banda do rio das Preguiças e lá acharam que os Teremembezes tinham maltratado um homem da tropa que tinha ido adeante. Saltaram em terra e foram pelas areias daquellas praias com grande trabalho e o Padre Superior Pero Luiz, com muito mais molestia, por andar a pé descalço ; chegaram finalmente ao rio do Parauassú, onde embarcados de novo nas canoas, navegaram por elle para a banda das cabeceiras para ver se achavam algum gentio, para de cabo ou primeiro o castigarem, e não acharam senão uns poucos de gentios que lhes disseram que esse rio de Parauassú ia dar em outro rio grande de onde elle se originava, o qual corria por umas campinas dilatadas, pelas quaes os brancos iam em cavalgaduras, que elles chamam cabaruz. Ora, como a tropa se viu muito perto do despenhadouro da agua, que se não podia passar em canoa, e que não se achava gentio para descer para baixo, nem para castigar como culpados da morte dos naufragados, nem tambem se descobriam escravos de resgate, resolve-se o cabo de ir tomar vingança dos Teremembezes da praia, da nação dos matadores. Fizeram primeiro diligencia para saberem onde estavam, por serem dos que andavam de uma parte para outra, e acharam que estavam perto do mar, onde communmente costumam morar, e que junto a seu sitio tinham uns mangaes cercados de agua que lhes serviam de refugio ; com essa noticia se adeantou a tropa até se pôr á vista delles em a mesma praia. Lá pucharam os indios pelos arcos e fréchas, de

ambas as bandas e houve uma peleja muito grande em que se feriram uns aos outros e iam acudindo os Teremembezes, parte mortos ás fréchadas dos indios da tropa, parte ás pelouradas dos brancos, que com as suas armas de fogo faziam grande estrago; houve aquella occasião um principal, já de muita idade, chamado Midinapá, o qual sentindo-se gravemente ferido se assentou sobre o chão, pelejando ainda com incrivel valor e defendendo-se ás fréchadas até que um valoroso indio, chegando-se a elle com um terçado que levava ás mãos lhe partiu a cabeça, e assim o acabou de matar. Depois disso cercou-se a ilha ou mangal onde estavam os mais, e entraram os indios de nossas aldêas com tanta furia, acompanhados dos brancos, que por terem visto feridos alguns parentes seus, começaram a matar tudo quanto havia sem perdão a nenhum, nem ainda as mulheres e seus filhinhos, pegando a estes pelos pés e dando com as cabecinhas delles pelas arvores lhes tiravam a vida a todos; durou esta carneceria pouco christã dos indios, notavelmente crueis, estando assanhados, até que o cabo achando que assás estava vingada a morte dos pobres naufragados e acreditadas bastantemente as armas portuguezas, mandou que se não matasse mais ninguem e os mais que ficavam vivos se prendessem por escravos para se venderem em Maranhão; assim se fez e se acabou com isso a guerra contra aquella nação dos Teremembezes, com que logo depois se tornaram a fazer as pazes. Contavam os que vinham daquella cruel matança que entre os indics se achara uma mocetona de extremada belleza e branca como as mesmas luzes, e que supposto que por estes respeitos merecia de viver, comtudo lhe tiraram os indios a vida com as demais, por serem desejosissimos de quebrar a cabeça a algum inimigo seu para se armarem cavalheiros por esta sua façanha e valentia; e é isso tanto assim, que achando-se lá uma india velha de nossas aldêas com desejos de se acreditar por valentona e ficar ennobrecida, chegou a quebrar a cabeça de um teremembez já deixado por morto. Ajuntou-se a gente da tropa toda com os captivos, curaram-se os feridos e com isso foram tomar fala de outra nação innocente da morte dos naufragados, cujo principal apresentou ao Padre superior Pero Luiz um

rapaz uruaty, filho do principal Botiron, que tinha morto os padres em Tapecorú. Com isso se retirou a tropa para o Maranhão, e foi direita á egreja matriz dar graças a Deus e á Virgem Senhora Nossa da Victoria pelo bom successo de sua empreza ; mandou-me depois o Padre superior que offerecesse aquelle rapaz, filho do principal Botiron, por escravo da Senhora da mesma Victoria ; fel-o assim e em uma festa, estando presente o governador e a Camara toda, fiz offerta delle pelo offertorio da missa, fazendo ler por um estudante umas estrophes que tinha feito por esse intento. Houve outras tropas em tempo do governo de Pero Cesar ; uma do clerigo Raposo, que foi pelo rio Tocantins, por ordem d'El-Rei, em descobrimento do ouro ; mas, como com ella não foi missionario da Companhia, não se obrou cousa de consideração; não quero fazer della maior relação. Outra houve peio rio das Amazonas, em que foi por cabo Francisco Lopes, morador do Pará, o qual chegou até os Cambebas e trouxe grande multidão de escravos; e como tambem com ella não foi missionario da Companhia, deu muito occasião de murmurar a todos, desta tambem não falo por que me não toca. Só direi, concluindo, do que se obrou de consideração em o tempo do governo de Pero Cesar de Menezes, que elle mandou fazer o palacio dos Governadores, foi sempre amigo de todos os missionarios, por onde mereceu ser feito irmão da Companhia toda, ao menos desta missão, por carta de irmandade, que lhe deu o Padre superior Pero Luiz Gonsalvi, e querendo continuar as demonstrações de seu amor para com os padres da Companhia, levou em seu navio o Padre Diogo da Costa e o Padre Manoel Borba á sua custa, dando-lhes sua mesa com todos os regalos do Reino, por toda a viagem até Portugal, onde os mandou levar em liteira até o collegio de Santo Antão, para de lá irem a Evora estudar o curso de sua philosophia. Era esse governador, como já dito fica, muito amigo da Companhia, e corria-se bem commigo, como tinham feito todos os mais antecessores seus, e como o via eu de muito pouca saude e condemnado a comer sempre gallinha, aconselhei-lhe que lesse o temporal eterno do Padre Neuzembergio, e como me respondeu que esta .... logo mudar de vida, offereci-lhe as meditações do Padre

Vella Cardin, para ler e meditar por elle; o que acceitou e sem duvida em grande bem da sua alma, por que se dantes, pedindo-me elle carta de irmandade, lh'a não quiz conceder, concedeu-lh'a tempo adeante meu successor em o superiorado, o Padre Pero Luiz, com que, como bom christão, ficou todo nosso; mas viveu pouco, depois, porque poucos mezes depois de chegar ao Reino morreu, deixando por herdeira sua irmã, a Condessa de Prado; emendado, morreria ainda melhor se teve o temporal eterno pela fórma que eu lhe tinha aconselhado, em tempo de se aproveitar em virtude.

CAPITULO 6

TRATA-SE DO QUE SE PASSOU, SUCCEDENDO IGNACIO COELHO, GOVERNADOR NOVO, A PERO CESAR DE MENEZES, E PARTICULARMENTE DA CHEGADA DO PADRE IODOCO PERES, COM SEUS COMPANHEIROS, DO BRAZIL

Tendo Pero Cezar de Menezes governado quasi cinco annos, succedeu-lhe Ignacio Coelho da Silva em começo do anno de 1678, pelo entrudo; foi recebido com muita honra de seu antecessor Pero Cezar de Menezes, ao qual correspondeu com igual cortezia, em sua partida para Portugal. Estava por esse tempo o Padre Pero Luiz ainda superior, por dizer o nosso muito reverendo Padre Geral que, visto governava bem, o não queria mudar. Estava eu tambem ainda reitor do collegio do Maranhão, e como em o dito collegio, poucos dias depois, houve as quarenta horas, que se fazia com toda a solemnidade e concurso, préguei dous sermões e veiu o governador novo assistir assim aos sermões todos, como ás praticas das sextas feiras e sermões das domingas, que tambem se fizeram com grande fructo, do qual as lagrimas que se choraram, e mais demonstrações exteriores eram signal, ao menos provavel, do interior. Estava o Padre João Maria entre os Guajajaras com seus catechumenos, novamente descidos, o Padre Gaspar convalescido de umas bobas que lhe tinham pegado ao pé, estando confessando um penitente bobento, da aldêa de S. José; o Padre Francisco Ribeiro, mestre de

latim no Collegio, quando em este comenos, em o anno de 1678, veio do Brazil o Padre Iodoco Peres, helvecio de nação, o qual, tendo lido dous cursos em a Universidade de Dilinga, foi mandado para a Galiza, e da lá veiu á Lisbôa, de onde veiu ao Brazil e ahi eleito para ler philosophia, foi mudado por dizer e ler sentenças novas e mandado á missão em um barco com o Padre Alvarenga, o Padre Tavares, o irmão noviço Bento Rodrigues e Diogo de Souza, os quaes foram expulsos todos, uns mais cedo, outros mais tarde, e o Padre Iodoco Peres foi mandado para o collegio do Grampará. Um anno depois, 1679, pouco mais ou menos, chegou do Reino o Padre Estevão Gandolfin, Siciliano de nação, e professo da companhia, com bons nove sujeitos, o Padre Sabastião Pires, portuguez, e o Padre João Carlos Cenis de Cena, o Padre Aluizio Conrado Pheil, helvecio de nação, da cidade de Constança, o irmão Manoel da Costa, João Gonçalves, Manoel Duarte, estudantes, e além destes, o irmão Manoel Zuzarte, o irmão Geraldo Ribeiro, o irmão Domingos Coelho, coadjutores, todos bellos sujeitos, portuguezes de nação.

Não se póde crer quanta alegria causou a todos do collegio' quando estando se lendo as prophecias da sexta-feira das Endoenças, entraram pela egreja dentro o padre Aluizio Conrado que se poz logo a ler uma das prophecias christãs, o padre Gandolfin com seus companheiros, assistindo ao sermão das lagrimas do Senhor, que préguei em a matriz ; foram agasalhados com toda a caridade possivel, conforme o tempo o permittia. O Padre superior da missão, passados os dias da hospedagem, repartiu-os por varias partes, para acudir com este novo soccorro ás festas que havia em o collegio do Pará e residencias. O Padre Estevão Gandolfin foi instituido por mestre de noviços do Maranhão e cumpriu mui bem as obrigações de seu cargo, ao parecer de todos por verem o muito que aproveitavam os noviços todos com sua direcção. O Padre Sebastião Pires ficou em o collegio para me ajudar a prégar a mim e ao Padre Antonio Pereira, que tambem tinha já vindo do Reino com o Padre Francisco Ribeiro, noviço, e o Padre Aluizio Conrado Pheil, com os irmãos Manoel Zuzarte, Geraldo Ribeiro, foram mandados ao Pará, aos dez de maio. Acharam o Padre reitor Francisco Velloso muito doente, e visitaram o

governador Ignacio Coelho, que já então lá se achava, e aggravando-lhe a doença, recebeu os sacramentos da santa madre egreja com toda a devoção, e recebidos elles, falleceu aos vinte e oito de julho, assistindo-lhe os padres todos, pondo-lhe o Padre Aluizio Conrado Pheil a candeia na mão e dizendo-lhe as ultimas palavras. Enterrou-se em a capella-mór, estando presente o governador, e officiando os reverendos padres de Nossa Senhora das Mercês, aos cinco de agosto. Foi o Padre Francisco Velloso, portuguez de nação, aquelle que primeiro de todos veiu do Brazil com seus companheiros, a supprir a falta que faziam os padres que tinham sido mortos em Tapecorú. Era professo da Companhia, homem de alto corpo e bastantemente grosso, ruivo e bem disposto, prégador insigne ao parecer de todos, assim de dentro como de fóra, foi vice-superior uma vez e reitor muitas vezes com patentes de Roma, grande e zeloso missionario, como consta das muitas missões que fez,e da assistencia que teve pelas aldêas;amavam-o e veneravam-o os brancos e indios, cuja lingua fallava como um cicerão, com todos os chistes della, nem houve outro que o igualasse ; era sua pobreza grande e de muita castidade, irreprehensivel sua obediencia, em tudo perfeita, a mortificação lhe parecia natural, e a devoção para com Deus e a Virgem Senhora Nossa, subida ; em uma palavra missionario de todas as partes e exemplar.

Mandou-se-lhe succeder no cargo o Padre Antonio Pereira, natural do Maranhão, que depois da primeira expulsão tinha ido ao Brazil para estudar, e de lá tinha vindo já professo de quatro votos e sido mestre de noviços ; era prégador no Collegio do Maranhão; e como o Padre Iodoco Peres era desejoso de se ir desafogar o seu zelo das almas em alguma aldêa, foi mandado pelo Padre superior Pero Luiz para a dos Jaboaquara, sita sobre o grande rio das Amazonas, em a capitania do Norte. Lá se agazalhou em as casas que Vital Maciel Parente tinha deixado, quando, depois de uma larga assistencia que lhe tinha feito, se tinha recolhido para o Pará ; e supposto que não sabia a lingua dos indios nem nunca a poude aprender, como elle dizia, comtudo, que a caridade de Deus e do proximo é engenhosa,tratou logo de descer a nação Aracajus,

praticando-a por interpretes que para isso levava. Era aquella aldêa de poucos ranchos, mas havia de ter sido muito populosa se os effeitos tivessem correspondido aos esforços e ao zelo de seu missionario. Constava por aquelle tempo da casa do capitão Matheus, e de outras tres para quatro, de indios novamente descidos, estando bastantes pelos arredores, que ás domingas e festas vinham assistir á missa e doutrina que se lhes fazia, por seu companheiro o Padre Antonio da Silva. Todos os indios lá pertencentes eram amantes dos padres missionarios, mas sobre todos o principal Casemiro, o qual acudia ao Padre Iodoco Peres, e seu companheiro o Padre Antonio da Silva, que lhe servia de lingua por te-la aprendido desde menino em Gurúpy, estando com seu tio o Padre Bento Alvares, missionario daquella residencia. Não obraram cousa de novo, mas trataram de não faltar com suas obrigações, acudindo com a doutrina e sacramento não sómente a esses indios, mas ainda aos de Urubuquara, Gurupatyba e Gossary, aldêas mais chegadas de uma e outra banda, as quaes como eram todas christãs tinham sempre muitas crianças para se baptisar. E porque em a aldeia de Gossary havia poucos casaes, e dizia Thomazia, mulher de Alexandre de Gurapatyba, que tinha muitos parentes seus, os quaes moravam pela terra dentro da banda da mesma, aldêa animou-se o Padre Antonio da Silva de os ir praticar e trazer ainda que com risco de sua vida, porque pouco tempo dantes tinham morto o principal de Murtigura, chamado Damião, e mais um filho do sargento-mór Manoel da Silva, pae de Pero de Mello e irmão do morto, em aquelle sertão, onde ia em busca de cravo. Praticou-os o Padre Antonio da Silva com muita confiança em Deus e ajuda das orações do Padre Iodoco Peres, por cujo conselho tinha entreprendido aquella missão, com felicissimo successo, porque os fez mudar para Gossary, onde estiveram annos, visitados sempre dos padres, até que enfadados da muita oppressão dos brancos se retiraram para suas terras, depois de estarem quasi acabados da praga das bexigas. Foi tambem o Padre Aluizio Conrado deputado por missionario do rio e residencia do Xingú, em sua ida que para lá fez aos 17 de outubro do anno 1679. Confessou todos os soldados da fortaleza do Gurupá com

seu capitão-mór Vaz Corrêa; chegado que foi á aldêa do Xingú confessou a Gaspar Ferreira, grande sertanejo, e foi pouco a pouco dispondo as cousas de sua aldêa de sorte que em 1680 baptisou muita della, e como o seu ardente zelo se não continha dentro dos limites tão estreitos, passou logo para os Coanizes, da banda de além do rio, e de lá deu comsigo entre os Ingaybas, baptisando cento e setenta innocentes... com um principal em sua viagem, e voltando para o Xingú baptisou outra quantidade grande não só de innocentes, mas tambem de adultos dos que, pouco havia, se tinham vindo do sertão.

Tendo o Padre Iodoco assistido um tempo em Jaboaquara com o Padre Antonio da Silva, seu companheiro, foi feito reitor do Collegio de Santo Alexandre, cidade do Grampará, que governou com muita satisfação e quietação, até que mudado, por lhe ir patente de superior da missão, succedeu-lhe o Padre Pero Luiz, ficando em seu logar, por vice-reitor, o Padre Francisco Ribeiro, coadjutor espiritual, mudado do Caethé para o Pará, onde em tempo de seu governo tratou da limpeza da egreja e comprou as cortinas de sarafina que até o presente servem em as festas, para ornato dos painéis, tribunas e altares collateraes; e como pouco a pouco foram-se-lhe debilitando as pernas, ficou totalmente impedido do uso dellas em quanto viveu, e assim ou estava sentado sobre sua cama, sem mais sair, ou puxado em uma cadeira de rodas para ir commungar e ouvir missa, ou tomar algum divertimento pelos corredores do collegio........

CAPITULO 7º

CHEGADA DE D. GREGORIO DOS ANJOS, PRIMEIRO BISPO DO MARANHÃO E DA LEI DO ANNO 1680

Em o anno que D. Gregorio dos Anjos, da congregação dos Loyos, foi eleito por bispo do Estado do Maranhão, nomeou logo tres pessoas, das quaes uma tomasse posse do seu bispado em seu nome, o padre reitor do collegio do Maranhão, mas eu não quiz nada daquella nomeação, e como tambem vinha nomeado depois o padre provincial do Carmo.................. Maciel, de Tapuytapera, aceitou essa honra o dito provincial e

foi tomar pósse em a matriz, com todas as ceremonias requesitas em o anno de 1680...:
..........................E lançou ancora em a ponta de João Dias, á vista da cidade. Os reverendos padres de Santo Antonio foram logo em busca delle com canoa não muito grande, e o levaram comsigo a seu convento, de modo que indo eu em outra muito maior sem comparação, a mais bella canoa de Santo Ignacio que havia em a cidade, com toda a Camara, para recebel-o e beijar-lhe as mãos, tomando a sua benção, o achamos já ido e fomos obrigados a ir buscal-o em Santo Antonio, em cuja egreja, depois de ter dado as graças a Deus pela boa viagem, se poz de pontifical em sua cadeira, deante do altar-mór, e deu a mão a beijar, com a benção a todos que concorriam para o ver e saudar. Foi eu com o Senado dar-lhe as boas vindas e beijar-lhe a mão para receber a sua benção, e elle vendo-me deante de si perguntou-me se eu era o padre reitor do Collegio do Maranhão, e como lhe respondesse que sim, disse-me estas palavras : Lá em o reino me diziam que a primeira pessoa que me havia de vir receber era o padre reitor do Collegio com os mais padres da Companhia, mas vossa paternidade nem ver-me veiu ao navio. Repliquei-lhe então que eu tratava de receber Sua Senhoria como merecia Sua Illustrissima e Reverendissima, indo em canoa grande, com toda a Camara, mas que Sua Senhoria tinha querido embarcar-se em uma canoa limitada, dos reverendos padres de Santo Antonio, e que esta fôra a razão por que Sua Illustrissima me não vira em o navio; e como eu não tinha tido a honra de beijar-lhe as mãos e recebel o em o mar, conforme merecia a dignidade de sua pessoa illustrissima, me vinha botar-me a seus pés em a egreja de Santo Antonio para lhe dar as boas vindas, e receber sua paterna benção e juntamente offerecer a Sua Illustrissima o Collegio com a sua pessoa e todos os padres delle para lhe servirem. Com esta resposta ficou satisfeito, e eu, recebida a benção episcopal, me retirei para casa, mandando-lhe em o dia seguinte uma rez famosa, de presente, com mais outros mimos de refresco. Deteve-se uns dias em Santo Antonio, e chegada a vespara de sua entrada, mandei-lhe vir da roça um bello e manso cavallo com

sua sella, e todo o mais aviamento novo e mui decente ; mandei-lhe mais levantar um bello arco triumphal em o meio do caminho deante da igreja do Collegio de Nossa Senhora da Luz, bem ornado e enriquecido com uns vinte emblemas pintados e descriptos por minha mão, em que se decifravam e descreviam em verso heroico todos os modos de pescar homens ou almas ao Senhor pelo prégão evangelico pertencente ao cargo de bispo : representou-se em a rua, foi-se-lhe representar em a Sé da cidade, com grande gosto e applauso de todos. Em o dia de sua entrada foi Sua Illustrissima á Nossa Nenhora do Desterro, acompanhado de muitas canoas, entre as quaes a nossa, de Santo Ignacio; era como a capitanea, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu de pontifical, com a sua mitra á cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o irmão Manoel Rodrigues como de estribeiro-mór, por aquella vez ; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e parando pelos cantos della, onde encontrava uns arcos triumphaes bem feitos e adornados, junto aos quaes os recebiam os moradores com suas musicas dos religiosos de Nossa Senhora das Mercês, e uma pratica, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizarria e graça, acompanhada de vivas e applausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Collegio de Nossa Senhora da Luz, á vista do qual ficou todo pasmado, e deteve-se para ouvir uma comediasinha que se lhe ia representando ; porém como vinha chuviscando sobre os ornamentos pontificaes, foram á matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a benção e se retirou para as casas de Manoel Valdez, onde teve varias representações de encamisadas a cavallo, dansas e outros generos de demonstrações de festas e alegria, uns oito e mais dias. Passados estes, foi ver as egrejas, acompanhado da nobreza e povo ; logo que entrou a do collegio de Nossa Senhora da Luz, subi eu ao pulpito e lhe fiz em latim uma oração sobre as qualidades da luz, todas apropriadas a elle, e a seu............ e se bem era de um dia para outro, durou quando menos uma boa hora, com grande sua satisfação e agrado do auditorio todo.

Confesso que tive algum receiosinho de não poder ser tão corrente em a boa latinidade como algum dia fôra, sendo cinco

annos e meio mestre das humanidades, mas ajudando-me Deus em o templo de sua Mãe Santissima Nossa Senhora da Luz, cujos louvores tambem trazia, achei-me logo desde o principio tão desembaraçado em o dizer, que não me fez abalo nenhum a assistencia do Padre Iodoco Peres e a do Padre Aluizio Pheil, e outros nossos, versadissimos em latinidade. Nada de tudo isso relato para humanos. O senhor bispo me pediu todos os emblemas pintados e escriptos por minha mão, para mandal-os para o reino de Portugal; seja tudo para maior honra de Deus, e gloria de sua Mãe Santissima, a Virgem Senhora da Luz!

CAPITULO 8.º

CHEGA O PADRE PERO PODEROSO DO BRAZIL COM TITULO DE VISITADOR, COM ALGUNS PADRES E NOVIÇOS EM SUA COMPANHIA, EM 1680

Em o mesmo anno que chegou o Illustrissimo Senhor Dom Gregorio dos Anjos Loyo, primeiro bispo do Maranhão, chegaram o Padre Pero Poderoso, do Brasil, em um barco maior, comprado com o dinheiro do menor que tinha vindo em sua companhia, quando sahiu do Maranhão e mais um noviçosinho, que falleceu em o Collegio de Nossa Senhora da Luz, chamado Simão, o Padre Antonio da Silva, que tinha sido mandado estudar curso em o Brazil em um barco do collegio do Maranhão, o irmão Antonio Gonçalves, o irmão Bernardo Gomes, o irmão Manoel da Noia, Francisco Ribeiro, ainda secular, que sahiu, e um que falleceu noviço em o collegio de Nossa Senhora da Luz, uns tapanhunos, um cavallo. Os tapanhunos, como eram comprados com o dinheiro da missão, se repartiram entre os dous collegios Maranhão e Pará; o cavallo coube, por ser da missão da serra Ybiapaba, ao Collegio do Maranhão. Pouco tempo depois, querendo eu, como reitor do Collegio, excusar gastos que o barco fazia em o porto do Collegio, onde se ia perdendo, mandei-o para Pernambuco, carregado de sal, e ahi foi o irmão Antonio da Silva para estudar curso em o Brazil, e o irmão Antonio Ribeiro por sobre intendente delle; foi o piloto tomar a altura de Cabo Verde e de lá tomou primeiro o Ceará e depois Pernambuco, e como acharam lá o sal

barato ficou o ganho pala despeza, se bem com algum ganho de mais, com que se pagou uma divida que se pretendia dever o Collegio do Maranhão ao Padre Antonio de Oliveira, reitor de Angolla, por algumas cousas que tinha perdido em seu naufragio e tinham chegado ao Maranhão, onde se detiveram até se offerecer occasião boa para se lh'as remetterem. Vinha o Padre Poderoso do Brazil com patente de visitador, passada pelo Padre José de Seixas, por então provincial daquella provincia, para visitar pelo espaço de um anno, não mais, a missão do Maranhão; mas como o nosso muito reverendo Padre Geral João Paulo Oliva tinha feito a missão independente do Brazil e submettido á provincia de Portugal, emquanto não houvesse recurso para Roma, e estavam já essas ordens publicadas em ambos os collegios e intimadas a todos os missionarios, resolveram os Padres Superiores da missão que o Padre Pero Poderoso suspendesse sua visita até resposta de Roma e Portugal, conforme as ordens publicadas de nosso muito reverendo Padre Geral, porquanto com isso não se lhe tirava o que se differia até resolução sobre o que se havia de obrar em taes circumstancias, em que abertamente parecia não ter logar a patente de visitador, visto ser passada pelo Padre provincial do Brazil, de quem já estava independente a missão. Cahiu o Padre Poderoso em razão e escreveram todos a Roma e a Portugal, e.....................

Emquanto iam as cartas e se esperava a resposta dellas, como o collegio do Maranhão andava com uma demanda com João Monteiro Cabral, sobre uma sorte de terra que o dito tinha pedido ao governador Ignacio Coelho, allegando que estavam devolutas, sendo que estavam dentro da demarcação dos padres, e tinha alcançado carta de data e sesmaria sem mais informação do que se passara de real verdade, e como o governador se tinha ido para o Grampará com o provedor-mór, Dom Fernandes Ramiro, mandou o Padre superior da missão o Padre Pero Luiz, a mim, reitor do collegio do Maranhão, para o Pará, para mostrar ao governador e provedor a maldade daquella data feita contra o que dispõem as leis. Obedeci e me fui em o navio para o Pará e lá com as razões de direito que alleguei ganhei a demanda, e mandei a sentença, passada pela chancellaria, ao Maranhão, ao

Padre superior da missão, o qual folgou summamente e logo fez por ella aclarar os marcos todos por justiça, pelos mesmos rumos que muitos annos dantes tinha seguido o demarcador, quando o Padre Luiz Figueira, superior da missão, fez demarcar a legoa de terra em quadra que temos..................em Geniparanã para Mapary, e mais rumos que a carta de data está dizendo e mostra os marcos que se puzeram a primeira vez, quando o Padre Luiz Figueira, superior da missão (digo a mandou demarcar juridicamente), e os que se acharam depois por vezes e ultimamente sendo eu reitor, e o Padre Pero Luiz superior de toda a missão.

Chegou por aquelle tempo uma lei real passada em primeiro de abril do anno de 1680, em que se prohibiam fazer escravos, pelos excessos e injustiças que se faziam em os captiveiros delles, quando sem missionario, não porque não fossem todos os captiveiros que se faziam conformes á lei do anno de 1655, mas por serem feitos contra o que prescrevia a dita lei e por modos muito prejudiciaes, como foi levantar-se uma vez uma Cruz para com esse signal de christandade ajuntar os indios, e depois de ajuntal-os leval-os por escravos, sendo que eram manifestamente forros. Lembra-me que, indo um certo clerigo por missionario, captivou uma aldêa inteira das do rio das Amazonas, mas extranhando-lhe eu, o fiz saber ao governador Antonio de Albuquerque, o qual a mandou repor em sua terra, e vindo eu de visitar os Tupinambaranas a encontrei pelo caminho e soube que ia reposta em sua liberdade, o que posso dizer, em louvor dos missionarios da Companhia, nunca houve escravos mal feitos por elles, e diziam os moradores tementes a Deus que só os escravos feitos pelos padres da Companhia se logravam por estarem legitimamente feitos.

Ordenou-se mais por um Alvará passado aos 11 de Março do anno de 1680 que os governadores do Estado do Maranhão, nem por si nem por outra interposta pessoa, tivessem commercio, mercancia, nem cultura alguma, nem pudessem cobrar dividas alhêas, nem seus creados, por si nem por procurador subestabelecido, nem ainda mandar ao sertão buscar drogas algumas ; e que nem o governador nem o bispo, nem outra pes-

soa alguma podesse tomar indio das aldêas, fóra dos que lhes fossem dados em repartição, e que em o dito Estado do Maranhão se cumprisse a provisão de vinte e sete de fevereiro do anno de 1673 passada para o Brazil, pela qual se prohibia aos governadores e ministros da fazenda, justiça e guerra commerciarem e se intrometterem em bens que vão á praça, e muito menos em rendas reaes ou donativos das camaras, ou desencaminhar os direitos reaes, e que da mesma fórma não puzessem preços aos generos nem fretes de navios, os quaes sejam livres, ao arbitrio e avença das partes, e quando se não ajustassem em preços dos fretes tomasse cada um delles seu louvado, e ambos um terceiro e que o que por elles se ajustasse se désse inviolavelmente em execução.

Finalmente, veio ordenado por Carta de dez de Abril do anno de 1680, que as aldêas dos indios fossem governadas por seus principaes e parochos, e que a repartição da terceira parte dos indios fizesse o bispo, o prelado de Santo Antonio do logar em que se fizer e uma pessoa eleita pela Camara, e que o ouvidor geral fosse juiz das duvidas que se movessem pelos indios, e dentro dum mez as averiguasse summariamente, sem appellação nem aggravo. Em este navio do Sacramento, cujo capitão era Agostinho Monteiro, em que veio a lei e mais o alvará real, vieram tambem do Reino em o mesmo anno 1680, e chegaram ao Maranhão aos vinte e um de Maio, o Padre Jeronymo Pereira, natural das Ilhas, o qual pouco depois foi despedido, o Padre Manoel Nunes, que era mestre dos noviços, que vinham com elles, o Padre Diogo da Costa, o qual vinha de Evora, tendo ido para lá estudar curso, que deixou em razão de uma deshabitual dor de cabeça, o irmão Antonio da Cunha, o qual o senhor bispo Dom Gregorio ordenou depois com o irmão Antão Gonçalves, e o irmão Manoel Coutinho, o qual sendo já padre de missa, foi depois levado para o Reino pelo Padre Iodoco Peres e despedido em Coimbra pelo anno de 1687, o irmão José Thomaz, sobrinho do nosso ovineiro João da Rocha, em Lisboa, o qual foi sepultado, o irmão João Ribeiro, bom sujeito, que depois se ordenou e perseverou com grande exemplo, o irmão Ignacio Ferreira, que depois foi acabar os estudos de philosophia em Coimbra, com grande

loa e veio estudar theologia em o Maranhão, tendo por mestre o Padre José Ferreira, debaixo de cuja disciplina aproveitou tanto, que depois o escolhi para ler philosophia e está actualmente lendo theologia escolastica aos nossos: todos sujeitos de prestimo.

Foram recebidos os 17 em o collegio do Maranhão, com a caridade costumada, pelo Padre superior da missão, Pero Luiz, que então assistia ahi, supprindo meu logar, emquanto eu fui mandado para o Pará tratar de um pleito sobre as nossas terras, que ganhei, como logo se dirá em capitulo seguinte. Ficava ainda por aquelle tempo o Padre Antonio da Cunha em a missão do Pinaré do Maranhão e foi com o irmão Manoel Rodrigues ao sertão dos Guajajaras, com summo trabalho em razão dos moruruz, e entrando oito dias de viagem molestissima, passou Capityba e trouxe cento e trinta pessoas, comboiadas para baixo em nove canoas, das quaes o irmão tinha feito seis de novo, emquanto esteve em o porto, esperando pelo Padre Antonio da Cunha, que só, acompanhado de uns poucos de indios, tinha entrado pelo sertão dentro; não lhes faltou o sustento em a vinda, pela quantidade grande de kagados pelos matos, e de peixes surubins pelo rio, só a falta de farinha lhes deu trabalho, mas foram supprindo essa falta com os olhos de palmeira, até que chegados á aldêa acharam fartura de tudo; durante esta viagem pegaram as boubas ao irmão, das quaes nunca poude perfeitamente sarar até o presente.

CAPITULO 9º

COMEÇA O PADRE PERO PODEROSO A TOMAR POSSE DO CARGO DE VISITADOR SEM ESPERAR RESPOSTA DE ROMA, E RELATA-SE TODO O SUCCESSO DE SUA VISITA

Estando eu, por ordem do Padre superior Pero Luiz, em Grampará, sobre a contenda de nossas terras com João Monteiro, ficando já avisado que em a primeira occasião me voltasse para o Maranhão para continuar em meu officio, que supposto já chegava a cinco annos, comtudo havia de continuar por haver ordem de nosso muito Reverendo Padre Geral que nenhum Reitor acabasse sem elle lhe mandar o contrario, por serem

terras ultramarinas, vieram umas cartas do reino escriptas do Padre Provincial, Pantaleão Carvalho, em que dizia não era sabedor da ordem de nosso muito Reverendo Padre Geral, Paulo Oliva, sobre a sujeição do Maranhão a Portugal, e sim de outras em vigor, sobre as quaes o Padre Pero Poderoso fez uma consulta a tres consultores do Collegio do Maranhão, com o parecer dos quaes, sem embargo do protesto de nullidade que o Padre superior Pero Luiz lhe fazia, como superior da missão, se metteu de pósse, sem fazer caso das razões evidentes e forçosissimas que se lhe davam contra isso. O que visto, o superior da missão, Pero Luiz, se retirou para a aldêa dos Guajajaras, em Pinaré, onde, para excusar alterações entre os nossos, esteve até acabar o anno de sua visita.

A primeira cousa que o Padre Poderoso fez em sua visita foi tirar-me do reitorado, estando eu ausente em o Pará e pôr em meu logar o Padre Gonçalo de Véras, antigamente companheiro seu em a missão da Serra, e por então missionario da aldêa de S. José e roça de Annindiba, mandando-me a mim que me deixasse estar pelo Pará, por querer servir-se de mim por aquellas bandas em seu modo de governar. Visitou o collegio do Maranhão e com isso se passou á cidade do Grampará, onde eu estava esperando suas ordens, por me ter escripto que me não bulisse de lá sem sua ordem. Logo que lá chegou, perguntou-me o que me parecia ácerca de seu cargo de visitador que......... e respondi-lhe desenganadamente, como conhecido amigo de muitos annos, que tinha por certo que não era legitimo prelado, porquanto o Padre José de Seixas, que estava governando em o Brazil, não podia mandar visitar a missão do Maranhão depois della independente daquella Provincia, por ordem expressa do nosso muito reverendo Padre Geral, Paulo de Oliva, publicada em o refeitorio de ambos os collegios, e que as cartas do Padre provincial de Portugal Pantaleão Carvalho tambem não podiam encontrar aquella ordem do Padre Geral, então expressa e publicada. Comtudo, sem embargo disso, accommodando-me aos mais para excusar minima discordia, não usada em a companhia, me offereci para tudo o que o Padre Poderoso, com titulo de visitador, me mandasse.

Com isso foi-se para banda do Gurupá estar em a aldêa do Xingú com o Padre Aluizio e outros, que levou comsigo e lá esteve até depois da Paschoa. Passei o tempo de sua visita parte em officios e sepulchro da Semana Santa e parte em visitar o Padre Iodoco Peres, em a aldêa de Jagoaquara com o Padre Antonio da Silva, tentando descer os Aracajús, que estavam pelo sertão dos Tocanhapes, da outra banda do rio das Amazonas, pelo sertão da aldêa do Cusary, que por aquelle tempo não constava senão de uns poucos de casaes. Entrou, pois, o Padre Antoio da Silva pelo igarapé e sertão dos Tocanhapes para descel-os ao sitio de Cusary, foi com perigo de sua vida, mas com successo muito feliz, pois trouxe umas quatrocentas e tantas almas para baixo, situando-as todas e fez uma canôa grande para o serviço do Superior, emquanto assistiu em Xingú. Entretanto, eu tinha estado uns mezes em o collegio de Santo Alexandre, subdito do Padre Antonio Pereira, reitor delle, e fui mandado, por ordem do Padre Pero Poderoso, visitar os Ingaybas com o irmão João da Silva, estudante, para fazer lá residencia nova e ajuntar os indios em uma ilha que me tinham apontado, por lhe parecer sitio mui accommodado para tudo, sendo que não prestava, por falta de terras, como consta a todos que conhecem o sitio Iriy, onde se fez aldêa daquelle nome. Fui-me com meu companheiro, sem mais matalutagem que um triste bocado de um queijo do Alemtejo e de farinha. Passamos por Mortigura, onde o Padre João Maria era missionario por então, mas estava ausente ; lá atravessamos para outra banda, onde corremos aquella costa até o igarapé das Bocas, sem achar mais sustento que um jabotizinho e um peixe que o irmão tinha pescado com seu anzol. Não houve covil de indios que não buscassemos e visitassemos, doutrinando e administrando os Sacramentos necessarios, padecendo sempre muita fome, assim nós como os indios remeiros. Chegamos, finalmente, á aldêa do principal João Curuperé, a qual estava principiada em a ilha do Iriy; fallamos-lhe e descobrimos a causa de nossa vinda para lá, e elle, tendo tomado primeiro seu conselho com os maiores de sua sujeição, respondeu que estavam mui contentes terem em sua companhia padres para os ensinar

e sacramentar. Com isso, dei-lhes um frasco de aguardente que nos tinham pedido, para os ter contentes e satisfeitos, e logo mandei fazer umas casas em uma paragem escolhida junto ao rio, a qual fazia uma meia ilha e tinha portos mui seguros para as canôas e mais pescaria das tainhas á vista. Emquanto se iam fazendo as casas e para dentro de quinze dias já se iam acabando, juntei os indios como pude, doutrinando-os cada dia depois da missa e mais tarde á boca da noite, fazendo-os vir á missa em dias de domingo e festas, baptisando os meninos, casando os amancebados, assim lá como em aldêas da outra banda. Tratei logo de aprender a lingua ingayba, e para ajuda disso tinha eu feito quantidade de dialogos de toda a materia que commummente houvera em lingua portugueza juntamente e ingayba, valendo-me para isso de um mameluco versadissimo em ambas ellas, por ser filho do capitão-mór Ayres de Souza e uma ingaiba, e destes dialogos me ia ajudando admiravelmente em tudo quanto os indios me vinham fallar, por achar ahi as suas perguntas e juntamente as respostas que lhes havia de dar, e assim ia aprendendo a sua lingua delles, de sorte que dentro de tres mezes já a fallava, fazendo minhas viagens e conversando com elles e ensinando-os pelas aldêas, em as quaes dentro de tres mezes que lá assisti, baptisei algumas oitenta ou mais crianças que parte foram para o céo......... baptismal. Por meio tempo chegou o Padre Pero Poderoso de Xingú á minha residencia de Santa Cruz em Iriy e lá se deteve dia e meio até se lhe concertar a canôa e procurar algum provimento para sua viagem; partiu-se sem me fallar em visita e me levou o companheiro, o irmão João da Silva, para o fazer continuar seus estudos em Maranhão, deixando-me em seu logar dois rapazes, um, Domingos de Murtigura, que foi depois ao reino e agora é capitão, e outro, Francisco, da roça de Mamayaco, já defunto. Não se me deu muito disso, porque, supposto sentia a minha solidão, a falta de companheiro, preferi necessidade dos estudos, tão a meu gosto proprio. Ido já o Padre Poderoso visitador, elegi logo o capitão Simão, indio mais abalisado que achava, para me acompanhar em viagens, contentando-o com alguma cousa limitada em premio dessa sua obra

de caridade e trabalho. Succedeu pouco depois, em vespera de S. João Baptista, para a qual tinham os indios feito muitas fogueiras ao longo do rio, de um cabo ao outro da aldêa, e iam alegremente saltando por cima dellas, como em toda a parte se costuma, quando encontrando-se um indio com uma india casada, que ao cabo das fogueiras queria dar seu salto, a botou por desastre ao chão e lhe quebrou um braço. Estava eu recolhido em minha casa quando vieram os rapazes a dar-me parte do succedido; acudi logo, tratando de curar o braço da pobre india, e como não houvesse quem o soubesse curar, ordenei a seu marido que lh'o encaixasse primeiro e depois o lavasse com vinho e azeite do reino, e feito isso mandei-lhe fazer umas redinhas, duas de casca de mority, uma de um palmo e outra de dois palmos, mas antes disso fiz-lhe untar o braço, com ovos batidos e pôr-lhe pez de resina em riba e cobrir e amarrar tudo muito bem com as redinhas que tinha mandado fazer, para não poder dobrar o braço ainda que muito quizesse, e com isso a fiz recolher, com ordem que se lhe não fizesse outra cura senão de lá a nove dias. Estando, havia, recolhido em casa, ouvi tanger um rabil por uns homens brancos á minha janella, perguntei quem era e respondeu-me um delles que era o alferes Ambrosio Moniz, com um ajudante e que vinham dar-me as boas festas de S. João; agradeci-lhes a honra e como sabiam sangrar dei ordem que dessem duas picadas á india, que estava com o braço quebrado, uma logo, outra pela madrugada, e que viessem tocar quando eu estivesse para dizer missa aos indios; foram elles, cumpriram pontualmente o que eu lhes tinha mandado, e o certo é que sem ser eu medico a india sarou perfeitamente da cura. Não teve a mesma dita outra india, a qual saltando tambem por cima da fogueira, em outra aldêa, quebrara um pé e morreu da quebradura por eu não ter noticia do caso. Passados tres mezes, dei uma chegada á cidade do Pará, de onde logo fui mandado com o Padre Antonio da Silva para a aldêa de yagoaquara, em logar do Padre Iodoco Peres, que lá tinha assistido perto de um anno, tratando de descer a nação dos Aracajús, e succedeu-me em os Ingaybas o Padre Gaspar Misseh, já antigo missionario daquella e mais circumvizinhas

nações, com grande trabalho e fructo das almas, quando menos dos innocentes que lá se baptisaram e morreram em grande numero, a cada passo. Aconteceu, que estando em aquella gloriosa missão, trataram os indios de matal-o por má persuasão de seus feiticeiros a que chamam pagés e haviam de ter executado este seu máo intento, pois já iam executal-o, si Deus Nosso Senhor não tivera impedido esses embustes do inimigo da salvação das almas. O caso foi que, indo elles de caminho para lhe tirar a vida, encontraram um passaro cujo agouro os fez mudar de parecer, sem embargo de irem determinados, em quantidade de canôas, com seus arcos e fréchas........ e ybirassangas, para esse effeito. Soube-se disso em a cidade, mas já tarde para lhe poder acudir, e nem por isso desmaiou; mas esteve esperando a pé quedo o Padre os seus inimigos, mui desejoso de dar a vida pela prégação de nossa santa fé. Não sei cousa que o Padre Poderoso obrasse ao tempo do anno de sua visita que tirar-me do reitorado e pôr em meu logar o Padre Gonçalo de Véras, com ordem de edificar um corredor para banda de Santo Antonio sobre os alicerces já bentos pelo Sr. bispo D. Gregorio dos Anjos, o que elle executou, gastando na obra pedra, cal e madeiras que eu e o Padre Francisco Velloso tinhamos ajuntado com tanto trabalho, para a egreja nova de Nossa Senhora da Luz, que com isso ficou atrazada e levantada em outro sitio. Por aquelle tempo, pouco mais ou menos, Dom Gregorio dos Anjos visitou o Pará, agasalhando-se em Santo Antonio, até que fez sua entrada, levado em uma cadeira aos hombros, desde a Santa Casa de Misericordia, pelas ruas e egrejas; á porta de João Valente foi recebido com um........... feito por mim, em verso elegiaco e foi dito por seu filho, o qual foi depois estudar em Coimbra e veio por vigario geral, e finalmente foi morto a facadas por um soldado, tendo já largado o habito clerical. Visitou as egrejas e em a roça fez pratica ao povo; agasalhou se em casas de Manoel Guedes Aranha, com seu vigario geral, José D'Eça, a par de si; teve uma desavença com o Padre reitor Antonio Pereira, por querer que cada padre tivesse a sua licença *á parte inscriptis*, mas veio depois a dar licença como se costuma, visitou e chrismou em a cidade e não passou á capitania do Cametá.

CAPITULO 10

O SUCCESSO DA MISSÃO DOS PADRES MISSIONARIOS PARA JAGOAGUARA E GURUPATYBA, ONDE ULTIMAMENTE FIZERAM SUA RESIDENCIA

Estando eu mudado dos Ingaybas, fui mandado com o Padre Antonio da Silva para o rio das Amazonas, ficando o Padre Iodoco Peres em o collegio do Pará, onde pouco depois succedeu em o reitorado ao Padre Antonio Pereira. Fomos de passagem ver o Padre Aluizio Conrado, em sua missão sobre o rio Xingú; achamo-lo sozinho, tendo estado dantes tão acompanhado por toda a quaresma, e mais ainda quando com elle se deteve o Padre Pero Poderoso com seu companheiro.

Tinha a seu cuidado, além da populosa aldêa do Xingú, as aldêas dos Coanizes, da banda dalém Gurupá, com a aldêa de Maturu que estava em caminho; por todas andava em uma roda para doutrinar e administrar os sacrmentos aos indios dellas.

Despedimo-nos de lá, atravessamos pelo igarapé dos Coanizes e postos pelo dia seguinte defronte da aldêa de Jagoaquara, pasmamos de não ver as casas em que o Padre Iadoco Peres tinha feito residencia, mas logo que chegámos para a aldêa, vimos que se tinha queimado por desastre, salvando-se não mais que o altar portatil, que o mameluco que lá estava dizia lhe ter parecido uma leve penna de passaro, em tempo que o tirara das chammas do fogo.

Vieram logo os principaes dos Aracajus dar-nos as boas vindas em casa do sargento-mór da aldêa onde nos tinhamos agasalhado; por entretanto, foi-se logo o Padre Antonio da Silva para Gurupatyba, em busca dos indios e indias, com farinhas, para levantar residencia nova, e houve-se com tanto cuidado que logo voltou dentro de poucas semanas; fizemos uma casa de sobrado com tres cubiculos, refeitorio ao meio, despensa ao canto e corredor espaçoso para banda do matto, e todos os mais commodos requisitos, sem nos custar mais que a nossa diligencia.

Ahi estivemos um mez, acudindo ás mais aldêas o Padre Antonio da Silva com grandissimo zelo; porém, como vimos que

aquelle sitio, supposto era alegre e espaçoso, com bellissima vista para o rio das Amazonas, comtudo não tinha terras boas para os indios fazerem suas roças, e que por esta mesma razão os Aracajus se tinham retirado, deixando uma casa grande que já tinham feito, mudamo-nos para Gurupatiba, onde, postos sobre um altissimo monte, tinhamos bellos ares, boas aguas, mais gente, melhores terras, com muito peixe. Lá estivemos de assistencia, visto não ser possivel ter residencia. Em Jagoaguara, não muito tempo antes de nossa mudança, aconteceu um lastimoso caso, que bem é que aqui se refira.

Tinha o principal Casemiro (muito amigo dos padres) mandado um parente seu a pescar-nos sobre um lago, e estando o pobre indio attento á sua linha de pescar para banda do lago, veio uma onça por detraz e o matou, fazendo-o pasto de su barriga; sabendo disso, outro indio, parente do morto, foi esperar a onça para vingar a morte do defunto, e como estava esperando sobre o mesmo lago algum tanto descuidado, veio a mesma onça e saltando sobre elle, tambem o matou, morrendo ahi ambos por morte tão desastrada quando iam buscar a vida para seus padres, por caridade.

Sentimos summamente a desgraçada morte desses dois nossos filhos espirituaes e bemfeitores; encommendámo-los a Deus para que..... de uma tal morte temporal do corpo fossem .... á vida eterna, em premio de sua muita caridade, e assim esperámos de sua infinita misericordia, por serem indios de bem; deve de servir este triste successo de documento a todos os missionarios, para que tenham sempre apparelhados os seus filhos espirituaes com actos de Fé, de Esperança e de Caridade, e Contricção, com que em casos tão desastrados e não previstos, não pereçam as almas, sem embargo de perecerem os corpos com tão lastimoso fim.

Tratavamos actualmente de descer gentio de lingua geral do sertão da aldêa de Urubuquara, sita por então ao pé de um alto monte em fórma de um pão de assucar, mui farta de bom peixe e tartarugas ao redor.

Servia-nos para este fim um indio sargento-mór, por nome Pantaleão, o qual ia ao sertão praticando os seus parentes, e

trazia pouco a pouco muita e bellissima gente, que nós iamos ensinando e baptisando, conforme entendiamos e era conveniente, e não ha duvida que se hia formando uma poderosa aldêa, se os brancos a não tivessem divertido tanto com continuas viagens ao cravo e ao cacáo, e é isto tanto assim que, sem embargo de tudo isso, a achou o Padre José Barreiros, uns annos depois, capaz para alli fazer uma nova residencia de S. Francisco Xavier, com minha licença. O Padre Antonio da Silva, incansavelmente, ia visitando Gosary, os Tapajoz e outra, pertencente áquella residencia, emquanto eu como mais velho tratava dos Tapiaras da aldêa de Gurupatiba, em a qual havia ainda gentio ; a estes ensinava e baptisavamos com mais cuidado. Tinhamos uma casa e egreja pobre; para ella fiz um retabulo de muruty, em o qual puz Nossa Senhora da Conceição de vulto e um crucifixo grande feito de cera, e porque para o altar faltava algum frontal fiz um da mesma materia, o qual, pintadinho, parecia muito melhor que o do Reino, principalmente estando a egreja toda enramada e o altar ornado de bellas flores pelos meninos e meninas, a cuja conta corria este cuidado.

Aconteceu que, querendo dizer missa um dia de domiugo, faltava um principal com uns poucos, com os quaes estava bebendo em sua casa, mandei avisal-o que se viesse ouvir missa e como não acabava de vir lhe mandei uma reprehensão. Era máo indio e de má vida, casado com uma india de muita virtude. Entretanto depois do aviso e da reprehensão, acabada a missa, chegou com seus companheiros á porta da egreja, onde se puzeram ao redor de mim como quem tratava de me dar em a cabeça, porque tinham uns delles seus páos de matar ou ybirassangas pela mão ; adverti em tal e logo, mostrando-me valente, lhes faleialto, e lhes mandei com imperio como quem não tinha nenhum medo delles, com que ficaram atemorizados, e se foram retirando para suas casas, e eu para a minha, sozinho, por ter ido o Padre companheiro levantar as cruzes pelas aldêas que tinham falta dellas.

Pelo mesmo tempo tinha vindo para os Tapajoz Sebastião Teixeira, o qual, expulsado da Companhia, casara com uma india do sangue dos principaes, com expectação de preceder em o principalado, por ser morta a principaleza Maria Moacara, e ser

sua mulher parenta sua muito chegada; porém zombaram delle os indios e o mandaram retirar-se para outra aldêa mais para riba, onde padecia grandes miserias e lhe adoeceu a mulher, com que se achou obrigado a escrever-me para que o encommendasse ao principal, com quem se achava, e lhe mandasse algumas varas de panno e cuias para o serviço de sua pobreza. Tudo lhe mandei e como, por providencia de Deus, tinha chegado o mesmo principal da aldêa em que estava, lh'o encommendei dizendo-lhe acudisse com farinhas e peixe e o mais necessario e que o estimasse como minha pessoa, pois tinha algum dia sido companheiro meu em os Tapajoz e sabia muito bem a doutrina, e assim chegassem cada dia á egreja para serem ensinados della, e a elle escrevi que doutrinasse todos os dias a gente da aldêa, porém olhasse bem que seu demasiado zelo, entre suas bebedices, não o botasse a perder, porque sabia eu muito bem que os Tapuyas eram costumados a dar peçonha em suas beberagens. Escreveu-me elle, agradecido do favor, que o principal em tudo lhe acudia e que as varas de panno que lhe tinha mandado empregara em amortalhar um defunto; pareceu-me esta obra de caridade summamente bem em um homem tão necessitado, e julguei que Deus Nosso Senhor, como tão bom Pae, esquecendo-se dos seus desmanchos do passado, lhe faria bem. O fim que levou foi que assim elle como sua mulher morreram, porém confessados pelo Padre Antonio da Silva, que então andava por aquellas bandas; desta morte tão apressada de um e outro inferi que provavelmente Sebastião Teixeira se excedera em as reprehensões dos excessos daquella gente, e que elles poderiam ter dado um bocado a elle e mais á sua companheira, pois acabaram, e que fôra isso em castigo de não querer elle, annos havia, estar em os Tapajoz commigo, quando isto importava a salvação de almas, sendo que para lá fôra com sua esposa, só com a esperança dos bens temporaes do corpo.

Era muito bom sujeito e servio muito á missão antes de lhe dar aquella tentação de sahir e casar com aquella india, e persuado-me que Deus Nosso Senhor, como bom Pae, quiz castigar a elle, mais á sua companheira, por este meio, e salvar suas almas, que espero estarão gozando delle em a gloria celestial.

CAPITULO II

ENTRA-SE EM A RELAÇÃO DO QUE SE PASSOU, ACABANDO O PADRE PERO PODEROSO A SUA VISITA

Emquanto estas cousas se passavam em as missões mais remontadas do povoado, veio a acabar o Padre Pero Poderoso a a sua visita, em a qual mandou fazer o corredor novo da banda de Santo Antonio, tendo sido em aquelle logar deputado pelo Padre Superior Pero Luiz para egreja, e solemnemente bento pelo bispo Dom Gregorio dos Anjos, sendo eu reitor, para este fim, com alicerces acabados e mais estando junta toda a madeira pelo Padre Francisco Velloso, meu antecessor, com a pedra e todos os mais necessarios e isto sem mais parecer que dos de sua parcialidade, botando-se a perder tudo, se bem com boa tenção contra o que o Padre Superior Pero Luiz tinha ordenado; além disso ordenou se guardasse a visita do Padre Antonio Vieira com algumas cousas de pouca substancia, pondo o Padre Estevão Gandolfin em logar de Gonçalo de Veras, que tinha tirado do reitorado. Apenas acabou, quando vieram cartas de Roma ao Padre Superior da missão Pero Luiz e a mim, do nosso muito Reverendo Padre Geral João Paulo Oliva, em que dizia tinhamos tido muita razão em dizer que o Padre Pero Poderoso não era legitimo visitador, porquanto estavam publicadas suas ordens em que mandava que esta missão não fosse dependente do Brazil.

E como havia duvida se os actos feitos por elle eram valiosos, consultando-se sobre isso o Padre Geral, quiz o nosso muito Reverendo Padre que fossem tidos por taes, *propter errorem publicum*, e assim se fez tudo sem nunca haver entre nós minima dissenção que désse occasião de desgosto. Só o Padre Provincial do Brazil, José de Seixas, escreveu-me que se espantava ter-me eu opposto ás suas disposições, mas que o nosso muito Reverendo Padre Geral decidira qual de nós tinha tido razão.

Chegou-me esta carta ás mãos estando eu em a aldêa de Gurupatyba, sobre o rio das Amazonas, e eu lhe escrevi com muita certeza que obrara o que sentira ser obrigado em consciencia, e que

em o tocante á resolução do nosso muito Reverendo Padre Geral já estava dada, e me tinha vindo em cartas suas em que approvara o que eu tinha obrado, por ser o que se devia de obrar em taes circumstancias. Logo que o Padre Pero Poderoso acabou a sua visita, tornou o Padre Superior Pero Luiz da aldêa do Pinaré e mandou em seu seu logar o Padre Pero Poderoso; o Padre Manoel Nunes foi posto por mestre de latim, tendo além dos de fóra alguns nossos que já tinham acabado seu noviciado, a saber: o irmão Manoel da Silva, o irmão Manoel da Costa, o irmão Balthazar Ribeiro, o irmão João Gonçalves, que depois se chamou Xavier, e falleceu em Coimbra, sendo innocentesinho e de grandes esperanças. O Padre Pero Poderoso, vendo com seu companheiro o sitio da aldêa de Capytyba sobre o rio do Pinaré muito doentio, se tratou de mudar para o Mareú que é mais chegado a cidade, e com muitos outros commodos que não tinha o sitio seu antigo de Capityba, sem embargo de ter este terras mais ferteis para mantimentos. Não é crivel quanto trabalho custou esta mudança ao Padre Pero Poderoso e seu companheiro, mas como era zeloso, não houve difficuldade que não vencesse o seu zelo; as razões das difficuldades eram ter fugido alguns novos para seus mattos para lá estarem mais á sua vontade, e isto sem embargo de tel-os tratado o Padre Pero Luiz com muito mimo, e ter gastado com elles fazenda consideravel do collegio, e outra estarem alguns tão affeiçoados a seu antigo sitio que por nenhum caso se os poude induzir a largal-o, até que os padres obrigados lhes fizeram queimar as suas choupanas para fazel-os chegar á egreja e aldear-se com todos os mais.

Está a aldêa de Mareú dois dias e meio de jornada do Maranhão, dois pelo rio Pinaré, e meio pelo igarapé e lago de Mareú situada sobre um outeirinho com o lago ao pé e pastos de gado vacum a perder de vista para a banda do Maranhão a leste e a villa de Tapuytapera ao norte; são esses pastos............. se se não alagassem tanto, pelo inverno, que o gado não acha quasi por onde se poder sustentar; mas ainda assim lá estão os curraes, o sustento e maior renda do collegio do Maranhão, em tão aprazivel paragem que parece um paraiso terreal.

CAPITULO 12

PARTE O PADRE SUPERIOR PERO LUIZ PARA VISITAR A MISSÃO COM PARTICULAR CUIDADO O CABO DO NORTE, ENCOMMENDADO D'EL-REI.

Passados uns poucos de dias de viagem e navegação pelo rio das Amazonas a Araguary e mais paragens daquella banda, achando que os francezes tinham resgatado alguns escravos, lh os pagou e os restituiu em suas liberdades, advertindo-os que eram resgatados fóra das terras da jurisdicção de Cayenna e em aldêas da corôa de Portugal e assim os deu por forros, por serem legitimamente resgatados, servindo-se-lhes por aviso que não voltassem mais para fazer semelhantes. O Padre Aluizio Pheil, como bom mathematico e versado em pintura, foi logo debuxando todos os sitios com os rios, montes e terras do cabo do Norte, para depois sahir com um mappa que se offerecesse a Sua Magestade. Tomou tambem o Padre Superior noticia das paragens aptas para se porem residencias, visto Sua Alteza mandar as tivessem os padres da Companhia de Jesus, para por aquelle meio impedir as communicações das nações extrangeiras com os indios de seu Estado do Maranhão. Acabado de ver o cabo do Norte, foi-se navegando pelo rio das Amazonas para riba, a ir visitar os padres missionarios daquella banda; chegou á aldêa de Jagoaquara e achando casa nova, descansou lá e porque eu e o Padre Antonio da Silva, por então missionarios unicos do rio das Amazonas, estavamos em Gurupatyba, e elle ia com pressa sem saber onde nos poderia encontrar, partiu com seu companheiro, o Padre Aluizio Conrado para Xingú, escrevendo-me que folgaria de encontrar-se commigo antes de se partir para o Pará. Estava eu com o Padre Antonio da Silva para partir aos Tapajoz, quando, chegando-me ás mãos o escripto do Padre Superior, logo me fui com meu companheiro para Jagoaquara, e de lá, depois da missa, para a aldêa do Xingú, não passando mais que dois dias e meio em toda a viagem. Pasmou o Padre Superior de ver-nos tão depressa em Xingú; detivemo-nos lá tres dias, communicando entre nós as coisas pertencentes á

missão, e passados esses tres dias de hospedes tratados bellamente pelo Padre Aluizio Conrado, partiu o Padre Superior para o Pará, e eu com o Padre Antonio da Silva para Gurupatyba, ficando, porém, o Padre Superior commigo que me mandaria cedo canoa para ir ao Pará, e de lá em sua companhia ao Maranhão a continuar meu reitorado, do qual o padre Pero Poderoso me tirara sem podel-o fazer. Quiz-me eu excusar sobre esse reitorado, visto ter sido reitor cinco annos continuos em Maranhão, mas não me valeu excusa. Veio-me a canoa e fui ao Pará, de onde parti com o Padre Superior ao Maranhão, e querendo elle que eu me puzesse em logar de reitor á mesa, por me ser devido como reitor legitimo daquelle Collegio, e tirado de meu posto sem legitimo poder, tornei-lhe a pedir com toda a submissão quizesse deixar governar o Padre Estevam Gandolfin visto ser homem de muita religião, prudencia e satisfação e que eu estaria em o Collegio, prégando e confessando, fazendo tudo o mais que lhe parecesse. Aquietou-se com isso o Padre Superior, o qual foi continuando seu governo com muito louvor. Por este interim vieram de Roma patentes de reitor do Pará ao Padre Iodoco Peres, o qual governou com muita satisfação, indo o Padre Antonio Pereira, seu antecessor, para a missão de Gurupatyba e Tapajoz. Tinha Sua Alteza o Principe Dom Pedro encommendado muito ao Padre Superior da missão, para que em a primeira occasião fosse dar uma chegada ao cabo do Norte que os francezes frequentavam em resgates para banda dos Tucujuz, terras da coroa de Portugal, e como eu, estando com os Nhengaibas tinha tentado aquella viagem por ordem do Padre Pero Poderoso, por ser o tempo de verão, logo que chegou inverno menos doentio, resolveu-se o Padre Superior da missão, Pero Luiz, a fazel-a com o Padre Gaspar Misseh; e porque, chegando á fortaleza do Gurupá, achou ser melhor ir em sua companhia o Padre Aluizio Conrado, partio com elle, dando o capitão-mór Manoel Vaz Correa sua salva com suas peças de artilharia que tinha e ficando o Padre Gaspar Misseh para correr por aquellas missões. Passou-se isto pelo anno 1682, em que Francisco de Sá veio render a Ignacio Coelho da Silva, cavalleiro e amigo nosso e das cousas do serviço de Deus. Disse amigo nosso, porque

nunca obrou cousa nenhuma contra nós, e falando-se pelo Pará que o povo se queria levantar contra os padres, disse-me que acudiria por elles, e quando fosse tanta sua desgraça que o desamparassem negando-lhe os soldados a obediencia devida, se poria em meio da praça, defendendo-nos á espada contra todos. Disse que era amigo das cousas da egreja, porque, não satisfeito de honrar todas as festas com sua presença, tratando de concertar e ornar as egrejas, como se vê em Nossa Senhora do Rosario e Santo Christo, pagava tambem patentemente os que tinham trabalhado em seu serviço, como claramente constou quando avizado de mim, missionario de Gurupatyba, me mandou cento e tantas varas de panno para acabar de satisfazer a um indio, que por culpa de um mameluco tinha ficado sem pagamento inteiro. Logo que o Padre Superior, Pero Luiz, entrou em o Collegio do Maranhão commigo, achamos o extrangeiro Pascoal Pereira, nosso amigo antigo, com seus charameleiros para nos dar as boas vindas. Vinha o governador, Francisco de Sá (a quem fui beijar a mão), muito empenhado a pôr o estanque de todos os generos, principalmente cravo e cacáo em todo o Estado do Maranhão por parte de Sua Alteza D. Pedro, com condição de proverem os estanqueiros os moradores de negros da Angola para suas lavouras e engenhos, e entregava-se a elles a aldêa de S. Gonçalo em Tapecorú para sustento dos ditos escravos quando chegassem. Rejeitou-se o estanque em Maranhão por traças, e depois tambem em Pará, supposto que com replica e difficuldade, e isso com razão, porque previam os moradores que elles se empenhariam em compra das fazendas do estanque sem lhes virem senão mui poucos negros para seu remedio.

Estando o governador em a aldêa de S. José, mandou que ahi não ficassem mais que os que eram necessarios para os dizimeiros procurarem os dizimos d'El-Rei, e os cortadores da carne o gado vaccum, que traziam em canoa grande dos pastos do rio de Meary, e que todos os mais se mudassem para o rio de Tapecorú, para riba do engenho do capitão-mór João de Souza Soleima, onde lhes foi assistir o Padre Gonçalo de Véras, por ordem do Padre Superior Pero Luiz, ficando o Padre Pero Po-

deroso em sua aldêa dos Guajajaras, mudada para o Mareú, e eu prégando em nossa igreja do Maranhão até o anno 1683, quando em tempo da quaresma, por occasião do estanque, préguei, com muito concurso, ao estanque de nossa salvação. Tinha o Padre Superior Pero Luiz em sua primeira viagem para o cabo do Norte praticado os Tucujus para se descerem ao Arepipucu. Em razão desta sua pratica, pelo mesmo anno, de 1681, os foi descer o Vital e trouxe umas duzentas para trezentas almas, governando já Francisco de Sá, com o qual o Padre Superior tinha voltado para o Pará, poucos dias depois de ter chegado commigo ao Maranhão. Por este interim foi o Padre Superior visitar o cabo do Norte pela segunda vez, com o irmão João de Almeida, e nesta viagem lhe deu uma postema que nunca se lhe poude curar, porquanto que lhe acudissem. O Padre Antonio Pereira lhe deu umas duas sangrias quando chegou a Gurupatyba, mas como nada disso lhe valeu, veio-se ao Pará onde o Padre reitor Iodoco Peres lhe acudio com todo o primor e diligencia, vindo cural-o até o cirurgião-mór seu amigo Manoel Martins, com todas as industrias de sua arte, que sabia muito bem, mas *contra vim mortis* (como lá diz um ditado dos medicos) *non est medicamen in hortis*.

CAPITULO 13

SUCCEDE O PADRE IODOCO PERES AO PADRE PERO LUIZ, E COMO REITOR DO COLLEGIO DO PARÁ AO PADRE FRANCISCO RIBEIRO E FALLECE O PADRE PERO LUIZ

Estando o Padre Pero Luiz tratando de sua cura, chegaram patentes de Roma ao Padre Iodoco Peres de Superior da missão. Tomou pósse, pondo em seu lugar o Padre Francisco Ribeiro, o qual governou como vice-reitor. Este, em tempo de seu governo, guarneceu a egreja de umas bellas cortinas de sarafina vermelha que servem para as festas maiores do anno, e recebeu do capitão-mór Manoel Guedes Aranha tres frontaes de damasco com suas franjas de ouro, que deu, como juiz perpetuo de Santo Alexandre martyr, para maior ornato dos sagrados altares em o dia de sua festa. Estava por esse tempo o bispo Dom Gregorio dos

Anjos pelo Pará, e deu-se sempre bem com o governador Francisco de Sá, nem teve comnosco mais nada depois do tempo do Padre Antonio Pereira, em que queria, como dito fica, que cada um dos padres tivesse sua patente particular para poder confessar. Aggravou-se, entretanto, a postema do Padre Pero Luiz de tal maneira, que fez uma grande abertura em a ilharga, pela qual lançava muita materia mui peçonhenta, sem lhe valer curas, por quantas se lhe fizesse ; portanto, despediu-se de mim por carta bem larga que me escreveu para o Maranhão, dizendo-me me ficasse embora até nos vermos em o Céo, pois não-lhe parecia poder ser durante esta vida mortal. Recebeu todos os Sacramentos com muita devoção, e deu sua alma a seu Creador aos .... do anno 168.. assistindo-lhe á morte os padres, e com mais particularidade o Padre Aluizio Conrado, que se achava em o Gramparà. Logo que se soube de sua morte pela cidade, ficaram todos muito sentidos pelo muito que lhe queriam; fez-se-lhe officio de corpo presente pelos religiosos e clerigos que havia, officiou o senhor bispo Dom Gregorio dos Anjos, assistindo o governador Francisco de Sá, com toda a nobreza e povo, e para mostrar o grande conceito que tinha de sua singular virtude, poz aos seus pés um escriptinho em que lhe pedia que se tivessse diante de Deus o poder que lhe parecia, lhe alcançasse o perdão de suas culpas e o mais que fosse para o bem de sua salvação. Enterrou-se em meio da capella-mór, junto aos degráozinhos do altar, algum tanto para a banda do Evangelho.

Merecia este grande servo de Deus um elogio mui singular, mas para que ninguem se persuada que, como affeiçoado seu, que sempre fui, falo com mais exageração que com verdade, contentar-me-hei, por todo elogio que lhe poderia dar, dizer delle a pequena loa que se segue.

Era o Padre Pero Luiz fidalgo romano, tendo sido noviço debaixo da direcção do nosso augusto reverendo Padre João Paulo Oliva, antes de ser geral; continuou em Roma a rhetorica com satisfação e veio para esta missão pelo anno de 1662 com o irmão Balthazar e Campos, e em tempo do levantamento chegou ao Maranhão, e de lá foi remettido ao Pará, onde o povo amoti-

nado o fez retirar-se para Santo Antonio, e ahi foi embarcado com o Padre Superior da missão Manuel Nunes ; mas como arribou com os mais, foi levado ao Maranhão onde foi Superior do Collegio duas vezes, e Superior da missão oito annos; esteve em varias aldêas trabalhando com muito zelo e exemplo de vida ; era mui casto, mui pobre e tanto que lhe não acharam nada em seu cubiculo; tão obediente que se deixava governar por qualquer signal da vontade de seus maiores, tão humilde que obstinava-se a ser tão mortificado que seu comer eram feijões; tão caritativo que não havia discordias que elle não compuzesse logo, onde quer que se achava, tão zeloso de salvar às almas que para soccorrel-as acommettia missões mui difficultosas; tão affavel para todos que a todos mettia em o coração e todos o amavam muito; tão unido com Deus que a mór parte da noite passava com elle; e assim aconteciam cousas como milagres em sua vida, e foi gloriosa sua sepultura, officiando o nosso bispo Dom Gregorio dos Anjos, cantando officio as religiões e clerigos, foi assistido do governador Francisco de Sá, a Camara, e melhor parte da nobreza e povo, mettendo o governador a seus pés um escripto em que se encommendava á sua intercepção para com Deus do Céo, onde esperamos esteja mui sublimado em gloria diante de Deus Nosso Senhor, a quem tem servido tantos annos como servo verdadeiramente bom e fiel. Era de estatura mediocre, rosto e nariz comprido, boca e beiços grandes, dentes brancos e tão miudinhos que pareciam uns crystaesinhos dispostos em carreira, o rosto e corpo sobre branco, o cabello ruivo, estatura mediocre e corpo afidalgado.

E supposto que tenho já acabado de contar as cousas mais memoraveis que lhe aconteceram, não é bem que deixe aqui de relatar um successo seu, digno de se reparar e que me ia passando da memoria; e é o seguinte:

Estando elle em a aldêa dos Guajajaras sobre o rio Pinaré, e sitio de Capityba, chegaram de noite uns escravos fugidos que moravam pelo matto dentro umas jornadas, a espiar a aldêa com tenção, como se presumio, de lhe dar algum assalto. Soube o Padre Pero Luiz e logo mandou uns indios seus a descobrirem a paragem em que esses escravos fugitivos estavam de

morada; foram pelo rastro e deram com uns ranchos de indios, que viram de longe, postos em umas arvores altas para descobrir melhor o campo; não o puderam fazer tão ás escondidas e calados, que os escravos fugidos, que sempre estavam á espreitar, não os descobrissem, e fossem em seguimento delles frechando um, que acaso se tinha desviado para o matto em razão de uma necessidade precisa, e frechando-o de sorte que não se levantou mais. Com isso, suspeitando que haviam de vir em busca delles, metteram estrepes terriveis pelos caminhos, com covas fundas, para que cahindo uma pessoa ficasse traspassada por elles e incapaz de ir adiante; cercaram tambem suas casas com uma estacada de páo a pique mui forte, á modo de uma cayçára de brancos, para se defenderem dos Tapuyas pelos sertões.

Tendo o Padre Pero Luiz noticia do que se passava, escreveu ao governador lhe quizesse mandar soldados para acompanhar os indios da aldêa a ir desninchar aquelles escravos fugitivos, que ameaçavam a destruição de sua aldêa. Mandou o governador o capitão João Sernive por cabo de outros bastantes soldados para o que se pretendia; com este soccorro poz-se o Padre Pero Luiz com toda a gente da aldêa em caminho para a casa forte dos escravos fugidos. Livrou-os Deus dos estrepes que eram muitissimos pelo caminho; ao segundo dia deram com umas cruzes que tinham posto em signal de serem christãos, e continuando, chegaram a tiro de frécha á cayçara. Falou-lhes o Padre que se entregassem sem violencia, porque fazendo-o não lhes aconteceria mal nenhum, porém se se obstinassem haviam de ser rendidos por força e com grande seu detrimento; zombaram de tudo e responderam com suas fréchas que dispararam contra a tropa dos brancos e indios que os vinham acommetter. Vendo pois os soldados e indios Guajajaras essa resolução, tambem elles se puzeram em armas, e foram as fréchas e balas de uma parte e de outra chovendo pelos ares. Como quer que era, sobre a tarde e ao pôr do sol, receiando o Padre Pero Luiz que os apanhasse a noite fechada se poz de joelhos, pedindo a Deus lhes désse tempo para poder alcançar victoria contra esses seus inimigos, os quaes sobrevindo a noite

os haviam de vir matar a todos por não saberem onde estavam, nem para onde se haviam de retirar para não serem cercados e mortos todos.

Entre as pelouradas e frechadas avançou o capitão João Sernive, e á força de mãos arrancou uma estaca; um soldado, amigo dos padres, Felix de Souza, chegou á porta e abrindo-a á viva força, acho uum indio que a guardava, poz a sua arma ao rosto para lhe atirar, mas errou-lhe fogo e como quiz escorval-a de novo, o indio trespassou-lhe o peito com uma taquara, com que logo cahiu morto ao chão, e o que houve de maravilhoso é que, rogando o Padre Pero Luiz a Deus que não anoitecesse antes de tomada a estacada, foi Deus servido que não faltou dia até se render. Entrados dentro, acharam muitos estirados pelo chão já mortos, umas vinte pessoas vivas tendo fugido os mais abalisados pela porta travessa para os mattos; acharam tambem teares, candeias e outras cousas semelhantes, por viverem lá esses indios como se vivessem em povoado. Enterraram os outros o seu defunto e o Padre missionario lhe disse missa em o dia seguinte pela alma, encommendando os mais defuntos, se porventura algum entre elles estivesse capaz de soccorro espiritual.

Pareceu esta victoria ser milagrosa por se não fechar a noite antes de se tomar a cayssara e anoitecer de salto depois de tudo feito. Recolheram-se pois para o Maranhão, onde uns se tornaram a dar a seus senhores, outros que não tinham senhor ficaram vendidos. O Padre missionario Pero Luiz deixou-se estar em a aldêa e avisou-me de tudo por carta sua, em que fazia menção daquella tardança .... por occasião da peleja com os indios, e como apontaram o tempo em que isto acontecera, lembrei-me que o Padre Francisco Ribeiro achara o mesmo dia mais prolongado depois do tempo da classe, e eu o mesmo, tendo ido para fóra a umas visitas, disse ao companheiro que pasmava sobejar-me tanto dia, tendo andado havia horas por fóra do Collegio. E com estas confrontações e juntamente com as informações dos que tinham ido a essa empreza, achei ser muito verosimil ter sido aquelle dia mais prolongado, para os nossos acabarem de sujeitar aquelles escravos fugidos antes de anoi-

tecer, porque se isto não fôra haviam os escravos ter morto os brancos todos, por elles não conhecerem a paragem em que estavam e serem os inimigos muitos e mui valentes, e ainda, para maior probabilidade, dizer o Padre Pero Luiz que elle se puzera de joelhos, rogando a Deus entre as fréchadas que voavam ao redor delle, désse tempo aos nossos de vencer antes de anoitecer, e depois de ter vencido anoitecer de pancada. Seja o caso milagroso ou não, eu sómente refiro como cousa que o Padre Pero Luiz me escreveu e me contou, não por vangloria, pois era muito humilde, mas para que se soubesse o beneficio que Deus Nosso Senhor lhe tinha feito aquella occasião, com que ficou sua aldêa e missão livre de todo o perigo e sobresalto.

CAPITULO 14

VISITA O PADRE IODOCO PERES A MISSÃO DO RIO DAS AMAZONAS, E CHEGA AO RIO DA MADEIRA E LOGO DEPOIS VAE VISITAR O MARANHÃO

Tendo o Padre Iodoco Peres visitado o Collegio de Santo Alexandre do Grampará, foi visitar as missões de riba até as do rio das Amazonas, levando em escripto uma visita compendiada, que queria tivessem todos para segurança assim pelo que haviam de obrar, como pelo poder que lhes communicava para as dispensações em casamentos, reservando só para si o que fosse em gráo de parentesco mais chegado. Foi observada essa visita emquanto governou a missão, porém mandou-me o nosso muito Reverendo Padre Geral, tendo della noticia, que se não a observasse mais, extranhando-me de a ter feito lei, ainda que sómente por entretanto, e principio de meu superiorado, emquanto apparelhava a do Padre Vieira, que logo publiquei para se guardar, supposto que com algumas moderações, feitas á instancia dos padres antigos, por se não poderem observar alguns pontos della pela mudança dos tempos e circumstancias em que se achavam as aldêas d'El-Rei. Estava o Padre Antonio Pereira por então missionario de Gurupatyba e Tapajoz, onde fez uma cousa digna de seu grande

zelo e foi esta: que, guardando os indios Tapajoz o corpo mirrado de um de seus antepassados, que chamavam Monhangarypy, quer dizer primeiro pae, lhe iam fazendo suas honras com suas offertas e dansas já desde muitissimos annos, tendo-o pendurado debaixo da cumieira de uma casa, como a um tumulo a modo de caixão, buscou traça de lh'o tirar para tirar juntamente o intoleravel abuso com que o honravam, em descredito de Nossa Santa Fé. Consultada Maria Moacara, principaleza da aldêa, com alguns de mór nobreza e christandade sobre o negocio, bem queriam que se tirasse aquelle escandalo, mas receiavam que os indios se amotinassem contra o Padre e se seguisse algum inconveniente maior; porém elle, confiado em Deus que o havia de ajudar, mandou uma noite botar o fogo á casa onde estava guardado, com que ficou queimado e reduzido em cinza. Sentiram os indios Tapajoz isso por extremo, porém vendo que já não tinha remedio, aquietaram-se por medo dos brancos, que conheciam tomar em bem o que o Padre missionario tinha obrado. Folguei eu muito quando me chegou a noticia daquella tão generosa acção, porque desde o anno de 1661, em que eu tinha sido missionario, primeiro, entre os Tapajoz e feito sabedor daquelle corpo mirrado, sempre tive desejo de consumil-o, e não o fiz, porém, por não ter tempo commo lo de o poder executar, pois estava por então aquella aldêa povoadissima de indios, que não convinha alterar logo em aquelles primeiros principios. Era essa gloria reservada ao Padre Antonio Pereira. Navegou o Padre Superior Iodoco Peres pelo rio das Amazonas á riba, e como tinha ouvido cousas grandes do rio da Madeira, foi elle o primeiro superior da missão que entrou por elle, para ver se lá podia pôr uma nova residencia; ao cabo de uns nove dias de viagem, chegou aos Irurizes, nação afamada sobre todas as mais; praticou-os sobre a nossa Santa Fé, e ficou com elles que lhe mandaria um Padre missionario para lhes assistir, e para que lhes não faltasse lingua trouxe comsigo um filho do principal para o Pará, para lá aprender a lingua geral em o Collegio, onde ficou até que a soube, recebeu o santo baptismo, algum tempo depois; voltou com o Padre João Angelo, o qual com o Padre José Barreiros, companheiro seu, foi

mandado para missionario dos Irurizes. E' este rio da Madeira um dos mais famosos que ha pelo Estado, por grande e espaçoso, porém demorado pelas caldeiras que tem, em que se somem as canoas com tudo o que levam, havendo descuido dos guias ou pilotos, e tem varias castas de peixe, até peixe-boi, pirahybas, mas os indios não os comem, sustentam-se de uma casta do peixe que chamam Tambaquiz, mui gostosos; as suas aguas são as mesmas como as do rio das Amazonas, pois é braço delle, que muitas jornadas para cima se reparte, fazendo uma ilha grande em que moram os Irurizes, os Jaquezes e outras muitas nações; as suas terras são boas para todo o genero de mantimentos, suas mattas teem muita caça de porcos, cotias, paccas e passaros; porém os Irurizes não matam nem comem porco do matto, e só são amigos de passaros que teem por seu mais regalado sustento. Frequentam os portuguezes aquelle rio da Madeira, assim chamado pela muita madeira que traz comsigo para baixo a sua grande correnteza, porquanto ha muita abundancia de cacoeiros por elle, os quaes dão o melhor cacáo que ha em o Estado todo, por ser mais doce e mais grosso que o das outras partes. São repartidos os Irurizes em cinco aldêas, cada uma dellas com o seu principal; dizem que procede de uma mulher que veio prenhe do Céo e pario cinco filhos, dos quaes o primeiro se chama Iruri, o segundo Unicoré, o terceiro Aripuana, o quarto Surury, o quinto finalmente Paraparichara, e que esta mulher, estando um dia comendo peixe assado, que chamam mocahem, e vendo-se apanhada por seus filhos com essa iguaria, se envergonhara e se retirara para o Céo, de onde tinha vindo, e disso procede que os indios Irurizes aborrecem aquelle genero de iguaria assada. Teem contiguos a si os Jaquezes que são seus inimigos, como tambem de varias outras nações que em si comprehende a ilha; esses Jaquezes comem carne humana e gostam summamente das inimigas, principalmente da das mulheres, por isso andam continuamente á caça dellas, e achando-as, as trespassam com umas lanças que chamam zagaias, e, apanhadas, lhes quebram o espinhaço, repartindo-as em quartos e as levam, deixando a zagaia com suas pennas em o logar da matança, como pagamento de sua presa; chegados a suas casas comem uma parte,

e a outra teem por costume, passado em obrigação, de dar a seu principal e mais parentes que por ahi se acham. As mulheres dos Irurizes estão tão recolhidas em casa, que nem com os parentes podem fallar sem grandes cautelas, e .... Tinham difficuldade de as deixar ir á egreja pelos primeiros principios da assistencia dos padres missionarios com elles. Teem mais particular medo do recebimento de suas visitas, o que se poude ver de uma que fez um grande principal de fóra, estando o Padre João Angelo e o Padre José Barreiros já de assistencia em sua terra. Chegou esse principal em uma tarde ao porto da aldêa Iruriz, onde se deixou estar, pelas leis de sua severidade em suas canoas e com sua gente até o dia seguinte ; então pela madrugada, dispoz seu acompanhamento de sorte que o precediam seus muitos vassallos com seus arcos e fréchas, e a estes seguiam os officiaes de guerra com suas insignias pelas mãos e ao cabo delles todos, o principal, com sua espada nua levantada para o ar ; desta sorte foi-se andando para a aldêa.

De lá o veio encontrar o principal dos Irurizes com seus cavalleiros, e dadas as boas vindas, o levou para casa do paricá, feita em o meio do terreiro, para tomarem seu paricá e fazerem suas danças e bebedices. Lá o agazalhou com todo seu seguimento, e com grandes demonstrações de alegria e festas, não lhes faltando do que comer e beber ; trataram-se os negros entre si com toda a amizade e privança alguns dias, porém não deram os Irurizes licença ás mulheres, ainda que suas proprias, de, correndo a aldêa, visitarem os de pazes senão por despedida, pela qual lhes fallaram, deixando-as mui chorosas do seu apartamento ; finalmente acudiram elles com muita liberalidade aos que as tinham vindo visitar, presenteando-as com tudo o que tinham para poderem commodamente voltar para suas casas, sem lhes faltar cousa alguma para sua viagem. São os Irurizes mui curiosos, e lavram com singular arte sua as suas trombetas ou mumbiz e bordões de varias castas, que vendem aos que vão para suas terras. Não fazem grande caso das ferramentas dos portuguezes, porque lhes vem do rio Negro outras muito melhores que lhes trazem os indios daquellas bandas, que contratam com os extrangeiros ou

bem com as nações que lhes são mais chegadas. Chamou entretanto o Padre Superior Iodoco Peres ao Padre Antonio Pereira dos Tapajoz, para mandal-o por procurador para o reino sobre os negocios da missão, mas como achou em o Maranhão o Padre visitador Barnabé Soares, não teve effeito, e voltou para os seus Tapajoz, estando por aquelle tempo o Padre Antonio Silva ainda missionario de Gurupatyba, Urubuquara, Jagoaquara e Gossary, onde baptisou muitas crianças, por se ter descido, por agencia sua, grande quantidade de gentio do matto para essa aldêa.

LIVRO 7

DO LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO, EXPULSÃO E RESTITUIÇÃO DOS PADRES MISSIONARIOS DA COMPANHIA DE JESUS

CAPITULO 1º

CHEGA O PADRE BARNABÉ SOARES, MANDADO DA PROVINCIA DO BRAZIL, POR VISITADOR DO MARANHÃO. LEVANTA-SE O POVO E POUCO DEPOIS LÁ MESMO CHEGA O PADRE IODOCO PERES DE VISITA, COMO SUPERIOR DA MISSÃO, VINDO DO PARÁ E É PRESO E EXPULSADO COM OS DEMAIS

Em a éra do anno 1683, veio o Padre Barnabé Soares mandado da provincia do Brazil, por ordem do Padre Provincial Antonio de Oliveira, para visitar o Maranhão, em um barco alugado para fazer aquella visita; trouxe em sua companhia os sujeitos seguintes:

O Padre Antonio Vaz, os irmãos estudantes Ignacio Barbosa, Manoel Fernandes, Marcellino Gomes, Manoel Antunes, Francisco Soares e Bento Xavier, sujeitos mui ajuizados todos. Foi recebido com grande gosto do Padre Estevão Gandolfin, vice-reitor do Collegio, e mais padres que alli nos achavamos. Apenas tinham passado os dias de hospede, quando tambem chegou o Padre Iodoco Peres, já Superior da missão, a fazer a sua visita, a qual como era excusada, em aquelle encontro, trataram-se

algumas cousas de mór importancia e como o Padre visitador levava tenção de visitar o Grampará e vir acabar em o Maranhão, resolveu-se de ir em companhia do Padre Iodoco, supposto que em canoa sua propria e com isso passaram ambos para Tapuytapéra e de lá se foram á casa de João Vascalhau, que morava em um outeiro, defronte do cabo da ilha de Tapuytapéra, para banda do Pará. Passaram lá a noite; e pelo dia seguinte querendo-se antecipar o Padre superior Iodoco Peres, despediu-se do Padre visitador, dizendo o esperaria depois de ter passado a ponte que chamam Agoaroca. O Padre visitador, vendo os mares que iam crescendo com a enchente pela costa, ganhou tanto medo, que se não atreveu ir para diante, e dizendo depois que só por obediencia se podia mandar aos subditos de passar tão perigosos mares, voltou-se para o Maranhão, ficando pasmados todos quantos viram sem saberem a causa da sua arribada.

Por aquelle tempo havia de se festejar em a aldêa de Tayassucoaraty, S. Gonçalo milagroso, e era eleito por prégador da festa o Padre Gonçalo de Véras, missionario da nova aldêa, sobre o rio Tapecoru, e como o Padre João Felippe soube que o Padre visitador Barnabé Soares estava quebrado, aconselhou-lhe fosse fazer uma romaria ao Santo para sarar, visto tinha já sarado muitos e que dado caso que o Padre prégador, que morava da banda de além da bahia da aldêa, não pudesse vir, por estar muito brava, prégaria elle em seu logar. Tomou o conselho, foi se em canoa da casa e como faltou o Padre Gonçalo de Véras, que havia de ser o prégador, por não estar bôa a bahia, prégou o Padre visitador, e antes de subir ao pulpito, tirou a funda que trazia sobre a quebradura, dizendo: meu São Gonçalo, confiado em vossa intercessão e auxilio, me vou prégar os vossos louvores, acudi-me vós, para que sare do achaque de minha quebradura.

Cousa milagrosa! prégou com grande fervor, e ficou tão são que nunca mais sentiu dôr, nem necessitou de funda para cousa nenhuma de quebradura, que dantes o molestava muito; publicou logo o milagre, dando graças a Deus Nosso Senhor, que obrava em si com tanta pressa. Não poria aqui, se o não tivera ouvido de sua propria boca.

Andavam os moradores do Maranhão, muito havia, queixando-se do estanque que o governador Francisco de Sá tinha mettido não sei como, por lhes prohibir as suas ganancias costumadas; e como nunca faltam homens turbulentos para levar a diante qualquer occasião de tumultos, não faltaram alguns que com seus pasquins postos ás escondidas pelos cantos das ruas iam incitando os homens contra o estanque e estanqueiros, ou contratistas e outros ; dos quaes pasquins o Padre Manoel Nunes, mestre dos estudantes do collegio, indo fazer cathecismo pela cidade, achou um em a rua de S. João, feito em trovas, com que se deu aviso ao capitão-mór Balthasar Fernandes e por sua via foi avisado, mas debalde, o governador Francisco de Sá, que estava em o Pará por aquelle tempo ; e como se não fez grande caso disso em seus principios, veio a parar em um motim aberto. Mas antes disso, para dar alguma côr de justiça a uma acção tão prejudicial, fez o povo uma petição á Camera em que lhe representava as miserias, por se lhes não darem indios dos Padres, que tinham o governo temporal delles, porém muito erraram em dar a culpa aos Padres da Companhia, visto elles, supposto que tinham o governo dos indios, não tinham a repartição delles, pois a tinha o Sr. bispo, como prelado de Santo Antonio e um dos camaristas que se elegesse pela mesma Camera.

Fizeram junta os camaristas, para ver o que haviam de responder a esta petição do povo e mandaram chamar o Padre Soares, visitador da missão, que tinha vindo do Brazil. Foi elle á Camera, levando-me comsigo, como mais pratico para saber responder-lhes, quando propuzessem cousas de que elle não tinha noticia. Reparou-se logo, á primeira entrada, que os camaristas não estavam bem com os Padres ; sentaram-se e leu o escrivão da Camera a petição do povo e acabada ella de se ler, perguntou o capitão de Pernambuco, juiz mais velho, ao Padre visitador que resposta dar a essa petição ; e como não acertava com o ponto com que se lhes havia de fechar a boca a todos, começaram cada um delles a dizer o que lhes parecia. Vendo eu aquillo, disse-lhes : Senhores meus, com que fundamento culpam vossas mercês aos Padres da Com-

panhia de se não darem indios aos gastos de alguns moradores, se elles supposto que tem o governo temporal, não tem em sua mão a repartição, a qual só toca ao Senhor bispo, como prelado de Santo Antonio e um eleito por vossas mercês? Delles se devem queixar vossas mercês e o povo, e não dos Padres, que não tem mais obrigação de dar aos moradores os indios que lhes cabem pela repartição. Com isso, convencidos pela verdade do que abertamente dispunha a lei ultima, ficaram calados. A isto accrescentou o Padre visitador Barnabé Soares, que se este governo temporal que tinham os Padres da Companhia, dos indios, sem terem a repartição delles, lhes causava alguma molestia, tambem lh'o largariam com muita vontade, comtanto que elles tomassem á sua conta excusal-os diante do Exm. Sr. principe D. Pedro. Com isto parou aquella junta da Camera por aquella vez, e despedidos os padres, com mu pouca cortezia, se voltaram para seu Collegio.

Não faltou quem atiçasse o fogo dos animos alterados do povo, entrando em isso não só alguns clerigos do habito de Christo, mas tambem, que peior é, religiosos de varias religiões, e chegou a cousa a tal ponto que até dos pulpitos declaravam os prégadores seus apaixonados animos contra o estanque, picando em os innocentes missionarios da Companhia de Jesus, do que já deram conta a Deus, justo e recto juiz.

Os cabeças principaes daquelle motim eram Manuel de Beckeman, senhor do engenho da Vera Cruz, sobre o rio de Meary, e Jorge de Sampaio, escrivão da Ouvidoria, que já se tinha achado em outro motim, e o revd. Padre frei Ignacio, o ventoso, por alcunha, vigario provincial de Nossa Senhora do Carmo, sem embargo das obrigações que tinha aos Padres missionarios da serra, que lá o tinham agasalhado com seu irmão, havia tempos com toda a caridade e ajudado para seguir sua viagem ao Brazil, como me contou o mesmo Padre Pero Poderoso, que por então era superior daquella residencia, tendo por companheiro seu o Padre Gonçalo de Véras. Em uma dominga, antes do entrudo do anno 1684, em que assistiram ás quarenta horas, fizeram uma junta em Santo Antonio, em que consultaram se haviam de lançar fóra o estanque, e se haviam

de fazer o mesmo aos Padres da Companhia; votaram todos que se tirasse o estanque como damnoso á Republica, por não cumprirem os contratistas com as condições com que o tinham introduzido, e que em o tocante aos padres da Companhia de Jesus, que se lhes havia de tirar a jurisdicção temporal sobre os indios; mas não se concluio se se havia de botar fóra do Estado, nem se se havia de negar obediencia ao governador Francisco de Sá, que então governava.

Aos vinte e tres de Fevereiro, vigilia de S. Mathias, cuja festa cahia aos vinte e quatro, fizeram segunda junta em Santo Antonio, para a qual convidaram o povo todo, até os mesmos clerigos, dos quaes alguns iam bater ás portas dos moradores da cidade, dizendo-lhes fossem para, em junta, se concluir ultimamente o motim até contra o governador Francisco de Sá, por ser elle só que podia estorvar os seus damnados intentos, porém não concluiram ainda se tambem botariam fóra os padres da Companhia; e como viram que em aquella occasião faltaram os viannezes, tomaram disso tão grande paixão, que iam animados para lhes dar, mas como os encontraram á cruz de Santo Antonio incorporados todos em um corpo, foram direitos á casa do capitão-mór Balthazar Fernandes, levando-o preso ao corpo da guarda, que estava em a sala da entrada do palacio do governador, e para que a guarda se não oppuzesse, prenderam tambem o capitão della, e assim tiveram logo de sua banda a infantaria toda, cujo mando tomaram á sua conta. Tendo já preso o capitão-mór, o capitão da guarda, e a infantaria toda ás suas ordens, correram pelas ruas com tanto estrondo e gritarias que pareciam uns homens endemoninhados. Estavam os padres da Companhia vendo todas essas desordens de umas janellas do corredor novo que cahem sobre a rua publica, e com algum sobresalto e medo bem fundado, por saberem a má vontade que lhes tinham os moradores, e com a fama de que de envolta com o motim contra o estanque tambem os botavam fóra, e é muito para notar que todas estas insolencias fizeram depois de terem acompanhado o Senhor dos Passos do Carmo até á Santa Casa da Misericordia, para assim o acabarem de crucificar. Pela madrugada, estando junto

o povo todo em a praça da cidade, recolheu-se Manoel Beckeman com frei Ignacio, o Provincial de Nossa Senhora do Carmo, e o padre vigario da matriz, Ignacio da Fonseca Silva, em casa de um morador, Manoel de Mattos, junto para a banda da matriz, e lá concluiram ultimamente que tambem se botassem fora os Padres, vindo nisso o Beckeman com frei Ignacio, o ventoso, mas não o vigario, conforme elle me protestou muitas vezes, sem embargo de o culparem disso por indicios e cartas suas; mas seja como for, como a maior parte do povo consentiu em aquella resolução, foram todos em corpo ao collegio, e estando em o pateo delle, mandaram chamar o Padre vice-reitor Estevão Gandolfin para lhe intimar a resolução que tinham tomado os tres Estados, o do ecclesiastico, da nobreza e do povo.

Sahiu o Padre vice-reitor para a varanda do pateo, trazendo-me a mim em sua companhia, assim por eu ser mais antigo e o meu parecer mais conhecido de todos. Subiram para a varanda Manoel Beckeman, Eugenio Ribeiro e outros poucos, e querendo subir tambem os rapazes das escolas, que até estes estavam ensinados por seus paes a amotinar-se, foi-lhes á mão Manoel Beckeman, dizendo-lhes que ainda não chegara seu tempo, e logo, como procurador do povo e cabeça do motim, começou a fallar assim: Reverendo padre reitor, eu, Manoel Beckeman, como procurador eleito por aquelle povo aqui presente, venho intimar a vossa reverencia, e mais religiosos assistentes em o Maranhão, como justamente alterado pelas vexações que padece, por terem vossas paternidades o governo temporal dos indios das aldêas, se tem resolvido a lançal-os fóra assim do espiritual como do temporal, e não por alguma falta ou mau exemplo de sua vida, que por esta parte não tem de que se queixar de vossas paternidades; portanto, notifico a vossa paternidade e mais religiosos, por parte deste alterado povo, que se deixem estar recolhidos ao Collegio, e não saiam para fóra delle para evitar alterações e mortes, que por aquella via se poderiam occasionar; e entretanto ponham vossas paternidades cobro em seus bens e fazendas, para deixal-as em mãos de seus procuradores que lhes forem dados, e

estejam apparelhados para a todo tempo e hora se embarcarem para Pernambuco, em embarcações que para este effeito lhes fossem concedidas.

Respondeu o Padre Mestre Estevão Gandolfio a esta sacrilega notificação, que muito embora..... assim o fariam.

Ouvindo eu esta tão succinta resposta, tomei a falla e disse-lhes que bem deviam de estar lembrados, de como o Padre visitador Barnabé Soares, tendo-se-lhe lido em o Senado uma petição do povo, respondera que com muita vontade largaria a jurisdicção temporal sobre os indios forros das aldêas, comtanto que elles tomassem á sua conta desculpal-o com Sua Alteza, que Deus guarde, e que elles mesmos não quizeram acceitar esta deixação com aquella condição; e sendo isto assim, como era notorio, nenhuma razão tinham de lançar fora os padres para lhes tirar a jurisdicção temporal, que elles já largavam por sua propria vontade, e portanto desistissem deste seu mau intento, cessada a causa, que era a jurisdicção temporal que lhes largavam. Bem viam elles a força da razão, mas como em os motins prevalece a paixão sobre a mesma razão, ficaram obstinados, e sem responder á proposta, foram direitos para a casa de Melanio Rodrigues, estrangeiro, e tomando as fazendas em rol, as mandaram fechar com ordem de não vender mais cousa alguma, e acabado isso se foram para a Sé, tão satisfeitos como se tivessem acabado uma obra de grande serviço de Deus, em acção de graças pelo bom successo mandaram cantar o *Te-Deum Laudamos*, como si Deus Nosso Senhor os tivesse ajudado, e não o diabo, autor de seu motim.

Tinha aquelle amotinado povo já feito a eleição de seus procuradores : o principal delles era Manoel de Beckeman, por ter genio apto para motim, dando-lhes por... o carapina Francisco Deiró e outros, e como em esta mesma revolta tinham negado obediencia ao governador Francisco de Sá, que só podia ir-lhes á mão em suas desordens se não estivera ausente pelo Pará, elegeram tres homens que os governassem com titulo de governadores, a saber : João de Souza de Castro, Manoel Coutinho e Thomaz Beckeman, ficando por conselheiro mór frei Ignacio Ventoso, vice-provincial de Nossa Senhora do

Carmo. Isto assim disposto e ordenado, metteram-se em o governo politico, fazendo alferes o filho de João Ribeiro, capitão João Montenegro Cabral, sargento-mór Gabriel Pereira, o qual, zombando deste cargo assim concedido, o não quiz aceitar. Visitaram a casa da polvora e o armazem, tomando a canoa grande do Collegio, mandaram levar uma peça a S. João, fazendo juntas continuas para tratarem da conservação do motim que tinham principiado. O que levava mais enganado áquelle povo cego, era a esperança de muitos escravos que lhe promettia Manoel Beckeman, porque este a cada passo lhe fazia mais praticas de uma janella da Camara, e sendo ouvido com mais concurso e gosto que um famoso prégador da palavra de Deus Nosso Senhor.

Tinham esses homens vontade de lançar os pobres missionarios em umas canoas para o Ceará ou Pernambuco, mas como elles repugnavam, allegando a insufficiencia dessas embarcações para vencer os mares de uma costa tão brava, mandaram que á vista dos padres se concertassem e elegessem dous barcos, um maior, que tinha vindo de Pernambuco, e outro menor, de H. Bren, herege, inglez de nação, que andava em a carreira do Maranhão e Tapuytapera, e emquanto se faziam estes apparelhos, fizeram vir os missionarios de S. José de Tapecorú, o Padre Gonçalo de Véras, e o Padre....... Gonçalves de Mareú, para estarem juntos e apparelhados todos para todas as horas que os quizessem embarcar. Não satisfeitos do motim do Maranhão, trataram de levantar tambem a Tapuytapera e o Grampará; para este fim foram-se ao convento de Nossa Senhora das Mercês, onde ouviram a missa que frei Luiz Pestana lhes disse do altar do Bom Jesus; acabada ella, pediram ao prelado que este religioso levasse suas cartas que escreviam ao Sr. Bispo D. Gregorio dos Anjos e á Camera do Grampará, e tendo alcançado o que pediam o acompanharam até a canôa com grandes demonstrações de singular alegria. Foi-se frei Luiz Pestana com as cartas ao Grampará, onde com toda a diligencia fez o que lhe tinha sido encommendado, mas sem effeito nenhum por não estarem os animos dispostos para imitar o levantamento dos homens do Maranhão; verdade é que se murmurou contra o Sr.

bispo, mas elle defendeu-se valentemente, mostrando a falsidade que lhe queriam imputar.

Emquanto o povo do Maranhão andava levantado contra os padres, andaram alguns moradores camaristas do Pará em pleito com o Sr. bispo, sobre uma excommunhão que pelo juizo da Corôa foi dada por nulla; e o Padre Iodoco Peres, superior da missão, para se tirar daquella embrulhada, principiada de se não dar quietação aos indios, conforme as leis reaes, partiu do Pará aos 13 de fevereiro do anno de 1684, com o padre Conrado Pheil, missionario da aldêa de Mortigura. Teve marés de rosas por toda a sua viagem até o Maranhão, e foi isto tanto assim que partindo, ao cantar do gallo, de uma paragem que chamam Coouassú, e passando costas e bahias arriscadissimas, por achar o mar leite em todas ellas, chegou aos ultimos de fevereiro de 1684 com felicissima viagem ao porto do Collegio do Maranhão, por não tomar a villa de Tapuytapera primeiro, como se costuma; porém, quando cuidava que o viessem receber os padres do Collegio, achou-se recebido de um sargento e soldados, os quaes intimando-lhe as ordens dos que governavam, e levaram com o Padre Aluisio Conrado Pheil para o Collegio, afim de para estar prisioneiro com os mais, e para que não tivesse occasião de fugir, puzeram os amotinados guardas da banda da praia, tomaram-lhe a sua canôa com os indios remeiros para se servir della, como se serviram da canôa grande de Santo Ignacio pertencente ao Collegio, para as execuções do seu governo, sem dar disso satisfação alguma em nenhum tempo, porque, supposto os padres protestaram publicamente pelas perdas e damnos, nunca lhes veio a elles pensamento de os querer pagar. Não faltava gente de bem em a cidade por parte dos padres, que dizia matando-se Manoel de Beckeman, cabeça do motim, ficava quieto tudo, mas quizeram os padres antes soffrer todo o mal, que se lhes fazia, que occasionar ou permittir males alheios de seus proximos, ainda que inimigos jurados, como consta do papel em que se subscreveram em um circulo todos e que eram até as senhoras mais tementes a Deus, queriam sahir á praça e gritar com lagrimas contra seus maridos, mas nem isso lhes queriam permittir os padres missionarios.

Passou-se Manoel Beckeman, cabeça dos amotinadores, para a villa de Tapuytapera, com um companheiro seu, Eugenio Ribeiro, para tambem amotinal-a, mas sem effeito nenhum, porque Eugenio Ribeiro, que levava em sua companhia, não seguiu sua facção senão por medo, e era affeiçoado aos padres, e, além disso, genro do capitão Manoel Duarte, pae do Padre Manoel Barbosa, e irmão da missão por carta da irmandade, e como não tinha quem atiçasse o fogo que ia metter, responderam-lhe os moradores daquella villa com seu capitão-mó: Henrique Lopes, que elles não tinham queixa nenhuma contra os padres da Companhia de Jesus, e antes lhes ficavam muito obrigados e assim não queriam nada com o levantamento que tinha feito o povo do Maranhão. Emquanto Manoel Beckeman estava ausente, trataram os padres, por via de umas petições feitas, de sua conservação, mas como aquelle bota-fogo logo voltou, não puderam effectuar cousa nenhuma, antes se tornou a atrapalhar o que já começava de tomar algum caminho de quietação, porque como o diabo estava ao que parecia, em o coração deste mais cruel homem e lhe fallava pela boca, tinham tanta efficacia suas palavras para com o povo todo, que tudo quanto dizia lhe parecia oragos do Céo. Para pois assegurarem mais a sua sacrilega e infernal obra que tinham principiado, grudaram umas folhas de papel entre si, descrevendo ahi um grande circulo, e em o meio deste escreveram o seu levantamento com as causas delle, obrigando-se a si e seus filhos com pena de maldição de Deus de nunca mais admittir os padres da Companhia de Jesus, e ao redor do circulo que continha este seu damnado proposito, fizeram subscrever-se todos, de sorte que, postos os nomes ao redor delle, se não pudesse nunca vir em conhecimento quem era cabeça desse motim ; e a este papel chamavam a roda dos altos *coces*. Aborrece á minha penna escrever o que dizia aquelle papel, mas como é bom que se saiba, o quiz neste capitulo dizer assim.

CAPITULO 2º

DO QUE SE PASSOU ANTES DE SE EXPULSAREM OS PADRES E QUANDO FORAM EMBARCADOS E EXPULSADOS

Vinha Manoel Beckeman muitas vezes ao Collegio com os mais procuradores do povo, e trazia algum aleive que se tinha levantado aos pobres padres, aos quaes nem tinha passado tal cousa pelo pensamento; um era que tinham muito cravo pelos mattos do Pinaré, e juntamente em uma casa da cidade, mas como se lhes disse que fossem em busca delle, e que lh'o davam os padres todo de graça, ficaram desenganados; outro era que o Padre Pero Poderoso tinha fugido para o Pará em uma canôa, porém tambem este desfiz eu logo, mostrando-lhe aquelle padre que estava em a tribuna fazendo sua recolecção, depois de ter celebrado o santo sacrificio da missa, com que corridos e envergonhados se retiraram.

Em outra occasião, chegou Manoel Beckeman ao Collegio, dizendo logo á entrada para o corredor de cima que vinha fazer o *ecce homo*, e vinha com elle o povo; porém não entrou e deteve-se em o pateo, esperando a resolução. Abriu o Padre superior da missão a Escriptura Sagrada, e deu em um capitulo de Jeremias que dizia: que é o que fazes, Manoel? não vês tú que o que obra este povo não é mais que um levantamento? mas vós, oh! servos meus, tomai animo, porque sahireis com a victoria, e ficarão abatidos os vossos inimigos! E como elle não fazia caso destas palavras, perguntei-lhe eu, como amigo seu, que visto ser elle, conforme se dizia, cabeça daquelle levantamento, e haver de dar rigorosa conta a Deus, por que razão não tratava de desfazel-o, dizendo áquelle povo que em o pateo do Collegio estava esperando a sua resolução, que os padres largavam a administração temporal dos indios, e que supposto isso, desistissem de perseguil-os, visto que toda a sua teima contra elles era esta administração?

Respondeu-me que não lhe parecia que o povo havia de deixar de continuar o que com tão madura consideração havia principiado, e que dado caso que todos conviessem, elle

nunca havia de ser deste parecer, antes havia de retirar-se para seu engenho da Véra Cruz, sobre o rio Meary, sem nunca mais apparecer em a cidade. Instei ouvindo esta tão inopinada resposta, pela qual claramente mostrava ser cabeça do motim, que ao menos propuzesse ao povo o que eu lhe tinha pedido. Fel-o elle, mas tão frouxamente, que de seu modo de o propôr via-se que não era de coração. Comtudo poude tanto esta proposta com o povo, que dizendo elle se aquietassem, visto os padres largarem o dominio temporal sobre os indios das aldêas, ficaram calados todos, sem se achar quem replicasse uma só palavra, até que um nosso mameluco, Manoel Paes, filho natural do capitão Manoel Paes, e sapateiro de seu officio, o qual lhe servia de companhia, levantando a voz, gritou: fóra! fóra! com que gritaram todos o mesmo, por incorrer perigo de morte quem se atrevesse de calar. Além desta vez, chegaram outra ao Collegio Manoel Beckeman e Jorge de Sampaio, ambos procuradores e amotinadores, e como não havia quem tanto os conhecesse e tratasse como eu, disse a Manoel Beckeman que soubesse que isto não havia de parar em o Maranhão, mas havia de ir a El-Rei, o qual, dando-se por muito mal servido, poderia mandar um governador que dissesse: enforquem Manoel Beckeman, e que pela hora de sua morte se havia de arrepender deste motim, e virando-me a Jorge de Sampaio, disse-lhe considerasse como era homem de setenta e mais annos de idade, com mulher e filhos e não se quizesse botar a perder com o motim que iam fazendo. Respondeu-me Manoel Beckeman que elle estava com o animo preparado para tudo o que lhe poderia succeder, e que nem á hora de sua morte lhe havia de dar isto pena nenhuma, e respondeu tambem o velho Jorge de Sampaio que elle não tinha parte em aquelle motim, e si se mettia era por viva força e medo de o matarem, e por esta razão não trazia já espada á cinta, mas sómente pela mão. Com isso os deixámos, sem nunca mais tratarmos de reduzil-os a bom caminho, visto serem tão obstinados em levar ao cabo a sua sacrilega teima. E bem mostraram estes dous miseraveis homens uns dias depois o seu damnado animo, com que andavam enganados do inimigo da paz e bem das almas, porque, passando um dia de domingo diante

da egreja de Nossa Senhora da Luz, do collegio, onde o Padre Estevão Gandolfin e eu estavamos desobrigando da quaresma uns escravos nossos da ilha, com as portas abertas, entraram ambos dentro, e postos de joelhos como para se encommendarem a Deus, logo sahiram daquelle logar santo, e movidos do inimigo da salvação das almas, mandaram da parte da Camera e governadores que logo se fechasse a egreja, e não se quebrassem as ordens que tinham dado, pondo ao mesmo tempo sentinellas para aquella banda da rua da cidade, além das que sempre havia da banda do mar. Obedecemos, acabadas as confissões, colhendo desta tão impia acção desses dous homens, que algum máo fim haviam de levar, como depois levaram, sendo ambos enforcados em uma forca, por ordem de Sua Magestade.

E foi cousa digna de reparo que, andando ambos solicitos pela praia, da banda do armazem, para que os padres não lhes fugissem, deitaram-se de noite em o mesmo logar e dormiram um somno. Acordando ambos, começou Manoel Beckeman a contar o sonho que tivera, dizendo a Jorge de Sampaio, seu companheiro: oh! Senhor, trabalhoso sonho tive agora, dormindo sobre esta praia, porque sonhei que aqui mesmo me enforcavam! Deram ambos uma risada, fazendo galhofa do que deante-mão os havia de atemorisar, porque mostrou o tempo que este sonho tinha sido verdadeiro, pois em aquelle logar da praia se lhes levantou uma forca, em que foram enforcados ambos. Queira Deus que uma morte tão infame lhes tenha servido para todo o castigo, e não tenha ido do castigo temporal para o castigo eterno.

CAPITULO 3º

EXPULSAM E EMBARCAM OS PADRES DO MARANHÃO

Uns poucos de dias antes da expulsão dos padres, lançou-se um bando por ordem dos tres governadores, em que se mandava que todos os moradores se achassem presentes em dia de Ramos, para se lançarem fóra os padres missionarios da Companhia de Jesus, e que os indios viessem assistir com seus arcos e fréchas, até os rapazes, conforme se dizia, com pedras em as mãos, para o mesmo fim.

Chegou depois o fatal dia da expulsão, que caiu em dia de Palmas, aos 26 de março de 1684; disseram todos os padres sacerdotes missa, bemzeram-se os ramos, e repartindo-se, como é costume, por todos, fui eu de parecer que se embarcassem com elles ás mãos, em signal de victoria que haviam de reportar dos seus adversarios, e assim o fizeram todos; acabadas as missas, logo que chegou recado da Camera e governantes (como dizia o piloto inglez), despediram-se de Nossa Senhora da Luz, a qual se cobriu de um véo roxo, como em signal de sentimento da partida de seus queridos filhos. Saimos como em procissão apóz do Padre visitador nBarabé Soares, do Padre Iodoco Peres, Superior da missão, do vice reitor Estevão Gandolfin, vinte e seis sujeitos em numero, com as nossas victoriosas palmas em as mãos até o portão do Collegio, tocando entretanto o sino grande da Sé, como quem toca a fogo ou motim.

Estava toda a Camera com seus Juizes e tres governadores em o outeiro da banda da Sé, e alguns do povo com os indios em o outro outeiro, para banda de Santo Antonio; só Manoel Beckeman com Francisco Deiró, estavam com poucos outros em a praia, para fazerem embarcar os padres em dous barcos apparelhados para esse fim.

Tinha o Padre visitador Barnabé Soares nomeado os que haviam de ir em cada um delles, e assim por essa ordem nos fomos embarcar.

Embarcou-se elle em o barco grande vindo de Pernambuco, e embarcaram-se em sua companhia o Padre Pero Poderoso, o Padre Diogo da Costa, o Padre Antão Gonçalves, e eu, Padre João Felippe Betendorf, dos irmãos coadjuctores, e mais o irmão Marcos Vieira, o irmão João Fernandes, o velhinho doente levado em uma rêde até o mar, o irmão Manoel Rodrigues, o irmão Manoel da Silva, o irmão Domingos da Costa, o irmão Domingos Coelho, o irmão Antonio Ribeiro; dos irmãos estudantes, o irmão Francisco Soares, o irmão Poderoso e o irmão Marcelino.

Em o barco pequeno, do inglez Henrique Breu, embarcaram-se o Padre superior de missão, por lhe parecer mais veleiro, o Padre Estevam Gandolfin, vice-reitor do Collegio do

Maranhão, o Padre Gonçalo de Véras, o Padre Manoel Nunes, o Padre Aluizio Conrado Pheil, e dos irmãos estudantes, o irmão Manoel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Manoel Antunes, o irmão Antonio Gomes, e veio mais um, Francisco da Motta.

Antes de nos embarcarmos, veio Manoei Beckeman dar-me um abraço por despedida, dizendo-me com as lagrimas em os olhos que se eu quisesse ficar em sua casa o estimariam muito elle e Dona Maria de Almeida e Caceres, sua mulher; porém eu agradecendo-lhe a boa vontade, me fui com os demais, com que ficou tambem desenganado o povo, o qual cuidava ficaria eu feito frade de Santo Antonio, não sei por que.

Offereceram tambem um logar ao irmão João Fernandes em Santo Antonio, ou outro convento, se quizesse ficar, mas elle respondeu-lhes que não queria apartar-se de seus irmãos, e que para onde fossem elles, queria ir tambem.

Logo que estivemos embarcados todos, constituidos os procuradores: do Collegio, José de Seixas, irmão do Padre Diogo da Costa e Gabriel de Moraes, procurador da roça, Gabriel Pereira da Silveira, que tinham feito sargento-mór, contra sua vontade, e procurador do curral de gado vaccum, João de Souza Castro, um dos tres governadores constituidos pelo povo, tudo assim bem disposto, a seu tempo, levantaram-se as ancoras e demos á vela, á vista de todo o povo amotinado, alegrando-se os máos e chorando os bons, os quaes, como tementes de Deus, abominavam aquelle motim e alaridos, por puro medo da morte, que ameaçava aos que quizessem dar mostras de contrario parecer.

Passamos felizmente as perigosas correntezas do Boqueirão, debaixo do patrocinio de Nossa Senhora da Guia, que alli se venéra em sua capellinha, e chegámos até o meio do rio dos Mosquitos, pouco mais ou menos, onde por falta de enchente, nos achámos obrigados a parar toda aquella noute, sem poder fechar olho, pela multidão desses molestissimos animaezinhos, que harto nos deram que padecer com suas picaduras, taes que parece faziam sentir-se os homens pacientes, como um S. Job em tão funesta paragem. Partimos logo com a enchente que nos

levou até o meio da bahia de S. Gonçalo, entre a aldêa de Taiapuquarity e o rio Tapecoru, onde tomámos algum alento, e logo, com a vasante, nos fomos á bahia de S. José, indo-nos sempre acompanhando, de longe, o capitão Lisboa, em uma canoa bem equipada, para reboque dos barcos se acaso necessitassemos, em alguma paragem da cidade até o Pereá. Da bahia de S. José navegámos até uma maré do Pereá, oude ficámos em secco detraz de uma ilha pequena, da qual nos levou outra até os pastos do Pereá. Lá, por serem festas da Paschoa, nos detivemos até a segunda oitava, estando sempre á vista das guardas já sobreditas, e vieram-se desobrigar comnosco alguns indios da canoa do capitão Lisboa, e como todos os padres de ambos os barcos sahiram, uns a dizer missa e outros a ouvil-a, e a confessar, lá nos despedímos uns dos outros, por não sabermos quaes poderiam ser os successos da nossa viagem. Fez o Padre superior Iodoco Peres grandes instancias, persuadindo-me que me mudasse para o seu barco, por ser mais veleiro, mas respondi-lhe eu que estimava por melhor aquella embarcação que me tinha assignado a obediencia, com que fiquei onde estava, e se me livrou de muitas molestias, como do decurso desta se verá.

Estava em companhia do Padre superior da missão, com licença sua, um secular.... da Costa, o qual se fazia sobrinho... grande parleiro ; deste se despediu o capitão Lisboa, dizendo-lhe tivesse boa viagem e que aos padres levasse a fortuna.

Com isso, fomo-nos afastando do porto, e fazendo-nos para o mar, indo cada qual dos barcos por seu rumo e derrota, porém de sorte que, passado o primeiro dia, nos perdemos de vista, de tal sorte que por ficar o barco pequeno muito atraz, nunca mais nos avistaram por toda a viagem. Ajudou muito ao barco grande fazer-se muito para o mar por meu conselho e para assim fazer angulos grandes, como que buscando depois a terra, e adeantando-nos grandemente pelas grandes sangraduras que tinhamos feito pela madrugada.

O Padre visitador Barnabé Soares estava sempre recolhido em seu beliche de baixo, sem nunca sahir senão em Parámiry.

Observaram-se todas as horas de oração, e exames ladainhas, as quaes á tarde eram sempre cantadas em honra da Virgem Senhora Nossa, e como iam tambem ordenadas e guardadas as cousas tocantes ao serviço de Deus, quiz sua bondade que sempre tivessemos marés de rosas e que á boca da noite achassemos logar commodo onde lançar ancora á vista de terra, com tanta abundancia de gostosissimo peixe, que como em quantidade era pescado ao anzol, sobejava para as ceias daquelle e os almoços e jantares do outro dia.

Chegados que fomos ao rio Timonha, vieram os indios a nado visitar-nos com uns poucos de cascos de tartaruga, que traziam em sua canoinha, em que iam até as mulheres. Foram recebidos, porém, com as armas escondidas em logar occulto para mais cautela ; furtaram-nos áquella occasião uma campainha nova do Reino, sem o sabermos senão quando, sahidos os Teremembézes em seus areaes, a foram tocando os rapazes, emquanto iam correndo pelo outeiro a riba ; porém não houve outra perda que esta por toda a viagem.

Chegados que fomos ao rio Parámiry, entrámos pela enseada dentro, por não podermos vencer aquelle dia uma ponta que se nos offerecia. Aqui nos resolvemos, com o Padre visitador Barnabé Soares, a saltar em terra e acabar a pé o restante da viagem até o Ceará pelas praias, visto não distar senão um pouco, conforme as informações do Padre Pero Poderoso, pratico daquellas paragens, por ter andado por ellas. Ficou o irmão Marcos Vieira em o barco com o irmão João Fernandes ; todos os mais saltaram em terra, detendo-se lá o barco por aquelle dia. Achámos aquelle logar ser um paraisosinho com bellas terras, aguas e ares preciosos ; jantámos lá mesmo um bocado e logo nos puzemos em caminho pela praia, andando a pé um bom estirão até que bem cansados, parámos á boca da noite, junto a uns muros de arêa, e acostados a elles, por não levarmos redes comnosco, tomámos algum descanso. Nossa ceia foi um bocadinho de peixe para cada um e uma gotta de agua de uma cacimba, aonde a foi buscar o mulato Duarte, escravo da Bahia, que vinha para servir o Padre visitador.

Ditas as ladainhas, e feito o exame, que nunca se deixava,

descansámos um pouco até as horas do cantar do gallo ; então nos puzemos a continuar nossa viagem pela fresca, fazendo juntamente nossa hora de oração, a qual faziamos sempre todos como os que estão em Collegios; não parámos de andar até meio dia, sem embargo de nos dar uma chuvinha ; só parámos então, porque se nos pôz de permeio um riacho tão grande e fundo que os velhos se achavam obrigados a passal-o aos hombros dos moços, aos quaes davam as aguas em riba dos joelhos ; estavamos fadigados sem ter que levar á boca, nem ainda uma gotta de agua doce para estancar a sêde, porque as das cacimbas eram tão salobras que se não podiam tragar. Não é crivel quanto padecêmos pelo caminho, ficando mortos de fome, e, passando um rio que se nos offereceu, como por milagre de Deus, chegámos ao Ceará.

O Padre Pero Poderoso, por cuja culpa se não tinha trazido de comer, por ter dito não era comprida a viagem, vendo que se enganara, se adiantou por sua muita caridade com o Padre Antão Gonçalves e o irmão Manoel da Silva, e foram com toda a pressa ao Ceará, em busca de algum refresco e cavalgaduras, pertencentes ao Maranhão, que estavam em mão de Felippe Coelho, nosso procurador, a quem tinham sido entregues as cousas da residencia de S. Francisco Xavier, da serra de Ibiapaba. Entretanto, fomos os mais arrastando as pernas como pudemos por aquellas praias, pelas quaes costuma sahir e achar-se ambar, sem haver um só que tratasse de ver se por ahi apparecia algum, ou estava encoberto das arêas, que tanta era a fraqueza com que se achavam. Havia lá uns buzios mui bellos e grandes, mas como estavam vasios não os podiam ajudar, nem elles os podiam carregar, por serem mui pesados, pela fome que padeciamos. Passada uma grandissima enseada, chegados finalmente meio desmaiados a um monte a cujo pé descobriram agua doce, com a qual estancaram a sêde que os matava, quiz Deus sahisse o Padre Diogo da Costa com um pedaço da lingua de vaca salgada, que, repartindo entre todos por bocadinhos, nos tornou a dar algum alento, com que demos uma volta ao monte por detraz, por varios estibaixos de arêas difficultosissimas de subir, por estar a dobra por de fóra impedida toda de pedras que lhes

embargavam a passagem. Vencidas assim todas as difficuldades do monte e outeiro, descemos finalmente por outra banda para as praias, e como nos apanhou a noite nos acostámos por detraz de um muro de arêas, meios mortos de fome e cansaço, mas não por isso desmaiados. Passámos lá aquella noite até pelas horas do cantar do gallo, quando desfechando-se umas grossas nuvens em chuva, nos molhou todos por estarmos sem nenhum abrigo contra ella. Estando pois traspassados de chuva, puzemo-nos em caminho pela praia, para ver se porventura descobriamos alguma lenha para fazer fogo; mas por quanta diligencia que fizesse o mulato Duarte, não achámos senão umas hervas bravas e estas molhadas, entre as quaes se deitou o Padre visitador Barnabé Soares com os que o acompanhavam, e eu, que seguia atraz tão cansado, que com meu companheiro, o estudante, ambos, não podiamos com elle e, assim obrigados a parar, estendi o roupão em a praia e mandei ao noviço se deitasse ahi para dormir e fiquei com uma tão vehemente dôr em ambos os joelhos, que nem olhos pude fechar, mas posto de cocaras ia com o sôpro da boca aquentando-os, para assim moderar a grandeza da dôr que me traspassava.

Pela madrugada, continuando o caminho pela mesma praia, como Deus Nosso Senhor nos ajudava, chegámos a outro monte, ao pé do qual corria um rio que chamam *Cipé*, e é de aguas mui boas; ahi apanhámos dois serizes, certa casta de caranguejos, os quaes assados nos serviram de jantar, com um pouco de farinha, e apertava tanto a fome com os pobres dos noviços que nos acompanhavam, que foram pelo monte acima, e dando com umas pitombas grossas, de cheiro de almiscar, mas mui azedas, se foram enchendo dellas, trazendo-nos quantidade não muita, que assámos ao fogo primeiro, e depois comêmos para nos não fazerem mal, nem amargarem tanto. Assim confortados com essa pouquidade, tornámos a pôr-nos em caminho; tinhamos caminhado até pelas horas de jantar, quando vimos descer por um muro de arêas uns indios com umas cavalgaduras mandadas já do Ceará, com umas poucas de tainhas salgadas para refresco; chegaram a tempo, porque já não podiamos quasi dar passo adiante. Portanto, dando graças a Deus Nosso Senhor,

montámos a cavallo, e acompanhados de 16 indios que vinham, fomos pelas campinas dos curraes, as quaes povoadas de palmeiras nos pareciam um paraizo terreal; agazalhamo-nos aquella noite em um curralinho pobre, comêmos um bocado de tainha, e bebêmos um pucaro de agua, e com isso descansámos até á madrugada do dia seguinte, em o qual fomos dizer missa á aldêa do Forte, onde tinham assistido os nossos padres, o Padre Jacob Coelho e o Padre Pero Francisco, muitos annos, até que o Padre Provincial os mandou retirar, succedendo-lhes uns clerigos da Congregação de S. Felippe Nery, chamados Amaristas. Agazalhou-nos o padre missionario com muita caridade, e dando-nos de almoçar, acabadas as missas, muito bons peixes salpresos e queijo flamengo, que um capitão de uma náo hollandeza lhe tinha dado, passando pelo Ceará, em razão de seus contratos.

Desta aldêa, dadas as graças ao nosso bemfeitor, montámos outra vez a cavallo, e passando pelas mangabeiras e o sitio das pedras crystaes, chegámos finalmente á desejada fortaleza do Ceará, onde era capitão-mór por aquelle tempo Beuto Soares, e vigario um doutor, Soares chamado, clerigo que tinha sido lettrado de D. Gregorio dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão, e estava um procurador dos padres da Serra, Felippe Coelho.

Fomos recebidos com muita honra e agasalhados nas melhores casas que ahi se achavam, soccorrendo-nos o capitão-mór cada dia com peixe fresco, e um amigo do Padre visitador, senhor de um curral de gado vaccum, com sua carne de vacca; estivemos ahi uns dias, esperando por nosso barco, o qual chegou a salvamento com os irmãos que trazia.

Chegado elle, esperámos mais uns dias, para ver se tambem chegava o barco pequeno com o Padre Superior Iodoco Peres, e mais padres que o acompanhavam. Detivemo-nos uma semana, pouco mais ou menos, e para não estarmos ociosos, tratámos de tirar inimizades e alguns amancebamentos dos soldados que por ahi havia; e como quer que o Ceará carece de bom porto, enfadou-se logo delle o mestre do barco, e para se não perder em as ondas, resolveu-se a levantar ancora, e voltar-se para o Maranhão, onde estava o dono delle, e como tardava de chegar o barco pequeno com os mais padres, e não podiamos já fazer lá

mais detença, concertou-se o Padre visitador com o mestre em novos fretes, para nos levar a Pernambuco, imaginando-se que o não obrigariam a pagal-os, por lhe parecerem injustamente pedidos; mas como o povo do Maranhão se tinha concertado com elle para que levasse os padres ou ao Ceará ou a Pernambuco, teve o Padre visitador sentença contra si, obrigado a pagar ao mestre, conforme se tinha concertado com elle.

CAPITULO 4º

PARTE O PADRE VISITADOR EM O BARCO GRANDE, E CHEGA POUCOS DIAS DEPOIS O BARCO PEQUENO COM O SUPERIOR DA MISSÃO E MAIS SUJEITOS QUE O ACOMPANHAVAM AO CEARÁ

Já o Padre visitador, Barnabé Soares, estava embarcado com os seus em o barco grande, que estava quasi para levantar ancora, quando, em o mesmo tempo, chegou á praia o irmão Antonio Ribeiro, dando vozes para que parasse um tempo minimo, para elle fallar ao Padre visitador; parou o barco e o que disse era que o Padre superior o mandara adiante, para dar parte como vinha já chegando, e dentro de poucos dias, com o favor do Céo, estaria no Ceará, e assim quizessem esperar para que se ajuntassem todos.

O Padre visitador, como tinha deixado encommendados os padres que estavam para vir em o barco pequeno, ao capitão-mór do Ceará e ao seu procurador, e o mestre do barco querendo partir, para se não perder em porto pouco seguro, e mais para avisar o governador de Pernambuco, da parte do capitão-mór, que faltavam farinhas aos soldados, em tempo que os Tapuyas do matto, levantados contra os brancos, estavam cada dia ameaçando a fortaleza, e finalmente desejando o Padre visitador chegar depressa a Pernambuco, para alcançar barco capaz e accommodado para os padres que vinham, e não cabiam commodamente em um só em que elle ia, resolveu-se a partir sem embargo do recado do irmão Antonio Ribeiro, dizendo-lhe que dissesse ao Padre superior, e aos mais padres, que elle bem desejava de esperal-os, mas que vistas as razões que lhe mandava, convinha que partisse logo, para lhes enviar depressa

barco capaz de os levar, e que entretanto descausassem esse pouco de tempo em Ceará, debaixo do amparo do capitão-mór e procurador, aos quaes estavam encommendados.

Houve opiniões contra esta resolução, dizendo alguns era crueldade não esperar; mas tudo bem considerado parece era o que se havia de fazer, vistas as circumstancias de esperarem mais e irem todos em um barco só. Com isso ficou o irmão Antonio Ribeiro com o procurador Felippe Coelho, esperando pelos padres do barco pequeno, que chegou em um dia ou dous depois mui maltratado, assim por lhe ter quebrado o mastro, como por fazer agua como um cesto rôto.

Tendo o Padre visitador Barnabé Soares declarado sua determinação ao irmão Antonio Ribeiro, que ficou com ella, se não de todo, ao menos de algum tanto satisfeito, mandou ao mestre, morto já para partir, levantar ancora e dar á vela. Cousa notavel: continuou Deus Nosso Senhor a favorecer esse barco, de sorte que venceu logo uma ponta mui difficultosa a dobrar, e que tendo dado em os perigosissimos baixos de S. Roque, onde o Padre Pero Poderoso se tinha visto perdido, e escapou como por milagre de Deus, sahindo delles com toda a felicidade, fomos navegando com mar bonança e marés de rosas, por todo o restante do caminho. Chegados que fomos a uns curraes conhecidos, o Padre visitador determinou de saltar em terra com o mulato Duarte e mais companheiros, e poz se de caminho e andou por terra pelas residencias que havia dahi a pouca distancia; deixou-me a mim por vice-superior dos padres e irmãos que ficaram. Os que ficámos fomos durante a viagem por mar regalados das muitas cavallas, peixe precioso que cada dia se matam; e foi ella tão feliz que, pela ante-vespera do Espirito Santo nos achámos noite já fechada, mas não muito obscura, em a entrada do Recife; houve duvida se entrariamos logo para dentro, ou se nos deixariamos estar por de fóra, até o dia seguinte, mas como havia um caminheiro, *Ceciliano*, homem esperto, que se offereceu remetter o barco logo para dentro, fomos entrando sem dilação, com elle posto ao leme, e o pratico posto á prôa, para avisar do rumo que se havia de guardar, para não dar sobre a torre, sita á passagem. Aconteceu aqui um

caso mui arriscado, e foi que, estando já o barco entrando, e tão chegado á torre que parecia não distava já nada para dar-lhe com a prôa, vendo o pilotinho que o Ceciliano que estava ao leme se não dava de seus gritos, mas seguia com tudo o que dizia o pratico, veio com muita furia sobre elle com a faca em a mão para lhe dar com ella; mas o Ceciliano, homem valente e animoso, sem se lhe dar disso nem largar o leme, puxou tambem por sua faca e lh'a poz á boca, o que vendo eu, para impedir o perigo evidente de se perderem todos se a pendencia fosse por diante, peguei em o cabeção do pilotinho e o derrubei a meus pés, reprehendendo-o gravemente e ameaçando-o mandar castigar se se não aquietasse logo, e não deixasse para terra o que sobre o mar nos era de tão grande prejuizo. Com isso entrámos segurissimamente para dentro, onde passámos aquella noite, mas feitas primeiro as pazes entre o pilotinho e o Ceciliano, porque chamando-os eu e com boas razões que lhes dei, os apasiguei, e fiz amigos, como dantes tinham sido. Em o dia seguinte, vespera do Espirito Santo, desembarquei com os padres e alguns irmãos, deixando os mais para guardas do fato; fomos direitos ao Collegio do Recife, onde por então o Padre Manoel Carneiro servia o officio de reitor e o Padre Antonio Maria, Italiano, era o afamado *factotum* daquelle Collegio; fomos recebidos com toda a caridade, e depois de jantar nos veio convidar o Padre Pero Dias, reitor de Olinda, para seu Collegio, e nos levou comsigo, contando-nos pelo caminho, que faziamos em canôa, as novas dos bons successos das armas imperiaes contra o turco, que tinha vindo com grande poder sobre Vienna.

Em o dia seguinte, disse missa em o altar mór, ao som das charamellas de seus dextrissimos charameleiros, respeitando com isso o Padre reitor Pero Dias, o vice-superiorado, que breve tempo tinha exercitado, pela viagem, por ordem do Padre visitador, o qual chegou pouco depois. Fomos ambos beijar a mão ao governador, João de Souza, dando-lhe parte do levantamento do povo do Maranhão contra os padres daquella capitania, e pedindo-lhe mandasse logo barco capaz para virem commodamente os mais padres, que estavam esperando em o Ceará. Elle, mui pezaroso de nossa expulsão e desejoso de lhe dar remedio até com a ida

de sua propria pessoa, se fosse necessario, despachou logo fosse o barco que lhe tinhamos pedido, e como quer que convinha de todo o modo fosse alguem dar parte ao Padre Provincial á Bahia, Antonio de Oliveira, de tudo que se passava, para elle dispôr o que melhor julgasse para remedio, elegeu-me o Padre reitor de Olinda, Pero Dias, para esta funcção, dando-me por companheiro o Padre Pero Poderoso. Fomos mui bem aviados com mimos do Reino, que nos mandou o governador, João de Souza, para o caminho. Parecia ao Padre Valentim Estancel, mathematico, que por aquelle tempo estava em Pernambuco, que teria eu difficultosa viagem; mas como Deus é sobre tudo, achei difficil passagem pelo cabo de Santo Agostinho, onde as correntezas nos botaram atraz até o baixo de Pernambuco, em o primeiro dia, e em o segundo nos deteve, até que, por conselho meu, offerecessem todos umas missas a Nossa Senhora Milagrosa, da Bahia, que logo nos levou com ventos prosperos e bellissima viagem, até o fim de sua navegação.

Ia de volta para a Bahia uma mulher casada, com sua mãi, irmãosinhos e criadas, que tinha sido desterrada para Pernambuco por uma occasião que tinha tido com um morador rico daquella banda; e tinham varios trabalhado debalde em reduzil-a a que fosse para casa de seu marido, e como eu o sabia de varias partes e do mesmo governador, tratei de ganhar a benevolencia della e logo, sem embargo de andar enjoado, pratiquei depois do terço e ladainhas cantadas, de sorte que com o favor do Céo ficou tocada da divina graça e me disse depois que só receiava a primeira entrada em sua casa, mas estava resoluta de ir de todo o modo morar com seu marido legitimo, não obstante os medos que a estavam retrahindo. Chegámos á Bahia pelos dezenove ou vinte de junho e veio receber-nos á porta do mar o Padre reitor Alexandre Gusmão com o Padre Antonio Vieira e o Padre Domingos Barbosa e outros com toda a cortezia religiosa. Propuz as causas da minha vinda ao Padre reitor, por estar o Padre provincial em o Rio de Janeiro e em o mesmo dia fui dar parte ao governador, Marquez das Minas, irmão de D. João de Souza, o qual, estranhando muito o desaforo do povo do Maranhão, offereceu

logo navios a seu filho, o Conde de Prado, para ir restituir os padres em suas missões por força de armas; mas como a cousa requeria mais consideração, se dilatou mais uns dias a ultima resolução.

Houve-se o Sr. Marquez com tanta benevolencia commigo, que me obrigou a jogar comsigo um jogo de xadrez, o qual elle ganhou, levantando eu a gloria de ter recebido um cheque-mate de um governador tão amigo e autorisado.

Do Conde fui ao Sr. arcebispo e de lá voltei para o collegio, onde por parecer de muitos se julgou conveniente em repôr os padres com mão armada, mas como a mim me parecia melhor ir dar parte a Sua Magestade El-Rei D. Pedro, que Deus guarde, arrimaram-se o Padre reitor, o governador e o arcebispo a esse meu parecer, o qual se poz em execução, assignando o governador um navio novo em Pernambuco para eu passar nelle o Reino com toda a pressa.

Levou-nos o Padre reitor á quinta do Collegio, e pouco depois me aviou para Pernambuco, ficando o Padre Pero Poderoso em a Bahia; concorreu o governador com seus mimos do Reino, que duraram até á cidade de Lisboa.

Parti, com as ordens do Padre Alexandre Gusmão, da Bahia, para embarcar-me em Pernambuco para o Reino e tratar com Sua Magestade a restituição dos padres, expulsos, assim ao temporal, como ao espiritual. Acompanharam-me os padres até o barco em que tinha vindo, dentro de dois para tres dias. Cheguei ao porto do Recife com feliz viagem, tirado que á entrada estava um barco para dar em outro, mas quiz Deus que se desviassem dextramente e ficassem livres ambos; com que saltei em terra e tratei logo de ter companheiro com matalotagem que se requeria. Deram-me primeiro por companheiro o irmão Domingos da Costa, mas como este estava dizendo ficaria em o Reino, não o quiz eu levar, mas levei o irmão Marcos Vieira, homem sisudo e de muita virtude e conhecido meu antigo da missão.

Despedimo-nos em ambos os Collegios do governador D. João de Souza, e com isso nos embarcámos em os quatro de julho do anno de 1684. Não se continúa aqui o successo da navegação,

porque ficaria atraz o successo da viagem do Padre Iodoco Peres, superior da missão, o qual se deve relatar primeiro.

CAPITULO 5º

SUCCESSO DA VIAGEM DO PADRE SUPERIOR IODOCO PERES COM OS SEUS ATÉ O CEARÁ E DO CEARÁ O FIM QUE DEUS FOI SERVIDO LHES DAR PARA MAIOR SEU MERECIMENTO

Muito differente successo teve o barco pequeno do herege Henrique Breu, em que ia o Padre superior da missão, Iodoco Peres, com os mais padres e irmãos que o acompanhavam, porque além de se deter mais pela viagem, fez muita agua, com que ficaram os pobres molestadissimos, e ao cabo, para mais ajuda da sua desgraça, quebrou-se-lhes o mastro, com que ficaram arriscados de se perderem. Comtudo, depois de quarenta e sete dias, chegaram finalmente ao Ceará, onde foram agazalhados do capitão-mór Bento Soares, com toda a caridade, em as mesmas casas em que tinham sido agazalhados o Padre visitador Barnabé Soares com os seus; o Padre superior Iodoco Peres, desejosissimo de se ver cedo em Pernambuco, e de lá passar ao Reino, contra o parecer dos mais padres que estavam esperando o barco, que o governador D. João de Souza havia mandar cedo com o soccorro das farinhas para a Fortaleza, e os havia de levar a elles todos, conforme que se tinha ficado, elegeu cinco companheiros para continuar sua viagem em o barco pequeno do inglez, estes cinco foram o Padre Aluisio Conrado Pheil, o irmão Manoel da Costa, o irmão Agostinho da Cunha, o irmão Antonio Gomes, o irmão Manoel Antunes.

Ficaram quatro em o Ceará, os quaes se não quizeram tornar a embarcar outra vez em um barco que tanta molestia lhes dera, estando seguros de ser muito melhor a embarcação em que iriam commodamente depois, como foram sem perigo nenhum, e eram estes o Padre mestre Estevão Gandolfin, o Padre Gonçalo de Veras, o Padre Manoel Nunes, o irmão Antonio Ribeiro.

Tendo-se, pois, embarcado o Padre superior Iodoco Peres com os acima nomeados, e tendo já navegado com feliz viagem uma boa parte do primeiro dia, como viram vir de riba uma

embarcação que cuidavam era do Reino, sem mais reparo se foram a ella para saber novas e achar algum refresco, podendo ter-se feito para terra, fóra de todo o perigo, se tivessem suspeitado que era embarcação inimiga.

Apenas tinham chegado com seu barco a tiro de espingarda, quando viram vir sobre si uma lancha cheia de homens armados, os quaes tendo-lhes dado uma salva de espingarda, saltaram em o barco, prenderam os padres desarmados todos e se apoderaram de seus dois tapanhunos, e de tudo o mais que levavam comsigo.

Logo, sem mais detença, fecharam-os, e em o dia seguinte fizeram-lhes perguntas sobre o dinheiro que traziam; e porque tinham apontado um dos tapanhunos para que lh'os descobrisse, e elle nos açoutes tinha dito que os padres e não elle o tinham. chamaram-os logo um a um a tormentos, ficando livre o Padre Aluisio Conrado Ppheil, que só levou uma coronhadura de um alfange, por não querer largar uma cruz de reliquias que trazia.

Puzeram o dedo pollegar da mão esquerda do Padre superior Iodoco Peres debaixo do cão de uma espingarda, e apertando o parafuso o esmagaram todo, soffrendo elle aquelle cruel tormento com summa egualdade de animo, lembrando-se dos muitos e gravissimos soffrimentos que tinham padecido os martyres por Christo Senhor Nosso, que deu sua vida por nós.

O mesmo tormento deram ao noviço Agostinho da Cunha, e não contentes disso o atormentaram em as partes baixas, com incrivel dôr, que lhe ficou por muitos dias.

Este mesmo tormento deram aos irmãos Manoel da Costa, o estudante, ao irmão Antonio Gomes e irmão Manoel Antunes, noviços ambos, e não contentes desta inhumanidade, accrescentaram outro tormento sentidissimo e foi pôr-lhes morrão entre os dedos da mão esquerda, e amarrando-os, queimou-lhes o fogo lento, com summo sentimento dos innocentesinhos.

Tudo isso lhes fizeram padecer, deixando-os depois sem nenhum remedio, com que chegaram a tão lastimoso estado todos, que até aos mesmos piratas fizeram compaixão e os moveram a lhes pedir perdão, á vista de sua tão barbara crueldade, concedendo-lh'a os padres com grande coração, pelo amor de Deus Nosso Senhor.

Eram esses piratas do numero daquelles que tinham roubado a bella fragata do Padre Provincial da provincia do Brazil em que iam embarcados os nossos.

Tres delles eram inglezes chamados..., tres hollandezes, entre os quaes havia um catholico romano e outros tres eram allemães; estes contaram aos Padres Iodoco Peres e Aluisio Conrado Pheil, que lhes sabiam a lingua, que um padre da Companhia, homem já de idade (será o padre Domingos Fernandes?) tinha sido presa dos piratas francezes chegados aos portos do Brazil, o qual levado a bordo do seu navio, tinha sido obrigado a comer sua propria orelha salgada e assada ao fogo, e depois morto com quantidade de feridas, porém apparecera em o dia seguinte á prôa, á vista de todos, revestido de roupa branca; e não ha duvida disso, porque o mesmo me contaram os padres da Bahia a mim, que lá cheguei pelo mesmo anno de 1684, em que acontecera este presente caso. Iam entretanto os pobres padres todos fechad.s debaixo da prôa em logar quente, humido e summamente fedorento, com que dentro de poucos dias ficaram quasi cegos, por causa de um humor maligno que lhes acudio aos olhos.

Tinham os piratas consultado entre si se matariam os padres, e pouco faltou que lhes tivessem tirado a vida, se não fora um allemão, o qual fallando a miudo com o Padre Aluizio, os tivesse divertido disso, e feito mudar de parecer, com que lhe disseram que o que tinham obrado tinha sido para remediar a sua necessidade, e dahi por diante não lhes fariam mais mal algum.

Ouvindo o Padre superior Iodoco Peres esta excusa dos piratas, disse-lhes que com tres ou quatro bois remediaria esta sua falta, se o puzessem em terra com os seus em a bahia de S. José do Maranhão; por isto ficaram, dando-lhe palavra de restitui-tudo quanto lhe tinham levado; porém, como se não achou entre elles marinheiro que se offerecesse a leval-os para S. José, tendo primeiro consultado entre si o que fariam em tal occasião, botaram os padres pela primeira oitava do Espirito Santo em uma ilha deserta pouco distante do Pereá, sem lhes tornar a dar mais que uns poucos de livrinhos, uma canoinha velha de mil

remendos que fazia agua como um cesto roto, uma bacia velha de cobre e um pouco de farinha já meio podre, e tres marinheiros portuguezes que os padres tinham trazido comsigo do Maranhão.

Ditosos os padres que se deixaram estar em o Ceará, porque com isso se livraram deste lastimoso vexame e foram-se depois brincando para Pernambuco.

CAPITULO 6º

PASSAM OS PADRES PARA SUA ROÇA, E DE LÁ SÃO LEVADOS AO MARANHÃO PELOS PROCURADORES DO POVO, E DE LÁ PASSARAM A TAPUYTAPERA E AO PARÁ

Vendo-se os padres já livres dos piratas, ficaram entre alegres e tristes, alegres, por se verem já postos em terra de sua missão, tristes, por não terem tido o bem de dar a vida entre esses inimigos de nossa Santa Fé, que tinham sido quasi resolutos de os matar a todos, e pôr fogo ao barco, para não ficar rasto de sua maldade; e para não ficarem lá ao desamparo mandou o Padre superior Iodoco Peres, em a canoinha destroncada, o irmão Manoel da Costa com o marinheiro Francisco Pereira, que lhe tinha ficado, para nossa roça de Anindiba, para de lá lhes vir canoa grande com algum refresco, para com aquelle alento os levar para lá a todos por uma vez. Era viagem de um só dia, mas por costa brava, e por uma bahia de muito perigo, comtudo como as muitas aguas não podiam vencer a sua grande caridade, foram-se com risco de suas vidas em a canoinha desconcertada e rota, já em riba, já em baixo dos mares, até, com o favor do Céo, dar de outra banda e tomar porto da ilha do Maranhão, perto de S. José, onde, por providencia divina de Deus, os recebeu um morador daquellas bandas, chamado Ambrozio Pereira, amigo da Companhia, e não só os agazalhou, mas tambem os cobriu, por virem quasi nusinhos e sem roupa. De lá chegaram á nossa roça de Anindiba, tratar do refresco e canoa, que lhes tinha sido encommendada. Entretanto, puzeram-se os que tinham ficado em a ilha deserta a buscar uma gotta de agua

doce para apagar a sêde que os matava, e como tinham achado uns anzóesinhos entre as cousinhas que lhes tinham restituido os piratas, puzeram-se a pescar uns peixinhos da praia, os quaes cozeram em a bacia, bem areada primeiro, e comeram com a farinha meio pôdre, para não acabarem de pura fome.

Com isso tomaram algum alento, e tendo feito grandes fogueiras para afugentar as muitas onças bravas que por alli havia, se deitaram a descansar, em meio das arêas, sem outro amparo, sem embargo das muitas e grandes chuvas que a cantaros cahia sobre elles, molhando e traspassando-os todos.

Tres dias passaram com todos estes incommodos, até que ao quarto dia chegou a canoa grande da roça com algum refresco e timbó para fazer tinguijada ou pescaria, como fizeram, para cearem abundantemente todos, e com isso se puzeram em caminho, sem parar senão em o porto da roça de Anindiba, em a qual, como em casa sua propria, descansaram com mais quietação e segurança, e como antes de sua chegada já tinha ido nova para a cidade do triste successo dos pobres padres, tinham já vindo os procuradores do Collegio e fazendas delle, com dous cirurgiões para lhes curarem as chagas, e em companhia delles o mestre Francisco Deiró, o qual depois de declarar o sentimento com que ficara o povo do máo trato que os padres tinham recebido dos piratas, disse-lhes que os levaria para a cidade e agazalharia em seu collegio, até se resolver ultimamente o que acerca delles se havia dispor; detiveram-se dous dias em a roça, e em o terceiro, que era domingo da Santissima Trindade, partiram depois da missa para a cidade de S. Luiz do Maranhão.

Chegados que foram, á força foram mandados parar, para os cirurgiões curarem suas feridas, onde se costumam de justiçar os malfeitores.

Lá chegaram, á boca da noite, o senado e povo para os acompanhar e levar para a cidade, como costumam acompanhar e levar os ossos dos enforcados, e em vez de os pôr em seu Collegio, como era direito e justo, para andarem em tudo errados, os agazalharam em umas casas do capitão-mór Vital Maciel, que Deus tem, em a praça, para banda da Misericordia, pondo-lhes guarda logo á porta, e com ordem mui apertada de

não fallarem a morador nenhum da cidade, tirados seus procuradores, que lá os sustentavam com as esmolas e mimos dos amigos.

Em o dia seguinte vieram os procuradores do povo, Manoel Beckeman e outros, entregando-lhes por escripto algumas perguntas tocantes á sua expulsão, pedindo por cortezia quizessem responder a ellas por outro escripto e tratassem de passar-se para a villa de Tapuytapera o mais depressa que pudesse ser, para lá esperarem embarcação para irem ao Reino, ou bem ao Gramparà, e que confirmassem a sua resposta com juramento posto ao fim della.

Eram as perguntas que o povo e seus governadores faziam aos padres taes, que, ao parecer de todos, era cousa arriscada responder a ellas com clareza; comtudo, depois de se ter encommendado a Deus este negocio, respondeu-se de tal maneira que nem se encontrou a verdade, nem se offenderam os animos dos adversarios, e ficaram tão satisfeitos todos, que em seu nome lhes mandou o procurador delles dar as graças e dizer que tal resposta só a poderia ter feito um anjo do Céo.

Emquanto se iam curando as feridas das mãos dos tres irmãos, e preparando os vestidos e mais apparelhos necessarios para a viagem, chegou uma cortezissima carta do senhor Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, então sobreintendente da capitania de Tapuytapera, da parte de seu pae, donatario della, em que pedia ao Padre superior que pelas chagas de Christo sahisse logo do Maranhão e se viesse para a villa de Santo Antonio de Alcantara, porque elle e todos os moradores della os haviam de receber não só com os braços abertos, mas ainda em o meio do coração; agradecendo-lhe o Padre superior a fineza do amor, respondeu-lhe acceitava a cortezissima offerta, e que para lá se passaria o mais cedo que lhe fosse possivel.

Chegado pois o setimo dia que se detiveram forçosamente em o Maranhão, embarcaram-se todos, e passaram em o barco para a villa de Tapuytapera, onde os receberam em o porto o sobreintendente Antonio de Carvalho, o vigario João Maciel, e o povo todo, com mil amores e lagrimas de alegria; elle os levou para riba, onde, tendo-os regalado com um explendido jantar, os agasalhou em umas casas novas, dando-se o

dono dellas os parabens a si mesmo, por serem, como elle dizia, os primeiros hospedes, que ellas agazalhavam, seis martyres de Christo; andavam o sobreintendente e mais nobres da villa em uma santa porfia em cortezias e presentes, querendo cada qual delles levar a palma ao outro em fazer-lhes bem, assim como alguns do Maranhão tinham ido, algum dia, em contenda sobre quem lhes fizesse maior mal.

Os que mais se assignalaram em fazer bem aos padres foram, depois do senhor sobreintendente, Antonio de Albuquerque, o vigario João Maciel, o capitão-mór Henrique Lopes, o capitão-mór Jacintho de Araujo, Pedro da Rocha, e com singular affecto de amor, o capitão Manoel Duarte, irmão da companhia, por carta de irmandade.

Detiveram-se os padres em Tapuytapera dezeseis dias, em os quaes se fizeram cada dia duas doutrinas, uma em lingua portugueza pelo irmão Manoel da Costa, outra em lingua dos indios pelo padre Aluizio Conrado Pheil, e fez o Padre superior Iodoco Peres um bello sermão pela festa de Santo Antonio, á instancia do senhor sobreintendente Antonio de Albuquerque; e porque os nossos adversarios do Maranhão haviam espalhado que tinhamos uma provisão real em que se ordenava que todos os indios feitos escravos desde o tempo do governo do pae, se haviam de repor em sua liberdade, quiz que do pulpito se desfizesse aquella aleivosa mentira, o que fez, acabada a procissão, quando prégou com muita attenção e agrado do auditorio; e deve-se reparar que estes e semelhantes mentirosos aleives, falsamente levantados contra os padres, foram inventados, contra elles pelos ecclesiasticos e seculares não poucos; porém, soube-se depois por uma carta, que a verdadeira razão da expulsão dos padres fòra não conspirarem com o povo contra o governador Francisco de Sá, nem fallarem contra elle em suas prégações, como o faziam outros, que tal é a terra do Maranhão, em que se dá em culpa aos bons serem bons, e não serem maus com os maus, como elles.

Aos vinte de junho, despedindo-se dos de Tapuytapera, se embarcaram para o Pará em companhia do muito Reverendo Padre José de Amaral, filho da terra e grande religioso, novo

Provincial do Carmo, que seus religiosos não quizeram receber, por viver fóra, com habito retinto e outras razões, sem embargo das quaes se lhe sujeitaram depois.

Em o dia de S. Pedro e S. Paulo chegaram á villa do Caethé com feliz viagem, onde o Padre Pero Francisco Cassoli, genovez de nação, missionario nosso, com o capitão-mór Amaro Cardoso Camera, povo e indios, os receberam com grande demonstração de gosto e amor, porque tendo ouvido os indios que os padres tinham sido expulsados do Maranhão, e que viera um religioso de certa religião solicitar os animos dos portuguezes para os expulsarem de todo o Estado, chegaram ao Senado pedindo não deferisse tal petição, porque elles de nenhuma maneira haviam de consentir que se lhes tirasse seus missionarios, e estavam todos com sobresalto até que com a chegada do Padre Iodoco Peres e de seus companheiros ficaram descansados, dando-lhe disso muitos parabens.

Partiram do Caethé no mesmo dia, e continuando a sua viagem tomaram porto em Belém, cidade do Grampará, onde, anjos vindos do Céo, foram agazalhados em seu Collegio de Santo Alexandre, de seus irmãos, que á vista delles não cabiam em si de puro gosto e alegria de os ver comsigo. Foi isto aos quatro de julho, dia em que eu me embarquei de Pernambuco para ir dar conta á Sua Magestade El-Rei D. Pedro, de gloriosa memoria, de nossa expulsão do Maranhão, e procurar a nossa restituição para as missões, das quaes tão injustamente tinhamos sido expulsados.

Logo que o governador Francisco de Sá soube da vinda dos padres, mandou o ouvidor geral Miguel da Rosa ao Collegio para dar as boas chegadas e parabens ao Padre superior da missão, e elle mesmo á boca da noite do terceiro dia o veio visitar, e depois de uma bem comprida conversação em a egreja de S. Francisco Xavier se levantou em pé, em o logar onde o celebrante costuma dizer a confissão geral, lhe falou á orelha, em voz baixa, pedindo-lhe perdão de tudo quanto lhe tinha dito, escripto, e obrado contra elle, rogando attribuisse todo o passado a uma paixão e perturbação de seu animo. Perdoou-lhe o Padre Superior Iodoco Peres de todo o coração, como filho da Companhia

de Jesus e de Santo Ignacio, que até a seus inimigos fazia todo o bem que estava em sua mão; e desde aquelle tempo fingio o governador ter grande familiaridade com elle, e diziam, assim os seculares de fóra, como os religiosos de dentro, que ou o superior da missão queria enganar o governador, ou o governador ao superior, mas como o Padre superior era homem de muita prudencia e virtude singular, nem se deixou enganar delle, nem tratou de enganal-o, e enganam-se os politicos de nossos tempos, não com embustes e modos enganosos, mas por meio da méra sinceridade, quando lhes parece o que se obra lealmente ser obrado com duplicidade.

Foi cousa digna de admiração ver entre os moradores do Pará horas e signaes de violencia verdadeira, quando tiveram noticia da expulsão dos padres da capitania, do Maranhão, dizendo viessem para o Pará todos, que os agasalhariam em o coração, e que sem embargo disso á chegada do Padre superior da missão com seus companheiros, mostrarem mais admiração que amor, e não faltaram alguns que, sob capa, tratassem de expulsal-os pelas causas bem conhecidas; porém Deus Nosso Senhor, debaixo de cuja protecção estão os seus missionarios, sabe trocar os animos de um momento para outro, pois os tem em sua todo poderosa mão.

Como os padres do Pará não tinham noticia senão confusa se alguem tinha ido para o Reino tratar com Sua Magestade a restituição dos padres expulsados e mais negocios da missão, elegeram ao Padre superior Iodoco Peres para tomar isto á sua conta, e levar comsigo os irmãos estudantes para estudarem em a universidade de Coimbra, antes que lhes passasse a idade de o poderem fazer, e juntamente uma carta para o nosso muito Reverendo Padre, para lhe pedir licença de offerecer outra a Sua Magestade, para poder desmanchar a missão pelas razões que lhe faziam presentes: esta não foi offerecida senão muito depois em meu nome pelo anno de 1663, sendo eu outra vez superior da missão.

CAPITULO 7º

PARTI EU COM O IRMÃO MARCOS VIEIRA, DE PERNAMBUCO, PARA O REINO A DAR CONTA A SUA MAGESTADE DA EXPULSÃO DOS PADRES DO MARANHÃO

Tendo eu recebido as ordens e a benção do Padre Alexandre Gusmão, reitor da Bahia, e já com as patentes de provincial, parti em dia de S. Pedro, aos vinte e nove de junho, da Bahia, que estava com muitas fogueiras, e chegados felizmente em brevissimo tempo a Pernambuco lá me embarquei com o irmão Marcos Vieira, dado por companheiro para o Reino, pelos oito de julho, em umaembarcação nova, deputada pelo governador D. João de Souza, ficando com muitas saudades e obrigações do collegio de Olinda, onde o Padre Pero Dias era reitor por então, e assistiam os Padres Barnabé Soares, João Pereira, Valentim Estancel, e o Padre Diogo da Costa; e do collegio do Recife onde era reitor o Padre Manoel Carneiro. Apenas tinhamos navegado um bom tirode artilharia, quando de subito nos deu um pé de vento tão rijo que fez render o mastro maior que chapeámos logo, e continuámos nossa viagem sem receber disso algum mal.

Estava eu assentado junto ao bordo da nau, muito pezaroso de ver que partia daquellas bandas sem ter visto alguma balêa que por ahi não faltam, quando, ouvindo um estrondo grande, me achei todo molhado, sem saber donde isto me procedia, até que me disse um marinheiro que era de uma pancada que deu em o mar, junto á nau, uma baleia perseguida de um espadarte; com esta informação do marinheiro olhei logo para o mar, desejoso de ver o combate desses dous animaes, e foi Deus servido da-me o cumprimento dos meus innocentes desejos, porque, vendo-se perseguido um baleão do espadarte, deu-me logar a vel-o a meu gosto, todo inteiro desde o rabo até a cabeça, parecendo-me da grandeza de uma canoa grande, bem larga e comprida, e cheia de casca pelo corpo todo, de que dei muitas graças a Deus Nosso Senhor, que até nisso me quiz dar gosto.

Pouco nos durou o vento, porque logo depois nos deu uma calmaria grande, que nos foi acompanhando quasi até a ilha Terceira. Estava eu sempre muito enjoado, mas nem por isso deixava de cantar com toda a gente da nau o terço e ladainha de Nossa Senhora, accrescentando de dous em dous dias uma pratica doutrinal, á qual tambem assistia um clerigo, Rangel, que ia fazer queixa a Sua Magestade sobre um negocio com os conegos, do qual veio bem despachado.

Já iamos pela altura das ilhas, uma jornada do Fayal, quando se nos descobriu uma nau tambem grande que se vinha chegando para nós, não deixando de nos dar muito cuidado; mas tendo descoberto pelo oculo ser nau ingleza, pelas bandeiras, ficámos socegados. Chegada que foi á distancia de se lhe poder falar, perguntámos quem eram, responderam eram inglezes, e vinham de Angola com a nau carregada de negros; e como eram amigos logo se visitaram os capitães, indo e vindo em suas lanchas com muita familiaridade. Convidou-me o capitão inglez para sua nau; correspondendo com seus mimos aos que lhe tinham feito, mas por estar enjoado lhe agradeci a boa vontade e foi o clerigo com outros, os quaes voltaram bem alegres e contentes da festa que lhes tinham dado. Em o dia seguinte, andámos desde o romper da alva, correndo ao longo da ilha do Fayal até depois do jantar, vendo o estrago que tinha feito o fogo, levantando um muro de pedra dentro do mesmo mar; queriamos dobrar o pico, mas como nos faltou o vento ficámos pouco distantes do pé delle, e tivemos logar de vel-o pela manhã coberto de nevoas até o meio, e, depois do jantar, todo descoberto, com uma fumacinha em o mais alto cume delle, que descobriamos, sem embargo de dizer o capitão não haver tal fumaça, me asseguraram depois outros que havia.

Foi singular providencia de Deus deter-nos lá a calmaria, áquella tarde, porque, indo-nos em o dia seguinte, ao cantar do gallo, correndo a ilha S. Jorge, deixando á mão direita a ilha das Flores, chegámos, aos oito de setembro, á ilha Terceira, onde ouvimos que, em o dia antecedente, tinham os mouros levado um barco em que ia o Padre Provincial dos religiosos de S. Francisco para a cidade, ficando nós na obrigação de agradecimento

a Deus Nosso Senhor, que, por via da calmaria ao pé do Pico, nos tinha livrado do perigo de alguma desgraça, porque se tivessemos cahido ás mãos daquelles barbaros, nos teriam pilhado sem duvida, porque a nau estava destituida de toda a defeza para resistir, nem tinha mais que duas roqueiras para se defender.

Verdade seja que a nau ingleza nos vinha acompanhando de longe, mas, como era em bastante distancia, podiam os mouros fazer comnosco seu negocio, e colher-se, com a presa, antes que a nau ingleza pudesse chegar para nos soccorrer.

CAPITULO 8º

TOMO A ILHA TERCEIRA COM O IRMÃO MARCOS, E DE LÁ PARTIMOS COM OUTROS QUATRO PARA O REINO EM UMA NAU FRANCEZA MAIS SEGURA

Aos oito de setembro, dia do orago de nossa egreja de Nossa Senhora da Luz do Collegio do Maranhão, desembarquei com meu companheiro, o irmão Marcos Vieira, em a ilha Terceira, para descansar um pouco em a cidade de Angra, emquanto se estava lá detendo nossa embarcação em que tinhamos vindo. Recebeu-nos o Padre Manoel dos Reis, reitor do Collegio, com muita caridade e cortezia e nos fez todo o bom agazalho, que em casa e quinta se póde fazer a uns hospedes que veem de longe; fomos fallar ao governador e ver a fortaleza, e ver a cidade toda, que contentou tanto ao irmão Marcos Vieira, que desejava de acabar lá a vida. Achámos em o Collegio o Padre Nicolau Teixeira, o qual se tinha livrado do triste naufragio da nau em que vinha do Reino o Padre Luiz Figueira, embarcado com dezeseis sujeitos para soccorrer esta missão, e se perdeu nos baixos de Tugioca, dando depois comsigo em jangadas entre os Aruans, os quaes os mataram a todos, tirando elle Nicolau Teixeira, que, por cima das espadas, saltou ao batel, já cheio de gente, com o Padre Francisco Pires, que foi ao Maranhão, voltando Nicolau Teixeira para o Reino, onde deu curso e prima de theologia com clareza e forma grandissima, e, depois de velho, foi mandado á sua terra, por visitador, ficando lá para honra do Collegio. Achámos tambem

que lá fallecera o irmão João de Almeida, francez de nação, o qual o Padre Pero Luiz, superior da missão, mandava para a provincia do Brazil. Disse-me o Padre Bento de Oliveira, depois superior da missão do Maranhão e reitor do Collegio do Pará que elle lhe assistira á morte, e fallecera com o grande exemplo de uma doença precedida de algum excesso com que se puzera a comer fructas, que pela ilha Terceira não faltam.

Tinha o veneravel Padre João de Almeida predito a este irmão que morreria em a companhia, como morreu, segundo Deus teve salvação.

Como vinhamos de Pernambuco em uma nau, em que vinha por mestre e capitão um nosso Pimentel, o qual não tinha defeza nenhuma, e ia arriscada de dar ás mãos dos mouros, que, por aquelle tempo, andavam desaforados, achei por melhor embarcar-me em uma nau franceza que tinha pazes com elles até para os passageiros. Mandou o Padre reitor Manoel dos Reis comsigo, como já professos, os Padres mestres, e Antonio Furtado, o irmão Saraiva, o irmão mestre Manoel de Lemos, que acabavam de ensinar em a Terceira, e ajuntou-se ao mais independente o Padre Gonçalo de Moraes, que tinha vindo do Fayal. Embarquei-me eu aos quatro de outubro, todos os mais aos....... mui providos pela liberal caridade do Padre reitor, e outras conchegas do paiz, cujos filhos tinham sido discipulos dos padres que me acompanhavam, e não faltou...... Provincial do Maranhão, com o seu grandioso mimo, que me mandou, por eu o ter, annos antes, provido em aquelle cargo, que pretendia se lhe tornasse a dar. Apenas começámos nossa navegação, quando, de repente, caimos enjoados todos, de sorte que não havia que o irmão Marcos Vieira que tivesse forças para nos valer ; o Padre Gonçalo de Moraes e o irmão Saraiva nunca sairam do camarote, ficando sempre deitados; os mais, commigo, iam sahindo e levando o enjôo com algum tanto mais alento.

De tudo tinhamos e tudo se dava liberalmente a pedir de boca, cada um conforme lhe appetecia a sua casta de enjôo.

No terceiro ou quarto dia, depois da festa do Seraphico S. Francisco, que como estes eram dias de cordão (como chamam) vimo-nos, de subito, acommettidos de um vento tão rijo e furioso,

que levantava ondas que pareciam montes de uma e outra banda, deixando uns valles tão profundos, que as ondas que vinham, uma após de outras, como lançando de si chammas de fogo, pareciam de haver de sepultar o navio com seus abysmos.

Um conego da Terceira, chamado Francisco de Sá, pediu logo confissão; eu, que só passeava pelo convez, logo o consolei, e encommendando a nau a Deus Nosso Senhor e á Virgem Senhora e a S. Francisco Xavier, não quiz avisar aos padres de dentro, do perigo, para lhes não metter medo antes do tempo.

Monsieur, o capitão da nau mór, e o piloto della, Fontayne, mandaram amainar as velas todas, deixando a nau á mercê dos mares; porém vendo eu que a prôa ficava toda submergida sem se poder levantar, aconselhei-lhes, dizendo em sua lingua, que sabia perfeitamente, tivessem grande confiança em Deus, e largassem uma vela do mastro da prôa para levantal-a. Fizeram-o assim, e logo se acharam remediados pouco a pouco até parar aquella furia do vento, com que fizemos o restante do caminho sem nenhum perigo até a barra da cidade de Lisboa. Chegados que fomos á vista da Roca, vieram encontrar-nos duas fragatas de Sua Magestade, que costumam de correr a costa, para maior segurança dos navios que pretendem de entrar.

Em o dia seguinte entrámos para dentro até defronte de Belém, onde lançámos ancora, mandámos buscar algum refresco da terra para tirar o enjôo, que por toda nossa navegação nos tinha molestado muito.

Logo depois chegou João da Rocha Mattos, procurador geral da mesma provincia (digo) caixeiro da provincia do Brazil, da parte do Padre Francisco de Mattos, procurador geral da mesma provincia, em busca de mim, e de meu companheiro, em cuja companhia fomos para o Collegio de Santo Antão, onde nos agasalharam, pelos 23 de outubro do anno de 1684.

Acabados os dias de hospedes, durante os quaes o Padre Francisco de Mattos regalou-me a mim e a meu companheiro, e ao Padre Agostinho Louzada, procurador da provincia de Portugal, dos que lhe pertenciam, fiquei com o irmão Marcos Vieira em o Collegio de Santo Antão, e o Padre Gonçalo de Moraes foi

mandado para ler philosophia em Evora, com Manoel de Lemos para estudar, e o Padre Antonio Furtado para ler curso em Coimbra, e o irmão mestre Saraiva para estudal-a.

CAPITULO 9º

VOU BEIJAR A MÃO A SUA MAGESTADE, E DOU-LHE CONTA DO LEVANTAMENTO DO POVO DO MARANHÃO CONTRA OS PADRES

Em o dia seguinte depois da minha chegada á Corte, fui com meu companheiro Marcos Vieira a S. Roque ver o Padre Luiz Alvares, Prepos.to dessa Santa Casa, e ao Padre confessor Manoel Fernandes, pela mesma manhã. De lá fui com o Padre Preposito beijar a mão a El-Rei D. Pedro, dando-lhe conta das causas da minha vinda, offerecendo-lhe por escripto uma breve e verdadeira relação de tudo o que se tinha passado com a nossa expulsão, para que a visse de vagar, e a désse a ler a seus ministros para consultarem do remedio; poucos dias depois tornei a fallar-lhe; recebeu-me Sua Magestade com muita benevolencia, mui sentido do desaforo de seus vassallos do Maranhão, dizendo poria logo remedio a tudo.

Eu, como achei Sua Magestade tão benevolo, não tardei de lhe pedir algum ministro com quem pudesse tratar os negocios que havia de lhe propor, e que este ministro, podendo ser, fosse Roque Monteiro Paes; respondeu-me logo que sim e deputou a Roque Monteiro, a quem lhe tinha pedido.

Eu fui, pois, ter com elle, pedindo-lhe quizesse tomar á sua conta este negocio da missão.

Era Roque Monteiro como unico valido d'El-Rei, a quem encommendava todas as cousas de maior importancia, por se fiar muito delle, e juntamente penitente do Padre João Madeira, que por aquelle tempo assistia em o collegio de Santo Antão, correndo com as obras da egreja com grande cuidado, e se me tinha offerecido para ajudar-me como amigo intimo para gloria de Deus e bem da missão do Maranhão.

Ouviu-me Roque Monteiro com muita attenção e cortezia, mas ao cabo quiz escuzar-se, e botar esta carga ás costas de um Cardozo Sampaio, do que eu já tinha noticia; porém respondi-lhe

que esse Cardozo Sampaio, se bem era homem de grande talento, não me servia a mim, portanto rogava a sua mercê que se não escuzasse, pois Sua Magestade m'o tinha assignado, e o escolhera Deus Nosso Senhor para ser segundo pai da missão do Maranhão, e assim o não havia de largar. Com isso rendeu-se e se poz com grande zelo a fazer os negocios della, conforme lhe mandava, e eu lhe fazia presente cada semana quando o ia visitar, valendo-me sempre do Padre João Madeira, seu confessor, que, póde-se dizer, o criara de menino, e elle o venerava como pae. Com isso, indo outra e mais vezes á corte encommendar a restituição dos padres a Sua Magestade, sahiu deputado por governador do Estado do Maranhão, Gomes Freire de Andrade, ao qual visitei muitas vezes, informando-o dos costumes e manhas da terra, e dando-lhe por escripto o modo com que se havia de haver com os moradores da cidade de S. Luiz, apontando-lhe os amigos da Companhia dos quaes se podia fiar, e com os quaes convinha que tratasse quando estivesse já ancorado em Araçagy antes de ir tomar o porto da cidade.

Aviou Sua Magestade a Gomes Freire com toda a pressa com um ouvidor geral, sem levar outras ordens que aquietar o Estado, e castigar uns dos mais culpados, e restituir os padres em suas missões, assim no temporal como no espiritual, conforme tinham estado antes de sua expulsão.

Partiu Gomes Freire de Andrade com seu ouvidor geral, Manoel Nunes, para o Maranhão, e chegado que foi com felicissima viagem ao Araçagy, onde os navios costumam de ancorar, vieram os do Maranhão com sua Camera a saudal-o, e elle, tendo recebido com toda cortezia á sua visita, mandou chamar os que já sabia ser homens de confiança pelas informações que levava, tendo com elles tratado o modo de sua entrada, fel-a, sem haver quem se atrevesse a oppôr a minima cousa, assim porque dispunha tudo com toda a prudencia, como porque tinha á mão a soldadesca trazida do Reino, resoluta a executar tudo quanto ordenasse, para quietação dos bons e castigo dos culpados.

CAPITULO 10

MEMORIAL DOS PONTOS APRESENTADOS A SUA MAGESTADE PARA SE LHES DEFERIR, SENDO SERVIDO

1. Que os Padres missionarios da Companhia de Jesus, tendo sido injustamente expulsados pelo amotinado povo do Maranhão, do governo dos indios, assim temporal como espiritual, daquella capitania, fossem restituidos, parecendo ser serviço de Deus e de Sua Magestade, pela mesma fórma que dantes estavam, pelas leis, porquanto sem isso não poderiam nem fazer, nem conservar as missões.

2. Que os indios das aldêas da repartição, que são os Boccas, e os vindos ultimamente para baixo, sendo de idade competente de servirem á republica, servissem dois mezes e descansassem outros dois, por seu pagamento costumado, que são duas varas de panno cada mez, e só se pudesse prolongar aquelle tempo quando fossem mandados ao cravo ou cacáo, se nem neste serviço pagassem o tempo, por si sómente, requisito para esses generos.

3. Que os novamente descidos se deixassem aldear e fazer suas roças, sem se poderem empregar em serviço dos brancos durante os primeiros dois annos que se lhes concederiam para se irem acostumando ao clima da terra.

4. Que não sirvam os meninos e meninas antes de chegarem á idade de poderem casar, para em aquelle tempo aprenderem bem a doutrina.

5. Que não servissem as mulheres casadas senão para darem de mamar e fazer farinha, pelo tempo que se julgar necessario, nem tambem servissem os velhos e velhas que passassem dos cincoenta annos de idade.

6. Que se tirassem e prohibissem os cubs, e que as aldêas que se fizessem de novo fossem de cento e oitenta ou quando menos de cento e cincoenta casas.

7. Que se prohibisse, sob graves penas, aos brancos e mestiços, de irem ás aldêas, sem especial licença, para tirar indios ou commerciar com aguardente.

8. Que, visto os collegios do Maranhão e Pará não terem com que se sustentar, fosse Sua Magestade servido dar ao Collegio do Maranhão a aldêa dos Guajajaras, em Meary, sobre o rio do Pinaré, por ser aldêa que elles desceram e com que gastaram muita fazenda, e ao Collegio do Grão-Pará a aldêa de Gussary.

9. Que, visto tambem os missionarios andarem continuamente de uma parte para outra, nem chegar a coisa de consideração o que lhes manda dar Sua Magestade, fosse servido dar a cada residencia trinta e cinco casaes para suas missões.

10. Que, como quer que a missão do Maranhão não tem renda, está habil e só se lhe dá uma congrua de tresentos e cincoenta mil réis annuaes, parte pelas baleias da Bahia, parte em os assucares, assim da Bahia como do Rio de Janeiro, e estes com umas condições bem pesadas, a primeira que antes de poder cobrar essa congrua, concedida para dez missionarios a trinta e cinco mil réis por cada um, fossem apresentadas certidões juradas, dos mais autorisados da terra, de como se não podem sustentar, e que tendo a missão de outra parte com que passar, seja Sua Magestade servido tirar aquellas condições, ou dar a dita congrua sem nenhuma restituição, para sempre, e como as missões e missionarios são muitos, quizesse Sua Magestade accrescentar outrotanto da congrua para outros dez sujeitos.

11. Visto terem-se concedido duzentos e cincoenta mil réis para vinte noviços sempre effectivos no Collegio do Maranhão, e ser isso impossivel effectuar-se humanamente fallando pelo grande numero de gente, e que isto chegaria em poucos annos sem haver com que sustental-o, fosse servido Sua Magestade diminuir o numero dos noviços, ou bem de reputar aquella congrua para outros sete missionarios, a trinta e cinco mil réis cada um, como os demais..

12. Que, visto os procuradores da fazenda real e outros se mostrarem difficultosos em passarem certidões do numero dos missionarios, requisito para cobrança das congruas, sem os verem presentes, baste uma certidão jurada do superior da missão, e quando muito com a do governador, para se mandar-

da-la de dois em dois annos aos ministros reaes, onde a cobrança das congruas se houvesse de fazer.

13. Que debaixo do nome de missionarios se entendam assim os irmãos como os padres que estiverem ou nos collegios ou nas missões, por se não poderem nomear uns sem outros.

14. Que, como o superior da missão deve forçosamente fazer grandes gastos em viagens de suas visitas, quizesse Sua Magestade mandar por provisão real aos governadores que lhes dêem cada anno ajuda de custo, como dantes se mandava dar por outra provisão assentada em os livros das alfandegas do Estado do Maranhão.

15. Que, porquanto se tem feito grandes gastos assim em a côrte como em outras partes com os padres expulsados, e estão cahidas algumas congruas pelos annos atrazados, sirva-se Sua Magestade mandar pagal-as com as atrazadas todas.

16. E como estão alguns missionarios dos que foram expulsados do Maranhão em o Brazil, sem terem com que tornar para a missão, mande Sua Magestade ao governador da Bahia que lhes dê todo o aviamento necessario para voltarem ás suas missões.

17. Finalmente, como os pobres indios não têm capacidade de requererem seu direito, assim para seus pagamentos de vidos por seus trabalhos, como para sua liberdade, seja Sua Magestade servido constituir procuradores dos indios para as capitanias, aos quaes possam recorrer em suas necessidades e oppressões, para lhes valer.

Esta é a substancia dos pontos que eu já tinha offerecido a Sua Magestade, antes da chegada do Padre superior Iodoco Peres ao Reino, tendo-os mostrado primeiro ao padre confessor e a toda a consulta de S. Roque, e tinha Sua Magestade aceitado com muita benevolencia, entregando-os a Roque Monteiro, para os consultar antes de se despacharem.

CAPITULO 11

DISPÕE O PADRE SUPERIOR IODOCO PERES AS COUSAS DA MISSÃO E EMBARCA-SE PARA O REINO COM ALGUNS SUJEITOS, QUE LEVAVA PARA ESTUDAREM, E REFERE-SE SUA VIAGEM COM O QUE OBROU ESTANDO EM A CÔRTE.

Em o anno 1685, deixando o Padre superior da missão Iodoco Peres ao Padre Antonio Pereira, que tinha chamado de sua missão dos Tapajós, por vice-superior da missão, e por vice-reitor do Collegio ao Padre Francisco Ribeiro, e ficando o Padre Antonio da Silva correndo tambem com os Tapajós, embarcou-se para o Reino, por conselho e instancia dos mesmos padres, na nau de S. Francisco, levando comsigo cinco irmãos para estudarem curso; a saber: o irmão Manoel da Costa, o irmão Ignacio Ferreira, o irmão Balthazar Ribeiro, o irmão João da Silva, o irmão João Xavier; ia embarcado com elles D. Rodrigo, irmão do governador Francisco de Sá. Partiram do Grampará aos dezesete de janeiro, e apenas partiram pela barra fóra quando emborrascando-se-lhes o tempo andaram quasi sempre com marés perturbadas, de sorte que se lhes abriu o navio, e fez tanta agua que perigaram as caixas de assucar, e se não podia vencer de muita; quasi continuamente a bomba, com a agua salgada, ia botando juntamente agua assucarada; e para maior seu trabalho houve grandes differenças entre os que iam, assim sobre seus particulares, como sobre os portos que lhes convinha tomar. Não escapou o Padre superior da missão, porque D. Rodrigo, religioso de S. Vicente, se tomou com elle sem nenhuma razão, mas, chamando Deus á sua conta e defesa o Padre Superior, ainda elle, antes de desembarcar levou algum castigo, e, chegado a terra, falleceu do modo que constou publicamente a todos.

Chegaram finalmente depois de muitos perigos e trabalhos a Setubal, onde o Padre superior desembarcou com os seus, depois de um breve descanço, e veio a Lisboa, para o Collegio de Santo Antão, e, passados os dias de hospedagem, repartio os sujeitos que trazia, mandando o irmão Ignacio Fer-

reira, o irmão Manoel da Costa, o irmão João Xavier para estudarem curso em Coimbra e os irmãos João da Silva e Balthazar Ribeiro para Evora.

Isto feito, foi-se a Salvaterra offerecer a Sua Magestade, que lá andava divertindo-se com a caça, um grande mappa, novo e bello, do grande rio das Amazonas, delineado e feito pelo Padre Aluizio Conrado Phelel, insigne mathematico, para ahi ver as terras e rios que tinha, desde o Pará até ao marco do cabo do Norte, pela costa, sita aquem do rio de Vicente Pinson, e pelo rio das Amazonas arriba até onde chega o districto destas conquistas do Estado do Maranhão. Alegrou-se Sua Magestade muito com o mappa, e o guardou em seu camarote, onde o vi depois sobre um bofete.

Dei parte ao Padre superior da missão do estado dos negocios della, e dos pontos que tinha offerecido a El-Rei, sendo que lhe não tinha encommendado outra cousa que a restituição dos padres a suas missões; folgou o Padre superior com todos os artigos e approvando-os muito, queria acrescentar ainda outros, mas como tocavam em ministros reaes do Estado, não se achou bom pol-os em papeis.

O nosso muito reverendo Padre Geral, informado da chegada do Padre superior á Côrte, mandou-me a mim que continuasse e que elle voltasse ao governo de sua missão visto ser excusada sua assistencia por muito tempo.

O Padre superior para excusar gastos ia e vinha para a cidade de Evora, e se vinha de tempos em tempos para a de Lisboa, e eu acodia aos negocios sem perder ponto, indo já fallar com Sua Magestade, já com os ministros, para lhes dar fervor; fazia-me Sua Magestade sempre muita graça, e dizia-me que viesse para lhe fallar quando me parecesse, pois sempre acharia as portas abertas; mandou-me tambem que me achasse em conselho sobre as cousas tocantes ao Maranhão, como fiz.

Tinha chegado á côrte Thomaz Beckeman mui... com o cargo de procurador do povo. Agasalhou-se em casa de um letrado, cunhado seu, e de lá já me offerecia partidos; mais El-Rei o mandou prender logo em casa da Inconfidencia, de onde sahiu e foi entregue a Gomes Freire, para elle o levar comsigo

ao Maranhão, e lá se lhe julgar sua causa. Levou-o, pois, Gomes Freire de Andrade, comsigo, preso, e como o dito Thomaz Beckeman era homem de certo... chegado que foi á ilha de Cabo Verde pedio licença de ir ouvir missa, confessar e commungar; alcançou a licença e aproveitou-se da occasião, escondendo-se, como dizem, dentro das gavetas dos ornamentos da sachristia para se valer do sagrado, o que não lhe servio muito, porque foi outra vez mandado em companhia de Eugenio Ribeiro, um dos procuradores do povo, mas amigo dos padres do Maranhão, para Lisboa, onde foi posto com elle no Limoeiro, em uma sala das menos apertadas. Vinham ambos com umas barbas crescidas a modo de homens hermitões da Thebaida, valendo-se de mim por saberem que eu assistia na côrte, e não lhes foi de pouco proveito, porque fallei por elles a João de Andrade, grande amigo do Padre João Madeira, applacando-o para que os não mandasse tratar mal.

Era Eugenio Ribeiro cunhado do Padre Manoel Borba, filho de Manoel Duarte, de Tapuytapera, nosso irmão; veio elle de Evora, acabado seu curso para ajudal-o naquella sua necessidade, agasalhando-se em casa professa de S. Roque, onde o empregaram uma vez a pregar a Paixão da semana santa, em Nossa Senhora do Loreto.

Correu com os negocios de seu cunhado Eugenio Ribeiro, ajudado sempre do Padre João Madeira, em sua............. mas como partiu com o Padre superior Iodoco Peres para o Maranhão, ficou outra vez á conta minha, que de tempo em tempo ia visitar tanto a elle como a Thomaz Beckeman, consolando-os e ajudando-os para com os ministros, a cujo cargo estavam, até os pôr fóra do perigo de morte, e alcançarem sentença de desterro sómente para Pernambuco, para toda a vida, e isto por muita adherencia; porque chegou João de Andrade um dia a dizer-me, que lhe pezava não ter mandado enforcar áquelle por cuja parte tanto instara o Padre Manoel Borba; porém eu disse-lhe que não lhe pezasse do bem que fizera e continuasse até o fim a obra de misericordia, tão co-principiada, com que deixou sahir finalmente sob fiança Eugenio Ribeiro, para ir tratar de seus negocios pela cidade de Lisboa,

até se embarcar para Pernambuco, logar de seu desterro com Thomaz Beckeman, e isto por muito favor, porque os queria mandar para Angola, ou quando menos para o Rio de Janeiro, se eu com o Padre João Madeira o não tivessemos trocado.

Chegaram tambem, em tempo de minha assistencia em a Côrte, dous presos do Pará, culpados ambos pela morte de um homem. Eram estes, um José Corrêa, filho de Agostinho Corrêa, governador que tinha sido do Maranhão, e outro, Clemente, filho do capitão de Pernambuco Furtado de Mendonça; a este accudi por traça... á caridade, com que os livrei da forca, da qual não haviam de escapar, e fiz com que os ministros os mandassem sómente desterrados para Angola, para onde foi José Corrêa, cuja filha, Maria Siqueira, casou com José de Souza, sobrinho do capitão-mór Hilario de Souza e de Maria Siqueira, sua mulher, morrendo o Clemente, em a torre de S. João, em principio de sua navegação.

CAPITULO 12

FAZ-SE MENÇÃO DE UMA CARTA DO PADRE IODOCO, SUPERIOR DA MISSÃO, FEITA COM CONSENTIMENTO DOS PADRES DO PARÁ, PARA SE OFFERECER Á SUA MAGESTADE, COM LICENÇA DE NOSSO MUITO REVERENDO PADRE, A ORDEM DE SE DESFAZER A MISSÃO, QUANDO SE NÃO ACUDISSE COM O REMEDIO AO QUE ALLI SE REFERIA.

«Diz o Padre Iodoco Peres, da Companhia de Jesus, superior da missão de Vossa Magestade em Estado do Maranhão, que obrigado em parte pela razão de seu officio, e em parte das molestias que lhe causaram alguns dos ministros de Vossa Magestade, partira, em fevereiro de 1684, do Pará para o Maranhão, onde, á primeira chegada foi preso em o Collegio, onde os mais missionarios estavam presos já cinco dias havia, pelo povo levantado, com guardas á porta; e pouco depois foi expulsado com os mais para o Brazil, e mandados em dous barcos, com obrigação de pagar fretes delles. O melhor delles levava 15 sujeitos, entrando o padre visitador; chegou á Fortaleza do Ceará e de lá se passou a Pernambuco, a salvamento; mas

outro menos bom, deixando seis sujeitos em a dita Fortaleza e continuando com outros seis a sua viagem, cahiu ás mãos de uns hereges da parte do norte, os quaes depois de o roubarem e atormentarem e a seus companheiros, com prisão, ferro, fogo e cegueira, os botaram em uma ilha deserta, de onde arribados ao Maranhão foram presos outra vez em casa de um secular, com uns soldados por sentinellas á porta, e mandados passar a Tapuytapera, de onde navegaram para a cidade de Belém, capitania do Grão-Pará.

« Alli achei tão perturbado o estado das cousas que os missionarios das aldêas já não podiam estar assistentes a ellas como parochos seus; e porque, para remedio de um tão grande mal, offereceram um memorial ao governador para que quizesse accudir e aquietar essas perturbações, lhes fizeram disso tão grande crime, que para julgal-o levantaram um juiz da Corôa contra todo o direito, e com descredito da mesma Corôa, onde deram tal sentença que tão sómente se podia esperar de um estado como este, em o qual guardar e não quebrar as leis ou viral-as de alto a baixo, mas ser ministro d'El-Rei e servo seu fiel e tratar da observancia dellas, é offender gravemente á Corôa e uzurpar a jurisdicção real; vendo os missionarios que, para não encontrar as leis de Sua Magestade, se expunham continuamente a grandes vexações, molestias e perigos de suas vidas, e que, em tal perturbação das cousas, não sómente não podiam satisfazer á consciencia de Vossa Magestade, nem á sua propria, nem ainda poderiam viver em paz e quietação religiosa, em razão das continuas vexações com que os perturbavam os ministros e vassallos de Vossa Magestade, obrigando-os a gastar mal o tempo, que tinham para se occupar em funcções dignas de missionarios apostolicos, correspondendo ás continuas calumnias e, falsos testemunhos e aleives, com que sempre estão perseguidos, o que comtudo não podem fazer sem provar que os autores delles são dignos de grande castigo, e obrar assim contra a brandura que estão professando;

« e como, além disso, estavam vendo ser cousa intoleravel morar em um Estado, em que são expulsados com tanta faci-

lidade, e que com tanta offensa da immunidade ecclesiastica e perda de seus bens, o que nem se lhes faz onde moram entre hereges, dos quaes são tratados menos mal que dos christãos deste Estado, e não podem allegar outra cousa de todos estes males, que defenderem os indios injustamente opprimidos, e apertarem com a observancia das reaes leis de Vossa Magestade;

«vendo, digo, os Missionarios todas estas cousas, resolveram, com commum sentimento de todos, que, alcançando primeiro o beneplacito e consentimento de Vossa Magestade, pudessem efficazmente e com grande instancia da seu proposito geral, desfeita esta missão, serem mandados os seus missionarios para onde vos parecesse melhor, sem embargo de verem em quão miseravel estado havia de ficar e desamparado, o novo rebanho de neophitos, pela razão da ausencia de seus parochos, porque tambem os apostolos desampararam a Judéa pela razão semelhante, conforme o aviso de Christo que diz assim: si vos perseguirem em uma cidade fugi para outra, e deixeis tudo á disposição da Divina Providencia; e esta foi tambem a causa por que os missionarios, de commum consentimento decretaram que o mesmo Superior da missão se fosse á Côrte, e botando-se humildemente aos reaes pés de Vossa Magestade, lhe pedisse pelas chagas de Christo, por petição offerecida, quizesse pôr os olhos sobre os seus humildes missionarios, que, sem fructo e sem esperança delle, estão padecendo tanto e tão graves molestias que humanamente não têm remedio, e dar-lhes licença para solicitar de seu proposito geral a dissolução da missão do Maranhão, em o que conheceriam ter recebido de Vossa Magestade uma singular mercê.»

Esta é a petição que o Padre Iodoco Peres, superior da missão, com consentimento dos mais padres missionarios do Pará, queria ir offerecer a Sua Magestade, para delle alcançar licença para pedir ao nosso muito reverendo Padre Geral por outra petição para que quisesse desfazer a missão do Maranhão; mas como eu, mandado por procurador dos negocios da missão á Côrte pelo Padre Alexandre Gusmão, agora provincial da Provincia do Brazil, approvado por nosso muito reverendo Padre,

não segui esse parecer, não foi offerecida esta petição pelo Padre superior da missão, nem se tratou mais della por aquelle tempo. Não se relatam aqui as razões que com o mesmo intento mandaram para Roma, porque como, pouco mais ou menos, são as mesmas que vão em a petição para Sua Magestade, é cousa escusada querel-as aqui repetir.

CAPITULO 13

O QUE OBROU GOMES FREIRE DE ANDRADE EM QUANTO GOVERNOU O ESTADO DO MARANHÃO; COMO ATALHOU O MOTIM DO MARANHÃO

Emquanto essas cousas se tratavam pela Côrte de Lisboa, ia Gomes Freire de Andrade tomando posse do governo do Estado do Maranhão e executando as ordens reaes que comsigo levava.

Succedeu-lhe felicissimamente a sua entrada em a cidade de S. Luiz, em cuja praça mandou logo pôr soldados que comsigo tinha trazido do Reino, não dando nenhum logar ás cabeças do motim de alterar o povo para se lhe oppôr como (conforme dizem) queria fazer Manoel Beckeman; portanto, vendo-se este desamparado dos mais que o medo do castigo ia reprimindo, retirou-se para o seu engenho do Meary, sem apparecer deante de ninguem, salvo fossem pessoas de muita confiança.

Posto, pois, Gomes Freire de Andrade de posse pacifica de seu governo, e recebido seu ouvidor geral, Manoel Nunes, com muita paz e quietação sobre o que se podia esperar, começou-se uma devassa sobre o lamentavel levantamento do povo para se descobrirem os cabeças delle; porque como tinha sido não só contra os padres da Companhia, mas tambem contra o estanque, e o, que mais é, contra o mesmo governador Francisco de Sá, quiz Sua Magestade houvesse algum castigo, se não de todo o povo amotinado, ao menos dos que tinham sido cabeças e autores delle.

Feita a devassa, acharam-se mais culpados de todos Manoel Beckeman, Jorge de Sampaio, escrivão da ouvidoria, e Francisco Deiró............ do povo, e além destes alguns menos culpados, como Thomaz Beckeman, Eugenio Ribeiro, Melchior Gonçalves e outros poucos. Os tres primeiros foram condem-

nados á forca, que se levantou em a praia da banda do armazem; o que primeiro foi enforcado foi Manoel Beckeman, o qual, conforme me contaram, morreu bem; a este seguiu Jorge de Sampaio, o qual ainda que já posto junto á forca, não se tinha persuadido que houvesse de morrer, até que o ouvidor geral lhe intimou tambem a mesma condemnação, com que desenganado foi morrer enforcado junto a Manoel Beckeman; pediram perdão se tinham offendido a alguem, mas mais segura fora sua salvação se tivessem tambem pedido perdão aos que tão gravemente tinham agravado; mas Deus que é de misericordia os tenha ambos em o Céo.

Como quer que Francisco Deiró tinha fugido, foi enforcado em estatua; Thomaz Beckeman e Eugenio Ribeiro se mandaram para o Reino, e tambem se desterrou a Melchior Gonçalves e os mais se castigaram pela bolsa, conforme a gravidade maior ou menor de suas culpas; alguns foram perdoados por descobrirem ou entregarem os que se buscavam. Lazaro de Mello descobriu e entregou Manoel Beckeman, ao qual foi prender em seu engenho, sob capa de compadre, e o trouxe para a cidade; porém não houve quem lhe approvasse a acção, e parece que até o Céo a levou em mal e a não quiz deixar sem algum castigo ao menos nesta vida, porque, estando elle em sua roça, encommendando-se á Virgem do Rosario com as contas á mão, querendo desempedir não sei que impecilio da moenda de sua engenhoca, foram correndo os bois de tal maneira que o pobre foi apanhado pela cabeça entre dous paus atravessados, onde sem nenhum remedio ficou enforcado e miseravelmente morto, mas com signaes de sua salvação por estar com o santo rozario ás mãos.

Jorge de Sampaio para se dar por mais seguro tinha ficado em a cidade e ido beijar a mão ao Sr. governador, como quem estava innocente do caso do motim, por isso cahio ás mãos da justiça sem nenhuma dificuldade, e como Manoel Becheman e Francisco Deiró iam retirados, prometteu o governador perdão a quem os apanhasse, e supposto parecia que se não acharia ninguem que os quizesse prender, muito menos entregar a um castigo de morte, comtudo como dito fica, não faltou quem

prendesse e entregasse a Manoel Beckeman com a traça seguinte:

Chegou o capitão Lazaro de Mello ao engenho de Manoel Beckeman como amigo antigo, compadre, e, para melhor dizer, filho da casa, por se criar desde menino no Meary, e ir com seu pai á cada passo ao seu engenho; este, como soube que chegara seu compadre, do qual nem sombra tinha de suspeita, logo appareceu diante delle e lhe perguntou que nova trazia da cidade. Dissimulou Lazaro de Mello e fingio que não sabia de nada, até que vio que já tinha segura a caça que tinha vindo buscar, então pegando nelle com os mais que o acompanhavam, disse-lhe fosse preso da parte de Sua Magestade; Manoel Beckeman, vendo-se apanhado desta sorte, de sobre salto e sem armas, não poude deixar de entregar-se á prisão, sómente extranhou ao capitão Lazaro de Mello que, sendo criado á sua vista e seu compadre, o entregava á morte, sem reparar em seu credito, nem amizade antiga; pois foi levado preso para a cidade, e posto em a enxovia com Jorge de Sampaio. Fez-se diligencia para apanhar-se tambem Francisco Deiró, e prometteu-se a liberdade a seu escravo se o entregasse á justiça, mas nem com isso se achou quem tal quizesse fazer; com que foram só enforcados dous, Manoel Beckeman e Jorge de Sampaio, e Francisco Deiró em estatua, como fica referido.

Francisco Deiró andou escondido pelas mattas e sua roça, até que annos depois alcançou perdão, tendo tambem eu escripto por elle, por me mandar varias vezes pedir essa caridade, quando ouvio que por meu respeito tinha El-Rei perdoado aos clerigos culpados.

Com esses exemplares castigos, ficou quieto o Maranhão, e quando se soube disto no Pará, pelas cartas do governador Gomes Freire, mandou o Padre Antonio Pereira, vice-superior da missão, o Padre Sebastião Pires e o irmão Manoel Lopes, aos quaes o governador Gomes Freire, em presença da Camera e povo todo, restituio o seu Collegio de Nossa Senhora da Luz, e todas suas missões do Maranhão; e posto isto assim em socego e quietação, se passou com o ouvider geral para a capitania do Grãopará, succedendo a Francisco de Sá, que logo, com muita honra

que se lhe fez, partio para o Reino, onde Sua Magestade, vendo-o maltratado e achacoso, o mandou para sua casa, como compadecido delle.

Houve-se Gomes Freire por todo o tempo de seu governo com tanta prudencia e cortezia para com todos, que os moradores o adoravam e escreviam delle mil louvores para a Corte; honrava a todos, conforme as suas qualidades, não tinha nada de cubiçoso, vindo-lhe de Lisboa tudo quanto gastava em o Pará, onde não admittia presentes, e muito menos peitas; com que foram tão grandes os gastos que fazia, que o seu sogro Ambrozio Pereira, encontrando-se muitas vezes em casa de Roque Monteiro commigo, me dizia que instava para que Sua Magestade lhe desse logo successor, para não estar obrigado de gastar tanto de sua fazenda; vendo pois Sua Magestade que bastava a assistencia que Gomes Freire de Andrade fizera em o seu Estado do Maranhão, para pol-o em quietação, despachou por successor delle a Arthur de Sá, ao qual eu logo fui visitar em os palacios do visconde de Bar......, dando-lhe os parabens do seu novo governo, do que ficou muito satisfeito.

CAPITULO 14

PARTE O PADRE IODOCO PERES, SUPERIOR DA MISSÃO COM O GOVERNADOR ARTHUR DE SÁ E MENEZES PARA O MARANHÃO, EM OCCASIÃO DA FROTA.

Estava Sua Magestade summamente satisfeito do governo de Gomes Freire de Andrade, e tomara fosse continuando nelle; mas como o desinteresse em que vivia lhe gastava muit fazenda de sua casa, e alem disso gosava de pouca saude, ausente de sua familia, quiz allivial-o, mandando-lhe por successor Arthur de Sá e Menezes, em a frota do anno 1687. Em quanto se estava aviando para sua viagem com Miguel da Rosa, a quem se dou a becca de desembargador, para ir com mais autoridade com o cargo de ouvidor geral, o Padre Iodoco Peres, superior, resolveu acompanha-lo. Comprou o Padre Francisco de Mattos, procurador geral da provincia do Brazil por ordem do Padre Iodoco Peres e com o irmão Marcos

Vieira, os ornamentos de téla para o Pará, na rua Nova, de um mercador fulão Cardoso. A téla vermelha provou bem, mas a branca logo se foi desfazendo por ser de palha (conforme dizem), mas isto sem culpa do mercador, que mesmo o não sabia. Fui eu, entretanto, muitas vezes a Sua Magestade, e instei tanto com Roque Monteiro, que finalmente alcancei parte dos papéis tocantes á restituição dos padres e governo dos indios, despachados a meu desejo; entreguei-os ao Padre superior da missão, o qual agradecido se foi despedir de Roque Monteiro, e lhe fez presente de um bello S. Francisco Xavier, que estimou summamente por ser grande devoto seu, por te-lo livrado de um grande mal da garganta, que parecia incuravel.

Levou o Padre superior Iodoco Peres em sua companhia o Padre Manoel Borba, o Padre Antonio Coelho, e Antonio da Fonseca, e um irmãosinho chamado Xavier, que depois foi despedido. Levava Arthur de Sá ordem de se não metter de posse do governo até partir Gomes Freire, fidalgo de maior esphera, e de maiores postos que occupara na milicia, e mais que as cousas dispostas em leis se vizasem, para se lhes pôr alguma moderação, se assim parecesse conveniente.

Logo que Arthur de Sá chegou com feliz viagem ao Maranhão, tomou posse antes do que lhe fora ordenado, em o que dissimulou prudentemente Gomes Freire. Puzeram-se em um papel á parte as moderações feitas acerca do governo dos indios, as quaes o Padre superior da missão subscreveu com os de mais, supposto era de contrario parecer, e de tudo me avisou, como achei que eram couzas de pouca substancia e todas para maior autoridade dos governadores, não me pareceu bem bolir com ellas.

Estava o Padre Sebastião Pires em a aldêa, quando o Padre superior chegou ao Maranhão com quatro seus companheiros, agazalhando-os o irmão Manoel Lopes com tanta falta de tudo que nem rêdes, nem candêas, havia em o Collegio, e foi necessario mandar á casa de Gabriel Pereira, nosso procurador, tomar tudo de emprestimo; veio o Padre Sebastião Pires da aldêa, e como ainda não tinha aberto as portas da egreja por publico, pela falta de sacerdotes, abriram-as em dia de Paschoa da Resurreição com toda a solemnidade.

Tomou o Padre superior contas aos procuradores, e nenhum as deu melhor que Gabriel Pereira, que tinha corrido com a roça com grande proveito do Collegio, e uma das couzas em que se signalou e mereceu singular louvor e agradecimento, foi animar e ajudar ao Padre vice-reitor Sebastião Pires, que o Padre Antonio Pereira, vice-superior da missão, em ausencia do Padre Iodoco Peres, para o Reino, tinha mandado ao Maranhão com o irmão Manoel Lopes, para tomar posse do Collegio e missões daquella banda, depois de ter o governador Gomes Freire aquietado tudo, e cercar todo o quintal de um bello muro de taipa de pilão, formado sobre firmes alicerces de pedra, comprando uns chãos da banda de Santo Antonio, pertencentes á Nossa Senhora do Carmo para correr mais direito; estava esse muro já meio acabado á chegada do Padre superior da missão; poucos mezes depois se acabou de aperfeiçoar de tudo.

Tendo os governadores acabado o que Sua Magestade ordenara, despediu-se Gomes Freire do governador Arthur de Sá, fugindo dos mimos e cortezias que lhe queriam fazer, e foi-se embarcar como ás escondidas; o que não lhe valeu, porque todos os magnatas, cameras e religiões o forão seguindo à ponta que chamam do Mel, e lá lhe mostraram os sentimentos de sua partida, animando-o com seus prezentes, e cortejando-o mais do que nunca tinham feito a nenhum governador. Nem ha que espantar-se disso, porque o estimavam tanto que o sargento-mór João Pereira, marido de D. Catharina, nossa irmã, mandou-me um elogio de seus procedimentos, para Lisboa, tal que o entreguei ao Padre Sebastião de Magalhães, por eu estar de partida para outra parte, e não o poder levar em pessoa para que o entregasse a Sua Magestade, porque dizia maravilhas da prudencia e desinteresse de Gomes Freire, sobrepropondo-o a todos os governadores passados, e concluindo, ao cabo, que tal era o amor com que todos o queriam, que até seus castigos (não se pode dizer mais) approvavam como castigos de pae para filhos. E bem mostrou a camera do Pará, onde mais tempo assistio, ser tudo de facto assim, porque para mostrar quão satisfeita ficara de seu governo, o mandou retratar em Lisboa, em um

bello painel, com suas molduras ricamente lavradas e douradas, em lembrança eterna delle, e do amor que lhe tinham.

Tudo isso e muito mais ainda merecia, porque aquietou prudentissimamente o Estado do Maranhão ; verdade seja que não faltou quem lhe invejasse tanto puro amor, porém julgo que não tinham razão e que merecia ainda muito mais em aquelle tempo, pelo que tão fidalgamente tinha obrado.

CAPITULO 15

DISPOE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO AS COUSAS DAS RESIDENCIAS, E MANDA AO PADRE JOÃO MARIA GORSONY A TROPA DO RESGATE AO SERTÃO.

Estava em o Maranhão como Reitor o Padre Sebastião Pires, o qual se deixou em o seu governo com o Padre Antonio Coelho, que depois foi para a aldêa de S. José ; continuou o Padre vice-reitor o seu muro, pelo qual merece um eterno louvor ; em o Pará estava por vice-superior o Padre Antonio Pereira, e vice-reitor o Padre Francisco Ribeiro, e a este se deixou continuar em seu governo, e o Padre Gonçalo Pereira se mandou para o cabo do Norte ; em Mamayacú ficou o Padre Antonio da Cunha, acudindo aos Tupinambazes; em Mortigura estava o Padre Aluizio Conrado, o qual pouco depois se mudou, succedendo-lhe o padre Manoel Borba ; em o Cametá se poz o Padre Gaspar Misseh vindo dos Ingaybas, e succedeu-lhe ahi o Padre Antonio da Silva ; o Padre João Maria estava em Xingú, e o Padre João Carlos em Gurupatyba, onde assistio até lhe vir patentes do reitorado do Collegio de Santo Alexandre em o Grampará ; emquanto assistio em aquella aldêa mandou vir do Reino bellos ornamentos de chamalotte, com custodia e outras couzas para o serviço decente de sua egreja, que levantára, com casas novas ; ficou essa aldêa de visita até finalmente ir para lá outra vez o Padre João Maria Gorsony alguns annos depois, como tudo se dirá em seu lugar.

Tinham os moradores do Estado do Maranhão, por via de suas cameras, representado a Sua Magestade a grande necessidade em que se achavam, e como quer que os escravos além

de custar muito lhes fugiam ou viviam muito pouco, e assim convinha haver aldéas de administração ; achou-se em conselho seu requerimento mui ajustado, e já vinha Sua Magestade em o que pediam, com tanto, porém, que os missionarios que fossem em busca daquellas aldêas de administração, fossem os padres missionarios da Companhia de Jezus, e que elles mesmos os administrassem em aldêas que só estivessem apartadas das fazendas em tal distancia que commodamente pudessem os indios e indias chegar ao trabalho pelas manhãs e voltar á boca da noite para suas casas, e que queixando-se os indios do mau trato que se lhes désse, achando-lhes os missionarios razão, os mudassem para as aldêas de El-Rei.

A essas disposições respondi e repliquei com toda sujeição, em meus papéis, que agradecia muito a Sua Magestade a confiança que fazia nos padres missionarios da Companhia de Jesus, porém representando-lhe como isso teria seus inconvenientes mui grandes, e portanto pedia quizesse Sua Magestade ser servido deputar para descidas e governo dessas aldêas de administração outras pessoas, ou religiosas ou ecclesiasticas, que fossem achadas de satisfação e capacidade para esse fim ; porque como os povos do Maranhão e Pará tinham ogerisa contra os padres missionarios da Companhia de Jesus, haviam de cuidar facilmente que elles os não queriam trazer para baixo, quando caso fosse que se não achassem indios que se quizessem descer ; e quando acontecesse que os repuzessem nas aldêas de El-Rei pelo mau trato que lhes dessem os senhores das fazendas, haviam de dizer que os padres obravam por paixão, dando mais credito aos indios que a elles ; e isto ainda mais facilmente quando se obrigassem a guardar o que se dispunha sobre a distancia daquellas aldêas, e sobre as idas e vindas dos indios para as fazendas, em tempos que commodamente não podiam ser, porque se os indios haviam de vir pela manhã ao trabalho não poderiam chegar á tempo a elle, e se á boca da noite haviam de voltar para suas casas, não poderiam acabar sempre a tarefa que forçosamente era necessario acabar-se naquelle dia de fazer.

Por isto pedi humildemente a Sua Magestade quizesse commetter a outros a descida e governo das aldêas de adminis-

tração, porque deste modo ficariam os padres missionarios bem com os moradores, e muito melhor ainda quando por sua costumada caridade fossem com licença doutrinar e desobrigar as ditas aldêas. Estando entretanto o negocio nestes termos mudaram os homens do Pará de parecer, e escreveram a Sua Magestade que antes lhes convinha ter entradas para os sertões para escravos, com que desistio El-Rei de lhes querer conceder aldêas de administração, sendo que o governador Francisco de Sá com Joanna de Mello, por via de um seu mameluco, tinham já descido uns indios da aldêa de Gossary para Muruype, onde hoje estão ainda alguns delles, escapos das bexigas e catarros, que mataram grande parte delles.

E então se fizeram grandes instancias afim de que Sua Magestade tornasse a abrir os sertões para os resgates, allegando que os moradores não podiam passar sem escravos da terra, e que se os francezes os faziam pelo cabo do Norte e os tapuyas os haviam de comer, melhor era os fizessem os vassallos da coroa para se servirem delles por seu justo preço.

Com estas e outras semelhantes razões que foram representadas, Sua Magestade tomou seu conselho sobre a materia, e mandou examinar os modos com que legitimamente se pudesse proceder. Examinado tudo pelos letrados, juristas e theologos, concedeu licença, conforme se diz, em a sua lei. Uma só cousa se poz em que eu nunca vim, e foi o modo com que mandavam fazer estes resgates da fazenda real, e cobrar-se os pagamentos delles pelo rateamento que na lei se aponta, e mais as contas que de tudo se mandava que désse o dito superior, porque era isto uma cousa difficultosissima e contra o que permittia nosso estatuto, além de muitas outras razões que aqui se não allegam.

Deputou-se, pois, uma tropa para os sertões do rio das Amazonas no anno de 1683, em que iam por cabo o capitão André Pinheiro e o Padre João Maria Gorsony por missionario, deixada por um pouco de tempo a sua missão de Xingú, onde estava tratando de descer os Guahuaras, que era uma nação de lingua geral, de umas vinte aldêas postas pelo interior do sertão. Partiu esta tropa para os rios Urubú e Negro, e além de fazer

muita escravaria, descobriu duas minas de ouro e prata, uma no rio Urubú, outra no Jatumã, da banda dos Jamundazes.

Tomou o cabo da tropa logo posse dellas da parte de El-Rei, pondo-lhe as armas reaes ; a do Urubú chamou da Conceição, e a outra, do Jatumá, do Sacramento, mandando sob graves penas que ninguem as damnificasse, e trazendo quantidade de mineral assim de uma como de outra, do qual se mandou alguma amostra a Sua Magestade, e delle fez o ouvidor geral Miguel da Rosa continuas experiencias, aproveitando-se da occasião, assim no Pará, todo o tempo que lá assistio, como depois no Reino, onde se deu por entendido em aquella materia de fundição de mineraes.

O mineral do Urubú é todo em pedra e eu ouvi dizer de pessoa digna de fé, que indo em descobrimento de outro mineral para banda do Oriente, déra com o mineral de Jatumá (digo) dera com um rio ou igarapé não muito fundo, o qual tinha ouro de lavagem em quantidade.

O mineral de Jatumá é tambem em parte pedra, mas a maior parte é a modo de umas moedas brancas como de prata, postas em uma terra pretissima que parece tejuco, mas não é tejuco verdadeiro, porque delle se faz mui boa tinta de escrever.

Por aquelle tempo já havia muito que o Padre Samuel Fernandez Fritz, Bohemio da provincia austriaca, estava sozinho por missionario dos Cambebas, vindo do Quito, com dous padres tambem allemães, os quaes tinham as missões mais para riba e como adoeceu gravemente, nem podia pela muita distancia ir curar-se com os seus companheiros, soube dos indios que em o rio Negro andava um missionario da tropa dos portuguezes com que se resolveu de vir-se valer delles. Não foi frustrado de suas esperanças, porque o capitão-mór André Pinheiro e o Padre João Maria o agazalharam e curaram com muita caridade, que não tinha palavras para mostrar o seu conhecimento quando fallava daquella materia ; e porque frei Theodozio da Veiga, que com licença do Padre superior Iodoco Peres, estava sobre o rio Urubú, se houve com elle com a mesma caridade, tambem delle dizia mil bens ; e porque o Padre Samuel Fernandes não tivesse

detrimento na dilação de sua cura, foi mandado logo para baixo a tratar de sua saude, que em breve cobrou, pelo bom agasalho que lhe deram os nossos padres no Collegio do Grãopará. Algum tempo depois de sua chegada, veio tambem a tropa para baixo, rica de escravos e mineraes, com que se alegrou o Estado, e com muita razão, porque tendo-se repetidas vezes buscado por ordem de El-Rei dom João o 4°, de gloriosa memoria, as minas de ouro e prata, sem se acharem, depois de feitos grandes dispendios, foi grande dita acharem-se tão grandes thezouros em terras das conquistas de Portugal para maior enriquecimento dellas, sem ter custado um só vintem á fazenda real; puzeram-se logo varios a querer fundir o mineral, e mandou-se amostra delle para o Reino, onde foi muito acéito.

O que mais se assignalou na fundição delle foi Miguel da Rosa, desembargador e ouvidor geral, o qual mandou fazer uma forja em que se occupavam com elle dois negros seus, ficando, entretanto, atrazados os papéis das partes, de tal sorte que muitas causas se acharam indecisas para seu successor, que logo lhes deu vasão a todas ellas. Curou-se o Padre Samuel, no Collegio de Santo Alexandre, e estando já muito melhorado foi convalescer de todo na residencia do Maracanã, em companhia do Padre Gaspar Misseh. De lá voltou ao Pará, onde esteve até resposta de Sua Magestade Dom Pedro, de gloriosa memoria, a quem se tinha dado conta da sua vinda e da razão della. Importunou-me bem o padre muitas vezes............. já superior da missão para que lhe desse licença de ir ao Reino e de lá a Castella, para que, com as naus que cada anno partiam para Cartagena, voltar a Quito, e finalmente para a sua amada missão dos Cambebas, allegando a grande perda de almas que causava a sua dilatada detensa. Mas eu sempre o consolei, dizendo-lhe que, visto ter dado parte e aviso a Sua Magestade, não lhe podia dar a licença que pedia, mas havia de esperar sua resposta, que sem duvida viria no primeiro navio. E assim foi, porque El-Rei, informado, mandou logo que o padre fosse restituido á sua missão, á custa da sua real fazenda, dando-se-lhe o que pedisse, assim para sua viagem como para mais provimento seu.

Executou o governador Antonio de Albuquerque pontualmente esta ordem e mandou-o em canôa grande, bem equipada de remeiros e provida de soldados para sua segurança, indo por cabo Antonio de Miranda, o qual depois, por esse serviço, foi provido em o posto de sargento mór do Estado.

O padre reitor do collegio de Santo Alexandre, João Carlos Orlandini, tambem lhe fez matalotagem, conforme as ordens por mim deixadas, e mostraram-se para com elle mui liberaes em ferramentas para os indios. O capitão-mór Manoel Guedes Aranha e o capitão-mór André Pinheiro, seu muito affeiçoado, que elle chamava «el caballero André Pinheiro», pol-o na missão com grão contento dos indios todos, os quaes tendo-o por homem santo sentiram muito a sua ausencia e com razão, porque, como elle mesmo me confessou, não sentiam as molestias do inimigo infernal emquanto elle lhes assistia, nem necessitavam de curas dos seus pagés ou feiticeiros, porque resando elle as orações da egreja sobre os doentes, convalesciam por virtude dellas. Approvou muito a nossa doutrina e *visita*, e a quiz trasladar, dizendo era melhor que a sua, dos missionarios castelhanos, e improvando-lhe eu de elle baptisar em partes tão remotas, com perigo de se profanar o baptismo por falta de missionarios, respondeu-me que baptisava os meninos e adultos capazes, e que elle escrevia pela manhã para de lá virem homens zelosos para lhe succederem. Encommendei muito a Antonio de Miranda para que não fizesse peças em sua volta para o Pará; mas elle trouxe muita gente, a qual examinada por mim em o Maranhão, diante do governador e ouvidor geral, ficou forra toda, por se captivar em guerra injusta que elle lhe tinha dado. Pareceu comtudo á junta que se haviam de repartir entre aquelles soldados como gente forra, mas a mim me pesou sempre o ter consentido em tal repartição, porque agora entendo ter sido em prejuizo da sua liberdade.

CAPITULO 16 (*)

APPLAUDO DA PARTE DA MISSÃO DO MARANHÃO Á SENHORA PRINCEZA COM O POEMA SEGUINTE, POR TER MORTO UM JAVALY EM SALVATERRA, INDO Á CAÇA COM EL-REI, SENHOR SEU PAE

Serenissima Lusitana Principi, Elisabethæ Mariæ Franciscæ: Aprum in venatione de Salvaterra supplici glande occidenti splendunt sequenti carmina caulas maramonenses musa, 4 Martii, anno 1685.

Inclita dum Lysia princeps Francisca superba
Casta puellaris facta Diana chori est,
Et juga per nimiorem Salvaterra quis nemina terram,
Insequitur varias cum Pater natas feras;
Se circum lepores damas, servosque fugaces,
Cernit ad aspectus vertere Tagus suus,
Salus aper canibus cæne alatrantibus actus.
Horrida, vulnifica prœlia deinde movet.
Illa, puellarum timida, fugiente cohorte,
Sistite, ait, celeres ne commitante gradus;
Non retro licet pedem, decus est mihi prima ferarum,
Est de cujus pereat Princeps ictu manu...
Glandes amares nostris aper est, cito promito glande,
Pro quibus ut moritur glandibus intereat.
Dixit et arreptis constans sibi fortiter armis,
Fredentem supplici glande peremit aprum.
Obstinet omnes facinus, mirabile dictu,
Credidit et natas vix Pater esse sua.
Plaudet nunc hilares, Musa, sacer, inquit Apollo,
Plaudat et alterius curia lata choris;
Amplius imbelles sic lux est dixisse puellas.
Cum superet fortis nostra puella viros.
Illius sese manu valida, fera se recumbit,
Terribilis gemina glande peremptus aper,
Unicus hic blandam reliquis minantibus, hostem,

(*) Onde mais avultam as incorrecções da copia manuscripta, que serviu para esta impressão.

(*N. da R.*)

Expertus: rigida morte necatus obit.
Est etenim immundum pecus hoc, sed munda Diana.
Cui sequidem minimi duplicata umbra mali.
Quod q' necessa fuit facile ut genus omne ferarum
Flecterit, interit, subdita colla suis,
Hinc dama et lepores, servi atque cuniculus una
Illius apta sunt inter ipse manus,
Scilicet ut vitam peragerit sic mortem perennem,
Ut q' que ante fato nobiliore more,
En mulier fortis Salamon quam quærit et actas
Nostra tulit: fortem nam sua facta probant.
Hinc nihil in toto est igitur prœstantius orbe.
Et etiam sunt meritis inferiore suis.
Est minus extremis pretium licet adsit ab oris
Quippe petit mundi finibus ulterius.
Ulterius nihil est nihili, sit Deus ipse: quid ergo,
Est dea digna sua nostra Diana Deo,
Digna est atque hunc complexa petenter
Corporis atqu' animi virginitate rapit.
Ille q' tam miram virtutis præmia factus
Casta triumphantis pectora virtus amat.
Hinc merito post huc totus consinet orbis,
Est dea digna suo nostra Diana Deo.

CAPITULO 17

DOU OS PARABENS A SUA MAGESTADE POR SEUS ESPOSORIOS E O ACOMPANHO COM O PADRE SEBASTIÃO DE MAGALHÃES PARA A NAU QUE TRAZIA A SENHORA RAINHA

Estando eu assistindo continuamente em a Corte para boa expedição dos negocios da missão, não tratei de ir á Roma, sem embargo de me escrever o Padre provincial de minha provincia gallo-belgica, o Padre Gisterio Payen, o qual tinha sido noviço repetente e theologo commigo, que lá me esperavam, lendo entretanto umas cartas minhas, que o muito reverendo Padre geral lhe dera a ler. Concluiu-se o esposorio de Sua Magestade com a senhora Princeza neoburgica D. Maria Sophia Isabel, pelo que fui logo beijar a mão a Sua Magestade para lhe dar os

parabens, dizendo-lhe que esta vez não vinha para tratar meus negocios com Sua Magestade, mas sómente para lhe dar esses parabens, e isto com muita razão, porque assim como quando El-rei Salomão tinha recebido de Deus a sabedoria, estimou-a tanto que disse que com ella lhe tinham vindo á casa todos os bens, assim Sua Magestade tendo-se esposado com a senhora Princeza Maria Sophia, lhe havia de vir para sua Côrte todos os bens de uma real successão, isso não tão sómente por se chamar Sophia ou sabedoria, mas por ser muito virtuosa e temente a Deus, principio de toda a sabedoria verdadeira. Aceitou Sua Magestade os parabens com grande gosto e agrado e disse que, passadas as muitas occupações do apparelho para o recebimento devido da senhora Princeza de Neuburg, daria-se expedição aos negocios da missão do Maranhão. Depois disso, fui-me a Gomes Freire de Andrade, visitando-o primeiro em a nau em que vinha chegado para o Reino, e depois em suas casas, em que se agasalhara, sob palha vã, dando-lhe as boas vindas e agradecimentos pelo muito que obrara para bem da missão, e em signal de um animo agradecido lhe fiz vir a elle e a Roque Monteiro Paim carta de irmandade de nosso muito reverendo Padre geral para elles e as suas consortes, do que ficaram grandemente satisfeitos. Fizeram-se em a cidade de Lisboa apparelhos taes para a vinda da senhora rainha, que verdadeiramente eram dignas da grandeza de um rei de Portugal e dos brios dos seus generosos e magnificos vassallos portuguezes. Recebeu-se a senhora Rainha em Neuburg por procuração, que levou o Conde de Villa Maior, feito para esta funcção Marquez de Alegrete. Não refiro o que se passou em Neuburg nem no caminho, porque tudo foram grandezas de todo o genero. Chegou felizmente ao porto de Lisboa aos ...... de Agosto do anno 1687, em um galeão real, acompanhada de dous filhos do rei de Inglaterra. Foi Sua Magestade logo recebel-a, sahindo da corte real e com elle o Padre Sebastião de Magalhães, indo eu por companheiro seu. Descemos pela escada do retrete real e passando pelo jardim fomos embarcar em um bergantim dourado ; Sua Magestade no que estava apparelhado para sua real pessoa e para a senhora Rainha, o Duque de Cadaval em outro, e o Padre reitor e eu em o terceiro.

Logo que Sua Magestade chegou á nau real, poz-se a soldadesca ingleza em ala e começaram a tocar uns charameleiros admiravelmente bem. Entrou Sua Magestade no camarote só, e sem demora de consideração sahio para fóra, levando á sua direita a senhora Rainha revestida á portugueza antiga, de téla branca finissima com franjas pendentes por traz e Sua Magestade de um vestido de téla de ouro, floreada, com sua gravata e amarrada com uma fita vermelha a sua cabelleira real, e assim como a Rainha *incessu patuit dea*, assim El-Rei nosso senhor um Deus sobre a terra, pela bella postura com que a natureza dotou-o, favorecendo a ambos. E para que isto não pareça lisonja, accrescentarei aqui de passagem o que disse o mordomo de um parente chegado da senhora Rainha aos padres, que tendo ido beijar a mão aos reis de Inglaterra e França, não acharam nenhum de melhor feição, talho e cortezia que El-Rei de Portugal, D. Pedro, que Deus guarde. Estava eu logo á sahida do camarote com o Padre reitor Sebastião de Magalhães e á vista de Suas Magestades fizemos nossas ge......... Neste interim, como os soldados estavam mui perto, dispostos em suas fileiras, aconteceu embarcar-se a roupa da serenissima senhora Rainha com a guarda da espada de algum delles, de que El-Rei attonito parecia suspeitar que os soldados uzavam daquella traça para suas propinas e é certo que lhe vi dar algum signal como de sobresalto pelo rosto. Mas foi Deus servido que fosse acaso, e assim foram caminhando por uma escada larga, coberta de pannos preciosos e télas, de uma e outra banda e é cousa digna de referir-se que, botando para banda do mar, as telas, quasi, em o tempo da passagem, ou pela força da ventania ou por ostentação de grandeza, iam caindo ao Tejo, succedendo logo outras. Pararam Suas Magestades um pouco e dispararam umas 80 peças reaes que o galeão levava, e outras sem reparo, emquanto se iam embarcando Suas Magestades em seu bergantim, todo dourado, sendo acompanhados de outros até o corredor, admiravel pela estructura e riqueza, o qual desde o mar ia levando até a capella real, onde com musicas suavissimas e concurso infinito se celebraram as primeiras ceremonias, que depois se continuaram e acabaram em a Sé, depois

uns poucos de dias, com toda a grandeza e magestade. Não refiro aqui o apparato dos arcos triumphaes que havia pelas ruas com grande quantidade e custa de varias nações e mestres, que á porfia os tinham levantado para ver quem levava a palma aos mais. Vi-os todos repetidas vezes com o Padre João dos Reis, acclamado mathematico do Rei, pela universidade de Coimbra, o qual á instancia delle, por aquelle tempo, ia debuxando as cidades e fortalezas todas do Reino, e debuxou todos os arcos e todo o acompanhamento com tanta perfeição, que lhe dizia Sua Magestade que o não pagava com a metade de seu Reino, e este Padre João de Reis tinha dado a traça do arco triumphal que estava defronte do palacio real, em o meio do Terreiro do Paço, obra tão magnifica, que tendo-se gastado pelos mercadores allemães mais de 17 mil cruzados o não puderam acabar, e ficou sem embargo disso tão grandioso que sem lisonja se julgou o melhor de tudo; estava armado sobre muitas columnas, soberbas em feitio e riqueza, as quaes sustentavam um throno imperial, sobre o qual Sua Magestade Imperial assentado recebia as audiencias dos Principes do Imperio, e singularmente do Principe, Duque Neuburgio, pai da Rainha senhora nossa. Passando Sua Magestade por elle ao cabo de seu triumphal, viram descer pelo meio delle como o dia era calmoso, rosas, jasmins e todos os generos de flores. Disse El-Rei nosso senhor á senhora Rainha : Senhora, estamos em Allemanha ; querendo dizer, como presumo, que só debaixo deste arco imperial achava refresco. Tinha-se procedido a grandes banquetes e fogos de artificios admiraveis, assim por mar como por terra, e houve depois touros com jogos custosissimos em que se esmeraram e assignalaram os fidalgos de Portugal, empobrecendo suas casas para não faltarem á ostentação de sua.... Tratou Sua Magestade os principaes de Inglaterra como pedia sua grandeza e do mesmo modo os honrou com suas dadivas de maior estimação.

Não se esqueceu Sua Magestade do Padre confessor, o Padre Leopoldo Fues, allemão, que a senhora Rainha trouxe e até hoje tem comsigo ; a esse mandou regalar muitos dias, ao cabo dos quaes, mandou dar a senhora Rainha um banquete real

ao Padre Provincial, ao Padre Reitor de Santo Antão e da Cotovia, ao Padre João dos Reis, ao Padre Sehidinhofem, e a mim, em a quinta do noviciado. Acabado isso, foi ella visitar primeiro todas as casas da Companhia de Jesus, da qual é devotissima, e em todas merendou, sem querer nunca merendar em casa de nenhuma outra religião porquanto que se lhe pedisse; e indo ver as freiras, sem embargo de ser costume de acompanhar os fidalgos as Rainhas e Princezas de Portugal, nunca quiz levar outro acompanhamento senão de suas damas do palacio. Pediram-me instantemente uns religiosos que eu ouvia de confissão, que alcançasse de Sua Magestade que quizesse ir pelo costume antigo, e eu fiz tudo o que pude, fallando nisso ao Padre Leopoldo, muito meu affeiçoado; visitei muitas vezes a senhora Rainha, fallando-lhe em sua lingua materna, do que ella gostava muito, e com as senhoras do paço, e como Sua Magestade já tinha principios bons da lingua portugueza e a fallava mediocremente, pedia-lhe fosse servida de pronunciar algumas palavras mais difficultosas, como as que terminam em oens ou ams, ao que me respondeu com muita graça que para pronunciar bem essas palavras, era necessario fallar com boca pequena e pelo nariz. Indo visital-a um dia, em companhia de seu confessor, perguntou-me varias cousas tocantes á missão do Maranhão, e ouvindo ella que ás vezes comia camaleoens por falta de outro sustento, compadecida, mandou-me dar uma esmola tão grande, que seu procurador Manoel Lopes da Lavra não quiz dar mais de 100$000; e depois disso me mandou outra esmola de vinho, presuntos e chouriços, pedindo ao Padre Bento de Oliveira, que me vinha succeder em o cargo de superior da missão, me desse velhice descansada; o que elle prometteu de fazer. Mas, agradecendo eu a Sua Magestade o affecto e cuidado, mandei-lhe dizer por carta minha que não viera á missão para descansar, porém para trabalhar, que agradecia infinito a Sua Magestade o favor e queria trabalhar como os demais, emquanto Deus me désse vida e saúde para lhe poder servir.

Disse eu um dia a Sua Magestade que esperava em Deus, que Sua Magestade daria seis filhos principes á corôa de Por-

tugal. Já tem tres vivos e duas princezas com boa saude e, está em disposição para muitos mais, que lhe alcançará São Francisco Xavier, de quem é devotissima e chama seu pai, procurando por todos os modos de o honrar e fazel-o honrar e venerar de todos com seu exemplo, não tão sómente em concorrer com ricos ornamentos para seus sagrados altares, mas para se levantar sua egreja e se chamarem os Serenissimos Principes seus filhos, de seu nome, tambem Francisco.

CAPITULO 18

VAI O PADRE ANTONIO PEREIRA COM O PADRE BERNARDO GOMES POR MISSIONARIO DO CABO DO NORTE, E POEM RESIDENCIA EM A ILHA DE CAMUNIXARY ONDE, DOUS MEZES DEPOIS, FORAM MORTOS AMBOS PELOS TAPUYAS

Tinha Sua Magestade encommendado muito aos missionarios da Companhia de Jesus, por lei publicada em 1680, a missão do cabo do Norte, e por essa razão tinha lá ido em 1682 o Padre Superior Pero Luiz Gonsalvi, para ver onde se podia pôr a residencia della, com o Padre Aluizio Conrado Pheil e o irmão Manoel Juzarte. Mas não se poude effectuar isso por muitas razões antes do anno 1687, quando, sendo superior o Padre Iodoco Peres, mandou para lá o Padre Antonio Pereira, dandolhe por companheiro o Padre Bernardo Gomes, ordenado de sacerdote para este intento, em a primeira dominga de junho, com o Padre José Barreiros, em a cidade do Pará, pelo bispo Dom Gregorio dos Anjos. Foram em companhia delles o Capitão-mór, que então era, Antonio de Albuquerque e o Padre Aluizio Conrado para lhe mostrar a ilha e o logar mais accommodado para se fazer povoação e residencia ; partiram aos 2 de junho e com prospera viagem acharam Camunixary aos 4 do mesmo mez. E' Camunixary uma ilha deserta, povoada de poucas arvores e de pouco prestimo para a vida humana.

Não se achavam alli mais que umas quatro casas de indios, cujo principal era Macuraguaya. Escolheu-se este sitio por não haver por aquella banda outro em que se pudesse fincar o pé, e dahi se póde facilmente considerar em que necessidade e

perigo ficariam aquelles pobres missionarios, cercados pela terra firme, mas, ao longe, de muita gentilidade de varias nações, vivendo a lei depravada de seus ritos gentilicos.

Quiz o capitão-mór Antonio de Albuquerque deixar alguns soldados para segurança dos padres por aquelles primeiros principios, mas o Padre Antonio Pereira lhe agradeceu a boa vontade, não querendo cuidassem os indios que se vinha introduzir entre elles com mão armada, nem que os soldados com sua vida licenciosa lhes servissem de escandalo, querendo mais ficar sósinho ás mãos da Divina Providencia, para dispôr delle e de seu companheiro, conforme fosse a sua maior honra e gloria, que viver mal acompanhado. Com isso despedio-se o capitão-mór com o Padre Aluizio, e se foram durante o mesmo dia, navegando para Tabarapixy, aldêa dos Maraunizes, onde mandou logo o Capitão-mór armar todos os esteios da casa destinada pelo Padre Aluizio Conrado para sua futura residencia, servindo para este effeito alguns paus antigos que por ahi se achavam, e não se tratou de cobril-a por estar a pindoba muito onge do dito sitio. Deu aos principaes de Tabarapixy e outros que se achavam presentes, suas provisões subscriptas e selladas, e não lhes faltou com suas dadivas, com que ficaram satisfeitos e contentes, e muito mais ainda, dando-lhes o Padre Aluizio palavra que cedo lhes viria assistir para tratar do bem de suas almas.

E' o sitio de Tabarapixy muito ameno e alegre pelas suas campinas, não tanto para mantimentos quanto para mangabeiras docissimas, e além disso da grossura de um ovo de ganso, e além disso não falta por ahi caça de porcos do matto, nem peixe dos rios, nem faltam tartarugas de extremada grandeza em seu tempo; em uma palavra, é tal a paragem que se parece com os Olivaes de Portugal, conforme dizia o capitão-mór; de uma só cousa necessitavam os seus habitadores, que era a nossa fé, cujo estandarte já lá tinha arvorado o Padre Pero Luiz Gonsalvi, Superior da missão, quando acompanhado do Padre Aluizio Conrado e do irmão Manoel Jusarte, lá tinha ido para ver se essas terras eram capazes, para alli se semear a fé de Christo pelos missionarios da Companhia de Jesus, con-

forme as leis de Sua Magestade, passadas já pelo anno 1680 para este intento.

Dispostas assim as cousas, voltou o capitão-mór Antonio de Albuquerque de Carvalho com o Padre Aluizio Conrado, e seu companheiro Manoel Juzarte para a cidade do Grampará assistir á festa de nosso Padre Patriarcha Ignacio de Loyolla, em que prégou o Padre Manoel Borba, por então missionario de Mortigura.

Houve depois disso varios pasquins que se acharam pregados ás portas da matriz contra a nossa Companhia e não faltaram aleives que se levantaram ao Padre Manoel Borba, mas todos eram effeitos que o inimigo da salvação das almas tinha produzido por via de seus ministros; e assim logo se achou a falsidade delles, e convencidos alguns de seus autores foram presos uns e outros e tendo mais dita que merecimento, escaparam por aquella vez á justiça humana, mas não á Divina, que a seu tempo lhes dará o castigo que merece sua muita maldade. E não se contentou o inimigo infernal com desacreditar falsissimamente os padres da cidade do Grampará, mas chegou a lhes fazer tirar as vidas com summa crueldade em a nova missão do cabo do Norte, como manifestará a relação seguinte, tirada por pessoa da maior excepção, por interprete fidelissimo, além das bocas dos mesmos matadores, por seus companheiros e outras testemunhas fidedignas, não só de ouvido, mas ainda de vista.

Deixado o Padre Antonio Pereira em a ilha de Camunixary por missionario della e das nações circumvizinhas, que moravam pelos arredores, começou a trabalhar em aquella inculta vinha do Senhor, com o seu companheiro, o Padre Bernardo Gomes, com seu costumado fervor, propondo e explicando a lei de Deus, verdadeiro caminho de nossa salvação, encommendando a observação e abominando os ritos gentilicos, que encaminham as almas para sua perdição eterna, inculcando a virtude e boas obras, prohibindo os vicios e obras más, que precipitam seus sequazes para o fogo do inferno.

Porém, supposto que os habitadores da ilha Camunixary recebiam com agrado e boa vontade a santa lei e doutrina de Deus, como depois constou pelos mesmos barbaros seus inimigos, com-

tudo muito se offenderam della e de seus prégadores os barbaros de algumas aldêas das vizinhanças, por se lhes tirar com isso as suas beberronias e amancebamentos, com seus ritos gentilicos, herdados de seus pais e avós, accommodados á natureza depravada.

Portanto, chegaram a avistar-se com o principal da ilha, Macuraguaya, homem quieto e capaz de doutrina celestial, pedindo-lhe com muito empenho desistisse de favorecer esses padres, como odiados de todos, por serem inimigos de seus ritos, e os botasse de sua ilha; porém, como o principal Macuraguaya presentisse em o amor dos padres a lei de Deus que prégavam, resolveram-se os Oivanecas a assaltar a aldêa e matar os padres, sem embargo de prégarem fortemente os de Camunixary pela sua conservação. Vendo, pois, o principal da ilha que não podia vencer a inhumanidade sacrilega daquelles barbaros, ausentou-se com quasi todos os seus vassallos, assim para salvarem suas proprias vidas, como para não ficarem culpados de um crime tão horrendo, que se ia principiando.

Ausente, pois, o principal Macuraguaya com a maior parte dos seus, entrou o Padre Antonio Pereira em suspeita de algum grande perigo de vida, que esperava-o e ao seu companheiro, por se terem ausentado quasi todos os indios da aldêa com o seu principal, pelo que tratou de embarcar com elle para se ir com os mesmos indios, que o tinham trazido, para Tabarapixy ou bem para a cidade do Pará. Mas, estando para se embarcarem, chegaram umas indias e uma velha, que lhe disse esperasse um pouco, pois vinham lá seus parentes todos, do matto, trazendo-lhe suas putabas ou presentes; dando credito ás indias, deixando a canôa em o porto, voltou para a aldêa e casa em que de antes tinha estado. Disseram alguns que se puzera a dizer missa, e que o Padre Bernardo Gomes tambem a dissera, mas certificou-me uma india muito quieta e autorisada, perguntada sob juramento pelo vigario da vara do Pará, José Gonçalves, em presença minha e do Padre Aluizio Conrado sobre este ponto, que o Padre Antonio Pereira estava assentado em casa, em uma rêde, lendo por um livro que elles chamam papera ou livrou, e que isto vira com seus olhos por

se achar em a mesma casa, por ser casa de indios, em que os padres moravam e costumavam dizer missa.

Apoz das indias que tinham chegado com seus presentes de peixe assado e algumas fructas, entraram logo os conjurados para matança dos padres, e tendo-se convidado primeiro uns a outros com uma beberagem de seus vinhos (conforme se disse), arremetteram logo com os padres, quaes uns lobos assanhados e famintos com umas ovelhinhas innocentes. Quiz o Padre Antonio Pereira ter-lhes mão e abrandar essa sua furia por uma pratica que lhes fez, mas elles, fechando as orelhas assim do corpo como da alma a tudo o que lhes convinha, saltaram sobre elles. O primeiro e principal aggressor e matador dos padres foi o principal Canariá, de nação Aguaraca e da aldêa de Coanarú, conforme contou sua propria mulher Aracú, e tambem dahi vieram os mais.

Confessou o principal Canariá ao Padre Aluizio Conrado que elle, acompanhado de cinco outros, dera primeiro sobre a cabeça do Padre Antonio Pereira com uma ybirassanga ou páo de matar á ultima pancada, e estando o padre já meio morto lhe deu Amapixaba, irmão uterino do principal Canariá, como testemunharam a irmã de ambos e a mulher do Canariá; isto mesmo confessou ao Padre Aluizio o Amapixaba, estando o padre para baptisal-o aos 13 de fevereiro do anno de 1689; os companheiros de Canariá, o matador, conforme affirmou sua mulher, foram Caparipe, Guaruximená, Inaiquerepé e outros mais.

Morto assim cruelmente o Padre Antonio Pereira que os indios chamavam Pay-u-assú, quer dizer padre grande, que assim chamavam aos superiores das aldêas, foram com o mesmo diabolico furor para matar o Padre Bernardo Gomes, que chamavam Pai columy-u-assú, que é o mesmo que pai moço ou mancebo.

Disseram os brancos que o matador delle fôra Camayuá, pagé, que quer dizer feiticeiro; porém, as testemunhas e a principaleza Aracú affirmaram instantemente que o matador do Padre Bernardo Gomes fôra o Guaruximená, e que todos os mais que tinham morto o Padre Antonio Pereira foram quebrar-lhe a cabeça com seus páos ou ybirassangas.

Não satisfeitos os barbaros com esta tão grande e sacrilega crueldade, saltaram em quatro domesticos dos padres que estavam guardando a canôa já carregada, e eram : o interprete Lopo, Felippe, piloto fidelissimo, e dous rapazes, Antonio e Luiz, dos quaes os tres ultimos eram da roça de Mamayacú, pertencente ao collegio de Santo Alexandre de Grãopará.

E para que não haja duvida sobre as circumstancias daquella tão cruel matança dos padres missionarios, torno a dizer brevemente que o logar foi a casa do principal Macuraguaya, indio de bom natural e muito affecto aos padres, a qual lhes tinha dado para morarem, e juntamente para alli celebrarem o santo sacrificio da missa, emquanto se lhes não fazia casa e egreja nova, cujas paredes já tinham levantado dentro daquelle breve tempo de sua assistencia, dizendo entretanto missa para a banda do oriente da dita casa, em a aldêa da ilha de Camunixary, sita em o lago de Camacary pela altura Norte 1°,8', comprida de um quarto de hora e,no de mais muito estreita, e cercada de outras ilhas muito chegadas a ella ; o lago porém terá de largura perto de duas horas com outros dous lagos que o estão seguindo ; os instrumentos com que mataram ambos os padres foram ybirassangas ou páos de matar, com que o gentio costuma quebrar as cabeças, e isto affirmaram todos.

O motivo que tiveram para se atreverem a uma tão horrenda acção, foi o odio á nossa santa fé e prégação evangelica, com que lhe tiravam seus excessos em beber, seus amancebamentos e ritos gentilicos, e esta se presume ter sido a mesma causa que os induziu a tirar a vida até aos domesticos que acompanhavam os padres.

O tempo foi muito provavelmente em principio de setembro do mesmo anno de 1688, ficando incerto o dia, por se não poder descobrir, em razão de os indios não terem nenhum conhecimento dos dias do mez, e só poderam dizer a seu modo que fôra em principio da terceira lua depois da chegada dos padres, e assim respondeu constantemente o principal Itapary ao Padre Aluizio Conrado e aos portuguezes, sendo perguntado com cuidado sobre esta circumstancia.

O que se poude alcançar de certo foi dizer o mesmo prin-

cipal Itapary que fôra pela manhã, acabada a missa e almoço, estando o Payuassú lendo seu papera ou livro, com que deram a entender o diurno ou breviario; a mulher do Canariá accrescentou que o Padre pequeno Bernardo Gomes tambem tinha dito missa aquelle dia, o que se póde facilmente crer, porque, como consta ao Padre Aluizio Conrado tinha o Padre Antonio Pereira determinado que o Padre Bernardo Gomes dissesse sua primeira missa aos 20 de agosto, dia do mellifluo S. Bernardo, seu padroeiro.

Não parou aqui a infernal furia dos matadores, mas passou muito adiante: depois da matança despiram os corpos mortos e os dependuraram nús do tirante da casa, partiram-nos em pedaços, assando e comendo-os, guardando, porém, os cascos das cabeças para beberem seus vinhos por elles, e algumas canellas para fazerem suas gaitas e pontas de suas fréchas, como tambem a gordura e banhas para se untarem com ellas. Fartos já do sangue dos dois missionarios, os matadores Oivanecas de nação, poz Goamimani, da nação Aricoré, fogo á casa, e o indio Moximaré, da aldêa de Mucurá, da gente Maraunizes, com tres outros companheiros surripiou uma canella do Padre Bernardo Gomes, para della fazer uma gaita. Passado já o meio dia, querendo os matadores fartar ainda mais a sua damnada fome, não satisfeitos de terem botado fogo á casa dos padres e do principal Macuragaya, tambem botaram aos ranchos menores, vendo os indios da ilha, de longe, com summa dôr de seus corações, os tremendos incendios de seus queridos padres e das proprias moradas. O mesmo Amapixaba e o principal Itapary affirmaram que penduraram os corpos nús dos padres ao tirante da casa, antes de a queimarem, e esta foi a fama entre os portuguezes; finalmente viram que o fogo ainda não tinha consumido tudo, mas faltavam alguns esteios, tirantes e madeiras, juntaram tudo em um cumulo sobre os corpos cahidos ao chão, para que tudo se reduzisse em cinzas e não ficasse (como se presume) memoria dos padres entre seus pastores. Com isso tendo satisfeito o seu damnado odio e ira infernal, os Oivanecas foram-se para suas casas, deixando a aldêa do principal dos Maraunizes queimada e queimando para cumprimento ultimo de sua rabiosa ira duas

aldêas suas proprias ; com que se retiraram para Maimaime, escondrijo mui retirado, onde se imaginaram estar seguros dos portuguezes; mas não querendo o Céo que ficasse inulto um atrevimento tão horrendo e sacrilego, não lhes valeu o mais retirado logar de suas brenhas para se poderem esconder por muito tempo dos que foram mandados em busca delles, como se verá do capitulo seguinte.

CAPITULO 19

CASTIGA-SE O MATADOR COM SEUS CUMPLICES, E VAI-SE EM BUSCA DAS RELIQUIAS, FAZENDO-SE INFORMAÇÕES AUTHENTICAS SOBRE A MORTE DOS PADRES, ASSISTINDO A TUDO O PADRE ALUIZIO CONRADO PHEIL, MISSIONARIO DE TABARAPIXY

Foi o Padre Aluizio Conrado deputado pelo Padre Superior Iodoco Peres por missionario de Tabarapixy em o cabo do Norte ; com elle foi o capitão-mór do Pará, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Chegaram lá aos 10 de novembro, adorando a cruz que alli tinha levantado em 1682, indo, com o Padre Superior Pero Luiz e o irmão Manoel Juzarte, vêr o cabo do Norte e capacidade delle para as missões, conforme as leis reaes do anno 1680. E emquanto tratava com o capitão-mór de levantar casas e egreja, chegaram-lhe as primeiras novas da morte dos Padres Antonio Pereira e Bernardo Gomes e as viram depois confirmadas com cartas indubitaveis. Chegou Guaricupi com uns nove indios armados, e como vinha temeroso, sem se declarar bem sobre o successo, tomou o principal Guariavia, mocetão bizarro, á sua conta referil-o, declarando os cabeças delle.

Com esta noticia já certa, não tardou o capitão-mór Antonio de Albuquerque de mandar logo aos vinte e sete de novembro, dezenove soldados portuguezes do forte Araguary com cincoenta indios em busca dos culpados da morte dos padres ; andaram por espaço de oito dias enganados pelos guias Maraunizes por brenhas e caminhos errados, até que dois meninos naturaes daquella terra lhes mostraram o caminho verdadeiro que levava a Maimaime, onde estavam os outros escondidos.

Lá foram mortos alguns, outros se acolheram para o matto, outros, trinta e cinco, entre homens e mulheres, se prenderam e foram levados ao capitão-mór Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, aos dois de dezembro, á boca da noite; o que os da tropa mataram foi o feiticeiro ou pagé Camayuá, ao qual o capitão Paschoal, do Parijó, aldêa da capitania do Cametá, despedaçou com um terçado, depois de tel-o trespassado o principal Simão Ingayba com duas fréchas, por dizerem que elle era que tinha morto o Padre Bernardo Gomes, e que o mesmo affirmou sua mulher Tumacana, da aldêa de Cassipurú.

Logo pelo dia seguinte, mandou o capitão-mór Antonio de Albuquerque tirar devassa sobre o caso em as coisas apontadas, e consultando tudo com os que trazia de maior prudencia e autoridade, foi condemnado á morte, pelo meio-dia somente, o principal Canariá, como matador primeiro, e sentenciados os outros que fossem remettidos ao tribunal do governador Arthur de Sá e Menezes; por uma hora depois de jantar, foi Matheus dos Santos (cabo da fortaleza) intimar de canôa a sentença de morte ao principal Canariá, e, rogado do mesmo capitão-mór, ao Padre Aluizio Conrado que o apparelhasse para o baptismo e boa morte. Para este fim foi trazido por uma corda pelo indio Leandro, filho do principal Mandú, com os ferros em que tinha sido posto desde o principio de sua prisão. O Padre missionario para dispol-o como convinha, retirando-o um pouco para uma banda, lhe perguntou alguma coisa acerca da matança dos padres, a saber, por que razão foram mortos, e de que modo, por ser isso necessario para se saber a verdade que poderia ter ficado escondida se elle mesmo a não descobrisse; respondeu-lhe com muito arrependimento de sua maldade, e confessou livre e claramente por via da interprete Nathalia que elle fôra o que matara o Padre Antonio Pereira, por instigação do diabo, em odio da lei e doutrina de Christo, que o padre, como varão de virtude, publicava contra seus vicios e ritos gentilicos, e não allegou outra razão nenhuma de queixa contra os padres, sem embargo de saber alguma coisa da lingua geral, com que se podia fazer entender com facilidade. Com isso o instruiu o Padre Aluizio em os mysterios de nossa santa fé e preparou-o com actos de fé, es-

perança e caridade, e arrependimento de suas culpas quanto bastava, no fim de tudo o baptisou, chamando-o Francisco Canariá. Como depois do baptismo confirmasse o que tinha dito, de sorte que os circumstantes o podiam ouvir todos, estando á boca de uma peça de artilharia carregada de uma bala grande e vinte e sete pequenas, morreu santamente, assistindo-lhe o padre e repetindo-lhe o santo nome de Jesus e Maria, até que disparada a peça, voou o corpo despedaçado pelos ares, e, como piamente se pode crêr, a alma para o Céo.

Encommendaram logo todos a alma a Deus, como bons christãos e publicou o padre a todos como o principal Canariá, defunto, confessára livremente e com toda a sinceridade que matara os padres em odio de nossa santa fé, estando presentes o capitão mór Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Luiz Pedro Carneiro e outros officiaes de guerra, como a soldadesca portugueza, e além delles alguns religiosos e o muito reverendo padre Frei Sebastião da Purificação, carmelita, e o muito reverendo Padre Melchior das Neves, de Santo Antonio, missionario dos Aruans, em a aldêa de Ianaucú ; e para que se não faça reparo na verdade e sinceridade da interprete chamada Nathalia, saiba-se que era filha de um dos maiores principaes da nação dos Maraunizes e irmã uterina do principal Guacaziri, da aldêa Chipiri, mulher de edade, sizuda e discreta entre seus e os brancos, cuja lingua sabia mui bem como domestica da casa do capitão mór Manoel Guedes, o qual a tinha concedido para serviço de Deus e d'El-Rei Nosso Senhor, para poderem seguramente tratar por via della o capitão-mór Antonio de Albuquerque e mais ministros os negocios do cabo do Norte, e procederem, até dar sentença de morte, fundados na lealdade com que servia de lingua para tudo.

Esta mesma interprete Nathalia servio de lingua ao Padre Aluizio Conrado, quando fez perguntas a Amapixaba sobre os motivos que tiveram de matar os padres, e quando o instruio em os mysterios da nossa santa fé, para baptisal-o aos quatorze de fevereiro do mesmo anno 1689, chamando-o Paulo, disendo e confessando livremente que mataram os padres, porque elles e todos os Oivanecas de sua nação não queriam ser christãos nem

ouvir a lei de Christo e que, querendo mal aos padres que a pregavam os mataram por pura maldade sua. Esta confissão foi de Paulo Amapixaba, mudo, ou por natureza, como affirmou sua irmã e affirmaram seus parentes, ou por fingimento; e por mudo foi tido por espaço de dois mezes e mais de todos os portuguezes, sem se poder nunca nem por bem nem por mal tirar uma só palavra de sua boca, e por tal foi havido pelo Supremo Tribunal do ouvidor geral Miguel da Rosa, o qual em a sentença de morte que contra elle pronunciou por escripto, o declarou por mudo. Este mudo por natureza, como pareceu certo, estando em grilhões, foi levado pelo Padre missionario Aluizio Conrado á parte, para ficar sem medo, e estando com elle e a interprete, á vista somente dos mais que assistiram, soltando-se-lhe a lingua, confessou claramente o crime e o sobredito motivo da matança, e respondeu aos mysterios de nossa Santa Fé, ficando pasmados o padre e a interprete, e mais todos os soldados que estavam ahi perto e o escrivão ; com que, foi baptizado e chamado Paulo, e tornou o Padre a dizer clara e publicamente ao cabo Matheus dos Santos e soldados todos como tinham ouvido com admiração affirmar o Amapixaba que matára os padres com odio de nossa santa fé, sem allegar contra elles minima queixa de algum agravo que lhe tivessem feito, o tendo o Padre posto tudo isso por escripto e lido, todos o sub-assignaram sob juramento, como testemunhas que tinham ouvido aquella confissão da propria boca do matador Amapixaba, irmão do principal matador Canariá, morto á boca de uma peça.

CAPITULO 20

DESPACHAM-SE ULTIMAMENTE TODOS OS PAPÉIS TOCANTES Á MISSÃO DO MARANHÃO EM A CÔRTE ; DESPEDEM-SE OS MISSIONARIOS DE SUAS MAGESTADES, E SE EMBARCAM PARA SUA MISSÃO, TENDO UMA NAVEGAÇÃO TÃO ADVERSA QUE SÓ CHEGAM POR MILAGRE A ELLA.

Havia este capitulo de preceder o da morte dos padres missionarios do cabo do Norte, mas por algum erro das informações, não conhecido a tempo, se pospõe e por muito pouco.

Estando a frota para partir pelo tempo costumado, ajuntaram-se todos os missionarios que haviam de ir áquella occasião para a missão do Maranhão, em o collegio de Santo Antão em Lisboa, assim os que se tinham offerecido a mim, quando por ordem de nosso muito Reverendo Padre geral fui praticar em Coimbra e Evora, com o irmão Marcos Vieira, como os mais da missão que estudavam em aquellas duas universidades o curso.

O primeiro e o principal de todos era o Padre José Ferreira, o qual se me tinha offerecido em Coimbra, sendo prefeito dos estudantes, e lhe foi concedido vir ler theologia aos mais. Os outros foram o Padre João de Avellar, o irmão João Valladão, que, por falta de edade, se não tinha ordenado de ordens sacras, o irmão Manoel dos Santos, o irmão Pedro de Oliveira, estudantes, os Padres Ignacio Ferreira, João da Silva, Manoel da Costa e Balthazar Ribeiro. Admitti mais em Lisboa ao Padre Manoel Rabello, clerigo do habito de S. Pedro e theologo, mas este ficou para lá ter noviciado, o irmão Manoel Lopes, o irmão Ignacio Luiz, coadjutores temporaes, e Vicente da Costa, para logo tomar a roupeta em S. Luiz do Maranhão, os quaes tambem admitti com licença do nosso muito reverendo Padre geral. Estando ainda na Côrte, tirei todos os despachos dos papéis e os ultimos, pelas dez horas da noite, detendo Roque Monteiro a Sua Magestade para este fim, ainda depois de já retirados os mais Ministros para suas casas. A causa de tanta detença foi ter sido necessario mandar um alabardeiro das guardas para o Conde de Val dos Reis, para elle pôr seu nome. Acabado tudo, voltei com meu companheiro, o Padre Pero Poderoso, para o Collegio, e de caminho fui pôr a ultima assignatura em casa de Manoel de Lavra, o qual me fez a graça de esperar por mim até as onze horas da noite; e estando já recolhido em Santo Antão, ainda me chegou uma de Sua Magestade, em que me encommendava um negocio que se havia de tratar no Maranhão. Em o dia seguinte fomos todos com o Padre Reitor do Collegio a palacio despedir-nos de El-Rei, o qual nos encommendou muito as missões. Já eu me tinha ido despedir delle antes, dando a Sua Magestade as graças pela muita benevolencia e favores recebidos; respondeu-me Sua Magestade ficara muito sa-

tisfeito dos bons termos com que procedera assistindo em sua Corte, e que se lembraria de minha pessoa, offerecendo-se occasião, e ainda depois nos despedimos todos, afastando-me um pouco delles, com Sua Magestade, me tornei a despedir mui em particular.

Acabada esta despedida, disse-nos Sua Magestade que fossemos á Senhora Rainha ; assim o fizemos, acompanhados de seu confessor, o Padre Leopoldo Fues, compadecendo-se ella dos muitos trabalhos que os missionarios padeciam em a missão do Maranhão, e encommendando-se muito em nossos apostolicos trabalhos.

Da Rainha fomos á Senhora Princeza, a qual estando com suas damas do palacio nos disse que fossemos com Deus e tivessemos boa viagem. Ia como meu companheiro o irmão Marcos e durante o mesmo dia voltei a palacio para despedir-me das damas allemães que estavam com a Senhora Rainha, dando-lhes suas contas de cheiro, feitas em o Brazil, que estimaram muito, mui pezarozas de minha ida ; de lá me fui despedir do Padre Luiz Alvares, preposito de S. Roque, e do Padre Francisco de Almeida, meu amigo antigo, que para lembrança sua me deu um crucifixo bello, de marfim, que lhe tinha vindo da India, e eu depois dei á egreja nova de Nossa Senhora da Luz do Maranhão ; finalmente me fui despedir dos tres confessores, o Padre Manoel Fernandes, confessor d'El-Rei, o Padre Pero Pomero, confessor da Senhora Princeza, o Padre Leopoldo, confessor da Senhora Rainha, o qual me deu quantidade de bellos premios para meu uso.

Em o dia seguinte, dezasete do mez de maio do anno 1688, fomos nos embarcar todos bem cedo, por nos dizerem que logo partia-se ; mas como a nau se deteve dias acudiu-nos o Padre Francisco de Mattos, procurador geral do Brazil, liberalmente com todo o necessario, que o caixeiro João da Rocha, homem muito de bem nos trazia para a nau de Nossa Senhora da Conceição, cujo capitão era um grande devoto seu, Manoel Ribeiro. Levantamos ancora aos.... do mesmo mez de maio e chegados que fomos defronte de Cascaes pouco faltou que outra nau, que vinha atraz e não dava bem ao leme, fosse sobre a nossa e ambas

se perdessem ; mas quiz Deus Nosso Seuhor que estando ambas para dar uma sobre outra divertiram-se, com que fomos navegando com vento favoravel até a altura do cabo Verde. Dentro de poucos dias, lá se nos foi escasseando o vento, pouco a pouco e começamos todos a sentir a malignidade dos ares, assim pela cabeça como pelo corpo todo, e como o piloto não seguio o rumo costumado mas outro diverso dos mais que se iam acostando mais para terra, demos em umas calmarias e correntezas tão grandes que, por quanto nos esforçassemos e nos ajudassem as trabuzanas quotidianas, em vez de montar achamonos a cada passo atrazados ; e como isto nos durasse perto de dois mezes inteiros, e nos fosse já acabando a agua que bebiamos, e diminuindo tambem muito os mantimentos, foi-se-nos dando a agua em ração mui limitada, e tanto que chovendo apanhavam as aguas da chuva, em lançóes, alguns dos passageiros, e chegaram outros a beber agua já fedorenta de uma talha dos padres para apagar a grande sêde com que se achavam.

Por isso não houve devoção que não fizessemos a Santo Antonio, grande padroeiro do capitão e aos mais santos do Céo principalmente a Santo Ignacio, a S. Francisco Xavier e á Virgem Senhora da Conceição, padroeira da nau, fazendo-lhes nossas devoções, sem nunca deixar de cantar suas ladainhas e terço á boca da noite, nem faltando com as doutrinas, que aos domingos e festas fazia o Padre José Ferreira, ou alguns dos irmãos, noviços ou estudantes.

Dizia eu que esperava em Deus e na Virgem Senhora Nossa que á vespera de nosso santo patriarcha Ignacio veriamos terra, e com esta mesma esperança andava o Padre José Ferreira, o qual foi benzendo até os mares para tirar delle algum feitiço, que algumas pessoas malevolas por instigação do inimigo poderiam ter feito. Ajuntou-se a este trabalho tão grande outro não menor, que foi apparecer, á boca da noite já fechada, uma nau, que se ia chegando para a banda direita da popa sem sabermos que nau era. Um mercador chamado Jacob Hegres era de parecer que se lhe fallasse de longe, por cuidar ser nau amiga; mas como não havia que fiar, mandou o capitão que se despejasse o entre pontes, e se puzessem as peças com

todo o mais em estado de poder pelejar; fez-se logo pontualmente tudo em brevissimo tempo, accendendo-se tambem as candêas para que tudo se visse e fizesse medo aos que quizessem chegar a ella.

Puzemo-nos todos em armas, eu que já estava recolhido, por estar enjoado, logo que me deram aviso do que passavam, armei-me de meu cruxifixo, posto ao pescoço, e sahindo ao convez peguei em um terçado, animando aos mais assustados, caso fosse necessario, animei tambem ao artilheiro francez de nação, que, esquecido de um agravo recebido do mestre, fizesse seu officio, e me prometteu de fazer, dizendo-me que se o pirata chegasse logo metteria a sua nau a fundo dando-lhe ao lume da agua. Estando as cousas por estes termos e animados todos a pelejar com valor portuguez com os da nau inimiga, viram estes o apparelho e animo com que estava a nau de Nossa Senhora da Conceição, e, mudando de rumo, foram-se afastando, sem comtudo desapparecerem de todo, porque em o dia seguinte, ainda a vimos algum tanto afastada, porém, não se atrevendo a chegar, desconfiada de poder fazer presa. Foi-se de todo e conheceu-se depois que tinha sido uma nau de piratas, da qual Deus Nosso Senhor, por sua misericordia e intersecção de sua Mãe Santissima da Conceição, livrara a nau que estava debaixo de sua protecção, e não foi este favor da Virgem Senhora Nossa o maior, mas succedeu logo outro, que todos conheceram ser totalmente milagroso.

O caso foi que, vendo, marinheiros e passageiros, que por nenhum modo podiamos montar nem passar a linha, da qual distavamos mui pouco, e que com as ventanias dos temporaes das tardes, em vez de montarmos, iamos sempre descaindo, foram de parecer com alguns padres de sua parcialidade, que antes que se nos viesse a falhar mais a agua e mantimentos e entrassem algumas doenças, que até então tinham sido mui poucas, fossemos a tempo para o Oeste em busca das Indias de Castella, culpando-me a mim por insistir fossemos sempre para o sul em busca do Maranhão. Mandei pois logo chegarem todos ao capitão e proporem suas razões diante delle e do piloto para se eleger o que se achasse ser mais con-

veniente. Vieram e propuzeram suas razões, estando eu presente, e achou-se que, tudo bem considerado, tinham razão. Só reparou o piloto que iriamos com grande risco de nos perdermos pela costa por não levarmos pratico della, e reparei eu tambem em o grande damno que receberia a missão além do dito perigo, porque, chegados os padres missionarios ás Indias de Castella, padeceriamos grandes faltas e ficariamos obrigados a voltar para Cadiz e de lá para Lisboa, além dos immensos gastos, com que nos achariamos impossibilitados de voltar para a missão. Comtudo, sem embargo destes inconvenientes todos, disse fossemos embora para as Indias de Castella, porque não queria se dissesse em algum tempo que eu impedira o que todos tinham julgado por melhor. Nisto vieram o capitão, o piloto e todos os mais, porque viam manifestamente que debalde nos cansavamos para montar, e iamos cada vez descaindo mais a mais.

Estava a imagem da Virgem Senhora Nossa da Conceição por detraz, á popa, eu lhe tinha encommendado muitas vezes a nossa navegação, e como a alcançava de vista por um espelho de meu camorotesinho, que o capitão me tinha largado, a Ella me encommendei, dizendo-lhe : Virgem Santissima, não sois vós toda poderosa para com vosso precioso Filho, e aquella que até os presos das masmorras de Argel puzestes salvos e livres em suas terras e casas ? Pois accudi a estes vossos servos e filhos, missionarios do Maranhão, acudi-lhes por quem sois e ponde-os em sua missão, pois sem o vosso auxilio não hão de chegar a ella !

Cousa rara !

Estava a nau andando direita para o Occidente com a prôa para Oeste, nem havia já esperanças humanas de tomar outro porto senão as Indias de Castella, por cujo rumo já ia encaminhada vinte e quatro horas havia, pouco mais ou menos, quando tomando o piloto altura, achou que em vez de ter andado para Oeste tinha montado gráo e meio para o Sul; com que, sem embargo de quererem ainda algnns marinheiros, amigos das patacas, continuar a viagem com a prôa para o Sul, disse eu ao capitão e piloto que, já que Deus, por milagre manifesto, nos levava e fazia montar para o Sul, virassemos a proa para lá e fossemos pelo rumo do Maranhão. Fizeram-no assim e com todo

o bom successo, porque, montando sempre de mais a mais, passámos a linha em breves dias, e como por aquelle tempo cahia a festa de nosso santo patriarcha Ignacio, celebramol-a com muita devoção e alegria, conforme permittiam o logar e mais circumstancias; tocou-se tambem clarim, dispararam-se as peças de artilharia, concorrendo Jacob Egres com seus instrumentos que tocava admiravelmente bem, e não faltou prégação, que eu fiz em louvor do Santo, tendo feito outra em dia do glorioso Santo Antonio, com agrado de todos.

Acabada a solemnidade, subiu um marinheiro á gavea para vêr se podia descobrir terra, como eu tinha esperado sempre, e logo mui alegre gritou do alto: «terra! terra!» sem saber que terra era a que via. Ficaram contentes e satisfeitos todos; mandaram-se sondar as aguas; á noite andámos em quarenta braças de altura e pelo dia seguinte já se ouviam os passaros e se viam voar alguns, sem sabemos comtudo onde estavamos, mas sabendo que estavamos perto de terra.

O piloto, pelo muito que dizia ter descahido a náu, dizia estavamos para banda de Cayenna, lá longe além do grande rio das Amazonas e que as grandes correntezas que tinhamos tido delle se originavam; porém nunca me pareceu a mim, que repetidas vezes tinha lido o livro da arte de marear, que o piloto trazia, que tanta descahida tivesse feito a náu, mas tinha para mim que viriamos dar ao Pereá; e assim foi, porque, tornando em o dia seguinte um marinheiro á gavea, gritou logo: «Pereá! Pereá!» Não é crivel quanto foi o pasmo e alegria de todos, por vêrem que iamos navegando de baixo para cima, contra a correnteza das aguas e por nos vermos milagrosamente postos em a bahia do Maranhão. Continuando nossa derrota, fomos cada vez descobrindo mais claramente a paragem que se dizia e finalmente a terra de Tapuytapera e da mesma ilha do Maranhão. Declinando um pouco mais para o Sul aos dois de agosto, para evitar a corôa grande, que está junto á entrada do rio ou bahia de Tapuytapera, lançámos ancora defronte do Arassagy, onde passámos descançadamente e com muito gosto aquella noite toda. Aos tres de agosto chegou a receber-nos uma canôa que vinha para servir de guia ao navio, e após della o Padre Superior

Iodoco Peres, com canôa grande, em que, depois das costumadas saudações. nos embarcámos alguns, ficando os mais em guarda do camarote e coisas que vinham pertencentes á missão. A' noite do mesmo dia da nossa chegada, mandou o Padre Iodoco Peres, Superior da missão, ler a patente de reitor do Collegio de Nossa Senhora da Luz, vinda de Roma para mim, sem eu ser sabedor que me tornaria a cahir esta carga ás costas; tomei logo posse, como se costuma, e me ficaram os papéis da Santa Inquisição, os quaes me tinha dado o Eminentissimo Cardeal Dom Verissimo, para os reitores dos collegios serem commissarios da Santa Inquisição pelo Estado do Maranhão.

O primeiro commissario da Santa Inquisição foi o Padre Manoel de Lima, que durante a primeira jornada do Padre Antonio Vieira tinha vindo a esta missão, e não houve outro depois até o ser eu, pois era reitor do Collegio.

Esses papeis dera-os o Eminentissimo Cardeal Inquisidor Geral, amigo da Companhia de Jesus, para maior credito e autoridade dos padres do Maranhão e maior veneração delles, mas queira Deus não sejam occasião de maiores desgostos como são de maior trabalho.

A tenção de Sua Eminencia o Cardeal Dom Verissimo, Inquisidor Geral da Santa Inquisição de Lisbôa, foi fazer-nos respeitar mais dos povos, que por qualquer coisa se levantam, sem nenhum medo.

Os padres missionarios me perdoem se faltei ao acerto, admittindo o que porventura estaria melhor com os prelados de qualquer outra religião.

Sentiu o Senhor Bispo Dom Gregorio dos Anjos ver, como lhe parecia, com isso diminuida a autoridade que dantes tinha, e por isso visitando-me o dia seguinte, como seu amigo, desde o principio de sua entrada para o Maranhão, pediu-me que quizesse mostrar-lhe a provisão que trazia para o cargo de commissario da Santa Inquisição para os reitores dos collegios e eu lhe mostrei logo; com que não abriu mais a boca nem fallou em tempo algum minima palavra sobre esta materia.

A primeira cousa que fiz foi mandar ao porto e a todos os conventos, publicar as ordens da Santa Inquisição, e juntamente

ler em publico as proposições de Miguel de Molina condemnadas pela Sé Apostolica, conforme me ficava encommendado, e, para que todos os nossos tenham noticia dessas proposições, por importar grandemente sabe-las, pareceu-me po-las aqui em o capitulo seguinte, visto poderem os bichos comer ambos os papéis.

CAPITULO 21

Mando, como commissario da Santa Inquisição, publicar em a Sé e egrejas das religiões as ordens que trazia e as sessenta e oito proposições de Miguel de Molina, condemnadas pela Senta Sé Apostolica e que para memoria aqui se assentam.

Bulla da Santidade de Innocencio XI, condemnando sessenta e oito proposições de Miguel de Molina. Em Lisboa, officina de Miguel Menescal, impressor da Santa Inquisição. MDCLXXXVII. Com todas as licenças. (Traducçao em Hespanhol).

Decreto expedido, quinta-feira, 28 de agosto de 1687, em geral congregação da santa, romana e universal inquisição, effectuada no palacio apostolico do monte Quirinal, deante do N. S. P. Innocencio, pela divina providencia, papa XI, e dos eminentissimos e reverendissimos srs. cardeaes da santa egreja romana, geraes inquisidores pela santa sé apostolica, especialmente deputados com toda a republica christan, contra a heretica maldade.

O rigor apostolico deve mover-se para desabonar a maldade dessa perniciosissima heresia, que ganhou forças em muitas partes do mundo, com grandissimo perigo das almas, para que se desfaça, graças á autoridade e providencia da solicitude npotificia, a protervia dos hereges nos esforços de suas falsidades e para que a luz da verdade catholica que resplandece na egreja santa, fique limpa de qualquer mancha de falsos dogmas.

Consta que certo homem chamado Miguel de Molina, filho de perdição, havia semeiado, a cada passo depravado, dogmas com o pretexto de *oração de quietude*, contra a doutrina e os usos

recebidos dos santos padres desde a primitiva egreja, desviando os fiéis da verdadeira religião e da pureza da piedade christan, e os induzindo a grandissimos erros e ás maiores torpezas.

Por isto, o N. S. P. Innocencio Papa XI, em cujo coração está impresso que as almas dos fieis, encommendadas pelo Altissimo, podem seguramente chegar ao desejado porto de salvação, purgadas dos erros de opiniões depravadas, attendendo á gravidade do caso, ouviu muitas vezes em sua presença, aos eminentissimos e reverendissimos srs. cardeaes geraes inquisidores na republica christan, e a muitos mestres da sagrada doutrina, recebeu seus votos por escripto, e, havendo espaçado maduramente e implorado a assistencia do Espirito-Santo, procedeu, pela forma que abaixo se declara, á condemnação das proposições infra inscriptas do mesmo Miguel Molina, que as reconheceu por suas e das quaes foi convencido e depois confessou terem sido escriptas, communicadas e cridas por si.

Proposições do Doutor Molina, condemnadas em 28 de agosto de 1687 pelo santo tribunal de Roma, assistindo a santidade de Innocencio XI:

1.º— Convem prender e anniquilar as potencias e esta é a via interna.

2.º— Querer obrar activamente é offender a Deus, que quer ser o unico agente e por isto é necessario deixarmo-nos ficar em suas mãos, e, desde então, como um corpo morto.

3.º— Os votos para fazer-se qualquer cousa são impeditivos da perfeição.

4.º— A actividade natural é inimiga da graça, obsta a operação de Deus e a verdadeira perfeição, porque Deus quer agir em nós.

5.º— Cousa alguma fazendo, a alma volve ao seu principio e á sua origem, que é a essencia de Deus, onde fica transformada e divinisada: Deus então nella fica, porque desde aquelle ponto d'ahi em diante não são duas cousas unidas, senão uma unica, e assim vive e reina Deus em nós outros e a alma afoga-se no ser operativo.

6.º— O caminho interno é aquelle em que não se conhece nem luz, nem amor, nem resignação, nem necessidade de conhecer a Deus, e desta sorte se caminha bem.

7.º—Não deve a alma pensar nem em premio, nem em castigo, nem em paraiso, nem çm inferno, nem em morte nem em eternidade.

8.º— Não deve querer saber se caminha com a vontade de Deus, se está resignada com ella ou não, nem é necessario que queira conhecer seu estado, ou a si propria, não tem senão que ficar como um corpo morto.

9.º— Não deve a alma lembrar-se de si, nem de Deus, nem de cousa alguma: na via interna toda a reflexão é nociva, mesmo a que se refere ás duvidas humanas e aos proprios defeitos.

10. Se com seus proprios defeitos, ella escandalisa a outros, não ha mister de reflexão alguma, comtanto que não haja vontade de escandalisar, e não poder fazer nenhuma reflexão sobre seus proprios defeitos é graça de Deus.

11. Sobre as duvidas que venha a qualquer que caminhe bem, não é necessario fazer-se reflexão.

12. Quem deu seu livre arbitrio a Deus não deve ter cuidado em cousa alguma, nem do inferno, nem do paraiso, nem da propria perfeição, nem da virtude, nem da sua santidade, nem da sua salvação, cuja esperança deve tambem ser esquecida.

13. Havendo-se consignado o livre arbitrio a Deus, deve-se deixar-lhe o cuidado e o pensamento de todas as nossas cousas e a acção em nós outros de seu poder divino.

14. A quem está vinculado á divina vontade não convém pedir cousa alguma a Deus, porque pedil-a é imperfeição, sendo, como é, acto da propria vontade, e é querer que a divina vontade se conforme á nossa e não a nossa á de Deus: como se entende do Evangelho, nos disse Christo que as almas internas que não querem ter vontade chegam a não poder pedir cousa alguma a Deus.

15. Assim como não devem pedir cousa alguma a Deus, assim não devem dar-lhe graças por cousa alguma, porque tanto um acto como outro são de propria vontade.

16. Não se deve procurar indulgencias para evitar satisfazer penas de peccados proprios, porque melhor é satisfazer a divina justiça do que procurar sua misericordia, pois aquella procede do amor puro de Deus e esta do amor interessado de nós mesmos, que não é cousa grata a Deus, nem meritoria.

17. Havendo-se entregue a Deus o livre arbitrio, o cuidado e os pensamentos de nossa alma, não se deve fazer caso das tentações, nem se deve oppor-lhe outra resistencia além da negativa, sem usar de industria, e se a natureza se altera, convém deixar que se altere, porque é natureza.

18. Quem na oração se serve de imagens, figuras, especies e de proprios conceitos, não adora a Deus em espirito e verdade.

19. Quem ama a Deus como a razão o demonstra e o entendimento o comprehende, não ama o verdadeiro Deus.

20. Dizer-se que na oração é necessario ajudar-se com palavras e pensamentos, quando Deus não falla a alma, é uma ignorancia; Deus não falla demais, o seu fallar é a acção e sempre esta manifesta-se na alma quando ella com suas palavras, pensamentos e obras não o impede.

21. E' necessario estar-se na oração em fé obscura e universal, com quietitude e olvido de qualquer outro pensamento particular e distincto dos attributos de Deus e da Trindade e estar-se assim na presença de Deus, para adoral-o, servil-o e amal-o, porém sem producção de actos, porque Deus não se satisfaz com esta mercadoria.

22. Esse conhecimento da fé não é um acto produzido pela creatura, mas um conhecimento que lhe dá Deus, que ella nem sabe que tem, nem mesmo depois de o ter; e o mesmo se diz do amor.

23. Os mysticos, com S. Bernardo, na sua *Claustralium*, distinguem quatro gráos, a invocação, a meditação a oração e a contemplação infusa; quem está sempre no primeiro jámais passa ao segundo; quem está sempre no segundo jámais chega ao terceiro; quem está no terceiro poderá ou não passar ao quarto, que é a contemplação adquirida em que se deve estar por toda a existencia, porque Deus não se identifica com a alma sem que ella o espere na contemplação infusa, cessando a qual

deve volver-se a alma ao terceiro grão, ficando nelle, sem voltar ao segundo nem ao primeiro.

24. Quaesquer pensamentos impuros, que occorram em uma oração contra Deus, os santos, a fé, os sacramentos, não sendo recebidos voluntariamente, nem se caracterisando por actos da vontade, mas sendo supportados com indifferença e resignação, não impedem a oração da fé, antes a aperfeiçoam por estar assim a alma mais resignada com a vontade divina.

25. Ainda que sobrevenha o somno e durma-se, não obstante a alma ora e contempla-se, porque oração e resignação, resignação e oração vem a ser tudo uma só cousa e emquanto a resignação continúa, continúa por si mesmo a oração.

26. Aquellas tres vias, purgativa, illuminativa e remissiva são o maior disparate que se tem dito em mystica, não havendo mais que uma via, que é a interna.

27. Quem deseja e abraça a devoção sensivel não deixa nem busca a Deus, mas a si mesmo; e faz mal em não deixal-a e fazer esforços para conserval-a quem caminha pela via interna, quer se ache em logares sagrados quer em dias solemnes.

28. E' bom o tedio das cousas espirituaes, porque assim se purga o amor proprio.

29. Quando uma alma interna se enfastia das palavras de Deus, das virtudes e fica fria sem sentir-se em fervor, é isto bom signal.

30. Todo o sensivel que se experimenta na vida espiritual é abominavel, torpe e immundo.

31. Nenhum meditativo exercita as verdadeiras virtudes internas, as quaes não hão de ser conhecidas pelos sentidos.

32. E' necessario perder as virtudes; não se requer outra preparação ou acção de graças para essas almas internas senão a da acostumada resignação passiva, porque nella está o amor que suppre do modo mais perfeito todos os outros actos da virtude que se podiam fazer e se fazem na via ordinaria; e se nessa occasião de communhão apparecem movimentos de humilhação, petição, acção de graças, deve-se reprimil-os, todas as vezes que nelles se reconhecer quaesquer impulsos especiaes de

Deus, pois de outro modo serão impulsos da natureza, que não está morta.

33. Faz mal a alma, que caminha por essa via interna em querer effectuar nos dias solemnes algum esforço particular para ter qualquer sentimento devoto, porque para a alma interna, em todos os dias, são iguaes todas as festas e o mesmo se diz dos logares sagrados, porque todos os logares são iguaes para ellas.

34. Dar graças a Deus com a lingua e com palavras, não é para as almas internas, que devem estar mudas sem crear nenhum impedimento a Deus, a sua acção sobre ellas, e quanto mais se resignam em Deus, pelo que experimentam, tanto mais poderão dizer o *Padre Nosso*.

35. Não convém que as almas dessa via interna pratiquem obras, ainda que sejam virtuosas, por sua propria actividade, porque assim não estão mortas, nem devem praticar actos de amor a Nossa Senhora, aos Santos, á Humanidade de Christo, pois sendo os objectos sensiveis, o é tambem o amor delles.

36. Nenhuma creatura, nem a Virgem, nem os Santos devem ter assento em nosso coração, porque Deus só quer occupal-o e possuil-o.

37. Em occasiões de tentações, ainda que sejam furiosas, não deve a alma praticar actos explicitos de virtudes oppostas, e sim permanecer no dito amor e na dita resignação.

38. A cruz voluntaria das mortificações é pesada e sem fructos, por isso é necessarie deixal-a.

39. As obras mais santas e as penitencias que tem feito os Santos não bastam para tirar da alma um só pecado.

40. A Virgem Nossa Senhora não praticou jámais uma obra exterior, e foi a mais santa de todas as santas; póde-se pois, chegar á santidade sem obra exterior.

41. Deus permitte e quer, para humilhar e fazer chegar á verdadeira transformação algumas almas perfeitas e ainda não endemoninhadas, que o demonio occasione violencias em seus corpos, e os faça commetter actos carnaes, mesmo quando dispertos, mas sem offensa de seu entendimento, movendo-lhes physicamente as mãos e outros membros, contra sua vontade;

e o mesmo se diz de outros actos por si mesmo pecaminosos, mas, no qual caso, não são peccados por não ter havido ahi consentimento.

42. Póde dar-se o caso em que essas violencias para actos carnaes sejam ao mesmo tempo por parte de duas pessoas, como homem e mulher, e que as siga o acto entre ambos.

43. Deus, nos tempos passados, fazia santos por meio dos tyrannos; hoje os faz por meio dos demonios, que, occasionando-lhes as ditas violencias, fazem com que elles mais se aviltem e se anniquilem em si mesmos, resignando-se em Deus.

44. Job blasphemou e apezar *non pecavit labis suis*, porque foi por violencia do demonio.

45. S. Paulo padeceu em seu corpo semelhantes violencias do demonio, pelo que escreveu: *non quod volo bonum hoc age, sed quod nolo malum hoc facio.*

46. Estas violencias são o meio mais proporcionado para anniquilar a alma e fazel-a chegar á verdadeira transformação e união; para isto não ha outro caminho, é o mais facil e seguro.

47. Quando dão-se essas violencias, convém deixar que obre Satanaz, sem usar da propria industria nem da propria força; fiquem-se no nada; e ainda que succedam infusões impuras e actos obscenos com as mãos ou outros usos mais extranhos, não convém que a alma se inquiete e sim que deite fóra os escrupulos, as duvidas e os medos, para que chegue a ser mais illuminada, mais mortificada e candida e adquira a santa liberdade; e sobretudo, não lhe é mister confessar-se, antes procede santissimamente não se confessando, porque assim vence o demonio e ganha um thesouro de paz.

48. Satanaz, que pratica taes violencias, dá depois a entender que são ellas graves faltas, para inquietar as almas e as impedir de se adiantarem no caminho interno; donde, para quebrar-lhe as forças, é melhor não confessar-se a alma, pois nem commetteu pecados veniaes.

49. (Esta proposição contém uma blasphemia contra o Santo Job, tão horrivel e obscena, que não fica bem traduzil-a em hespanhol.)

50. David, Jeremias e muitos dos prophetas santos padeciam dessas impuras operações externas.

51. Nas escripturas sagradas ha muitos exemplos das violencias, actos externos pecaminosos, como de Sansão, que, por violencia, matou-se, com os philisteus, tendo-se casado com uma extrangeira e pecado com a Dalila, rameira, o que, por outro lado, eram cousas prohibidas; e seriam pecados os actos de Judith, que mentiu aos assyrios, de Eliseu, que amaldiçoou os meninos, de Elias, que, no tempo do rei Achab, procedeu como se sabe com os dois capitães; se tudo isto foi violencia feita a Deus immediatamente ou por intermedio do demonio, como succede em outras almas, é cousa duvidosa.

52. Quando essas violencias, ainda que impuras não offuscam o entendimento póde então a alma unir-se a Deus e de facto sempre mais se lhe une.

53. Para conhecer quando a obra é feita com violencia, a regra que sigo é sómente observar os protestos que façam as almas de não terem consentido no acto e ver que são almas que aproveitam na via unitiva; se não governo-me principalmente por uma actual e superior luz ou pelos conhecimentos humanos e theologicos que me levem a perceber com certeza e inteira segurança, que vem de Deus, porque vem juntamente com a segurança que elle me dá, não existir nem sombra de duvida nesses casos, da mesma sorte que ás vezes succede que, revelando Deus alguma cousa, ao mesmo tempo assegura á alma que faz uma revelação, e a alma não póde ter duvida em contrario.

54. Os espirituaes, da via ordinaria, acharam-se na hora da morte burlados e confusos, tendo de purgar todas as paixões no outro mundo.

55. Pela via interna se chega, ainda que com muito trabalho, a purgar e fazer morrer todas as paixões, de tal maneira que não se sente mais nada, nem se experimenta nenhuma inquietação, e, como se fôra um corpo morto, a alma não se deixa distrahir.

56. As duas leis e as duas vontades, uma da alma, outra do amor proprio, duram emquanto dura o amor proprio: donde,

quanto este purgou-se e ficou morto como se faz, pela via interna, não perseveram jámais as duas leis, nem as duas vontades, não se effectua mais desunião alguma, nem se sente mais cousa alguma, nem mesmo um pecado venial.

57. Pela contemplação adquirida se chega ao estado de não se commetter mais pecados, nem mortaes, nem veniaes.

58. Chega-se a tal estado não se fazendo mais reflexões sobre as proprias, porque os affectos nascem da reflexão.

59. O caminho interno está separado da confissão, dos confessores, dos casos de consciencia, da theologia e da philosophia.

60. A's almas provectas, que começam a morrer para as reflexões ou que chegam a ficar mortas, impossibilita Deus, algumas vezes, a confissão e a suppre com graça tão perseverante quanto a que receberiam do Sacramento, por isto não fazem bem essas almas, em tal caso, chegando-se ao Sacramento da Penitencia, porque não pódem fazel-o.

61. Havendo chegado a alma á morte mystica, não pode já querer outra cousa além daquillo que Deus quer, porque não tem mais vontade e Deus a desobrigou.

62. Pela via interna se chega a estar immovel continuamente, em uma paz imperturbavel.

63. Chega-se por si mesmo, pela via interna, á morte dos sentidos e o signal de se estar no nada, isto é, morto por morte mystica, se manifesta quando os sentidos não representam mais as causas sensiveis, que ficam como se não houvesse tal cousa, porque não se lhes applica o entendimento.

64. O theologo tem menos disposição do que o simples para ser contemplativo:

1º, porque não tem a fé bastante pura ;

2º, porque não é bastante humilde :

3º, porque não cuida tanto de sua salvação ;

4º, porque tem a cabeça cheia de phantasias, especies e especulações, por isto não pode entrar na verdadeira luz.

65. Aos superiores deve-se obedecer no exterior e a latitude do voto de obediencia dos religiosos chega sómente ao exterior ; no interior é outra cousa, nelle entra sómente Deus.

66. E' digna de riso uma nova doutrina na egreja de Deus, de que a alma, na ordem interior, se deve governar pelo bispo e se este não fôr capaz, corre a alma perigo; digo nova, por que nem as sagradas Escripturas, nem os canones, nem as bullas, nem os autores o disseram jámais, nem o podiam dizer, pois *Ecclesia non judicat de occultis* e a alma tem direito de eleger aquelle que preferir.

67. Dizer que se deve manifestar o interior no tribunal externo dos superiores, sendo pecado não fazel-o, é um manifesto engano, porque *Ecclesia non judicat de occultis*; e causa-se prejuizo ás almas com esses enganos e essas ficções.

68. No mundo não ha faculdade nem jurisdicção para lavrar cartas de laureatos relativas ao interior da alma, e, portanto, é necessario ficar-se advertido de que isso é um artificio de Satanaz.

Todas as quaes proposições condemna e censura, como hereticas, suspeitas, escandalosas, blasphemas, offensivas dos ouvidos piedosos, relaxativas e destruidoras da disciplina christan e respectivamente sediciosas.

Condemna á mesma censura quaesquer cousas que tenham sahido sobre ellas, por palavras, escriptos ou impressos.

Ainda mais, prohibe a qualquer pessoa fallar, escrever, disputar, crer, defender, ensinar ou reduzir a pratica de qualquer maneira, o que nella se contém.

Aos que fizeram o contrario priva *ipso facto*, perpetuamente, de todas as qualidades, gráos, honras, beneficios e officios e os constitue inhabeis para quaesquer delles; fulmina contra estes a excomunhão *ipso facto incurrenda*, da qual ninguem senão o Romano Pontifice (excepto em artigo de morte) poderá absolver. Além do dito, prohibe e condemna Sua Santidade todos os livros, todas as obras impressas em qualquer logar e lingua, da autoria do mesmo Miguel de Molina, e determina que ninguem, de qualquer gráo, condição ou estado, ainda que seja digno de especial nota, se atreva sob qualquer pretexto, e em qualquer idioma, já com as mesmas palavras, já com palavras

eguaes ou equivalentes, com o proprio nome ou outro, fingido ou extranho, a imprimil-as ou fazer que se imprimam. Item, véda ler os manuscriptos e tel-os em seu poder e manda que os entreguem logo, sem dilação, aos ordinarios dos logares ou aos inquisidores contra a heretica perversidade, debaixo das mesmas penas acima postas e que os ordinarios e os inquisidores as queimem e façam queimar logo, no momento.

Foi publicado e affixado este decreto de santa, romana e universal inquisição nas portas do templo do principe dos apostolos, no campo de Flores e em outros logares do costume da cidade, por mim Francisco Perino Curloaden, padre e da Santa Inquisição no dia 3 de setembro de 1687. Descrevi fielmente João Felippe Betendorf.

CAPITULO 22

Chega o Padre Manoel Nunes do Brazil com alguns trese sujeitos que lá estavam e com outros novos, ao Maranhão, leva o Padre Superior da missão alguns comsigo ao Pará, e dispõe que se mude a aldêa de Mareú para o Tapecorú.

Aos vinte de outubro do mesmo anno 1688, dia das onze mil virgens, depois dos padres terem vindo do Reino e tomado um pouco de descanço, chegou do Brazil, em um barco comprado, o Padre Manoel Nunes com trese sujeitos, parte dos que tinham sido expulsados pelo motim passado, parte dos que de novo mandou o Padre Antonio Vieira, feito por então visitador da provincia do Brazil. Os sujeitos que tinham sido expulsados e vinham de Pernambuco eram os seguintes : os Padres Antonio Gonçalves e Diogo da Costa, os irmãos Manoel Rodrigues, Manoel da Silva e João Geraldo Ribeiro ; os que vinham da Bahia com o Padre Manoel Nunes eram o Padre João Angelo, romano, os irmãos Thomaz Carneiro, Thomaz do Couto, José da Fonseca, que depois se despediu, Claudio Gomes, Miguel Pereira, e José Carvalho e o Padre Francisco Soares, que tambem foram despedidos da Companhia.

Alegrou-se todo o Collegio do Maranhão com tão grande soccorro para a missão, e foram agasalhados todos com muita caridade ; ficou em o Brazil o Padre Pero Poderoso com outros varios, dos quaes alguns falleceram, outros ainda lá estão acabando seus estudos. Lá falleceram o Padre Pero Poderoso, o Padre Gonçalo de Veras, o irmão Antonio Ribeiro, coadjuctor temporal, todos bellos sujeitos e que tinham trabalhado muito em a missão.

A occasião de suas mortes foi a do grande zelo com que iam acudir aos indios da Serra, resolvendo morar com elles para acudir ás suas almas ; mas Deus, contentando-se de sua boa vontade, os levou todos para si, querendo morressem só na empreza o Padre Poderoso, em a viagem por mar, e os outros pelo Ceará. Foram grandes missionarios todos, e sobre todos os padres que eram dos mais velhos da missão, e não houve quasi residencia em que elles não assistissem com muito zelo e louvor. Trouxe o Padre Manoel Nunes comsigo a Francisco, filho de nosso Alonso, da Ilha, já feito marcineiro em a Bahia, onde ajudou a fazer as bellas obras da famosa sacristia do Collegio, que o Padre Alexandre Gusmão fez de casca de tartaruga admiravelmente bem, e trouxe tambem umas plantas de canella das quaes só uma escapou, plantada em o quintal, junto áquella da India que Sua Magestade me tinha dado e mandado embarcar para o Maranhão, dando-lhe agua para a regar pelo mar.

Repartiu o Padre superior Iodoco Peres esses novos sujeitos, levando uns comsigo ao Pará e deixando os outros em o Maranhão. O Padre Antão Gonçalves ficou para estudar theologia com os que tinham vindo do Reino, tendo por mestre o Padre José Ferreira, o qual, não satisfeito de ler theologia ecclesiastica aos nossos, tambem leu moral em uma sala ou cubiculo grande do corredor novo que mandei logo apparelhar para este fim ; o Padre Manoel Nunes apparelhou para suas conclusões *ad gradum*, que ao cabo defendeu muito bem.

Thomaz do Couto se applicou para mestre de latim, que ensinou com muita satisfação, concluindo tudo com uma tragedia publica em que levou o applauso de todos ; o irmão Silva ficou em o Collegio e se applicou ás obras da egreja nova ; o

irmão Manoel Rodrigues, semeando a roça para governal-a em companhia do Padre João Ribeiro, onde depois fez, a egreja nova com seu retabulo, pondo entalhador a Francisco com Miguel ; o irmão Geraldo Ribeiro se mandou a Mareú por companheiro do Padre Sebastião Pires, com ordem de mudar os curraes do Meary para aquella banda, como fez com grande diligencia e muito trabalho seu, porém, não menos proveito do Collegio, que hoje delle se sustenta. Os mais padres levou-os o Padre Superior comsigo para o Pará, deixando encommendado puzessem e apparelhassem tudo para os estudos, e mudassem a aldêa dos Guajajaras do Mareú para a banda do Tapecorú, para dar cumprimento a uma ordem de Sua Magestade, que Deus guarde, sobre èsta mudança.

Partiu o Padre superior Iodoco Peres com seu companheiro, o irmão Antonio Ribeiro, que era o que o acompanhava em as suas viagèns, e com os mais que levava, vindos do Brazil. Vendi o barco, dando a metade do preço ao Collegio do Pará, e feito isso, tratei de acabar o corredor novo, mandando pol-o ao nivel do outro, levantar as paredes e soalha-lo todo com os cubiculos e rebocal-o, deputando o maior delles para a theologia e um dos outros de baixo, para banda da rua, para a classe do latim. Mandei tambem concertar e cobrir a ermida de São Marcos e fazer-lhe um retabulosinho, pondo-lhe um bello painel de Nossa Senhora e uma imagem de vulto de S. Marcos, feita e pintada de novo com suas portas fechadas, além disso mandei cobrir a ermidinha de S. Francisco, em a ilha, pondo-lhe sua varanda para banda do mar, para os padres poderem lá estar em os dias do santo, accommodando outra casa para o mesmo effeito ; finalmente fiz pôr em via a olaria e salinas e fazer corrente tudo o mais para o bem do Collegio, á custa da industria e trabalho do irmão Manoel da Silva, a quem muito se deve pelo que obrou em obras da ilha e todas suas annexas, como se vê até o presente.

Posto tudo isso em caminho, com a roça de Anindiba, que estava commettida á diligencia e industria do Padre João Ribeiro e do irmão Manoel Rodrigues, que, depois de tirado de lá o Padre Carrea, ficou só, com grande satisfação, tratei de

mudar a aldêa de Mareú, dos indios Guajajaras, para o Tapecorú, em um sitio chamado Nazareth, que alguns moradores daquella banda tinham gabado muito ao Padre superior, como mui accommodado para uma bella aldêa, pois tinha boa vista e viração por estar em um alto da banda do Muny, e ao longo de si, conforme diziam, bellos rios para pescaria e terras ricas para mandioca e muito algodão. Bem sabia eu pelas informações dos homens portuguezes e indios que annos havia lá tinham morado, que não prestava para nada o dito sitio e que não tinha mais que aquella bella vista, mas nem terras tinha para......... se não por um anno, por estar cercado tudo de uns alagadiços, nem tinha aguas boas e abundantes, assim para beber, como para botarem os indios de molho suas mandiocas para fazerem farinha da agua, e que os indios Guajajaras repugnavam de se descerem para lá por medo dos Tapuyas de curso, que continuamente andavam pelos arredores daquelles rios Tapecorú e Muny. Comtudo, obedecendo ás cegas, persuadi quanto pude, com o Padre Sebastião Pires, aos indios a mudança, e desceram-se com elles alguns, ficando os outros em a aldêa de Mareú com o seu principal Pero, e fugindo os mais para Cayarama, paragem de seus mattos, onde davam bellissimamente os mantimentos todos, nem lhes faltavam carne nem peixe, nem jabutis, nem boas aguas, com boas fructas, que é o que os indios todos buscam para sustento da vida humana.

Custou aquella mudança perto de uns duzentos mil réis ao Collegio, que se gastaram parte em ferramentas necessarias para roçarem os novamente descidos, parte em farinhas, com que foi necessario sustental-os por um anno inteiro, emquanto não podiam ir valer-se de suas roças, que passavam de cem mil covas, alem de um grande algodoal que eu lhes tinha feito fazer. Assistirão-lhes o Padre Sebastião Pires e o Padre Diogo da Costa, para animal-os em aquelles primeiros principios.

O Padre Diogo da Costa bem viu logo que se cansavam debalde, mas nunca se desenganou o Padre Sebastião Pires. Houve logo grandes queixas dos indios sobre os mantimentos e aguas, attribuindo o Padre Sebastião Pires tudo á sua pouca

vontade de quererem estar fora de seu rio de Pinaré, farto em peixe, carne e mantimentos; e como esta mudança se tinha feito por seu parecer em boa parte, e mais pelo parecer do Padre Superior da missão Iodoco Peres, contra o meu, não pela consciencia senão puramente por obediencia, quizeram continual-a, sem embargo de verem que sem alavanca de ferro não se podia abrir uma sepultura, quizeram se fizesse egreja de taipa e aldêa, sem ter agua que prestasse, por quanto se cansassem os pedreiros da casa a fazer uma fonte que pudesse servir. Adoeceu lá o Padre Diogo da Costa, e após delle o Padre Sebastião Pires gravemente de uns flatos que o obrigaram a vir ao Collegio, onde por muito que tratassem delle assim o caritativo Irmão Manoel Lopes, muito experimentado em medicina, como um medico do Reino, grande amigo seu e meu, não o puderam dar são, como pretendiam, porque, tendo-se-lhe mitigado as grandes dores que padecia, levantou-se um dia de quinta, estando eu com o Padre Mestre José Ferreira em a ilha, foi-se á horta e passeou pelos corredores, porém repetiu-lhe o mal de repente com tanta vehemencia que, mandados chamar logo, lhe demos os Sacramentos da egreja, e com elles falleceu santamente aos dez de Novembro do anno 1688, pela meia noite pouco mais ou menos. Era o Padre Sebastião Pires religioso de muita edificação, amado e estimado de todos não só pelo talento que tinha de pregar, fazendo-o no Collegio do Maranhão, mas por suas raras virtudes e bom coração para com todos. A elle se deve o muro de taypa de pilão com que cercou a cerca todas, em tempo da expulsão dos padres do Maranhão, sendo vice-reitor até á minha chegada, e não ha duvida que merecia muito ser superior da missão e muito mais se Deus o não chamara para si para lhe dar o premio de seus apostolicos trabalhos em aquella idade, que lhe prometia ainda muitos annos de vida. Enterrou-se na egreja velha de Nossa Senhora da Luz, com grande concurso e sentimento de todos os que o tinham conhecido, e sobretudo dos nossos que com elle tinham perdido um tão bello e grande sujeito em tudo. Iam, entretanto, aproveitando os novos theologos debaixo de um tão grande mestre, como era o Padre José

Ferreira, de sorte que não cediam em nada aos de Coimbra e Evora, donde vinham estudar curso, e defendiam as conclusões publicas com admiração dos que concorriam para os ouvir, e mais dos que vinham argumentar, pois nunca tinham ouvido em o Estado do Maranhão discipulos tão destros e acertados quanto a responder e saltar todas as difficuldades que se lhes oppunham. E porque merecem que viva a sua lembrança em a memoria dos vindouros, quero nomeal-os aqui todos o Padre Ignacio Ferreira que, logo depois de acabar, leu philosophia e theologia, o Padre Francisco Poderoso, bello engenho, mas que não teve prudencia para se conservar em a Companhia, o Padre João da Silva, natural do Maranhão, bom pregador, o Padre Manoel da Costa, conimbricente, experto pregador, muito gabado, o Padre João de Avellar, religioso e pregador insigne, o Padre Antão Gonçalves, pregador zeloso, o irmão e agora, Padre João Valladão, que por falta de idade não estava ordenado, bello sujeito, bom pregador; o Padre Manoel Rabello que tinha estudado grande parte no Reino, entrou já clerigo sacerdote em Cotovia de Lisboa e é sujeito de muita virtude; discipulos do moral nossos não havia senão Domingos Macedo, dos de fóra varios, entre os quaes o nosso vigario da vara, José Gonçalves.

Não se contentou o Padre Mestre José Ferreira de ler a seus discipulos a theologia especulativa e moral, porém quiz além disso ensinal-os a praxe da theologia mystica, levando de comer aos presos em corpo, com seu caldeirão e pratos de iguarias armados de flores, pelas ruas publicas, cada mez, quando menos uma vez, vencendo nisso os padres do Reino que só pela quaresma da semana santa dão este grande exemplo de caridade em as cidades onde assistem; não fallo nos cathecismos e pregações que já elle e seus discipulos faziam não sómente em nossa egreja, mas ainda nas de fóra, pela cidade, com grande credito de nossa companhia.

CAPITULO 23

ADOECE E MORRE DOM GREGORIO DOS ANJOS, SENHOR BISPO DO ESTADO DO MARANHÃO EM 12 DE MARÇO DE 1689, ASSISTINDO-LHE O PADRE JOSÉ FERREIRA ATE EXPIRAR, E RETIRANDO-ME EU PARA LHE FAZER O SERMÃO FUNEBRE DE CORPO PRESENTE.

Estando o Padre superior Iodoco Peres em o Pará, houve pleito entre o Visitador, Padre Manoel de Almeida e a Camera, que chegou a tal extremo que o quiz prender. São historias largas que, como não foram á minha conta, as passo em silencio ; só faço aqui de passagem menção para se saber o fundamento do perdão que se pediu ao senhor bispo para a Camera do Pará, estando elle para morrer, assistindo-lhe com os clerigos e o Padre Mestre José Ferreira, lente de theologia.

Pediu-lhe o Padre José Ferreira que levantasse em quanto pudesse uma excommunhão em que os camaristas do Pará tinham incorrido, e era devoluta a Sua Santídade se elle não acudisse. Fel-o, perdoando a todos com muita vontade, e perguntou se delle queriamos mais alguma cousa, porque nos faria com grande vontade e gosto, estando em sua mão, e respondendo-lhe os padres que bastava, começou a desfalecer e entrar pouco depois em agonia de morte. Vendo eu o aperto em que estava, mandei despregar uns paineis da sala em que estavam retratados ao vivo S. Lourenço Justiniano, seu santo fundador e S. Gregorio Thaumaturgo, seu padroeiro, e mais o veneravel padre Apolinas, bispo, seu irmão, o qual foi martyrizado em Ethiopia pela fé de Christo, e lhos mandei por á vista, com que se alegrou muito, e se foi entrando mais ás ancias da morte, fazendo-lhe o padre mestre José Ferreira os colloquios e actos de Fé, Esperança, Caridade, e arrependimento, lembrando-lhe o Santissimo Nome de Jesus e Maria, até dar a alma a Deus Nosso Senhor, com muita paz e quietação aos 12 de março do anno de 1689, festa de S. Gregorio, papa. Foi enterrado em o dia seguinte, com todo o apparato e solemnidade em a Sé da ci-

dade de S. Luiz do Maranhão, bem pelo meio, onde começa o corpo da egreja, junto do degráo de pedra marmor que cobre sua sepultura, que elle trouxe para isso, quando veio de Portugal. Em o dia seguinte, entre as 9 e 10 horas da manhã, disse-lhe missa cantada de corpo presente, assistindo as religiões, senado e nobreza, com muita gente do povo que concorria, e fiz-lhe eu, como muito seu amigo, a oração funebre, por não se achar quem pela brevidade do tempo que havia entre o seu fallecimento e enterro quizesse toma-la a sua conta.

Teve esse Senhor não pequenas nem poucas difficuldades com os que governavam, e não faltaram contra elle queixas á Corte, pelas quaes Sua Magestade lhe mandava seus avisos; porém era prelado de mui bom proceder e de boa consciencia e se tinha differenças com os que governavam não era senão porque tratava de guardar sua jurisdicção, e de introduzir o respeito que se deve á dignidade episcopal, tão pouco conhecida pelas terras do Maranhão, onde elle era o primeiro bispo, e depois não houve outro até o anno de 1697 quando o reverendissimo e illustrissimo D. Frei Timotheo do Sacramento lhe succedeu no bispado. Estando o Padre Antonio Pereira, reitor do collegio do Pará, e o Padre Pero Luiz Gonsalvi ausente em o Maranhão, teve alguma differença com os padres sobre a provisão para as confissões, querendo lhe pedisse cada um delles a sua parte, mas pouco depois veio em tudo o que os padres lhe pediram e ficou delles muito amigo, vindo-se confessar com o mesmo padre reitor em tempo das Endoenças. Houve alguns que tinham para si dera alguma aza de palavra ao levantamento do povo do Maranhão, mas o tempo mostrou que tudo foi uma presumpção fundada em fundamentos mui fracos, e não houve nada alem de cousa de pouca substancia e momento, e assim depois sempre se correu belissimamente comnosco, nem tivemos de que nos poder queixar delle em cousa nenhuma.

Fizeram os do Pará queixas delle a Sua Magestade, dizendo formára uma aldêa de indios forros para banda de Carnapió, que chamara de S. Gregorio, para se servir della nas occasiões de suas viagens; extranhou-lh'o por carta Sua Magestade, e queria se lha tirasse para se reporem os indios della em suas aldêas;

porém nem o Padre Iodoco Peres, por então superior da missão, nem eu, que depois lhe succedi, nem outro nenhum tratamos disso por ser cousa de pouca substancia, e os indios mesmo se retirarem pouco a pouco, ficando mui poucos até o dia presente em a dita aldea, ainda que cada anno sempre se faz lá a festa de S. Gregorio Thaumaturgo, em sua egreja, com toda a solemnidade, á custa dos moradores brancos visinhos della.

CAPITULO 24

VAI O PADRE ALUIZIO CONRADO PHEIL COM OS PORTUGUEZES EM BUSCA DOS OSSOS DOS PADRES MORTOS EM ODIO DA FE' EM O CABO DO NORTE PELOS TAPUYAS EM 1688.

Aos 11 de maio do anno de 1689 tratou o Padre Aluisio Conrado Pheil de ir em companhia de alguns homens portuguezes, em busca dos ossos dos dous padres mortos e queimados em a ilha de Camunixary pelos Oivanecas, apezar de se terem os moradores de lá retirado para o matto, para não serem participantes de um tão horrendo crime.

E como quer que lhe era humanamente impossivel acertar o lugar senão houvesse quem tivesse noticia delle e lh'o mostrasse, porque, ainda depois de queimados os corpos, tinham os matadores enterrado os ossos, não para lhes dar sepultura, mas para tirarem toda a memoria delles para sempre, quiz a Providencia Divina que os portuguezes prendessem sobre o mar um indio, por nome, Itapary, inimigo e depravado barbaro, porém sabedor do que se buscava, por se ter achado presente, e ter sido cumplice de toda a sacrilega maldade que com os padres se tinha usado.

Este indio Itapary, de repente, como movido do Céo que quiz descobrir os ossos de seus dous servos, prometteu e deu palavra ao Padre Aluizio Conrado Pheil, que mostraria fielmente o logar onde os matadores tinham escondido e enterrado os ossos dos padres, depois de mortos, enforcados e queimados os seus corpos.

Com esta promessa foram á ilha de Camunixary, e sem embargo de terem já passado uns mezes depois da sacri-

lega matança e enterro dos ossos, e terem chovido muitas aguas sobre os logares que se pretendia achar, comtudo como na casa em que se queimaram os corpos tinha ficado o pedaço de um esteio que se não queimara, mostrou, dahi a uns nove passos do porto, o lugar do enterro dos ossos do padre grande Antonio Pereira. Abriram-n'o com muita veneração e acharam o casco da cabeça, alguns dentes, as canellas dos braços e das pernas, e outros pedacinhos, com duas cruzes de caravaca, uma inteira e outra meia quebrada; e dahi a seis passos, para a banda direita acharam tambem enterrados os ossos do Padre Gomes, os quaes estavam mais espalhados, faltando uma canella, que um tinha levado para fazer della uma gaita.

Todo o referido testificaram quatro brancos, que estiveram presentes a tudo, e em cuja vista o Padre Aluizio recolheu os ossos e depois de fechados debaixo de chave, os entregou ao Padre Superior Iodoco Peres, no Pará, aonde chegou meio morto de doença, que lhe deu no cabo do Norte em a sua missão. Aos doze do mesmo mez de maio do anno 1639, levantou o padre Aluizio uma capellinha de palmas sobre a sepultura do Padre Antonio Pereira, e disse uma missa votiva á honra de nosso Santo Patriarcha Ignacio; acabada ella, fez levantar alli uma cruz de altura de trinta e quatro palmos fóra do chão, e outra sobre o lugar da sepultura do Padre Bernardo Gomes de altura de vinte palmos. Somente concorreram para essa santa funcção, além dos portuguezes, trez indios principaes com suas enxadas, ficando liberalmente remunerado o indio Itapary, sem cuja ajuda não era possivel descobrir cousa alguma com o acerto que se requeria.

Tudo o em cima referido tirei de um apontamento do padre Aluizio, o qual conclue assim : *Hœc omnia substantialia a me dicta est hic scripta vera esse juro. Sic me Deus adjuvet et hœc tanta Christi Evangelia remaneant*, que em nosso portuguez quer dizer assim: Todas estas cousas aqui por mim relatadas e escriptas juro serem verdadeiras, assim me ajude Deus e estes seus Santos Evangelhos permaneçam.

CAPITULO 25

MANDA O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO IODOCO PERES AO PADRE JOÃO ANGELO COM O PADRE JOSE' BARREIROS Á NOVA MISSÃO DOS IRURIZES.

Poem o Padre Antonio da Fonseca entre os Tupynambaranas, e o Padre João Carlos em Curupatyba. Tinha o Padre João Angelo vindo do Brazil em outubro do anno de 1688, mandado pelo Padre Antonio Vieira, visitador da provincia para esta missão do Maranhão, e não tendo feito em a cidade de S. Luiz mais que quinze dias de demora, partio com seis religiosos para o Pará, onde chegou pela festa de S. Francisco Xavier; e como vinha com tenção de ser o primeiro missionario do rio da Madeira, onde o Padre Superior destinava de fazer nóva missão na aldêa dos Irurizes, mandou-o para lá pelas festas do Natal, dando-lhe por companheiro o Padre José Barreiros.

Foram-se com grande animo e gastaram tres mezes de viagem sem perigo, tirado o ponto onde se acharam uma noite tres vezes sobre tres caldeirões, em os quaes a muita correnteza das aguas os lançou com incrivel furia para o meio, e tres vezes os tornou a lançar para o matto, valendo-se dos arvoredos para não ficarem sepultados sob as aguas. Chegados á boca do rio dos Irurizes, dous dias distante da aldêa, toparam com o principal Mamoriny que vinha em uma canoa grande remada por quantidade de mulheres, trazendo um só indio criado seu comsigo; este, como depois souberam, ia fugindo de se encontrar com os padres, pelas más praticas que os brancos que assistiam em a aldêa lhe tinham feito, dizendo-lhe que os padres iam tirar-lhe as suas mulheres, filhos e filhas, e que os haviam de açoitar e maltratar.

E por quanto que o Padre João Angelo lhe persuadisse que tornasse atraz, nunca quiz fazel-o, dizendo-lhe ia fazer farinhas em uma roça sua; com que os padres se foram da aldêa sem elle, e como quer que os ditos brancos á vista delles fallaram diversamente aos indios do que lhe tinham fallado dantes em sua ausencia, e o padre João Angelo mandou dizer ao principal

Mamorini que se não viesse logo para a aldêa se voltaria para o Pará, veio finalmente e sem difficuldade se desenganou de todos os aleives que contra os padres se tinham levantado; e assim mandou avizo a todas as aldêas pertencentes aos Irurizes para que viessem vizital-os. Vieram elles com seus costumados presentes, aos quaes o Padre João Angelo correspondeu conforme a pobreza que comsigo levava; depois disso deu-lhes parte a todos como lhes vinha mostrar o caminho verdadeiro do Céo pela insinuação da fé catholica, e pelo santo baptismo que lhes vinha dar para fazel-os filhos de Deus, e livral-os do inferno e escravidão do diabo; avisando-os e exhortando fizessem suas egrejas para o culto divino, com umas casas em que se pudessem recolher os padres quando os fossem ver em suas aldeas; com isso foram-se todos mui satisfeitos, e os padres deram logo ordem a fazer-se egreja e residencia em a aldeia de Irury, onde se achavam alguns brancos tratando de cacao que ha muito e bom por todo aquelle rio, e se estima por melhor do Estado todo, pela grandesa e doçura que tem maior do que em outras partes fóra do rio da Madeira.

Assistiram lá os padres perto de um anno, ensinando a todos os mysterios da nossa santa fé, acudindo aos adultos com o baptismo na hora da morte, e baptisando os meninos em tempo que achavam mais conveniente, tudo com grande fructo e satisfação dos indios, cujas aldeas procuravam. Já fallei em um capitulo atraz do rio Madeira e das terras, aguas, ares, peixe e caça do matto, e mais alguns usos e ritos dos Irurizes, agora acrescentarei o modo como se repartem e governam, e para não errar seguirei o que o Padre João Angelo me deixou em um apontamento que lhe pedi sobre esta materia.

Governam-se as aldêas dos Irurizes com principaes electivos de tal sorte, que o mais capaz entre elles é o que succede pela morte de seu principal; e em as aldêas só os que são parentes podem ter casa á parte, porque os vassallos moram em roças dos que os governam, com que as aldêas contem somente principaes, os quaes elegem sobre si um cabo, que é como cabeça de todos. Havia em o tempo que lhes assistiu o Padre João Angelo com o Padre José Barreiros, cinco aldêas grandes desta mesma

nação; a primeira de Irurizes, a segunda de Paraparixanas, a terceira de Aripuanas, a quarta de Onicores, e a quinta do Torizes, além de algumas aldeotas de pouca consideração, porém estas cinco continham mais de vinte aldêas, por quanto cada roça daquelles principaes era uma boa aldêa de vassallos.

Os padres missionarios para melhor governo de todas ellas, assim em o temporal como em o espiritual, que lhes competia pelas leis de Sua Magestade, mandaram chamar um dia os principaes todos para lhes dar melhor informações dos intentos de sua vinda para suas terras.

Obedeceram logo todos e para que de um se conheça o modo com que chegam, referirei sómente o do Paraparixama, que era o mais vizinho e veio pelo modo seguinte.

Chegou uma tarde ao porto da aldêa com grande numero de canôas, e sem se desembarcar alma viva mandou um mensageiro dar parte ao principal Mamoriny como era chegado o principal Paraparixana, e assim, estando todos dentro de suas canôas, sem se bulir em couza alguma, pela manhã tornou a mandar segundo recado, pedindo licença de sair para terra. Estes recados todos trazia logo o principal missionario aos padres pedindo-lhes seu consentimento; com elle finalmente começaram a vir para a aldêa com grande numero de indios carregados de mil curiosidades, de assentos, de bordões, tapiocas e beijus e estes eram mimos que o principal Paraparixana mandava adiante de si a todos os moradores daquella aldêa. Atráz destes ia uma tropa de mancebos pintados a mil maravilhas, os quaes andavam dous em dous, com grande modestia e compostura, e, levando seus arcos e fréchas pela mão, se encaminharam para casa do Paricá; após delles começaram a vir os moradores da aldêa do Paraparixana, os quaes traziam nas mãos umas varas rachadas e abertas pela ponta, em signal que tinham vassallos, e eram fidalgos entre os seus e por isso tambem cada qual delles levava uns pagens adiante de si com arco e fréchas pelas mãos; finalmente ao cabo de todos estes fidalgos vinha o Paraparixana, vestido de seda verde, com um terçado arvorade em a mão, e assim como levava diante de si grande numero do

pagens, tambem o seguia em ordem uma grande multidão de vassallos.

Passou toda esta procissão pela porta da residencia dos padres e não obstante estarem lá elles e o principal Mamoriny que lhes estava explicando os passos daquella entrada e os nomes dos principaes, comtudo nenhum delles se atreveu a fallar nem a olhar para elles, e assim foram á caza do Paricá, onde se lhes armaram as redes e os jacázes, e assentados aqui todos pedio o principal Mamoriny licença aos padres de os ir visitar, e assim como elle foi foram tambem em sua companhia os mais principaes da aldêa, e, assentados uns defronte dos outros, mandou logo o principal Paraparixana dizer ao Padre João Angelo que elle era chegado, e que elle desejava summamente que viesse. Elle logo veiu com todo o seu acompanhamento á porta da casa da residencia, porém elle só entrou dentro fez-lhe a visita, e dahi tornou outra vez para a casa do Paricá, onde de todas as casas da aldêa lhe foi um presente para o jantar, e jantaram alegremente todos, porém sem vinhaça alguma, e ahi estiveram quatro ou cinco dias, sem nunca entrarem em casas daquella aldêa, não obstante que tinham ahi seus parentes mais chegados por estarem casados uns com os outros; finalmente quando se quizeram ir para a canôa, então foram correndo todos juntos, por todas as casas donde as mulheres lhes davam seus mimos para a viagem.

Foram quatro as aldêas que o Padre João Angelo desceu para mais perto do rio da Madeira, e só os Irurizes não se quizeram descer, mas não foi difficultoso reduzil-os a que se deixassem instruir na fé. Tem elles para si que derivam de uma deusa que veio do Céo a aquellas suas terras parir cinco filhos, os quaes edificaram as cinco aldêas, e como quer que a dita deusa comesse inadevertidamente peixe diante de seus filhos, foi-se logo envergonhada para o Céo e nunca mais appareceu na terra.

Não ha duvida que crem haver demonios que os molestam, quando lhes não pagam todos os annos seus tributos de vinhos e beijus, e para isso lhes fazem umas festas annuaes.

Os principaes enterram-se dentro de uns grandes paus fu-

rados a modo de grandes pipas, e ahi tambem enterram viva a sua manceba mais querida e o seu mais mimoso rapaz.

Tudo isto lhes tirou logo o Padre João Angelo e o Padre José Barreiros, e já se iam fazendo capazes de baptismo quando o Padre João Angelo adoeceu gravemente, e foi obrigado a vir curar-se ao Pará com o Padre José Barreiros, que tambem ficou muito maltratado de sua saude. Já estavam mudadas as sobreditas quatro aldêas quando se vieram os padres, e se foram aperfeiçoando com bellas casas de sobrado, com suas lojas por baixo, de que todos os brancos que lá iam ficavam admirados. Até aqui o principio da missão dos Irurizes da qual se fallará depois em seu lugar.

Por aquelle tempo formava o Padre Antonio da Fonseca com grande zelo a aldêa dos Tupinambaranas, accrescentando-a com gente nova, fazendo egreja e casas bonitas, acudindo juntamente aos Andirazes com a doutrina e os sacramentos.

E o Padre João Carlos, com fervor não menor, governando a aldêa de Gurupatyba com suas annexas, Tapajóz, Gossary, Urubuquára, Jagoaquára, ia fazendo egreja e casas novas, provendo a residencia de ornamentos de chamalote de varias cores, e tudo o mais necessario para se levar o Senhor aos moribundos com toda a decencia devida.

CAPITULO 26

CHEGA O PADRE JOÃO MARIA, E PARTE O PADRE SUPERIOR IODOCO PERES PARA O MARANHÃO, E REPÕE OS GUAJAJARAS NO MAREU' DO PINARÉ

Voltou do sertão o Padre João Maria com a tropa de André Pinheiro, trazendo em sua companhia o Padre Samuel Fernandes, allemão, missionario dos Cambébas, que como já se disse atraz, se vinha curar no Pará; e como trazia muitos escravos e varios mineraes de ouro e prata, nunca tropa veiu mais acceita que esta, por se persuadirem os moradores que tendo-se achado tão

ricos mineraes, facil seria a fundição delles, para ficarem enriquecidos todos.

Deu o governador Arthur de Sá parte de tudo a Sua Magestade, mandando-lhe juntamente amostras dos mineraes, e informando-o da chegada desse Padre Samuel Fernandes Fritz, missionario das missões de Quito.

Tendo o Padre superior dispostas as cousas das residencias da banda do Pará, deu outra chegada ao Maranhão, passando pela residencia do Caethé, onde assistia o Padre superior Iodoco Peres; tinha-me dito que visse eu se podia descer o restante dos Guajajaras, postos em Capityba, onde o Padre João Maria já tinha ido descer alguns. Ficava eu nisso sem embargo de minha muita edade, e já tinha mandado apparelhar a canôa grande com os remeiros e tudo o mais necessario para a dita viagem, quando pela mesma noite antecedente, estando eu já bem apparelhado, me inspirou Deus Nosso Senhor tão fortemente o coração que não fosse, que com admiração do Collegio desisti totalmente do meu intento, e me determinou de ir a Nazareth, onde assistia o Padre Diogo da Costa, em logar do defunto Padre Sebastião Pires, para levar de lá os indios todos outra vez ao Mareú, sobre o rio de Pinaré. As razões que me moviam para isso era ver que nenhum Guajajara estava em Nazareth por vontade e gosto seu, que o principal Pero e muitos delles se não queriam descer, e outros se mudaram para Cayaramá, outros tambem fugiam para Capityba, com que não convinha por nenhum modo ir descer os parentes daquelles que, descontentes da mudança, iam fugindo para seus sertões.

Estando eu nesta resolução de acudir com o remedio antes que todos se acolhessem para o matto, chegou o Padre Iodoco Peres ao Maranhão, e dando-lhe eu, como reitor do Collegio, conta de tudo o que se passava, offerecendo-me a penitencia merecida, se indo elle em pessoa achasse o contrario do que eu lhe dizia, logo, como varão zeloso, se foi em a mesma canôa, levando comsigo a canôa grande do Santo Ignacio, e como achou ser de real verdade tudo como eu lhe tinha referido, desenganado finalmente das queixas dos mesmos in-

dios e indias, com uma resolução digna de sua muita prudencia, embarcou toda a aldêa em peso, e tornou a levar elle mesmo em pessoa a todos para o Mareú, onde ainda ficava o principal Pero, tendo-se já acolhido os outros para o sitio de Cayaramá, muito abundante de tudo, mas menos sadio.

Mandou-lhes pouco depois o Padre Balthazar Ribeiro com o irmão Geraldo Ribeiro para os governar, assim quanto ao temporal como ao espiritual, estando o Padre Antonio Coelho entretanto em a aldêa de S. José, com o cuidado, que de sua muita virtude todos devem presumir.

Não é crivel quanta molestia e damno deu ao Collegio essa mudança da aldêa do Mareú para Nazareth de Tapecorú, mas tudo se deve ter por bem empregado, pois com ella mostraram os padres sua muita obediencia ás leis de Sua Magestade, que queriam se fizesse quanto pudesse ser, e como assim se fez não ha mais que fazer, salvo se quizesse Sua Magestade e seus Ministros que a dita aldêa se perca de tudo, acolhendo-se para o seu sertão, como já se acolheram muitas vezes muitos indios della, sem embargo do bom trato que lhes davam e dão sempre os padres, só pelo aborrecimento que têm de trabalhar para os brancos, e se terem descido com condição de lhes não servirem, e finalmente por serem indios pusilanimes e preguiçosos, que fugiram para o cabo do mundo para não irem ao Tapecorú, onde o gentio do curso, como Caycayzes, Uruatizes e outros, andam continuamente matando os escravos dos brancos e os brancos mesmos, sem se lhes poder acabar de dar remedio depois de tantos annos, tudo isso sem fallar sobre o muito que custou aos padres repol-os em seu ser antigo, por que, como os indios tinham desamparado suas roças, com aquella mudança, em Mareú e em Nazareth, lhes não renderam nada as que lá tinham plantado por entrarem por ellas os Tapuyas e lh'as comerem e destruirem, de sorte que nem maniva acharam para plantar outra de novo, e lhes foi necessario que eu os ajudasse para as ir mendigando pelas roças dos brancos e levar em canôa do Collegio, ficando os pobres um anno inteiro vivendo como bichos do mato, sem ter outra farinha, que a que lhes davam pelo amor de Deus os seus parentes que

tinham ficado no Mareù, quando elles se mudaram para Nazareth.

Perdoe Deus a quem aconselhou Sua Magestade uma tão perniciosa mudança, com perda de tantas almas que por occasião della se perderam, fugindo para os seus sertões sem nunca mais apparecerem ; elles darão contas a Deus da condemnação daquellas almas, que, vindo buscar sua salvação, a perderam, pelo zelo indiscreto de alguns mal informados, para que daqui por deante desistam por uma vez da pretenção da descida desses indios Guajajaras. Saibam que desceu os primeros o Padre Manoel Nunes, com licença, para serem filhos de Deus e dos padres da Companhia de Jesus, e que os segundos e mais se desceram sempre com condição expressa posta por elles ao Padre João Maria e a mim, e ao Padre Antonio da Silva, que não desciam senão para serem filhos de Deus e dos padres, e não servirem nunca aos brancos, e com essa condição se vieram e se conservaram, sem quererem vir por nenhum modo em outra cousa, e fugiram para suas terras quando lhes veio suspeita de qualquer outra disposição. Isto declaro aqui para que o saibam os vindouros e não.................... o contracto feito com elles pelos padres que os desceram, e por mim que os recebi, sendo reitor do Collegio do Maranhão, e os mandei buscar fugidos em muita parte para Cayaramá pelo Padre Antonio Ribeiro que lhes mandei só para este fim, e o Padre os tornou a trazer com muito trabalho seu.

Acabada a mudança dos indios Guajajaras para o Mareú sobre o rio Pinaré e terra sua, não achando o Padre Superior que mandar quanto ao Collegio nem quanto á aldêa de S. José, onde assistia o Padre Antonio Coelho, com um irmão estudante vindo do Caethé, ahi assistindo o Padre Francisco Ribeiro, com grande satisfação, tendo succedido ao Padre Antonio Vaz, o qual tinha levantado essa residencia com sua egreja e casas que hoje lá se acham, acrescentadas de alguns ornamentos da egreja que fez vir o Padre Francisco Ribeiro, houve este anno as quarenta horas, as praticas, a Quaresma e o Sepulchro, e tudo o mais com o concurso e devoção que se costuma, sem faltarem confissões e communhões, assim de brancos como de indios do

Collegio do Maranhão ; não se faz menção das doutrinas e baptismos em as aldêas, porque é cousa escusada fallar do que todos sabem, e é cousa quotidiana por todas as missões e que de si mesmo se dá a entender.

LIVRO 8º

PÕE-SE A MISSÃO EM ESTADO MAIOR E SUA ULTIMA CONSISTENCIA

CAPITULO 1º

CHEGA A GENTE DE UM NAVIO QUE, PERSEGUIDO DOS PIRATAS, DEU Á COSTA, E POUCO DEPOIS A NAU DE JOÃO FRANCO COM P. P. E GOVERNO NOVO PARA A NOSSA MISSÃO

Em o anno 1692 tinham sahido do porto da cidade de Lisboa duas naus para irem juntas ao Maranhão, por maior segurança contra os mouros piratas, que em aquelle tempo infestavam os mares, e sobretudo a costa do Brazil; mas uma destas, que trazia novo provincial de Nossa Senhora do Carmo, o muito reverendo padre frei Antonio da Piedade e o ouvidor geral Manoel Nunes Selares para o Maranhão, indo adiante logo que chegou á costa abaixo do Ceará, deu em uma fragata de piratas que sem demora deram sobre ella com toda a furia, cuidando a levariam a mãos lavadas; mas acharam-se enganados, porque os portuguezes defenderam-se como quem eram, com muito valor, primeiro com suas armas de fogo, e depois a peito descoberto com os alfanges ás mãos, de sorte que de uma parte e de outra houve grande effusão de sangue, ficando feridos muitos; e entre elles o ouvidor geral em a face, de uma pedrinha disparada de uma peça da náu inimiga.

E como os piratas viam que não podiam prevalecer e havia muitas mortes dos seus, puzeram-se de longe, dando logar á nau portugueza para continuar sua viagem, imaginando-se que elles, depois de terem reparadas suas forças, a renderiam com mais facilidade, sobre a madrugada.

Podia neste interim, com o favor da escuridão da noite, ter-se posto em segurança, se sempre navegara, e se fizera mais para o mar, a nau portugueza, mas como foi tardando, logo ao apontar do dia seguinte viu outra vez os piratas sobre si, com que, em temeridade e não querendo esperar outro assalto, fez-se á terra, e estando ainda em bastante distancia afastada della, encalhou á vista dos piratas, que bem desejavam mas não lhe podiam chegar.

Sahiu pouco a pouco toda a gente em o batel, levando cada qual de seu o que tinha e todo o demais que podia carregar, ficando todo o cabedal maior ao desamparo; até que com a enchente, desfeita a embarcação, se espalhou parte pelas praias, parte se foi ao fundo, e parte, levada pelas ondas do mar em paragens desertas se acabou de perder tudo para seus donos, porém, não para os gentios Terembebezes, que, como são gentio brabo, que continuamente corre pela costa e praias, só se pode aproveitar do que era de seu gosto.

Os naufragantes foram logo caminhando pela praia, com um pouco de biscouto para não morrerem de fome pelo caminho, e foi tanto o medo e tão pouca a sua caridade ou (para melhor dizer) tanta a sua fraqueza, que por não se atreverem de carregar ás costas um dos seus mortalmente ferido, o deixaram morrer ao desamparo.

Chegados que foram ao rio das Preguiças, puzeram-se da outra banda como puderam, em uma canôa destroncada que a Providencia Divina lhe offereceu ahi, e depois disso, ajudados dos soldados da casa forte do Ceará, chegaram ao Maranhão onde foram agasalhados todos com muita caridade.

Lá contaram o successo de sua viagem e os muitos perigos e grandes miserias que tinham padecido, e deram novas como atrás delles vinha outra nau de João Franco, que tinha partido com elles do porto de Lisboa, e se afastado por adeantar-se a sua algum tanto mais do necessario.

Vinham na nau de João Franco o secretario do Estado, com alguns padres missionarios da Companhia de Jesus para a missão do Maranhão, além de outra gente de bem e fazendas de encommenda para varios, com que todos receiosos de algum

perigo dos piratas que podiam incorrer, a encommendavam a Deus Nosso Senhor, para que a livrasse e fizesse chegar a salvamento ao porto do Maranhão: livrou-os Deus, mas com o successo seguinte.

Logo que chegou em Jericoaquara, paragem conhecida abaixo do Ceará, deram sobre ella os piratas como de repente; escolheu João Franco o secretario, homem nosso prudente e generoso, para governar as armas, e fel-o elle com tanta destreza e valor que o inimigo ficou de perda ao primeiro assalto que foi mui renhido; e como se tinha retirado, de sorte que se lhe podia dar uma descarga pela popa de nosso navio, contra a proa do seu, disparou-se uma peça carregada de uma balla grande e muitas pequenas pelo convez dos piratas. Fez-se um estrago muito grande entre elles com muitas mortes e effusão de sangue, tão terrivel, que, desesperados de poderem vencer, desistiram de sua presumpção, e deixaram navegar livremente a nossa nau a seu salvo, com que no prazo de quatro dias se puzeram dentro do porto do Maranhão, onde foi muito festejada, assim pela victoria que alcançaram dos piratas, como por trazer novo governo do Estado,com algum soccorro do Reino, que serviu de algum remedio das perdas que o naufragio da primeira nau tinha trazido.

O novo governo que vinha era a provisão de governador do Estado para o capitão-mór do Pará Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que eu, estando em a Côrte, tinha apontado a Sua Magestade.

Os padres da Companhia que vinham, eram Manoel Galvão, superior desta missão, João Justo Lucas, Manoel de Amaral e Manoel Rabello, e o irmão estudante Domingos da Cruz, noviço.

Causou esta vinda de tão bellos sujeitos tanta alegria aos animos de todos do Collegio do Maranhão, quanta se póde considerar em circumstancias de falta de sujeitos áquelle tempo.

Pela mesma occasião chegaram-me patentes de Roma para superior maior, e juntamente cartas de nosso muito reverendo Padre Geral Thyrso Gonçalves, em que me ordenava tomasse logo, sem detensa alguma, posse do cargo. Seria isso por haver o Padre Iodoco Peres passado seus annos com a morte do Padre

Antonio Pereira, que tinha sido nomeado por seu successor em o superiorado.

Eu, sem embargo de saber muito bem o grande peso do superiorado que já tinha levado annos, sujeitei os hombros a leval-o outra vez, confiado da Divina Providencia que me encarregava delle.

Pediu-me o Padre Manoel Galvão agasalhasse por uns dias o secretario com seus dous criados, que vinham em sua companhia, e fil-o eu com muita vontade, sustentando-o com seus criados mais de um mez, até achar onde se acommodasse a seu gosto.

Não posso deixar de referir aqui o extratagema de que usou o Padre João Justo na occasião do perigo que teve sua nau com a do pirata, e foi que vendo elle que a nau inimiga ia apparecendo, logo mandou pôr uns biquinhos de velas acesas á portinhola de cada peça, para que soubessem os adversarios com que nau se tinham, e valeu tanto este engano militar, que o padre teria aprendido quando andou annos em as naus contra o Turco, que os piratas tiveram tanto medo que não se atreveram ao que se teriam atrevido se tal estratagema se lhes não tivesse feito. Quinze dias depois da chegada da nau de João Franco, mandei por ella mesma os padres João Justo e Manoel de Amaral e o irmão Domingos da Cruz para o collegio do Grampará, para o qual vinha nomeado por patentes do Reino o Padre João Carlos, que tinha sido missionario de Gurupatyba sobre o rio das Amazonas, depois de ter governado com muita satisfação a missão da capitania do Cametá, estando lá por sobre intendente della Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com quem se tinho dado sempre admiravelmente bem. Soube o Padre Ioduco Peres do reitorado do Padre João Carlos, com que lhe mandou começasse o corredor novo da banda da fortaleza da cidade do Pará e pouco depois se veio para o Maranhão, com o Padre Aluizio Conrado Pheil. Tinha mandado para o Collegio, em tempo de seu governo, dous sujeitos a saber : o Padre Francisco Soares e o irmão José Carvalho, com destino ao Brazil, em um barco mandado de Thomaz Beekeman, para nelle lhe ir D. Helena, sua mulher com seus filhos e filhas e já lhes tinha

eu feito matalutagem para sua viagem com concerto feito com o mestre do barco. Mas como entretanto appareceu uma nau de piratas, que se estava concertando em a ilha de Macame, não longe da bahia de S. José, os fui detendo para não arriscal-os e expor a missão a perigo de grandes damnos, como haviam de incorrer sem duvida se tivessem ido, porquanto outros barcos foram dar comsigo ás Indias de Castella, para não darem com os piratas que os estavam esperando para a banda do Ceará. O capitão-mor do Pará João Duarte Franco, ignorando que essa nau era de piratas, mandou-lhe o capitão Matheus Alvares e Engenio Ribeiro, que tinha vindo de Pernambuco, por pratico do Padre Manoel Nunes e alguns soldados para conhecerem se era nau de paz, e sendo, a trazerem para a ponta de João Dias para lá se concertar e acudir-lhe com todo o necessario, conforme as ordens reaes de Sua Magestade acerca das naus necessitadas. O capitão dos piratas logo que vio vir os portuguezes para si, botou bandeira franceza branca, dando-se por amigo até os colher no convéz, onde depois das primeiras saudações os convidou cortezmente para dentro do camarote, como quem lhes queria fazer um brinde, como actualmente fez, porém, tudo á traição, porque, logo depois delle, se descobriu por inimigo, dizendo que os francezes tinham guerra com Portugal e assim haviam de ficar presos seus até lhe pagarem para seus livramentos muita quantidade de farinha, gado, aguardente e outras cousas destes generos, para poderem continuar sua viagem. E não satisfeito disso, deu tratos a um portuguez para obrigal-o a confessar quanta gente havia de presidio em a cidade e pelos arredóres, ao que elle respondeu que havia muita gente sem descobrir cousa alguma que pudesse prejudicar. Os portuguezes, vendo-se presos debaixo da capa de paz, vieram em concerto com o capitão da nau, chamado de Lovierdière, que iria o capitão Matheus Alvares á cidade para trazer os generos em quantidade que pediam; veio-se pois para a cidade e declarando o que passava, mandou o capitão-mor João Duarte Franco logo aviar canoa bastante para levar o resgate dos presos para os piratas e mandou juntamente outros soldados com o capitão Urbano Rodrigues, mulato valente e esperto, para ver

se podia livrar os prisioneiros e tomar a nau desses trahidores.

As farinhas, gado e aguardentes foram em uma canoa grande que levava um morador mal contente da terra o qual se deixou estar com os francezes. Estes, como viram que lhes vinha o que tinham pedido, largaram a Eugenio Ribeiro, o qual com toda a pressa se foi para a terra e valeu-lhe a prestesa com que se foi, porque se tardara um nada lá ficaria com uns pobres indios, que levaram á viva força comsigo e a razão disto era porque como uns cinco dos mais valentes da nau dos piratas se tinham embarcado em seu batel mui bem ornados todos, para irem dar, como tinham dito, na roça dos padres da Companhia a prender-me a mim, encontraram uma canoa portugueza que foi sobre elles, mandada do capitão Urbano Rodrigues com cinco ou seis soldados bem resolutos, os quaes vendo que o cabo daquelles piratas ia pegando a espingarda para atirar, preveniram-se e elle trespassou logo um soldado com uma bala de que cahio morto e como os mais se puzessem em defensa saltaram sobre os mais e mataram a todos, tirado um chamado David Losne, que Eugenio Ribeiro dizia ter sido dispenseiro da nau e o ter tratado com muita caridade em quanto esteve prezo entre elles, dando-lhe seu bocadinho e até a sua propria cama para dormir.

Veio este David Losne, herege, para o Maranhão, donde se mandou para o Pará ao governador e por quanto assim eu como o Padre Iodoco Peres e o Padre Gaspar Misseh fizessemos para convertel-o, nunca se quiz render, ainda depois de convencido e assim foi mandado obstinado em sua seita a Sua Magestade para o Reino para lá dispor delle, conforme lhe parecesse melhor.

Ficou tão sentido desta acção o capitão de Lavierdière, que escreveu uma carta á Camera e outra a mim, em que se queixava de nossa pouca christandade, pedindo nos lhe tornassemos a mandar o seu preso e quando não levaria comsigo os indios que tinha e viria depois tomar vingança do agravo que se lhe tinha feito. Ambas as cartas li e traduzi para os camaristas saberem o que continham e como não fizeram nenhum caso de suas ameaças, poz-se todo raivoso e esperou as

duas naus de que se faz menção em os capitulos atraz e por industria se prepuzeram, sendo aqui o seu proprio logar.

CAPITULO 2º

COMEÇO COMO SUPERIOR A VISITA DO COLLEGIO E RESIDENCIA DO MARANHÃO, E. ACABADA ELLA, PARTO PARA O GRAM-PARÁ.

Como quer que eu fui feito superior da Missão em tempo de meu reitorado do Collegio do Maranhão e me não tinha vindo de Roma successor, nomeei por vice-reitor o Padre Diogo da Costa, coadjutor espiritual, formado, e que seria hoje professo de quatro votos se uma dôr quasi continua de cabeça, não lhe estorvara os estudos que tinha principiado com bom successo em universidade de Evora, para onde tinha ido com o Padre Manoel Borba, a estudar o curso de philosophia.

Continuou o Padre mestre José Ferreira a ler theologia escolastica e moral, com satisfação e applauso costumados, tendo mais um bello discipulo, o Padre Manoel Rabello, vindo do Reino com o Padre Manoel Galvão, que tomou as conclusões *ad-gradum*.

Continuou-se tambem a classe do latim com o irmão Thomaz do Couto a ensinar com muito agrado de todos. Poz-se por padre espiritual o Padre Iodoco Peres, que tinha vindo com o Padre Aluisio Conrado Pheil ao Maranhão, sem ter sabido senão pelo caminho que eu lhe tinha succedido em o cargo de superior da missão.

Confirmou-se em a residencia de S. José o Padre Antonio Coelho, dando-se-lhe por companheiro o irmão José Carvalho; mandou-se para S. Gonçalo de Tapecorú o Padre Antonio Gonçalves com o irmão Valladão; para o Mareú, o Padre Balthazar Ribeiro com o irmão Geraldo Ribeiro. Passou a prégador do Collegio o Padre João de Avelar, que os mais iam ajudando, e para.... ordinario na roça, ficou o irmão Manoel Rodrigues,

succedendo ao Padre Diogo da Costa e ao Padre João Ribeiro.

Não é crivel quanto sentiram os visinhos de nossa roça a mudança do Padre Diogo da Costa para o Collegio, porque sabia fazer ornamentos de papel para a egrejinha de Nossa Senhora da Luz, que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas télas do Reino, e como tambem sabia cantar e tocar admiravelmente bem a viola, ensinou os rapazes a cantarem e tocarem, suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha á honra da Virgem Senhora Nossa da Luz, cuja imagem se venéra naquella roça, que era a que os primeiros padres puzeram em nossa egreja do Maranhão, donde eu a tinha mudado muitos annos havia, quando nos veiu a nova, tambem de vulto, que hoje temos em Maranhão. Pareceu-me pôr aqui esta lembrança para que saibam os vindouros quanto devem estimar aquella santa imagem, para a qual a Senhora Rainha Dona Luiza tinha mandado um ornamento de téla, em a primeira vinda do Padre Antonio Vieira, e que dura até o tempo presente.

Trazia o Padre Aluizio Conrado o successo da morte dos dous padres, no norte, mortos pelos Tapuyas daquella missão, com ordem de nosso muito reverendo Padre Geral que se fizesse authenticar tudo pelo juizo ecclesiastico, pelo que fez-se petição ao vigario da vara, José Gonçalves, para que mandasse vir diante de si os indios sabedores do caso, para se lhe perguntar assim pela morte como pelos matadores e causa della.

Resultou das perguntas, serem os matadores o que o Padre Aluizio nomeava, e terem sido mortos os padres em odio da fé, e por quererem tirar ou prohibir as bebedices, amancebamentos e ritos gentilicos. Sobre isto tudo foi dada a sentença juridica pelo dito vigario da vara, em como os padres tinham sido mortos daquelles barbaros, meramente em odio de nossa santa fé e da doutrina que lhes prégavam, contrarias a seus ritos gentilicos.

Em estes termos ficou aquella diligencia e de tudo avisei para Roma, ficando os ossos em a igreja de Santo Alexandre do Pará, á banda da epistola do altar-mór, guardados em seus caixõeszinhos, para a todo o tempo se acharem, quando necessario para alguma diligencia maior.

Não se cobrou o calix nem o mais, só se soube que do calix usavam os indios para beber por elle e que se vestiam as indias dos vestidos sacerdotaes para suas maiores gallas.

Não quero dizer que esses dous padres são martyres verdadeiros, mas o que só digo é, como consta com tanta certeza e tão authenticamente, pelos ditos dos mesmos matadores e outros de sua nação que se acharam presentes, que foram mortos *in odium fidei*, e tomara eu uma morte como aquella, parecendo-me que com ella seria martyr de Christo e da Santa Madre Egreja Catholica, a cujo juizo em tudo me remetto, e me julgará quando Deus Nosso Senhor for servido.

Mereciam estes dous padres, sem aquelle successo de tanta gloria de Deus e da missão, uns bellos elogios ; mas basta-me dizer que ambos eram grandes religiosos e missionarios, e que o Padre Antonio Pereira era todo desapegado do mundo e dos seus, e varão de muita virtude e sobretudo de mui grande caridade para com todos por amor de Deus Nosso Senhor, unico desejo de seu coração, e que o Padre Bernardo Gomes, desde noviço, sempre se houve com muito exemplo para com todos seus irmãos, que por sua modestia e observancia faziam grande caso delle.

Tinha sido ordenado de sacerdote pouco antes de se mandar para aquella missão em companhia do Padre Antonio Pereira, porém, não tinha ainda dito sua missa nova, esperando para dizel-a em dia de S. Bernardo, seu santo padroeiro, aos 20 de agosto, e como elle foi morto pelo mais provavel em setembro tem-se por quasi certo que já a teria dito antes daquelle tempo.

Notavel foi a furia com que aquellas féras bravas acommetteram aquelles dous mansos cordeirinhos, porque não satisfeitos de lhes terem tirado a vida, quebrando-lhes as cabeças com seus paus de matar, penduraram os corpos mortos dos tirantes da casa e lá os despedaçaram e depois queimaram até reduzil-os em pó e cinza, tirados uns poucos de ossos que a Providencia Divina quiz ficassem para memoria e lembrança sua.

Parece que o inimigo infernal, raivoso contra o Padre Antonio Pereira, que pouco antes tinha mandado queimar os

ossos dos que os Tapajóz oravam como seus Monganharipes e idolos, não achando já em que vingar-se delle, instigou esta occasião os barbaros do cabo do Norte para que lhe tirassem a vida e queimassem, visto ter elle feito queimar os ossos dos que tanto lhes serviam para divertir os christãos, como delles requeria o santo baptismo que tinham recebido.

CAPITULO 3°

CONTINÚA O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO SUA VISITA PARA A BANDA DO PARÁ, DISPOSTAS AS COUSAS DA MISSÃO PARA BANDA DO MARANHÃO.

Parti para banda do Pará com o irmão Antonio Rodrigues, o qual já tinha sido companheiro do meu anteccessor Iodoco Peres, e acudiu com muita diligencia ás cousas de sua obrigação, assim para com os nossos, como para os indios, cuja lingua sabia muito bem. Fomos com feliz viagem até a capitania do Caethé, a qual é de Manoel de Mello, donatario; estava em a residencia de S. João Baptista o Padre Francisco Ribeiro, mandado para lá, depois de acabados cinco para seis annos de reitor do Collegio do Grampará, em tempo do governo da missão do Padre Iodoco Peres.

Tinha casas e egreja nova em a aldêa feita pelo Padre Antonio Vaz, seu antecessor, em quadra, conforme manda a visita do Padre Antonio Vieira. Estava a egreja limpa com seus ornamentos de seda e outros mui bons; estavam os indios contentes e bem ensinados e governados pelo padre, conforme as leis de Sua Màgestade, que tambem comprehendiam as aldêas dos donatarios, ainda que depois se praticou o contrario. Assim o digo, porque estando eu ainda em a Corte fui visitar o Sr. Manoel de Mello, o qual se botou de joelhos diante de mim, pedindo-me lhe dissesse como se havia seu capitão-mór Amaro Cardoso com os indios, que como capitão-mór governava por aquelle tempo; e como soube que os indios se queixavam delle por até fazer puxar as raparigas, em logar de bois, para fazer andar uma engenhoca de aguardente que tinha, logo

o mandou tirar, pondo em seu logar João Farto, marinheiro de profissão, mas de sua casa, por ter casado com uma mulher que lh'a governava e que lhe alcançou este posto de capitão-mór. E dizia-me o Sr. Manoel de Mello que elle bem sabia que o governo dos indios de sua capitania ficava em mãos dos padres, mas que se não dava disso; porem, como quer que o novo capitão-mór João Farto ralhava em o navio, antes de se embarcarem os padres, que chegando elle á capitania do Caethé governaria tudo, sabendo eu disso o contei a Roque Monteiro, ministro principal de Sua Magestade, o qual, saindo de sua liteira para me despachar uns papeis em casa de um livreiro que morava junto á porta defronte da Sé, disse-me que nem me molestasse porque se João Farto chegado á capitania do Caethé bolisse na minima cousa do que dizia, veria eu logo como pelos ares o fariam para o Reino em a primeira embarcação. Donde consta que as capitanias dos donatarios não ficavam exceptuadas do governo temporal dos padres missionarios, e se depois houve interpretração outra, foi contra o primeiro intento das leis. Nem pode ser menos, porque como as capitanias de El-Rei são poucas e muitas as dos donatarios, ficando estas fóra do governo temporal dos missionarios, pouco ou em nada tinha remediado Sua Magestade a oppressão dos indios, pois os capitães-móres dos donatarios ficariam com todo o poder de opprimil-os como dantes faziam; ainda mais, porque se de antes o faziam era em algum modo, mas depois de saberem sua isenção era sem medo nenhum, podendo Sua Magestade e seus ministros reparar muito sobre este ponto, porque importa á sua salvação que não convem dar tanta largueza a homens que não buscam senão seu proveito, e empregam os indios á sua vontade, sendo que elles não consentiram nunca senão em serem governados conforme as leis de Sua Magestade, alem do que muitos delles foram descidos pelos padres da Companhia de Jesus, ou vieram por sua propria vontade e estão onde querem, pois estas terras são dos indios, naturaes dellas, e ninguem lh'as pode tirar sem grande injustiça, nem obrigal-os a trabalhos senão conforme as leis de Sua Magestade, por não se terem obrigado nem elles nem seus antepassados a mais. E pode-se por em questão

se ainda a isto estão obrigados, porque ou nunca se lhes propuzeram bem nem explicaram como devem as obrigações dessas leis, ou porque como são indios de pouco entendimento, não comprehendem bem esses pontos, e se consentem em alguns é por não entenderem o que fazem, obrigando-se ao que não fariam se tivessem tido boa noticia e conhecimento delles, e é terrivel cousa obrigar esses pobres a tão pesados trabalhos, como são os seus, antes de admitti-los a serem filhos de Deus pelas aldêas onde assistem os missionarios.

Para evitar os escrupulos que isto causa, melhor fôra deixarem-se os indios servir sem nenhuma obrigação, salvo em occasiões precisas e julgadas de todos por taes.

Parti do Caethé e me fui direito ao Maimayacú, onde assistia o padre missionario dos Tupinambazes, Antonio da Cunha, com seu companheiro, o irmão estudante Domingos da Cruz, por não haver commodo de assistir em a aldêa por falta de casa e sustento necessario, por andarem os indios pela maior parte sempre divertidos, uns ao cacao, outros ao cravo, outros em viagens, outros em varios serviços dos brancos e republica, pelos sertões. Visitei a egreja com o mais que havia e achando tudo bem governado, passei para Belém, cidade do Gram-pará.

Era reitor do Collegio o Padre João Carlos, professo da Companhia, e andava com as obras do corredor novo para banda da fortaleza, já levantada, com taipa de pilão quasi até o sobrado, que a não ser aquillo não lhe havia eu de permittir faze-lo daquella banda do Oeste, pela muita calma que havia de haver nos cubiculos, por lhe dar o sol de frécha toda a tarde, mas havia de mandar fazer ahi uma bella egreja e em lugar da que é, e não é de prestimo, mandar levantar um famoso corredor com os cubiculos todos virados de modo a serem commodos e frescos; mas como o corredor principiado estava já em tal altura que não soffria mudança, deixei ir a obra por diante por ser muito bella, ainda que menos commoda.

Ajuntaram-se os padres das aldêas pela festa de nosso Padre Santo Patriarca, em que preguei, e como era tempo de visita mandei publicar, conforme as ordens de Roma, a do

Padre Antonio Vieira, já lá approvada desde a primeira restauração da missão, porque improvou o nosso muito reverendo Padre Geral Tyrso Gonçalves um compendio de visita que o Padre Iodoco Peres tinha feito e repartido entre os missionarios para se guardar. Verdade é que a visita do Padre Antonio Vieira foi achada dos primeiros padres mais anciãos da missão como demasiadamente difficultosa de se guardar em certos pontos, pela mudança dos tempos e modo de governo, e os tinham apontado a mim, sendo eu superior da missão, pela primeira vez, no anno 1669 até 1674, e á instancia delles os tinha attendido de sorte a ficar mais possibilitada a observação della, e por isso se ia depois guardando com aquella modificação, sem nenhuma queixa dos padres missionarios; mas como outros meus successores a publicaram *ad litteram*, ir-se-ha guardando quanto puder ser assim, como estava ao principio.

Achei em tempo desta minha visita que os padres missionarios não concordavam sobre os pontos das perguntas e respostas das doutrinas que cada dia se mandava fazer aos indios das aldêas, e que uns ensinavam uma parte, outros outra, acrescentando ou mudando o mais que lhes parecia, e assim para reduzir todos á uniformidade, prescrevi e mandei publicar a doutrina que se usava em toda a missão, desde os seus principios, acrescentando-lhe somente umas perguntas mais necessarias sobre os actos da Fé, Esperança e Caridade, da confissão e communhão, e como ainda agora alguns não tem, quiz pôl-la aqui, para que em todo o tempo se possa recorrer a ella, para uniformidade de doutrina em toda a missão.

CAPITULO 4º

DOUTRINA QUE SE FAZIA AOS INDIOS, DE QUE HA CATHECISMO IMPRESSO, E É ESCUSADA AQUI.

....

CAPITULO 5º

CONVALESCIDO O PADRE SUPERIOR DO DESMANCHO DE UM PÉ, DESPACHA UMA TROPA AO SERTÃO PARA RESGATES.

Tinham-se ajuntado, em o Collegio do Pará, os padres missionarios mais chegados á cidade, que são os que estão abaixo do Gurupá, conforme o seu costume, pela festa de Nosso Santo padre Ignacio, quando descendo eu pela escada do corredor de riba encontrei um indio que com grande impeto ia subindo, e obrigou-me com essa sua inconsiderada impetuosidade a largar a mão do encosto da escada, com o que desmanchei um pé, e sem embargo de me causar uma dôr mui sensivel, como achava que ainda podia andar, dissimulei quanto pude e fui ter com os padres que estavam almoçando em o refeitorio para partirem logo depressa. Lá me despedi delles ; e como resfriando-se o pé, ia crescendo a dôr e de sorte que não me podia ter sobre elle, declarei-lhes o que se passava e elles compadecidos me levaram para meu cubiculo, onde trataram de me curar com muita caridade, mandandó chamar o cirurgião da cidade, que então era Agostinho, moço solteiro, mas pratico das cousas. Este apalpou-me o pé e puxando por elle, achou estava já em seu logar, por lhe ter feito esta mesma caridade o Padre Antonio da Silva, missionario dos Ingaybas; com que emplastrou-me somente e me foi curando, até que, indo ultimamente para nossa roça de Mamayacú, onde estava o Padre Antonio da Cunha, tratei-me com afoqueamentos e suadouros, com que fiquei são, de modo que me achei capaz de voltar para a cidade, onde pouco a pouco fui convalescendo de tudo.

Antes disso, tinha despachado uma tropa para o sertão em que ia por cabo o capitão João de Seixas, filho legitimo do capitão mor Francisco de Seixas, que pelos annos 1662, 1663, 1664, tinha sido capitão mór da capitania do Grampará, e ia por missionario o Padre Manoel de Borba, missionario da missão de Gurupatyba, ficando supprindo suas vezes o Padre José Barreiros, vindo dos Irurizes, e ficando em sua companhia o capitão Eugenio Ribeiro, ainda por então retirado, por não lhe ter vindo até então o tal perdão de seu desterro que tinha mandado pedir ao Reino, e, por entretanto, estava, com licença do Padre Superior Iodoco Peres, em Gurupatyba, para onde o Padre Manoel Borba, seu cunhado, o tinha trazido.

Ordenei ao Padre Manoel Borba, missionario daquella tropa, que administrasse este seu cargo de missionario com exemplo e satisfação que se esperava de um filho verdadeiro da Companhia de Jesus, que por nenhum modo fizesse escravos para ninguem, senão conforme as reaes leis de Sua Magestade, que são por causa da guerra justa ou estarem postos á corda para se comerem, quando elles mesmos antes quizessem servir por escravos aos portuguezes que serem mortos em terreiro de seus adversarios, para os fazerem pastos de seus ventres; e no mais tivesse grande cuidado de não faltar aos remeiros e captivos com a doutrina e sacramentos todos os tempos que se lhes não havia de faltar com elles.

Com estas e mais advertencias, foi-se em companhia da tropa, em a qual se houve com toda a satisfação, levando por companheiro o Padre Francisco Soares. Chegado á aldêa dos Tapajós, soube que ás escondidas se desciam alguns escravos, feitos contra as leis; foi esperal-os e, dando-os por mal feitos, os examinou de novo, para bem da tropa e ahi não mostrou pouco valor de animo, porque o dono delles lhe tinha muito má vontade, se tivesse encontrado com elle, como publicou depois por sua propria boca.

Dos Tapajóz foi-se a tropa para os Irurizes, onde estava o Padre João Angelo, que não queria se fizessem escravos em seu districto sem elle ser sabedor e assim se cumpriu; mas como as aguas daquelle rio são mui frias, adoeceu o Padre

Manoel Borba de uns flatos, que o obrigaram a descer para o Pará a curar-se delles.

Sentiu muito a tropa a sua ausencia, e mandou o cabo della pedir-me com grande instancia a sua volta quando estivesse convalescido; convalesceu e veio a Camera em corpo fazer-me o mesmo requerimento, o qual, com beneplacito delle mesmo, lhe despachei, conforme me pediam com tanta instancia.

Aviou-o o Padre reitor João Carlos Orlandini mui bem, e partiu elle rijo e valente até a aldêa de Uaricurú, entre os Ingaybas, onde o Padre Antonio da Silva o teve regalado para confortal-o de mais a mais em sua saude; porém, como as doenças dos sertões ficam commummente mui arraigadas e repetem quando menos se cuida, repetiram-lhe seus flatos antigos; mas parecendo-lhe applacarem logo, continuou sem embargo delles sua viagem até á sua residencia de Gurupatyba, onde estava o Padre José Barreiros e seu cunhado Eugenio Ribeiro, e se achava juntamente José Portal, seu amigo e thesoureiro da tropa, os quaes todos o receberam e trataram com todo o cuidado e caridade,

Aqui, achando o padre que o mal se aggravava cada vez mais, tratou de se sangrar e como ninguem fosse desse parecer, sangrou-se elle mesmo em o pé, por ser destro naquella arte, que sua curiosidade e caridade lhe tinham feito aprender durante a missão, porém o que elle cuidou lhe havia dar alivio e vida lhe deu maior oppressão e lhe causou a morte: subiu-lhe o mal á cabeça com a sangria mal dada, e lhe causou logo symptomas mortaes.

Passados elles, sentindo que morria, recebeu todos os sacramentos em seu perfeito juizo, e com elle deu sua alma a Deus, ficando seu rosto ainda mais gentil e airoso depois de morto que quando vivo, como testemunharam todos que lhe assistiram. Foi muito sentida a sua morte e enterrou-se em a igreja de Nossa Senhora da Conceição, á qual eu a tinha dedicado annos ante sendo lá missionario; fez-se-lhe officio de corpo presente pelo Padre José Barreiros e mais brancos, que lá assistiam com o concurso de toda a aldêa, mui pezarosa da perda de seu bom padre missionario, mui querido de todos.

Era o Padre Manoel Borba portuguez, da villa de Tapuytapéra ou Santo Antonio de Alcantara, filho legitimo do sargento mór Manoel Duarte, senhor de engenho, irmão da missão por carta de irmandade, pelo muito que lhe devem todos os missionarios, pelas grandes caridades com que lhes faz suas passagens do Maranhão para o Pará e do Pará para o Maranhão, carretando-lhe os fatos de uma banda para outra, agasalhando e regalando-os em sua casa e pelos caminhos até o porto.

Tinha acabado sua theologia em Evora e sido examinado *ad gradum*, substituto em Santo Antão de Lisboa, e mandado prégar pelos padres prepositos de S. Roque, em a egreja de Nossa Senhora do Loreto, em tempo da Quaresma, servido em a missão de Mortigura e depois em Gurupatyba e sertões.

Era moço de 33 annos, pouco mais ou menos, muito bem procedido e sobre, tudo mui obediente, e delle se póde dizer que morreu por obedecer, indo em missão tão arriscada e doentia, como era a da tropa para o sertão. Não fallo em sua mortificação e zelo das almas, que a pé descalço ia buscar pelos caminhos, nem em sua paciencia com que soffria os aleives, como era o que lhe levantaram em Mortigura, que matara uma india, a qual foi mandada vir á cidade e passeou por ella á vista do mundo todo. Basta dizer que era bom religioso e de muita expectação, se aquelle mal dos flatos o não matara, como pouco depois matou tambem o mesmo cabo João de Seixas, o qual vindo curar-se pelo rio das Amazonas abaixo, falleceu em caminho, mas não com a dita do Padre Manoel Borba, porque o cabo falleceu indo em busca dos sacramentos, e o Padre Manoel Borba com elles todos já recebidos, em seu perfeito juizo, com muita devoção, e para que não fizesse falta o seu fallecimento á tropa que se tinha mandado, e que com a morte do missionario e cabo se acabou em breve desordem, mandou-se que, achando-se ainda alguns resgates, se levassem com seus senhores ao missionario, em cujo districto se tivessem feito, para elles conhecerem de sua escravidão, e d'ahi parece que aquella tropa de mui pouco proveito foi, por assim o dispor Deus Nosso Senhor, pelas razões que elle só conhece e julgou serem para maior bem de todos.

CAPITULO 6º

VAE O PADRE JOÃO FELIPPE, SUPERIOR DA MISSÃO, VISITAR AS MISSÕES PERTENCENTES AO COLLEGIO DO GRAMPARÁ.

Em os principios do mez de outubro, tempo mais apto e sadio para ir pelo grande rio das Amazonas, comecei a minha visita, e deixando atraz as residencias mais chegadas á cidade do Pará como são, a de S. João Baptista em Mortigura, de Nossa Senhora do Soccorro em Parijó, de S. Pedro e S. Paulo em Ingaybas, capitania do Cametá, naveguei em direitura de Uaricurú dos Ingaybas, onde achei o Padre Antonio da Silva com seu companheiro, acudindo incansavelmente fóra de sua aldêa aos Mamayanazes, Mapuazes e Boccas, divididos por aquellas ilhas em varias paragens dellas.

Fui visitado do principal e mais indios, aos quaes pratiquei e consolei mais largamente por ser conhecido e ter sido, uns annos dantes, o seu missionario; e porque achava que por serem bravos os mares que dividiam a aldêa da residencia das mais aldêas, assim não era possivel virem os indios á missa e doutrina todos os domingos e festas, ordenei se levantasse uma egreja da outra banda do rio em que com mais facilidade e menos perigo se pudessem ajuntar de tempo em tempo para esse fim os que por ahi tinham suas lavouras.

Estava o Padre Antonio da Silva levantando uma bella e grande egreja em Uaricurú, trabalhando nella um carapina branco para se fazer como convinha, e porque pela largura que tinha não ficava com proporcionada compridão, mandei-lhe que acrescentasse aquella parte que tinha sido destinado para copiar; com que ficou em boa proporção, e um dos melhores templos que tem toda a missão ; e para que ficasse mais a mão aos missionarios que moravam em suas casas antigas, delineei o logar a modo de casa nova de residencia,com seus corredores e copiares que havia de ter, para ficar obra em tudo perfeita.

Tem aquella residencia ornamentos mui bons, com seu altar e imagens, e tudo mais pertencente ao culto divino, que acrescentou depois muito, com sua curiosidade e habilidade, o irmão

Manoel da Silva, assistindo uns annos com o padre missionario.

Era cousa para dar graças a Deus ver a multidão de meninos que se tinham baptisado pelo decurso do anno, mas tambem cousa lastimosa de ouvir que, além dos indios que tinham fallecido pelas aldêas de visita com os sacramentos, tinham fallecido já 120, que bem contra sua vontade tinham sido mandados dos ministros reaes para trabalharem em a fortaleza do Comaú, que se estava fazendo no cabo do Norte, bem inutilmente, porque, como distava pouco do rio, a derribaram em breve as suas aguas e alagaram tudo.

Mandei vir os indios e indias da aldêa em o dia seguinte, e por despedida lhes inculquei fortemente o cuidado que haviam de ter de sua salvação, afim de irem para o Céo e não cahirem em o inferno, e para este intento lhes mostrei umas imagens que representavam ao vivo a grandeza e variedade das penas que padecem do fogo e dos demonios as almas dos condemnados; com que ficaram muito espantados e movidos; e despedindo-me, assim dos indios como dos padres missionarios, parti para o Gurupá, residencia de S. João Baptista e aldêa de Xingú, onde cheguei depois de uns seis dias de viagem com meu companheiro, o irmão Manoel dos Santos. Não tomei o Gurupá por estar ausente o capitão-mór Manoel Guedes, só saudei de passagem o tenente, sobrinho delle, o qual se houve com toda a cortezia, mandando para o rio seu mimo, por serem horas de jantar. Em Xingú achei o Padre João Maria Gorsony, com seu companheiro, o Padre Antonio Vaz, já de volta de sua tropa, mas muito mal contente pelo que succedera em tempo de sua ausencia com a sua aldêa. Tinha o Padre João Maria com seu incansavel zelo feito uma aldêa muito extendida e populosa, em um alto sobre o rio de Xingú e ajuntado alli muitos indios e indias de varias nações, que com o Padre Antonio Vaz, seu companheiro, ia doutrinando em uma egreja nova, muito capaz, alevantada para este fim.

E como tinha sido avisado de ir a tropa em que mandava o Padre Iodoco Peres, meu antecessor, a encommendara ao licenciado, muito reverendo senhor Miguel de Aragão, algum dia noviço nosso e depois vigario geral em o Estado, onde se achava

por seus negocios; veio entretanto Manoel Guedes, capitão-mór do Gurupá, e sem mais autoridade que a sua, de capitão-mór daquella fortaleza, tomou boa parte dos indios da aldêa de Xingú, já feita e acabada pelo Padre João Maria, e a mudou para uma aldeota mais abaixo, chamada Maturú, da qual com este acrescentamento e os de outras aldêas dos padres, além de uns poucos tirados do sertão que depois fugiram muitos, fez uma grande bastante, pondo-lhe um homem branco para a governar, contra as leis de Sua Magestade; com que teve o Padre João Maria algum desgosto com elle. Mas tudo se remediou logo depois, com a mudança delle para outra parte, ficando o Padre Antonio Vaz, seu companheiro em seu logar. Estavam pelo sertão umas vinte aldêas de lingua geral de nação Curabares que o Padre João Maria tinha mandado praticar para se descerem, e tinha elle já ajuntado o necessario para esse fim; porém, impedio tudo um Manoel Paes, que por ahi andava, fazendo cravo entre elles, com as más praticas que fazia, e assim em quanto viveu não houve esperanças de podel-os descer; mas uns annos depois permittio Deus que, em castigo de suas culpas, lhe tirassem a vida, com que offereceram-se ao mesmo Padre João Maria para se descerem para os Tapajoz, onde era missionario áquelle tempo, o que se não effectuou por essas razões.

Tinha tambem o mesmo Padre João Maria mandado seis embaixadores aos Jurunas, nação pouco distante do Xingú, para se descerem, conforme tinham já dado esperanças: porém, foram traidores e mataram os enviados, os quaes tinham ido a suas terras com confiança de amigos, por terem então parentes seus em a aldêa de Xingú. Ficou pois esta aldêa algum tempo desmantelada até a pôr em seu estado ..... o Padre Antonio Vaz, tirando eu o Padre João Maria por *bono pacis* dentre elles e o capitão-mór Manoel Guedes Aranha, que tinha desmantelado a aldêa em sua ausencia. Parti do Xingú aos quinze de outubro e atravessando pelo igarapé dos Coanizes, me puz em o rio das Amazonas, e de lá, dentro de dous dias e meio, em a aldêa de Gurupatyba, onde assistia o Padre José Barreiros com o capitão Eugenio Ribeiro, em tempo da ausencia do Padre Manoel

Borba, que ainda então vivia, andando com a tropa do sertão. Achei aquella aldêa bem povoada e muito contente, a sua igreja muito bem ornada de ornamentos novos de chamalote de varias cores, que o Padre João Carlos lhe tinha procurado, sendo missionario della. Pratiquei os indios e fiz-lhes doutrina, e visitada a residencia como se costuma, passei para a aldêa dos Tapajóz onde Sua Magestade mandara fazer fortaleza, como que se fez sobre o outeiro que eu, sendo lá missionario, em 1661, tinha mandado roçar, por ordem do Padre visitador Antonio Vieira, para alli levantar egreja e residencia. Era aquella aldêa por aquelle tempo populosissima, mas achei-a tão desmantelada que nem egreja nem ranchos tinha, tirando uns cinco ou seis por alli espalhados e despovoados. Estava ausente o capitão Manoel da Motta, a quem pertencia o cuidado da fortaleza, e levava occupados os indios por diversas partes, e assim mandei logo levantar uma capellinha de pindobas, em a qual disse missa; doutrinei a gente e baptisei os innocentes que estavam para se baptisar, deixando o recado para o capitão Manoel da Motta mandasse fazer egreja para elle e os indios assistirem ao culto divino, pois eram christãos e era cousa indecente diser-se missa em uma aldeia tão afamada debaixo de uma choupana de pindobas. Dos Tapajóz subi navegando pelo rio das Amazonas para riba, e dentro de uns dez dias de navegação me puz em o rio dos Urubuzes, onde assistia o reverendo Padre frei Theodosio, religioso de Nossa Senhora das Mercês, a mandado de seus prelados, á instancia de junta das missões, e com licensa do Padre Superior Iodoco Peres, que então governava a missão.

CAPITULO 6º.

VIZITO A RESIDENCIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO SOBRE O RIO URUBU', ONDE COM LICENÇA DO PADRE IODOCO PERES, ASSISTIA FREI THEODOSIO, MERCENARIO, E DELLA VOLTO PARA O PARA', VISITANDO CAMETA' E MORTIGURA.

Como os padres da Companhia de Jesus eram poucos com a expulsão dos do Maranhão, e insistia a junta das missões por missionario para o rio Urubú, deputou-se para lá o reverendo Padre frei Theodosio de Freitas, religioso de Nossa Senhora das Mercês, a quem o Padre Superior Iodoco Peres tinha dado licença de administrar os sacramentos até se dispor outra cousa em contrario. A este religioso achei em a aldêa de Urubú, visitando ex officio a missão. Fui recebido delle e agazalhado em sua casa com muito mimo os seis para sete dias que lá me detive, parte para descansar da viagem feita, parte para ver as egrejas de visita, que tinha feito, e mandar ver as nações que havia pela terra dentro, pertencentes áquelle rio.

Estava a principal aldêa em que assistia o missionario situada com casa e egreja sobre uma ribanceira alta, de terra preta, por cujo pé corre o bello rio dos Urubús, que desce por meandros do sertão, muito arriba ainda dos Abuquenos, onde o capitão-mór André Pinheiro e o Padre João Maria descobriram a primeira mina de ouro e prata, como dito fica, e vae dar comsigo no grande rio das Amazonas, por uma passagem tão estreita que pelas seccas, estando as suas aguas espalhadas por outras partes, não se póde passar senão em canoas mui limitadas, e é necessario dar volta de um dia e mais para ir buscar sahida mais funda.

Não é rio muito abundante em peixe senão uma jornada abaixo da aldêa, onde ha tanta cópia delles que em certo tempo do anno se ajuntam lá os indios, assim das aldêas distantes como visinhas, para pesca-los e os levam assados de um modo que chamam «mocaem», para suas casas, para muitos dias.

Não é o rio muito povoado de aldêas pela ribeira, porém pela terra dentro são tantas que, tendo eu mandado meu companheiro, o irmão Manoel dos Santos, com um branco e alguns indios a descobrimento, contou em dois dias algumas dezesete povoações, para a banda que chamam Anibá, onde tambem hoje assistem os reverendos padres missionarios das Mercês. Tinha o reverendo Padre frei Theodosio disposto ao redor de si umas cinco ou seis aldêas de gente nova, todas com suas egrejinhas, as quaes de tempo em tempo ia visitar, e posto em sua casa via de sua varanda quasi todas, por estarem mui chegadas á aldêa principal, algumas dellas além do rio, em campinas e terras baixas pouco ferteis. Dizia o Padre frei Theodosio missa em sua egreja e depois della a doutrina, que fazem os nossos missionarios, ainda que não inteira como elles ; á tarde cantava as ladainhas da Senhora, ás quaes assistiam os indios e indias, algumas dellas nuas, por não terem uma vara de panno para se cobrir ; fui eu com elle um dia visitar as egrejinhas defronte, e achando que os indios tinham feito pelas paredes algumas figuras de barro pouco decentes, as desfiz todas com o meu bordão.

Não tinham ornato nenhum por serem isso ainda principios e não terem esses barbaros muita afeição para as coisas de Deus, sendo todo o seu empenho comer, beber, dansar ou fazer poracês, como chamam, e viver á vontade, como brutos. Perguntou-me o padre missionario como se haveria com aquella gente no tocante aos sacramentos; respondi-lhe que baptisasse os innocentes dos indios já antigos e seguros, e aos adultos fosse ensinando e fazendo cathecumenos, para depois os baptisar em necessidade ultima, ou quando já fossem seguros de não tornarem ás suas terras, e que então os baptisasse para viverem como os mais christãos.

Houve poucos mezes antes um terrivel terremoto por aquellas bandas, e tal que me contou o Padre Theodosio que, andando elle por aquelle tempo pelo rio das Amazonas, de repente se amotinaram as aguas, engrossando e perturbando-se de tal maneira, que, estando elle tomando terra em uma pequeno ilhota, apenas o poude fazer sem grande risco de vida ; diziam uns indios do rio Urubú que o rio trasbordara de tal

sorte que subvertera uma aldêa, mas isto achei ser falso; verdade é que houve uma grande inundação, porém nenhuma aldêa subverteu, das que diziam, porque as achei em seu logar e andei depois por todas ellas por meu pé.

Ha por aquellas partes grandes feiticeiros a que chamam pagés; estes diziam, conforme me referia o reverendo Padre frei Theodosio, que os indios se haviam de converter em brancos e os brancos em indios, mas parando tudo em nada, ficaram desenganados, e faltou mui pouco em aquella vez que, pelas más praticas desses malevolos feiticeiros, tirassem os mais a vida a seu padre missionario.

Prendeu-se pelos indios um daquelles pagés, ainda rapaz, e se mandou ao Pará para se vender por escravo; porém, como se valeu de mim, allegando sua liberdade, pul-o eu como forro, com o capitão-mór André Pinheiro, para tiral-o do perigo de o matarem ou tornarem a vender. Tinha tambem o Padre João Maria trazido um rapaz, filho do principal dos Abuquenos ao Pará para aprender a lingua; a este tambem levei commigo, já usado em lingua geral, e o entreguei vestido de novo ao reverendo Padre Theodosio, para elle o tornar a entregar a seu pae quando fosse á sua aldêa, que por distante de seis jornadas e gentia toda, não quiz ir ver, contentando-me de o encommendar ao rapaz, herdeiro e successor futuro do principal, que aconselhasse a seu pai se descesse com sua gente para paragem onde pudessem ser doutrinados para se salvar, o que elle prometteu fazer, mas como não ha que fiar-se nos indios sem fé, sem lei e sem rei, não ouvi que se mudasse até o presente tempo.

Achei em as aldêas daquelle rio uma coisa que estimei muito, e foi que percebendo os habitadores a chegada de alguma canoa grande, que commummente é de brancos, ou muitas pequenas, como usam os indios, dão logo signal em uma caixa, com um certo numero de pancadas, pelas quaes se entende logo em a aldêa visinha a qualidade e quantidade das canoas que veem e dando esta outras tantas pancadas e assim as mais por diante, fazem que todas estejam de aviso e as não apanhem desapercebidas, e isto faz-se com tanta brevi-

dade que, dentro de uma hora se poderia avisar um reino todo, por grande que fosse. Prouvera Deus que desta traça usassem em algumas partes da Europa, onde as aldêas estão entre si pouco distantes, porque por ella se livrariam de muitos assaltos dos inimigos, que as acommettem e roubam quando menos cuidam.

São os ares deste rio não tão doentios como outros; as aguas do mesmo modo; as terras de uma banda do rio das Amazonas para riba mais montuosas, e para baixo mais baixas e planas em algumas partes. O sustento ordinario, emquanto lá estive em companhia do padre missionario frei Theodosio, era peixe de moquem, ou tartaruga, das quaes elle e os indios vão fazer provimento para a banda do rio das Amazonas, de onde as trazem e guardam em curraes para o sustento do anno.

Tinha esse padre uns vinte escravos, pouco mais ou menos que, tinha levado comsigo para riba com licença dos seus prelados. Visitei-os um dia com o irmão Manoel dos Santos e fizeram grande queixa da terra daquellas bandas, por lhe não dar os mantimentos como queriam e necessitavam, desejando muito que seu senhor se tirasse de lá e voltasse para as aldêas debaixo; mas elle sem embargo de andar muito achacoso, aturava tudo, dizendo que por falta de vista e saude, já não servia para estar em convento e acudir ao coro com os mais, e que tinha feito uns tres mil cruzados de gastos em sua vinda com varios resgates que repartira entre os indios, os quaes lhe tinham assegurado que havia muito cravo em suas terras, sendo que se achava mui pouco, e não chegava para pagar as dividas que tinha feito afim de se aviar para o rio Urubu. Dava-lhe pena de não poder lograr o fructo de seu trabalho, por haver de ficar essa sua missão aos missionarios da Companhia, aos quaes pertencia por direito, mas consolei-o, dizendo-lhe não lhe desse isso molestia, porque tinha feito saber a Sua Magestade que os missionarios da Companhia não podiam sós com tantas missões e assim sem duvida havia de ficar esta dos missionarios de Nossa Senhora das Mercês. E assim repartindo Sua Magestade as missões todas pelas religiões que havia em o Estado do Maranhão, coube a elles a missão do rio Urubú e arriba, em que assistem até o presente.

Nas cabeceiras deste rio achou o capitão mór André Pinheiro, sendo cabo da tropa em que o Padre João Maria foi por missionario, o primeiro mineral de ouro e prata e que até agora não souberam fundir, conforme me dizem, e para que por falta desta sciencia não se perca um grande thezouro quero eu pôr aqui o modo certo desta fundição, conforme tenho alcançado e é o seguinte.

Tome-se o mineral assim inteiro, e metta-se entre carvões ou brazas acezas em riba e por baixo, e deixe-se até que ardendo arrebente dando estrallos ; então piza-se em almofariz de ferro ou cobre ou bronze limpo, com uma mão limpa do mesmo modo ; depois disso lava-se umas quatro vezes com agua clara e pura, e feito aquillo tome-se pedrahume moida e desfeita em vinho branco, gesso e plastro, quero dizer barro com que se fabricam as cazas, tudo junto em partes pouco mais ou menos eguaes, feitas em massa que se põem nos cadinhos sobre o mineral e com isso se põe sobre o fogo, assoprando rijo até derreter o mineral pelo espaço de uma meia hora ; se, ao cabo, se não achar nada em o fundo do cadinho é que não rendeu nada, porque se render pouco ou muito tudo se acha ; nota que essa massa se deve fazer com vinho branco e se o mineral tiver muito enxofre é que é de riba, e se deixa lançar o que está mais abaixo e ao fundo, é cousa já experimentada.

CAPITULO 7º

DÁ-SE CONTA DO ESTADO DA MISSÃO DO RIO DA MADEIRA E DOS TUPINAMBARANAS

Tinha eu, como padre superior da missão, obrigação de visitar a missão do rio da Madeira, em os Irurizes, mas como o Padre João Angelo, mandado para lá pela segunda vez, tinha tornado a adoecer, e sido mudado para a missão da capitania do Cametá, achei-me desobrigado de ir aos Irurizes, ainda mui distantes.......... comtudo para que não fique em esquecimento couza alguma do que aquelle obediente e zelozo missionario lá obrou, aqui se a apontará, como de passagem.

Ido o Padre João Angelo, pela segunda vez, á sua querida missão dos Irurizes, foi acceito alli como um anjo vindo do Céo e como já os tinha domesticado e ensinado pela primeira vez que lhes assistio, achou-os já mui aptos para receberem com melhor disposição e maior firmeza a nossa santa fé; portanto, os foi inclinando cada dia mais a deixar seus ritos gentilicos, até os induzir a fazer casas de sobrado com suas lojas debaixo, como fizeram com admiração dos portuguezes que as viam; mas para que se veja quão difficultoso é tiral-os de seus uzos antigos, quero referir um só cazo, do qual se fará juizo certo de todos os mais.

Costumavam os Irurizes enterrar seus defuntos dentro de suas casas em caixões ou arvores ôcas ou couza que isto representasse; avisou os o Padre João Angelo que pois eram christãos haviam de enterral-os em egreja, ou ao menos em cemiterio bento para esse fim.

Morreu um indio e querendo os parentes, sem embargo deste aviso, enterral-o dentro de suas casas, como dantes costumavam, e como sabiam que lhes haviam de ir a mão, acharam uma traça para enganal-o, e foi trazer para a egreja não sei o que envolto em umas cascas de arvore que pareciam servir de caixão. Não soube o padre por estar ausente, porém como depois soube do engano com que tinham enterrado o defunto em sua casa, e só uma não sei que figura dentro de umas cascas em sagrado, mandou logo sob pena de grave castigo desenterrar o corpo morto e leval-o para egreja onde tinham enterrado as cascas; obedeceram e dahi em diante não se atreveram a outro engano semelhante, e seriam hoje grandes christãos se o padre não tornasse a adoecer por serem as terras mui doentias, e tivesse vindo para baixo.

Conhecendo, pois, os padres que aquelle rio não era apto para residencia, resolveram-se a pol-a junto á boca delle, em um bello sitio, onde pelas boas praticas do Padre João Maria se formou uma grande aldêa chamada dos Abacaxis; mas porque ao tempo de minha vizita em nenhuma parte destas havia missionario, passei-as todas, e me fui aos Tupinambaranas, indo de volta para o Pará, por me ficar mais commodo visitar primeiro

as aldêas de cima sitas para o Norte, navegando pelo rio arriba e depois para banda do Sul, pelo rio das Amazonas para baixo.

Depois de umas quatro jornadas para cinco dos Urubuzes, cheguei aos Tupinambaranas, residencia de Santo Ignacio, em a qual assistia já ha annos o Padre Antonio da Fonseca, sem outro companheiro que um homem branco por nome Sebastião Vieira, mui versado em lingua geral e de grande prestimo, o qual morava á parte com seus escravozinhos, tratando de sua vida como outros que andam por esses sertões, ainda que não com tão boa consciencia como elle.

Tinha o Padre Antonio da Fonseca, com ajuda deste seu companheiro, feito uma egreja nova e casas novas, em que morava, e estas mui airozas e commodas ; tinha mais accrescentado a aldêa com gente descida de novo do sertão, e mandado fabricar todo de muro em o sitio mais alto de um outeiro, que olhava para um bello e espaçoso lago, pelo qual, rio para baixo, se vai aos Curiatos, e rio para riba aos Andirazes e Maraguazes e, atravessando por um igarapé, ao rio das Amazonas.

Tem ares e aguas bastantemente boas, terras fortes para mandiocas, tem mattas abundantes em caça, fontes e rios fecundos em peixe, nem faltam tartarugas a umas jornadas de lá, porque são tantas que o Padre tinha aquelle anno umas mil por sua parte, em um curral. Assistia em aquella aldêa e de lá ia visitar as aldêas dos Andirazes para riba e as dos Curiatos para baixo, com muito zelo e trabalho, ensinando e formando-as até fazer nascer em animos daquelles barbaros a fé de Christo, que elle primeiro de todos lhes manifestou. Não é crivel o bem que de lá fazia com suas doutrinas e administração do santo baptismo aos innocentes e adultos.

Visitei a egreja e depois a residencia e ao cabo a aldêa toda, que achei mui bem governada, ficando de tudo mui bem satisfeito e bem edificado, e em especial a grande pobreza do padre missionario, em que vivia tão contente como se nada lhe faltava, e achava ainda com que fazer-me matalutagm para o caminho, assim para mim como para meus remeiros, com os quaes fazia o numero de vinte e duas pessoas em todo, que cada dia e meio me gastavam um alqueire de farinha.

Acabada a visita da residencia dos Tupinambaranas, fui-me aos Condurizes, da banda de além, pois pertenciam á visita do Padre Antonio da Fonseca. Muito me agradou a entrada para aquelle rio, e o rio mesmo não só por grande e claro, mas por muito alegre, por suas bellas praias de arêa e lindos outeiros, que de uma e outra banda o acompanham. Queria ir vel-o até as cabeceiras, mas como achei ausente o principal, ido com a tropa do cabo João de Seixas, e a aldêa desamparada toda, sem egreja, por andarem os indios continuamente divertidos, fiquei obrigado a dizer missa em a praia a alguns brancos, que lá achei, os quaes me fizeram presente de uns passaros de muita variedade, de bellissimas cores, chamados aráras, que se acham naquella terra dos Condurizes, mais engraçados que em outras terras, e por isso os levei commigo, mui contente, para o Grampará, donde mandei sete delles ao illustrissimo senhor nuncio Nicolaini, o qual os tinha pedido com muito encarecimento, estando eu com elle em Lisboa, e me escreveu de Pariz que os não recebera por terem feito todos naufragio pelo mar, porém ficava muito agradecido, esperando que outros que viessem não teriam a mesma desgraça.

Continuei minha viagem pelo bello rio das Trombetas, e percorrendo as aldêas principaes pelo rio das Amazonas abaixo e pelas ilhas dos Ingaybas, dei commigo em Parijó, aldêa principal da capitania do Cametá. Assistia nella por missionario o Padre João Justo Lucas, ainda novato em missão, mas antigo em zelo das almas com que na Europa tinha assistido em armadas contra o turco, e por então assistia em aldêas dos indios, mais barbaros que os mesmos turcos.

Tinha sua egreja mui bem composta, nem faltava com a doutrina e sacramentos a seus freguezes, e era tanta a vontade de induzil-os á devoção de Christo Senhor Nosso, que pelas Endoenças, andando os indios, uns levando cruzes aos hombros, outros açoitando-se em a procissão pelos terreiros da aldêa por onde estavam dispostos os passos, elle andava á cabeça de todos, com uma corda grossa ao pescoço e arrastando uma pesadissima cruz, tendo-se já dantes disciplinado muitas vezes com os mais. Não soube eu a tempo esses seus santos mas ignorados favores a esta

missão, porque se tivera noticia delles lh'os havia de prohibir, não porque sejam máos, mas porque nós por estes tempos não havemos de fazer penitencias publicas sem licença.

Acabei finalmente a minha visita com a residencia de São João Baptista em Mortigura, onde o Padre João Maria, o mais antigo missionario de toda a missão em aquelle tempo, estava com sua egreja e casas bastantes, feitas pelo Padre Aluizio Conrado, seu antecessor. Em sua residencia achei tudo digno de muito louvor, bastava estar alli o Padre João Maria, ao qual se deve o ter-se feito essa aldêa pela fórma em que hoje se vê, tirado que o padre Miguel Antunes renovou e accrescentou a residencia quanto á fórma e disposição mui accommodada e gabada de todos, e o mesmo fez á egreja, ornando-a de suas pinturas e imagens, como se dirá em seu logar.

Com isso recolhi-me para o Collegio de Santo Alexandre do Pará, onde o Padre João Carlos andava lidando com o corredor novo e mais com os nossos doentes, aos quaes servia de medico, de cirurgião, de rapaz e enfermeiro, com tanta caridade e com tanta liberalidade que os provia não só do necessario em vinho, gallinhas, peixe fresco, doce e tudo o mais, mas ainda do que conhecia lhes poder ser de regalo.

Um desses doentes era o irmão Miguel Pereira, o qual tendo adoecido em a missão de Gurupatyba, sobre o rio das Amazonas, entisicou de tal maneira que dentro de poucos mezes veio a morrer, aos vinte e um de dezembro do anno de 1690, e foi enterrado á parte direita, junto ao arco da Capella-mór da egreja de S. Francisco Xavier, fazendo-lhes os muito reverendos padres das Mercês, com assistencia de alguns sugeitos das mais religiões, o officio de corpo presente.

Era natural do Brazil, admittido em a companhia por estudante, bom religioso e acceito de todos, tinha bellas mãos para qualquer obra curiosa e tinha feito pelo Natal, pouco antes do seu fallecimento, um Belemsinho para sua devoção delle. Supposto era ainda moço, delle se podia dizer em verdade *consummatis in brevi, complexit tempore multa*, porque além de ser muito douto, obediente, paciente, humilde e casto, era em tudo mui fervoroso, e assim como viveu uma vida angelica morreu como um anjo;

nunca, depois de morto, se lhe poderam fechar os beiços e os olhos, e assim estando com os olhos postos em o Céo e a boca cheia de riso, com parecenças mais de vivo que de morto, bem mostrava a todos para onde se encaminhara sua santa alma, e quão preciosa tinha sido a sua morte em o divino acatamento.

Houve sepulchro mui explendido pelas Endoenças e preguei todas as tardes das Domingas com assaz concurso, sobre o negocio de nossa salvação ; nem faltaram confissões, porque áquelle tempo descarrega ordinariamente o maior peso dellas sobre o Collegio, se bem não tanto como sobre o do Maranhão. Estava ainda o Padre Samuel Fritz no Pará pedindo-me com instancia repetidas, que ou bem o tornasse a mandar para sua missão dos Cambebas pertencente a Castella, ou lhe desse licença de embarcar-se para o Reino, para de lá ir á Hespanha, e, á primeira occasião, á Cartagena e finalmente á sua missão, allegando-me a perda de almas pela dilação de sua ausencia ; respondi-lhe eu que se não molestasse nem se quizesse apressar, porque, como estava avisado Sua Magestade, não convinha bolir em nada antes que elle ordenasse o que se havia de guardar, e que então voltaria sem duvida á sua real fazenda pelo caminho que tinha feito, bem aviado de tudo, e além disso bem acompanhado para poder voltar sem perigo á sua desejada missão, e assim fez-se como se verá em seu logar.

CAPITULO 8º

TORNO PARA O MARANHÃO A DAR FERVOR Á EGREJA NOVA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, QUE TINHA MANDADO PRINCIPIAR O PADRE VICE REITOR DIOGO DA COSTA

Muitos annos havia que me acompanhavam grandes desejos de fabricar um bello templo novo á Virgem Senhora Nossa da Luz, padroeira do Collegio e de toda a missão do Maranhão, para esse fim, sendo Superior da primeira vez, mandei ajuntar pedras, cal, madeiras em grande quantidade, ajudando-me para isso incansavelmente o Padre Francisoo Velloso, sendo reitor do dito Collegio, e continuando eu mesmo depois com

fervor succedendo-lhe em o cargo de reitor, depois de ter acabado o de superior da missão. Não faltou a Senhora de me procurar quem concorresse para os gastos que haviam de ser muitos, porque fez ella que João Pereira Barbosa e sua mulher Anna Gonzales, ambos irmãos da missão por carta de irmandade, promettessem tres mil cruzados para ajuda do custo. Com estes comprei umas casas de Sebastião Muniz, por duzentos e tantos mil réis, que mandei logo derrubar para apparelho dos chãos; mas como sempre tinha ficado frustado de meus bons intentos por não ter todo o governo em mão, para pôr por obra o que já estava approvado de Roma e pelo Padre visitador Barnabé Soares, vendo-me pela segunda vez feito reitor do Maranhão, superior de toda a missão, por patentes expressas de nosso muito reverendo Padre Geral, logo entendi que a Virgem Senhora Nossa era servida que lhe levantasse o seu santo templo, tantos annos desejado; pelo que ordenei, estando ainda de visita em o Pará ao Padre Diogo da Costa, vice reitor do Collegio do Maranhão, constituido por mim, por ser homem prudente, cuidadoso e amante grande da Virgem Senhora da Luz, a quem, desde menino, tinha servido de ajudante dos sacristães, por sua muita devoção e habilidade para obras e ornato dellas, que logo fizesse trabalhar com fervor em as pedras de cantaria a Francisco Pereira, pedreiro insigne de seu officio, ajuntar mais pedra de alvenaria com cal e tudo o mais necessario para a fabrica, e trazer as rumas de pedra que estavam já juntas em o porto do Collegio para riba, junto ao logar da fabrica que se pretendia fazer, para que, estando todo o aviamento ao pé da obra, não faltasse o necessario para levantal-a com toda a brevidade.

Deputei tambem os indios Guajajaras da aldêa de Mareú, que Sua Magestade tinha concedido ao Collegio á minha instancia estando em a Côrte, por procurador da missão, para que arrevesados de dous em dous mezes, servissem quatorze para quinze, por seu justo estipendio, em a dita obra da igreja. Não tardou o Padre vice-reitor Diogo da Costa um momento a pôr em execução tudo, ajudando-o todos os moradores com os seus carros e bois para por logo toda a pedra em riba; feito isto uns dias antes da festa do nascimento da dita Nossa Senhora da Luz,

mandou ao irmão Manoel da Silva, sub-intendente das obras, que com a assistencia do capitão engenheiro Pedro Carneiro de Azevedo e do capitão Domingos de Almeida, tomasse com o mestre pedreiro Francisco Pereira e Lucas Nunes a esquadria do sitio e fincasse páos, conforme o debuxo que eu lhe tinha deixado, feito por minha propria mão. Acabado isso, com toda a pressa e diligencia, começou-se a abrir os alicerces de oito palmos de largura e doze de altura, no fim do qual lançou o Sr. governador e capitão general do Estado Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em presença de seus ministros, nobreza e povo da cidade, do padre vice-reitor e todos os mais padres do Collegio, a primeira pedra, com vinte cruzados de prata, com grandes festas e tiros dos estudantes, para applaudirem tão bons principios.

Bentos os alicerces, puzeram os obreiros mão á obra e dentro de breve tempo subiram á flor da terra e uns palmos de mais, e depois tirados dous palmos, crescendo para riba, em seis de largo, de sorte que chegando eu ao Maranhão já achei a parte do frontispicio com suas tres portas levantadas em altura de vinte e um palmos, porém para a banda da capella mór nada mais que os alicerces, e nem estes para a capella e sachristia. Folguei muito de ver a obra posta em tão boa altura, e me pezou achar as pedras dos portaes menos largas que a architectura requeria ; e como o tempo ainda era de chuvas, esperamos que passasse a festa de Nosso Santo Patriarcha para irmos continuando, lavrando os pedreiros por entretanto as pedras de cantaria para os frizos, tribunas e arcos. Passada a festa de Santo Ignacio, pegou-se em a obra com todo o fervor, e valeu de muito não só a assistencia minha, mas singularmente a do Sr. governador, que não faltou de vir quasi todos os dias para animar os obreiros com sua presença, e quando faltava era por acudir á fortaleza real de Santo Antonio, que por ordem de Sua Magestade mandava levantar sobre o mar em a ponta chamada de João Dias, pelo petipé e debuxo dado pelo capitão engenheiro Pedro Carneiro de Azevedo.

Não nos foi de nenhum proveito fazer-se aquella obra real ao mesmo tempo que se ia fabricando a nossa egreja nova, por-

que, como tinha alicerces de dezeseis palmos para baixo, e ia crescendo a obra tambem com dezeseis palmos de largura, feita e caldeada de cal e areia, e levava uma immensidade de pedras, e como essas iam faltando pelas partes mais remotas, valeram-se das de nossa ilha de S. Francisco e não só daquellas que estavam pelas praias, ou tinham mão ás ribanceiras para que não viessem para baixo, mas tambem de muitas pela terra dentro, com licença nossa, por serem necessarias á fortaleza que Sua Magestade mandara fazer.

Bem viamos todos os padres que parte das pedras que se levavam para banda do mar faziam grande damno á ilha, e parte das que se levavam mais pela terra dentro eram as que tinhamos mandado arrancar com alavancas de ferro, e davam detrimento ás obras da egreja nova, mas tudo isso davamos por bem empregado em a fortaleza d'El Rei, para a qual tambem contribuimos com a terra da mesma ilha, que servio de enchimento della.

Isto quiz referir aqui, para que saibam os vindouros o muito que custou ao Collegio do Maranhão aquella obra real, mas tambem conheçam a causa que houve, a meu ver, para fechar-se a entrada aos navios, por se formarem corôas de arêa, que assim da ilha como de outras partes concorreu por se tirarem as pedras das ribanceiras que ha pelas visinhanças da entrada para dentro; não digo isto debalde, porque tendo as aguas feito um polme pela muita terra que levavam sempre, presumi que haviam de prejudicar algum dia a passagem dos navios.

CAPITULO 9º

VISITO O COLLEGIO E AS RESIDENCIAS DO MARANHÃO E REFERE-SE O ESTADO DELLAS.

Emquanto o governador andou da banda do Grampará, fui eu vizitando o Collegio de Nosso Senhora da Luz do Maranhão com suas fazendas e residencias, continuando-se entretanto as obras da egreja nova com todo o fervor. Quanto ao Collegio,

achei que tudo procedia bem, e se tinha trabalhado muito naquelle anno, assim pela quaresma, com as continuas confissões, praticas ás tardes, sepulchro, como antes della com as 40 horas, feitas com toda a solemnidade, concurso e devoção. Andavam as cousas pertencentes ao culto divino sufficientes e limpas, em as mãos do irmão Marcos Vieira, antigo e diligente sacristão de Nossa Senhora da Luz, que depois de ter voltado do Reino, onde me tinha acompanhado em os negocios da missão, applicou-se de novo a este officio, porquanto só para servir á Senhora tinha renunciado á licença, que o nosso muito Reverendo Padre Geral lhe tinha concedido para se ficar em Portugal.

Do Collegio passei para o rio do Pinaré e visitei a residencia de Nossa Senhora da Conceição, onde de prezente habitam os Guajajaras, sobre o lago de Mareú: achei os indios já mui contentes por lhes não faltarem mantimentos, nem carne, nem peixe, nem kagados, que chamam jabutis, por estar aquelle sitio não só mais sadio e alegre que os outros do Pinaré, mas mui farto de tudo, até de fructas que por ahi não faltam.

Tinham sua egreja limpa e estavam mui bem doutrinados por seu missionario, o Padre João Ribeiro, que os governava com sua prudencia com muita quietação, e edificava com sua vida muito religiosa e modesta, mandando de dous em dous mezes, os que se pedia para as obras da egreja, para as quaes folgavam de ir todos, por verem logo o bom pagamento de seu trabalho, e o bom trato que tinham em o collegio, como filhos delle.

Do Mareú, por faltar ainda padre para se pôr em Tapecorú, fui ver a residencia de S. José e nossa roça de Anindiba. Estava em S. José o Padre Antonio Coelho com a sua aldêa mui despovoada por andarem os indios divertidos, uns em canôas do governador, idos para o Pará, outros em canôas dos dizimeiros, e outros nas dos que tem o córte da carne á sua conta, e consequentemente sua egreja ameaçando ruina e a casa do padre de pindoba mui pouco accommodada, porém limpa e tal que um amante da santa pobreza, como elle, desejava.

Estava o padre para mandar fazer uma egreja nova e já com algumas madeiras cortadas para ella; mas como os indios pretendiam mudar-se mais para o mar e fazer sua aldêa em Guara-

piranga, mandei-lhe que esperasse um pouco para saber a vontade do governador. Foi tal a espéra, que até hoje dura, por parecer aos ministros reaes que lhes fogem os indios para mais longe, querendo-os elles ter á mão mais perto; e por se imaginarem tambem que os padres os não querem em suas terras, como se estando os indios onde queriam não haviam de roçar sempre as terras do Collegio. Pretendem os pobres mudar-se por serem já muito cansadas as terras onde estão e não lhes renderem o mantimento necessario, tendo sido já roçadas muitissimas vezes e feitas uns formigueiros, inuteis para lavouras.

Deus lhes dê remedio e lhes conceda depois desta vida, o descanso que nesta não puderam alcançar.

Por este mesmo tempo visitei a nossa roça de Anindiba, meia hora distante da aldêa, a qual estava governando o irmão Manoel Rodrigues, depois de ter vindo de Pernambuco, onde tinha sido expulsado com os mais por occasião do motim do anno de 1684.

E' este irmão grande fazendeiro, filho de um honrado lavrador da ilha de S. Miguel, e o trouxe eu em o anno de 1660 para a missão, em a qual serviu sempre com grande louvor, sendo de muito prestimo para tudo; tinha sua fazenda mui bem governada, porque em isso ninguem lhe punha pé adiante, e como é juntamente grande religioso tinha levantado, com licença, uma bella egreja nova, junto á velha, muito infestada das formigas, e feito um retabulo de cedro que podia apparecer em as melhores egrejas da cidade, dando elle a traça e sendo os entalhadores Francisco, filho de Alonso, feitor da ilha, e Mandú, com Miguel, carapinas da fazenda.

Tinha eu posto Francisco com Diogo de Souza, entalhador, casado em a cidade de S. Luiz, depois de ter sido noviço da Companhia, e lhe tinha posto em a mão a penna, para aprender a debuxar, tendo visto nelle grande habilidade para obras de entalhador; porque do Brazil vinha quasi mestre marceneiro, por ter sido um dos que o padre provincial Alexandre Gusmão tinha empregado para as bellas obras de casco de tartaruga, que fez em a incomparavel sacristia do Collegio da Bahia, e para sahir destro de tudo o tinha depois posto com Manoel Mausos, enta-

lhador do Reino, que estava fazendo os retabulos do altar mór da egreja nova de Nossa Senhora da Luz.

Entretanto, indo-se acabando a theologia que o Padre mestre José Ferreira lia aos nossos do Maranhão, foram-se fazendo os exames *ad gradum*, supprindo elle o logar do quinto examinador, por estarem os mais padres espalhados pelas missões mui distantes, nem poderem ser chamados sem grandissimos incommodos e perda das almas para serem examinadores com os que havia: responderam os discipulos com a satisfação que se esperava delles, por serem todos ensinados por um tão grande mestre, e foram os suffragios para Roma, como é costume.

Estava o Padre mestre José Ferreira mui achacoso de achaques, que a terra do Estado do Maranhão dá, sem outro remedio que a mudança; pediu-me pois que, visto o estado em que se achava e ter já acabado sua tarefa, o deixasse ir para o Reino para se curar, e achando-lhe eu muita razão lhe concedi a licença que me pedia, apontando-lhe por companheiro o irmão Manoel dos Santos, que tambem necessitava de ir curar-se no Reino de um braço, que trazia muito mal tratado. Por esta occasião, como a partida havia de ser do Pará, onde estava o navio, aviou-os o Padre vice-reitor do Maranhão com canoa bastante e matalutagem para passarem para lá, indo em sua companhia por ordem minha os Padres Ignacio Ferreira, Manoel Galvão, Miguel Antunes, Francisco Ribeiro, para convalescerem no Pará, já que não achava melhoras no Maranhão, e os Padres Manoel da Costa, Pero Pedrosa todos examinados *ad gradum*, excepto os Padres Francisco Ribeiro o coadjutor espiritual antigo, e o irmão Manoel dos Santos, estudante do curso, para acabal-o em Coimbra, quando assim parecesse aos que isto tocava. Chegaram a salvamento ao Pará e partindo o Padre mestre José Ferreira com o irmão Manoel dos Santos pelo mez de setembro, chegou com prospera navegação á ilha Terceira, onde ficou por uns tempos, continuando o irmão sua viagem para o Reino.

Folgou o Padre reitor do Pará muito com este novo soccorro de missionarios, repartindo-os logo pelas missões muito

falhas de sujeitos; a repartição, porém, fez-se pelo modo seguinte:

O Padre Francisco Ribeiro ficou em o Collegio, como achacoso, por Padre espiritual; o Padre Ignacio Ferreira foi para Mortigura com o Padre Miguel Antunes; o Padre Manoel da Costa foi para Gurupatyba, mudando-se o Padre José Barreiros para Urubuquara, para lá fundar uma nova residencia á parte e que ficasse a aldêa de Jagoaquara de visita; o Padre Manoel Galvão foi aos Boccas render o Padre Francisco Soares, e o Padre Pero Pedrosa foi mandado para o Maracaná; os que ficaram pelo Maranhão foram repartidos tambem do mesmo modo entre as aldêas, ficando o Padre João da Silva e João de Avellar para prégarem e acudirem aos mais em o Collegio.

O Padre Antão Gonçalves foi mandado para S. Gonçalo sobre o rio Tapecorú, com o irmão theologo João Valladão, para de lá acudirem aos indios da aldêa, que tinham sido mudados para lá de Tayapuquaraty, para ajuda dos brancos, que com o lucro de uns poucos de escravos foram começar a nova villa de Icatú, em o sitio que se achou mais accommodado para esse effeito, correndo com esta mudança o sargento-mór Manoel de Barros, pelos fins do governo de Arthur de Sá, donde lhe procedeu uma grande doença da qual falleceu, parecendo sua morte mais procedida de paixão que de outra cousa. Acabou-se esta villa de Icatú estando já governando Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, dando-se-lhe por capitão-mór Agostinho Correa, filho de Agostinho Correa, um dos principaes conquistadores, o qual tinha sido deixado por governador do Estado com licença de Sua Magestade, quando o governador André Vidal de Negreiros se mudou para Pernambuco; ao Padre Balthazar Ribeiro mandou-se para S. José e não muito depois para a aldêa de Mareú, com o irmão Geraldo Ribeiro, tornando o Padre João Ribeiro para a roça de Anindiba, onde já tinha assistido com muita satisfação.

Ninguem extranhe tantas mudanças dos sujeitos de uma parte para outra, porque são taes estas nossas missões que, ou pela razão dos indios ou dos ares ou dos achaques e doenças, ou tambem dos genios dos mesmos sujeitos, sempre as houve e as

haverá, pelo que a mim me parece, emquanto estivermos com ellas.

Poucos são os missionarios que se acham de tal maneira que possam continuar por muito tempo em o mesmo logar, e não seja necessario mudal-os para outras residencias ou para os collegios, por assim o pedir a grande falta de sujeitos ou outras justas razões.

CAPITULO 10

VAI O PADRE ANTÃO GONÇALVES, POR ORDEM MINHA, PRATICAR OS GUANAZES, INDIOS DO SERTÃO DO RIO TAPECORU', AFIM DE OS DESCER PARA O RIO.

Apenas chegou o Padre Antão Gonçalves com seu companheiro João Valadão ao Tapecorú, não contente de acudir com a doutrina e sacramentos ás aldêas que lhe estavam commettidas sobre o rio Tapecorū e Muny, tratou de largar o freio a seu grande zelo e ir estendendo-se pelos sertões e descer a gentilidade que nelle se tinha descoberto.

As nações que havia mais chegadas áquelle rio de Tapecoru eram os Caycayzes, os Uruatizes, os Guaxinazes e os Guanazes. As duas primeiras eram mais ferozes e barbaras, se bem que os Uruatizes estavam muito acabados de seus inimigos e as duas derradeiras mais brandas e aptas para serem domesticadas, e tinham suas aldêas com suas lavouras estaveis, vivendo as mais como gente de curso. Estava com os Guanazes um mameluco chamado Mosqueira, escravo fugido de Domingos Angra, homem nobre e abonado da cidade de S. Luiz e sobrinho do Padre João Madeira, da provincia de Portugal, o qual com sua valentia, sem mais armas que sua espingarda e faca, tinha ganho tanto sobre os animos delles que, matando o filho do principal dos Guanazes, sentiu esse tanto sua morte que, para o acompanhar na outra vida, mandou a seus vassallos que lhe dessem garrote, como logo fizeram, obedecendo a seu mandado, sem haver quem se atrevesse a dizer uma só palavra ao mameluco Mosqueira, o matador. Este, como era

todo o conselho dos Guanazes e muito mais temido e venerado delles, depois da injusta e cruel morte do filho do principal, chegava ás vezes com alguns dessa nação ao Tapecorú a fallar com o Padre Antão Gonçalves; parecendo-lhe isso occazião boa para descer, por meio delle, aquelle gentio, deu-me logo parte do que se passava; e como eu estava por aquelle tempo na cidade do Maranhão, mandei me viesse o mameluco fallar nesta materia, e como achei as cousas bem dispostas, dei-lhe boas esperanças de sua liberdade, se tivessem o effeito desejado. Com isso tornei a mandal-o para Tapecoru, escrevendo ao Padre Antão Gonçalves que visse se podia dar uma chegada ao sertão dos Guanazes, para pratical-os em meu nome, fazendo-lhes todas as boas passagens que se costumam fazer para induzi-los a descer sobre o rio do Tapecoru, para estarem com os pais, que assim chamam elles aos padres e serem filhos de Deus e vassallos da coroa de Portugal, por cujas leis se haviam de governar.

O Padre Antão Gonçalves, como mui obediente e zeloso, logo se partiu com este aviso para banda dos Guanazes, levando comsigo o alferes Miguel Ribeiro, homem de zelo, prudencia e valor, marido de Dona Branca da Costa, irmã de Dona Catharina e de Dona Isabel da Costa, ambas senhoras de engenhos, este no Maranhão, sobre o rio Tapecorú, e aquelle no Pará, sobre o rio Mojú.

Chegou o Padre Antão Gonçalves, depois de umas jornadas de viagem ao porto dos ditos Guanazes, e como sabia a lingua geral os praticou, de sorte, que pondo Deus força ás palavras de seu missionario, os persuadiu de tal maneira que ficaram movidos a se descerem, porém como habitavam em ricas e fecundissimas terras e tinham muitos mantimentos com todo o mais necessario para a vida humana, não acabavam de se arrancar, até que o Padre Antão Gouçalves, indo pratical-os pela segunda vez, acabou de os abalar para virem, não já todos juntos, mas os que eram necessarios para roçarem e plantarem suas milharadas e mandiocas. Feito isso, vieram depois todos, com seu Mosqueiro, que os capitaneava, e foram situados sobre o rio de Tapecorú, entre o engenho do capitão-mór João de Souza Soleima, marido de Dona

Isabel da Costa, e a aldêa de S. Gonçalo, onde os padres tinham sua residencia. Aqui fizeram suas choupanas, por entretanto, com ramos de palmeiras, contra as inclemencias do tempo; porém, a sua principaleza maior, que chamavam Moacara e consultam em suas empresas como um orago, quiz agazalhar-se na mesma aldêa de S. Gonçalo, junto á egreja e aos padres missionarios, com que se fizeram logo tão familiares que até os meninos e meninas acudiam, com os mais, ao sacrificio da missa e ás doutrinas; comiam de tudo, tirada a carne de vacca, que estranhavam ao principio, porém depois admittiam, por falta do melhor sustento e gosto para elles, como carne de porco do matto, veado, pacas e jabutis, que os indios cada dia iam buscar, caçando pelos mattos e campinas; e faltando-lhe estas cousas sustentavam-se de quaesquer fructas selvagens que pelos mattos se lhes offereciam, sendo então os palmitos sua iguaria de melhor gosto e estimação. Neste sitio sobredito os fui visitar uma vez, mas como estava ausente a sua principaleza, por se mudar para outro logar mais para rio acima, onde tinham seus roçados, lá lhes fui dar a segunda visita, acompanhado do Padre Antão Gonçalves, o irmão theologo João Valladão, o capitão-mór e alguns homens brancos, vestindo todos, para mais autoridade naquella occasião, vestes do que nunca ou quasi nnnca costumavam usar.

Logo que cheguei ao porto, um tiro de espingarda longe da Moacara, veiu ella encontrar-me, com umas criadas e criados seus, até a ribanceira. Estava toda a sua côrte sem roupa nenhuma sobre si, e só ella tinha amarrada uma esteirinha larga de palmo e meio, tecida de folhas de palmeiras, amarrada por de tráz sobre os lombos. Saudei-a com umas palavras de sua lingua que me tinham ensinado, do que gostou muito, e passando-me uma velha horrenda a mão pelo rosto, disse sorrindo-se: *ho hi hi*, como quem diz: o que está bonito. Dissimulei a cortezia barbara e fui seguindo a Moacara até a sua casa, a qual era feita em fórma de uma abobada, com folhas de palmeiras, fechada toda por cima e aberta com quatro portas arqueadas pelas quatro partes do mundo, larga de uns quinze palmos e comprida de vinte pouco menos; bem no meio desta sua choupana tinha posto uma esteira pequena, na qual se sentou com duas rapari-

guinhas innocentes, sobrinhas suas, convidaudo-me para que me sentasse ao longo della; escuzei-me eu com os achaques de minha edade, e o Padre Antão Gonçalves para tirar toda a occasião de desconfiança e pela estimação que della se fazia, admittiu a honra que tinha offerecido e sentou-se na esteira um tanto afastado della. Feita esta primeira ceremonia, mandou ella vir o amago ou palmito de uma palmeira, bem grosso e comprido, e convidou-me com os padres e o capitão-mór a que comessemos; acceitei com todos os mais a offerta, e como era mui limpa e branca e alem disso doce como um torrão de assucar, comemos delle em sua presença, com o que ficou muito satisfeita.

Aqui comecei a louva-la de ter sahido de suas terras para as terras dos christãos com seus vassallos, para serem todos instruidos na fé de Christo, e feitos filhos de Deus pelo baptismo, livrando-se por esta via do fogo eterno do inferno, e encaminhando-se para nossa verdadeira patria do Céo, para qual Deus, creador de todas as cousas, nos creara a todos e mandara remir, pela morte e paixão sagrada de Jesus Christo, seu filho unigenito feito homem para nos salvar.

Animei-a tambem para que continuasse no caminho bem começado e não voltasse atraz, fizesse sua aldêa junto aos padres para terem cuidado della, e fazerem lograr o fructo da sahida de seu sertão, com seus vassallos todos.

Com isso, como os indios andavam espalhados todos para buscar de comer, uns pelos mattos, outros pelas campinas, despedi-me della, convidando-a para a cidade, onde a havia de presentear.

Não ha filha espiritual que com mais compuncção e devoção receba os ensinamentos de seu confessor de que ella recebeu os meus avisos, dando-se por convidada para a cidade, porque, pouco tempo depois, veio mui bem acompanhada e foi recebida no pateo do Collegio com palavras cortezes, presentes e mimos, assim meus, como dos mais religiosos, pois vinha pagar a visita que eu lhe tinha feito.

Partiu com todo o seu acompanhamento, mui contente do Collegio, mas não tanto da cidade, porque, como esperava que todos lhe haviam de fazer o agazalho que lhe tinham feito os

padres, ficou em muitas partes frustrada de suas esperanças e assim se voltou para o Tapecorú com menos satisfação, apregoando entre os seus o bom trato com que tinha sido recebida dos padres e imprecando o pouco agazalho que lhe tinham feito os mais brancos; e não ha que espantar-se que ella fizesse esse reparo, sendo uma selvagem, pois os sabem fazer os mesmos brutos que, sendo faltos de razão, comtudo conhecem o bem que se lhes faz e lhes fica em a lembrança.

CAPITULO 11

DA REDUCÇÃO DOS CAYCAYZES E DA CAUSA QUE DERAM PARA SE LHES FAZER GUERRA, COM QUE FUGIRAM ELLES, E MAIS OS GUANAZES E GUAXINAZES TODOS PARA OS MATTOS.

Havia outra nação mui barbara, chamada Caycayzes, que com as boas praticas se tinham tirado do matto e situado para banda do rio Muny, para dahi por diante serem amigos constantes dos portuguezes e filhos de Deus; porém, como era gente mui brava e acostumada a uma vida mais selvagem, logo mostrou o que era.

Este gentio é de curso, por andar continuamente pelas suas terras, sem estar de assento em uma paragem, servindo-lhe de agasalho o logar onde acha mais com que fartar a barriga.

Logo ao romper do dia, sahem os homens á caça, e trazendo alguma presa a apparelham, assim elles como as mulheres, comendo-a todos juntos, ainda que meia assada; depois disso dormem e acabando de dormir começam a cantar e a bailar, grandes e pequenos, até alta noite e não poderem mais, que então .... a descançar, servindo-lhe de cama o chão, e este modo de cantar e bailar guardavam quando vinham á cidade de S. Luiz do Maranhão, atordoando com seus cantos desentoados os religiosos do Collegio e toda a vizinhança, e muito mais ainda quando tinham bebido uma gotinha de aguardente, da qual são tão amigos todos os indios, que não lhe perdoam onde que a acham, e andam atraz della até o cabo do mundo, tendo todos isto de mal nesta materia de beber, que não guardam regra

mas bebem quanto podem, até perderem o juizo: alguns delles se abrazam interiormente de tal sorte que, postos fóra de si, acabam assim a vida, sem serem capazes de algum sacramento.

Ora, como os Caycayzes moravam sobre o rio Muny e os Guanazes estavam misturados com alguns Guaxinazes e estes corriam pelos rios e campinas não sómente de Tapecorú mas ainda do rio Meary, onde estão os curraes e a maior parte dos engenhos de assucar e algumas engenhocas de aguardente, aconteceu haver grandes queixas dos portuguezes que habitavam essas paragens, e que os mesmos indios das aldêas, já antigas, se queixavam que se lhes furtavam os mantimentos de suas roças; mas como sabiam a necessidade da gente novamente descida que ainda não tinham roças de onde pudessem sustentar-se tinham paciencia: porém como se soubesse que a cada passo faziam hostilidades, acommettendo uns, matando outros, como tinham morto dois rapazes curraleiros nossos e ferido outro de outro morador, sem nenhuma razão mais que sua fereza e crueldade, mandou o governador Antonio de Albuquerque, que já tinha voltado do Pará ao Maranhão, a pessoas fidedignas que corressem esses rios e campinas, seguindo o rasto dos malfeitores, para se conhecer de certo donde procedia tanto mal aos moradores, e para maior certeza ordenou que se soubessem quaes eram os ameaços, que iam espalhando contra os portuguezes.

Fizeram-se todas as diligencias; achou-se, assim pelos rastos como pelos ditos, que eram os Caycayzes os que molestavam de tal maneira os moradores daquelles dois rios que os do Meary se achavam obrigados a mudar seus curraes de gado vaccum, e todos de uma ou outra parte haviam de mudar de moradas se o governador não ordenasse que ninguem se abalasse, e como dos ditos e ameaços que tinham espalhado, constava que esses barbaros se pretendiam fazer senhores de ambos aquelles rios, expulsando os brancos delles, matando uns e molestando outros, consultou o governador os que Sua Magestade lhe nomeia para julgarem das guerras e justiça dellas; e como todos julgaram que se havia de acudir dando guerra aos Caycayzes, causas de tantas desordens, sem se quererem emendar, antes que padecessem os moradores maiores damnos e se perdesse a maior parte

da capitania do Maranhão, determinou o governador dar a guerra, mandando fazer todos os apparelhos para ella. Emquanto sobre a mesma se dispunha, andavam-se vigiando os moradores dos rios Meary, Tapecorú e Muny, para que os Caycayzes os não acommetessem descuidados; e até os padres missionarios deram ordem que se cercasse sua aldêa de paus a pique, para segural-a de algum assalto repentino.

Estavam os indios com os seus arcos e fréchas á mão, dias e noites, fazendo suas sentinellas, por assim lhes ter sido mandado á instancias do Padre Antão Gonçalves e do irmão theologo Valladão, os quaes davam alento a todos, tendo sempre prevenidas bastantes canôas no rio, para nellas pôr em salvo a gente miuda e fraca, quando necessario fosse fugir de alguma violencia, o que mais trabalho dava aos da aldêa. Durante aquelle tempo não se atreveram a sair para suas roças, em busca de seu sustento, pois receavam que alguns Caycayzes, emboscados, dessem sobre elles e lhes tirassem a vida; e não era maravilha que os indios sobresaltados estivessem com aquelles medos, quando os mesmos portuguezes, que se presavam tanto de generosos e valentes, andavam tão atemorizados que se não atreviam a afastar-se de suas casas.

Houve varios juizos sobre esta guerra, parecendo a alguns que se havia de avisar os Caycayzes primeiro do que delles se dizia, para que se emendassem, e que se lhes perdoava por serem novos e não saberem os estylos da terra, para por esse meio seduzil-os á razão e conserval-os, pois estavam já aldeando-se, com roçarias feitas para ficarem e que dando-se-lhes guerra seria pôr as coisas em muito peior estado, porque então haviam de ser muito mais molestos e damnosos ao Maranhão; e esse era o mesmo parecer dos padres missionarios.

Comtudo, como já os valentões desses barbaros andavam dizendo até aos escravos dos portuguezes que haviam de dar sobre elles e acabal-os, para ficarem com suas terras desamparadas, foi o governador em pessoa, com bastantes soldados e indios, para dar a guerra, acompanhando-o eu até o porto, e a flor da nobreza com os ministros reaes até o rio Tapecorú, com ordem de, dando os deputados para isso nos Caycayzes, que tinham

ficado em sua aldêa sobre o rio Muny, dessem os outros nos que tinham ido para as campinas da banda de Tapecorú, sendo essa occasião bellissima, por estarem divididos e totalmente desapercebidos de tudo.

Estando tudo assim bellamente ordenado e já o governador com toda a sua gente no Tapecorú, para dar sobre os Caycayzes, descuidados, advertiu-se que os Guanazes, amigos e innocentes no caso, estavam postos pelo caminho por onde forçosamente se havia de passar, de modo que, atravessando a soldadesca por meio destes, daria logar aos Guanazes para suspeitas e fugida a seu salvo.

Consultou o governador a duvida com os ministros e homens prudentes que o acompanhavam e não faltaram alguns que foram de parecer que, visto não poder dar sobre os Caycayzes culpados sem dar primeiro sobre os Guanazes sem culpa, désse embora tambem nestes, pois era perdoavel padecerem os innocentes quando sem isto se não podia dar nos culpados e destruidores do bem commum da republica; porém como o governador era fidalgo temente a Deus e de consciencia delicada, não quiz por nenhum modo que, pelo respeito aos culpados e nocivos, recebessem damno os innocentes, e assim, partindo uns para dar nos que tinham ficado na aldêa e logares circumvizinhos, foi com os mais em pessoa rodeando os Guanazes, com que os Caycayzes, cahindo no que era, e servindo-se do tempo que este rodeio lhes dava, fugiram a toda a pressa. Serviu-lhes para isso não pouco o aviso e noticia que de tudo lhes tinha dado um tapanhuno, escravo do capitão mór de Tapecorú, João de Souza Soleima, o qual, andando mal encaminhado com uma india de sua nação, lhes manifestou tudo quanto os brancos intentavam; mas o castigou Deus, porque, fugindo com os Caycayzes, por guia, logo que se viram escapos do primeiro perigo e postos de outra banda do rio com alguma segurança, lhe quebraram a cabeça e o deixaram estendido no porto, como um gentio do matto, sendo christão, crioulo do engenho, ladino e capaz de todos os sacramentos, si morrera em casa de seu senhor.

Foram-nos seguindo os portuguezes pelo rasto que tinham deixado, e já parecia que estavam dando com elles, vendo-os e

ouvindo-os chorar, principalmente os filhinhos que arrastavam chorosos e tão cançados, que de puro cançasso já não podiam dar bem um passo para diante; porém vindo a faltar os mantimentos aos portuguezes menos sofregos da fome e cançasso que o gentio do matto, desistiram de perseguil-os; e como isto era uma deshonra ao valor portuguez, proseguiu em novas ordens da empresa o ajudante Royollos, e feito capitão dos indios e brancos que levava em sua companhia, andou tanto, já por uma e outra banda, pelo rasto dos fugidos que os indios rasteadores iam descobrindo, que finalmente deu com elles e matando uns, captivando outros, afugentou todos os mais. Prenderam-se depois disso mais uns quarenta, entre homens e mulheres, grandes e pequenos, os quaes o governador praticou mui bem, diante de mim, junto á fortaleza de Santo Antonio, na ponta de João Dias e mandou levar para o Pará, para se porem e aldearem como forros na ilha de Joannes, fartos de tudo o necessario para a vida humana, e livrar assim o Maranhão desses inimigos, tirando-lhes a commodidade de voltarem para suas terras. Lá viveram annos contentes naquella fartura de todo genero de mantimentos, sem lhes faltarem os missionarios, os reverendos padres de Santo Antonio, a cujo cuidado vieram a ficar com a repartição das missões.

Com esta esfrega dada aos Caycayzes ficou algum tanto, ainda que não de todo, seguro o reconcavo do Maranhão, porque como os Caycayzes erão muitos e valentes, não se acovardaram com a diminuição e foram continuando suas hostilidades ás claras quando dantes faziam como ás escondidas, e debaixo de capa de amigos e compadres.

Andava por aquelle tempo uma tropa de paulistas mandada pelo governador da Bahia para acabar o gentio que infestava os curraes da banda do Ceará; escreveu o cabo desta tropa ao governador do Maranhão que lhe mandasse soccorro de polvora e balas que lhe iam faltando, porquanto estava longe donde se podesse prover.

Convidou-o o governador viesse estirpar os Caycayzes, promettendo-lhe de o premiar bem; mas elle se foi para a Bahia e só mandou um sargento-mór com dois homens, que todos pareciam uns indios, ou quando muito mamelucos. Esse offereceu-se

ao governador para destruir os Caycayzes, dando-se-lhe ajuda de homens e armas necessarias, porém nada se effectuou ; constituiram-se sómente capitães de campo, que com uns soldados e indios corressem continuamente as paragens mais infestadas· mas nada disso valeu para segurança dos curraes e moradores contra os Caycayzes. Seis delles, depois de todas estas provenções, vieram ao engenho de Tapecorú, do capitão-mór João de Souza Soleima, com umas cartas como escriptas dos paulistas ; este deu logo parte ao capitão Saraiva, que ainda andava vigiando com os seus soldados sobre o rio, da tenção com que vinham de o matar sobre a madrugada, em sua propria casa, como de suas proprias bocas se tinha ouvido; acodiu logo o capitão Saraiva ao engenho e ajudado do capitão-mór e escravos da fazenda, deu nelles matando uns, cativando outros, e ferindo mortalmente os que saltaram ao rio, com que ficou isto algum tanto mais socegado. Comtudo, querendo eu assegurar os nossos curraleiros e curraes que são o remedio do Collegio, mandei mudal-os para banda de além e como lá concorresse muito gado, pedi a Henrique Lopes, capitão-mór de Tapuytapera, pastos, da banda das campinas do donatario, abaixo da aldeia de Mareú, os quaes elle logo concedeu, por carta de data de sesmaria, pelas licenças que para isso tem. Mandei logo tomar posse juridica pelo Padre Balthazar Ribeiro e mais adjuntos, que se requerem para posse real, e fez-se tudo conforme a carta de data nos concedia, incluindo até as pontas que tinham ficado depois de feitas as medições pelo rumo direito. Feito isso, encommendei ao irmão Geraldo Ribeiro, que então acompanhava o padre missionario, que mudasse o gado dos curraes para esses novos pastos, o que elle executou pontualmente, com grande trabalho e molestia sua, levando o gado, parte por terra, parte em canôa, de que tudo lhe dará Deus Nosso Senhor o premio merecido em os altos Céos.

CAPITULO 12

RELATA-SE O PROGRESSO E SUCCESSO DAS OBRAS DA EGREJA NOVA.

Logo que o tempo deu lugar para ir adeante nas obras da egreja nova de Nossa Senhora da Luz, foram-se levantando as paredes de ambas as bandas e juntamente as capellas collateraes, pondo-se tudo pela altura quazi do frontispicio; feito isto, mandei lançar os alicerces da capella mór com os da sacristia, que tomavam a largura da egreja toda, e ordenei que, largando mão dos obras da capella mór, se levantassem as paredes da sacristia até a altura de vinte palmos, com suas janellas rasgadas pela proporção que a obra requeria, e que tudo se cobrisse para poder servir de egreja; por entretanto, que se derrubasse a antiga para empregar as pedras em as paredes da capella mór, para assim serem dignamente aproveitados, pois tinham servido tantos annos ao santo templo da Senhora, em que se tinha feito tanto serviço a ella e a seu precioso filho.

Não era o Sr. governador de parecer, ao principio, que se demolisse a egreja velha, antes de se acabar a nova, mas depois de ver o bom successo, desistio de seu parecer; fizeram-se naquella sacristia as portas todas que havia na ermida antiga, poz-se-lhe o pulpito com as grades de communhão, e accrescentou-se-lhe um bello côro, com suas janellas rasgadas para a rua, conforme a compridão que deu logar, fez-se-lhe uma capella mór forrada de todas as partes com suas tribunas e grades, pintadas por ambas as bandas; pintou o irmão Marcos Vieira, por invenção sua, a capella toda; poz-se-lhe o altar com o sacrario e a Senhora posta em riba, em seu logar, depois de rebocada e branqueada toda a obra, destinou-se para sacristia um cubiculo que dantes tinha servido de classe aos estudantes, com que ficou uma obra tão bella e engraçada que alegrava a todos que entravam nella dizendo alguns: para que mais egreja além desta que é tão bonita?

Acabada esta obra, mandei derrubar a egreja velha toda, pelo fim já referido, porque com a mesma pedra se foram le-

vantando as paredes da capella mór da nova, a qual se poz na altura do arco maior, que com seu frizo e cimalha estava em sessenta palmos, tendo de vão e largo vinte e sete e cincoenta de altò ; cousa tão rara no Estado do Maranhão, que as mulheres, levadas de sua curiosidade, iam de noite, pelo luar, em suas rêdes, para ver o que nunca se tinha visto em suas terras.

Aconteceram dois casos no levantar das paredes dignos de se referirem: o primeiro foi cahir o mestre das obras do alto para baixo, direito, em pé, sem nenhuma lezão, quando, consideradas as circumstancias, corria o risco de quebrar as pernas ou bem algum membro do seu corpo ; deu elle e todos os circumstantes as graças á Deus e á Virgem Santissima, pela materna protecção com que o tinha preservado de um grande mal.

O segundo, foi que, levantando-se as pedras do arco maior para cima, por meio de um guindaste e de uns moitões amarrados a um mastro delgado, mandou o mestre das obras Francisco Pereira, pela Ave Maria da tarde, puxar para riba uma mui pesada, e sem embargo de reparar eu no grande peso da pedra e fraqueza do mastro que se ia dobrando, dizendo-lhe que a deixasse para o dia seguinte, elle, por ter já posto todos os apparelhos e estar a pedra já quasi em riba e não faltar mais que lhe pôr as mãos, teimou de a querer fazer chegar. Neste interim, eis que, quando elle e tres pedreiros, escravos valentes da casa, iam para estender os braços para lhe pegar, quebrou o mastro, e, cahindo a pedra para baixo, maltratou uma cimalha do altar collateral para a parte esquerda da rua, e deu comsigo no chão, sem lesão, cahindo, porém, o mestre das obras, com todos os seus obreiros, por detraz sobre a muralha, tendo mão nelles as cordas, que os cobriam, sem nenhum damno.

Attribuiu-se tambem este successo a um beneficio mui grande que lhes fez a Senhora, por fazer quebrar o mastro antes delles pegarem na pedra, porque, se pegassem, cahiam todos quatro para baixo, sem nenhum escapar com vida, sobre as pedras que ahi se iam ajuntando, para estarem á mão quando se quizessem puxar para riba.

Na egrejinha nova, que ha de servir de sacristia da egreja grande, fizeram-se naquelle anno as quarenta horas com grande solemnidade, concurso e devoção, porque houve muitas confissões e communhões, com sermão depois de jantar, um dos quaes fiz eu ás tardes, e das domingas da quaresma fez o Padre Iodoco Peres, bella e frutuosamente, sobre umas parabolas do Evangelho, das quaes a ultima foi do senhor da vinha, que ameaçava de aforar sua vinha a outros, se os que a tinham se não emendassem, porém, ao cabo, pediu a Deus não entregasse esta vinha do Estado a outra nação, porquanto nenhuma lhe serviria com tanto primor nas festas e veneração do Santissimo Sacramento, como faziam os portuguezes; o Padre João da Silva fez ás sextas feiras com grande successo e muitas lagrimas dos ouvintes, por ser elle mesmo um dos primeiros que choravam. Além destas devoções, instituidas pelos já referidos, institui, de mais, no tempo deste meu segundo superiorado, a devoção da novena de S. Francisco Xavier, á instancia do senhor governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e do Padre João de Avellar, o qual contou e ponderou muito bem alguns exemplos da vida do santo, com grande concurso e devoção da nobreza e povo todo; expoz-se o Senhor com toda a decencia, e sendo sacristão o irmão Marcos Vieira, não faltaram velas brancas no altar nem musica dos estudantes destros, que, ajudados dos de Gregorio de Andrade, que tocava ricamente o cravo, cantavam as ladainhas da Senhora de Loreto, officiando e dando a benção no cabo, com o Santissimo Sacramento, o Padre vice reitor Diogo da Costa, com edificação e satisfação de todos.

No fim da novena, referiram os devotos algumas graças alcançadas do Senhor, que se deixam por agora e se referirão em seu logar, quando parecer melhor.

CAPITULO 13

A' INSTANCIA DO GOVERNADOR E CAMERAS, DEPUTAM-SE DUAS TROPAS PARA O SERTÃO, UMA DO PARÁ E OUTRA DO MARANHAO, E NOMEIO CABO PARA ELLAS.

Em o anno 1691, fizeram-se duas entradas para os resgates pelo rio das Amazonas, uma pela tropa do Grampará, outra pela tropa do Maranhão, a qual partiu depois; mas porque foi despachada primeiro, della se trata em primeiro logar neste capitulo, e logo da segunda, no mesmo, por assim ser necessario, pelo concurso dellas em algumas convenções.

Tinha El Rei Nosso Senhor D. Pedro, o Segundo, que Deus guarde, escripto ao Padre Iodoco Peres, antecessor meu, que puzesse missionarios no rio Negro, e respondeu elle e eu depois, quando me encommendado o mesmo em outras cartas, que lá se poriam sem nenhuma fallencia os missionarios, logo que se acabasse a casa forte que Sua Magestade mandara fazer, para segurança, contra o muito gentio brabo daquelle rio,

E, porquanto aquella casa forte não se podia conservar sem indios que lhe servissem, tinha o Padre João Maria Gorsony andado em outra tropa antecedente, em que ia por cabo André Pinheiro, começado já a praticar algumas nações, com tenção de as situar para junto á fortaleza para esse fim, e como estava chegado o tempo determinado de antemão para aquella descida, escreveu-me para o Maranhão, para que lhe désse licença e aviamento para se conseguir com effeito esta sua empreza, e que, para facilitar ainda mais, lhe alcançasse, do senhor general, patentes e provisões para o principal e mais officiaes de guerra. Propuz eu tudo ao governador, e, parecendo-lhe bem, mandou passar para maior autoridade sobre aquelles barbaros as provisões que se lhes tinham pedido; com que, nomeado o Padre João Maria, por missionario da tropa, e Faustino Mendes, seu amigo, por cabo della, e este juntamente confirmado pelo senhor governador, partiu a tropa do Pará para resgates de escravos, em remedio de grande necessidade em que se achava aquelle povo,

Apenas tomou a tropa a fortaleza do Gurupá, quando o capitão mór Manuel Guedes Aranha. amigo antigo da Companhia, pediu ao padre missionario lhe fizesse favor de alguns poucos de remeiros, para chegar com pressa da banda dalêm do rio das Amazonas, em descobrimento de uns poucos de francezes de Cayenna, os quaes tinham apparecido e dado alguns signaes de hostilidade com os tiros de suas armas de fogo, conforme se lhe tinha referido.

Concedendo-lhe o padre missionario os indios remeiros, comtanto que os pagamentos do trabalho delles não se faria á custa da tropa, foram e voltaram sem effeito nenhum, por se terem os francezes mettido nos igarapés, pela terra dentro. Já dantes disso, tinham vindo uns poucos com cartas do marquez de Farroles para o senhor governador Antonio de Albuquerque e capitão mór do Pará Hilario de Souza, pedindo-lhes deixassem ir livremente os francezes ao resgate, pelas terras do cabo do Norte, e tratou-os o capitão-mór mui bem, emquanto foi canôa de aviso ao governador, o qual respondeu que não era em sua mão dar a licença que se lhe pedia: avisaria Sua Magestade e faria o que se lhe ordenasse.

Continuou a tropa do Pará sua viagem, e tendo tomado seu cabo Faustino Mendes sobre o rio Xingú, onde estava de morada, foi passando pelos Tapajós e Tupinambaranas, até chegar aos Abacaxizes, onde se deteve tempo consideravel, resgatando os escravos que por ahi achava, e mandando suas bandeiras pelos rios e terras circumvisinhas, pelo mesmo fim. A razão de sua detença era a falta de remeiros necessarios para as canôas.

Emquanto a tropa do Pará se foi detendo nos Abacaxizes, partiu tambem a tropa do Maranhão para a qual nomeei por missionario o Padre Miguel Antunes e por cabo, informado do governador, o capitão João de Moraes Lobo, que levou bastão de capitão-mór, para maior autoridade do posto que servia.

Andou esta tropa primeiro pelo rio dos Tapajós, com esperanças de um grande negocio, que tinha promettido um famoso cravista daquelle sertão, por nome Paschoal Ferreira, natural do Maranhão, e com estas esperanças lá se foi detendo abaixo de umas cachoeiras, entre pragas de moscas e mosquitos,

que além das doenças iam molestando a todos, até que desenganados se retiraram e entraram pelo rio das Amazonas, queixosos de não terem dado com os escravos que só lhes tinha promettido, dando tambem a culpa ao missionario, totalmente innocente, quando Paschoal Ferreira tinha toda a culpa, e vendo frustradas suas esperanças, adoeceu de melancolia, de que morreu, sem querer vir abaixo buscar confessor para se pôr bem com Deus, como lhe convinha para sua salvação; e como a vida é o espelho da morte e commummente morre cada qual como viveu, havia este miseravel de ir pelo caminho que levam outros seus semelhantes, por morrer com a occasião junto á sua rede.

Ia o padre missionario Miguel Antunes fazendo bellamente a sua obrigação, assim com agrado dos brancos como dos indios; só ao cabo lhe parecia que faria mais escravos se tivera missionario mais a seu gosto, com que, parte pelo muito trabalho e continuas molestias, parte pelo pouco costume de andar por esses climas mui doentios, veiu aquelle a adoecer de tal maneira que, sendo-lhe impossivel acompanhar mais a tropa, recolheu-se para o Pará a tratar de sua saúde, e como não houvesse no Collegio quem pudesse supprir esta falta, dei todos os poderes necessarios ao muito reverendo Padre frei Theodoro da Veiga, missionario das Mercês sobre o rio Urubú, grande lingua e com fama de religioso de satisfação, para averiguar as escravidões dos escravos da tropa do Maranhão.

Com esta mudança, fez o cabo João de Moraes Lobo seu arraial sobre o rio Urubú, mandando de lá suas bandeiras para o rio da Madeira e rio Negro, e mais por algumas partes dos Maraguazes e outros, por onde tambem andaram os da tropa do Pará, com tão grande occasião de desgosto entre os de uma e outra tropa, que pouco faltou que chegassem a pegar em armas para pelejarem; mas tudo remediou o padre missionario João Maria Gorsony, com sua prudencia e caridade; porém, como por falta de remeiros se detinha a sua tropa do Pará nos Abacaxises, sem fazer negocio de consideração nos resgates dos escravos, passou para o rio Negro, para ver se lá descobria melhor fortuna, e quando não tratar do que eu lhe tinha muito particularmente encommendado,que era descer gentio sobre o rio das Ama-

zonas e formar a aldêa de Matary para uma residencia e outra sobre o rio Negro, sobre alguma paragem accommodada, não muito distante da casa forte, para outra residencia nova, e para se pôr assim a missão em seu augo maior e dar juntamente cumprimento ao projectado.

Houve-se o Padre João Maria com seu incansavel zelo, neste importante negocio, de sorte que não descansou até o ter posto em execução e levado ao cabo que se tinha desejado; porque praticou o gentio daquelles sertões e desceu as aldêas para as paragens que se lhe offereciam mais accommodadas para a saúde e sustentação, assim dos indios como dos missionarios, que depois lhes haviam de assistir.

CAPITULO 14

RELAÇÃO DA DESCIDA DE UNS MARAGUAZES PELO PADRE ANTONIO DA CUNHA PARA' MAMAYACU'

Tinha Sua Magestade concedido a aldêa do Gossary ao Collegio de Santo Alexandre, do Grampará, e porque, antes de se a poder descer, tinha o governador Francisco de Sá e Menezes com Joanna de Mello, descido uma parte, por via de seu escravo Vicente, para Moruipe, da banda de Marapatá, e acharam o governadores melhor ter o Collegio outra aldêa do sertão que esta, que estava já situada sobre o rio das Amazonas, ficaram descessem outra em seu logar, deixando estar a de Gossary onde estava, para o bem maior da republica; e porque sabiam os Padres João Maria e Antonio da Cunha ser vontade minha que nos aproveitassemos a tempo da mercê que, á minha instancia, El-Rei Dom Pedro tinha feito aos Collegios do Maranhão e Pará, trataram de descer nesta occasião de canoa vazia, para banda do Pará, uma parte da aldêa concedida, reservando o direito de descer o mais que faltava para outro tempo mais accommodado, para se fazer uma aldêa de duzentos e cincoenta ou quando menos de cento e cincoenta casaes, que se chamasse aldêa d'El-Rei, conforme concedera Sua Magestade.

A este fim foi-se o Padre Antonio da Cunha, por ordem do Padre João Maria Gorsony, missionario da tropa, acabar de praticar os Maraguazes em suas terras, tendo o padre missionario já dantes praticado os seus principaes na aldea dos Abacaxizes. Soube o Padre Antonio da Cunha pratical-os pela segunda vez em seus mattos, de sorte que logo sem dilação se embarcaram com elle, para a aldêa dos Abacaxizes, de lá, uns, para virem em sua companhia e serem filhos de Deus e filhos dos padres do Collegio de Santo Alexandre, na sua roça de Mamayacú; e fez-se esta descida sem custar um só real á fazenda de Sua Magestade ou fazenda da tropa, servindo-se este zeloso e caritativo missionario de uns poucos de resgates, que um amigo do Collegio, Domingos Rodrigues Moura, mercador em grosso da cidade do Pará, lhe tinha feito por amor de Deus, quando se despedira delle, para ir com a tropa para o sertão. Em sua canôa não iam senão dous indios da roça do Collegio, dos quaes um por piloto, outro por proeiro, sendo todos os mais Maraguazes que se desciam, e á vista do bom exemplo do proeiro Tupinambá, iam remando conforme.

Não se póde dizer facilmente com palavras quantos trabalhos e enfados padeceu aquelle bom padre, para trazer estes seus filhos espirituaes por uma viagem tão prolongada como é aquella desde Maraguazes até o Pará, e mais, adoecendo elle gravemente, sem fallar em outros da mesma canôa, mal dispostos, e muito mais ainda achando-se em sua tolda sem se poder bolir, por a encherem os que vinham, assim meninos como grandes, toda, por dentro e por fóra, por não ter camas em que todos podessem commodamente estar. Comtudo, como o valor de seu animo era muito superior ás difficuldades todas, que o acompanhavam, por grandes que ellas fossem, foi andando rio para baixo até á aldêa dos Tapajóz, onde com as ferramentas que levava resgatou algum alqueire de farinha para sustento da gente que levava, já meio morta de fome ; com este soccorro continuou seu caminho até encontrar o Padre Manoel da Costa, missionario de Gurupatyba, na travessa ou igarapé dos Coanizes, o qual, com uma caridade tão larga como seu bom animo, o soccorreu com dois alqueires de farinha para a gente, e um

frasco de vinho e uma caixa de marmelada para acudir á summa sua fraqueza, com que se achava, sem poder levar cousa alguma de sustento para baixo.

Com este novo soccorro, assim de sustento, como tambem de alguns indios bons remeiros da aldêa de Gurupatyba, chegou á fortaleza do Gurupá, onde o capitão-mór Manoel Guedes Aranha, como caritativo e amigo da Companhia, soccorreu com mais dous paneiros de farinha, com que foi continuando sua viagem até quasi meio caminho da aldêa de Uaricurú dos Ingaybas, onde o Padre Antonio da Silva assistia por missionario de toda aquella nação e outras circumvizinhas a ella. Estando no igarapé de Tajipurú achou-se tão debilitado, que, perdendo já as esperanças da vida, se persuadiu totalmente que morria naquella paragem, e assim, praticando os indios, que levava, que tomassem animo, sem embargo de verem morrer a elle na empreza, porquanto estavam já mui chegados ao porto desejado, onde achariam descanso e tudo o que lhes fosse necessario para passarem commodamente a vida humana e serem feitos filhos de Deus pelos padres e alcançarem sua salvação, que era o que os tinha trazido de suas terras para as povoações dos brancos, encommendando tambem ao piloto indio de bem, da roça de Mamayacú que, morrendo, elle o enterrasse, e levasse fielmente as suas alfaias com todos os Maraguazes para o Pará, entregando-os primeiro ao padre que estava em Jaguarary para que este com o aviso do padre reitor do Collegio, João Carlos Orlandini, dispuzesse delles conforme as ordens que lhe mandassem e, como estava esperando pela hora em que Deus o chamasse para si, estando se preparando para ella com os actos fervorosos da Fé, Esperança, Caridade e arrependimento de todas as suas culpas, como convinha a um padre de tanta religião como elle era, quiz aquelle Divino Senhor, em cuja mão estão igualmente a morte e vida, que se achasse com algum alentozinho para chegar até a aldêa de Uaricurú, onde o Padre Antonio da Silva o soccorreu para poder chegar á fazenda do Collegio em Jaguarary, onde, como já posto em casa, começou a melhorar com toda a gente que levava, meio morta de fome, por ser pouca a farinha toda com que tinham sido soccorridos

pelo caminho para setenta bocas, que vinham embarcadas na canoa.

Agazalhou-os o irmão que governava aquella fazenda com toda a caridade, e salvou-se o Padre Antonio da Cunha, que tomou novas forças com o bom trato e com a consideração de se verem já postos como em casa sua.

Avisou-se o Padre João Carlos, reitor do Collegio, o qual veiu logo em pessoa dar as boas vindas e agradecimentos ao Padre Antonio da Cunha e os parabens aos Maraguazes de se terem tirado da terra do Egypto, onde os havia de acabar a todos o furacão infernal, se os não tivesse trazido com o pé enxuto o seu Moysés por aquelles mares que ha entre suas terras e a terra dos christãos, onde podiam ser filhos de Deus para no cabo entrarem na terra da promissão do Céo. Não faltaram logo malevolos que foram fallar ao capitão-mór Hilario de Souza, mas elle, sendo bem informado das ordens de Sua Magestade para os padres terem uma aldêa propria para serviço do collegio e da licença dos governadores para a descerem em logar de Gossary, os mandou embora, sem se fallar mais palavra nesta materia.

Com isso foram os Maraguazes com seu missionario para Mamayacú, onde os agazalhou a todos com grande amor como pae delles, e por ordem do Padre reitor João Carlos lhes deu todo o necessario, emquanto não tiveram roças proprias, para as quaes os proveu de ferramentas para as fazerem e para fabricarem suas casas, pagando-lhes seu trabalho quando os empregava em alguma cousa de consideração, em proveito do Collegio e assim se foram aldeando e vivendo mui contentes e mais ainda quando se viram tambem doutrinados e feitos filhos de Deus, tratados com o mesmo cuidado e maior ainda do que havia com os mais indios forros da fazenda, e o que mais os consolou foi que. sobrevindo depois o contagioso mal das bexigas, não morreu nenhum delles sem os sacramentos de christão.

Antes que o Padre missionario João Maria Gorsony com o Padre Antonio da Cunha tratasse de mandar os Maraguazes para baixo, fez petição ao cabo da tropa Faustino Mendes em

que lhe declarava o poder que tinhamos de descer uma aldêa para o Collegio, e como mandara por duas vezes praticar os ditos Maraguazes pelo padre seu companheiro Antonio da Cunha, para se descerem e serem filhos de Deus, e livrarem-se dos assaltos dos seus inimigos, e como elles de expontanea vontade se queriam descer para a fazenda dos padres, com condição de serem tratados como forros, pedindo ao cabo fizesse autoar essa petição, como fez, observando todos os termos jurisdição, e isto depois de saber da boca dos mesmos indios a sua resolução com as condições debaixo das quaes se vinham descer. Veja-se o auto que disso se fez no sertão, na aldêa dos Abacaxizes, aos vinte e um de julho do anno 1692, e se guardou entre os papéis do Collegio do Pará.

CAPITULO 15

ACUDO Á ALDEIA DOS GUAJAJARAS EM MAREU', E REMEDEIO A UM DESGOSTO DO CAPITÃO-MÓR DE TAPECORU' DO MARANHÃO.

Estando o Padre Balthazar Ribeiro, missionario da aldêa dos Guajajaras no Mareu, fugiram uns indios, allegando por sua desculpa o máo trato que lhes dava o padre havendo-se asperamente com elles ; e como um delles era pessoa principal, acudi eu logo para os compor e socegal-os ; e sabido acaso toda a razão da aspereza e máo trato, era os reprehender o padre de seus excessos em beber, de seus amancebamentos e faltas na assistencia á egreja aos domingos e festas de obrigação ; portanto, por parecer do Padre Balthazar Ribeiro e do irmão Geraldo Ribeiro, e consentimento de todos os mais indios da aldêa, congregados na egreja de Nossa Senhora da Conceição, nomeei por principal um indio quieto e sisudo por nome Marçal, mas como este, sem embargo de ter feito grandes promessas de governar bem a aldêa, tinha depois traçado de desapparecer com os mais e aggregar-se aos fugidos, por inducção de um certo indio Gonçalo, os mandei prender ambos, e, para atalhar maiores ruinas, trabalharem na fortaleza de Santo Antonio em a ponta

de João Dias, e depois irem, como desterrados para sempre do Maranhão, morar na aldêa de seus parentes em S. Gonçalo junto a Icatú, com que ficou remediado tudo e ficaram quietos todos os mais, acudindo já uns, já outros, arrevezadamente por seu justo salario, ás obras da egreja nova de Nossa Senhora da Luz, a qual se estava levantando por aquelle tempo.

Acudi tambem por então a outro desgosto que se tinha levantado entre o padre missionario da aldêa de S. Gonçalo em Tapecorú, o Padre Antão Gonçalves, e o capitão mór daquella capitania João de Souza Soleima, por occasião do que se segue.

Estando o Padre Antão Gonçalves acudindo com grande zelo ás aldêas de sua obrigação, e atalhando os amancebamentos que nellas achava, aconteceu que um cafuz, servo do capitão-mór, foi achado andar amigado com uma india da aldêa da residencia, e que vinha de noite ter com ella ás escondidas, e como o capitão-mór ficou com o padre em uma cousa e depois obrara outra, mandou-lhe elle um escriptinho de queixa, em que metteu tambem o desmancho de seu escravo, que vinha á sua aldêa de noite ter com uma india, sendo que até aos brancos estava prohibido de chegarem ás aldêas dos indios sem licença e muito mais aos cafuzes, como era o seu escravo, accrescentando no escriptinho que se mais lhe mettesse o pé na aldêa lhe havia de dar com um páo. Recebeu o capitão-mór o recado e achando umas palavras equivocas e menos distinctas em suas expressões, interpretou-as como ditas á sua pessoa e não sómente a seu cafuz, como que tomado de uma subita paixão fez grande queixa do Padre Antão Gonçalves ao governador, e este a mim como ao superior da missão, dizendo-me tirasse o padre de Tapecorú, ou que elle faria o que entendesse.

Chamei o Padre Antão Gonçalves e examinando bem o caso, achei que tudo fôra uma equivocação, que causara uma má intelligencia das palavras no animo do capitão-mór. Comtudo, como já se não haviam de dar bem ambos, e podia de lá seguir algum prejuizo á missão, tirei o padre de Tapecorú, pondo em seu logar o Padre Manoel Rabello e o Padre João

de Avellar, o qual por mais velho, na religião, ficou por missionario principal daquella residencia, sendo por suas muitas virtudes ambos elles muito acceitos ao governador, capitão-mór, e a todos os moradores do rio Tapecorú, como tambem da villa de Icatú, á qual acodem todas as vezes que os pedem ou a necessidade o requer; com esta mudança ficou tudo em boa paz e amizade antiga.

Foi o caso a Roma, ao nosso muito reverendo Padre geral Thyrso Gonçalves, o qual approvou o que eu tinha obrado, encommendando-me, porém, que visto era o Padre Antão Gonçalves tão zeloso do bem das almas, visse se podia compôr o governador e capitão-mór com elle, para repol-o em sua missão.

Não se podia pôr em execução esta ordem no que tocava á composição, porque achei o capitão João de Souza já fallecido, e querendo eu observal-a no que tocava á reposição do padre em sua missão, elle mesmo me pedio que não tratasse daquillo por se lhe não dar da mudança feita.

O Padre João Valladão que, com o irmão theologo, tinha sido companheiro do Padre Antão Gonçalves, ao tempo que mandou esse escriptinho ao capitão-mór, lhe tinha reparado na equivocação das palavras delle quando lh'as mostrou; mas sem embargo disso, o deixou ir assim, não se lembrando que de uma faisca pequena se origina muitas vezes um grande incendio, e acontece isso mais facilmente aos homens de um zelo forte com que escrevem aos seculares que governam; porque estes logo tomam fogo, e julgam ser paixão contra suas pessoas o que é zelo da gloria de Deus e das almas; e porque de ordinario não resulta disso bem nenhum, mas antes maior mal, parece-me que os nossos missionarios não devem usar do espirito de Elias, mas do espirito de Christo Senhor Nosso, visto serem de sua santa Companhia de Jesus.

CAPITULO 16

DISPUZ ALGUMAS COUSAS TOCANTES AO COLLEGIO E EGREJA ANTES DE MINHA PARTIDA PARA O PARA'.

Compostas assim algumas cousas, dispuz algumas outras antes de partir para o Pará e foram as seguintes :

Tendo já comprado aos reverendos padres das Mercês parte dos chãos para a egreja nova, com outra sorte de terra que tinhamos junto ás terras, já dantes comprada á Maria Sardinha, comprei mais outros chãos para alargar o adro da egreja, pertencentes a um clerigo de Pernambuco, os quaes quiz pagar, por sua liberalidade, o nosso irmão procurador Gabriel Pereira Silveira, como consta dos papeis. Alcancei tambem do Sr. Vicente Pires, clerigo do habito de Christo, em Tapuytapera, uns chãos que começam detraz da sacristia, dados de esmola á Virgem Senhora Nossa da Luz, ficando-nos os chãos que tem o Collegio sitos para banda das Mercês, no canto de uma rua travessa, defronte de umas casas grandes de Melchior Gonçalves Carapina, que estão junto ás casas de sobrado do capitão Eugenio Ribeiro, que se haviam de trocar com elle.

Deixei o debuxo da egreja nova com seu frontispicio e retabulo feitos por minha mão, para tudo se fazer na conformidade indicada.

Dei ordem que se acabasse a aula começada para se ler curso de philosophia, depois o da theologia aos nossos, dando licença a todos de fóra de vir, conforme os poderes que disso tinha de nosso muito reverendo Padre geral, nomeando por mestre do curso o Padre Ignacio Ferreira, e dando-lhe por discipulos o irmão Thomaz do Couto, o qual tinha ensinado uns annos a classe de latim no Maranhão, com muita satisfação dos de dentro e de fóra, não só pelo bom exemplo de sua religiosa vida, mas tambem pelo bom modo com que ensinara, e exercitando seus discipulos em recitar poemas, declamar orações, representar admiravelmente comedias, com que surprehendia toda a cidade; o irmão Thomaz Carneiro, que tinha assistido por compa-

nheiro ao Padre Antonio da Silva, em Uaricurú dos Ingaybas; o irmão Manoel Antunes, que tinha acompanhado ao Padre Manoel Nunes, na residencia do Caethé, o irmão Claudio Gomes, que tinha servido de despenseiro no Collegio do Pará, o irmão Domingos da Cruz, que vinha de acabar o seu noviciado com grande edificação e tinha assistido ao Padre Antonio da Cunha em Mamayacú e o Padre Francisco Poderoso no Maracanã; o irmão Pedro de Oliveira, que tinha acompanhado o Padre Miguel Antunes, em Mortigura.

Todos estes eram dos nossos, além de muitos estudantes, discipulos do irmão Thomaz do Couto, habilitado para isso, e mais uns religiosos de Nossa Senhora das Mercês, e alguns clerigos do habito de S. Pedro, aos quaes todos deixo de nomear para seguir a brevidade.

Não entraram no curso alguns irmãos, porque elles mesmos não o pretendiam, e deferiu-se o do irmão Sebastião Pereira, para se examinar primeiro em latim, e para que não faltasse mestre de letras, ficou nomeado o irmão theologo João Valladão, o qual estava ensinando com muito agrado no Pará, de onde tambem veio o Padre Ignacio Ferreira com os seus discipulos futuros, que estavam daquella banda, em companhia do governador, se bem com pouca feliz viagem, porque além de se terem quasi alagado os padres na Barreta, da banda da Vigia, e terem sido obrigados de arribar para concertar sua canôa na roça de Mamayacú, tiveram depois o seu trabalho na bahia, que os brancos chamam Cabello de Velha e os indios Guaybiraba, onde se alagou uma canôa do governador com perda de algumas pessoas ainda gentias, e todo seu serviço de prata e escriptorio, com papeis de maior importancia, escapando milagrosamente seu capitão da guarda, com umas doze ou treze pessoas portuguezas, assentadas sobre um colchão, sem ser possivel de lhes valerem nas mais canôas, senão depois de terem chegado ao porto e ter-se abrandado a grande furia das ondas, ao que dantes não davam logar, sem manifesto perigo de vida.

Estando as cousas nestes termos, parti para o Grampará, levando por meu companheiro o irmão Manoel da Silva, o qual tinha até então corrido diligentemente com as obras da egreja

nova, ficando em seu logar o irmão Manoel Rodrigues, e o Padre João da Silva como ministro do Collegio.

Tivemos uma viagem mui prospera até á residencia de São João Baptista, no Caeté, onde estava por missionario o Padre Manoel Nunes, como em contenda com Deus Nosso Senhor, para se ver se era elle mais caritativo para com os doentes e necessitados, soccorrendo-os com todo o necessario, ou Deus Nosso Senhor, mais liberal para com elle, dando-lhe, generosamente, para ir gastando com os pobres, e ainda para soccorrer o Collegio do Pará com uma boa esmola, porque nunca houve residencia tão bem provida que aquella em tempo que elle governou no temporal e espiritual, de sorte que não houve que dizer, e assim, partindo-me depois de praticados os indios, e passando pela roça do Mamayacú, achei o Padre Antonio da Cunha, missionario dos Tupinambases, já desde uns doze annos, com muita satisfação, occupado com seus Maraguazes, doutrinando uns, baptisando outros e obrigando a todos com muita caridade, e como lá não houve senão tudo digno de grande louvor, passei para o Collegio de Santo Alexandre de Belém do Grampará.

Lá andava o Padre reitor João Carlos Orlandini acabando e aperfeiçoando o corredor novo com o da portaria, e sendo que isto só, com as obrigações de seu officio, bastava para occupal-o todo, comtudo não era bastante o seu grande zelo, que além disso se occupava em prégações de dentro e de fóra e mais com os doentes, de modo que a todos se estendia a sua grande caridade, e sem embargo de custar uma gallinha duas varas de panno na cidade, achou-se gastar com os doentes do Collegio mil e quinhentas gallinhas em o tempo de seu governo, e que nunca houve quem se queixasse de lhe faltar alguma cousa, porque como era caritativo, era juntamente entendido em cousas de medicina e sabia como se deve acudir aos doentes e achacosos com tudo o que lhes parecesse necessario ou util para sua convalescença e saúde.

Tinha já naquelle tempo despachado e havia muito, ao Padre Samuel Fritz, missionario do Quito, assistente nos Cambebas, o qual, como dito fica, tinha vindo valer-se do Padre João Maria e do capitão-mór André Pinheiro, em sua grave

doença, andando elles na tropa pelo rio Negro e tinha sido levado ao Pará com seu rapaz Thomazito, onde se curou até melhorar de tudo, e tinha esse padre, como eu disse, feito grandes instancias diante de mim para que o mandasse para o Reino, para de lá passar á Castella e depois para sua missão, allegando-me a grande perda de almas; mas eu o tinha sempre consolado, dizendo-lhe esperasse um pouco, até resposta de Sua Magestade, a quem tinha sido dada parte de sua chegada ao Pará, e que eu não faltaria de o mandar mui bem aviado da fazenda real para sua missão, e que, se fora ao Reino, havia Sua Magestade de culpar, a elle e mais a mim de pouco prudente, além do que o governador não o havia de deixar embarcar, ainda que quizesse; com que o soceguei até resposta d'El Rei Nosso Senhor, o qual o mandou repor em sua missão mui bem provido pelo cabo Antonio de Miranda, que com uma escolta de soldados o repoz nos Cambebas. Aqui, sem embargo de o padre lhe encommendar não molestasse os indios daquellas bandas, comtudo, na volta para baixo, captivou muitos com capa de terem os soldados que o acompanharam sido molestados delles, indo com toda a paz buscando o remedio de sua vida por seu pagamento. Examinada a razão do captiveiro destes pobres, em junta que se fez em as casas do Baldez, onde por então morava o governador, emquanto se concertava o palacio, foram julgados por fôrros, não só por mim, mas por todos que assistiam na dita junta, concedido, porém, como taes, aos ditos soldados; mas como depois se soube que um delles se vendera como escravo, e se poude presumir que do mesmo modo depois se trataram outros mais, com prejuizo de sua liberdade, poz-se-lhe o remedio que poude ser e fica isto aqui apontado para que os vindouros nunca se deixem levar com sombra de caridade a coisa semelhante, visto ter mostrado a experiencia ser em prejuizo das liberdades, e um certo captiveiro paliado com capa de liberdade.

Estava por aquella estação doente em o Collegio o Padre Antonio da Fonseca, missionario dos Tupinambaranas, e tinha o Padre reitor com os meus poderes assim concedidos mandado o Padre Manoel Galvão em seu logar, por entretanto, tirando-o dos

Boccas, onde estava, descendo uns gentios para o sitio de sua residencia, pondo em seu logar o Padre Francisco Soares; mas o Padre Manoel Galvão pouco durou nos Tupinambaranas sem adoecer gravemente e vir curar-se no Collegio; porém quiz Deus melhorassem ambos, supposto que o Padre Antonio da Fonseca ficou com uma bilida no olho, que lhe tirou quasi toda a vista daquella banda.

Antes destes dois, tinham vindo mortalmente doentes os Padres Aluizio Conrado Pheil de sua missão dos Maraunizes, do cabo Norte, e João Souto de sua; e não muito depois o Padre João Angelo de uma missão da capitania do Cametá, muito maltratado de um olho, mas voltou para ella, sem embargo de estar ainda mal convalescido.

Neste interim, chegou tambem o Padre João Maria, de sua tropa, que deixou principalmente pelas razões seguintes: a primeira, por terem conspirado os soldados contra elle para fazerem um papel de queixas contra sua pessoa, fallando delle com pouco respeito, e imputando-lhe a culpa de se não terem feito muitos resgates, e ter-lhe vindo ás mãos o dito papel subscripto de todos em roda e se não descobrir o autor delle, sendo que elle não tinha nisso culpa alguma, porquanto a causa de se não ter feito quantidade de escravos não era por falta de vontade e diligencia sua para os fazer, mas pelos não haver e pelos fazerem roubar dantes alguns brancos ás escondidas, e contra as leis de Sua Magestade, para se aproveitarem delles para si; a segunda razão era ter elle dado cumprimento ás minhas ordens acerca do descobrimento de algumas aldêas que me encommendara Sua Magestade.

De tudo me deu parte o Padre missionario a mim e ao Sr. General, e julgando não convinha deter-se mais com gente conspirada contra si, se veio para baixo, avisando ao cabo Faustino Mendes, que o seguisse. Examinei tudo e achei que o que se dizia do Padre missionario João Maria era uma pura falsidade, e que o mesmo que tinha entregue o papel era um Trajano, autor delle, e que varios o tinham subscripto bem contra sua vontade e á viva força, como elles mesmos confessaram por suas proprias bocas; com que, descoberta a maldade, ficou tudo em

nada, e para evitar castigos dos que estavam culpados na materia, não se falou mais nesta materia.

Reparando eu depois que a tropa tentava de seguir o seu missionario para baixo, conforme elle lhe tinha significado, veio a Camera ao Collegio pedir-me quizesse acudir-lhe com alguma cousa da fazenda real para não ficar toda perdida, e permitti que se detivessem um pouco para arrecadar uns resgates mandados já fazer-se. Concedi o que me requeriam, comtanto que, depois de arrecadadas aquellas peças, se viesse pouco a pouco recolhendo a tropa, e caso dado que achasse alguns que fossem offerecidos por escravos, os mandasse o cabo examinar pelos missionarios da Companhia mais visinhos, levando para isso linguas com os vendedores delles, para se averiguar o captiveiro com o acerto que requeriam as leis de Sua Magestade; nisto assentamos eu com os camaristas todos, porém tardou a tropa mais do devido, donde colhi que em materia de escravos não ha que fiar facilmente em ninguem.

Não ponho aqui uma justificação authentica que o Padre João Maria mandou fazer no sertão contra os aleives que se lhe levantaram, porque escusada é a justificação onde as falsidades são manifestas de si, como foram nessa occasião, e mais em todas que em algum tempo se o culpasse, por ser conhecida a sua muita inteireza e muita diligencia com que sempre procurou de ajudar a republica com a escravaria legitima que por esses sertões podia fazer; nem ha ou houve quem com verdade pudesse dizer delle, em tantas tropas que acompanhou por missionario, que tivesse faltado ás obrigações de seu cargo, ou aggravado pessoa que fosse, por malquerença ou paixão.

Acabei a minha visita ao Collegio, e não achei que dizer contra os caritativos procedimentos do Padre reitor João Carlos, sómente desfiz um contrato que tinha feito com o sargento mór João Pereira de Seixas, acerca do que se havia de pagar da herança do capitão-mór João de Herrera da Fonseca, por ser feito sem sufficiente poder e disso avisei ao nosso muito reverendo Padre Geral Thyrso Gonçalves, o qual approvou o que eu tinha obrado, ficando na modificação que com o devedor tinha feito, acabei que passasse nos effeitos que remetteria ao Reino á sua

custa e risco, quatro mil cruzados effectivos na cidade de Lisboa.

Reparei tambem se não ter feito a entrada da portaria um tanto mais larga, com a escada que vae para riba, além disso não ficar no meio sobre a porta uma janella maior, e sobretudo não se ter posto os corredores ao nivel do primeiro e antigo, e mais como as duas primeiras faltas não eram de substancia, e na derradeira não teve o Padre reitor culpa, senão José Pereira, mestre das obras, ficou isto assim até que haja quem lhe ponha o remedio, levantando-se mais imperceptivelmente que for possivel o corredor que vai ao longo da egreja até chegar de uma banda á altura ou quasi altura do corredor antigo da banda do mar, como eu lhe encommendara. Dando eu em culpa ao mestre das obras, porque não passara nos corredores o nivel, respondeu-me que estavam, mas como o convenci logo, deu por desculpa que o irmão Antonio Rodrigues o quizera assim, botando a culpa nos hombros de outrem, que a ninguem tem senão elle, pois era mestre das obras e devia ter seguido o que tinha lhe prescripto eu, como superior que era de toda a missão naquelle tempo.

CAPITULO 17

INSTITUO DUAS NOVAS RESIDENCIAS PARA DAR CUMPRIMENTO AO DESEJO DE SUA MAGESTADE, UMA NO RIO NEGRO E OUTRA NO MATARY, E VÃO PARA ELLAS OS MISSIONARIOS Á INSTANCIA DO CAPITÃO-MÓR DO PARÁ HILARIO DE SOUZA, QUE PARTE COM A TROPA DE GUERRA PARA AS MESMAS BANDAS.

Antes que eu viesse visitar o Pará e partisse o governador para o Maranhão, fez elle uma junta dos prelados das religiões e ministros reaes, sobre umas mortes dadas aos brancos pelos Maraguazes e outras nações, e julgaram todos ser justa a guerra que se lhes podia dar, ponderadas as razões que para ella se allegavam; com que determinou o governador de mandar dal-a, por convir ao credito da corôa de Portugal e armas portuguezas vingar juntamente uns tão grandes atrevimen-

tos de uns tapuyas do matto, sem attentarem ao respeito que deviam aos brancos, que andavam por suas terras sem os aggravarem. Folguei muito de me não ter achado naquella junta, e não me quiz oppôr ao determinado nella por ser cousa de baldada, e poder causar grande odio á Companhia se me mostrasse ser de contrario parecer.

Mandou, pois, o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, por cartas escriptas no Maranhão ao capitão-mór do Pará Hilario de Souza de Azevedo, fosse com bastantes brancos e indios dar guerra aos Maraguazes e outras nações culpadas.

Alegrou-se elle muito com essa ordem, porque havia muito tempo que lhe parecia que se havia de dar; pelo que, feitos os apparelhos todos de canôas, soldados e indios, assim para remeiros como para dar a dita guerra que se intentava, pediu-me tambem missionario e como não tinha á mão a quem mandar a essa funcção, dei minhas vezes ao senhor licenciado, o muito reverendo Padre Miguel de Aragão, para acudir com os sacramentos aos indios, não mais, porque me disse o mesmo cabo que elle não ia senão a dar guerra, e não a fazer escravos fóra daquelles que no furor da peleja ficassem presos, conforme as reaes leis, e que os demais que se apanhassem, depois ficariam fôrros, mas se desceriam para baixo por assim importar ao serviço de Deus e de El-Rei, porque, ficando em suas terras ficariam inimigos jurados dos portuguezes. Com isso se aviou a tropa, que constava de 100 brancos e 200 indios, que partiram do porto do Pará, com grandes applausos, em fim do anno de 1692.

Nessa occasião mandei á custa do capitão-mór Hilario de Souza, por elle mesmo o ter pedido, os dois missionarios para as duas missões novas, os Padres Aluizio Conrado para a residencia da aldêa de Matary, e João Justo Lucas, para a residencia do rio Negro, 20 jornadas dos ultimos fins deste Estado.

Gastou o capitão-mór liberalmente no aviamento destes dois missionarios, assim pelo affecto que tinha á Companhia, como pelos serviços que desta acção pretendia tirar para seus estabelecimentos, e supposto tinha cada um dos missionarios

sua canôa propria com seu aviamento, comtudo queria elle sustental-os á sua mesa, até pôl os em suas missões mui encommendados aos indios dellas, dos quaes era muito conhecido, estimado e temido, por ter andado por varias vezes dando guerra por seus sertões.

Ao Padre João Justo, que havia de assistir no rio Negro, mandei que visitasse em meu nome as aldêas de riba; que lhe ficavam no caminho; fez elle assim e por isso se adiantou, visitando e dando depois boa conta de tudo.

O Padre Aluizio Conrado Pheil, missionario da missão de Matary, alguns dias abaixo do rio Negro, foi em companhia do capitão-mór Hilario de Souza, muito seu afeiçoado, dizendo-lhe missa e prégando-lhe as festas pelo caminho.

Desejava o cabo achar os Maraguazes juntos, para assim lhes dar mais á sua vontade e com maior successo, mas como a fama tinha levado o grande apparelho de guerra ás terras daquella e mais nações, espalharam-se, de sorte que se não acharam senão mui poucos para a peleja, ficando os do primeiro fervor da batalha escravos, e todos os mais fôrros, com condição de servirem cinco annos aos brancos, entre os quaes se repartiram, cabendo a uns mais e a outros menos, mas de sorte que não ficou quem não tirasse o seu remedio. Disse-se que o capitão-mór gastara 16.000 cruzados nesta empreza, da qual não ficou mal, além dos serviços e do agrado de todos, porque se soube aproveitar mui bem, para não ficar com perda, mas com lucro, como era justo.

Ainda a tropa estava nas terras dos Maraguazes, eis quando o padre Aluizio Conrado entrevou na sua nova missão de Matary, sem ter pessoa viva que lhe acudisse, antes tendo contra si os proprios indios, até seu rapaz, filho do principal, que se tinha criado no Collegio para lingua, trazido para este fim pelo Padre João Maria Gorsony, de seu sertão, porque este chegou um dia com seus camaradas com faca e outros instrumentos na mão para lhe tirar a vida, levantando-a para este effeito para o ar; mas o divertiu o medo dos brancos; com que o pobre padre teve logo de procurar remeiros para sahir de lá, onde, deitado no chão, ao desamparo, não havia quem o viesse

ver nem se compadecesse delle, senão uma pobre india, que querendo soccorrel-o o não podia fazer. Partiu-se pois para o Padre João Justo Lucas, que estava no rio Negro, onde foi agazalhado o melhor que foi possivel, mas como não melhorava voltou para o Collegio com o desamparo que se póde considerar em quem vem entrevado entre mosquitos e as correntezas do rio das Amazonas até o Grampará. Lá se poz em cura, acudindo-lhe com toda a costumada caridade o padre reitor do Collegio e o medico Francisco Potfliz; porém, como se lhe não achou cura nessa miseravel terra, ficou entrevado das mãos, supposto que com muita melhora.

Não tardou muito o Padre João Justo de adoecer tambem em sua missão do rio Negro, porque, pouco depois, pelo muito trabalho e cançasso que tinha em correr noites e dias pelo districto de sua nova missão, para dar a todos noticias do caminho de sua salvação, ganhou um tão terrivel catarrho, com uma grande pontada na ilharga, que cuidava de morrer.

Comtudo, tomando animo se foi ao reverendo Padre Frei Theodosio da Veiga, missionario de Nossa Senhora das Mercês no rio Urubú, o qual o agazalhou e tratou com todo o cuidado e amor; e como forçosamente havia de vir-se para baixo o aviou o melhor que poude para a viagem, com que se veio descendo sem piloto e sem remeiros que soubessem remar, e por milagre de Deus chegou ao Grampará, onde, posto no Collegio, logo recebeu os sacramentos, cuidando todos que morreria, porém quiz Deus que, sem embargo de parecer a Francisco Potfliz que ficaria tisico, e botasse o mal pela boca por escarros tão fedorentos e grandes em quantidade, que, não cabendo pela boca só sahiam tambem pelo nariz, com que, indo-se pouco a pouco despejando o peito, tomando umas sangrias e purgas, que lhe mandou dar o caritativo medico Francisco Potfliz, cobrou algum alento, e ficou com esperanças de sua pristina saude; estes dous doentes já acharam mudado o governo pela vinda do superior novo da missão, o Padre Bento de Oliveira, do qual se fará um livro novo, que é o que se segue, para se referir o que pelo seu tempo se tem obrado em os annos seguintes.

LIVRO 9°

RELATA-SE A REPARTIÇÃO DAS MISSÕES QUE SE FEZ POR ORDEM DE EL-REI ENTRE OS MISSIONARIOS DAS RELIGIÕES, E O QUE OBROU O SUPERIOR NOVO, BENTO DE OLIVEIRA, EM O TEMPO DE SEU GOVERNO.

CAPITULO 1°

CHEGA O PADRE SUPERIOR NOVO, BENTO DE OLIVEIRA, DO REINO, COM O IRMÃO ANTÃO AFFONSO, SEU COMPANHEIRO, E OS FRADES DE SANTO ANTONIO E PIEDOSOS, PARA SEREM MISSIONARIOS, EM 1693.

Como quer que pelo fallecimento de muitos e grandes sujeitos capazes de governar a missão ficou muita falta, escreveu-me o nosso muito reverendo Padre Geral Thyrso Gonçalves que se resolvera experimentar superiores, mandados do Reino, nomeando o Padre Bento de Oliveira para superior da missão do Maranhão e o Padre Manoel Martins para reitor do Collegio de Nossa Senhora da Luz.

Estavam elles para servirem no anno de 1692, mas faltou embarcação; assim foram obrigados a deter-se em Lisboa até o anno de 1693; e como tinham ido cartas ao nosso muito reverendo Padre geral, sobre a falta de missionarios, e outras para se representarem a Sua Magestade, já dantes inclinada á repartição das missões de seu Estado, entre todas as religiões que nelle havia, e lhe parecesse mandar para elle, por não poderem os missionarios da Companhia sós com todas ellas, resolveu-se ultimamente repartir-se; para effeito disso, deu ordem a Roque Monteiro Paim, ministro de sua maior confiança, amigo e irmão da Companhia, por carta de irmandade de Roma e a Gomes Freire de Andrade, irmão do mesmo modo, que, informado das missões e terras por onde estavam, fizesse dellas a divisão entre os missionarios da Companhia de Jesus e os religiosos da Piedade, que queria mandar, e os religiosos de Santo Antonio,

Carmo e Mercês, que já estavam no dito seu Estado, comtanto que as missões que estavam para daquem do rio das Amazonas para a banda do Sul, todas ficassem dos missionarios da Companhia, e as que estavam da banda do Norte de além do mesmo rio, fossem repartidas entre os mais, excepto que aos Piedosos se deixaria a fortaleza do Gurupá para lá fundarem convento, e assistirem aos portuguezes que lá moravam. Esses ministros informaram, conforme se diz de Miguel da Rosa Pimentel, desembargador e ouvidor geral que fôra do Estado do Maranhão, e outros menos praticos nas noticias das terras, e com isso fizeram a repartição, com algum acerto, menos na parte que havia de tocar àos reverendos padres Piedosos, na fórma seguinte:

Que os padres de Santo Antonio tivessem a missão dos Aruans, pela costa da ilha Grande de Joannes com as do Norte, pelo rio das Amazonas acima, até Urubuquara, inclusivamente, e os reverendos padres Piedosos pela mesma banda do Norte, as missões de Gurupatyba, Quiriry, Xingú, rios das Trombetas e dos Jamundazes.

Os reverendos padres das Mercês as de Anibá e Urubú, em que já estava o reverendo Padre frei Theodosio da Veiga; e os reverendos padres do Carmo as do rio Negro e de lá para cima, de sorte que todas as missões da banda do Norte ficassem aos missionarios daquellas religiões, e as da banda do Sul daquem do rio das Amazonas aos missionarios da Companhia de Jesus, como missionarios mais antigos; e como o capitão mór da fortaleza do Gurupá, Manoel Guedes Aranha, tinha pedido a Sua Magestade missionarios de Nossa Senhora do Carmo para assistirem em a ajuda aos soldados do Gurupá, por eu não querer sugeitar-nos a essa tão grande pensão sem licença do muito reverendo Padre geral, deputaram-se os reverendos padres Piedosos, comtanto que lá tivessem seu conventinho, em que se recolhessem os missionarios, e donde escrevessem ás suas missões.

Tinha-se feito junta em palacio para esta repartição, e assistiram a ella o Padre Sebastião de Magalhães, então provincial da provincia de Portugal, e o Padre Bento de Oliveira, já

nomeado por superior da missão do Maranhão; mas como nenhum delles tinha noticia das terras do Estado não tiveram que dizer; só o Padre Bento de Oliveira, deputado para vir por superior da missão, disse publicamente que, como não tinha bastante noticia da missão para a qual ia, suppunha estaria feita a repartição de sorte que se não confundissem umas missões com outras e não estivessem os missionarios da banda do Norte na missão da banda do Sul, que se assignara para os missionarios da Companhia de Jesus, mas que reparava sómente que sendo dadas todas as missões da banda do Sul aos missionarios da Companhia e as da banda do Norte aos mais religiosos, que se davam aos reverendos padres Piedosos as da fortaleza do Gurupá, que estavam da banda do Sul; a isso lhe respondeu Gomes Freire de Andrade que verdade era que se concedera a esses religiosos a assistencia da fortaleza do Gurupá, com umas aldeiotas da mesma banda, mas que isto não era missão, porquanto as suas missões eram todas da outra banda do rio das Amazonas, pela parte do Norte, com que em nada se prejudicavam as missões dos missionarios da Companhia, pela banda do Sul.

Não replicou mais o Padre superior Bento de Oliveira, por lhe não constar bem se Xingú, que por erro ou por pouca affeição á Companhia (de não sei quem), se tinha contado entre as missões dos reverendos padres Piedosos, como sita para banda do Norte, estava para a banda do Sul, e era uma das melhores missões dos missionarios da Companhia de Jesus.

Com isso se embarcou o Padre superior, com um unico irmão coadjuctor, Antonio Affonso, que, por caridade, o veio acompanhar, sem haver um só que quizesse vir com elle, ficando tambem o Padre Manuel Martins, deputado como reitor do Collegio do Maranhão, no Reino, por andar doente. Partiram aos 15 de março do anno de 1693, na não de Domingos Franco, e com feliz viagem chegaram ao Maranhão, aos 7 do mez de maio, onde foram recebidos com grande gosto, assim dos de fóra como dos de dentro, estando eu, a quem elle vinha succeder, de visita no Gramparã; e como, na mesma occasião, vinha quantidade de padres, assim Piedosos como os de Santo Antonio,

para serem missionarios, não tardou o Padre superior, Bento de Oliveira, de informar-se dos nossos, acerca da repartição que se tinha feito, e como soube que a aldêa de Xingú vinha nomeada entre as missões do Norte, para os padres Piedosos, sendo por todo direito da Companhia, por estar da banda do Sul, e uma das melhores residencias que tinhamos, já desde o principio da missão, fez queixa disso ao governador, dizendo-lhe, como lá no Reino lhe tinham dito, que Xingú estava da banda d'além do rio das Amazonas, e assim vinha contada no alvará de El-Rei, entre as aldêas da banda do Norte, pois dizia que os padres Piedosos teriam por missão Gurupatyba e, rio para cima, Xingú, Quiriry e rio das Trombetas ; mas como sem embargo de constar tão claramente este erro, instavam os reverendos padres Piedosos que se lhes entregasse a aldêa de Xingú, que lhes vinha nomeada no alvará real, respondeu o governador que iria ao Pará e lá se decidiria em junta o que se havia de guardar.

Não se deteve o Padre superior Bento de Oliveira nem os frades no Maranhão, mas, embarcados em duas embarcações, se foram todos para o Pará, onde lançaram ancora e saltaram em terra aos 29 de maio, onde eu muito contente, por me vêr alliviado, entreguei o governo ao Padre superior Bento de Oliveira, sendo já passado meu triennario, apezar dos que não gostariam do governo dos extrangeiros e suspiravam por governo portuguez, que por carta tinham solicitado e poderia ser para seu desgosto maior.

Logo que os reverendos padres Piedosos tiveram vista do alvará real que comsigo trazia o padre superior da missão, Bento de Oliveira, tornaram com outras novas e importunas instancias a pedir que se lhes entregasse a aldêa de Xingú, e vindo pouco depois Manoel Guedes Aranha, capitão-mór do Gurupá, em busca delles, fazendo as mesmas instancias, e porque o padre superior lhe respondeu pelos mesmos............ que costuma, conforme a razão manifesta que estava de sua parte, partiu no mez de julho, depois da festa de Nossa Senhora do Carmo, que préguei com toda a satisfação de seus filhos Carmelitas, levando comsigo os reverendos padres Piedosos para o Gurupá, onde lhes tinha apparelhado um hospiciozinho regular, evitando en-

tretanto que se lhes não fizesse um outro dito no Pará, de taipa de pilão, a seu modo costumado, deixando tambem dito que os iria pôr de posse no Xingú. Mas o Padre superior Bento de Oliveira, que fez muito pouco caso destes seus ditos, mandou, para maior cautela, o irmão Manuel Juzarte com cartas suas aos Padres da missão de cima, da banda do Norte, que se despejassem e viessem com seus fatos para baixo, deixando aquellas residencias aos reverendos padres Piedosos e de Santo Antonio, aos quaes competia pela repartição real.

Estava então o Padre Manuel da Costa na residencia de Nossa Senhora da Conceição, em Gurupatyba, onde tinha feito umas casas, que foram avaliadas em mais de novecentos mil réis, e gabadas sobre todas quantas houve na missão.

Estava o Padre José Barreiros na residencia de S. Francisco Xavier, em Urubuquára, tambem com casas novas avaliadas em duzentos mil réis; porém logo que lhe chegou a ordem de se vir com todo o fato ao Pará, e quando assim não pudesse ser o levasse á aldêa de Gossary, tratou de descer, embóra ainda mal convalescido de uma grave enfermidade, trouxe o sino de sua egreja, e acabou de se curar no Collegio. Mas o Padre Manoel da Costa, por não ter bem entendido a ordem, chegou sem cousa nenhuma até Jaquarary, donde foi mandado logo voltar para cima, levando em sua companhia o Padre Antão Gonçalves, que ia aos Boccas, em logar do Padre Manoel Galvão, que tinha vindo para se preparar para ir ao Reino, no navio que havia de partir; porque, vendo o Padre superior Bento de Oliveira, que, tratando-se das cousas da missão no Estado, sómente, ficariam os reverendos padres Piedosos com a aldêa do Xingú e cahiriam as missões da banda do Maranhão, em parte, nas mãos dos Capuchinhos barbados, aos quaes os ministros reaes tinham determinado de concedel-as na repartição, elegeu, por parecer de alguns padres, Manoel Galvão para acudir a isso, indo ao Reino, levando cartas suas para dar em mão do Padre Sebastião de Magalhães, provincial de Portugal; e porque Manoel Guedes Aranha tinha dito que metteria de posse os padres Piedosos em a aldêa de Xingú, conforme as ordens d'El-Rei, mandou o Padre superior da missão,

Bento de Oliveira, ao Padre Antonio Vaz, missionario della, que tivesse mão na posse da residencia e egreja, e não permittisse por nenhum caso que a dessem aos padres Piedosos, e elle partiu para visitar a residencia de Mortigura, da qual voltou muito satisfeito pelo bello estado em que o Padre Miguel Antunes a tinha posto, com casas novas e muito accommodadas, com a egreja accrescentada de uma bella capella e sacristia, ornada toda com suas pinturas pelas paredes, ao redor.

Entretanto, voltou a tropa do Maranhão, do sertão, alagando-se o cabo João de Moraes Lobo, na passagem do Limoeiro, com perda de seu fato e quatorze pessoas que trazia comsigo na canôa, escapando elle, por misericordia de Deus, com a vida. Agazalhou-se a primeira noite no Collegio e no dia seguinte se mudou para as casas de Manuel Portilho, até que partiu para o Maranhão, onde, tendo dado conta de sua viagem á Camera, foi para a sua fazenda na ilha de................ Souza, na qual lhe morreram todos quantos escravos tinha feito, com tanto empenho, pelos sertões. Após a esta tropa chegou tambem a tropa de guerra, com seu cabo o capitão-mór Hilario de Souza, e outros brancos que o tinham acompanhado, trazendo cada qual delles uns indios que tinham apanhado na guerra, para se servir delles por alguns annos, como condição. Não faltaram doenças entre os que vinham, trazendo tambem o cabo a sua, da qual se curou no Pará. Por esse tempo mandou o Padre superior Bento de Oliveira fechar o padre Francisco Soares, para expulsal-o, como com effeito expulsou, cumprindo o que eu já dantes lhe tinha mandado fazer por outras culpas.

Tinha sido nomeado, de Roma, o Padre Manuel Nunes, missionario do Caethé, para reitor do Collegio do Pará e tinha elle mandado suas escuzas para se livrar deste cargo, mas como lhe não foram admittidas, veio finalmente do Caethé render ao Padre João Carlos, no reitorado do collegio de Santo Alexandre, o qual já de ante-mão, como prevendo o que havia de ser, tinha ajudado, com uma boa esmola, em tempo de meu superiorado. Succedeu-lhe no Caethé, por ordem do Padre superior da missão, Bento de Oliveira, o Padre João Carlos,

dando-se-lhe por companheiro o irmão Ignacio da Silva, então despenseiro, succedendo-lhe no officio o irmão Antonio Affonso, novamente vindo do Reino com o padre Bento de Oliveira, superior da missão.

CAPITULO 2

DO QUE OBROU O PADRE MANOEL NUNES EM TEMPO DE SEU REITORADO.

O Padre Manoel Nunes logo tomou posse de seu governo; vinha com grandes fervores, como quem não muito antes tinha feito sua profissão de quatro votos; começou-os apertar com a observancia das regras; mandou serrar taboado em Mamayacú, por agencia do Padre Antonio da Cunha para acabar de assoalhar o corredor novo, ao qual o Superior Bento de Oliveira tinha dado principio; ajudou-o o Padre Antonio da Cunha, tanto que dentro de poucos mezes teve todo o taboado necessario para acabar a obra.

Tentou de fazer um tanque na horta, para nelle guardar as tartarugas, no que o ajudou muito o irmão Manoel da Silva, intelligente em obras semelhantes, mas desistiu por lhe sahir pequeno para o que intentava.

Mandou tornear grades em Mamayacú, espaço de tantos mezes, para se porem nas janellas rasgadas, que pretendia fazer nos corredores de baixo, mas não chegou a effectuar o que tinha destinado de fazer.

Pareceu-lhe seria cousa de grande proveito ter olaria em Mamayacú, e para isso trouxe para lá um oleiro branco, mandou buscar o barro que lá se achou de duas castas mui excellente; mas como o Padre Antonio da Cunha, que governava a roça, não era desse parecer, por lhe haver de ser de grande embaraço essa olaria, e tambem por não conhecer bem, com o oleiro, sobre o modo com que lá havia de estar com toda sua casa, desistiu da empresa em o dia da Ascensão de Nosso Senhor do anno 169... Tendo o Padre Manoel do Amaral feito a sua profissão de quatro votos, o mandou ficar no Collegio, pondo em

seu logar o Padre Francisco Poderoso, em Jaguarary, com o irmão Manoel Lopes, que lá assistia ; mandou tambem vir da roça de Mamayacú o Padre Antonio da Cunha, que lá estava governando a fazenda e sendo missionario dos Tupinambazes, substituindo-lhe o Padre João Maria para correr com tudo no espiritual, e o irmão Manoel Juzarte para administrar o temporal da roça ; não durou isto por muito tempo, porque por ordem do Padre Superior da missão, Bento de Oliveira, se mudou tudo, como se dirá em seu logar.

Tinha-se em tempo de meu Superiorado mandado pedir ao donatario da ilha Grande de Joannes, Antonio de Souza Macedo, uma ou duas leguas em quadro de pastos, sitos defronte de Mortigura, para lá pôr um curral para sustento do Collegio, em logar daquelle que nos tinha deixado o muito reverendo Padre licenciado João de Souza Ferreira, clerigo do habito de Christo, e já tinha accrescentado o Padre João Carlos, sendo reitor, em quantidade de gado ; e como o Padre superior Bento de Oliveira trouxera uma do mesmo donatario, de outros pastos, sitos para banda do mar, supposto que com umas condições escusadas, tratou o Padre Manoel Nunes de ir vel-os, e achando-os bons pelo conhecimento que trazia do Brazil, nos quaes tinha assistido, persuadiu ao Padre superior que os fosse ver e depois disso os foi limpando e mudando o gado para elles, com tanto empenho, que cuidando achava o unico remedio do Collegio para tudo, tratou de querer mudar para lá os nossos indios de Mamayacú, dizendo era sitio farto em tudo e de bellissimas terras; porém os indios Tupinambazes tendo ido................ tudo acharam que as terras não eram para mantimentos, as aguas pouco sadias, os mosquitos muitos, e assim não se quizeram mudar ; continuou, comtudo, em cortar um campo de tabocas, em que se quebraram as ferramentas e gastaram muitas varas de panno, em pagamento dos trabalhos dos pobres indios.

Aconselhou-se-lhe pedisse nova data dos mesmos ou outros pastos a Domingos de Souza, procurador do donatario, fel-o e deram-se por carta de data e sesmaria, sem condição; mas como o Padre reitor Manoel Nunes tinha contra si quasi todos os padres e irmãos, por fugirem da passagem difficultosissima da

bahia do Joannes, da praga dos mosquitos, e de pendencias e pleitos com os Reverendos Padres das Mercês, que dentro dos pastos pertencentes ao Collegio tinham feito currál, mandou o Padre superior Bento de Oliveira se largasse mão de tudo e se recolhesse o gado, parte para a cidade, parte para Jaguarary, antes que nos pastos do Joannes morresse todo ; houve varios juizos sobre esta repentina mudança, mas ficou feita e não se fallou mais nesta materia.

O certo é que, se no Pará se tivesse pedido data dos pastos defronte de Mortigura ao capitão-mór Domingos de Souza, podia-se esperar que ficasse remediado o Collegio por ser paragem farta de caça, jabutis, peixe, e ter terras para muito algodão, mas fica esta diligencia para outro tempo e sujeitos que a quizerem fazer.

CAPITULO 3

TIRA O CAPITÃO-MÓR DO CAETHÉ AMARO CARDOSO, MORTO JOÃO FARTO, OS INDIOS AO PADRE JOÃO CARLOS, E MANDA O GOVERNADOR OS MISSIONARIOS PIEDOSOS PARA XINGU' EM 1694.

Estando o Padre João Carlos, missionario da capitania do Caethé, com o governo temporal e espiritual dos indios, conforme as leis de Sua Magestade que os davam sem excepção, e conforme os tinha tido o Padre Manoel Nunes e outros antecessores seus, em tempo do governo do capitão João Farto, vindo do Reino commigo, e sabia muito bem a intelligencia das novas leis, eis que Amaro Cardoso, fundado em umas cartas que o Padre superior Bento de Oliveira trouxera do Reino e lhe communicara, começou a tirar não sómente o governo temporal dos indios, mas até os vinte e um casaes ao Padre missionario, dizendo que Sua Magestade não comprehendia o Caethé e deixando-lhe primeiro sómente seis e depois doze. Teve o Padre missionario sobre isso suas questões com elle, mas como não admittia razão, avisou de tudo ao Padre Superior da missão, Bento de Oliveira, o qual lhe respondeu que se deixasse estar assim até a vinda do governador e ida sua para lá; em virtude disso não

boliu mais nesta materia e continuou a acudir em seu costumado zelo com a doutrina e sacramentos aos indios; mandou-se, entretanto, um clerigo do habito de S. Pedro, o reverendo padre Apparicio, para o Caethé, o qual, por ordem do Padre superior, foi na canôa em que ia mandado ao Maracanã para ál fazer a festa de S. Miguel, e de lá passou ao Caethé; voltando eu, acabada a festa com satisfação dos indios, para o Grampará na canôa de Francisco de Souza, principal da dita aldêa.

Chegou, entretanto, o governador Antonio de Albuquerque com Manoel Nunes Collares, ouvidor geral, e o provedor-mór do Estado, Miguel Ribeiro Barros; visitou o Padre João Carlos e reprehendeu o capitão-mór Amaro Cardozo fortemente por ter escripto contra os padres, sem nenhum fundamento nem razão, e, para mostrar-se muito aggravado nisso, negou a entrada para sua canôa, sendo que admittio a Camera, para lhe fallar nella; porém não poude remediar com tudo isso, por lhe ter vindo ordem do Reino que se não mettesse com a capitania do donatario Manoel de Mello; partio logo do Caethé e aos quatro de outubro do anno de 1694 chegou ao Pará, onde foi recebido com as honras costumadas.

Visitou o Padre superior da missão Bento de Oliveira e elle lhe pagou cortezmente a vizita. Passados uns poucos de dias fez o governador, aos dezoito do mesmo mez de outubro, com o ouvidor geral, uma junta, em que se achou o padre superior, e se propoz, sobre a missão de Xingú, se se havia de dar logo posse aos Reverendos padres missionarios Piedosos, conforme a carta d'El Rei, que o mandava assim e nomeava expressamente Xingú. Respondeu o padre superior que, supposto Sua Magestade mandava dar o Xingù aos Reverendos missionarios Piedosos, não se devia nem podia entender esta ordem com a missão de Xingú, porquanto, sem embargo de vir nomeada essa aldêa, fôra por erro claro e manifesto, porque tinha sido concluido em uma junta, que se fizera no Reino sobre a repartição das missões, na qual elle se achara, que os reverendos padres teriam residencias em Gurupá, mas que suas missões não seriam da banda do Sul, mas sómente da parte d'além do rio das Amazonas, como em Gurupatyba e outras aldêas ahi declaradas, e nada da banda do

Sul, para assim irem as missões em direitura e se não confundirem umas com outras, donde se colhia manifestamente que tinha sido erro ou malquerença de alguem nomear-se Xingú entre as missões do Norte, sendo sita para banda do Sul; e para que constasse mais claramente esta verdade, accrescentou que elle perguntara á junta se os Reverendos padres Piedosos que haviam de ter hospicio em Gurupá que é da parte do sul, haviam de ter tambem alguma cousa daquella banda onde pudessem estar as missões dos missionarios da Companhia, e lhe fora respondido que nada, e supposto haviam de ter hospicio em Gurupá não fazia isso prejuizo ás missões da Companhia, pois não era aquillo mais que uma ponta, e ficando todas as missões dos Reverendos padres Piedosos para banda do Norte.

Sem embargo de serem as razões do Padre superior tão claras e convincentes em tudo, como a pouca ou muita affeição faz parecer o que não é, estando o governador, e consequentemente o ouvidor geral, mais inclinados para banda dos Reverendos padres Piedosos que dos religiosos da Companhia, votaram e assentaram que se havia de dar execução á carta d'El Rei sem mais reparo; nem aqui valeu ao Padre superior protestar que visto se lhe tirava a melhor de suas missões, tiraria tambem os missionarios que estavam nas mais pelo rio das Amazonas arriba e assim o tinha determinado fazer; porém não foi necessario tira-los, porque vieram elles mesmos todos doentes, deixando as residencias levantadas de novo aos reverendos padres Piedosos, com casas, sem se lhes pagar um ceiti pelos gastos e trabalhos que lhes tinham causado, e tudo isso para não encontrar a vontade dos que governavam, ainda naquillo mesmo que tão mal se tinha para elles interpretado.

Pretendeu o governador, depois, que o padre superior tornasse a mandar novos missionarios para as missões deixadas, mas elle respondeu que os missionarios tinham vindo doentes sem elle os tirar, e que não convinha mandar prover de novo as missões que os reverendos padres missionarios Piedosos haviam de occupar logo, e que as mais proveria quando viesse resoluta d'El Rei a duvida sobre a missão de Xingú.

Neste interim, pouco mais ou menos, chegou o Padre João

Carlos, de Caethé, quixar-se ao governador que o capitão-mór lhe não queria dar os indios que Sua Magestade ordenava em sua lei ; respondeu-lhe o governador que elle lh'os mandaria dar com effeito se os padres quizessem que, com risco de offender ao donatario Manoel de Mello, o fizesse. Isto disse o governador, porque temia-se por ter vindo o capitão-mór Amaro Cardozo por terra fazer-lhe entrega da aldêa, caso que viesse no que os padres lhe requeriam; com que ficou isto assim por então sem outro remedio que mandar o Padre superior Bento de Oliveira ao Padre João Carlos Orlandini que se viesse para o Collegio com tudo o que nos pertencia e deixasse aquella residencia.

Tinha para isso mais que bastantes razões, porque além de ter o capitão-mór Amaro Cardoso feito o que fez ao missionario, tambem o tinha tratado mui descortezmente a Camera da villa do Caethé, tinham sido mandados papeis falsissimos contra nós, porém, como o capitão-mór vio que o padre se queria retirar de lá, escreveu ao Padre superior, rogando-o que o quizesse deixar estar.

CAPITULO 4º

RELATA-SE A VISITA QUE FEZ O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA ÁS RESIDENCIAS POR CIMA DO PARÁ, COM AS CAUSAS DA REPARTIÇÃO DAS MISSÕES, EM OUTUBRO DE 1694.

Passadas as causas sobre referidas, partiu o Padre superior Bento de Oliveira com o Padre José Barreiros por seu companheiro, no mez de outubro do anno de 1694, a visitar as residencias pertencentes ao Collegio do Pará, para banda de cima e como por aquelle tempo tinham vindo umas novas que andavam os francezes pelos Tucujús, foi visitar primeiro a residencia de Mortigura, onde assistia o Padre Miguel Antunes, e de lá o Cametá onde o Padre João Angelo tinha sua residencia na aldêa de Inhuaba, e depois á residencia dos Ingaybas, onde era missionario o Padre Antonio da Silva, e

achando todas bem ordenadas e com egrejas novas e indios bem doutrinados e soccorridos com os sacramentos, foi navegando para o Gurupá.

Lá recebeu o capitão-mór Manoel Guedes Aranha e os reverendos padres Piedosos com toda a honra e cortezia, entregou-lhe elles as cartas do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho sobre o disposto acerca da missão de Xingú e houve-se com elles com toda a amisade. De lá partiu para Xingú e achando o Padre Antonio Vaz com egreja e casas feitas de novo, mandou-o despejar para os reverendos padres missionarios virem tomar posse daquella residencia, emquanto do Reino não viesse resolução acerca daquelle caso, que se havia de tratar com Sua Magestade. Despejou o Padre Antonio Vaz com grande sentimento dos indios, e veio Manoel Guedes Aranha, capitão-mór do Gurupá com os reverendos padres Piedosos, pondo-os de posse da missão do Xingú, que com tanta ancia e empenho tinham desejado e procurado. Começaram logo a tratar de querer lá levantar uma residencia de pedra e cal como em sitio acommodado e mais sadio, para nella se recolherem, vindos das mais suas missões, das quaes foram pouco a pouco tomando posse, como tambem as mais religiões das suas, de sorte que estando os reverendos padres de Santo Antonio no Joannes, Aruans, Urubuquara, os Piedosos em Gurupatyba, e Jamundazes, os de Nossa Senhora das Mercês em Anibá e rio Urubú, onde estava frei Theodosio, e os de Nossa Senhora do Carmo no rio Negro, ficou toda aquella parte do norte provida de missionarios, conforme a repartição feita por Sua Magestade, disendo-se que estando eu na Corte, dos annos de 1684 até 1688, tratando dos negocios da missão com Sua Magestade e seus ministros, fôra causa desta mudança e repartição, mas foi aleive que se me levantou, porque, perguntado sobre as missões do Estado do Maranhão, respondi á Sua Magestade por escripto que os missionarios da Companhia de Jesus, por falta de sujeitos bastantes para tão dilatado Estado, não podiam sós acudir a todas as partes, e portanto me parecia que fossemos ajudados pelas outras religiões no modo seguinte:

Que os religiosos de Nossa Senhora do Carmo tivessem sua

missão pelos Teremembezes e Serras, os de Santo Antonio, dos Aruans até rio Vicente Pinson e mais os Tucujús, e que as mais missões todas ficassem como estavam de principio com os missionarios da Companhia, donde se vê claramente que eu não fui causa desta repartição que se fez, pois nos reservava todas as missões que nós tinhamos até agora.

Tinha Sua Magestade encommendado que se puzessem missões no cabo do Norte para ter aquelles indios na lealdade devida de vassallos da corôa de Portugal, e mandou o Padre Iodoco Peres, sendo superior da missão, ao Padre Antonio Pereira com o Padre Bernardo Gomes, para a ilha de Camunixary, onde foram mortos e queimados, dos barbaros, em odio da fé de Christo, e o Padre Aluisio Conrado Pheil em Tabarapixy, entre os Maraunizes, onde adoeceu mortalmente, tendo já antes ido em companhia do padre Pero Luiz, superior da missão, a visitar aquelle logar; como por essas razões faltassem lá missionarios, escreveu-me Sua Magestade e mais Roque Monteiro, encommendando-me restaurassem aquellas missões e mais porque faltavam sujeitos portuguezes que pudessem ir a essa restauração, e tinham sido accusados os estrangeiros diante de Sua Magestade como suspeitos, respondi que com muita vontade acudiria a essas missões, mas que o não fazia puramente por falta de sujeitos ; tornou-me a escrever El-Rei Nosso Senhor que já estava inteirado da lealdade dos estrangeiros, mas como até estes andavam maltratados das doenças, não foi possivel acudir a tudo, e esta devia de ser uma das occasiões ou causas da mudança e repartição das missões para a banda do norte.

A segunda devia de ser a que estando Manoel Guedes Aranha provido de Sua Magestade no posto de capitão-mór da fortaleza do Gurupá, e vendo-se lá sem sacerdote que nas domingas e festas lhe dissesse missa e administrasse os sacramentos a elle e mais seus soldados que lá tinha, por não haver clerigo que lá quizesse estar pela muita falta que padeciam, veio fallar como amigo da Companhia e mais meu, pedindo-me quizesse fazer residencia na fortaleza de Gurupá para lhe assistir a elle e aos soldados, e mais aos indios da aldêa de S. Pedro e outras, que pretendia mudar para lá perto.

Respondi-lhe eu que os padres missionarios da Companhia tinham sua residencia em Xingú, e de lá vinham visitar o Gurupá e suas aldêas, nem eu podia obrigal-os a serem cura dos brancos, sendo suas missões instituidas para os indios, que para o mais não faltariam religiosos de outra religião, que lá poderiam levantar seus conventinhos, do mesmo modo como tinham antes os reverendos padres do Carmo emannos atrazados; com esta resposta escreveu á Sua Magestade, pedindo os religiosos do Carmo, dos quaes sempre foi muito devoto, mas mandou-lhe Sua Magestade os padres Piedosos, comtanto que elle lhes fizesse hospicio, e os sustentasse como até agora fez, no modo que poude com muita honra e louvor. E se tudo o referido basta para dizer que eu fui causa destas mudanças e repartições, não tenho que contradizer; mas como não basta, conforme me parece, melhor será attribuir tudo á Divina Providencia, que vendo perecer tantas almas por falta de missionarios que lhes pudessem acudir, por não haver bastantes na Companhia inspirou a El-Rei Nosso Senhor e seus ministros os buscassem de todas as religiões e os repartissem por suas missões, para acudirem as que a cada religião coubessem pela repartição.

CAPITULO 5.º

COMO POR EXTRATAGEMA INSIGNE SE MATARAM QUANTIDADE DE INDIOS CAYCAYZES, E OUTROS PELO RIO TAPECORU, EM O MARANHÃO, E SE ABSOLVERAM UNS SOLDADOS EXCOMMUNGADOS PELO ECCLESIASTICO.

Emquanto se tratava da repartição das missões no Pará, ficando os missionarios da Companhia com todas as do Maranhão, como quer que frei Elias, religioso de Nossa Senhora do Carmo, vindo ordenar-se ao Reino, se tinha offerecido a Sua Magestade para assistir aos indios de Ybiapaba, ficou missionario della; no entretanto, como os Caycayzes sempre andavam dando grande damno e molestia ao Maranhão, tratou-se de ver se por alguma via se os poderia apanhar; a traça, o modo foi este:

Mandou o governador que lá assistia naquelle tempo um dos paulistas que tinham vindo fallar-lhe da parte de seu cabo, que andava com sua tropa pelos sertões da banda dos curraes, abaixo do Ceará, para que fosse praticar os Caycayzes de sua parte, para que viessem tratar pazes com elle e aldear-se sobre o rio Tapecorú e Moni, como dantes estavam. Foi o paulista ter com elles e praticou-os de tal sorte, que ficaram totalmente persuadidos que o governador os chamava para fazer pazes com elles, e aldeal-os junto aos brancos, já feitos seus amigos. Com esta presuasão, deixando suas terras, vieram-se elles com suas mulheres e filhos, andando por seu pé todos até o rio Tapecorú, onde se embarcaram em quantidade de canôas que acharam lá já apparelhadas para esse intento, e caminhando sós uns duzentos por terra, foi o paulista levando os mais pelo rio e entretendo-os com suas praticas enganosas pelo caminho, dizendo-lhes que logo chegariam onde estava o governador esperando por elles, e para mais persuadir-lhes que largassem as armas, arcos e frechas, que levavam nas mãos, e as puzessem debaixo das toldas, assim como elle largava e punha sua espingarda, visto não haver que temer, fizeram-o assim todos, cuidando era verdade o que elle, homem de sua cor, lhes dizia, e assim desarmados começaram a praticar alegremente entre si. Porém, como os ia levando para a emboscada dos brancos, junto á aldêa de S. Gonçalo, onde estava o Padre João do Avelar por missionario, como viram muita gente e quantidade de canôas, começaram a entrar em suspeitas e receiosos de algum mal que se lhes preparava, e perguntando que queria dizer essa multidão de gente e canôas ajuntadas no porto, lhes respondeu o paulista, que eram as que esperavam por elles para fazerem as pazes, e assim não se sobresaltassem, pois não havia nada a temer. Nesta boa fé foram chegando e o mesmo foi terem chegado que saltarem logo nelles os portuguezes, matando-os uns á espingarda, outros á espada, sem resistencia nenhuma, por terem largado suas armas; o unico remedio que acharam para se salvarem da morte foi lançarem-se no rio, onde se afogaram umas quatrocentas pessoas, escapando não mais que duzentas e ficando todos os mais feitos

captivos, do que o pobre padre missionario, que não sabia do engano, ficou sentidissimo, assim pelo engano, como por se perderem tantas almas e morrerem quantidade de creanças, rapazinhos e raparigninhas, afogados sem baptismo, debaixo das aguas

Toda esta cruel tragedia se obrou por disposição de Pero Paulo, senhor de engenho, que só tinha ordem do governador de leval-os ao Maranhão para se mandarem ao Pará, como forros, para a ilha do Joannes, onde já estavam outros parentes seus.

Acudiu o Padre João de Avellar com o sacramento do baptismo a alguns que estavam morrendo; fugiram os que vinham por terra e os mais foram levados por captivos todos para a cidade, onde se deu a joia a El-Rei, e os mais foram repartidos; mas como o captiveiro foi feito pelo modo já referido, não os julgou o governador com seus adjuntos por legitimos escravos todos, declarando por forros os que o eram.

Tudo isso não serviu senão para exacerbar mais os animos daquelles barbaros e outros como elles contra os brancos, tirando-lhes toda a confiança que nelles e nos seus poderiam ter; com que andavam continuamente pelos rios Meary, Tapecorú e Muny, assaltando os escravos e os mesmos brancos, quando os achavam descuidados, ficando os moradores sem se atreverem a sahir para suas lavouras e cannaviaes, por medo de alguma morte desastrada: e é certo que já daquelles rios se teriam despejado todos se o governador não mandara, sob graves penas, que se não bolissem donde estavam; chegou a tanto, que até o padre missionario, para mais segurança de sua vida, se mudou da aldêa de S. Gonçalo do Tapecorù para a de S. Gonçalo, junto á villa de Icatú, fazendo lá sua residencia e ficando-lhe a outra de visita.

O sargento-mór Domingos de Mattos, que tambem se achava no rio Tapecorú por aquella occasião, mas ausente do logar da matança, onde haviam de ter ficado todos, si elle lá estivera, sabendo do successo, mui pezaroso de terem escapado alguns, foi em seguimento dos fugidos com sua tropa; tinha elle ordem do governador de ir trazer os Guanazes como forros para o

Maranhão, para tambem de lá se mudarem para o Pará, mas em vez de executar o que mandava a ordem que levava, fez o que se segue.

Chegado aos Guanazes, achou a Moacara e sabendo della que seus filhos tinham ido á caça, disse-lhe os mandasse chamar, porque, como elles estavam de paz com os brancos, queria leval-os para dar nos Caycayzes, inimigos de uns e outros.

Mandou a Moacara logo chamar seus filhos e elles vieram sem tardança; então mandou elle um para a Caissara, onde estava a força da tropa, e o detiveram, conforme as ordens que tinham, estando os outros occupados a torrar as farinhas dos paneiros que haviam de levar para ir dar a guerra, e estando divertidos naquillo, sem presumirem engano nenhum, saltaram os brancos nelles e os mataram, e não escapou a pobre Moacara á sua muita crueldade.

Com isso se voltou o sargento-mór para o Maranhão, como mui contente, levando os mais captivos, dando pela razão do que obrara que, tendo os Guanazes pedido para ajudarem os brancos contra os Caycayzes, soubera que no matto se queriam levantar contra elles e matal-os. Examinou-se o caso pelo governador e os adjuntos, e achou-se ter sido falso tudo quanto se tinha levantado aos Guanazes.

O Padre superior Bento de Oliveira pediu se mandassem os papéis para o Reino, mas o governador não o fez, contentando-se de avisar, porém, como de lá veio o caso improvado então os mandou, e ficou tirado o sargento-mór de seu posto, vindo outro para lhe succeder, ficando elle, entretanto, preso até que o livrou o governador, para casar com D. Maria de Aragão, viuva do capitão João de Ornellas, senhor de engenho no Meary, que os Tapuyas mataram em seu cannavial ou fazenda; e nisto parou a descida dos Caycayzes e dos Guanazes, dos quaes ainda alguns vieram para a ilha do Joannes do Pará, onde morreram das bexigas, porém baptisados pelo zeloso padre missionario de Santo Antonio, o reverendo Frei Boaventura, o qual não deixou morrer a ninguem de sua obrigação sem sacramentos, do que Deus lhe tem dado o pago na hora de sua morte, fallecendo no Pará em agosto deste anno 1697.

Outro caso succedeu no Maranhão por aquelle tempo, pouco mais ou menos, e foi que, indo preso um João Baptista, cidadão, por ordem do governador que lhe queria fazer sentar praça de soldado, como passou por junto á egreja nova de Nossa Senhora da Luz, fugiu para ella e se valeu da immunidade. Examinaram os padres da Companhia o caso, e mostrou o Padre Iodoco Peres, homem de lettras, assim hu manas como divinas, tanto quanto qualquer outro no Estado todo, como valia a immunidade, e ficaram excommungados os soldados todos que à força o queriam tirar, e assim o julgou o vigario da vara daquelle tempo, Francisco de Barros, em virtude de um papel e arrazoado que lhe fez o dito padre Iodoco Peres, da Companhia de Jesus, e obrigou a absolverem-se publicamente os soldados todos.

Estava o governador naquelle tempo no Pará, onde tambem estava eu, e mais o vice provincial do Carmo o reverendo Padre Frei Antonio da Piedade, por então governador do bispado. Consultou o Sr. governador o caso commigo em palacio, indo eu visital-o, e disse-me que, por parecer do Reverendo padre vice-provincial do Carmo, tinha os lettrados do Maranhão por uns ignorantes, que sabia muito das grandes lettras dos padres do Collegio do Maranhão. Contentei-me de dizer-lhe o que pensavam os doutores sem querer decidir nada. O certo é que, indo o governador do bispado ao Maranhão e sabendo do que se passara, achou-se convencido e julgou que a egreja nova concedia immunidade; verdade seja que, remettido o caso ao Reino, veiu improvado dos ministros reaes, mas isso não prova que era mal julgado, porque a sentença mais commum que segue Castro Palão, de nossa Companhia, o padre Arendana, e o muito reverendo padre Baxo, diz que até por uma divida, ainda que seja divida a El-Rei, serve a immunidade da egreja, nem embarga ter sido aquella egreja ainda imperfeita, porque até a estas vale a immunidade e com muito mais razão por estar dentro dos quarenta passos da outra egreja velha de Nossa Senhora da Luz do mesmo Collegio.

Refiro este caso para os religiosos clerigos que, como mais chegados a Deus pela profissão, acudam por suas egrejas e immunidades dellas, visto que os seculares os menostratam nestes tempos tão depravados, como é notorio a todos.

CAPITULO 6º

DO MAIS QUE SE OBROU DA BANDA DO PARÁ, ESTANDO O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO, BENTO DE OLIVEIRA, EM SUA VISITA DO RIO DAS AMAZONAS.

Tendo o Padre superior da missão visitado o Xingú, continuou sua navegação pelos Tapajóz até os Tupinambaranas, onde estava o Padre Antonio da Fonseca com egreja e casas novas e mais aldêa accrescentada. Mas deixando por um pouco a visita, fallemos no que entretanto se obrou da banda do Pará.

Achando o Padre reitor do Collegio de Santo Alexandre, Manoel Nunes, que estavam os padres mui apertados sem ter logar e quintal bastante para seu uso, tratou de ver se podia alargar mais a horta e fechar dentro nos chãos que o capitão mór Vital Maciel concedera aos padres, estanto eu reitor do Collegio no anno 1662 para 63, como consta da escriptura feita, escripta e subassignada por sua propria mão, só achava que o governador e cameristas lhe poderiam ser de algum obstaculo. Eu estava para ir visital-os todos, como amigos antigos e pedir-lhe que não quizessem oppor-se em cousa que era em tanto bem do Collegio, sem nenhum damno seu; fi-lo assim e fizeram-me todos o favor de vir no que lhes pedia, só o governador achei algum tanto contrario, dizendo-me que tendo lá os padres sua horta, plantariam arvores grandes que tirariam a vista ao palacio, comtudo que elle viria no que se lhe pedia, se os cameristas consentissem, visto prometter o padre reitor de dar outro caminho bom para ir ao armazem de El-Rei. Nisto ficamos e foi tanta a benevolencia dos senhores da Camera, que eram Lucas da Silva Serrão, Luiz Pero Mendes, o capitão Manoel Soeiro e outros, que ficaram commigo em que viriam em corpo ver com seus olhos o que se lhes pedia, e até onde, para saberem bem o que se havia de dar. Vieram pois um dia ás horas de jantar e, mandando chamar o padre reitor Manoel Nunes e a mim, acharam-se no canto do armazem, junto ao Collegio e viram todos com seus olhos e mediram o que se lhes pedia como cousa pertencente

já ao Collegio por direito, e é certo que quaesquer outros religiosos não haviam de pedir licença para cercar-se, como se viu no Maranhão, onde os reverendos padres do Carmo cercaram-se, pondo dentro de sua cerca uma rua, com o grande districto que se sabe, sem haver senhor nenhum que se atrevesse de abrir a boca, por serem frades, que se haviam de defender mui bem, e não padres da Companhia, que querendo levar ás vezes as cousas com cortezia ficam com perda dellas.

Vista, pois, a medição que se tinha feito até uma moita de tucuns, entre a ponte e a cerca do Collegio, retiraram-se os da Camera para suas casas, até que, depois de resolver tudo em palacio com o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, discipulo meu, que foi com seu irmão Francisco, que por este respeito depois o avaliei diante de Sua Magestade para ser governador do Estado, estando na Côrte sobre os negocios da missão, como constou por cartas que lhe escreveu Roque Monteiro e elle mesmo me tem lido, chamou-me o Padre reitor Manoel Nunes e disse-me que tinha ordem do Padre superior da missão Bento de Oliveira, que lhe deixara antes de ir visitar, para que eu fosse assistir na roça de Mamayacú junto aos Tupinambazes, para acompanhar ao irmão Manoel Jusarte, que lá estava governando essa fazenda.

Tinha a Senhora Rainha encommendado ao Padre superior Bento de Oliveira me désse descanso de velhice, e por sua liberalidade me tinha mandado dar uma esmola de vinho preciosissimo com uns presuntos e chouriços, dos quaes eu não quiz nada, deixando o vinho para as missas e o mais para se repartir entre os padres de particular, sem guardar nada para mim do que me tocava, e sem embargo ter eu dito ao Padre superior que não podia descansar e ter assento, á Senhora Rainha que lhe agradecia a Sua Magestade o cuidado e viera á missão não para descansar, mas para trabalhar, persuadiu-me o Padre superior me mandava para a roça para descansar. Fui, pois, com o aviso do Padre reitor logo para a roça de Mamayacú, não para viver nella descansado, mas para trabalhar nella e na aldêa dos Tupinambazes, alliviando deste cuidado o Padre Antonio da Cunha, para depois vir para governar a fazenda, desde os quatro de

dezembro do anno 1693, até o mez de agosto do anno 1694. Tive no principio por companheiro que governava a fazenda o irmão Manoel Jusarte, estando o Padre Antonio da Cunha, entretanto, ministro do Collegio, que só sabia governa-lo para mór proveito, tendo assistido nelle já uns doze para quatorze annos além de ser lá necessaria sua assistencia para consolação de seus filhos espirituaes, os Maraguazes, que tinha trazido do sertão com perigo de sua propria vida. Acudia eu todos os domingos e festas á aldêa, distante umas quatro leguas por mar, sem reparar nos sóes, calmas e chuvas e mais marés de noites pouco seguras, em uma canoa de pescar que remavam uns tres ou dois rapazes, e uma vez umas indias, mandadas por falta de homens, na aldêa com um indio piloto e alguns rapazes; acudia tambem na roça ao espiritual, ficando o Padre Antonio da Cunha assás acompanhado no governo temporal da fazenda ; baptisaram-se muitas crianças, assim na roça como na aldêa, nem se faltou com os sacramentos a ninguem.

Aconteceu um caso digno de se relatar e foi que, tendo-se uma india da nação dos Maraguazes da banda do norte, onde tinha sido morto o Padre Antonio Pereira e seu companheiro Bernardo Gomes, fartado da terra, por um desgosto que tivera com seu marido por ser preguiçoso e não lhe buscar com que passar a vida, chegou a estar em perigo de morrer, soube-o eu e como era india pagã, de lingua travada, busquei logo lingua para tratar de instruil-la e baptisal-la, o que me custou muito trabalho, andando nisso occupado uns poucos de dias. Estando nisso, contou-me a doente já bem doutrinada e arrependida e apparelhada com todos os actos necessarios para o baptismo, que lhe appareciam uns indios de sua nação e lhe offereciam em cuias suas papas e mingáos, convidando-a para o matto, dizendo-lhe que dahi em breves dias havia de ir estar com elles; mostrei-lhe eu como isto eram enganos do diabo, inimigo das almas, aos quaes não havia de dar nenhum credito, crendo sómente o que eu lhe ensinava por ser palavra de Deus unicamente, necessaria para se salvar, e que tornando a vir-lhe semelhantes apparições de indios, chamasse pelo santo nome de Jesus e Maria, mandando-os embora, como embusteiros e demonios; assim o fez

com feliz successo, porque se bem que a molestaram ainda antes do baptismo, comtudo nunca mais lhe appareceram depois delle, como ella mesma, perguntada, me asssgurou, morrendo com signaes de sua predestinação.

Nisto juntaram-se os cameristas com o provedor-mór Guilherme Resimbravo, pouco affeiçoado á Companhia, em palacio, sobre o despacho da petição do Padre reitor Manoel Nunes, acerca dos chãos para horta; oppoz-se o provedor, inimigo dos padres e João Ferreira, filho de Antonio Ferreira, e sem embargo de ter o governador dito a mim estaria pelo que diriam os cameristas, os quaes eram favoraveis, tirado este a quem eu não tinha fallado, por não saber que era camerista, sendo que, de outra parte, me tinha obrigações bastantes, decidiu-se o governador pela parte negativa, e ficou o Padre reitor Manoel Nunes impedido de fazer obra, por desfavorecer o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho com os outros pouco affeiçoados á Companhia. Senti muito isso e tal não esperava do governador, o qual me tinha tambem grandes obrigações pelo muito que o avaliei ante Sua Magestade para ser governador do Estado do Maranhão, e por continuar no governo e mais por ter sido meu discipulo, e elle me ter dito estaria pelo juizo dos cameristas, que me tinham dado palavra de favorecer minha petição. Mas daqui se verá quão pouco se deve homem fiar nos homens que hoje dizem uma cousa e amanhã fazem outra. No entretanto, chegou o Padre superior Bento de Oliveira de sua visita, a fallar com o governador e lhe disse que se não viesse no que lhe tinha representado acerca de Xingú, já tendo visto toda a missão para riba, mandaria descer o Padre Antonio da Fonseca dos Tupinambaranas, como mandou, com effeito, por se não querer elle accommodar no que era razão; instou o governador que se tornasse a ajustarem as missões para riba, mas nunca o quiz fazer o Padre superior, dizendo que não tendo os da Companhia a do Xingú não mandaria para cima missionario nenhum.

Tinha estado por pouco de tempo nas Bocas o Padre Antão Gonçalves, e após delle o Padre Manoel Galvão, o qual, adoecendo gravemente, se veio curar ao Collegio, depois de conva-

lescido, foi mandado para o Reino com cartas para o Padre Sebastião de Magalhães, como dito ficou, e valeu-lhe ter seguido naquella sua viagem o conselho do Padre superior da missão, que lhe disse que tomasse as ilhas e de lá se embarcasse em outra náo de estrangeiros, o que fez, escapando com isso á escravidão dos mouros, em cuja mão deu a embarcação em que se tinha partido do Grampará.

Chegou á Lisboa pelo mez de dezembro do anno de 1693, tendo partido do Pará no mez de julho do mesmo anno; foi recebido na casa professa de S. Roque pelo Padre Sebastião de Magalhães, provincial daquelle tempo, que o considerava já captivo dos mouros pela defensa do navio; de Lisboa se partio logo para Evora, onde teve o natal, e de lá para o Collegio de Elvas, onde foi mestre e prégador da casa quasi um anno; daqui foi se para Coimbra, onde praticou em capella velha aos 27 de outubro do anno de 1694, e se lhe offereceram o Padre Gaspar Ribeiro, de.............. da theologia e outros que adeante se nomearáõ.

CAPITULO 7º

PARTE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA PARA VISITAR, DA BANDA DO MARANHÃO

Tendo o Padre superior da missão Bento de Oliveira acabado sua missão ou visita da banda do Pará, onde depoz o Padre Francisco Soares, partio para visitar da banda do Maranhão, havendo de seguil-o cedo o Sr, governador, e como a roça de Mamayacú está logo no caminho umas tres marés de lá chegou a ella de passagem com seu companheiro José Barreiros, que tambem ia ver sua mãe, desejosa de o ver. Lá estava eu, acompanhando o Padre Antonio da Cunha por então e acudindo á missão dos Tupinambazes, conforme suas ordens deixadas ao Padre reitor Manoel Nunes, que tinha mandado dizer-me no dia antes da sua partida que me não mettesse em cousa nenhuma mais que confessar o Padre Antonio da Cunha, que lá governava a fazenda; e sabendo eu que só os desobe-

dientes ou inuteis para tudo se botavam em um canto, como elle mesmo me tinha dito algum dia, entrei em duvida se assim o fazia commigo ou bem o fazia para me dar o descanso, conforme o que a Senhora Rainha lhe tinha encommendado, quando se despedira della na Côrte. Interpretando a disposição do Padre Superior pela melhor parte, parecendo-me que o Padre Antonio da Cunha assás tinha que fazer com a administração da roça, determinei-me a alliviar e ajudal-o, acudindo sempre á missão dos Tupinambazes como dantes, emquanto lá assisti, ajudando-o tambem na Quaresma a desobrigar a gente, fazer a procissão dos Passos e prégar na lingua dos indios a Paixão do Senhor, sem me escusar nem pedir mudança, sem embargo de ser aquelle sitio muito máo para mim e me darem por aquella banda repetidas dores de olhos e pontadas tão vehementes, que depois de passarem me deixavam moido por muitos dias, sem nunca ter mezinha ou cousa que me podesse dar algum allivio, sinão a santa paciencia de soffrer por Christo Senhor Nosso, que tanto tinha padecido por meu amor.

Levou o Padre superior comsigo aquella vez o irmão Sebastião Pereira estudante, o irmão coadjuctor Manoel Juzarte, aquelle para acabar de estudar latim, este para ajudar os mais irmãos do Collegio do Maranhão.

Chegou á aldêa de Maracaná, onde estavam os Padres Antonio da Fonseca e João Justo, sem terem os 25 cazaes de indios, que Sua Magestade manda dar por sua lei aos missionarios das missões distantes até 30 leguas das cidades para seu sustento e sem haver nisso mudança nenhuma com sua chegada; partio para o Caethé, onde o capitão-mór Amaro Cardoso tambem os negava ao Padre João Carlos, que lá assistia com o irmão Ignacio da Silva, dando-lhe não mais que oito indios para seu serviço, sem tambem lá poder-se effectuar melhoria.

Do Caethé passou com feliz viagem a S. Luiz do Maranhão, ficando, porém, com Amaro Cardoso, como tinha ficado com o principal Francisco de Souza, no Maracaná, que aos missionarios se dariam sempre os remeiros necessarios para suas viagens. Em Maranhão achou tudo quieto, estando no Collegio o Padre

vice-reitor Diogo da Costa com os cursistas, cujo mestre era o Padre Ignacio Ferreira ; em a roça de Anindiba, o Padre João Ribeiro ; em a aldêa do S. José o Padre Antonio Coelho, em o Tapecorú o Padre João de Vilar, e em o Mareù o Padre Manoel Rabello, donde se tirou o Padre Balthazar Ribeiro, que despedio da Companhia, e mandou para casa de seus paes.

Estava-se naquelle tempo trabalhando com grande fervor na egreja nova de Nossa Senhora da Luz, e parecendo-lhe ficariam as paredes muito altas, mandou não subissem tanto quanto dizia meu debuxo, que eu lá tinha deixado, e ordenou tambem que de ambas as bandas houvesse só tres tribunas mais largas, em logar das de cinco ou oito palmos, que para maior firmeza das paredes, menos ventania e maior graça de obra, se tinham ordenado fazer; mandou finalmente que em logar do nicho, que se punha no mais alto do frontespicio para uma imagem de Nossa Senhora da Luz, pois era egreja sua, se mettesse o Santissimo Nome de Jesus, ficando tudo o mais como estava debuxado. Agradou-lhe o retabulo do altar-mór feito pelo mestre entalhador Manoel Marcos, conforme eu lhe tinha debuxado.

Reparou mais na altura das paredes feitas pelas prescripções de Vitruvio, mestre dos architectos, que nisto tinha seguido, por não haver de ter abobada mais estreita, à imitação de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa, a qual entre os muitos e bellos quadros de riba tem os mysterios da santissima vida da Virgem que admiravelmente a aformoseam.

Reparou finalmente não haver escada para o pulpito, porém isto foi descuido do mestre pedreiro, o qual estava avisado de fazer escada por dentro da parede, desde a porta collateral até o dito pulpito, e nisso tinha ficado commigo, que tambem queria que para poder passar para outro pulpito correspondente para banda da rua, se fizesse uma passagem pelo meio da parede, larga de dous palmos e meio com sua abobada para segurança; mas vindo nisto o mestre não o quizeram os padres, e assim ficaram essas tribunas da banda da rua sem se poder chegar a ellas, salvo se algum dia se fizer uma bella varanda que sirva de passagem de um corredor para outro, por aquella mesma parte.

Não é crivel quantos obstaculos e impedimentos teve esta obra da Virgem Senhora Nossa, mas venceram-se todos com o favor della e de seu Bento Filho, e os houve até entre os obreiros, dos quaes morreram muitos de bexigas, e foram mortos pelos Tapuyas, uns nove Guajajaras por uma só vez, nas campinas de Bento Maciel, indo de volta para sua aldêa.

Em quanto o Padre superior asssistia no Maranhão, empregando-se além de sua visita nas prégações, mandou o Padre João de Avellar buscar uns indios do sertão, que se tinham fugido do rio Tapecorú; voltaram alguns, mas, como são inconstantes, tornaram a fugir, ficando o Maranhão cercado de Tapuyas inimigos por todas as bandas, com grande prejuizo e damno das lavouras e curraes de gado vaccum para o sustento da cidade, e mais com grande perigo dos moradores do rio Tapecorú, principalmente do capitão-mór Pero Paulo e do alferes Miguel Ribeiro, aos quaes juraram pela pelle que os haviam de matar se os apanhassem, por lhes constar que estes dois nunca lhes tiveram nem têm boa vontade; ao filho de Balthazar de Seixas que, Deus tem, não dão molestia nenhuma, sendo que móra com toda sua familia sempre no seu engenho sobre o rio do Mony, onde a cada passo o visitam como amigos, pelo bom trato que seu pae e elle sempre lhe deram. E daqui se colhe que se os Tapuyas se tratassem com amor e caridade pelos portuguezes todos, não se haviam de levantar tantas vezes contra elles, porque, ainda que sejam barbaros e brutos, não deixariam de reconhecer o bem que se lhes faz; visto os proprios animaes e todos os brutos serem agradecidos pelos beneficios e bom trato que se lhes dá, como consta de innumeraveis historias e vemos cada dia com os nossos olhos. Não nego nem posso negar que com esta gente selvagem se ha de tratar com toda a cautela, principalmente emquanto se não domesticar e abrandar, pelo ensino da verdadeira fé e virtudes christãs, quanto o permitte sua brutez natural.

Sem embargo de todos estes impedimentos, fez o Padre João de Avellar, missionario de S. Miguel de Tapecorú, uma bella egreja de taipa de pilão, em a aldêa de sua residencia, e outra na de S. Gonçalo, tambem linda, mas só de

taipa de mão; para a fabrica da primeira foi ajudado dos moradores portuguezes daquelle rio, que lá vinham ouvir missa e venerar a santa imagem de S. Francisco Xavier, ao qual faziam sua festa e novena, não sem fórma de algumas mercês, que se podia ter feito annunciar como milagrosas, entre as quaes a seguinte: Tinha adoecido uma escrava de um morador por nome João Vieira, o qual, vendo-a reduzida ás portas da morte, e tendo-a já por morta, a levou a pôr aos pés do Santo com voto, que se lhe désse vida e saude, lhe daria cousa prodigiosa, tornou logo em si a escrava e ficou sã e valente, sem rasto de sua doença. Outros successos maravilhosos se contam, mas contento-me referir este por agora, que o tempo ensinará o caso que delles se deve fazer.

CAPITULO 8º

DO QUE OBROU O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA, ESTANDO NO MARANHÃO E NO PARÁ, E MAIS NA VOLTA PARA ELLE.

Estando o Padre superior Bento de Oliveira no Maranhão, representou o Padre João Angelo, missionario das aldêas da capitania do Cametá, o muito que padecia dos olhos, com perigo de perder a vista, e mais os desgostos que lhe dava o capitão-mór Antonio de Carvalho, pedindo, se pudesse ser, mudasse o Padre reitor Manuel Nunes para outra parte. Viu o Padre reitor a muita razão que tinha o Padre João Angelo de pôr outro em seu logar; para isso nomeou primeiro o Padre João Justo, dando-lhe o Padre Aluizio Conrado por companheiro, para convalescer em Cametá. Mas o Padre João Justo deu logo alguma occasião de desconfiança ao Padre Aluizio, com que o Padre reitor me chamou a mim, que tinha vindo ao Collegio, para praticar na vigilia de nosso Santo Patriarcha, e perguntou-me se queria ir ao Cametá para alliviar ao Padre João Angelo e levar por companheiro o Padre Aluizio Conrado; respondi-lhe que eu estava para obedecer a tudo que me mandasse, com muita vontade, e que como reitor dispuzesse como lhe parecesse, com que me mandou logo com o Padre

Aluizio, meio entrevado de sua doença, por companheiro, em companhia do mesmo Padre João Angelo, que ia fazer-me entrega da residencia de Inhuába, onde chegámos aos quatro de agosto do anno 1694, tendo passado primeiro pela aldêa de Parijó de baixo, e visto o que lá havia, assim na egreja como na casa. Feita, pois, a entrega da residencia assaz bem provida com casas e egreja nova, e bella por suas pinturas engraçadas, que tinha feito o Padre João Angelo, por sua curiosidade e devoção, partiu elle para Mortigura, para estar convalescendo, em companhia do Padre Miguel Antunes; alegraram-se muito os indios e mais ainda os brancos, como o capitão-mór, com a minha assistencia, por serem todos amigos e conhecidos meus, pelos muitos annos que tinha no Estado, e logo ficou tudo em bella paz.

Todos os dias santos e domingos do anno, ia eu dizer missa e acudir com os sacramentos á aldêa do Parijó, ficando o Padre Aluizio Conrado em Inhuaba para o mesmo effeito; lá tinha o bom padre bons ares, boas aguas, boa carne e peixe, boa vista, bellos passeios, bellas campinas, saborosas frutas para poder convalescer; porem, nem com tudo isso melhorava, mas antes parecia ia achando-se cada dia peior, e tanto assim que tendo eu ido a Parijó, para lá celebrar as festas do Natal, e querendo o Padre Aluizio, por sua devoção, dizer a missa de Gallo, diante de um bello Belém, que tinha feito, chegou ao altar estando a gente toda junta para assistir ao sacrificio divino, mas deu-lhe tão grande fraqueza que nem então nem as festas seguintes foi capaz de celebrar. Avisou-me logo, para que viesse depressa para mandal-o ao Collegio, pois não estava capaz de esperar mais tempo, por sua grande enfermidade; acudi ao aviso e aviando-o o melhor que pude, o mandei para a cidade, mui pezaroso de perder tão bom companheiro; mas supriu logo esta falta o filho de Diogo Pereira, Manuel Pereira, moço bem criado e sujeito, o qual assistiu em minha companhia, ensinando-o eu casos e mais a Logica e a Physica, até o fim das cousas, e isto com tanto mais vontade que via que tinha bom engenho, boa comprehensão e boa memoria para tudo.

Entretanto, vieram do Maranhão uns indios Caycayzes man-

dados pelo Sr. general Antonio de Albuquerque, para estarem na ilha dos Joannes, com os mais que tinham vindo dantes, e viviam mui contentes, por estarem em paragem farta de tudo, e debaixo do cuidado e doutrina do reverendo padre missionario frei Boaventura, Capucho de Santo Antonio.

Acabou o Padre reitor Manoel Nunes de soalhar o corredor novo e tratou de querer fazer residencia em Marajó; fechou tambem o Padre Pero Poderoso, por não querer fazer uma penitencia, pretendendo ser despedido da Companhia depois de sacerdote, com philosophia e theologia acabada. Chegou entretanto o Padre superior da missão do Maranhão, e vendo os desgostos que haviamos de ter com os reverendos padres Mercenarios que se tinham mettido de posse de um dos nossos melhores pastos, e que o gado ia morrendo, em vez de se multiplicar, isto além das difficuldades da passagem, mandou ao Padre reitor Manoel Nunes largasse essa empresa e mandasse retirar o gado todo, parte para a cidade, parte para Jaguarary; despediu tambem o Padre Francisco Pedrosa, com licença do nosso muito reverendo Padre geral, o qual, estando despedido, se valeu de Jacob Egres, mercador solteiro e honrado do Pará; este o amparou, como si fosse seu irmão, até pol-o com chapéo de sol mui bizarro nessa praça, valendo-se elle tambem de seu bello engenho e lettras para as prégações que ia fazendo pelas egrejas da cidade, até que partindo os navios, se embarcou em companhia de Jacob Egres, que lhe fazia os gastos todos, e chegou a salvamento á cidade de Lisboa, onde se houve com tanta ingratidão com o seu bemfeitor, que, depois de posto em a Côrte, nunca mais o veio ver. Guarde-se elle, porque costuma Deus castigar muito os que procuram sem bastante razão sahir da religião.

Deus lhe perdôe, que lhe estou temendo a pancada, porque antes de ser despedido faltou um dia a renovar os votos com os mais, sentiu um nosso, estando com o Senhor em as mãos, que lhe dizia ao coração estas palavras: « Oh Pedrosa, salvar-te-has se morreres na Companhia »; disse-lh'o eu pouco depois, mas dando-se pouco disso, deixou a Companhia, desagradecido do beneficio que Deus lhe tinha feito com o chamar para

ella e do bem que lhe tinha feito ella em creal-o na virtude e lettras.

E' uma lastima ver a facilidade com que alguns sujeitos, ainda que do Reino, variam e deixam a sua devoção; muitos houve extrangeiros nesta missão, desde os seus primeiros principios, mas pela graça de Deus nunca se achou nenhum que sahisse da Companhia, nem ainda da missão.

Lembra-me que, sendo noviço do anno 1617, na cidade de Tournay da provincia Gallo-Belgica, dava-nos o mestre dos noviços a ler um livro dos que tinham deixado o noviciado e era coisa para pasmar de ver como até estes, ainda que não religiosos, castigara o Céo com castigos de mortes desastradas, por terem deixado a sua vocação, e se assim trata os noviços, que só estão em caso da provação, que tanto devem de esperar aquelles que saem da religião depois de feitos os votos, e por graves causas que deram á sua expulsão? Perdoae lhes, que não sabem o que fazem.

CAPITULO 9.º

VISITA DO PADRE SUPERIOR ÁS RESIDENCIAS DO PARÁ E MORRE O PADRE FRANCISCO RIBEIRO

Em os fins do anno 1694 começou o Padre superior Bento de Oliveira sua visita, e chegou aos quatro de novembro pela manhãzinha á residencia de Inhuába com o Padre José Barreiros; achou-me mal convalescido de uma terrivel pontada que ás vezes me dava e durando alguns dias e me deixava quebrado todo; acudiram os indios com os seus costumados presentes e praticou-os o padre superior; visitou a igreja e casa e tomadas as contas partiu no dia seguinte para a aldêa debaixo, chamada Parijó, e não achando que reparar despediu-se de mim, que o tinha acompanhado até lá, e partiu com boa maré para os Boccas, onde poz o Padre Manoel Nunes, e dos Boccas aos Ingaybas, onde deixou continuar o Padre Antonio da Silva, por saber repartir e governar aquellas nações com satisfação de todos; não foi mais para riba, porque estavam retirados os pa-

dres missionarios, emquanto o governador não nos queria restituir a missão de Xingú, onde se tinham posto de posse os reverendos padres Piedosos.

Tinha o Padre superior ouvido os repetidos requerimentos do Padre Manoel Nunes para o alliviar do cargo de reitor e mais aos subditos, por lhe parecer não convinham a seu genio esses subditos, por apertar com elles com algum demasiado rigor, e o substituio pelo Padre João da Silva.

Estando ausente, em sua visita, veio a achar-se mais mal do que o costumado, o Padre Francisco Ribeiro, meio entrevado sobre uma cama já havia annos, o qual por lhe parecer bom tomar uma purga para sua convalescença, perturbou de sorte os humores com ella que aos dezeseis de novembro veio a fallecer no Collegio de Santo Alexandre, da cidade de Belém do Grampará, e foi enterrado na egreja de S. Francisco Xavier, com o concurso costumado de religiosos e seculares.

Era o Padre Francisco Ribeiro natural da cidade de Lisboa, irmão de João Ribeiro, o cégo, varão de tanto espirito que os annos lhe foram os que queria aperfeiçoar na virtude, e casado com uma senhora, um anjo na vida, a qual, morto o macido, falleceu uns poucos de dias depois, para gozar de Deus com elle, a quem tantos annos servira com tanta caridade.

Foi o Padre Francisco Ribeiro, da provincia do Brazil e mestre das Humanidades em tempo que por lá esteve o Padre Antão Gonçalves, como commissario, e por elle se despediu da Companhia, por lhe repugnar ir a uma aldêa a que o mandava que fosse; esteve depois de despedido por capellão de um ricaço, Peixoto, como filho de casa, até que o Padre Antonio Pereira, mandado para lá a estudar, o ganhou para a missão do Maranhão, com que foram a Lisboa e de lá vieram ao Maranhão, sendo eu reitor do Collegio; esteve com as occupações de noviço por algum tempo, mas como depois faltou mestre de latim applicou-se ás classes que já tinha ensinado no Brazil e comportou-se de tal sorte naquelle seu officio que foi uma admiração até fazer seus votos, e, feitos estes, continuou com o mesmo espirito até se mandar para o Pará, onde depois foi posto por vice reitor do Collegio, governou uns annos com

toda a satisfação por dentro e por fóra, salvo que os de dentro o tinham por algum tanto rigoroso. Foi elle que mandou fazer as cortinas de sarafina e outras cousas para a egreja, e nos seus ultimos votos deixou á missão uns tapanhunos que tinha no Brazil em casa do Peixoto, seu amicissimo, para trabalhar em tabaco para sustento de seu irmão.

Tinha já do ventre de sua mãe um impedimento nas côxas que o fazia coxear um pouco, mas sem prejuizo do que se lhe ordenava; porém cresceu-lhe tanto aquelle mesmo impedimento, que depois lhe impossibilitou o poder andar e lhe tirou a vontade de comer iguarias mal guizadas.

Estando depois mandado por missionario da residencia do Caethé com todo o agrado, queixou-se a mim, pela visita, do grande aperto de seu mal e pediu ir ao Pará. Permitti-lhe que fosse em occasião primeira, com o governador que estava para vir, substituindo-lhe o Padre Manoel Nunes; foi ao Pará e de lá ao Maranhão, onde lhe acudiu Duarte Rodrigues, seu amigo, e Gregorio de Andrade, com a caridade pouco vista entre seculares; de lá quiz vir outra vez ao Pará e isto mesmo lhe concedi em tempo de meu governo; lá esteve assentado sobre sua cama, meio entrevado como dantes, acudindo-lhe Jorge Rodrigues com sua mulher e sogra Izabel de Moraes, com todo o cuidado, e porque não podia andar mandou-se-lhe fazer um carrinho com que o puxassem os rapazes pelos corredores. Assim foi passando com muito exemplo de paciencia religiosa, sendo padre espiritual do Collegio, até enfermar gravemente e morrer.

Foi homem coadjuctor espiritual, mui contente de sua sorte, mui prudente, paciente, humilde, caritativo, e mui devoto da paixão de Christo e da Virgem Senhora Nossa, estimado e amado de todos, de tal sorte que até os governadores o iam visitar no cubiculo, e os nossos se não tiravam delle por seu bello modo com que agazalhava e sabia tratar a todos e com todos; parece que lhe quiz Deus Nosso Senhor dar o seu purgatorio nesta vida, para lhe dar o premio de sua paciencia e mais virtudes depois de sua morte.

Estava o Padre superior ausente quando falleceu, mas quiz

o Céo se achasse no Collegio para autorizar o seu enterro, que se fez com toda a solemnidade e assistencia que para um religioso de bem se póde desejar.

Não posso deixar de reparar aqui no dito de Christo Senhor Nosso quando diz que um será acceito e outro deixado, *unus assumpteretur e alter relinqueretur*; porque por aquelle tempo em que levou (como se espera) a alma do Padre Francisco Ribeiro para a ditosa companhia dos Céos, despediu-se o Padre Francisco Pedrosa da companhia da terra. Andava este sujeito, muito ha, buscando occasião de sahir e como, acabada sua theologia, o não escolhera por mestre do curso que estava para se começar no Maranhão, e lhe pospuzera o Padre Ignacio Ferreira, por mais modesto e exemplar e quando menos igual no saber, tomou dahi fogo e me escreveu uma carta pouco religiosa, e se foi precipitando até o Padre superior Bento de Oliveira o despedir da Companhia, com licença de nosso muito Reverendo geral.

CAPITULO 10º

CHEGA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO, ESTANDO O PADRE SUPERIOR ALLI, E TRAZ MUITOS MISSIONARIOS COM O PADRE MANOEL GALVÃO, EM 1695.

Estava a terra em miserabilissimo estado, e em tanto que já uma arroba de ferro se vendia a quarenta mil réis e um alqueire de sal a quatro mil réis, sem ainda se poder achar; e assim das mais cousas que quiz Deus houvesse em castigo de nossos peccados, ou em principio de castigo delles, porque depois foi tudo de mal em peior, quando o Padre superior Bento de Oliveira instituiu no Pará, no anno 1695, as quarenta hora no Collegio de Santo Alexandre, para applacar a justa indignação do Céo contra nós. Foi juiz o capitão Pedro da Silva, já juiz de Nossa Senhora do Soccorro; fez-se tudo com grande socego, prégando o Padre superior Bento de Oliveira, e o Padre Vice-Reitor João da Silva, e o Padre Miguel Antunes, missionario de Mortigura. Fizeram-se mais as tardes, que dantes já tinham

sido feitas muitas vezes, deixando-se de fazer as quarenta horas, por falta de juiz que concorresse para ellas.

Houve grande concurso com muitas confissões e communhões, e parecia-se já o Pará com o Maranhão, onde na egreja de Nossa Senhora da Luz já desde o anno de 1670, sendo o Padre Francisco Vellozo reitor do Collegio, se fazem as quarenta horas cada anno, com toda a grandeza e devoção, como testemunharam os que algum dia assistiram alli. Parece que Deus Nosso Senhor quiz recompensar ainda nesta vida o bom zelo do Padre superior da missão, consolando-o com a vinda do que mais esperava, porque neste mesmo anno de 1695 chegou ao Maranhão navio do Reino com quatorze sujeitos escolhidos da Companhia de Jesus, um Provincial de Nossa Senhora do Carmo, e commissario de Santo Antonio e cada um delles com alguns religiosos seus. Os pertencentes á Companhia eram o Padre José Ferreira, que vinha por superior daquella gloriosa missão pela viagem do mar, e reitor do Collegio do Maranhão. onde já tinha lido theologia escolastica aos nossos e moral a todos, com grande applauso e credito, por deixar discipulos capazes de lerem logo depois curso de theologia, como viu com seus olhos com o padre Ignacio Ferreira, que, de discipulo feito mestre, lhe succedeu no ler.

O Padre Manoel Galvão, que o Padre superior tinha mandado para o Reino sobre os negocios da missão de Xingú, os Padres Silvestre de Mattos, Duarte Galvão, Manoel dos Santos, os irmãos Lourenço Homem, José Vidigal, Manoel Brandão, Antonio de Brito, Jacintho Carvalho, Antonio Baptista, João Marocat, choristas, o irmão coadjuctor Domingos Francisco, o irmão José de Moura, pintor ou debuxador, chegaram então.

Tinham-se embarcado em Lisboa aos 11 de fevereiro do anno de 1695, no navio «Esperança e Nossa Senhora da Piedade», sahindo no outro dia de sabbado... e no outro sabbado viram as ilhas, no outro passaram cabo Verde, no seguinte acharam-se livres de uma tormenta, no quinto sabbado passaram a linha, em que se detiveram um só dia, no sexto finalmente viram, em dia de S. José, a primeira terra do Maranhão, onde lançaram ferro aos 21 de março, segunda feira, á tarde, e foram logo

dahi ao Collegio de Nossa Senhora da Luz e lá estiveram até o primeiro de maio, em que passaram ao Pará.

Tinha o Padre vice-reitor Diogo da Costa governado o Collegio do Maranhão uns poucos de annos e aculindo a tudo com muito cuidado, principalmente á egreja nova, que se ia pondo em sua perfeição, e folgou muito, com todos os mais Padres, ver a quantidade de tão bellos sujeitos que lhe vinham do Reino.

Entregou logo o governo ao Padre José Ferreira, o qual por seus achaques, com licença minha, superior daquelle tempo, tinha ido ao Reino, donde o nosso muito Reverendo Padre geral o mandou vir para Reitor e para trazer os sobreditos sujeitos, os quaes todos chegaram com saude, excepto o Padre Manoel Galvão, que esteve muito doente no Maranhão, e vinha com a resolução da Côrte sobre a missão de Xingú, que era o negocio que o Padre superior Bento de Oliveira lhe tinha encommendado. Trouxeram varias novas, que eram que o Reino estava em paz, que a Serenissima Senhora Rainha dera á luz felizmente uma Princesa e estava gravida outra vez, já de uns cinco mezes, que a náo de João Francioco dera em terra de mouros, que no anno antecedente se perdera uma embarcação em Cabo Verde, em a qual cada um dos Collegios tivera 200$000 de perda, e que pela que tiveram na que fòra ás terras dos mouros tinham ficado muito faltos; mas a que trouxe o Padre Manoel Galvão sobre a residencia da missão de Xingú foi a que mais se esperava; e como quer que o Padre superior estava no Pará nem se podiam commodamente sustentar tantos sujeitos no Maranhão, onde já estavam outros, estudando curso e havia grande falta de farinha, em commum parecer acharam ser mais conveniente mandar uns do curso novo, que se havia de começar, para o Pará, ficando no Maranhão não mais que o Padre Silvestre de Mattos e o Padre Manoel dos Santos, para entrarem em theologia no anno seguinte com os que iam acabando seu curso de philosophia; e assim se fez, vindo embarcados no navio para o Pará, onde tomaram porto a 13 de maio todos os cursistas, com os dous que vinham para tomar a roupeta lá mesmo no collegio de Santo Alexandre, da cidade de Belém, a saber: Bartholomeu Rodrigues para estudante, Domingos Gonçalves para coadjuctor temporal;

estes dous vieram no anno seguinte com o Padre Fructuoso Corrêa; e já que neste capitulo se fez menção do navio do Reino, quero tambem fazer menção de outro, que veio com alguns negros de Angola, não muito tempo depois. Cuidou o povo do Maranhão que por aquella vez ficava remediado e por isso se escolheram os melhores, que compraram os mais abonados, ficando os peiores para se levar para o Pará, porém acharam depois que foram sua perdição por trazerem as bexigas que empestaram o Estado todo, como se verá dos capitulos seguintes.

CAPITULO 2º

PARTE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA PARA O PARÁ E, DISPOSTAS LÁ BREVEMENTE AS COUSAS, TORNA PARA DISPOL-AS EM CAETHÉ.

Cuidando o Padre superior da missão de achar ainda todos os Padres juntos no Collegio do Maranhão, onde o Padre Manoel Galvão estava muito doente, como quer que ia em canôa, visitando de passagem, chegou um dia mais tarde, porque, estando o navio já navegando, viram-se os fogos que se mandaram fazer em Tapuytapera, em signal da chegada da canôa: por esta razão não fez detensa mais de uns 15 dias em o Maranhão, deu boas vindas aos Padres vindos de novo do Reino, que lá tinham ficado no Collegio, applicou o Padre Ignacio Ferreira, que tinha sido mestre do curso, para lente de theologia, para o anno seguinte aos que acabarem de estudar philosophia, porém á theologia moral o Padre José Ferreira, que tinha vindo para esse fim.

Fez ministro do Collegio ao Padre Manoel Rabello, indo succeder-lhe na aldêa de Mareú o Padre Antonio Gonçalves, o Padre João de Avellar mandou continuar no Tapecorú e rio de Mony; o Padre Antonio Coelho em S. José, o Padre Jacob Ribeiro na nossa roça de Anindiba, mandando outra vez para lá o Padre Iodoco Peres, homem de grandes lettras e virtude, mas de mui fraca e pouca vista; e como quer que tinha no Collegio

como Reitor o Padre José Ferreira, o qual em seu governo era observatissimo não foi necessario deixar-lhe encommendada a observancia que já lá estava em seu ponto, nem a continuação das obras da egreja nova, sendo elle tão grande servo e amante da Virgem Senhora da Luz.

Posto, pois, tudo em via, voltou-se logo para o Grampará, trazendo em sua companhia os padres Manuel Galvão, José Barreiros, Diogo da Costa, e o irmão Sebastião Pereira, este para estudar curso com os mais, seguindo poucos mezes depois o irmão João Valladão, famoso mestre do latim, depois de acabada sua theologia com muito louvor, indo-lhe succeder o Padre Manoel da Costa, depois de ler, com muito agrado e satisfação, humanidades no Collegio do Grampará, onde o padre superior da missão chegou pelos fins de julho, restaurou os estudos que no principio da missão tinha começado, primeiro, o Padre João de Souto Maior e continuei eu, annos depois, sendo superior na missão a primeira vez, e tendo entre outros discipulos o Sr. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com seu irmão Francisco, ambos de menor idade, em tempo do governo de seu pae, o Sr. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Passando o Padre superior pela residencia de S. João Baptista do Caethé, como achou o capitão mór Amaro Cardoso tão posto fóra da boa razão com os moradores contra o padre, acerca dos indios, ficou em querer tiral-o de lá e de facto chegado ao Pará, e, ouvidos os aleives que nos tinham levantado no Reino, diante do donatario, como se os missionarios do Caethé lhe tirassem seus lucros, mandou-lhe por escripto que, na primeira occasião, se viesse para o Collegio do Pará, com todo o seu fato e o mais pertencente á missão, pois não faltavam missões em que se pudesse empregar com mais proveito das almas, que lá em a aldêa do Caethé, entre gente tão pouco affeiçoada que não tinha reparado em escrever falsidades e calumnias, ao donatario da villa, contra os missionarios da Companhia, os quaes lhe tinham assistido com tanta caridade, já desde que tinham estado no Gurupy, e depois de feita a mudança para o Caethé. O Padre João Carlos recebeu a ordem do Padre superior Bento de Oliveira, de

se vir e desamparar aquella missão; porém, como o capitão mór e moradores viram que com esta retirada ficavam desamparados, por não haver religioso nem clerigo que lhes quizesse assistir pelo pouco que tiravam daquella assistencia, com gente pela maior parte pobrissima, fizeram requerimentos ao Padre superior da missão, pedindo-lhe encarecidamente lhes deixasse o Padre João Carlos ; mas respondeu-lhe elle que nem este nem outro lhe havia de dar. Trataram então, de buscar quem lhes assistisse, porém como se foram accommodando mais á razão o capitão mór e moradores todos e pouco depois sobrevieram as bexigas, não quiz o Padre superior ir com tudo ao cabo, em quanto durava aquelle contagioso mal.

CAPITULO 12

ENTRAM OS MISSIONARIOS DA COMPANHIA NA MISSÃO DE XINGU'; MANDAM-SE PADRES PARA AS MAIS MISSÕES E VAE O PADRE VICE REITOR VISITAR AS ALDÊAS.

Logo que o Padre superior da missão chegou ao Pará com o Padre Manuel Galvão, vindo de negociar na Côrte a restituição da missão de Xingú aos padres da Companhia de Jesus, foi-se ter com o Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e tratar com elle aquelle ponto, sobre o qual lhe escrevia Sua Magestade, que esperava que teria feito a repartição das missões com satisfação de todos os missionarios, e que nunca nem em pensamento lhe viera querer tirar-lhes o Xingú.

O que supposto, lhe disse o padre superior da missão que lembrado estaria como ficaram com elle, que ou lhe havia de restituir a missão de Xingú ou elle não havia de prover mais as missões do rio das Amazonas com missionarios da Companhia; viu-se o governador apertado, porque por uma parte via a pouco razão com que tiraram e a obrigação que lhe corria de tiral-a aos reverendos padres missionarios Piedosos, e por outra achava-se com desejo que com estes ficasse, e assim pediu ao Padre superior que, visto os reverendos padres Piedosos estarem já de posse de Xingú, lhes quizesse deixar aquella missão, pois não faltavam

outras para riba, mas elle teve mão e instou que se lhe restituisse essa missão ou houvesse por bem que não proveria as mais missões para riba, com que vendo o governador que não havia outro remedio, veio no que se lhe pedia e Sua Magestade mandava.

Avisados, pois, os reverendos Piedosos, retiraram-se da missão de Xingú, ficando sómente com a aldêa de Maturú, que Manuel Guedes formara das outras aldêas, no que o Padre superior não quiz fazer reparo; tratou, porém, de instaurar as missões, pondo-lhe os missionarios seguintes, uns logo e outros um pouco depois.

Ao Padre João Carlos, deixou em Caethé com o irmão Ignacio da Silva; ao Padre Diogo da Costa, mandou ao Maracaná presidir a residencia de S. Miguel, onde dantes tinham estado successivamente os Padres Gaspar Misseh, Antonio da Fonseca, João Maria, João Justo e Manuel de Amaral; ao Padre Antonio da Cunha deixou na roça de Mamayacú, pondo-lhe por companheiro o Padre Manuel de Amaral; ao padre Miguel Antunes, confirmou no seu posto de Mortigura; a mim, no meu, da capitania do Cametá, na residencia de S. Pedro e S. Paulo, em Ingayba, mandando-me o Padre João Justo por companheiro; ao Padre Manoel Nunes, que estava nos Boccas deixou, até depois lhe mandar o Padre Manuel Galvão, o qual antes de se ir ao Reino tinha cuidado delles e pediu-lhe guardasse essa sua missão; ao Padre Antonio da Fonseca mandou logo tomar posse da residencia de Xingú, até lhe ir em breve successor, porque os reverendos Piedosos já a tinham largado; ao Padre João Maria mandou aos Tapajós; ao Padre Antonio da Fonseca, á sua antiga missão dos Tupinambaranas; o Padre Manuel Nunes estava para ir aos Maraguazes, mas adoeceu e depois, indo-se ainda mal são, morreu em caminho entre os Ingaybas, onde assistia o Padre Antonio da Silva; estava tambem destinado o Padre João Carlos para os Abacaxizes, mas como sobrevieram as bexigas, ficou continuando em Caethé, e como os missionarios das mais religiões foram pouco a pouco provendo as que lhe tinham cahido em repartição, ficou todo o rio das Amazonas, por ambas as bandas, soccorrido para bem das almas de seus sertões.

Foi-se chegando, entretanto, o tempo da visita, e como o Padre superior Bento de Oliveira, se achou indisposto para fazel-a para riba, mandou em seu logar o Padre vice-reitor João da Silva, com o irmão Sebastião Pereira, cursista, por companheiro.

Partiu, pois, o padre vice-reitor do Pará aos 29 de setembro do anno de 1697, e aos 25 do mesmo mez chegou á residencia de S. Pedro e S. Paulo, em Inhuaba, da capitania do Cametá. Deteve-se lá commigo dois dias por eu mesmo lhe pedir, visitou tudo, como é costume e, praticados os indios por si mesmo, pois lhes sabia a lingua, partiram depois para Parijó, aldêa principal, onde se vai dizer missa aos domingos e festas principaes. Visitou-nos o capitão-mór com os indios, que lhe disseram que me tinham pedido que lhes assistisse sempre lá um padre, sem se retirar para Inhuaba, mas que eu me reportara á resolução do Padre superior da missão, e respondeu-lhe elle que faria aviso de seu requerimento, como fez; e respondi-lhe eu que mandara o Padre João Justo para Inhuaba, para consolação minha, e assim que nos deixasse estar juntos, por entretanto, e assim se fez, porque tinha eu dado palavra que, havendo aperto das bexigas, das quaes se fallava, lhes havia de assistir o Padre João Justo, e fazer-lhes novenas a Nossa Senhora do Soccorro, Padroeira de sua egreja e juntamente a S. Francisco Xavier.

Havia naquelle tempo uma duvida entre mim e o Padre João Justo, porque lhe parecia que se não havia de levar os indios em rede para a Igreja, para receber o Viatico, mas havia-se levar o Senhor por suas casas, e respondi-lhe eu que era o uso na missão, desde seu principio, fazer vir os doentes em rêde, por serem as casas dos indios muito indecentes, os caminhos para ellas muitas vezes mui longe, sujos e perigosos.

Propoz-se a duvida ao Padre vice-reitor e depois ao Padre superior da missão, e responderam que se seguisse o costume antigo, e assim se fez até Deus Nosso Senhor dispôr as cousas de sorte que houvesse modo de levar o Senhor com a decencia devida, sem outras difficuldades, que estorvassem de se o poder fazer; só o Padre João Justo, como escrupuloso, não quiz vir no que vieram todos os mais padres, por lhes parecerem

melhor consideradas as circumstancias todas, das aldêas de indios que se fundaram no Brazil, afim de se mandar vir os doentes em redes para a egreja a receber o Viatico, quando forem capazes delle.

Dizia o Padre João Justo que o Padre vice-reitor João da Silva dissera se vestissem os que por falta de vestidos não podiam vir á doutrina, e eu, sem embargo de se lhe não dizer tal cousa e custar a vara de panno a cruzado, e nem ainda assim se poder commodamente a descobrir, o fiz com desejo de obedecer, porém ficaram admirados todos de tal ordem, em tempos de tanta carestia, quando val uma vara de panno o dôbro que dantes, e nem com os tres cruzados se a póde descobrir.

CAPITULO 13º

ABRE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA CURSO DE PHILOSOPHIA NO PARÁ, E POR CARIDADE SE DETERMINA A LEL-O ELLE MESMO.

Como quer que o Padre Manuel Galvão, estando no Reino, foi praticar em o collegio da Universidade de Coimbra, para atiçar os animos de alguns que ahi estão estudando, ou fazendo seu anno de recolhimento para a missão do Maranhão, alguns recolletos se lhe offereceram para vir com elle ao Maranhão e lá acabar o que lhes faltava, que era philosophia e theologia, que são os sobre referidos no capitulo 10 deste livro. Estes com mais alguns vieram naquella occasião ao Maranhão, onde estava o Padre Ignacio Ferreira acabando de ler philosophia ; e sahiam fazendo as disposições para theologia escolastica, e como não havia commodidade de abrir lá novo curso de philosophia foram mandados para o Pará, trazendo comsigo o irmão theologo João Valladão para ser mestre no Pará, succedendo-lhe, por ordens do Padre superior, naquella funcção, o Padre Manuel da Costa, como já fica em cima referido.

Como, pois, chegaram estes irmãos estudantes ao Collegio de Santo Alexandre no Grampará, para entrarem no curso daquelle

anno de 1695, consultou o Padre Bento de Olveira quem havia de ser o mestre, e vendo que uns se escusavam por muita e outros por pouca idade, resolveu-se elle a fazer esta caridade á missão, sem embargo do muito trabalho que lhe dava seu officio de superior, estando nisto alguns prelados das mais religiões, que assim o praticavam.

Com isso foram deputados para estudar curso o irmão Sebastião Pereira, que estudou no Maranhão latim ; os irmãos Lourenço Homem, Antonio Baptista, João Marocot, Antonio de Brito, Jacintho de Carvalho, José Vidigal, Manuel Brandão ; ajuntaram-se ao numero destes uns religiosos de Nossa Senhora das Mercês, frei João Pacheco, frei Manuel Correa, frei Manuel da Ascenção, clerigos Manuel Martins, Manuel Palheta, Antonio Alvares, seculares José de Souza, moço vindo do Reino, sobrinho do capitão mór do Pará, Hilario de Souza, Clemente Martins ; deputou-se por palestra e aula a sala que ha sobre a portaria do Collegio, assaz accommodada para essa funcção, tendo sido dantes deputada para receber as visitas, e tendo o Padre João Angelo lido primeiro um bello tratado dos primeiros termos.

Deu-se principio ao curso, que foi o primeiro que se leu em Collegio do Pará, pela entrada de novembro do anno de 1695; continuou-se com muito fervor com suas disputas quotidianas. Foi um pasmo de ver como o Padre superior da missão e depois reitor do Collegio podia com tanto, sendo cousa certa e indubitavel que aquelle Collegio, tem á sua conta acudir a tantas missões e curar os doentes e achacosos que dellas lhe vêm todos cahir ás costas ; e como, sem ter uma hora de seu de dia, estudando depois do exame até ás 12 horas, para escrever as postilhas, sendo cada dia 5 horas, assistindo sempre pessoalmente a todas as disputas, não só não dava comsigo no chão pelo muito peso, mas andava acudindo a tudo, com alegria e presteza, como se estivesse desoccupado e não tivesse que fazer cousa alguma, e além disso prégando, confessando por dentro e por fóra, visitando os presos e doentes e ajudando-os no que podia, sem deixar de responder ás duvidas e casos que se lhe perguntavam, recebendo e dando visitas, como se fôra que não tinha outra cousa a seu cuidado.

CAPITULO 14°

COMEÇAM AS BEXIGAS EM S. LUIZ DO MARANHÃO, PASSAM PARA O CAETHÉ E JOANNES, E FINALMENTE DÃO NO PARÁ, ACUDINDO OS PADRES COM SUA CARIDADE E NOVENAS, FEITAS A S. FRANCISCO XAVIER, EM AGOSTO DE 1695.

Como em o navio dos tapanhunos, do qual se começou a fallar em um capitulo que fica atraz, tinha vindo uma pessoa mal sã de bexigas, e por isso estava prohibido de chegar-se a ancorar no porto da cidade, e porque o capitão e mestre da nau negavam haver já nelle bexigas, e faziam seus protestos á Camera pelas perdas e damnos, foi deixado entrar, estando os moradores com os olhos nos tapanhunos; porém o que parecia ser para seu remedio, foi para sua grande ruina, porque com elles, os tapanhunos, entraram as camaras e febres, que mataram muita gente, não ficando de fóra os que tinham alguma mistura de sangue de indios e negros, e nem por isso parou o mal, porque se antes de partir o Padre superior da missão e o governador do Maranhão ia morrendo tanta gente dessas molestias, entrando as bexigas, depois delles partidos, morreu gente sem comparação muito mais.

Começou o mal pelas bexigas brancas de varias castas, e logo seguiram as pretas, que chamam pelle de lixa, e as bexigas sarampadas e outras desta casta, mui pestiferas, as quaes fizeram tanto estrago nos indios, assim forros como escravos, e mais nos tapanhunos, que é uma dor de coração sómente referil-o; cahiram e foram morrendo tantos, que ás vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse aos mortos.

Reluziu nesta occasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos o Padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenhas, aguas, peixe e farinha a varias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para applacar a ira do Céo instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, á qual o povo acudia com grande devoção,

por ser com o Senhor exposto, missa cantada e prégação ao cabo de tudo; porém, como quer que, quando Deos não quer, os Santos não rogam, semembargo ter sido esse glorioso e milagrosissimo santo apostolo das Indias eleito por patrono, não parou o mal de todo, supposto que abrandou algum tanto, sendo já insupportavel, por se lhe ajuntar a grande fome pela falta do commercio de farinha, em razão das grandes seccas que tinha havido aquelle anno. Para maior ajuda, accrescentou-se nesta parte a fome e guerra, que os Tapuyas faziam aos rios do Meary e Tapecorú, e com isso ficaram os curraes de gado perdidos, sendo estes um dos principaes remedios do Maranhão.

Perdeu o Collegio umas oitenta pessoas, com que ficou quasi despovoado, mas Deus Nosso Senhor, como bom pae, teve cuidado de sustentar seus filhos e servos, que com tanta e tão exemplar caridade acudiram á necessidade de seus proximos, necessitados.

Não fez este contagioso mal menos estragos pelas aldêas nossas e engenhos, onde tambem se esmerou a caridade dos missionarios da Companhia de Jesus, ainda então unicos que administravam os sacramentos aos que cada dia iam cahindo e morrendo.

Não deu o mal logo na villa de Tapuytapera, porém depois de acabar quasi no Maranhão, passou para lá e causou as mesmas mortandades.

Deu tambem na capitania do Caethé, onde o capitão-mór e moradores, que dantes tinham perseguido ao Padre João Carlos, não acharam outro remedio de seus corpos e almas senão elle, cuja muita caridade e experiencia de curar lhes valeu, para não morrerem tantos como nas mais partes.

O navio dos tapanhunos, que metteu essa praga no Maranhão, tambem a metteu no Grampará, pois, trazendo um homem que tinha tido bexigas, foi esse para a aldêa de Joannes, o qual, levando ainda o mal no corpo, abrazou tudo, de tal sorte que morreram quasi todos os indios, que mal se achava quem acudisse ao pesqueiro e remasse a canôa das tainhas, o unico remedio da cidade do Pará.

Estendeu-se da aldêa pelos arredores, pegou nos Caycayzes,

e outros, que morreriam sem sacramento, se não fôra a muita caridade do muito reverendo padre missionario frei Boaventura, o qual assistiu a todos, assim na aldêa como no pesqueiro e nos arredores, não lhe soffrendo seu grande zelo apostolico que morresse alguem sem o remedio de sua salvação.

Da ilha de Joannes trouxeram os reverendos padres de Santo Antonio, para seu convento, duas pessoas que tinham tido bexigas, e bastou isso para começarem ellas a arder, não só no convento, mas ainda pela cidade. Antes disso, tinha ido uma canôa, do Collegio de Santo Alexandre do Grampará, levar o Padre Manoel da Costa para mestre de latim ao Maranhão, e na volta tinha dado bexigas em um remeiro; a este mandou o padre reitor ao Marajó, onde abrazou os que lá estavam, de sorte que não ficou quasi nenhum delles, e, voltando a canôa para o Collegio, cahiu o mal, em meio do caminho, sobre todos os remeiros, ficando só o piloto, o qual, levantando a véla, chegou ao porto; mandou-os o Padre superior da missão logo para a roça de Mamayacú, com ordem por escripto ao Padre Antonio da Cunha que os apartasse para onde não pudessem fazer damno aos outros.

Como não deram a carta a tempo, tinham já ido para suas casas, não houve logar para o remedio, e assim começou a arder toda roça em bexigas, morrendo muitos Tupinambazes, assim lá como na aldêa, que se acabou quasi de remate, morrendo. Daquella vez a melhor parte dos Maraguazes, acudindo, porém, o Padre Antonio da Cunha, com zelo tão apostolico a todos, que supposto eram muitos os cahidos e que iam morrendo, pois havia dias em que cahiam vinte e quarenta, não houve nenhum que morresse sem sacramento.

Era tambem feita a cidade do Pará um hospital de bexigosos, sem se exceptuar os conventos dos religiosos, aos quaes abrazava o mal como aos demais; e, sem embargo disso, mandou o padre superior fazer uma novena a S. Francisco Xavier, com o Senhor exposto, com prégação delle mesmo, no fim, com grande concurso de toda a cidade, que em aquelle tempo tão apertada se chegava mais para Deus, e para que não faltassem confissões, ia o Padre Aluizio todo o dia com o padre vice-reitor, João

da Silva, pela cidade, perguntando pelas ruas se havia alguem que necessitasse de confissão, isto por muitas vezes, por não se achar quem fosse chamar confessor ao Collegio.

E não sómente iam os padres de dia apoz tão grande obra de misericordia, mas ia o padre superior da missão e reitor, em qualquer hora da noite, acudir aos necessitados, sendo que em casa não faltava em que exercitarem a sua muita caridade.

Houveram-se naquella occasião os irmãos cursistas como verdadeiros missionarios e imitadores de S. Francisco Xavier e filhos de Santo Ignacio. Assignalaram-se, entre os mais irmãos, João Marocot e o irmão Manoel Brandão, porque este sem ter aprendido a sangrar, por falta de quem sangrasse os que necessitavam de sangrias, sangrava e o mesmo fazia o irmão Marocot, o qual tambem amortalhava já defuntos, pegando nelles sem horror de bexigas de pelle de lixa, sem embargo de lhe ficar a pelle dos defuntos entre as mãos, e pelarem-se-lhe as suas proprias, por terem maneado os mortos daquelle pestilencial mal.

Durou a força deste contagio uns quatro mezes, pouco mais ou menos, começando lá pelos fins de agosto, ou principios de setembro de 1695.

O estrago que fez na cidade fez nas roças, aldêas e engenhos de assucar, sendo poucas que não abrazasse; não deu nos indios de Mortigura, porque o Padre missionario Miguel Antunes se retirou com todos elles para o matto, e não sahiu senão para ganharem o jubileu que tinha sido mandado de Roma naquella occasião, e se foi ganhando pela cidade e aldêas das missões.

A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues tambem escapou, porque se metteu com toda a gente no matto; escapou tambem o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catharina, nossa irmã, senhora delle, o encommendou a seu Santo, promettendo de lhe fazer sua festa, como depois fez, assistindo a ella o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discipulos, que cantaram a missa, sendo eu prégador.

Em o Collegio nos morreram alguns dezoito, e, em Jaguarary, uns seis ou sete, e em tudo passante de duzentas pessoas, e supposto que os outros conventos não teriam tão grande

perda, comtudo não a deviam de ter algumas muito menores.

Neste tempo das bexigas no Pará morreu afogado em seu sangue, e sem confissão, José de Souza, um dos que no anno 1662 me prenderam no Gurupá, e foram apontados depois por levantarem as mãos contra o ouvidor geral do Estado Diogo de Souza de Menezes; e tambem falleceu Guilherme Rodrigues Bravo, provedor mór do mesmo Estado, o qual foi enterrado em nossa egreja, tendo-o mui pouco merecido, pois elle foi quem mais se oppoz, quando se tratou na junta, se nos não havia de conceder os chãos que pedia o Padre reitor Manoel Nunes, para alargar a nossa cerca; não quiz o Padre superior senão mostrar como, conforme a doutrina de Christo Senhor Nosso, fazemos bem aos que nos fizeram mal.

CAPITULO 15

REFERE-SE COMO DERAM AS BEXIGAS NA CAPITANIA DO CAMETÁ E COMO SE HOUVERAM OS PADRES MISSIONARIOS DA COMPANHIA NO TEMPO DELLAS.

Estando a capitania do Pará toda ardendo em bexigas, ainda não tinha dado na Capitania do Cametá; só por irem alguns moradores para a cidade, deram as de pello de lixa e outras na villa e roça do Camarú e mais em um indio da aldêa de Parijó, da casa do principal Jibaquara, ao qual eu fui confessar, dando tambem, em a mesma casa o baptismo, em necessidade suprema a uma india tupinambá, vinda de trabalhar por ordem do dito capitão-mór em casa de um branco, sendo ella india gentia com outras duas parentas suas, vindas de suas terras pelo rio dos Tocantins abaixo, para assistirem com o pae de Pedro da Costa, que era seu parente mui chegado.

Foi o mal por diante na villa de Camarú, por se deixarem estar e se não espalharem pelos mattos, grande remedio contra aquelle, mal como cousa por experiencia; pegaram tambem em algumas casas da aldeia de Parijó, ficando a villa toda abrazada della.

Morava pelo rio dos Tocantins acima um Manuel Marques, homem muito odiado de todos ; este andava em desconfiança com Diogo Pereira de Lacerda, morador mais abonado do rio todo e tanto que este dizia se queria mudar para o Pará por Manuel Marques ser inimigo seu e arriscar-se que lhe fizesse algum fraco serviço ; aconteceu pois que um filho bastardo de Diogo Pereira, chamado Domingos Pereira, viesse com seu tio João Esteves ouvir missa á aldêa de Inhuaba, onde estava commigo o Padre Aluizio Pheil e com elle, na mesma occasião, viesse tambem Manuel Marques, com sua mulher, filhos e filhas, para o mesmo fim.

Disse eu missa depois da doutrina e pratica costumada, e dita ella e acabada minha recolecção, lhes fui dar as boas festas á porta da egreja, emquanto o padre Aluizio Conrado ia ao altar e estando nisso eis que os dois filhos de Manuel Marques correm para a casa do principal Henrique, onde se tinha recolhido Domingos Pereira, depois de ter ouvido a primeira missa, por se ter lá agasalhado seu tio e tia e logo depois ouviram-se umas pancadas de espadas e gritos ; acudiram todos que me acompanhavam e achando que eram os filhos de Manuel Marques que tinham dado no filho de Diogo Pereira de Lacerda, os apartei, reprehendendo a elles e mais a seu pai, que se deixava estar sem dizer uma só palavra, havendo de lhes dar uma boa reprehensão por fazerem o que tinham feito.

Puxou pela espada João Esteves, extranhando a Manuel Marques de permittir que seus filhos fossem tão atrevidos, com que escusou-se, dizendo que Domingos Pereira era mui desbocado e lhe tinha levantado um aleive, odiando seu pai.

Soube eu que tudo isso era falso e assim me puz a curar o ferido, cortando-lhe o cabello com tesoura sobre as feridas e escaldando-as com azeite de peixe ; sarou infallivelmente das feridas frescas, não menos que com vinho e azeite do Reino.

Como Diogo Pereira teve noticia do caso e tinha filhos grandes, a saber, Manoel Pereira, estudante e Antonio Pereira, que o poderiam vingar, logo fiz com elle que não tomasse vingança propria, mas só fosse por via da justiça, e até isso lhe desaconselhou depois o Padre João Justo, meu companheiro,

com que ficou deixado tudo á justiça, que *ex-officio* os castigou, menos do merecido por terem perdão da parte.

Tinha chegado neste intervallo o tempo do santo jubileu, que se publicou pela villa, onde eu fui para ajudar o vigario, ensinando o povo como se havia de confessar bem, e foi-se Manuel Marques á sua roça, que tinha da outra banda do rio, tendo-se dantes despedido de mim, dizendo-me seria dahi por diante todo da Companhia e ajudaria aos missionarios em tudo o que necessitassem, e como, acabado o trabalho que tinha ido fazer, se deitasse na sua rede, depois de jantar, deram-lhe seus escravos na cabeça e o mataram com muita crueldade, porque cortando-lhe, para maior sentimento, as partes vergonhosas e lh'as penduraram no pescoço, e, feito isso, lhe quebraram o espinhaço e amarrando-o á modo de uma bola o botaram no meio do rio com uma pedra ao pescoço e, para disfarce desta sua tão cruel e ignominiosa matança, tomaram o seu escriptorio e fato, levando-o para casa, dizendo que, levantando-se na bahia uma grande tempestade, se afogara e o não puderam achar.

Pediu logo a mulher a um compadre seu, João da Silva, que, em companhia de seus filhos, fosse por caridade buscar o corpo morto; fel-o elle e achou-o por particular providencia de Deus, boiando á tona dagua, sem embargo da pedra que tinha amarrada ao pescoço. Chorou-se muito o defunto e amortalhado se o levou á villa já com cheiro, por ser morto já de dias e como era homem pouco amado não houve quem assistisse ao enterro senão o vigario José de Souza Chico.

Conhecida já a morte violenta, pela justiça, trataram a mulher e filhos de descobrir os matadores; e vendo o que era cabeça delles, que lhe não succedera bem a sua traça, com que tinha querido encobrir o conhecido, se acolheu para o matto e indo em seguimento delle o pescador da casa o matou e logo veiu dar novas a sua senhora, que já lá ficara morto o matador de seu marido; porém, soube-se, pela devassa feita sobre o devido caso, que um creoulo e uma india de casa tinham concorrido para a matança, portanto prenderam-se primeiro na villa e remetteram-se depois para a cidade, onde ultimamente foram condem-

nados ambos á forca e a mão primeiro cortada e pregada nella. Acudiu-lhes o Padre superior Bento de Oliveira, para que ao menos se lhes não cortasse a mão, estando ambos doentes de pelle de lixa e sendo um delles rapaz de menor idade e outra uma fraca e pobre mulher; mas como Braz de Barros, filho do morto, que tratava daquelle castigo como parte, por ordem de sua mãi, não quiz por nenhum modo vir nisso, cortaram-se-lhe as mãos e foram enforcados. Dizem que depois da morte, correra Braz como louco pelas ruas e cahira desmaiado em uma cova que encontrara no caminho ; e é certo que se levou a cabeça do matador cheia de bexigas para a capitania do Cametá, onde o capitão-mór tinha feito levantar uma grande forca sobre o rio, para a banda do Parijó, na qual se a pregou no meio da travessa de riba. Então começou a entrar alli a força das bexigas, que varreram tudo, não perdoando até os mesmos brancos e brancas, dos quaes vieram alguns a morrer, e deu tal mortandade na roça do morto Manoel Marques, que as bexigas a varreram quasi toda. Eu tinha mandado ao Padre João Justo para a aldêia de Parijó para lá fazer novena a Nossa Senhora do Soccorro, cujo painel tinha pintado, e a S. Francisco Xavier, ficando eu em Inhuaba, aldêa de riba, onde estava a residencia.

Foi o Padre João Justo e houve-se na verdade como missionario apostolico, fez suas novenas com suas prégações quotidianas, e procissões pelo terreiro da aldêa com grande concurso de indios e brancos, acudindo a todos e sobretudo aos do Camurú, por terem cahido com bexigas, até o mesmo vigario.

Não havia dia em que por chuvas e sóes os não fosse ver, acudindo com os sacramentos a todos os cahidos que eram muitos, e isto bastantes vezes, sem ter que pôr na boca, e passando um riacho, cujas aguas crescidas pelas muitas chuvas lhe davam até o joelho e côxas ; lá esteve padecendo o que só Deus sabe por alguns mezes, não lhe morrendo na aldêa, por favor da Senhora e de S. Francisco Xavier, mais que umas sete ou oito pessoas, ficando todas as mais sãs e valentes.

Eu, que tinha ficado em Inhuaba, aldêa de riba, tendo exposto um bello painel de Nossa Senhora do Soccorro e outro de S. Francisco Xavier, ambos pintados com um cipó por minha

propria mão, como ouvi que os indios com medo das bexigas queriam fugir para o matto, animei-os; congregados todos na egreja, disse que se deixassem estar na aldêa, e confiados na Virgem Senhora Nossa do Soccorro não fossem e tivessem mais cuidado da salvação de suas almas ficando, que de seus corpos fugindo; tratassem de ir diligentemente á missa e doutrina de confessar-se, fazendo sua novena commigo todos, pelo terreiro de sua aldêa. Obedeceram logo e ficaram todos tão contentes como se não houvesse bexigas na terra; fizeram sua novena com grande devoção pelas ruas, levando eu as santas imagens e rezando as ladainhas com elles; e foi cousa tida de todo o mundo por milagre da Virgem Senhora Nossa do Soccorro e de S. Francisco Xavier, expostos á devoção na egreja, que não houvesse um só que tivesse bexigas ou morresse dellas em todo o tempo que duraram, não só na capitania, mas ainda no Estado. Verdade seja que a alguns deram umas dôres de cadeiras e de cabeça com uns vomitos que eram signaes dellas, mas antes de encommendados á Senhora e a S. Francisco Xavier, mandava eu sangrar logo quatro vezes por Pero Quiraeteima, sangrador da aldêa, com que ficaram sãos e valentes, como os mais.

E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquelle logar cantasse eu missas solemnes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavam com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do Padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe eu a logica e physica até o fim das cousas.

E foi tanta a mercê da Senhora, que até os vizinhos com João da Silva e outros ficaram favorecidos. Um delles sómente, chamado Antonio Cirigado, se mudou para cima com medo e tendo estado de antes sem bexigas, logo que se mudou para a riba deram nelle, na mulher e filhos e escravos todos, de que elle e alguns escravos vieram a morrer; e porque tem este successo algumas cousas dignas de reparo, farei dellas aqui breve menção.

Era Antonio Cirigado, homem que com muita caridade

acudia com sangrias e remedios aos indios da capitania de Cametá, ganhando-lhes com isso a vontade para lhe virem fazer um roçadinho e desfazel-o em seu tempo; aconteceu ter uma filha sua um desmancho, do que emprenhou e fugiu para a villa, onde pariu e morreu; sentiu tanto o pae a desgraça da filha, que não sabia dar-se a conselho sobre a vingança que havia tirar do culpado. Deu-se-lhe por conselho não tratasse disso, mas perdoasse e fizesse uma boa confissão; nisto andava o pobre, mas não acabava de fazel-a, sem embargo de lhe ter perguntado o Padre João Justo quando acabaria de fazer; mudou-se para riba, para um sitio de um seu amigo, mas como levava uma rapariga, vinda de Cumarú, com indicios de bexigas que não lhe pareciam cousa de consideração, cahindo de pelle de lixa elle mesmo, e vendo-se apertado no terceiro dia, mandou-me chamar para se confessar commigo. Fui em uma canoinha de pescar, porém como cheguei achei-o já defunto, um nada antes da minha chegada, dizendo-me sua mulher que, como vira seu marido sem confessor apertara comsigo fortemente o seu cruxifixo, e com elle nas mãos dera sua alma a Deus. Senti por extremo o triste successo mas como vi que isto já não tinha outro remedio, puz-me a rezar-lhe um responso e como não houvesse quem o amortalhasse, nem sua propria mulher, que estava tambem doente de bexigas, ajudei a amortalhal-o e mandei-o, a enterrar na villa de Cumarú, uma boa maré de lá. Acabado isso, doutrinei e confessei os escravos, dos quaes uma velha não podia escapar, e de lá me fui confessar o dono da fazenda e mais sua mulher e familia toda, para nenhum morrer sem confissão. Estando eu para sahir da casa do defunto, ouvi que a viuva dava ordem, que os que levariam o corpo morto para se enterrar levassem tambem na canôa a pobre velha cheia de pelle de lixa para a lançarem em alguma ilha, para lá morrer sem fazer damno a ninguem com suas bexigas contagiosas, de que estava toda cheia; portanto, para evitar aquelle peccado e crueldade, aconselhei a senhora dos escravos remeiros que a levassem á villa e a dessem aos parentes do defunto; fizeram assim, mas como estes, por medo de se lhes pegar aquelle contagioso mal a não quizessem, tornaram os escravos a trazel-a, porém como a canoazinha dava

balanços grandes pelas ondas, deu a pobre velha comsigo no rio e lá se afogou, valendo-lhe ter sido confessada.

Querendo eu voltar-me para casa, lembrei-me que os escravos que tinham levado o corpo morto a enterrar e mais a india velha se tinham partido sem confissão, do que fiquei muito pezaroso, receando que, voltados para sua casa, os levassem as bexigas sem remedio de sua salvação; porém acudiu Deus Nosso Senhor, porque sahindo eu pelo igarapé que levava para o rio, offereceu-se-me uma arvore grande atravessada de tal sorte, que de nenhum modo me dava logar de poder passar, com que achei-me obrigado a fazer detensa até ella se cortar pelo meio a machado; e emquanto os indios que me levavam se iam occupando nisto, eis que chegaram os escravos que tinham levado o defunto e mais á velha, deram conta do successo e mandei-os preparar para os ensinar e confessar a todos dentro da canôa, não sem singular providencia de Deus, porque chegados á casa logo cahiram todos de pelle de lixa, não escapando delles senão um só rapaz. Nem deixou de ser cousa digna de reparo, que, tendo eu tratado com muitos bexigosos e de pelle de lixa naquella occasião, e, o que mais é, ajudando a amortalhar os defuntos dellas, não pegara nos indios da aldêa em que eu estava.

Foi essa praga pestilencial correndo para as aldêas dos Boccas e Ingaybas, mas não com a força e estrago, que tinha feito na cidade do Pará e capitanias ao redor della.

Parece que manda Deus este contagioso mal, em castigo dos levantamentos contra os missionarios, porque lembra-me que as duas vezes que se levantou o povo contra nós, depois de ambas ellas, se seguiram as bexigas, verdade seja que, como os do Pará, se não levantaram esta ultima vez, parece não lhes havia de vir esse mal, mas deu-lhes porque, como dizia o governador Gomes Freire, se senão levantaram os do Pará ao menos estiveram dispostos para isso.

CAPITULO 16

RELATA-SE A MORTE DO PADRE MANUEL NUNES E DO PADRE MANUEL GALVÃO.

Tendo o Padre Manuel Nunes sido alliviado do pesado cargo de reitor do Collegio de Santo Alexandre, da cidade de Belém do Grampará, como era varão zeloso da salvação das almas, pediu ao Padre superior Bento de Oliveira para que lhe concedesse a nova missão dos Maraguazes, sita entre os Tupinambaranas e Abacaxizes, e já se ia apparelhando para ella, mui contente de a ter alcançado, quando, sendo de pouca saude, cahiu doente de uns flatos, que lhe embrulharam a ida por algum tempo, porém achando-se já algum tanto melhorado, foi-se até a aldêa de Uaricurú dos Ingaybas, onde tornou a recahir, por não ter ido ainda bem são, servindo-lhe o Padre Antonio da Silva com toda a caridade possivel; mas como nada aproveitava, tendo o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, vindo em noticia do que se passava, mandou ao Padre vice-reitor João da Silva visse se o podia trazer para o Collegio para cural-o, o melhor modo que pudesse ser; porém como este lá chegou já o achou em tal estado que não podia vir e mais desejava de morrer entre os indios Ingaybas que no Collegio, do qual estava já tão aborrecido, que não queria nada com elle.

Trouxe o Padre vice-reitor o seu fato e elle recebeu todos os sacramentos, deu seu espirito a Deus, assistindo-lhe sempre o Padre Antonio da Silva, e seu companheiro Manuel da Silva, até expirar; enterrou-se lá mesmo, na igreja, com a solemnidade que permitte uma aldêa de indios ; disseram-se-lhe, lá, as missas e, com a nova de seu fallecimento, se mandaram dizer em todas as mais partes costumadas. Foi sua morte na idade de quarenta annos, aos dezenove de novembro, éra de 1695, na aldêa de Uaricucú dos Ingaybas.

Era o padre Manuel Nunes natural de Serpa, no Algarve, já professo da Companhia; ensinou no Collegio de Nossa Senhora da Luz, aos nossos externos, latim e rhetorica com muita satisfação; foi expulso com os mais do Maranhão, no anno 1684 ; estudou

theologia no Brazil, onde esteve doente muitas vezes; foi deputado por superior do Padre Antonio Vieira, visitador da provincia, para trazer de lá os sujeitos pertencentes á missão. Elle trouxe naquella occasião os marimbeiros e a canelleira; foi examinado, *ad gradum*, no Maranhão e respondeu com muito louvor; esteve depois pelas missões e principalmente na do Caethé, onde ficou afamado pela muita caridade com que acudia aos doentes, de lá foi eleito de Roma para reitor do Collegio de Santo Alexandre do Grampará, ao qual veio governar bem contra sua vontade, e governou com toda a disciplina religiosa; teve grande zelo de adiantar a casa, assim no temporal como no espiritual, mas como viu que seu zelo se tomava por demasiado rigor, pediu ser alliviado do cargo e ir para a gloriosa nova missão dos Maraguares, com mais animo que forças, porque adoeceu antes de ir-se para lá, e indo já de caminho ainda mal convalescido, recahiu na aldêa de Uaricurú, entre os Ingaybas, onde falleceu muito religiosamente, com todos os sacramentos, assistindo-lhe os padres missionarios daquella residencia. Era homem amante da pobreza, castidade e obediencia, mui caritativo para com os doentes e pobres e mui amante de Deus e da Virgem Santissima, em uma palavra, bom religioso, e verdadeiro filho da Companhia de Jesus; dizendo-me elle que nascera sendo seu pai já de muita idade, chamei-lhe filho de velho, e disse-lhe, adivinhando que elle não passaria de quarenta annos; fez reparo no meu dito e sendo chegado a elles ficou mui contente, dizendo-me que já tinha os quarenta, mas pouco lhe durou esse gosto, porque não muito depois o levou Deus Nosso Senhor, aos vinte e tres de outubro.

No mesmo anno, 1695, veiu o Padre Manoel Galvão muito doente de sua missão dos Boccas para o Collegio, para curar-se de uma dysenteria que lhe tinha dado, da qual, sem embargo das muitas mezinhas que se lhe applicaram, falleceu com todos os sacramentos, assistindo os padres e irmãos á sua morte, aos vinte e oito de novembro; foi enterrado na egreja de S. Francisco Xavier, para a banda da Epistola, abaixo das gradinhas da capella-mór. Era portuguez de nação, natural de Ferreira; entrou no noviciado, estudou curso e theologia em Portugal, e

no fim delle, pouco menos, veiu para esta missão, trazendo em sua companhia varios bellos sujeitos, e depois de examinado, *ad gradum*, no Maranhão, com satisfação, foi mandado para o Pará e pouco depois aos Boccas, em logar do Padre Francisco Soares, onde esteve com grande zelo, ajuntando uma bella aldêa pela vizinhança da sua residencia, em tempo de meu Superiorado, e de lá foi chamado por meu successor, o Padre Bento de Oliveira, e mandado ao Reino, com cartas sobre o negocio da missão de Xingú, e tendo praticado em Evora, juntou alguns sujeitos com o Padre José Ferreira, em cuja companhia voltou para a missão, e como tinha sido muito enjoado pelo mar, adoeceu gravemente no Collegio de Nossa Senhora da Luz, donde, depois de melhorado algum tanto, veiu ao Pará e de lá se foi, em dezesete de junho á sua missão dos Boccas, em logar do Padre Manoel Nunes. Passou de caminho pelo Parijó do Cametá, onde me esperou um dia, até eu vir da residencia de Inhuaba ; deteve-se commigo uma noite, contando-me o successo de sua viagem e lendo-me o papel que mandara offerecer á Sua Magestade e que Sua Magestade, no tocante do que se lhe propunha ácerca das leis, respondera que se guardassem como estavam e que longe estava de fazer nellas alguma mudança, e antes as faria imprimir, e reparando-lhe eu nas poucas forças com que ia para sua missão, respondeu-me que ia porque o mandavam ; foi, pois, a ella, mas pouco o ajudou a sua pouca saude, porque, dando-lhe umas camaras, falleceu dellas, como dito fica em riba.

Era o Padre Galvão homem modesto e sisudo, prudente, observante de seus votos e regras, e sobretudo mui zeloso do bem das almas, e era sujeito de grandes esperanças, se Deus o não levara para si, por premiar nelle, ainda moço, as virtudes, que muitos velhos em edade e religião não chegam a alcançar.

Nasceu em tres de abril do anno 1654, entrou para a Companhia em vinte e quatro de março do anno 1674, tendo fallecido sua mãe em dia de S. Thomaz de Aquino, e seu pai em vinte e seis de novembro, como elle mesmo deixou escripto por sua propria mão.

Damno foi muito grande para esta missão morrer naquella edade, em que já era mais apto para servir nella, na prégação de nossa santa fé e salvação das almas; mas foi Deus servido leval-o, sem embargo disso, e só elle sabe as razões que nós ignoramos; o que posso dizer nesta materia é que o levou por se agradar de sua alma e ser assim vontade para maior honra e gloria de sua Divina Magestade; foi o dia de seu ditoso fallecimento, aos vinte e oito de novembro, uma terça-feira, por uma hora e tres quartos depois do jantar, no anno 1695, no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, onde se enterrou, dentro da capella-mór, com toda a solemnidade.

LIVRO 10

TRATA-SE DAS COUSAS DA MISSÃO ACONTECIDAS EM TEMPO DO SUPERIORADO DO PADRE JOSÉ FERREIRA,

CAPITULO I

E' FEITO O PADRE JOSE' FERREIRA SUPERIOR DA MISSÃO E PARTE PARA O GRAMPARÁ, ONDE DISPÕE ACERCA DA MISSÃO DO CAMETA', EM 1696.

Em o anno 1696, aos dezenove de maio, chegou do Reino ao Maranhão a nau «Esperança em Nossa Senhora da Piedade»; nella vieram os Padres Fructuoso Corrêa e Miguel da Silva, com dois novos seculares, a saber, Bartholomeu Rodrigues e Domingos Gonçalves, ambos para entrarem no noviciado, o primeiro por estudante e o segundo por irmão coadjuctor. Trouxeram patente de Roma de nosso muito reverendo padre geral Thyrso Gonçalves, para o Padre José Ferreira, então reitor do Collegio de Nossa Senhora da Luz em S. Luiz, da Capitania do Maranhão, ser superior de toda a missão, e mais outra patente de reitor do Collegio para o Padre Antonio Coelho, por então missionario da aldêa de S. José, e outra tambem de reitor do Collegio do Pará para o Padre Bento de Oliveira, por então Superior e lente do curso no mesmo Collegio. Trazia estas

patentes o Padre Fructuoso Corrêa, o qual, tendo lido curso, foi mandado para cá, para ler theologia no Maranhão, mas porque achou que o Padre superior José Ferreira tinha escolhido ler moral, deixando para mestre o Padre Ignacio Ferreira, quiz elle tambem ler só moral e o Padre Miguel da Silva ficou para estudar sua theologia.

Em a mesma occasião, veiu do Reino o reverendo senhor Padre Manoel Homem, filho do capitão-mór Balthazar Fernandes, que Deus tem, provido do donatario Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, para a sua egreja de S. Mathias de Tapuytapera, mas como achou provido nella o reverendo senhor Padre Ignacio Martins, filho do sargento-mór da villa, Manoel Duarte, pelo capitão-mór, em virtude dos poderes que tinha do donatario, corre pleito entre ambos os pretendentes, nem se sabe quem delles ficará.

O Padre José Ferreira exhibiu sua patente no Maranhão, collegio principal da missão, e veiu-se para o Grampará com os dois candidatos ou noviços futuros, na mesma nau, dia de S. João Baptista, e foi declarado por superior da missão no Collegio de Santo Alexandre, e o Padre Bento de Oliveira como reitor do mesmo collegio, em logar do Padre João da Silva, que tinha sido Vice-Reitor ; e foi mandado por missionario da nova missão dos Abacaxizes e para os Boccas, o Padre João Angelo, que estava no Collegio e tinha lido aos cursistas, antes de entrarem no curso, um bello tratado sobre a intelligencia dos termos que costumam embaraçar os principiantes da philosophia. O Padre superior da missão, José Ferreira, logo depois das cortezias costumadas dos amigos e da nobreza da cidade, tratou do governo da missão que lhe vinha encommendada.

Com a nova da sua chegada ao Cametá, onde eu estava por missionario da residencia de S. Pedro e S. Paulo, tendo por companheiro o Padre João Justo Lucas, piemontez de nação, a este deu logo vontade de ir fallar com o novo superior, e para isso pediu-me lhe mandasse aviar canôa e remeiros para se passar ao Pará. Fi-lo sem dilação, e mudando o Padre João Justo a vontade de ir, resolvi-me de ir eu dar-lhe as boas vindas; porém como elle tornou a querer ir,

aviei-o e o deixei seguir. Foi e deu ao Padre superior da missão e ao Padre reitor do Collegio, taes informações, que, tendo partido com todo seu fato, tornou a Inhuaba, aldêa da residencia, mui contente, dizendo que tinhamos um superior que viera em tudo que elle lhe representara. Entregou-me cartas, dizendo que me mandavam ir, se me parecesse, para o Pará; vi as cartas e achando que não diziam senão que poderia ir, se me parecesse, li mesmo o paragrapho ao Padre João Justo, o qual respondeu que, sem embargo disso, me mandava ir, porque estas palavras não eram mais que palavras de cortezia e respeito que guardavam á minha pessoa. Aconteceu isto aos 4 de julho do anno de 1696, pela madrugada, e vendo eu que o Padre João Justo me fallava de véras, no mesmo momento, sem detensa nenhuma, lhe entreguei o governo da residencia, e me conheci por subdito seu, dando-lhe logo depois as contas e o rol de tudo que havia na residencia com a entrega do que tinha pertencente a ella, entre mãos, que era mais do que teve nenhum missionario do Cametá, até aquelle tempo; e como se seguia dia de domingo, fui com licença sua dizer missa ao Parijó e despedir-me do capitão-mór e indios, e juntamente do vigario do Cumarú e ontros amigos. Dahi voltei para a residencia de Inhuaba, e, passando pela porta de Diogo Pereira Lacerda, amigo e procurador nosso, despedi-me delle e de toda sua casa, mui sentida de minha ida para o Pará, e offerecendo-se o juiz de Cumarú, seu genro, João Esteves, para me acompanhar até a cidade e tornar a trazer a canôa. Acceitei-lhe a offerta, dizendo-lhe estivesse apparelhado para o dia seguinte, em que o viesse buscar pela madrugada, para partirmos de seu porto para o Pará. Com isso, continuei minha viagem para riba, e estando os remeiros com fome, sem eu ter o que lhes dar, vimos um bello peixe grande que vinha á tona d'agua para baixo e vivo ainda, e com um pequeno espinho que lhe atravessava a garganta. Com isto tiveram que comer e de jantar; nem se contentou a bondade e liberalidade de Deus com dar-nos aquelle peixe para a viagem do Parijó a Inhuaba, mas offereceu-nos um bello veado para os indios comerem pelo caminho de lá ao Pará. Ia este atravessando o rio, quando, vendo-o eu sem saber o que era, perguntei aos remeiros que cousa era isto que

vinha atravessando, e como responderam que era um veado, fomos a elle e o afogámos, levando-o para casa, onde, guardada uma parte para si, deram a outra para a viagem, já assada. Para este intento, tinha eu feito fazer um bargantim grande e novo, de piquiá verdadeiro, e neste me embarquei no dia seguinte, despedindo-me do Padre e da aldêa, toda muito sentida da minha ida para o Pará. Fui-me bem cedo para a casa de João Esteves, o qual se embarcou commigo, trazendo comsigo uma matalutagem que sobejava para muitos dias. Despedindo-me, renovando os sentimentos, partimos com vasante, pelas 9 horas da madrugada, e sempre com feliz viagem até o igarapé de Marapatá, onde, depois de recolhidos para dentro, nos deu um trovão terrivel com raio, que pela muita luz e fogo que sahia, como quebrando em chammas junto ao leme, parecia que nos queria queimar ; de lá partimos até a sahida do rio Mojú, pelo igarapé-mirim, onde demos com a canôa em que iam os Padres João Angelo e Antonio da Silva, este para os Ingaybas e o outro para os Boccas, e como a maré não dava logar a muita detença, dadas e recebidas as saudações e novas de uma e outra parte, fomos caminhando cada qual por seu rumo, uns para riba e outros para baixo.

Cheguei naquelle dia, uma terça feira, á nossa roça de Jaguarary, onde por então estava o Padre José Barreiros, tendo cuidado daquella fazenda, já desde que nella houve bexigas, das quaes morreram alguns e elle ficou bem doente e marcado.

Contou-me como lá se ouvia, pelas 9 horas da noite, e pelo cantar do gallo da madrugada, uma voz lastimosissima, com uns ais que parecia cortavam o coração, já ha tempos, na paragem onde estavam enterrados uns mortos de bexigas, e entre elles um escravo chamado Calixto, que mandado para lá, para logo no outro dia se confessar, morrera sem confissão, por se ter lavado no rio ; não sabia o padre dizer que cousas eram essas lastimosas vozes, mas eu, a quem não cahiu este dito no chão, suspeitei era a alma de Calixto, que estaria no purgatorio, e assim devia de ser, porque, ouvindo-se depois, em diversos tempos, pelo irmão Manoel Lopes, que succedeu ao Padre José

Barreiros, finalmente por Matheus Coelho, uma madrugada de domingo, que vinha ouvir missa, e me contou como ao cantar do gallo ouvira daquella banda, além do rio, vozes tão lastimosas e penetrantes que lhe tinham feito erguer os cabellos na cabeça, mandei a toda a gente, ajuntada na egreja, ouvisse a missa que eu ia dizer pela alma de Calixto, com que nunca mais se ouviram depois taes vozes; eis, pois, confirmado na minha opinião que era a alma de Calixto, defunto sem confissão, que estava no purgatorio e necessitava daquelle soccorro.

Aos 11, parti de Jaguarary para a cidade, onde cheguei, depois de jantar, e fui recebido com muita caridade pelo Padre superior da missão, José Ferreira, e pelo Padre reitor, Bento de Oliveira, e delles soube como me não mandaram vir, mas tinham deixado minha vinda á minha eleição.

Pasmou João Esteves, a quem o Padre João Justo tinha dito que vinha com o mando do Pará para a residencia de Inhuába, e desejava elle muito que eu voltasse comsigo, o que o Padre superior da missão deixou em minha mão, mas como eu vinha maltratado do mal de figado que me impossibilitava a viagem, como impossibilitou já dous annos havia, deixei-me estar, para tratar de minha saude no Collegio do Pará, onde me constituiram por Padre espiritual e mestre dos noviços, dando-me tambem minha.... prégações por falta de prégador estavel no Collegio.

CAPITULO 2º

AJUNTAM-SE OS MISSIONARIOS PELA FESTA DE NOSSO SANTO PATRIARCHA, E, PASSADA ELLA, TORNAM A'S SUAS MISSÕES.

Estando o Padre superior no Collegio com o Padre reitor, e o Padre Aluizio Conrado achacoso, o Padre Manoel do Amaral mestre do latim e o Padre Gaspar Misseh velho e mal disposto e o Padre João da Silva se apparelhando para partir aos Abacaxizes, os irmãos cursistas Antonio Affonso despenseiro, irmão geral do sacristão, e os noviços irmãos Bartholomeu Rodrigues, e Domingos Gonçalves, ajustaram-se pela festa de nosso santo Patriarca Santo Ignacio os padres missionarios das

aldêas, João Maria, missionario dos Tapajoz, Antonio Vaz, missionario de Xingú, José Barreiros, deputado para a missão dos Maraguazes, Miguel Antunes, missionario de Mortigura, Antonio da Cunha, dos Tupinambazes e roça de Mamayacú, Diogo da Costa, de Maracanã, os irmãos Domingos Macedo e Manoel Lopes.

Fez-se o recolhimento dos tres dias, como é costume, praticou o Padre Manoel de Amaral, e prégou a festa de nosso santo Patriarcha o Padre João da Silva, com bastante concurso e satisfação. Nesse dia se expuzeram pela primeira vez no altar mór as duas imagens de vulto, que o Padre Bento de Oliveira mandou fazer pelo entalhador Manoel João, o qual tambem tinha feito por ordem do mesmo o Christo crucificado grande da capella grande da capella domestica, com o *ecce homo*, e mais as imagens da Paixão, sendo o Padre João da Silva vice-reitor, em cujo tempo tambem se embelleceu o poço que o Padre Francisco Velloso fizera nos annos atrazados, e fez-se mais o muro de taipa de pilão, supposto que feito de uma banda, e a casa de fóra para parte da portaria do mar para os nossos escravos, e finalmente o refeitorio que o irmão Manoel da Silva tinha feito em tempo do Padre Fracisco Velloso, sendo eu superior da missão.

E porque não faltam curiosos que de tudo se querem informar, até do procedimento dos missionarios das aldêas, ordenou o Padre superior da missão, José Ferreira, por ordem publicada no refeitorio, sob pena de desobediencia, que ninguem se atrevesse de informar dos indios sobre o procedimento dos padres em suas aldêas, pois isto só tocava ao Padre superior da missão, nem tambem fosse usado referir aos outros o que se tinha ouvido dizer delles; ordem muito bem dada; oxalá que se guardasse!

Acabada a festa, tendo cada qual tratado seus negocios com o Padre superior da missão e reitor, partiram para suas missões os das mais chegadas logo, os outros pouco depois. Aos oito de agosto, partiu o Padre Antonio Vaz para Xingú, dando logar ao Padre Antonio da Fonseca, que lá assistia por entretanto de ir para sua missão dos Tupinambaranas; depois delle o Padre João da Silva para a missão dos Abacaxizes, ajuntados em boa parte

em uma aldêa grande da banda da bocaina do rio da Madeira, em sitio farto e alegre.

Seguiu o Padre José Barreiros com seu meio irmão para sua nova missão dos Maraguazes....., que o Padre Antonio da Fonseca inculcara aos superiores, por lhes não poder acudir, bastando-lhe os Tupinambaranas, com os Andirazes e Coroatizes, com os quaes todos corria havia dez annos, tendo sido o seu primeiro missionario de assistencia, posto pelo Padre Iodoco Peres, sendo superior da missão.

Não houve outra mudança no Maranhão, salvo que para lá foi João Duarte Franco por capitão-mór, Antonio de Miranda por sargento-mór do Estado, e outro por lente de moral em logar do Padre superior da missão, que dantes era Fructuoso Corrêa, ficando o Padre Ignacio Ferreira, lente de theologia escolastica ; foi tambem feito pelo governador, tenente da fortaleza............ Reollos, capitão de uma companhia de infantaria d'El-Rei no Pará, em premio de ter trabalhado com grande satisfação na mesma fortaleza, correndo com as obras e obreiros della, desde seu principio até o cabo.

CAPITULO 3º

PRINCIPIA O PADRE SUPERIOR JOSÈ FERREIRA SUA VISITA PELOS TUPINAMBAZES ; PARTEM OUTROS PADRES PARA OUTRAS PARTES ; HA MORTES DESASTRADAS E CHEGA O GOVERNADOR EM O MEZ DE AGOSTO DO ANNO 1696.

Partiu o Padre João Maria já septuagenario, para restaurar a missão dos Tapajoz e fui eu na canôa da roça de Jaguarary, para fazer ganhar o jubileu á nossa gente. Lá me detive uns dias, preparando, confessando e administrando a communhão a todos capazes de a poderem ganhar e no entretanto catechisei e baptisei umas seis pessoas adultas e acabada esta minha funcção, para a qual tinha sido mandado, voltei para o Collegio, levando a canôa em que o Padre superior havia de ir visitar. Chegada a canôa com os indios remeiros, embarcou-se o Padre superior, foi-se para Mamayacú, de onde, acabada sua visita,

partiu para os Tupinambazes, acompanhado do Padre Antonio da Cunha, missionario delles. Pasmou de ver a desolação e desamparo daquelles miseraveis indios, assim pelo grande estrago que nelles tinham feito e ainda iam fazendo as bexigas, como pelo continuo trabalho pelo qual os achava divertidos, uns nas obras da fortaleza, outros nas viagens e outros em outras cousas, sem gozarem do descanso que as reaes leis lhes mandam dar. Consolou-os como poude e deixados os Tupinambazes, chegou á aldêa de Miritiba, que achou no mesmo e ainda peior estado, porque havia uns amancebados, outros tão divertidos nos trabalhos que nem para se confessarem nem para casarem achavam logar, porquanto sendo esta aldêa de visita, em chegando o padre missionario estavam commummente ausentes de suas casas, e era necessario tratar com o capitão da fortaleza onde andavam, sem se poder acabar com elle de os desoccupar para tratarem de sua salvação, e quando se desoccupam é por tão pouco tempo que se não póde effectuar a cousa como convém.

Por esta razão determinou o Padre superior pôr missionario em aquella aldêa, supposto que uma só por aquella parte, quando viesse bispo, que lhe ordenasse os sujeitos que tinha com os estudos acabados para as missões.

Aos 17 do mez, pelas 8 ou 9 horas da manhã, foi morto a facadas o Sr. José Valente em casa de Domingos de Souza, por um soldado, que logo fugiu para as Mercês, e de lá para algum escondrijo, até que teve occasião de se embarcar para o Reino. A causa da morte foram umas palavras de pouco caso que fazia daquelle sujeito; uns dizem morrera sem confissão, outros, que dera signal e fôra absolto; o certo é que, achando-o um religioso sem falla e sem signal, o deixou, e porque me consta que alguns nossos fazem o mesmo, acouselho-lhes que, segundo a sentença de.... nunca os deixem assim.

Tinha este moço sido vigario geral, eleito pelo Revm. Sr. Francisco de Lima, que estava deputado por bispo do Maranhão, como foi detido no Reino o Rev. padre frei Antonio da Piedade, provincial do Carmo do Maranhão, por governador do bispado e provisor, o qual, depois de muitas cousas, que obrou, se foi

para o Reino, onde El-Rei se deu por mal servido delle e foi mandado para o Brazil, donde era natural, e era este José Valente clerigo, mas tinha largado os privilegios e habito, valendo-se da justiça secular para se usurpar da jurisdicção do governador do bispado, que o queria prender ; era bem moço, licenciado no direito canonico, que tinha estudado com grande satisfação de todos na universidade de Coimbra, á custa da fazenda de seu pae, o capitão João Valente, um dos mais abonados homens da cidade de Belém ; poucos dias antes de sua morte, tinha vindo visitar-me, dizendo-me que, em vindo o bispo, se havia de ordenar ; foi enterrado na tumba dos pobres da Misericordia na igreja matriz, aos 19; veiu o pae, de seu engenho e, perguntado se queria accusar o matador João Baptista, respondeu que elle não accusava ninguem, e pedindo-lhe eu depois que perdoasse, pelo amor de Deus, o fez, como bom christão, com toda a boa vontade.

Em o mez seguinte, houve outra morte desastrada, de um mameluco, ao qual convidaram seus amigos fingidos, para sua canôa, e de lá o botaram ao mar, onde se afogou, sem ter logar de se confessar ; buscou-se o corpo morto e mandou o vigario Lameira, parente seu chegado, enterrar no adro das Mercês.

Outras mortes houve, que não refiro por não serem deste logar; quiz comtudo referir estas, para dar a conhecer a maldade da terra em que vivemos.

Aos 28 de setembro, chegou ao Pará o governador, vindo do Maranhão. Entrou de noite, ás caladinhas, chegando com elle João de Moraes, e como veiu ouvir missa no Collegio, onde lhe fallámos todos, soubemos dos homens do Brazil, que tinham vindo pedir datas de pastos para seus curraes de gado, pelas campinas que ha do Ceará até Tapecorú. Tinham voltado por terra pelo caminho mandado abrir para o Brazil, a cavallo, indo com elles Manuel Nunes Colares, que tinha sido ouvidor geral e ia provido no posto de desembargador da cidade da Bahia, por El-Rei, e com elle se detivera mais no Maranhão, para assistir á restituição dos Revs. padres, que se fizera, na villa de Santo Antonio de Alcantara, que commummente chamam Tapuytapera.

Préguei em a festa de Nossa Senhora do Rosario, em sua propria egreja, com muito agrado, assistindo o governador, na sacristia, acompanhando-me com os mais irmãos ao pulpito, e vindo buscar-me depois, e dar-me os parabens.

Aos 10, préguei sobre S. Francisco de Borja, na sua ermida do engenho de D. Catharina, onde se achou o padre reitor com seus cursistas todos ; usavam os padres desta cortezia com ella, por ser irmã da Companhia, por carta de Irmandade, mandada de Roma, e ter promettido de mandar fazer aquella festa em honra deste seu santo padroeiro, por lhe ter preservado seu engenho, com toda a gente, das bexigas. Aos 18 foi dada posse a seu sobrinho Luiz Vieira, de capitão, por El-Rei, da fortaleza nova de Nossa Senhora das Mercês, que com sua assistencia e bastante gasto delle, se tinha feito á vista da cidade, e foi a posse dada com um banquete explendido para os convidados, e com o estrondoso disparo de muitas peças, para maior grandeza da festa.

CAPITULO 4

PREPARA-SE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO, JOSE' FERREIRA, E LOGO DEPOIS VISITA AS RESIDENCIAS POR CIMA DO GRAM PARÁ.

Tendo o Padre superior da missão acabado sua visita para a banda do Pará para baixo, não tardou de ir mandar concertar sua canôa, para nella ir continuando a mesma visita pelas residencias de riba, até a ultima dos Abacaxizes, sobre o grande rio das Amazonas, sem embargo de estar ainda pouco acostumado á terra, para se arriscar por uns climas tão doentios como aquelles para todos. Partiu pois aos...., de outubro, do Collegio de Santo Alexandre da cidade de Belém, capitania do Grampará ; não levou por então companheiro nosso, dizendo tomaria, por entretanto, o capitão Paulo, indio de Mortigura, que tinha vindo com elle do Reino, para ter cuidado da matalutagem, que o Padre reitor Bento de Oliveira lhe tinha feito, com toda a largueza religiosa, que convém fazer-se a quem vae

visitar tantas e tão prolongadas missões, nas quaes forçosamente deve gastar um superior com os indios e, sobretudo, com os principaes, aguardentes, tabacos, anzóes, agulhas, veronicas e cousas deste genero. A primeira residencia que tomou foi a de S. Pedro e S. Paulo, em Inhuaba, aldêa de riba, sobre o rio dos Tocantins e capitania do Cametá ; estava nella o Padre João Justo Lucas, sem outro companheiro que um Manuel Pereira, moço secular, que ás vezes o acompanhava ; achou tudo bem composto e folgou de ver a egreja com o altar em que estava Nossa Senhora do Soccorro, da qual já se fez menção, com uma corôa imperial, que de novo se lhe tinha accrescentado para ornato maior ; foi presenteado dos indios e, tendo-os praticado, lhes fez suas dadivas, conforme se costuma,

Lá não houve senão os baptismos ordinarios e mais cousas quotidianas, pelas egrejas das residencias; uma só cousa lhe referiu o Padre missionario, digna de se relatar.

Tinha o Padre notado que um escravo de Pero, filho de Lobo Quiraeté, se ausentava muitas vezes da missa dos domingos e dias santos; avisou disso a Pero, para que mandasse seu escravo que disto se emendasse ; avisou-o elle, mas o escravo, mal acostumado, não fez caso do aviso, e, no dia seguinte,em vez de ir á egreja a ouvir missa primeiro, foi pescar em um lago chegado á aldêa ; tendo pegado um bello peixe, chamado tucunaré, vinha mui contente com elle pelo caminho, quando uma cobra lhe saltou ao braço e o mordeu em tres partes, com que, querendo chegar á casa, para se curar das mordeduras,inchou logo,de tal maneira, que desmaiou e morreu no caminho,pelo matto dentro; vendo Pero, seu senhor, que tardava, nesse dia e no seguinte tambem, pegou em seu arco e fréchas para ir ver o que era feito de seu escravo ; entrou pelo matto dentro e,tendo caminhado um pouco, deu com elle deitado no chão, com o peixe tucunaré a uma ilharga, o peixe fedorento, e elle com tres mordeduras terriveis no braço, inchado como uma pipa, fallecido; trouxe-o e mandou-o enterrar, conhecendo todos que isto era castigo de Deus, com que punia o descuido desse miseravel, de não ouvir missa aos domingos e festas, ficando para emenda dos mais indios da aldêa toda.

Em esta occasião, declarou o Padre João Justo ao Padre superior as causas que tinha para lhe pedir de ser enviado para outra parte, para se livrar dos desgostos do capitão-mór João de Carvalho, e o Padre superior lhe deu licença para ir render ao Padre Antonio da Fonceca, em os Tupinambaranas, e com isto partiu-se para os Boccas e Ingaybas, onde assistia o Padre João Angelo, missionario daquelles, e o Padre Antonio da Silva, destes; e, não achando que emendar, passou, depois de praticados os indios e contentados com as dadivas costumadas, para o Xingú. Lá achou o Padre Antonio Vaz, já restituido á sua missão, que os reverendos padres Piedosos tinham occupado algum tempo; ajudou-o com parte do que levava e foi-se para os Tapajóz e Tupinambaranas, onde residia, já muitos annos havia, o Padre Antonio da Fonseca; deu-lhe parte como o padre João Justo o viria render e com isso partiu, feita a visita, aos Maraguazes. O Padre José Barreiros, que pouco antes tinha ido para lá, e ia fazendo de algum modo alli residencia, para della visitar as duas aldêas que lhe estavam pelas ilhargas, achou esses indios desejosos de serem christãos, por terem paragem assás farta sobre um lago, mas queixosos por ser o sitio pouco sadio; animou-os como poude e subiu para os Abacaxizes, onde tinha chegado poucos mezes antes o Padre João da Silva, com uma aldêa mui populosa e abundante; soube estarem casados dois, o principal Thomé e um ajudante, com suas cunhadas, por terem calado impedimento; apartou-os e os desterrou, por um tempo, e com isso se veiu para baixo, encontrando o governador na ida para riba, no igarapé do Limoeiro.

Perguntou-lhe o governador acerca do que se passava por cima. Respondeu elle que achara por lá muita desordem, que faziam alguns sertanejos, dignos de se tirarem de lá todos; e como o governador tambem a isso ia, em parte, deu-lhe promessa de dar remedio, e partiu para cima, vindo o Padre superior para baixo, tomar a cidade do Grampará.

Entretanto, tinha ido para cima o Padre João Justo, como se dirá no capitulo seguinte, e deteve-se o padre superior para a banda da cidade nas occupações de seu officio até o mez de janeiro, aos 16, e partiu outra vez para o Maranhão.

Acabadas já, de todo, as bexigas, entraram uns terriveis catarros, dos quaes morreram muitos indios, e não houve quasi nenhum no Collegio, a quem não désse, e a alguns com tanta força que lhes deu muito que entender; entrou tambem uma casta de sarampo que matou a muitos e durou mezes e mezes, e não sómente pela cidade, mas tambem pelas roças e aldêas, nas quaes fez grande estrago, principalmente na gente que ia descendo, de novo, dos sertões, mandando o governador alguns para fornecimento das aldêas, em logar dos que as bexigas tinham levado em grande numero.

Entre outras cousas que o Padre superior tratou, antes de sua partida para o Maranhão, foi compôr-se com Dona Catharina da Costa, nossa irmã, sobre uma deixa que o capitão-mór João de Herrera da Fonseca, seu primeiro marido, tinha deixado por testamento ao Collegio de Santo Alexandre, para com isso fechar as bocas ás linguas murmuradoras, que espalhavam que os padres apertariam com ella, obrigando-a a pagar até perdas e damnos, recebendo desde a morte de seu primeiro marido; mas concertou-se tudo, conforme eu tinha ficado, com licença de nosso muito reverendo padre geral Thyrso Gonçalves, em vida de seu segundo marido, o sargento-mór João Pereira de Seixas, si bem que puzesse no Reino, á sua custa e risco, quatro mil cruzados effectivos, sem mais cousa alguma.

CAPITULO 5

DO QUE SE PASSOU NO COLLEGIO DE SANTO ALEXANDRE, UM POUCO ANTES DA PARTIDA DO PADRE SUPERIOR JOSÉ FERREIRA E DURANTE SUA VISITA POR CIMA.

Antes de partir o Padre superior da missão, pelo mez de outubro, para visitar as residencias, por cima do Pará, fez o Padre Bento de Oliveira, reitor e mestre do curso juntamente, umas conclusões logicas na egreja de Santo Alexandre; armou-se uma cadeira mui bem adornada junto á porta travessa, para a banda da rua. Os defendentes foram os irmãos Sebastião Perei-

ra, um religioso de Nossa Senhora das Mercês, chamado frei Manuel Corrêa, e José de Souza, sobrinho do capitão-mór Hilario de Souza, que não assistiu, por estar doente.

Houve concurso de religiosos, clerigos e seculares; entre os religiosos eram o muito reverendo Padre commissario geral das Mercês e o muito reverendo Padre frei Antonio, da mesma religião, uns padres de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antonio; dos clerigos, o muito reverendo licenciado Padre Antonio Lameira, vigario da vara desta cidade e outros, e dos nossos, o Padre superior da missão, José Ferreira.

Argumentaram o muito reverendo Padre frei Antonio Soares, o muito reverendo mestre graduado em philosophia Manuel Tavares, o padre superior da missão José Ferreira e outros; respondeu muito bem o irmão Sebastião Pereira, e os mais assaz bem, para principiantes; o Padre mestre do curso houve-se, pela disputa toda, sempre sem nenhum abalo com o rosto risonho, respondendo a tudo, e saltando todas as difficuldades, com a maior graça e facilidade que tenho visto nas universidades maiores do mundo todo; e assim foram muito applaudidas suas conclusões, pelo bom successo que tiveram.

Depois de partir o Padre superior da missão para sua visita, se fez exame dos cursistas; os examinadores foram o Padre reitor e mestre do curso e Padre Gaspar Misseh, o Padre Miguel Antunes e eu. Responderam todos como entendidos admiravelmente bem, de sorte que mal se podia dizer quem entre elles levara a palma nas respostas; e parece-me que nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro anno, mais do que fizeram os do collegio de Santo Alexandre do Gram-pará.

O louvor se deve a Deus em primeiro logar, e depois disso ao Padre reitor e mestre Bento de Oliveira, que sobre as muitas occupações que lhe dão seu reitorado, não se poupa dias e noites para os ensinar e fazer homens e perseverarem depois de feitos; e como se costuma de dar algum divertimento nas férias no fim do anno, levou o padre reitor e mestre do curso os seus discipulos para a aldêa de Mortigura, residencia do Padre

Miguel Antunes, mandando tres ao Padre Antonio da Cunha para Mamayacú, por elles mesmos o quererem, para maior seu allivio; foram agasalhados e tratados em ambas as bandas com os regalos que neste Estado se dão, e se não tiveram os regalos de Portugal, por os não haver, não lhes faltou a boa vontade, que sobre tudo se estima, accommodando-se no mais com a pobreza religiosa, como filhos de tão bom pae.

Fiquei, nesta ausencia do Padre reitor, correndo com o Collegio em seu logar, e como veiu, no entretanto, canôa do Maracanã, com cartas do Padre Diogo da Costa, missionario daquella residencia, só se sabe que dissera Theodosio, irmão de Francisco de Souza, principal da aldêa, que o governador deixara lá dito que o padre missionario não tinha nenhum mando sobre os indios, no temporal, como tinham os missionarios nas mais aldêas, mas que lhes assistia sómente para dizer missa e administrar os sacramentos; que, para o mais, tinham lá o branco que governava as salinas d'El-Rei. Com essa informação, fui ter com o governador e lhe dei parte de tudo, mui claramente, para saber de sua boca o que disso pensava: respondeu que a aldêa de Maracanã não se havia de reputar por aldêa como as mais d'El-Rei, porque estava deputada pelos governadores antecessores seus, para os serviços das salinas d'El-Rei e viagens dos governadores. Repliquei-lhe com a confiança que tinha, de ter sido seu mestre do latim, no tempo do governo de seu pai, meu confessado, que eu sabia muito bem de quem, quando e para que fôra deputada aquella aldêa, pois estava no Pará quando se fizera esta deputação, e que se bem fôra deputada para as salinas e para pilotos dos que iam para o Maranhão nunca a ouvira deputada para as viagens dos governadores, e supposto que isto fosse, nem por isso parecia haver de tirar-se do numero das que se governam no temporal pelos missionarios, pois a lei fallava e falla geralmente sem nenhuma excepção, e antes queria Sua Magestade fosse governada pelos missionarios da Companhia, que por um homem pião, que governa as suas salinas; accrescentei mais a isto que se informasse S. S. bem, si aos indios e indias que trabalhavam naquellas salinas se pagavam bem seu trabalho, e se lhes guardava tudo em

que se tinha ficado com o seu principal Lopo de Souza, porque havia grandes queixas dos indios sobre esta materia, que se não lhes pagava bem com uns paneirinhos de sal, para comerem sua farinha, por não ter elle os escravos que tinha seu pai, para lhe fazerem roça bastante afim de acudir com ella aos que se occupavam nas salinas, como elle mesmo lhe dissera. Livrou-se o governador, dizendo que elle deixava as cousas tocantes ás salinas como as achara, e dizendo-lhe eu que lhe corria obrigação de ver se tudo andava como era justo, passei a palavra a outras cousas, não o querendo enfadar mais com as de Maracanã.

Não ha que espantar-se que assim se houvesse com a missão de Maracanã, sendo-nos dado o governo temporal de todas as aldêas d'El-Rei, sem nenhuma excepção, quando, antes de partir do Maranhão, mandou por um sargento uma carta a Agostinho Corrêa, capitão-mór de Icatú, para ler ao missionario João de Avellar, em que dizia não se mettesse, dahi por diante, no governo temporal dos indios daquellas bandas do rio de Itapicurú e Mony, mas que as governasse o capitão-mór, nem se lhe dessem remeiros nem pescadores, pois tinha os Guajajaras, que El-Rei deputava para o serviço das missões, dentro das trinta leguas da cidade ; e já que, por occasião, fallei deste ponto, quero referir o fim delle.

Avisou o Padre João de Avellar ao Padre Antonio Coelho, reitor do collegio de Nossa Senhora da Luz, do Maranhão, do que se passara, e elle lhe respondeu pelo parecer de seus consultores, que pedisse um traslado daquella carta ao capitão-mór de Icatú, Agostinho Corrêa, e se elle o não quizesse dar, continuasse como dantes, conforme as leis de Sua Magestade, e como a mesma ordem teve o capitão-mór de Tapecorú, Pero Paulo, senhor de engenho e amigo da Companhia, disse ao Padre missionario, Manuel Rabello, que succedeu ao Padre João de Avellar, que fora mudado para S. José, em logar do Padre reitor Antonio Coelho, que lá se houvesse conforme lhe parecesse bem. E nisto parou a causa, servindo-se o Padre missionario dos indios de sua missão, sem recorrer aos Guajajaras, distantes duas para tres jornadas para lá, porquanto lhe é impossivel ter de

lá os remeiros e pescadores e sustental-os, dando-lhes seu pagamento, pois é missionario pobrissimo, que não tem senão as esmolas dos indios e brancos, que moram ao redor de sua residencia, e ser a bem delles, para a missa e sacramentos, com a licença de seu parocho.

Mas, para tornar a continuar e referir as cousas acontecidas pelas bandas do Pará, em tempo da visita do Padre superior José Ferreira em o formoso rio das Amazonas, que eu tinha interrompido, direi que chegou Hilario de Moraes, filho morgado de Manuel de Moraes, senhor de engenho e das melhores casas que ha na praça da cidade, pedindo ao Padre reitor Bento de Oliveira que, visto ter fallecido seu pai, juiz perpetuo de S. Francisco Xavier, se offerecia elle para continuar aquelle juizado. Foi isto aos 17 de novembro do anno de 1696. Aceitou o Padre reitor a offerta e elle foi fazendo a festa do santo naquelle mesmo anno, pregando eu com muita satisfação de todos que se acharam no grande concurso daquella festa, sendo dados antes os exercicios aos cursistas, os quaes os fizeram com muito fervor e depois delles começaram o seu segundo anno ao primeiro de janeiro de 1696.

Vieram por naquelle tempo cartas do Padre João da Silva, missionario dos Abacaxizes, dando por novas como pelo caminho se alagara a canoa com alguma perda, porém ficara com saude em sua aldêa, que constava de quinhentos indios. Por esse tempo fui eu para a roça de Jaguarary, para fazer as festas do Natal; e porque no caminho está o engenho de S. Francisco de Borja, que tinha um Belemsinho mui bem feito para aquella noite, e rogaram-me quizesse lá ficar para dizer a primeira missa na igreja de N. S. de Nazareth, e como isso não frustrasse a espectação dos de dentro e de fóra que se tinham lá ajuntrado, deixei-me ficar, e disse a primeira missa do Natal, antes e depois da qual houve bellas representações daquelle divino mysterio, do qual fiz doutrina e pratiquei, e depois disso fui com toda a pressa para roça de Jaguarary, para lá dizer as outras duas missas, como disse, ouvindo primeiro de ambas as bandas as confissões e dando a communhão aos indios e brancos devotos do Santo Nascimento do Senhor. Tendo chegado o Padre João

da Silva com seu companheiro, o irmão Antonio Rodrigues á aldêa dos Abacaxizes, logo tratou de ensinal-os, baptisar uns e casar outros; os meninos que se baptisaram foram muitos; os mais se foram baptisando, conforme o permittiam as circumstancias. Adoeceu por aquelle tempo, pouco mais ou menos, uma india, a qual dizia que lhe apparecia o diabo, dizendo-lhe não désse credito ao padre, mas que lhe appareceram tambem dous padres, dizendo-lhe não désse credito a esse embusteiro, que era o diabo e por isso queria receber a agua do baptismo; baptisou-a, pois, o padre João da Silva e a chamou Maria, com tão feliz successo que este sacramento divino lhe deu juntamente a saude da alma, como os mesmos padres me contaram e do corpo, porque ficou sã e valente.

CAPITULO 6

VÃO O GOVERNADOR E O CAPITÃO-MÓR VER AS FORTALEZAS E ALDÊAS DAS MISSÕES, PARA TIRAR DELLAS OS BRANCOS E INDIOS PREJUDICIAES.

Tinham vindo dos missionarios e outros, muitas queixas do grande mal que faziam pelos sertões do rio das Amazonas uns sertanejos que, sob capa de cravo e cacáo, iam fazendo escravos contra as leis reaes de Sua Magestade, e havia uns indios de certas nações mui rebeldes que até os brancos matavam, e além disso tinha o governador ordem de Sua Magestade de ir ver as fortalezas que se tinham feito por elle no cabo do Norte e mais partes como são Macapá, Parú, Tapajoz, e rio Negro; pelo que resolveu-se, ouvida primeiro a junta, de ir ver as fortalezas, para fazer descer e castigar os sertanejos e as aldêas das nações que se não accommodavam com o serviço de Deus e d'El-Rei. Armou-se a tropa, si bem que em tempo de pouco commodo por falta de farinhas e por falta de indios, dos quaes tinham morrido muitos pelas bexigas e outros andavam espalhados por varias partes, como se costuma, pois não tem os pobres nenhuma quietação.

Partiu com o Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho a maior parte della, indo tambem em sua companhia o ouvidor geral, o provedor-mór, o capitão João de Moraes, o reverendo padre provincial do Carmo, o commissario de Santo Antonio. Houve grandes disparos de peças de artilharia na partida, resoando o clarim e tambores pelos ares, e assim foram caminhando até o engenho de S. Francisco de Borja, pertencente a D. Catharina, nossa irmã, e como seu sobrinho, Luiz Vieira, tinha á custa della aviado muitas conôas, foi-se o governador despedir della, de passagem, de onde se originou o aleive que logo lhe levantaram que ella casara com Antonio de Carvalho, capitão-mór de Cametá, irmão bastardo do governador, sendo tudo falsissimo, como mostrou o tempo. De lá partiu para banda de Jaguarary, onde eu estava por então, para se despedir de mim e que o encommendasse a Deus Nosso Senhor. Antes delle, veiu para o mesmo fim o muito reverendo Padre provincial do Carmo, frei Manoel da Encarnação e o provedor-mór com o capitão João de Moraes, Francisco Potfliz e o capitão Pedro da Costa Real, e partidos estes, como ouvi tocar charamellas e sabendo eram do governador, desci pela escada grande que ia para o rio e o esperei, dando-lhe as boas vindas e desejando-lhe boa e feliz viagem, e com isso sem muita detença nos despedimos

Partiu de lá para o Cametá a visitar de passagem a villa de Cumarú, de onde, acompanhando-o o seu irmão Antonio de Albuquerque, capitão-mór da capitania, passou pelos Ingaybas e se deteve alguns dias com o Padre Antonio da Silva, missionario delles, muito seu amigo, por lhe ter mão nos indios, e lhe não faltar com elles nem com as farinhas necessarias para as fortalezas, e mais pelo bom agasalho que fez a todos os brancos, de onde procedeu mandar-lhe Sua Magestade seus louvores e agradecimentos. Dos Ingaybas foi ver a fortaleza do Macapá, no cabo do Norte, e deixando-a provida de 20 soldados com seu cabo Manoel Pestana, com mantimentos e munições bastantes para se defender, foi-se á fortaleza do Parú, onde depois de a visitar, fez o mesmo, ficando por cabo Melchior de Ornellas. Dahi foi visitar os reverendos padres Piedosos de Gurupaytba que tinham succedido em nossa egreja e casa, e esta-

vam sem saber duas palavras da lingua com aquelles indios, fallando-lhes por interprete ou em portuguez, que debalde pretendiam traduzir, sem nunca os acharem capazes de aprendel-o, salvo na cidade, e estando, sem serem divertidos, servindo annos e annos aos brancos, com os quaes se criaram de meninos e sendo de edade aprendem duas ou tres palavras, e não as sabem senão depois de terem bebido uma gota de aguardente, da qual são amicissimos.

De lá chegou a ver a fortaleza dos Tapajóz, sita em um outeiro que, sendo eu missionario daquella aldêa e de todo o rio das Amazonas, mandei roçar, por ordem do Padre Antonio Vieira, superior da missão e visitador della, no anno de 1661, pelo mez de agosto, pouco mais ou menos. Era capitão daquella fortaleza e superintendente da do Parú e rio Negro, feitas á sua custa, o capitão Manoel da Motta, filho natural de Manoel da Motta, que primeiro alcançou estes postos, com a condição de fazer aquellas fortalezas.

Lá fallou o Padre João Maria, missionario, com o governador, e lhe communicou como se lhe offereciam umas vinte aldêas de lingua geral, de nação de.... para se descerem ; pediu-lhe o governador as descesse para as aldêas de baixo, mas, como estas não teem descanço, nem com ellas se guardam as leis de Sua Magestade, não as quer o padre descer, salvo seja com condição que não sirvam senão quando e a quem quizerem, pois estão em terras fartissimas, e não pretendem de se descer para onde está o padre sobre o rio dos Tapajóz, sinão meramente para serem christãos e tratarem de sua salvação.

Dos Tapajóz, onde o Padre João Maria fez casas e bellas hortas, e está para fazer uma egreja de taipa de pilão, com a vinda do capitão seu amigo, partiu o governador com todo seu acompanhamento para os Tupinambaranas, onde se agasalhou uns dias na residencia do Padre Antonio da Fonseca, o qual o recebeu, conforme sua pobreza, o melhor que poude; porém, pedindo-lhe o governador conta das aldêas, respondeu elle que isso já tinha dado a seu Padre superior da missão, que poucos dias antes tinha lá ido visitar.

Dos Tupinambaranas foi aos Abacaxizes, onde estava o Pa-

dre João da Silva, e ahi se deteve e depois passou ao rio Negro; lá viu a casa forte que o alferes Ambrozio Muniz tinha governado annos, e em cujo logar succedera Luiz de Moraes; ajuntou os indios e praticou-os para que fossem fieis aos brancos e á corôa de Portugal, a que tinham dado vassalagem. Era necessario praticar bem aquelles por terem os de seus sertões morto, pouco havia, uns brancos e tapanhunos, que andavam tirando salsa por aquelle rio; feita esta diligencia passou o reverendo padre provincial do Carmo, por ser sua a missão do rio Negro, para riba até os Cambebas, onde estava o Padre Samuel Fritz, Bohemio, das missões de Quito, donde tinha vindo para lá.

Estava mais lá, então, Manoel de Souza Fundão, tirando cacau, os quaes intimaram com toda cortezia ao Padre Samuel, que essas missões eram da corôa de Portugal, concedidas aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, e assim as deixasse a elles, pois lhes tocavam em repartição, e nada houve mais sobre esta materia. Só advirto aqui que si bem as missões dos reverendos missionarios do Carmo, que estão ahi, são boas, comtudo as nossas daquella banda para o sul, são muito melhores, sem comparação, como se dirá depois.

CAPITULO 7

PARTE O CAPITÃO MÓR DO PARÁ, HILARIO DE SOUZA, EM SEGUIMENTO DO GOVERNADOR E MORRE, NAQUELLA VIAGEM, EM GURUPÁ.

Sendo partido o governador para cima, se acharam uns pasquins feitos contra elle e outros, por uns mal affeiçoados. Foram ás mãos de Antonio Lameira da Franca, vigario da matriz e da vara e do capitão-mór Hilario de Souza; soube delles o Padre reitor Bento de Oliveira e deu por conselho que, visto terem ainda chegado só ás mãos de tres pessoas, si os supprimissem; mas o vigario da vara, não seguindo seu conselho, que era o mais acertado, publicou uma excommunhão e fez autos contra os delinquentes para saber quem eram, sendo que diziam que o autor se tinha vindo accusar em confissão.

Hilario de Souza, capitão-mór do Pará, tendo convalescido de uma grave doença que tivera, partiu aos dezeseis de dezembro, atraz do governador e o alcançou em Macapá e lhe communicou os pasquins, o que elle, como prudente, dissimulou, havendo-se como quem se lhe não dava destes aleives. Lá se apartaram e ficando o capitão-mór Hilario de Souza para a banda da fortaleza do Parú, deixou partir o governador para riba, mandando por aquelles sertões do Parú o capitão Reollos, para ver si havia indios para se descer para as aldêas de baixo, como se desceram alguns.

Adoeceu o capitão Reollos e morreu. Miguel do Rego, irmão de Gabriel de Moraes, morador do Maranhão, e foi enterrado no Gurupá, com outro moço, parente do capitão mór, o qual, vendo-se melhorado, foi ter com o governador e os mais que o acompanhavam nos Abacaxizes, onde adoeceu o Padre João da Silva, que o governador levou comsigo para o rio da Madeira, para ter singular cuidado delle. Pouco depois adoeceu tambem o capitão mór, Hilario de Souza, ficando em pé o governador, ouvidor geral e Francisco Potfliz nos Abacaxizes, para onde se tinham tornado a retirar. Ria-se o governador da fraqueza dos mais, mas elle não tardou de cahir tambem, porém indo convalescendo todos algum tanto, só o capitão-mór ficou maltratado de tal sorte, que o Padre João Maria lhe deu os sacramentos nos Tapajóz, para onde se tinham já descido; porém como foi melhorando um pouco, cuidando o Padre João Maria que estava já escapo do perigo, veio para o Pará, onde deu novas de sua melhoria; porém logo elle peorou, e chegado ao Gurupá fez seu testamento, assistindo-lhe para isso Francisco Potfliz. Deixou por herdeira Maria de Siqueira, sua mulher, e sua ermida de S. José aos reverendos padres Piedosos, para lá morarem, mandando se lhe fizesse convento para isso; deixou 20 peças a cada sobrinha de sua mulher e a seu sobrinho José de Souza, para ser clerigo, um cacoal e quantidades de missas para sua alma; e assim, recebidos todos os sacramentos, falleceu com a assistencia dos reverendos padres Piedosos. O governador, que era muito seu amigo, o visitou e mostrou seus sentimentos, pondo-se de luto, porque além de ser seu grande affeiçoado, tinha recebido delle um signal

de beneficio, e é que devendo-lhe muitos mil cruzados, conforme se diz. lh'os perdoou por testamento todos. Mandou-se o corpo morto em caixão para baixo e enterrou-se com solemnidade em S. José, logar já destinado por elle para sua sepultura, e em demonstração publica do sentimento acompanhou o corpo a soldadesca de noite e conforme o costume, que ha nos fallecimentos dos capitães móres, houve toda a noite de tempo em tempo tiros de artilharia da fortaleza da cidade. Era Hilario de Souza de boa casa, natural de Portugal, de onde veio ao Pará, onde tinha seu tio Ayres de Souza Chichorro, cavalleiro do habito de Christo, que tinha sido capitão mór do Pará e lá mesmo era senhor de engenho muito abonado ; casou com Maria Siqueira e supposto que seu tio o ajudou muito pouco, ajudou-o Deus, dando-lhe grandes bens e dois filhos, os quaes, depois de crescidos, se afogaram na paragem de Guarapiranga, vindo para a cidade com a mãi, com incrivel dôr e sentimento, assim della como de seu pai, isso achando-se sem filhos com grandes bens, casas e fazendas, e alguns 400 indios, entre escravos e outros que tinha grangeado, parte comprando-os, parte ganhando-os pelos sertões em guerras, para as quaes tinha sido mandado, por ser homem esperto, e não haver outro na noticia das terras e nações dos indios que mais sempre fosse respeitado e temido delles por todo o rio das Amazonas e seus sertões. Como elle tinha fundado com sua mulher Maria de Siqueira a ermida de S. José, esposo santo da Virgem Senhora Nossa, da qual era muito devoto, ornou-a com retabulo e imagens de vultos bellissimos e mais com paineis de grande estima da Paixão de Christo, feitos em Roma, e trazidos pelo bispo, primeiro deste Estado, D. Gregorio dos Anjos, provendo-a com ornamentos e todos os mais requisitos que se podiam desejar. Estava muito nomeado no Reino e amado na terra por ser homem quieto e já lhe tinha vindo o habito de Christo, em recompensa de seus muitos serviços, e estava esperando o posto supremo de governador e capitão general do Estado, quando offerecendo-se occasião de ir o Sr. general ver as fortalezas, quiz acompanhal-o, ainda que mal convalescido de uma grave doença, por ver que levava comsigo todos os mais ministros reaes e como os maus

climas do rio das Amazonas o acharam ainda com mui poucas forças, deram com elle na cova, ajudando para isso uma nova que veio ao governador, estando no Gurupá, a da presa e tomada das fortalezas Macapá e Parú pelos francezes, da qual logo falaremos no capitulo seguinte.

Sentiu tanto Maria de Siqueira, sua mulher, o fallecimento de seu marido que fez cousas de mulher doida de sentimentos, e poucos mezes depois falleceu tambem ella, recebidos todos os sacramentos, aos 2 de setembro, deixando por herdeira a ermida de S. José, com 600$ annuaes, aos reverendos padres Piedosos, com obrigação do administrador de toda sua fazenda lh'os pagar cada anno e fazer-lhes o convento, além de muitas esmolas e missas pela alma de seu marido defunto.

Cuidavam alguns seculares que ella e mais seu marido defunto deixariam essa ermida aos padres da Companhia, por verem o Santissimo Nome de Jesus pelas portas da casa, mas quiz Deus a deixasse aos reverendos padres Piedosos, que como novos na terra, careciam de hospicio; não se podia dar melhor a ninguem que a elles.

Quiz fazer aqui menção do capitão mór Hilario de Souza e de sua mulher, por terem concorrido com todo o necessario para se porem em via as duas missões de Matary e rio Negro, e tratado ao Padre Aluizio Conrado Pheil, missionario de Matary com tanta caridade que, estando elle na tropa de guerra, nos Abacaxizes, e vindo-lhe o padre trazido doente na canôa, o tomou nos braços e o levou para casa, tratando delle como se fôra um filho seu, do que Deus lhe terá já dado o pago e eu faço delle esta memoria em agradecimento perpetuo do beneficio recebido naquella occasião, além de outro grande que fez ao Collegio, no tempo da vinda dos Maraguazes, que o Padre Antonio da Cunha trouxe para a nossa fazenda de Mamayacú, sem falar nos 100$, que Maria de Siqueira nos deixou por testamento.

CAPITULO 8

TOMAM OS FRANCEZES AS FORTALEZAS DE MACAPÁ E PARÚ, E TENDO DISSO NOTICIA O GOVERNADOR ANTONIO DE ALBUQUERQUE NO GURUPÁ, MANDA A FRANCISCO DE SOUZA FUNDÃO, QUE AS RECUPERA COM FELIZ SUCCESSO, 1697.

Andando o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho visitando as fortalezas do rio das Amazonas para riba, tendo deixado sufficiente presidio com mantimentos e munições bastantes nas de baixo, que eram Macapá e Parú, veio o Marquez de Ferroles, governador de Cayenna, por parte da França, sobre a fortaleza de Macapá, com quantidade de canôas carregadas de solladesca para reparações de guerra e mantimentos. Viu-os o cabo Manoel Pestana de Vasconcellos e reconhecendo eram francezes, como quer que não havia guerra entre as duas corôas, Portugal e França, desceu para o porto, perguntando de longe quem eram, a que vinham, e que era o que pretendiam; respondeu o Marquez que vinha da parte de seu Rei, com ordem de conquistar a fortaleza e pedia-lhe lh'a entregasse em paz, pois era sua por direito, por estar em suas terras, e quando não, havia de a tomar com os soldados que trazia para este effeito. Respondeu-lhe o cabo Manoel Pestana que si Sua Senhoria pedisse outra cousa que se lhe pudesse dar, a daria com muito gosto, mas que por nenhum caso entregaria a fortaleza senão levada á viva força por não poder mais. Com isso subiu para riba e mandou fechar as portas, e deu ordem ao artilheiro que disparasse uma peça das que lá havia contra os francezes, que vinham marchando para cima com bandeira desfraldada e tambor... armados todos, e preparados até de petrechos de fogo para acommetter. O artilheiro, official pedreiro de seu officio, que sabia melhor manear a sua colhér para rebocar paredes que disparar peças, não acudiu logo, por não estar a peça apparelhada; com isso chegaram os francezes á porta, preparados já a botar seus fogos artificiaes e fazel-a render-se á viva força, quando o cabo Manoel Pestana, vendo-se sem animo dos que o acompanhavam, se entregou com a praça, com as condi-

ções que dirão as cartas do Marquez escriptas ao governador.

Tomada a praça, mandou Ferroles tomar e arrazar a fortaleza do Parú, o que foi feito do modo que tambem dirão as cartas, que escreveu ao Sr. general Antonio de Albuquerque.

Traslado da carta do Marquez de Ferroles, escripta ao governador Antonio de Albuquerque, que, á instancia delle, trasladei fielmente do francez em portuguez, tendo já trinta e sete annos da missão do Maranhão, neste anno de 1697, logo depois de me terem chegado á mão para esse fim.

«Depois de vos ter eu escripto muitas vezes, Senhor, que El-Rei meu amo não permittia que fizesseis edificar fortaleza da banda occidental deste rio, como terras dependentes de sua corôa, ordenou-me Sua Magestade de expulsar os portuguezes, o que me tem obrigado a vir cá, onde mandei avisar ao Sr. Manoel de me entregar a fortaleza, o que elle recusou fazer; portanto, cheguei eu mesmo em pessoa á porta della para com isso obrigal-o a não esperar o fogo de meus soldados, os quaes estavam prestes a lançar os seus fogos artificiaes e foi tal a sua obstinação que me custou muito detel-os.

«Envio-vos, Senhor, a cópia do inventario do que tenho achado nesta fortaleza; encontrei munições de guerra para o presidio e as deixei nella, tiradas as armas dos portuguezes, as quaes lhes tornei a dar; nenhum francez lhes têm feito injustiça alguma, mas uns indios tomaram algumas camisas e outros fatos miudos nas casas de fóra, emquanto eu estava na contra-escarpa da fortaleza, de que mandei restituir o que me foi possivel.

«Mando derrubar a fortaleza do Parú.

«Estes factos, Senhor, vos farão reflectir sobre o direito da França a estas terras, e vos devem significar que nunca houve linhas de demarcação entre nós, e que aquellas que declaraes terem sido feitas pelo Papa Alexandre Sexto não têm o mesmo valor em França que entre as corôas de Portugal e Hespanha, sem entrarmos mais para dentro de nossas justas pretenções.

«Convido-vos, sómente pela consideração que sempre vos prestei, a não esperarardes novas desavenças entre nós, e de con-

tribuirdes de vossa parte para conservar a nossa boa união e com o mesmo soffrimento que tive em receber todos os estorvos e injurias que têm feito os subditos de vosso governo ou do meu sobre as terras de sua dependencia ou jurisdicção, espero fareis dar fim a essas desordens, pelo que eu terei em todas as occasiões logar de vos dizer que sou com muita amisade e toda a estimação que mereceis, Senhor, vosso muito humilde e obediente servidor, —*Ferroles*.»

Esqueci-me de vos significar que tenho ordem de impedir as guerras que mandaes fazer aos indios destas terras, e de amparal-os como subditos de Sua Magestade.

«Macapá, tres de junho de 1697.»

Segue-se o traslado da que escreveu, da fortaleza do Parú, ao governador Antonio de Albuquerque, o capitão francez Lamothe-Caigron, que tambem eu fiz :

« Senhor, pelas cartas que o Marquez de Ferroles vos escreveu de Macapá, tereis sabido da razão que elle teve para se apoderar daquella praça, a qual o obrigou a enviar-me para esta, afim de fazer-me dono della, e, com sentimento, a demoli-la. Depois de ter aqui chegado, dei aviso a quem de vossa parte a guardava, para m'a entregar, o que tendo elle feito sem difficuldade nenhuma, tratei a elle e aos seus com toda a brandura que podiam desejar.

« Fui ver as casas dos indios e tendo respeitado o pouco mantimento que achei na praça, me puz fóra do estado de pode la arrazar, como tinha ordem de fazer ; contentei-me com queimar sómente as casas dos portuguezes para vos fazer conhecer, Senhor, que o Sr. Marquez de Ferroles tem ordem de impedir que façais qualquer morada estavel na parte do rio que depende do seu governo.

« Fiz conservar as casas dos indios por consideral-os vassallos ou subditos de El-Rei, meu amo, tendo o Sr. Marquez ordem de olhar para elles como taes e tomal-os debaixo de sua protecção ; e é isto o que elle diz na carta que vos escreveu de Macapá. Si não lhe tivessem assegurado que tinheis voltado ao Pará, teria dado uma chegada até aqui, para esperar por vós e vos explicar as ordens que tem.

« Tambem fiz conservar a egreja por ter ordem de respeitar os Reverendos Padres missionarios que achasse, que El-Rei, sempre Christianissimo, acha muito bem que continuem a instruir os indios desta banda até que os nossos missionarios o possam fazer.

« Tenho depositado nas mãos do Sr. Melchior Ornellas da Camara, de tudo que aqui se achou, um inventario, que se tambem vos envia.

« Dei-lhe permissão de ir pelo rio do Parú, em busca de gente e dos effeitos que lá tem, e um passaporte para que não seja estorvado pelos francezes que ficaram naquelle rio, tendo o Sr. Marquez de Ferroles julgado a proposito conservar a fortaleza de Macapá, em a qual deixou cincoenta homens para seu presidio.

« Sinto, Senhor, que a falta em que me acho me impeça de me deter aqui para executar perfeitamente as ordens que tenho, e para vos mostrar muito melhor por mim mesmo que por minhas cartas a tenção do Sr. Marquez de Ferroles, e a consideração com que sou, Senhor, vosso muito humilde e muito obediente servo, Lamothe Caigron ; de Parú, aos dezenove de junho de 1697. »

Estes são os traslados das cartas do governador Ferroles e do capitão dos francezes, ás quaes respondeu nosso governador, com muita cortezia, que pasmava que, não havendo guerra mas summa paz entre os reis de Portugal e França, viesse esta, debaixo de capa de amizade, occupar as praças da Corôa de Portugal, e para que não lhes parecesse que os portuguezes tinham menos valor e justiça que os francezes, mandou a Francisco de Souza Fundão, com uns soldados e indios equipados de tudo para restaurar a praça. Offerecendo-se-lhe boa occasião, partiu Francisco de Sousa Fundão, por ordem do governador, com grande animo de desaffrontar seu Rei com perda de sua vida, sendo necessario, para a restauração da praça, e foi com tão bom successo que, acudindo o Céo pela muita justiça da Corôa de Portugal, pouco depois de chegar ás escondidas da banda de Macapá, prendeu um lote de soldados, que em canôas andavam para fóra com o seu missionario, o Padre Claudio de La-

mousse, da Companhia de Jesus, ao qual tratou mui bem, mandando os soldados presos ao governador, para o Gurupá, por cuja ordem tornou a mandar o Padre missionario aos seus para a fortaleza do Macapá, guardando as canoas, e levando um soldado portuguez um dos francezes perto da mesma fortaleza, indo a nado debaixo de aguas cortou-lhe a corda e trazel-a aos seus. Poucos dias depois teve o cabo outro encontro com os francezes, que tinham feito uma sahida, na qual lhes matou o espia, e havia de matal-os a todos si não tivessem se acolhido, correndo com toda a pressa, para a fortaleza.

Antes que o cabo Francisco de Sousa Fundão tornasse a mandar o Padre Claudio de Lamousse aos seus que estavam na fortaleza, disse-lhes se rendessem e si não que cedo la iria obrigar a força a se entregar; assim o fez, porque não se lhe dando logo o tempo aos francezes do amigavel aviso, foi com os seus soldados acommetter o forte e quando menos se precataram acharam-se junto á porta para arrancal-a com alavanca, e como esta se dobrasse, mandou, sem reparar nos muitos tiros que faziam os acommettidos, applicar escadas e escalar os muros pelos indios, os quaes, dando uns espantosos urros, metteram medo aos francezes e o capitão-mór de La Forrée, vendo-se apertado, disparou dois pistolaços á queima-roupa contra o valoroso cabo dos portuguezes, dos quaes um lhe queimou o cabello por cima da cabeça o outro lhe passou debaixo do braço. Elle correu uma estocada ao capitão e o feriu gravemente pela virilha, com que elle pediu quartel e entregou a praça com tudo o que tinha, mas dizendo levaria para sua terra a honra de ter sido ferido de um capitão tão valoroso como aquelle; mas o brioso Fundão não quiz acceitar senão o seu espadim, que lhe offereceu.

Tinham os francezes pedido por capitulações, antes de se entregarem, os deixassem sahir com suas armas, bandeira despregada e tambor batente, mas isto se lhes negou, concedendo-se-lhes sómente a vida e passagem livre para Cayennas com o necessario para a viagem por mar, em canoas, como tinham vindo com o Marquez de Ferroles para o Macapá. Para isso os mandaram aos Aruans, que foram os que os levaram, indo com elles o Padre Claudio de Lamousse, seu missionario, da Companhia de Jesus,

por não querer El-Rei de França nem clerigo nem religioso de outra religião que da Companhia, com que acudir ao espiritual dos brancos e indios.

Pediu o capitão ferido ao cabo Francisco de Souza Fundão que lhe deixasse suas camisas, o que fez com muita vontade, fazendo-lhe mais offerecimento cortez de suas proprias, de panno fino do Reino, se fosse servido de as acceitar. Fez-se esta restauração do Macapá, pelos 10 de julho 1697 com grande credito do valor e armas portuguezas, especialmente do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que a tinha mandado fazer, e com incrivel estimado valor e generoso animo do cabo Francisco de Souza Fundão, o qual, tendo-se deixado ficar umas semanas no logar de suas victorias e gloriosos triumphos, veiu-se com grandes festas, arrastando a bandeira dos francezes pelo caminho, desde o porto da fortaleza do Parú até o palacio, onde, beijando a mão do senhor governador, lh'a entregou em signal de suas victorias, e querendo elle por algum modo começar a premiar os seus merecimentos, mandou que arvorasse geneta de capitão d'El Rei, ao qual foram as novas da restauração juntamente com as da tomada anterior de Macapá, para lá no Reino ordenar o que se havia de fazer no seu Estado do Maranhão, si os francezes, como ameaçavam, o quizeram acommetter. Quiz Deus Nosso Senhor que se restaurassem aquellas duas fortalezas Macapá e Parú, porque sem isso ficavam perdidas todas as missões da banda do Norte, e podiam ser infecionados de alguma heresia os pobres indios pelos hereges que se presume acham-se entre os francezes de Cayenna, porque na egreja dos Reverendos Padres de Santo Antonio achou-se o crucifixo e um menino Jesus feitos em pedaços, e a santissima imagem da Virgem Senhora Nossa com uma cutilada na cabeça, com grande sentimento dos portuguezes, tão amigos de nossa santa fé e do culto divino, que não só honram e veneram a Deus, mas tambem a seus Santos com incomparavel devoção.

CAPITULO 9

O QUE SE PASSOU DESDE O PRINCIPIO DO ANNO 1697 ATÉ A PASCHOA DA RESURREIÇÃO.

Ao primeiro de janeiro, dia de Jesus, préguei a festa de Jesus no Grampará, e entraram nos exercicios os noviços; aos quatro foi o Padre Superior José Ferreira visitar o Padre Miguel Antunes em Mortigura, na canôa do Padre Antonio Vaz, que ia para comprar farinhas para sustento do indios novos de sua aldêa de Xingú. Contaram os que de lá vinham como um Balthazar Furtado, filho de Cametá, fôra descer uns indios que o Padre Antonio Vaz tinha mandado trazer á sua custa do sertão, situado da banda de além da aldêa de Xingú e os levara para a capitania do Cametá. Encontrando-me eu depois com elle, perguntei-lhe com que confiança descera indios alheios, já aldeados pelo Padre Antonio Vaz; respondeu-me que, indo para descer Jurunas do Matto, achara aquelles espalhados fóra de sua aldêa, em busca de sustento, e assim os trouxera, por elles mesmos virem nesta sua descida, para não morrerem de fome, que naquelle tempo das bexigas era tanta, por falta de roças, que os padres compravam farinhas á custa de suas residencias para sustentar os indios; e isto tanto assim que o Padre Antonio da Silva, missionario dos Ingaybas, onde é a Mãe das farinhas, mandou buscar cem alqueires, o alqueire a cruzado, para sustentar quatro aldêas dos Teyrós, que ia descendo para Araparipucu, e o Padre Miguel Antunes tambem a comprava para acudir aos pobres indios de sua aldêa, em outros tempos abundante em farinhas; houve este anno tanta falta della em todas as partes, por não se terem feito roças, por motivo das doenças e bexigas, que no Maranhão valia no anno antecedente um alqueire dez varas de panno e ainda mal se achava, sustentando-se os indios de cocos bravos e palmitos, para não morrerem de fome. Era tanta no Pará que sustentavam-se as aldêas dos Tupinambazes com laranjas ainda mal maduras, para não perecerem; e como tambem deu esta fome, pela razão da falta das farinhas,

na capitania do Cametá, a loeceram os indios novamente descidos e detidos da banda dalém do rio, sem remedio, de varias doenças, e do cento e cincoenta só escaparam até agora vinte, o que não aconteceria si os tivessem deixado estar debaixo do cuidado do Padre Antonio Vaz, seu missionario do Xingú.

Aos 16 deste mesmo mez de janeiro, partiu o Padre superior José Ferreira, com o irmão Manuel da Silva, coadjuctor temporal, para o Maranhão, donde, até então, não tinha vindo nova de consideração. Passou pela roça de Mamayacú, onde achou muitos fallecidos, assim lá como na aldêa, mas todos com os sacramentos, pela muita diligencia com que tinha acudido o Padre Antonio da Cunha. Partindo de lá, visitou na villa da Vigia de passagem, a milagrosa imagem da Virgem Nossa Senhora de Nazareth, e da lá partiu ao Maracanã, onde o Padre Diogo de Costa, si bem não tinha os 25 casaes concedidos pela lei aos missionarios, tinha os necessarios para seu sustento e suas viagens, para as occasiões em que lhe eram necessarios, e como é mui zeloso do culto divino, tinha, para maior devoção de seus indios, mandado fazer umas tres imagens de vulto, uma de Nossa Senhora da Ajuda, outra de S. Miguel Archanjo, outra de S. Francisco Xavier, e juntamente renovar a pintura de Santo Antonio Portuguez, com que encheu todos os nichos do retabulo que elle mesmo tinha traçado e mandado fazer, por sua direcção, por Martinho, cunhado do principal, e outros indios carapinas do Maracanã, tendo ido os mesmos indios por sua devoção ao cacáo, para pagamento de todas aquellas obras, com que ficou mui ornada sua egreja de taipa de pilão, que se fez, annos ha, em tempo de Lopo de Souza, principal estimadissimo, do habito de Christo, pai de Francisco de Souza, que agora governa a dita aldêa de Maracanã. E sendo esta a aldêa que tem a seu cuidado as salinas d'El Rei, houve este anno, assim pelos descuidos de quem a governava, como pelas muitas chuvas, tanta falta delle nesta mesma aldêa, que o Padre Diogo da Costa se viu obrigado a pedir um prato delle para a panella ao Padre reitor do Collegio do Pará, em quanto não chegavam uns alqueires que tinha mandado vir de Tapuytapera, onde havia muito sal do anno atrazado das salinas naturaes, que ahi ha e tem para todos a

quantidade de sal que se quizer mandar apanhar ; e porque houve queixas contra o branco que governava as salinas d'El Rei, no Maracanã, o mandou vir preso o sargento-mór José Velho, que era logar do governador e governava o Pará, em tempo de sua ausencia pelos sertões.

Do Maracanã, passou o Padre superior para a capitania do Caethé, onde achou o Padre João Carlos, o qual tinha preso o seu companheiro, o irmão coadjuctor Ignacio da Silva, por umas rapazias do moço, com que, logrando a sotaina, se tinha fugido para a aldêa, vestido em secular, com escandalo de indios e brancos, com que foi castigado mui bem e despido logo como indigno do habito, que tão ligeiramente tinha largado. Era esse moço do Maranhão, filho da terra, que depois casou em casa de Dona Catharina, com Maria da Fonseca, moça honrada, que quiz desposal-o pelo amor de Deus Nosso Senhor; lá o vi eu, e disse-me Dona Catharina da Costa que procedia com grande satisfação, que lhe ensinava sua gente a doutrina todos os dias, e que o achara um dia chorando e dizendo estava com grande receio o castigasse Deus por ter deixado a Companhia.

Achou o Padre superior o capitão-mór do Caethé e todos os moradores totalmente trocados, porque, tendo sido dantes tão contrarios ao Padre João Carlos, por engano do inimigo, que não trata senão perder as almas, achou-os todos tão amigos que o capitão-mór estava convertido todo e feito um devotão do padre, e os mais tão amantes delle que era o seu ai Jesus e não sem razão, porque, sendo o Padre João Carlos homem de Deus, não trata dias e noites senão do bem e salvação não só dos indios e mas tambem dos brancos, supprindo as vezes de seu parocho, que lhes falta, e acudindo-lhes em suas doenças e necessidades, como medico experimentado, com as mezinhas que lhe ensinou a sua muita caridade. Folgou o padre superior muito com aquella paz e união, e mui contente e satisfeito se partiu para o Maranhão, onde chegou pelo entrudo, ajudando lá os padres do Collegio de Nossa Senhora da Luz, nas 40 horas, que sempre se fazem com toda a solemnidade, e supposto havia lá quantidade de pregadores, assim mestres de theologia, como eram o Padre Fructuoso Corrêa, lente de moral, como o Padre mestre Ignacio

Ferreira, lente da especulativa, com seus discipulos theologos espertos todos e bons pregadores, conforme me disse o governador, que os ouviu, comtudo não deixou de ajudal-os.

Houve tambem, pelo mesmo tempo, 40 horas no Grampará, em a egreja de S. Francisco Xavier ; preguei, no domingo do entrudo; na segunda-feira o Padre Miguel Antunes, e na terça-feira, como mais autorizado e de mór concurso, o Padre reitor e mestre do curso, Bento de Oliveira. Houve muitas confissões e communhões no Maranhão e não poucas no Pará, mas não foi menor a devoção dos que assistiram na egreja ao Senhor, exposto todos esses dias. Houve tambem sextas-feiras no Pará, na mesma egreja, as quaes eu fiz, pregando o Padre reitor Bento de Oliveira o sermão da Paixão e não faltaram lagrimas de penitencia naquella occasião, principalmente ao cabo do sermão da Paixão. O sepulchro do Maranhão seria admiravelmente preparado pelas bellas mãos do irmão Marcos Vieira, sacristão antigo e mui querido de Nossa Senhora da Luz, mas com licença sua, parece-me lhe levaria a palma o do Pará, como levou, sem nenhuma duvida, a todos os mais da cidade, assim na multidão das vellas brancas como na belleza e grandeza da obra, feita toda com papel encrespado, e coberto de lata, que lhe dava um lustro incomparavel em o parecer de todos; não fallo nos officios das trevas, porque no Pará houve bellas e mui gabadas vozes de gente destra no canto ; tambem por toda a quaresma houve assistencia dos muitos reverendos padres das Mercês, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus motetes devotissimos, accommodados á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

Supposto houve tudo isso no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, não deixaram os poucos padres que lá havia, sem embargo de serem achacosos, de desobrigar brancos e indios, mais que em nenhum anno dos atrazados por se achar indisposto o Vigario e não o quererem ajudar os clerigos de graça, e assim concorrerem quasi todos para nosso Collegio.

Tinha o Padre João da Silva, missionario dos Abacaxizes, praticado os Araras para descel-os para sua aldêa, por estarem

de sua banda ; mas os levaram os padres missionarios Piedosos para Gurupatyba, onde morreram em parte, e por fazer o Padre superior José Ferreira disso queixa ao governador, este man. dou tomar de lá o restante delles e os mandou para Guamá, aldêa de nossa jurisdicção.

O Padre João da Silva, missionario dos Ingahybas, que no anno 1697 tinha descido 250 pessoas de lingua geral para a aldêa de Araparipucú, que então era de Vital, praticou os Teyrós e desceu 200 para 300 para a mesma aldêa, no anno 98 mais 270 e no anno 99 desceu 204, além dos que mandou buscar.

CAPITULO 10

PARTE O PADRE JOÃO JUSTO DE SUA MISSÃO DE INHUABA, DA CAPITANIA DO CAMETÁ, PARA OS TUPINAMBARANAS E DÁ-SE CONTA DOS SUCCESSOS DAQUELLA SUA VIAGEM.

Não me estranhe ninguem de pôr aqui eu a mudança do Padre João Justo, acontecida pelos 17 de janeiro do anno de 1697, tendo já referido a tomada e restauração da fortaleza de Macapá, e morte do capitão-mór Hilario de Souza, acontecida muito depois, porque como estas cousas não tocaram tanto ou pouco mais de nada a missão, quiz, comtudo, pelas razões já dadas, fazer menção dellas e acabal-as por uma vez, para tornar a continuar as da missão, mais chegadas umas ás outras. Digo, pois, que o Padre superior da missão deputou ao Padre João Justo, missionario da capitania do Cametá, para missionario dos Tupinambaranas, em logar do Padre Antonio da Fonseca, antes de partir para o Maranhão, dando principio á mudança um desgosto que o padre teve com o capitão-mór do Cametá sobre uma india, mãe de uma sua filha natural, que costumava assentar-se na egreja sobre uma esteira, junto á grade da capella-mór, a qual elle mandara retirar e assentar-se com as mais indias da aldêa, para que estando assentada em logar mais autorizado com sua filha, não parecesse ás mulheres dos principaes se acreditavam com isso os desmanchos das indias mal encaminhadas. Partiu para riba em uma canoa

mui limitada e ainda com alguns indios que lhe emprestou, parte Diogo Pereira, parte Maria da Rocha, por estarem fóra os seus remeiros, nem chegou ao Collegio para se aviar para a viagem ; deixou encommendada a residencia de Inhuaba com tudo quanto continha a Diogo Pereira de Lacerda, constituido por mim procurador antes de me vir de lá, achacoso para o Pará, e assim ficou a aldêa de Inhuaba, com a do Parijó, desamparada e para se desobrigar da Quaresma, que se ia chegando, despediu-se de mim por carta, pedindo-me perdão se em alguma cousa me aggravara em tempo que estivera por meu companheiro.

Foi-se assim mal remado aos Boccas, onde o Padre João Angelo o ajudou com o que poude; de lá chegou aos Ingaybas, onde o Padre Antonio da Silva tambem o soccorreu, por vêl-o andar tão mal accommodado. Chegou a Xingú, onde o ajudou o Padre Antonio Vaz ; partindo do Xingú para os Tapajós, não achou o Padre João Maria, o qual se tinha ido para escolher e preparar sitio para seus Carissorazes, que se queriam descer junto a elle, como pae amante que os tinha convidado, annos havia, para virem ao gremio da egreja e alcançarem a salvação de suas almas.

O que visto, partiu sem se deter mais para os Tupinambaranas, onde chegou depois de uns cinco para seis dias de jornada. Recebeu-o o Padre Antonio da Fonseca como um anjo vindo do céo, e com as ordens do padre superior lhe fez entrega da residencia e missão toda, dando-lhe conta de tudo para se governar como convinha nella. Não esteve muitos dias na aldêa sem sentir algum abalo, o qual o Padre Antonio da Fonseca lhe tirou com uma boa ajuda que lhe tinha ensinado sua muita caridade. Estando já melhorado o Padre João Justo, partiu de lá o Padre Antonio da Fonseca para o Pará e navegando para baixo se viu acommettido de umas sezões que não o molestaram pouco pelo caminho, e com ellas chegou ao Collegio pela festa da Ascenção do Senhor para o Céo, mas muito quebrado e fraco pelas muitas faltas que padecera em uma tão prolongada viagem. Trouxe uma carta do Padre João Justo em que pedia o viesse acompanhar Manoel Pereira, filho de Diogo Pereira,

avisando-o trouxesse comsigo livros de philosophia, para estudar e poder ficar como moço honrado de boa casa; mas o moço, adivinhando prudentemente o que a elle e ao padre poderia acontecer por aquelles sertões, tão pouco sadios, escusou-se cortezmente e se deixou estar com seu pae.

Ficou, pois, o Padre João Justo só, acudindo aos indios de sua aldêa e outras, todas de visita, ensinando e baptisando a todos; até os que o Padre Antonio da Fonseca deixara ainda cathechumenos, porque não tinha então branco nenhum senão um moçóte, filho de Matheus Coelho, que tinha ido para tratar os negocios de seu pae, e o Padre José Barreiros, que tinha ido para os Maraguazes e lá assistia, tendo aldêas bastantes e todas dispostas sobre um lago com bella vista e abundancia de tudo, em tal distancia que com facilidade podiam acudir á doutrina e missa todos os seus freguezes. Pouco aturaram esses missionarios de riba, sem adoecer e virem para baixo. Adoeceu primeiro o Padre Antonio da Silva, que esteve nos Abacaxizes, após elle o Padre José Barreiros e vieram para baixo ambos curar-se no Collegio, donde partiu já convalescido o Padre João da Silva, para a sua missão, com o irmão Antonio Rodrigues; e o Padre José Barreiros está a partir para a capitania do Cametá, com o Padre Antonio Gonçalves, o qual está para voltar em breves dias.

O Padre José Barreiros, após elles, se viu com umas vertigens mui molestas; ficando assim, passou ao Padre João Angelo os seus Boccas, e de presente está no Collegio, curando-se dellas, com alguma melhora, para ir outra vez para a sua aldêa.

O Padre João Maria, missionario dos Tapajóz, tambem se veio para baixo, mas foi para fazer uma canoa de viagem, a qual mandou fazer por seus indios de piquy verdadeiro nos mattos de Jaguarary; mas como lh'a botaram a perder, comprou uma por 100$ a Maria de Siqueira, mulher do capitão-mór, que Deus tenha, antes della fallecer. Nella se voltou para sua missão, levando uma carta de excommunhão passada pelo vigario da vara Antonio Lameira da Franca, contra um sargento e outro, que o descompuzeram, tirando-lhe da mão á viva força um indio de seu mando e rasgando-lhe com a alabarda a roupeta; porém

não usara della, porque veio Manoel da Motta, capitão do Tapajoz, perguntar ao Padre reitor si o dito sargento era excommungado, que si o era estava prompto para se absolver da excommunhão; mas o Padre reitor o remetteu ao Padre superior da missão, a quem tocam semelhantes cousas, pertencentes a elle e aos missionarios de suas residencias; e assim se aquietou tudo em boa paz.

Vae o bom velho Padre João Maria, já passando de 71 annos de idade, e comtudo trabalhando com o fervor e zelo de moço, na missão dos Tapajóz, onde, dizem, quizera Sua Magestade mandar fazer o Collegio e villa; mas isso será tarde, por ser logar assás doentio; entretanto levantou o Padre lá suas casas e hortas mui lindas, com tenção de levantar cedo uma bella egreja de taipa de pilão á Virgem Senhora Nossa da Immaculada Conceição, a cuja honra dediquei essa missão desde seu principio do anno 1661, sendo o primeiro missionario della.

Fizeram-se neste anno as 40 horas com grande solemnidade, assim no Pará como no Maranhão, e do mesmo modo as sextas-feiras da Quaresma, com a devoção e concurso costumados. Uma cousa houve particular no Pará, e foi que aos 16 de janeiro mandou o padre reitor Bento de Oliveira expor primeiro o Senhor em imagem feita e pintada por sua ordem por Manoel João, entalhador. Eu tive a honra de prégar na festa, mostrando como o Senhor nos mostrava a todos o modo de sermos martyres. E porque as aldêas da capitania do Cametá tinham ficado sem missionario, por se ter ido o Padre João Justo para os Tupinambaranas perto da Quaresma, pediu o Padre reitor Bento de Oliveira ao Padre Manoel Coelho, do habito de S. Pedro, quizesse supprir aquella falta para desobrigar os indios, emquanto não houvesse missionario nosso que se pudesse mandar, por estarmos occupados em pregar; fel-o elle com muita satisfação e tanto que os indios o tornaram a vir buscar depois, para com sua assistencia poderem fazer a festa de S. Pedro e S. Paulo, orago da aldêa de Inhuaba ou de residencia.

CAPITULO 11

VÃO-SE CONTINUANDO OS ACONTECIMENTOS QUE HOUVE ATÉ 14 DE ABRIL

Com a ida do Padre superior José Ferreira para o Maranhão, que foi aos 16 de janeiro de 1697, houve alguma mudança entre os missionarios, porque o Padre Antão Gonçalves, que estava em o Mareú com os Guajajaras do rio Pinaré, foi mudado para nossa roça de Anindiba, dando-se-lhe por companheiro o irmão Antonio Gomes; o Padre João de Avellar, que já havia annos estava na missão do rio Tapecorú, acudindo com grande trabalho á aldêa de S. Gonçalo, junto á villa de Icatú, para onde finalmente se tinha mudado por medo dos Tapuyas, foi mudado para S. José; e o Padre João Ribeiro para Mareú a ter cuidado da aldéa, e juntamente de nossos curraes de gado vaccum, que por essa banda temos nos pastos novos, dados por nova data de sesmaria pelo capitão-mór de Tapuytapera Henrique Lopes, pelos poderes que tem do donatario para datas dentro dos termos de sua Capitania. E porque os escravos do Collegio foram achados pouco cuidadosos e fieis, foi posto um homem branco por seu salario, que tivesse o quinto da criação que nascesse; houve sem embargo disso grande mortandade em a criação, morrendo umas 180 crias aquelle anno, em o qual se contavam 400 cabeças de gado já crescido, de onde se vae tirando de tempos em tempos o que se necessita para o Collegio se sustentar, pondo-se nos pastos da Ilha ou de S. Marcos para engordar, por entretanto, o que se não vae cortando.

Havia grandes esperanças de sal em as nossas salinas da ilha de S. Francisco, mas como sobrevieram grandes pancadas de agua que botaram a perder a agua do tanque grande que já se ia coalhando, não se apanhou sal, nem no Caethé, nem nas salinas de El-Rey, no Maracanã, de onde não vieram senão uns 180 alqueires pela mesma razão. Esta foi a causa de tanta carestia de sal em o Pará, onde se comprava um alqueire a 4$; nem houve onde recorrer senão a um pouco que dos

annos atrazados tinha ficado no Maranhão, e a quantidade delle que tinha havido em salinas naturaes de Tapuytapera.

Mandou Antonio de Souza, juiz da Camera, prender um homem, o qual como chegou defronte do convento de Nossa Senhora do Carmo, escapando das mãos da justiça, botou a correr e valeu-se da portaria para escapar.

Acudiram logo os frades todos e o metteram para dentro, e sem embargo de requerer o juiz o seu preso lh'o não quizeram entregar, dizendo-lhe que valia a immunidade da egreja. Ajuntaram-se os Camaristas, tomando seu conselho sobre o caso, e para se assegurarem tomaram tambem os pareceres dos religiosos letrados e não faltaram alguns que disseram que lhes não valia. Eu não me metto, mas digo sómente que dizem Castro, Paleo, o Padre Avendanha e outros ser sentença commum que vale o sagrado até aos fugitivos por dividas que se devem a El-Rei, de onde se colhe a solução para os mais casos desta materia de presos fugidos para a egreja ou sagrado.

Ora que fallamos desse preso do Maranhão, não parece fóra de proposito fallar em outros, que quasi pelo mesmo tempo se mandava prender por dividas no Grampará. O caso foi este.

Devia o mestre-mór João, morador da cidade de Belém, uma somma de dinheiro a El-Rey, por ter tomado sobre si parte do contracto das tainhas do pesqueiro da ilha Grande de Joannes, e porque tardava de pagar, tratou o provedor da capitania de mandar prendel-o; soube elle disso e como pretendia botar a divida ás costas de João de Mattos, almoxarife da cidade, pae de nosso irmão Sebastião Pereira, de presente cursista do Collegio de Santo Alexandre, acolheu-se para a Santa Casa da Misericordia. Logo que o provedor teve noticia disso, mandou seu meirinho com outro adjunto prendel-o, dado que não estivesse na egreja ou na sacristia, mas somente em outros aposentos da Misericordia e que elle não cuidava serem privilegiados. Veiu o reverendo licenciado Antonio Lameira da Franca, vigario da matriz e juntamente da vara, tomou parecer commigo, que naquelle tempo estava só no Collegio; respondi-lhe eu que havia variedade de pareceres em algumas prisões, afim de que

seguisse sua mercê os estatutos da Santa Casa e por elles se governasse, para não errar. Com esta resposta, foi ler os estatutos e achando nelles expressamente que valia o privilegio ao preso, e que ninguem podia tirar de lá algum homisiado nem ainda entrar, sem licença para esse intento sob pena de excommunhão, declarou o provedor incurso com seu meirinho e outro adjunto que para lá tinha mandado, sem attender que o provedor tinha por sua parte razões bastantes para não ter incorrido. O adjunto logo se foi absolver e o provedor, supposto se queria fazer absolver, era com certas condições a saber: que fosse em segredo, reservando seu direito para o allegar no Reino.

Veiu o Padre reitor Bento de Oliveira para o Collegio e trabalhou muito para pacifical-os; porém, como por nenhum modo quizeram os irmãos da Mizericordia ceder um ponto, sem embargo de elle lhes dizer que viriam reprehendidos do Reino, foi o provedor absolver-se, depois de ter sido posto como participante, não ficando os padres da Companhia livres de murmurações de qualquer parte que se puzessem. Portanto, melhor é ançarmo-nos de fóra em semelhantes occasiões, mostrarmos somente os Doutores que tratam dessas materias, para lá se governar cada qual como, depois delles vistos e consultados, lhe parecer; e se forçosamente for necessario depor por uma parte, sempre parece de mais credito nosso pormo-nos de parte da egreja, ao menos quando os autores tem o seu caso por mais provavel, remettendo, porém, todos ao padre superior, o qual poderá consultar para que concordemos todos, conforme a nossa regra expressamente o ordena.

O bom será notarem os nossos que nos casos tocantes ás fazendas reaes a seus ministros, nunca convém que nos mettamos, porque os da parte contraria, sempre vejo virem condemnados do Reino e si não castigados, ao menos bem reprehendidos como depois aconteceu no caso presente, o qual tudo remettido para o Reino pelo provedor da fazenda, veio julgado e elle castigado, sendo reprehendidos todos os mais.

CAPITULO 12

RELATA-SE A MORTE E ENTERRO DO PADRE GASPAR MISSEH.

Aos quatorze de abril do anno 1697, vespera de S. Marcos Evangelista, falleceu em o Collegio de Santo Alexandre o Padre Gaspar Misseh, com todos os sacramentos e com a assistencia dos padres, entre as 5 para as 6 horas da manhã. Concorreram para seu enterro os reverendos padres das Mercês, Carmo e Santo Antonio, por ser muito conhecido e amado de todos elles; os reverendos padres de Santo Antonio o carregaram para a sepultura, e estando exposto á vista de todos em a egreja se lhe fez officio de corpo presente pelas duas communidades de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora das Mercês, achando-se tambem presentes muitos clerigos e seculares, seus amigos e conhecidos. Enterrou-se pelos nossos, acabado o officio, na capella-mór, para banda do Evangelho, pelas 11 horas do dia. A causa de sua morte foram umas dôres que, sem lhe dar descanço nenhum, o atormentavam de dia e de noite com tão grande aperto, que, sendo pacientissimo, o obrigavam a dar uns ai Jesus me valha, quasi continuos para o Céo.

Tinha andado com uma quebradura, havia já annos, e esta estava já tão crescida que parecia uma botija, e além desta tinha umas dôres que o aleijavam de tal sorte pelos braços que não ficava senhor si. Sua cama era um catre sem colxão e sem cobertores que prestassem, por elle mesmo o querer assim; o seu comer era o da communidade ou uma tijella de leite que comia com farinha, achando-se algum peixinho dava se-lhe e não havendo contentava-se com farinha, só; nunca almoçava e a noite passava muitas vezes com farinha só, e sendo criado mui mimosamente em casa de seus paes, conforme me contou, nunca em sua doença se queixava do comer, e como não tinha já dentes na bocca achando-se peor do costumado, bebia apistos para se sustentar. Assim andava gemendo e soffrendo, sem nunca dar oppressão ao Collegio, até uns quatro dias antes de sua morte, nos quaes, tendo recebido os sacramentos, se o vigiou com grande

cuidado. Coube-me a mim de assistir-lhe da meia noite por diante, e neste tempo lhe leu o Padre reitor Bento de Oliveira, a instancia delle, a sagrada paixão de Christo Senhor Nosso, e lhe li eu muitas orações mui devotas e fiz com elle muitos actos de virtudes, principalmente theologaes, com uns bellos colloquios ao crucifixo que affectuosamente beijou, sempre em seu juizo perfeito; um pouco antes de morrer pediu-me lhe dissesse a *anima Christi* e que o erguessemos um pouco; disse-lhe eu a oração e chegado aos versos *in hora mortis mea vox adjuvet me venire ad te*, desmaiou, com que lhe rezei logo o officio de agonia, em o cabo do qual, entre os santissimos nomes de Jesus, Maria e José, deu a alma á seu Creador, com a maior quietação e paz d'alma que se pode desejar. Começaram a chorar todos os padres e irmãos pelo sentimento de sua morte, que sem duvida foi muito preciosa diante do acatamento divino, pois era de um grande servo seu, que trinta e sete annos o ia servindo só nesta missão, e porque eu o conheci desde menino, referirei aqui um resumo brevissimo de sua vida para que venha em conhecimento de todos.

Era o Padre Gaspar Misseh natural da cidade de Luxemburgo, de paes muito honrados e muito ricos; criou-se em nossas escolas e em casa sua com muito temor de Deus e amor da Virgem Santissima, de cuja amparação sempre foi *confessando e commungando* cada quinze dias, sendo nós sempre ambos da mesma classe, e, da mesma maneira, foi elle sempre dos primeiros assim na devoção como nos estudos, até acabar a rhetorica e fomos juntos acabar as humanidades. Apartamo-nos, indo elle estudar philosophia, parte em Colonia e parte em Moguncia, e eu em Tréveris, tambem cidade da Allemanha. Acabado o curso, entrou o Padre Gaspar no noviciado em Tréveris, havendo eu de ter entrado antes delle se não fôra um primo meu, que vindo de estudar theologia no Collegio Germanico de Roma, me aconselhou fosse com elle estudar direito em Cunanio, a mais afamada universidade que ha nos estados de Sardenha. Nunca mais nos vimos depois, por entrar o Padre Gaspar na Companhia, pela provincia Rhenana da Allemanha e eu na Gallo-Belgica. Nos encontramos em Lisboa no anno de 1660, vindo cada um de nós de

sua provincia, depois de termos ensinado a todos as humanidades e estudado theologia.

Vinha eu da minha provincia com o irmão theologo Jacob Coelho, e o Padre Gaspar da sua com o Padre Theodoro Hens. De Lisboa partimos juntos para esta missão no anno de 1660, e chegámos ao Maranhão aos vinte de janeiro do anno de 1661, dia de S. Sebastião. Do Maranhão viemos ao Pará, onde vivemos, já juntos, já apartados, trinta e sete annos, conforme se referiu em seus logares desta chronica ; estivemos juntos no Tapará e escondemo-nos nas ilhas do Marapatá, expulsados no Pará, porém arribámos e ficámos depois sempre na missão até elle morrer no Pará, levando-me seis mezes na idade antes de sua morte. Era o Padre Gaspar Misseh mui querido de dentro e de fóra por seu bom modo e conversação em todas as materias, e por sua muita virtude, era muito humilde e sendo grande humanista, principalmente excellente poeta, nunca fazia galla do seu saber. Era tão pobre, que muitas vezes se contentava de farinha, só para não fazer gastos ao Collegio, e até quando estava doente nada pedia de cousa custosa e era sua cama um retrato de pobreza, que assaz se manifestou a todos depois de sua morte, quando viram o seu cubiculo com tão pouco que ficaram pasmados. A sua castidade era angelica em a qual nunca offendeu gravemente a Deus, sendo que foi varias vezes gravemente tentado por mulheres, que pretendiam de lhe tirar aquella preciosa joia, uma vez no Reino outra nos Ingaybas, segundo elle mesmo m'o referiu como amigo meu.

Sua obediencia era tal que nunca recusou cousa que se lhe mandasse, por difficultosa que fosse, executando logo com muito gosto o que lhe era mandado ; o seu amor de Deus e á Virgem Senhora Nossa lhe era tão impresso no coração que sempre se lhes estava encommendando ; o amor do proximo e zelo das almas assáz foram vistos em os trinta e sete annos de missões mais difficultosas, com cuidantes riscos de sua vida, pois tres vezes estiveram os Tapuyas para lhe tirar a vida; a sua mortificação e paciencia não necessitam de outra prova que o grande soffrimento que sempre teve, não sómente nas grandes faltas que padecia pelas missões, mas nos seus continuos achaques, muitas

molestias e doenças gravissimas que teve por varias vezes; em uma palavra, era em tudo varão mui religioso e verdadeiro filho de Santo Ignacio.

Estando para morrer, ouvi que dizia: Senhor, mais graça e mais dores, oh! quem tivera agora muitas almas para levar comsigo! E parece que Deus quiz ouvil-o nisso, porque, estando em casa um indio chamado Joanim, o qual tinha sido rapaz seu nos Ingaybas, gravemente enfermo, logo que expirou o Padre foi o rapaz em seguimento delle, para o levar comsigo para o Céo na hora de sua morte, tendo mandado tantos innocentes e adultos deante de si, no tempo de sua vida, por todas as missões, nas quaes esteve com grande satisfação.

Fallecido já o Padre Gaspar Misseh no Pará, aos quatorze do mez de abril, das dores causadas provavelmente por sua grandissima quebradura, quebrou o Padre Manoel do Amaral, em a roça de Jaguarary, por se estender um pouco em sua rêde; veio-se para a cidade; acudiu-se-lhe com os remedios, com que, supposto se não achou são de todo, ao menos achou-se muito melhorado e o Padre Manoel da Costa, disse, nasceu-lhe um lobinho, mas tirou-se-lhe.

Está a casa de Santo Alexandre da cidade de Belém um continuo hospital de doentes desde o principio da missão, porque a cada passo vêm enfermos de suas residencias; só eu, seja Deus louvado, nunca adoeci, andando por todas as missões os trinta e sete annos que nellas estou; só me deu dous annos pouco menos para cá o achaque de figado, que me molestou as mãos e uma perna, porém nunca me impediu de andar trabalhando e comendo com a communidade.

Tinha-se-me posto uma frialdade nos joelhos que me impedia de fazer as genuflexões na missa; passei pela ermida de Nossa Senhora de Nazareth, e, dizendo missa em honra sua, lhe pedi me livrasse; fiz as genuflexões bellamente naquelle tempo e alguns dias depois; mas tornaram-se-me a encaixar, de sorte que não ha remedio de os sarar. Folgo muito com isso, pois é Deus servido o tenha já passante de muitos annos, com o achaque do figado, que tenho ha quatro annos, que me abrasa nesses dias o corpo todo.

No mez de março tirou-se o Padre Manoel de Amaral da classe de latim do Collegio de Santo Alexandre do Grampará, pondo-se em seu logar o Padre irmão Manoel Antunes, de presente padre de missa, ordenado pelo Illustrissimo Senhor Bispo Dom Timotheo, no anno 1698, e mandando-se o Padre Manoel do Amaral par' assistir com o irmão Manoel Lopes na fazenda de Jaguarary, onde começou à mudar as suas desconfianças costumadas em apprehensões fantasticas, e virando na sua rêde em que estava tomando um pouco de descanço, quebrou ; mas como logo chegou para o Collegio a curar-se, curou-o Agostinho, cirurgião, e ficou são deste achaque, porém logo lhe sobreveio não sei que especie de hypocondria ou doidice, a qual foi crescendo até dar com elle na cova, como se dirá depois.

Por este tempo, pouco, mais ou menos, esteve o Padre João da Silva doente nos Abacaxizes, e o governador convalescido de suas maleitas que lá lhe tinham dado, o levou comsigo para o rio da Madeira, para ter cuidado delle e tratar de sua melhoria, pois levava em seu seguimento a Francisco Potfliz, amigo de todos, e que tinha noticia das doenças e remedios dellas.

O capitão-mór Hilario de Souza, que depois de estar já melhorado de uma grande doença que lhe dera na banda da fortaleza do Macapá, quiz ir ter com o governador, que ainda estava por cima, no sertão, mas como ainda não estava bem confirmado na saude, recahiu e não melhorou mais. Melhorou por um pouco o Padre João da Silva no seu sertão e o Padre Antonio da Fonseca no collegio do Pará, da doença que lhe dera no caminho, quando veio para baixo; tendo deixado o Padre João Justo, mandado em seu logar, em a aldêa dos Tupinambaranas.

CAPITULO 13

CHEGA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO, TRAZ BISPO PARA O ESTADO E NELLE VEM O PADRE SUPERIOR AO PARA'.

Tendo os padres do collegio de Nossa Senhora da Luz, com a assistencia do Padre superior da missão, José Ferreira, feito grande fructo na cidade de S. Luiz, assim pela Quaresma como

pelas antecedentes quarenta horas, por suas pregações e confissões, eis que em o mesmo dia de Santo Antonio chegou á vista da cidade navio do Reino com o senhor Bispo do Estado Dom Timotheo do Sacramento, com o reverendo Padre frei José de Santo Antonio, ambos da sagrada ordem dos Paulistas; o foram receber com todo o zelo as religiões e os senhores da Camera, fazendo-lhe a pratica das boas vindas o capitão Manoel da Silva Serrão, com o agrado que se esperava delle.

Feitas as ceremonias costumadas, agazalhou-se em as casas grandes de Dona Maria de Almeida e Caceres, Dona viuva de Manoel Beckeman, que Deus haja na gloria, e de sua irmã Dona Helena, mulher de Thomaz Beckeman.

Não veio nelle religioso nenhum da Companhia, porque o Padre João Valladão, que se tinha ido ordenar, estando em Lisboa para partir, adoeceu de tal sorte que não poude vir nesta occasião.

As fazendas que trouxe para terra foram mui poucas e estas algumas menos boas; as novas que deu foram que, dando-lhes uma trabusana junto á entrada, fôra posto o mestre da nau Aleixo no mar, pelo impeto de um cabo em que pegára e se afogára, sem haver quem lhe pudesse valer. Estas tristes novas foram moderadas com outras mais alegres, que eram estar o Reino em paz e estar a Senhora Rainha com El-Rei nosso Senhor com boa saude, com os senhores principes, infantes e infanta, lindos todos e bonitos, e estar a serenissima Senhora Rainha prenhe outra vez já de quatro mezes, além de outras novas que não são deste logar.

Elegeu o Sr. Bispo por seu vigario geral o Sr. licenciado José Gonçalves, bem contra vontade delle, por se achar pobre e com irmão á sua conta; porém prevaleceu a vontade de Sua Illustrissima, que, sendo informado de sua muita virtude e inteireza de seu exemplar procedimento, achando que este posto assentava bem nelle, não quiz fial-o a outrem, dizendo que lá onde comesse sua pessoa comeria elle tambem; e porque se achou cansado do caminho e além disso convinha dispor primeiro os negocios do bispado da banda do Maranhão, deixou-se lá estar e ser muito amigo da Companhia e mais religiões todas.

Deus o conserve com a saude e a vida, que este Estado requer para sua reformação, á qual tratou logo de applicar-se, começando por alguns .... que mandou prender, entre os quaes o Sr. licenciado Ignacio Ferreira, o qual serviu o cargo de vigario da matriz, depois de se ter feito rebaptisar por escrupulo, sob condição, por lhe dizerem, com falsa informação, que um certo clerigo, vigario do Pará, que o baptisara, estando para morrer, declarara que tinha baptisado varios sem ter o requisito para os baptismos.

Deteve-se esse não pouco no Maranhão, antes de partir para o Pará, e nella se embarcou o Padre Superior da missão José Ferreira, trazendo em sua companhia o Padre Antão Gonçalves, e o irmão coadjutor Antonio Rodrigues. Aos vinte e nove de junho, dia de S. Pedro, chegou á vista da cidade de Belém, e entrou no dia seguinte, com summa alegria de todos, porque esperavam que com elle vinha o grande soccorro de que necessitavam; mas trouxe tão pouco que não remediou quasi nada; até o sal que trazia do Maranhão, veio nelle diminuto. O Collegio de Santo Alexandre recebeu uns dez quintaes de ferro, todos podres e inuteis para obras, com tão pouco provimento das mais cousas que esperava, que ficou em miseravel estado, por não mandarem os procuradores o que se lhes tinha pedido, tendo lá no Reino com que compral-o. Mas isto são descuidos já antigos e não ha que esperar emenda senão quando se manda desta missão algum procurador, para da Côrte acudir com diligencia aos provimentos neccessarios á mesma.

Vieram-me cartas do Padre Leopoldo Fues, confessor da Senhora Rainha, que dizia que S. M. se encommendava muito a meus santos sacrificios da missa, para que Deus lhe désse um parto feliz, e que me mandava muitas lembranças suas. Escreveu-me tambem o Padre Jacob Coelho, da Bahia, que o Padre Antonio Vieira com o Padre José Soares viviam com alguma saude, e estava o Padre Vieira naquella sua muita edade limando as suas *Chaves dos Prophetas*.

A vinda do Padre superior foi muito festejada de nós todos, que estavamos esperando por elle, e foram mui acceitos os seus

dois companheiros, porque logo serviram para acudir ás missões,

Aos dezesete do mez vieram os indios de Inhuaba pedir padre para suas festas de S. Pedro e S. Paulo, orago de sua egreja, e porque não havia quem pudesse ir naquellas circumstancias, concedeu-lhe o Rev. Sr. Padre Manoel Coelho, filho de Marianna Pinto, para acudir-lhes, como já dantes tinha acudido em o tempo da Quaresma, para desobrigação das aldêas da capitania do Cametá. Foi de grande bem aos indios essa sua ida, porque morria lá a gente de camaras, sem confissão, e elle remediou aquella falta, detendo-se lá por todo um mez.

Chegou por aquelle tempo o Padre João Maria, dos Tapajóz, e trouxe as novas da tomada da fortaleza de Macapá, do que já se tem fallado em capitulos atraz, e como o governador ainda estava no Gurupá, onde morrera o Capitão mór Hilario de Souza, e alli recebeu as novas da perda das fortalezas ambas, pedio soccorro de munição e soldados, e lh'a mandou logo o sargento-mór com quarenta soldados, dos quaes em parte se valeu o governador para mandal-os a Francisco de Souza Fundão, incumbido da restauração das fortalezas perdidas.

Dia de S. João, chegou o corpo morto do capitão-mór Hilario de Souza, que foi enterrado em S. José, com a solemnidade acima referida, e logo depois chegou o Padre João da Silva, missionario dos Abacaxizes, doente, para convalescer no Pará. Aos treze de junho, veio o Padre Antonio Vaz com os braços cahidos, por beber de noite um pucaro de agua fria, estando encalmado, em sua residencia de Xingú.

Tratou logo o Padre reitor Bento de Oliveira de sua cura e vai-se já melhorando com o remedio que lhe applicou Francisco Potfliz. Contou-me elle todo o successo da descida dos indios Muruans, que fizera Balthazar Furtado para o Cametá, sendo pertencentes á residencia de Xingú, do que já fiz menção atraz; e como, estando pelas Ave Marias, de noite, as portas da egreja fechadas, botara um rapaz uma mão pela janella dentro, e dando com um corpo palpavel, lhe dera parte do que se passava, e elle, achando-se outros presentes, lhe perguntara quem

era e que era o que queria, respondera-lhe : ha ixe, e que pedia missas, depois das quaes ditas, não apparecera mais.

Em o mesmo mez de junho, chegou tambem o Padre João Angelo, dos Boccas; vieram o Padre superior e o Padre José Barreiros doente de sua missão dos Maraguazes, cujas terras até os proprios indios naturaes dellas confessam serem muito doentias.

Convalesceu logo o Padre João da Silva, e foi-se acudir á aldêa de Miribira com os sacramentos, desobrigando uns que tinham andado divertidos em trabalhos, sem terem logar de tratar de sua obrigação, e casando outros que andavam mal encaminhados por sua propria maldade.

CAPITULO 14

RELATAM-SE OS VARIOS SUCCESSOS DOS MEZES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO.

Pelos dez de julho, restaurou-se a fortaleza do Macapá pelo muito valor de Francisco de Souza Fundão, como dito fica em riba, para irem as relações mais unidas do que neste capitulo, onde se faz menção do tempo dellas. Vieram uns indios fugidos de Cayenna para sua aldêa de Mortigura, os quaes deram por nova que o marquez de Ferroles, governador daquella praça, mandara uma fragata com soldados, peças e munições para prover Macapá; outros quizeram dizer que na volta para Cayenna lhe dera a pororóca, que lhe fizera perder quatro canoas; mas tudo foi falso, e o certo é que até agora não ha novas dos francezes, e ficou o nosso governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho muito acreditado pelo valor de Francisco de Souza Fundão, que por ordem sua foi restaurar aquella fortaleza e a restaurou com tão admiravel e ditoso successo, que basta para acreditar não só a elle mas tambem as armas da invencivel Corôa de Portugal.

O navio que tinha vindo com a pouca carga do Reino, carregou no Maranhão e Pará assucares, tabacos e sobre tudo cravo e cacáo, até não poder mais, deixando em terra carga para outros dous navios, que podiam ter vindo, se, como dizem

os que tudo querem julgar, a cobiça de alguns particulares não impedir ao bem commum.

Vespera de nosso Santo Patriarcha, partiu o Padre superior da missão e pregou em sua festa o Padre reitor Bento de Oliveira, e fez o Padre João da Silva sua profissão.

Dia de Nossa Senhora das Neves, fizeram os dous noviços Bartholomeu Rodrigues, cursista e Domingos Gonçalves seus votos de devoção na missa, que, por ordem do padre reitor, lhes disse eu, por ser seu mestre.

Publicou-se a visita do Padre Antonio Vieira no refeitorio, por ordem do padre superior, com outra visita particular ao Collegio, e delle fui constituido por seu admonitor e juntamente admonitor do Padre reitor.

Aos 10 de agosto partiu o Padre Antonio da Fonseca, já melhorado de sua doença, para a missão de Xingú, em logar do Padre Antonio Vaz, que ficou ainda para convalecer, foi sozinho sem companheiro, pouco depois partiu tambem o Padre João Maria para os Tapajóz, levando por companheiro o irmão Geraldo Ribeiro, tendo partido dantes o Padre João da Silva, com o irmão Antonio Rodrigues para sua missão dos Abacaxizes com animo de mandar de lá para baixo um tapanhuno José Lopes, que lá tinha como feitor de seus negocios o capitão-mór Hilario de Souza, que Deus tem, e mais um outro pertencente ao capitão-mór Manoel Guedes Aranha, por não serem lá de nenhum proveito.

Aos treze deste mez vieram duas canoas com soldados do Macapá, e o capitão Francisco de Souza Fundão foi arrastando a bandeira dos francezes para palacio, onde lhe foi mandada arvorar geneta de capitão pelo governador, e foram mandadas duas canoas de indios forros do sertão para irem habitar junto á villa de Icatú, no Maranhão, na missão do missionario dos rios Tapecorú e Mony, assim como pouco dantes tinham sido mandados outros do sertão do Maranhão para a ilha do Joannes.

Aos quinze de agosto, dia da Assumpção da Virgem Senhora Nossa, fez o Padre Antão Gonçalves sua profissão de quatro votos, e o Padre Antonio da Silva seus ultimos votos.

Mandou tambem o governador repor uns indios Maraguazes,

que se tinham levado, como ás furtadellas, da missão do Padre José Barreiros, para se porem em sua liberdade, nas aldêas d'El-Rei, pelo seu missionario, a quem se mandaram entregar.

Chegou tambem o Padre João Justo aos vinte sete, dos Tupinambaranas, com umas vertigens tão terriveis, que estando no Pará, aos oito de setembro ainda não se póde livrar dellas.

Ninguem se espante virem todos missionarios de riba doentes, para baixo, porque são aquelles sertões mui doentios principalmente para aquelles que lá vão pela primeira vez, e temos que dar muitas graças a Deus não nos morrerem lá como morreram, pouco tempo ha, uns missionarios dos reverendos padres Piedosos, vindos novamente do Reino de Portugal.

O Padre superior da missão fez sua primeira visita sem adoecer, porque foi como de corrida e não fez detensa senão o tempo necessario para visitar as residencias, navegando o mais tempo pelo rio, e assim não lhe fizeram damno os máos ares dos sertões, porque quem não se detem alli raras vezes adoece, e se adoecem os padres missionarios é que forçosamente estão permanentes naquellas suas residencias pouco sadias.

Aos dous de setembro, falleceu Maria de Siqueira, mulher do capitão-mór Hilario de Souza, o qual estabeleceu os reve rendos padres missionarios em S. José, onde ella se enterrou, como dito fica.

Dias ha que o Padre superior da missão está em Mamayacú, acudindo com o Padre Antonio da Cunha, missionario dos Tupinambás, aos doentes de camaras e sarampos, que lá vão dando na gente, principalmente nos Maraguazes, e já levou alguns dos melhores de todos elles.

Veio nova do Cumarú, villa da capitania de Cametá, que aquelle mal de sarampo tinha lá dado no mez passado, e havia dia em que se iam enterrando dez para doze defuntos delle e de camaras de sangue, sem se lhes poder valer por quantas mesinhas se lhes appliquem.

Estivemos este anno e mais o passado com a peste das bexigas, sarampos e camaras de sangue, e com a fome juntamente; ajuntou-se-lhes a guerra de Macapá, receiamos continuem os francezes, cujo brio não ha de poder soffrer de se verem ven-

cidos pela restauração das fortalezas que nos tinham tomado.

Aos nove deste, vieram novas certas ao Collegio por um morador Agostinho, cirurgião desta cidade de Belém, vindo da fortaleza do Gurupá, que o Padre Antonio da Silva estava muito mal em sua missão dos Ingaybas, onde houve muitos doentes a que acudir, mas que melhorara de uma purga que lhe dera, com que ficará purgando tres dias por ter comido uma talhada de melancia fóra de tempo, e depois se achara melhorado de tudo para poder correr suas aldêas com seu costumado zelo; accrescentou que os dois padres que tinham partido havia semanas para suas missões, a saber, Antonio da Fonseca para Xingû, e João da Silva para a dos Abacaxizes, tinham se detido forçosamente em a residencia de Uaricurú dos Ingaybas, por lhes adoecerem todos os seus remeiros, mas que o Padre Antonio da Fonseca se fora com bem poucos mal convalecidos, continuando sua viagem que era para mais perto, e que o Padre João da Silva partira mais tarde, por não melhorarem os seus senão com mais vagar. Soube tambem no mesmo dia do Padre José Barreiros e logo do Padre Antão Gonçalves, um caso que a este acontecera em o mez passado, tendo sido mandado supprir as ausencias do Padre Miguel Antunes, missionario da aldêa de Mortigura.

Tinham sido mandados uns poucos de indios novos, Muruans de nação, para fornecimento daquella aldêa, e aconteceu que adoecendo aquelles logo, uns de catarrho, outros de sarampo, os fôra o Padre Antão Gonçalves instruindo para os poder baptisar, ao menos em necessidade, em aquelles apertos tão perigosos, um mancebo, entre os mais que se instruiam, mostrava grande desejo de ser baptisado, e um dia, vendo-o os parentes desfallecido, foram logo fazer-lhe a cova para o enterrar, sem dar parte ao padre senão depois, porém como sobreveio a noite, não fizeram mais que mette-lo na cova, sem o cobrir de terra, reservando esta diligencia para o dia seguinte; neste, ao romper do dia, foram-se com tenção de acabar de o enterrar, mas como tinha chovido muita agua a noite passada, quando chegaram á sepultura ouviram que o sepultado tiritava de frio, pela muita chuva que o resfriara e espertara, com que o tiraram da cova

todo enlammado, e assentaram-o junto a ella, com tenção de enterra-lo quando expirasse; e pela providencia de Deus, tendo o padre este indio já por morto e sepultado, indo pela aldêa a visitar os mais doentes, lhe disseram fosse ver tambem um outro que estava morrendo; foi-se com os que lhe tinham dado o aviso e achou era o mancebo que cuidava já estar morto e enterrado, conforme lhe tinham dito os parentes; chegou-se logo para elle e tornando-lhe brevemente a fazer os actos necessarios para receber o santo baptismo, e perguntando-lhe se queria ser filho de Deus, respondeu que sim, e fazendo forças da fraqueza mortal em que se achava, ergueu-se um pouco e assentado recebeu o sacramento e logo falleceu e enterrou-se em sagrado. Fica este successo para ensino dos missionarios, afim de que não dêm logo credito aos indios, principalmente aos novos, quando dizem que falleceu algum, porque tomam muitas vezes os desmaios por fallecimentos, e assim desmaiados enterram vivos se não ha quem lhes vá a mão.

CAPITULO 15

RELATAM-SE UNS CASOS ACONTECIDOS PARA BANDA DO GRAMPARÁ.

Tendo o Padre superior José Ferreira ido visitar a nossa roça de Mamayacu, achou lá os Maraguazes mui maltratados de umas doenças que andavam, assim na roça como na aldêa dos Tupinambazes e tiravam a vida a muitos, com que, por sua muita caridade, se deteve para ninguem morrer sem os sacramentos da egreja, que é o maior bem que se póde fazer a estes miseraveis indios naquellas occasiões.

Ora, aconteceu por aquelle tempo que, indo elle com o Padre Antonio da Cunha visitar os Tupinambazes, chegou a perigar um delles mortalmente; acodiu-lhe logo o Padre Antonio da Cunha, como seu missionario, perito na sua lingua, e depois de o ter bem disposto com os actos necessarios, o confessou até ficar bem satisfeito de sua confissão, com que o absolveu de suas culpas; acabada pois a confissão disse-lhe: Filho, já estás bem confessado, resta agora que recebas o Senhor e depois disso a santa Extre-

ma-Unção; ao que respondeu o indio: Sim, padre, ao Senhor receberei, mas a santa Extrema-Unção não, porque esta é que mata.

Tratou o Padre Antonio da Cunha de lhe tirar da cabeça esta falsa presumpção, mas como viu que se cançava debalde mandou avisar ao Padre superior José Ferreira, para que viesse ver se com sua autoridade podia induzir o indio para que recebesse a santa Unção; veio elle, mas nada foi bastante para o indio largar a presumpção errada em que estava, chamaram os parentes para o mesmo fim, mas nem elles o puderam dissuadir, ficando sempre fixo no que uma vez tinha dito, a saber, que ao Senhor receberia com muita vontade, mas não a santa Unção que o acabaria de matar; e assim, no mais bem disposto, falleceu, como se espera, *in domino*, por não peccar por maldade, mas por presumpção tola de indios mui ignorantes e grosseiros. Nem ha que espantar ter-se achado isso em um indio agreste, quando ouvi ter acontecido na cidade de Roma, cabeça do mundo, em homem bem ladino, e foi o caso que, estando para morrer um criado da casa do Padre Pero Luiz, como elle mesmo me contou, nunca se lhe poude persuadir que, recebidos os mais sacramentos, tambem recebesse o da santa Unção, e perguntado pela razão, respondeu que ella o fazia escorregar muito para a sepultura. Este homem convalesceu de sua doença, mas podia-se pôr em questão se perderia por isso morrendo assim, e deve-se responder que não, porque não houve despreso do sacramento que só faz peccar mortalmente a quem o não quer receber, e se esta resposta vale por um homem branco muito ladino como são os romanos, muito mais vale para um indio Tupinambá ainda selvagem, que por sua muita ignorancia se tinha mettido na cabeça que a santa Unção matava aos que a recebiam.

Outro successo foi que, tendo ido o irmão Domingos Macedo, que de presente é padre, a mandado do Padre reitor Bento de Oliveira, para as tartarugas, que de setembro por diante se apanham pelo rio Tocantins para riba, pouco mais ou menos defronte da residencia de Inhuaba, ouviu uns gritos para banda da fazenda de nossa irmã Maria da Rocha, donde, entrando em suspeita que

por ventura teriam dado nella os Tapuyas ou indios selvagens do matto, com isso mandou logo dar urros a toda a sua gente que eram umas 18 para 20 pessoas, e, feito isso, chegar a canôa grande em que andava para o porto e saltar em terra comsigo, para acudir áquella viuva honrada, que vive com umas oito mulheres, ás quaes sustenta como mãi, pelo amor de Deus, em sua casa, até lhes poder dar estado. Valeu tanto esta sahida feita em terra que, em apparecendo o irmão com os nossos indios, parte Tupinambazes, parte Maraguazes, todos filhos de nações guerreiras, logo se afastaram para longe, tendo já morto uns e ferido outros escravos da fazenda, havendo provavelmente de acabar a todos si a divina providencia não acudira com este tão propicio auxilio a esta serva sua, livrando-a por este meio de uma morte cruel, que estes barbaros haviam de ter dado a ella e ás mulheres que a acompanhavam, e mais a toda sua gente, que chegaria ao numero de umas 50 pessoas, que, por sua morte, deixou por testamento aos reverendos padres de Nossa Senhora das Mercês.

Verdade seja que lá moravam um homem branco ou dous, com suas familias, que com suas espingardas e mais armas podiam ter feito alguma resistencia, porém como este assalto foi dado de subito e em logar onde menos se podia receiar, deu tanto medo a todos que ficaram sem se poder dar a conselho. Retirados pois os barbaros por se verem descobertos, embarcou o irmão na sua canoa grande, que ia vasia, para riba á Maria da Rocha, com todas as mulheres brancas e outras mais fracas, para banda de Inhuaba, onde as deixou agasalhadas dos indios seus compadres e conhecidos ; e feito isso se foi ter com Antonio de Carvalho, capitão mór da capitania, o qual o agasalhou com muita caridade, até lhe ter vindo ordem do Padre reitor que, sem embargo desses barbaros que por ahi andavam pelo matto, se fosse para riba, ás tartarugas, como fez, diligenciando umas trezentas, com que se veio para baixo, tendo vindo outros com uma duzia, outros com menos e outros nada, por não sahirem tartarugas naquelle anno, mas nem a estas trezentas trouxe aquelle anno sem risco, porque ou bem os Tapuyas, que tinham apparecido na roça de Maria da Rocha,

ou outros andavam pelos mattos, buscando occasião de lhes dar a elle e a sua gente toda.

Descobriu-se isso por um indio, Bernardo, da roça de Jaguarary, o qual, tendo-se mettido pelo matto dentro com seu arco e fréchas, descobriu uma espia dos barbaros que, retirada por detraz de uma arvore, lhe atirou logo, e o havia de matar si não evitara destramente o tiro ; com que foi-se o nosso Bernardo recuando pouco a pouco com seu arco e suas taquaras na mão até levar o barbaro mais para fóra do embosque das arvores, e então, fazendo-lhe testa, lhe atirou duas taquaradas que elle recebeu sem damno na rodella que levava, porém atirando-lhe tão destradamente a ultima que lhe sobejava que levantando o barbaro a rodella deu logar de feril-o pelo sovaco, com que cahiu, dando gritos aos seus que lhe acudissem, e ao nosso Bernardo de se retirar para nossa gente, que estava na praia com o irmão, aos quaes referiu todo o successo. Não foi necessario mais para os valentes Maraguazes, que logo quizeram ir em sua companhia, em seguimento dos mais para os acabar a todos; foram-se com suas armas pelo matto dentro, mas não acharam já ninguem senão o corpo morto do barbaro, que o medo dos seus tinha feito desamparar até outra occasião mais accommodada e segura. Logo que o capitão mór soube o que succedera mandou uns quarenta indios atraz dos barbaros, mas não acharam senão o rasto delles, e como não tinham ordem de se aventurar até dar com elles, voltaram para suas casas, deixando os moradores do rio dos Tocantins, com grandes e continuos medos de algum sobresalto desastrado. O que lhes importa é andarem sempre com muita cautella para não ficarem mortos por aquelles Tapuyas, que já mataram muitos dos brancos.

CAPITULO 16

POR ORDEM DO PADRE REITOR BENTO DE OLIVEIRA EXAMINEI O CAPTIVEIRO DE MUITOS INDIOS, OS QUAES DEI POR FORROS, DANDO ELLE O SANTO BAPTISMO A MUITOS MENINOS E MENINAS DE MENOS DE SETE ANNOS DE EDADE.

Tinham o capitão mór Hilario de Souza e Maria de Siqueira, sua mulher, deixado por sua morte quantidade de gente na sua roça com declaração que se não vendessem; o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com seu ouvidor geral do Estado, Matheus Dias da Costa, para atalhar murmurações e duvidas que podia haver sobre esta materia, mandou pelos conventos quantidade delles, para se examinarem sobre seu captiveiro e liberdade.

Aos dezoito de setembro deste anno, 1697, vieram por ordem do ouvidor geral, dous dos que estavam na rocinha (como chamavam os defuntos) de S. José. Chamou-me o Padre reitor Bento de Oliveira, mandando-me que os examinasse; fil-o eu, com toda a diligencia, como o negocio requeria, e achei que alguns delles eram conhecidamente forros e deixados por taes, e outros, pela maior parte, forros por faltar causa bastante de sua escravidão, e por isso declarei que, a meu ver, eram forros todos, tirado um só que não pude averiguar, por não haver bastante clareza nem por uma nem por outra parte, do que fiz menção no rol dos por mim examinados, que remetti ao ouvidor geral com o meu parecer; e elle, tendo-os declarado por forros, mandou-os ao governador, o qual ordenou que fossem levados para a aldêa do rio Guamá, tirados uns poucos que tinham sido trazidos de riba como remeiros, ou tinham vindo expontaneamente por outra razão, que a todos esses deixou voltar para suas aldêas, se quizessem.

Outro lote mandou tambem o governador ao Padre reitor Bento de Oliveira, no qual havia uns dezoito entre meninos e meninas, todos para se averiguar o seu captiveiro, e entregou-m'os elle para que eu os examinasse, conforme se costuma de examinar os que se offerecem por escravos nos sertões. Fiz-lhes

eu a todos as perguntas costumadas com a toda a exacção e tambem achei que estes eram forros, tirada uma peça de lingua travada, que, por falta de interprete, ficou assim até que, depois de crescida e versada já na lingua geral, houvesse modo de poder vir em noticia de sua condição e estado. Os meninos e as meninas, como eram todos de cinco para seis annos, e outros de seis para sete, como parecia, mandou-me o Padre reitor ensinar brevemente os artigos principaes de nossa santa fé, com os actos necessarios para receberem o santo baptismo; porque, supposto que bastava menos para elles, por serem de tão pouca edade, sem embargo disso, para se fazer tudo no modo mais conveniente, não quizemos que faltasse cousa alguma que pudesse requerer o mais escrupuloso para ser valioso seu baptismo, não só na essencia, mas tambem no effeito, até nos sobre os quaes havia alguma duvida se já passavam a edade dos sete annos, e assim já teriam obrigação para mais.

Quiz o Padre reitor Bento de Oliveira baptisal-os, elle só a todos, dando cada um de seus cursistas commigo o nome a seu afilhado ou afilhada, por não haver outros que os pudessem ter naquellas circumstancias; a estes tambem mandou o governador para a aldêa do rio Guamá, a qual está á conta do Padre Miguel Antunes, missionario de Mortigura, que, com seu companheiro, vae visital-os de tempo em tempo, para ensinal-os e administrar-lhes o sacramento. Já lá devem de estar com os que trouxe depois Manoel de Passos e outros, até duzentas almas.

Não lhes assistiu até o presente missionario nenhum, porque foram sempre poucos e estes continuamente divertidos em trabalhos, além do que o sitio em que estão é muito faminto e falto de peixe. Fallou-se em mudar a aldêa mais para riba, para o rio do Capim, onde ha fartura de tudo, e onde póde assentar-se uma aldêa mui bastante para lhe assistir algum missionario nosso, por ser todo esse districto sujeito, no tocante aos indios forros d'El-Rei, a nosso mando. Emquanto se não fizer isto, devem-se armar os missionarios de muita paciencia quando vão visitar aquella missão, porque se não levarem com que passar, elles e seus remeiros, soffrerão mui boas fomes. Boa testemunha disso é o irmão Antonio Affonso, que por caridade veio acompa-

nhar o Padre reitor Bento de Oliveira, quando no anno 1693 veio do Reino, por superior da missão, porque esse bom irmão, depois de servir no collegio do Pará de despenseiro e acompanhar o Padre José Ferreira para o sertão, foi mandado do Padre superior, já por algumas vezes, a Mortigura, para companheiro do Padre Miguel Antunes, com o qual já foi á aldêa do Guamá, onde viu e experimentou as faltas daquelle logar.

CAPITULO 17

DÁ-SE CONTA DA DIFFERENÇA QUE HOUVE COM ANTONIO DE CARVALHO, CAPITÃO-MÓR DA CAPITANIA DO CAMETÁ, SOBRE OS VINTE E CINCO CASAES QUE EL-REI MANDA DAR AOS MISSIONARIOS DAS ALDÊAS PARA SEU MANEIO

Para não ficarem as aldêas da capitania do Cametá mais tempo sem missionario, foram mandados para lá os Padres Antonio Gonçalves e José Barreiros, este para assistir na residencia de S. Pedro e S. Paulo em Inhuaba, aquelle para voltar para a cidade, depois de ter tomado algum divertimento.

Foram-se na canôa grande e nova de piquiá verdadeiro, que tinha feito fazer quando lá assisti; acharam a casa e egreja mui maltratadas pelas chuvas, por se não ter acudido a tempo a concertar o tecto; foram a Parijó fallar ao capitão-mór Antonio de Carvalho para que lhe tornasse a dar os seus vinte e cinco casaes de indios, que por ordem d'El-Rei tinham tido os padres antecessores seus immediatos. Disse-lhes elle que não havia de dar dahi por diante taes indios, allegando por desculpa que tinham morrido muitos pelas bexigas, sarampos e outras doenças, que o governador mandara dar quarenta para correrem a costa do cabo do Norte, e finalmente que elle não tinha obrigação de dal-os, nem a lei de Sua Magestade se entendia com a capitania do Cametá, não mais que com a do Caethé, e se quizessem ter os dez ou doze indios que se davam ao Padre João Carlos, que lá assistia por missionario, se daria, e não havia de dar mais, porquanto tinha carta d'El-Rei que eximia aquella

capitania, como eximia a do Caethé; em prova e confirmação do seu dito mostrou aos padres a carta que não era mais que um traslado da do Caethé. Ouviram os padres com muita prudencia e cortezia com elle, e responderam-lhe que a resolução desta differença não lhes tocava, mas pertencia ao Superior da missão, a quem dariam parte de tudo, para elle dispôr conforme lhe parecesse.

Neste interim, visitou o Padre superior José Ferreira a classe do latim que ha no Collegio e a aula do curso, e houve conclusões com muito concurso no corpo da egreja, como se costuma em todas as religiões deste Estado.

O Padre reitor, mestre do curso, presidiu admiravelmente bem, argumentaram religiosos, clerigos e o Padre superior, como mestre consummado nas artes, e eu, como velho de setenta annos com cincoenta e quatro depois de me graduar em Tréveris, cidade da Allemanha, pela festa dos Santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, no anno 1644; os defendentes nossos, assim desta como de outra vez, a saber, os irmãos Lourenço Homem e Sebastião Pereira, responderam com satisfação, e as lições foram quaes costumam ser as que eu ouvi no Reino.

Acabado isso, partio o Padre superior para riba, levando em sua companhia o irmão Antonio Affonso; chegado á residencia de Inhuaba, depois de ver o lastimoso estado a que ella tinha chegado, foi-se com os padres a Parijó; lá fallou com o capitão-mór Antonio de Carvalho sobre os vinte e um remeiros que El-Rei nos mandara dar. Respondeu-lhe, na mesma fórma, que tinha respondido já dantes aos padres, e supposto que o Padre superior o acommetteu com bom partido, persistiu na sua resolução, dando alguma culpa ao Padre João Justo; e tudo isso depois de ter o Padre superior fallado com o governador, e elle dito mandara a seu irmão que os désse. Nesse meio tempo os escrupulos reduziram o Padre Manoel de Amaral ao termo de louco, de sorte que o padre reitor o mandou fechar no cubiculo. Deu-se posse aos reverendos padres Piedosos da ermida e casas de São José, conforme a deixa do testamento do capitão-mór Hilario de Souza e sua mulher Maria de Siqueira. Examinaram-se os cursistas,sendo os examinadores o padre reitor, eu, o Padre João Justo

que já tinha vindo doente de vertigens dos Tupinambaranas, e o Padre Miguel Antunes, missionario de Mortigura; responderam os examinados de sorte que parecia tinham estudado nas universidades da Europa, e se bem mostraram uns melhor habilidade que os outros, comtudo não houve nenhum que não passasse a mediedade, e muitos delles com laude ou duplice laude.

Chegado que foi o Padre superior aos Boccas, missão do Padre João Angelo, que lá assiste sem companheiro, achou-o com casas bellamente feitas por traça nova, e com as madeiras cortadas todas para a egreja, a qual, na volta para baixo, achou toda acabada e muito linda. Escreveu de lá ao Padre reitor Bento de Oliveira, dando-lhe parte de como o capitão-mór persistia obstinadamente em não querer dar os vinte e cinco indios que El-Rei mandava dar aos missionarios das aldêas sitas fóra de trinta legoas da cidade, e mandou juntamente uma petição para se offerecer ao governador, pedindo-lhe que, pela obrigação de seu cargo, acudisse, e, quando não, se retirariam os missionarios do Cametá.

Offereceu o Padre reitor a petição, a qual não quiz o governador despachar, dizendo escreveria a seu irmão Antonio de Carvalho, como fez; porém, como não resultou nada do que se tinha pedido nem ainda depois de lhe eu fallar por ordem do Padre reitor ausente, mandou elle retirar-se ao Padre José Barreiros com tudo quanto nos pertencia em ambas as aldêas.

Sentiu o capitão-mór muito esta resolução e muito mais que elle o governador, mas deu-se-lhe execução á risca e veio o Padre José Barreiros, trazendo, entre outras cousas da egreja de Inhuaba, uma imagem de Nossa Senhora do Soccorro, que eu tinha pintado, assistindo lá por missionario, e que tinha livrado a aldêa da praga das bexigas, conforme o parecer de todos. Folguei infinito com a vista da Senhora, que por ter sido pintada com tintas da terra já se ia desfazendo; mas eu logo a tornei a pintar com tintas do Reino, de maneira que sem eu ser pintor sahiu muito linda e agradavel aos olhos de todos.

Emquanto se passaram essas cousas, veio do Maranhão o reverendo senhor Padre João Rodrigues Calhao, de parte do

senhor bispo, por vigario da vara, juiz dos residuos, e o reverendo Padre frei José Paulista, companheiro de sua Illustrissima; mandaram-se prender uns poucos de clerigos, uns para irem dar conta de si ao Maranhão diante do senhor bispo, outros ficando cá presos em suas casas. Voltou, entretanto, o Padre José Ferreira, superior da missão, de sua visita das aldêas de riba, e logo tratou de passar para o Maranhão, sem ter podido concluir ajuste entre elle e Antonio de Carvalho, capitão-mór, ácerca da missão do Cametá. Tinham pedido elle e o Padre reitor a quem, como governador, tocava mandar pôr em execução as leis reaes sobre esta materia, porém respondia elle que si não podia intrometter, por lhe ser prohibido entender com os capitães-móres dos donatarios, e muito menos lhe tocava isso, por ter vindo do Reino uma carta do mesmo theor da que havia sobre a capitania do Caethé. Chegou entretanto Antonio Carvalho, capitão mór do Cametá, aos vinte e um de janeiro deste anno 1698, cujas ditosas entradas préguei em nossa egreja ; fui visital-o em palacio, onde so tinha agasalhado com o governador, seu irmão, e pagando-me elle a visita, como lhe tratei no negocio da missão do Cametá , respondeu que se eu lá estivera nunca havia de haver tido mudança, mas como o Padre João Justo ficara em meu logar e não se déra bem com elle, houve todas aquellas differenças, e que elle não havia já de dar mais os vinte e cinco remeiros que estavam tirados e eram necessarios para irem com os mais para acudirem á fortaleza de Macapá, no cabo do Norte e mais necessidades urgentes, que por então não faltavam, pelo medo que estavamos dos francezes.

O mesmo respondeu ao padre reitor, dizendo-lhe resolutamente que não havia de dar os vinte e cinco indios e daria disso conta a El-Rei, que o castigaria, se o merecesse. Já o Padre superior se tinha ido para o Maranhão, sem se conchavar com o governador, que lhe tinha pedido um padre missionario para o Cametá, persistindo elle em que daria logo que lhe concedessem os vinte e cinco remeiros marcados pela lei. Tinham ficado para ir com outra canôa os Padres João Justo e Antonio Vaz, aleijado de um braço, como foram depois na em que os Padres

João de Avellar e Manoel Rabello tinham vindo do Maranhão.

Finalmente, como Deus Nosso Senhor sempre acode nos maiores apertos, estando o Padre reitor Bento de Oliveira quasi sem esperanças de cobrarmos mais a missão do Cametá, eis que tendo fallado Pero da Silva, homem honrado e amicissimo nosso, ao governador sobre essa materia, mandou dizer-lhe que lá estavam os vinte e cinco indios e os mais que quizesse, com que logo em os vinte sete de janeiro, dia de S. João Chrysostomo, mandou para a residencia de Inhuaba ao Padre José Barreiros, ao qual entreguei o painel de Nossa Senhora do Soccorro, que eu tinha já acabado de pintar com tinta do Reino, para se repôr donde se tinha tirado. Foi-se o Padre Barreiros e como achou a casa e egreja da residencia muito mal tratadas das continuas chuvas deste anno, resolveu-se de assistir na aldêa de Parijó, perto do capitão-mór, o qual, para ficarem os indios mais unidos e melhor destinados, mandara ordem a Inhuaba, se mudassem todos para Parijó, obrigando a isso, á força, a alguns que não se queriam mudar.

Com isso mandou o Padre José Barreiros tudo o que tinha em Inhuaba para Parijó, fazendo lá residencia com muito agrado do capitão-mór e de todos e para que se não arruinasse a bella egreja e casa que tinhamos alli, a deu a Maria da Rocha, nossa irmã, para ella morar lá com toda sua gente; algumas cousas tive, de lá, como o bello painel de Nossa Senhora do Soccorro, o qual puz no altar de sua egreja de Parijó, em logar de outro maior, mas menos bello, que lá estava, pondo-o na sacristia.

CAPITULO 18

O QUE SE PASSOU ATÉ O MEZ DE MARÇO NO PARÁ E MARANHÃO

Em ambas as capitanias se fizeram as quarenta horas, e préguei a Quaresma com grande concurso e fructo das almas. Foi o irmão mestre Manoel Antunes ordenar-se no Maranhão, onde tomou ordens com o Irmão Domingos Macedo, e vieram de Ir ambos outra vez para o Pará. De uma e outra banda tiveaám

os pobres indios muito padecer no grande trabalho em que os empregaram em fortificar ambas as cidades, e fazer uns reductos contra o inimigo, que por occasião da fortaleza do Macapá restaurada se estava temendo. Na cidade do Maranhão fez o capitão-mór João Duarte Franco construir ao pé da ribanceira uma obra de pouca dura, mas de grande trabalho para os indios e indias das aldêas, que tambem tinha feito vir, para ajudarem na dita obra, mas como isto era com prejuizo do bem espiritual dellas, por ser causa de andarem amancebadas com os brancos, que as levavam para cumprimento de seus damnados appetites, mandou-as o Padre reitor Antonio Coelho retirar-se para suas aldêas, sem embargo das pretenções do capitão mór. Na cidade do Pará fez-se uma bella palissada de pau cupaúba, desde o forte até o convento das Mercês, fazendo-se bellos reductos, um deante do senado da Camera, e outro junto ao convento dito, dispondo-se por ambas as bandas suas peças cavalgadas em carretas novas, o que tambem se fez na fortaleza da cidade, que se foi concertando de novo, fazendo-se mais um fortimzinho armado sobre madeiras, em cruzilhas com suas peças, á custa de José d'Eça, o qual premiado de um bastão de capitão das trincheiras com esperanças de ser provido d'El-Rei em posto maior, gastou ahi sua fazenda, que lhe veio com o casamento de sua segunda mulher.

Mandou o governador uns indios Aruans por perniciosos na costa do Norte, por serem muito amigos do inimigo, para o Maranhão e uns Araras para o Guamá.

O Padre João da Silva, missionario, mandou á custa de sua residencia canôas para descerem uns Teyrózes do cabo do Norte para Araparipucú, com beneplacito do governador e dos reverendos padres de Santo Antonio, a cuja jurisdicção estava sujeita a dita nação, porque, dando-se-lhes parte do que se pretendia fazer, responderam que não só estavam contentes, mas dariam ajuda de custo para a dita empreza, sendo necessario. Já chegaram uns cento e noventa delles e se estão esperando outros mais; todos se metteram com seus parentes em Araparipucú por ser aldêa mais farta, e poder-lhes acudir o Padre missionario dos Ingaybas com mais facilidade, como fez por agora o Padre An-

tonio Gonçalves, que lá está com o irmão...emquanto o Padre Antonio da Silva se está curando no Collegio de uma indignação do estomago.

Aos 17 de abril foi o Padre reitor Bento de Oliveira, com o escrivão publico das notas, e outros homens brancos, tomar posse da doação da gente que Francisco Rodrigues fez ao Collegio de S. Alexandre, e aos 27 do mesmo tomou tambem posse da renuncia que fez da administração que se tinha reservado para toda sua vida. Como este morador é insigne bemfeitor nosso, bem será que eu me alargue em escrever quem elle é, e como chegou a fazer esta tão prodigiosa esmola.

E' Francisco Rodrigues portuguez de nação, natural de... Foram seus pais gente limpa e honrada, que, em breves annos, falleceram, deixando-o orphão, com que, sendo moço, servio de pagem ao Conde de... seguindo-o a cavallo nos exercitos no tempo da guerra contra Castella, onde se achou em varias batalhas; mas como vio que tudo isso lhe rendia mui pouco para grangear sua vida, metteu-se a aprender o officio de carapina e calafate na ribeira das náos, e logo que soube os seus officios andou nas viagens de Lisboa para o Brazil e depois para o Maranhão, ganhando com o suor de seu rosto o que lhe era necessario para passar honradamente sua vida, Chegou ao Maranhão, sendo eu superior da missão, pelo anno de 1673 ou 74, e como se sentio chamado para a Companhia, declarou o seu intento ao Padre Salvador do Valle, por então missionario de Mortigura, o qual vendo seus bons procedimentos o agasalhou primeiro comsigo na sua residencia, e me fallou nelle, mas como para maior experiencia convinha deferir sua admissão, ficou assim até eu ir como reitor ao Maranhão, vir o padre Francisco Velloso para reitor do Pará, e o padre Pero Luiz Gonsalvi succeder-me no Superiorado. Nesse tempo, pretendeu com mais instancia a Companhia, para a qual, vistas as boas informações que tinha, foi admittido ; porém como Deus Nosso Senhor por sua divina providencia, o ia encaminhando para o bem, que havia depois de fazer, permittio que sahisse do noviciado e feito outra vez leigo servisse por caridade ao Padre reitor Francisco Velloso na roça de Jaguarary, onde lhe fez moenda para moer

canna e muitas viagens para o cravo, e cacáo sem nunca pedir um vintem para seu gasto, mas vestindo-se e aviando-se sempre, por alguns annos, do dinheiro que tinha ganhado dantes em seu officio.

Soube de seus bons procedimentos uma honrada viuva que tinha suas peças e limpeza de casa mui boa e bastante, e como nestas terras mal podem as mulheres governar fazendas, mandou-lhe fallar em casamento comsigo; elle, como conhecia que era mulher já de edade e de mui boa fama, contrahio matrimonio com ella *in facie ecclesiæ*, e como elle mesmo me contou viveu uns annos com ella, com summa paz e concordia, estimando-a, honrando-a, mas tratando-o ella como filho, deixando-o por sua morte por seu herdeiro. Morta, pois, a mulher, mandou-lhe fazer os officios divinos com toda a solemnidade, pagou as suas dividas, que não eram poucas, ficando-se com o restante, que não vinha á ser cousa de muita consideração; comtudo, como elle era ainda moço, tratou de conservar o que tinha, e accrescental-o, comprando escravos em paga de suas canôas que, como insigne mestre dellas, fazia cada anno, com que veio a ser dos mais abonados do Pará, e isto sem mulher, nem filhos, nem dividas nenhumas, cousa rarissima neste Estado, onde commummente todos estão devendo os olhos da cara. Enfadado do mundo, vivia muito sobre si, na sua fazenda, sem buscar nem admittir companhias, ainda de seus mais vizinhos, contentando-se de governar sua familia em boa paz e no santo temor de Deus, encommendando-se a Elle todos os dias, qual faria um religioso mui observante, com que veio a affeiçoar-se tanto ás cousas divinas, que dizia largaria tudo, contentando-se ter um cantinho no Collegio com sua porção como os mais, para poder-se encommendar melhor a Deus e tratar de sua salvação. Prometti-lhe eu o que pedia pelo irmão Manoel Juzarte, que do tempo do reitorado do Padre João Carlos Orlandini e superiorado meu ultimo, esteve agasalhado na sua casa, emquanto andava tratando das madeiras para o corredor e portaria nova, nem desistio de sua pretenção, até que o Padre Mestre Bento de Oliveira, meu successor no governo da missão, o foi admittindo mais, e afinal no tempo de seu reitorado, sendo já Superior o

Padre José Ferreira, deixou-se de tudo, para se ver livre por uma vez das molestias que lhe dava o governador em lhe pedir canôas e farinhas da parte d'El-Rei ; com que está hoje na fazenda, governando-a em nome do Padre reitor, com licença de gastar o que de boamente lhe parecer para si e para os indios, ou de entrar no Collegio como irmão por carta de irmandade, sendo admittido no refeitorio, como os mais, na mesa dos irmãos. Estive eu com elle depois da Paschoa da Resurreição do anno 1693, umas semanas, para lhe desobrigar a gente, e confesso ingenuamente que me pareceu religioso em tudo, porque pelas manhãs, ao cantar do gallo, duas horas antes da manhã, se levantava, e, feita sua disciplina, gastava duas horas rezando e meditando.

Ao levantar do sol, dava ordem do que se havia de fazer ; ajudava-me á missa e depois de almoçar ia visitar os doentes e os que estavam no trabalho ; pelas 11 horas voltava e fazia exame de consciencia commigo e logo uma hora de repouso, e á noite não faltava fazer assistir todos á doutrina e ladainhas, despedindo de casa as cozinheiras e ficando só commigo e um rapaz, durante a noite, até o outro dia, e em tudo tão fiel ao Collegio que não gastava comsigo senão o precisamente necessario, deixando-me admirado e muito edificado do seu bom exemplo; e o que é para mais pasmar, foi que, sabendo disto os da cidade do Grampará, acommetteram-no, uns com casamentos de gente mui grave, e outros com prognosticos falsos, dizendo-lhe que era doudo, e que melhor lhe era repartir sua fazenda com casar orphãs, e que se não fiasse nos padres da Companhia, que, tarde ou cedo, o haviam de botar na rua ; ao que elle respondia que só attentava em largar tudo pelo amor de Deus a seus servos, que lhe serviam na salvação das almas, e que se lhe não dava de ficar pobre e ajuntar-se em Lisboa aos mais pobres da rua, para pedir esmola pelas portas, quando assim o dispuzesse Deus Nosso Senhor.

CAPITULO 19

CASTIGOS DE ALGUNS AMANCEBADOS SEM EMENDA

Tres casos me contou o Padre João Angelo, missionario dos Boccas, acontecidos em sua missão, os quaes todos quero referir brevemente aqui, para escarmento dos amancebados.

Indo uma india casada, da aldêa dos Boccas, para o matto com seu marido, que ia á caça, eis que, apartando-se um pouco delle, lhe appareceu o diabo em fórma de indio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na cabeça e no nariz, feio e formidavel; ficou a india assombrada na presença desta phantasma e dahi por diante sempre com pouca saude, conforme o seu marido contou ao Padre João Angelo.

Passados uns dias, tornou o mesmo maligno espirito a mostrar-se em fórma visivel á india, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarisando com elle, que se lhe entregou por amiga, communicando com elle, como se fôra qualquer indio, e elle a ensinou a cantar as cantigas de suas dansas, até que ficou mestra das mais e tão desejosa de dansar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldêa até achar quem se lhe ajuntasse e bailasse com ella; assim viveu tempos a miseravel india, até morrer sem confissão.

Houve na mesma aldêa um indio, grande arpoador de peixes bois, o qual, sendo casado com uma india moça e bem estreada, affeiçoou-se de tal sorte a uma velha que não havia remedio de desvial-o della; o que vendo o Padre João Angelo o desterrou para o rio Negro; mas como era arpoador incomparavel e deu com os brancos da tropa, começou a arpoar tanto peixe que o queriam, tratavam e estimavam tão bem que depois voltou para a aldêa bem disposto e rico em panno, que tinha ganhado com seu trabalho. Vendo, pois, o Padre João Angelo, que nada aproveitava com o rigor, quiz ver se com boas palavras o podia reduzir as bom caminho, mas tudo debalde, porque se por alguns dias largava a velha, logo tornava a andar mal encaminhado com ella, até que acudindo o Céo pela parte do Padre missionario,

quiz que com o castigo de seus desaforos lhe arrebentasse o sangue pela boca, olhos, nariz, ouvidos e mais partes e assim morresse afogado nelle, sem confissão.

O terceiro caso é que, estando um afamado principal da aldêa, chamado Mandu-u-assú amancebado até com filhas da manceba, e como me disse o Padre João Angelo até com as suas filhas proprias, as quaes tambem entregava aos brancos por aguardente, quando passavam por sua aldêa, o desterrou o Padre missionario para a fortaleza do Macapá, mas teve traça de formar uma jangada, e posto nella, passou todo o rio das Amazonas, e vir ter em sua roça com suas filhas, onde se deixou estar sem vir á egreja para não ficar descoberto. Logo que o Padre João Angelo teve disso noticia, mandou chamal-o, e como compadre seu lhe fallou com todo o amor para ver se por bem effectuaria o que debalde tentava conseguir por mal ; porém o velho já inveterado na sua maldade, ficou sem emenda nenhuma nem ainda esperança della, com que tom u Deus Nosso Senhor á sua conta lhe dar o castigo merecido no modo seguinte :

Tinha elle ido em busca de barro para panellas em sua canoinha, a qual sobrecarregou de tal sorte, que suas filhas, que tambem iam embarcadas nella, o avisaram não a carregasse tanto, se não quizesse que se alagassem todos ; mas elle, como estava o mar quieto, sem vento, nem ondas e andava junto á terra, não se deu que corresse perigo, e assim se foi andando, até que, já perto de terra, se alagou ; nadaram as filhas logo para fóra e olhando para seu pae não o descobriram mais, por se ter afogado ; buscaram o corpo morto muito tempo sem o acharem, até que finalmente deram com elle posto fóra do rio, e em parte como açoitado e posto estendido ao pé de uma arvore, que os indios chamam de seus pagés ou feiticeiros, tão descomposto e feio que fazia horror a todos que o viram ; com que, atemorizados os mais, occasião boa tiveram de tratar da emenda de suas vidas, supposto que os indios, uma vez amancebados, pouca esperança se póde ter de sua emenda, porque, como são muito brutos e naturalmente luxuriosos, não fazem nelles grande abalo as cousas do espirito.

CAPITULO 20

DO QUE SE PASSOU EM MARÇO E ABRIL DESTE ANNO 1698 COM O PADRE MANOEL DE AMARAL, COM OUTRAS COUSAS DEMAIS

Já se disse como o Padre Manoel de Amaral, removido do cargo de mestre de latim, dera em maiores escrupulos, e finalmente em manifestas louquices.

Deu-lhe na cabeça não querer comer senão obrigado á força de açoites, que por ordem do Padre reitor lhe applicava o irmão Lourenço Homem. cursista ; passava os dias inteiros em fazer adorações da magestade divina, e as noites em pé pelo corredor, sem querer tomar descanso ; punha-se de joelhos com ambos os joelhos nús no chão sobre duas cabeças de pregos que os trespassaram e deixaram com chagas que lhe duraram até á morte ; começou a comer tanto que nada lhe bastava e até os sobejos dos mais comia no almoço, de sorte que a quem não sabia de suas doudices parecia que já estava melhorado ; não trazia chapéo e andava de cabeça descoberta, dizendo que estava precito ; finalmente deu em outro extremo, que foi não querer ir orar, por se imaginar que não tinha já que esperar em Deus, e assim nem se encommendava a Elle nem ouvia missa senão obrigado por medo; obstinou-se de novo a não querer levar nada para baixo, e esteve deixado muitos dias sem comer nem beber, sustentando-se de um bocado de doce que o irmão Lourenço Homem, que tratava delle com muita caridade e soffrimento, lhe punha na boca e deixava estar até se ir desfazendo por si e assim dar-lhe algum alentosinho. Assim esteve até se lhe dar a extrema-uncção, e acabar a vida sem os mais sacramentos, por não entrar em si; só o Padre reitor lhe deu a absolvição, sob condição, estando para dar a alma a Deus com os padres e irmãos todos ao redor de si, rezando-lhe o officio da agonia. Para que ninguem se imagine morreria mal, saibam todos que sempre foi um anjo na vida, e elle mesmo por se ver tão escrupuloso tinha pedido a Deus Nosso Senhor, que, estando em sua graça, o deixasse cahir em doudice para o não poder offender mais. Assim m'o affirmou ter ouvido de sua

propria boca o irmão Manoel Lopes, estando com elle em Jaguarary; enterrou-se na igreja de S. Francisco Xavier com as solemnidades costumadas.

Era portuguez de nação, natural de............. viveu na Companhia e professou nella, pouco antes de sua doudice, com toda satisfação, assim nas lettras como nas virtudes.

Estando em Coimbra, por ordem de nosso muito reverendo padre no anno 1687, o achei juntamente theologo e mestre de mathematica da universidade, supprindo as vezes do Padre João dos Reis, que naquelle tempo andava delineando as cidades e fortalezas do reino todo, á instancia de Sua Magestade.

Esteve o Padre Manoel de Amaral poucos annos na missão, e foi algum tempo missionario dos Tupinambazes, e depois foi mestre de latim no Collegio do Pará; nunca vi nelle cousa que desedificasse, antes sempre o tive por muito casto, pobre e obediente, e, em uma palavra, por um verdadeiro filho da Companhia de Jesus.

Veio do Maranhão o Padre Antonio Gomes, e por elle soubemos da morte de José de Seixas, irmão nosso de fóra, por carta de irmandade, interina, do Padre Diogo da Costa, missionario do Maracanã, que o senhor Bispo continuava em sua visita, e que os Tapuyas ainda infestavam o rio e a missão de Tapecorú, onde por então assistia o Padre Manoel Rabello. Veio na mesma occasião Ignacio de Castro, filho legitimo de João de Souza de Castro, admittido a mandado do Padre superior José Ferreira, para entrar no noviciado no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, onde eu já então fazia officio de mestre dos noviços, e elle entrou na vespera da Annunciação de Nossa Senhora aos vinte e quatro de março, para fazer seus primeiros votos aos vinte e cinco, sem embargo de ter chegado ao collegio aos treze, porque esteve descansando e vendo a cidade nos mais dias. E' moço de muito bons procedimentos quanto delle conheço, mas como lhe deram umas dôres nas juntas dos pés e mãos, que dizem os medicos ser gotta, diz o Padre superior José Ferreira que, em achando-se um pouco melhor, o mandará a seu pae para o Maranhão, visto que desta sorte não póde servir na missão e póde tratar melhor de si, sendo secular, pois é de pa-

rentes abonados e tem de seu para poder passar bem a vida, no meio das dôres que este mal costuma causar aos que são sujeitos a elle.

Ainda por este tempo andámos com sobresaltos se os francezes viriam sobre o Macapá, matadouro dos indios e brancos, porque, ainda que, com a muita chuva, cahiram as taipas, como referio o sargento-mór José Velho, que, como engenheiro d'El Rei, foi mandado pará lá pelo governador, comtudo se não desamparou nem desamparará, porque dizem viera novas de Sua Magestade que se as tornasse a reedificar, por assim importar a seu real serviço e bem de seu Estado.

Nesse mesmo mez de março vieram uns Poquizes de suas terras, os quaes cuidavamos viriam para seus parentes, que estão em Mortigura, residencia de S. João Baptista, onde se acha o Padre Miguel Antunes, mas foram agazalhados em Cametá, residencia de Nossa Senhora do Soccorro, onde lhes assiste o Padre José Barreiros.

Foi o ouvidor geral Matheus Dias da Costa mandado com muito segredo, e advinhou-se o que era, como foi, levantar o Juizo da Corôa sobre algumas cousas tocantes ao Illustrissimo Senhor Bispo.

Foi o Padre Miguel Antunes com seu companheiro, o irmão Antonio Affonso, desobrigar a aldêa do Guamá, e doutrinar os novamente mandados para lá. Veio o Padre Antonio da Silva, dos Ingaybas, maltratado de umas dôres do estomago, e em sua companhia os Padres João Angelo, dos Boccas, e José Barreiros, do Cametá, dando conta ao Padre reitor da mudança feita da aldêa de Inhuaba de riba para a do Parijó de baixo, e vieram juntamente novas de como o Padre João Maria Gorsony, mudado dos Tapajoz para Xingú, tinha feito um rancho grande de casas para o ensino dos meninos e meninas. Aos 21, foi o Padre João Angelo com o Padre José Barreiros a desobribrigar a aldêa de Miribira, e casar alguns amancebados nella. Neste interim, á noite de 16 para 17, falleceu sem sacramentos Jorge Rodrigues Leal, juiz do Santo Nome de Jesus, não parecendo que morreria da doença com que se achava; acudiu logo o Padre reitor, mas como foi chamado tarde

não chegou a tempo para o poder confessar. Era elle homem muito bem entendido nas cousas do mundo, mas houve-se com algum descuido no negocio de sua salvação, porque, sendo avisado de seus amigos que se confessasse, fiando-se na sua prudencia ou para melhor dizer imprudencia, não vigiou como lhe convinha para esperar o Senhor, o qual chega quando o homem menos cuida. Para que a ausencia do Padre Antonio da Silva não prejudicasse a seus Ingaybas, foi mandado para lá o Padre Antonio Gonçalves, com o irmão Domingos Francisco, e lá esteve acudindo aos veteranos e juntamente aos novos Teyrózes, que de proximo vieram do sertão.

CAPITULO 21

PARTEM TRES MISSIONARIOS PARA AS MISSÕES DO RIO DAS AMAZONAS

Tinha chegado do Maranhão o Padre Antonio Gomes, em canôa do Padre superior, como dito fica em riba, quando não muito depois chegou o Padre João de Avellar com o Padre Manoel Rabello, de suas missões do Maranhão para as do rio Amazonas. O Padre Antonio Gomes vinha do Mareú e ia para os Maraguazes ; o Padre João de Avellar, de S. José, ia para o Xingú acompanhar ou render ao Padre João Maria, que, por muito velho, pedia quem corresse com os indios ; e o Padre Manoel Rabello vinha de S. Gonçalo de Tapocurú para ir em logar do Padre João Maria Gorsony, que da residencia de Nossa Senhora da Conceição nos Tapajoz, se tinha mudado, com licença de Padre superior da missão, para a de S. João Baptista de Xingú. Descansaram um pouco no Collegio do Pará, e depois disso partiram, bem aviados pelo Padre reitor de todo o necessario, para suas missões.

Partiram nos fins do mez de abril para riba, e chegados que foram aos Ingaybas, deixou-se lá estar o Padre João de Avelar, esperando canôa e indios, que mandou pedir ao Padre João Maria, o qual logo os mandou.

Os Padres Antonio Gomes e Manoel Rabello continuaram na viagem, e, chegados que foram ao Xingú, deixou-se o primeiro lá estar, sem querer ir para diante, sem companheiro, para uma missão de gente agreste, como são os Maraguazes, sem lhes saber a lingua, e sem ter ainda noticia bastante da lingua geral, além de ser, como dizia, sacerdote novo, sem nenhuma experiencia; o Padre Manoel Rabello não parou, até que chegou á sua missão dos Tapajóz, onde foi tão acceito por brancos e indios como se fôra um anjo vindo do Céo.

Estando eu no Reino, procurando os negocios da missão, o admitti na Companhia com licença de nosso muito reverendo Padre geral. sendo elle já sacerdote, e no fim de sua theologia fez seu noviciado em Cotovia de Lisboa, e de lá veio ao Maranhão, onde ajudei a examinal-o *ad gradum*; esteve um tempo na aldêa de Nossa Senhora da Conceição do Mareú, outro tempo na missão de Tapecorú, outro por missionario no collegio do Maranhão, aceito em toda a parte por seu bom natural. Escreveu-me uma carta dos Tapajóz, dando-me parte como lá chegára com saude e estava muito contente com sua missão, accrescentando que estavam os indios já mui mudados daquelle tempo do anno 1668, quando eu, por ordem do Padre Antonio Vieira, que Deus tem, principiara aquella missão; não lhe deu seu grande zelo logar a muito descanso, porque logo fez povoar a aldêa de gente nova, que mandou trazer de suas terras para serem filhos de Deus, e trata de descer os Quaxinazes, pelos quaes tanto se cansou o Padre João Maria, sem nunca poder effectuar o que com tanto zelo procurava, sem embargo de ter já ajuntado o que lhe parecia necessario para os descer.

Deus os traga a todos para o gremio de sua egreja. Um dos padres missionarios de Nossa Senhora do Carmo, vindo de sua missão do rio Negro, disse que o Padre Samuel Fernandes Fritz, um dos missionarios das missões de Quito, sobre o rio das Amazonas, viera acompanhado de castelhanos para levar mais gente para riba; mas que elles não quizeram ir, e como dera doença aos soldados, se voltara com elles para sua missão, ficando os Cambebas em suas terras e pedindo missionario portuguez. Não ha duvida que assim para banda do Norte, rio Negro para riba,

onde correm as missões dos Carmelitas, como para a banda do Sul, onde correm as da Companhia de Jesus, ha muita gentilidade com bellas terras, principalmente em nossa banda, para muitas missões de grande serviço de Deus, mas como o cabedal é pouco e não chega para tantos gastos, é força deixal-as para outro tempo, em que haja mais missionarios e maiores recursos para os poder prover.

O Senhor Bispo D. Timotheo do Sacramento ordenou todos os nossos theologos que ha de presente no Maranhão, capacitando-os com isso para as missões, pelas as quaes se repartirão acabado o seu terceiro anno de theologia, visto o nosso muito reverendo Padre geral Thyrso Gonçalves ter dispensado do quarto, pela necessidade que ha de missionarios.

O Padre Antonio Gomes, que tambem se ordenou, já foi mandado para os Maraguazes, e o Padre João Valladão, que tornou ordenado do Reino nos navios que este anno, 1698, vieram de Lisboa, e nos trouxeram as boas novas do feliz nascimento de um novo infante, Manoel das Pazes, entre os principes christãos, e da grande victoria contra o gran senhor dos Turcos, está se aviando para ir aos Andirazes ; o Padre Domingos Macedo para ir aos Abacaxizes, com o Padre João da Silva, todos missionarios do famoso rio das Amazonas, e estão os Andirazes para riba dos Tupinambaranas, em terras boas e assaz sadias, os Maraguazes umas jornadas mais adiante, em terras algum tanto doentias ; os Abacaxizes para banda do rio da Madeira, em sitio mais desafogado, principalmente mudando-se a aldêa para onde o Padre João da Silva, á instancias dos mesmos indios, a quer mudar; o Padre Domingos Macedo, si bem parte tambem para banda dos Abacaxizes, comtudo vae situar aldêa nova que fique á vista do Padre João da Silva, estando um missionario em uma, e outro na outra, para assim se doutrinar melhor o gentio, porque ficando as aldêas só de visita, nunca se lhes póde acudir, como quando teem seu parocho a parte para tratar della só. Os Padres Antonio da Silva e João Angelo, que vieram para se curar, tambem estão para voltar para suas missões, este dos Boccas e outro dos Ingaybas, onde assistiu annos ha com muita satisfação, que até El-Rei o mandou agradecer, como tambem mandou agradecer

ao Padre frei Theodosio, religioso de Nossa Senhora das Mercês, sobre o rio Urubú, mandando que elle só possa nomear os religiosos de sua Ordem que hajam de ir para as missões dos Urubúses a riba, que estão sujeitas á sua jurisdicção, depois de nós as termos largado, em vista da repartição derradeira de Sua Magestade.

CAPITULO 22

INDUZ O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO O SENHOR BISPO, PRESO PELO JUIZO DA CORÔA, A LEVANTAR A EXCOMMUNHÃO E O INTERDICTO QUE TINHA POSTO.

Visitando o Senhor Bispo, como bom e cuidadoso pastor, o rebanho de suas ovelhas que tinha na cidade e capitania do Maranhão, como achou algumas dellas infeccionadas de varios males espirituaes, com grande prejuizo de sua salvação e do bom exemplo que tinham de dar como ovelhas do rebanho de Christo, supremo pastor, tratou de pôr-lhes remedio, começando pelos clerigos, indo depois aos leigos, desterrando uns para o Tapecorú, outros para o Grampará, castigando outros na bolsa, na pena do dinheiro, que mandam dar as constituições do Bispado, e como ninguem quer a justiça á sua porta, e todos querem que se dissimule em si o que condemnam nos outros, achando-se alguns castigados, a seu parecer, com mais rigor do que pedia o merecimento de suas culpas, e outros sem serem (conforme diziam) ouvidos em sua defeza, e outros tambem aggravados de lhes publicarem os seus desmanchos, ainda que já notorios quasi á todos, começaram a formar queixas por si sós ou ajudados dos parentes, ou dos de sua parcialidade, do Senhor Bispo, dizendo que os condemnava sem serem ouvidos primeiro e com excesso nas penas pecuniarias que lhes mandava pagar, e cousas semelhantes, entre as quaes entravam ter mandado desterrar Diogo Campello, juiz dos orphãos, e F. Lopes, escrivão da ouvidoria, por suas justas causas, as quaes, supposto que assaz notorias, passo em silencio. Logo que estas e semelhantes queixas chegaram á noticia de Antonio de Albu-

querque Coelho Carvalho, governador e capitão general do Estado, que sentiu muito haver desavenças entre as ovelhas e seu pastor, como tinha ordem de Sua Magestade, que Deus guarde, de apaziguar as differenças, que entre seus vassallos, assim ecclesiasticos como seculares, podiam haver com seus prelados, em prejuizo da paz e quietação publica, tratou, com todo o segredo, de mandar o ouvidor geral, Matheus Dias da Costa, do Pará, onde por então com elle assistia, para o Maranhão, com as ordens conducentes e requisitos para o fim que se pretendia. Partio elle com grande segredo, uns poucos de dias depois da Paschoa, e chegado que foi ao Maranhão, antes de saltar em terra, quiz fosse tão ás caladinhas, que mandou prender ao barqueiro por ter deixado sahir alguem antes delle.

Logo depois de aposentado nas casas que lhe eram mais commodas, escreveu uma carta de cortezia ao Senhor Bispo, pedindo-lhe por mercê soltasse logo da prisão os presos que estavam na cadêa. Respondeu-lhe elle que estavam presos por culpas que tocavam á sua jurisdicção, e que não estava para lh'os soltar. Com que, elle levantou o Juizo da Coroa, que constava de tres pessoas : elle, o reverendo padre e senhor Manuel Homem, vigario da Sé, e por entretanto o ouvidor da capitania Antonio de Souza Soeiro, e pondo os presos na rua mandou que quem tivesse queixas contra o Senhor Bispo sahisse com ellas diante do Juizo da Coroa. O Senhor Bispo, vendo lesa a sua jurisdicção, fez junta dos prelados de todas as religiões sobre o que havia de obrar no caso da soltura dos presos. Julgaram todos com o Padre José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior da missão, e os Padres Fructuoso Correa e Ignacio Ferreira, que o acompanhavam, que se havia de pedir que se repuzessem e que, repostos elles, se largariam logo alguns delles, e sobretudo F. Lopes, escrivão da ouvidoria, para correr com a obrigação de seu officio ; e como esta resposta não fosse ao gosto do Juizo da Coroa e que não quiz restituir á prisão os que tinha soltado della, procedeu o Senhor Bispo declarando por excommungados o ouvidor geral Matheus Dias da Costa e o ouvidor da capitania Antonio de Souza Soeiro, e não o reverendo Padre senhor vigario da Sé, Manuel Homem,

que entrou por parte do estado ecclesiastico, por elle não consentir nem subscrever o que seus companheiros tinham determinado. Vendo-se logo o Juizo da Coroa atalhado com essa declaração, pediu ajuda de braço secular ao capitão-mór João Duarte Franco, posto pelo governador do Estado, e tendo-lhe elle dado cerco ao Senhor Bispo em suas casas, o fizeram, não tão apertado, que não ficassem abertas as portas para se poder sahir para fóra, sem, porém, deixar-se entrar, nem sahir sustento nenhum, o que vendo o Senhor Bispo, sahiu elle mesmo em pessoa, com uma quartinha na mão, em busca de uma gotta de agua na fonte, para não morrer de sêde, por haver prohibição apertada de se lhe não acudir, e se castigar um capitão por lhe ter fallado em breves palavras pela cortezia que os christãos devem uns aos outros, e muito mais a seus prelados maiores como era o Senhor Bispo; o qual, não tendo alma viva, com quem tratar, se sahiu para o nosso Collegio de Nossa Senhora da Luz, para onde o foram acompanhando as guardas com tão pouco respeito, que é uma vergonha de escrevel-o. Entrado que foi, no Collegio, logo o cercaram todo, de sorte que em quanto lá se deteve, jantando com os padres do que sua pobreza dava, e conversando com elles, como religiosos da Companhia de Jesus, não deixaram sahir nem entrar pessoa; e sahindo o Senhor Bispo, depois de jantar o foram cercando e levando com tanto aperto como se fôra um criminoso condemnado por grandes culpas, de que elle, escandalizado, lhes disse que o deixassem passar. Chegado que foi em sua casa, logo vieram com o capitão-mór pregar-lhe as portas, de sorte que, ainda que muito quizesse sahir, assim o detiveram, sem nenhum respeito, nem compaixão, antes com tanto desamor que, conforme dizem, não faltou quem dissesse que lhe destelhassem a casa e para dentro botassem cal, para que a muita calma ou o muito pó da cal o obrigasse ao que pretendiam. Nem se deu o Juizo da Coroa por satisfeito de ter posto cerco tão apertado ao Senhor Bispo, mas como lhe parecia que o Padre Iodoco Peres, helvecio de nação, homem que leu e é de muitas lettras e virtude, se mostrava contra, escreveu uma carta, em nome de Sua Magestade, ao Padre José Ferreira, superior da missão, pedindo-lhe, em nome do mesmo

Senhor, que Deus guarde, que o desterrasse para fóra da villa e termo, por inconfidente e muito contra a jurisdicção real.

CAPITULO 23

CARTA DO JUIZO DA COROA AO PADRE SUPERIOR DA MISSÃO JOSÉ FERREIRA, PARA SE DESTERRAR O PADRE IODOCO PERES, POR SE MOSTRAR INCONFIDENTE, E RESPOSTA DO MESMO AO DITO JUIZO, NEGANDO TAL INCONFIDENCIA, E DIZENDO DARIA CONTA DE TUDO A SUA MAGESTADE, A QUEM PEDIA FIZESSE TAMBEM PRESENTE A RESPOSTA QUE LHE MANDAVA.

Cópia da carta do Juizo da Corôa ao Padre José Ferreira, Superior da missão:

« Reverendo Padre Superior da Companhia das missões neste Estado. Pareceu a este Juizo da Corôa que no Reino de Portugal e suas conquistas se erigiu, para se evitar e dar remedio ás vexações, forças e violencias, que pelos Prelados Ecclesiasticos ou seus ministros não só se fizeram aos seus clerigos nos processos, mas tambem as que se causaram aos seculares, por se não ordenarem aquellas de suas culpas, conforme as ordens do Reino, e não poderem ser presos sem constar aos ministros de Sua Magestade, que Deus guarde, a formalidade dellas e se estão em termos de se consentir nas ditas prisões e se darem á execução, sendo todo o intento dos Reis catholicos de Portugal dirigido sómente para que sejam punidos os culpados, mas nos termos e pelos meios conforme suas reaes leis, estabelecidas, e acceitas pelas concordatas que houveram entre os prelados, e confirmação do pontifice com os Senhores Reis de Portugal; pareceu-lhe que, para evitarmos toda a perturbação que póde haver contra a observação das leis de Sua Magestade, que por parte de Vossa Paternidade, como Superior, se mandasse retirar desta povoação e seu districto o Padre mestre Iodoco Peres, porque temos por noticia que é muito contra a jurisdicção real, não querendo assentir que deve subsistir este Juizo da Corôa,

aconselhando esta sua opinião, mostrando-se nella como inconfidente á corôa de Portugal, sendo por ora seu vassallo; e talvez mais alguns, que se acostam á dita opinião, quando se deseja se faça o serviço de Deus pelos meios que Sua Magestade ordena; e de contrario, o que se não espera, por conhecermos a sua muita prudencia e ser amante do serviço de Deus e da paz, serão tidos por inconfidentes á corôa de Portugal.

« A pessoa de Vossa Paternidade guarde Deus, etc. Em Junta da Corôa, em esta cidade de S. Luiz do Maranhão, aos cinco dias do mez de maio de 1698.

« Matheus Dias da Costa, o padre Manoel Homem.

« O subscripto era:

« Do serviço de Sua Magestade. Antonio de Souza Soeiro ao reverendo José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior das missões deste estado. Do Juizo da Corôa.»

Cópia da resposta que deu o Padre Superior das missões José Ferreira á carta dos da Junta da Corôa:

« Li esta carta em que se me propõe que mande retirar o Padre Iodoco Peres. Se o serviço de Deus e de Sua Magestade, a paz e augmento da republica do Estado tivera nisso o remedio, já estaria apontado, porque outras cousas ainda mais difficultosas cabem no grande coração da Companhia, que tem tanto nos olhos estes motivos, e mais tambem tem nos mesmos olhos o credito de seus filhos e nenhuma cousa lhe é mais sensivel que sonharem-se inconfidencias de quem Sua Magestade conhece muito bem a segura e incontrastavel fidelidade com que nos criamos e ensinamos áquelles que se criam em nossas escolas, e é muito que se julgue que Sua Magestade confia os encargos de sua consciencia a quem nem ainda por sonhos se póde suspeitar infidelidade, e em mim muito em particular cresce o sentimento por nascer a occasião delle donde eu menos podia esperar.

« Ponto é este em que eu não poderei deixar de dar razão a Sua Magestade, e póde ser que de mais perto pela precisa obrigação que disso me corre; não se criam em nós taes

ignorancias que se diga que é opinião não haver em Portugal e suas conquistas Juizo da Corôa, porque affirmar isto não é opinião, é erro.

«O uso delle é certissimo que ha de ser para a paz e quietação dos vassallos, e augmento da religião christã ; e para que assim seja pedimos a Nosso Senhor todos os dias nas missas e orações que encaminhe as cousas de sorte que não nasçam as dissenções donde devia ter seu nascimento a paz, e para que não haja depois do que dar estreitissima conta a Deus e ainda aos homens; e Deus e os homens me são testemunhas das diligencias que fiz para que neste negocio se conseguisse o bom fim que sem respeito algum particular ou humano sobre todos desejo, pois estou prevendo que se podem seguir grandes desagrados de Deus, e de que uma e outra Magestade se hão de dar por muito mal servidos, supposto as minhas diligencias têm tido neste negocio tão pouco effeito, e se ainda houver algumas que o possam ter, a nenhuma faltarei, com o animo que só Deus conhece, e creio que tambem Sua Magestade, a quem desejo e rogo que se apresente esta minha resposta.»

«E' muito que se imagine que Sua Magestade confia os descargos de sua consciencia de quem se póde sonhar pouca fidelidade.»

Não é crivel quanto padeceu o Senhor Bispo em aquella occasião e quanto padecemos tambem nós, pelos aleives que nos levantavam, dizendo eramos nós, principalmente os Padres Iodoco Peres, Fructuoso Corrêa, Ignacio Ferreira, ambos estes lentes da theologia, que aconselhavam ao Senhor Bispo, e que de nosso Collegio tinham-se visto sahir os papéis; como queixoso m'o disse o mesmo governador, indo eu visital-o em seu palacio, sendo tudo falso e um méro aleive, porque o Senhor Bispo em suas causas não necessitava dos conselhos dos nossos, por ser doutor em theologia e a tinha lido aos seus em Portugal e além disso tinham todos os nossos prohibições de se metterem nos seus papéis.

Apertaram com elle quanto puderam os do Juizo da Corôa e o capitão mór João Duarte Franco, executor de suas ordens no tocante ao braço secular, para que levantasse a excommunhão e

o interdicto posto em toda a cidade; mas elle, resoluto de morrer antes pela jurisdicção da egreja que render-se, estava fixo, sem se lhe dar dos apertos que lhe punham ; mas o Padre superior da missão José Ferreira, que já tinha repetidas vezes instado com o ouvidor geral, seu conhecido e amigo desde Portugal, para que não chegasse ao cabo, mas compuzesse todas as differenças amigavelmente com Sua Illustrissima, foi finalmente fallar-lhe e rogal-o muito, que visto não ter isto outro remedio quizesse levantar a excommunhão e o interdicto; o que veio a fazer por um escripto, que fez com que tiraram o cerco, e ficou deixado em sua liberdade, com seu vigario geral José Gonçalves, que supposto não foi cercado com elle, não deixaria de sel-o se se acolhesse a tempo. Causaram este cerco do Senhor Bispo e o máo trato que lhe deram grande admiração e compaixão, ficando outros seus contrarios não pouco contentes.

O mesmo governador extranhou o modo ; e, como ouviu que o ouvidor geral e seus adjuntos o tinham tratado com tanto aperto e rigor, disse que tal ordem não dera, e se o ouvidor geral tinha passado os termos da ordem que elle lhe tinha dado, seria elle mesmo seu algoz.

O Senhor Bispo, para se mostrar sentido do desacato com que o trataram suas proprias ovelhas, tirou o roxete, e se revestiu de seu habito de frade, não trazendo senão o chapéo, cruz e annel de bispo ; mandou retirar-se o vigario da vara, o licenciado Sr. João Rodrigues Calháo, que tinha posto no Pará, e o reverendo Padre José de Santo Antonio, religioso de sua Ordem, que servia o cargo de vigario da matriz na cidade de Belém, do mesmo Pará, em logar de Antonio Lameira da França, mandando que todos os presos fossem para suas casas, visto lhe terem tirado sua jurisdicção, até recurso para Sua Magestade El-Rei nosso senhor, e Sua Santidade o vigario de Christo e as respostas delles ; mandou a parte contraria, o ouvidor da capitania, Antonio de Souza Soeiro, dar conta a Sua Magestade, como um que foi dos adjuntos da Corôa, mas não faltará no Reino quem lhe vá á mão, dado que se desvie do que é justo e passa como real verdade.

O tempo declarará por cuja parte está a justiça direita, eu

não me metto a decidir o que me não toca, não faço mais que referil-o para noticia dos vindouros.

Deus Nosso Senhor ponha tudo em paz e perdôe aos que são causa de se ter visto a egreja tão abatida com seu ministro.

Dizem e affirmam por cousa certa que no tempo daquelle tão innusado conflicto correu se vira de dia claramente um cometa em fórma de espada sobre o Maranhão, e, sendo isso assim, apparelhemos as costas a um grande castigo, que do Céo nos ameaça.

Está hoje a capitania do Grampará sem vigario da vara e juiz dos residuos, porque foram tirados ambos, e supposto que o Senhor Bispo mandou entrar o reverendo Padre Antonio Lameira da Franca no exercicio de seu cargo de vigario, prohibiu-lhe de se metter em sentenciar cousa alguma, donde, estando Francisco Potfliz, mercador em grosso desta cidade, para contractar o santo matrimonio com uma filha de Lourenço Alvares Roxo, que Deus tem, valeu-lhe não lhe sahir nem achar impedimento algum para casar *in facie ecclesiæ*, perante seu parocho, como actualmente casou, aos vinte e cinco de maio desse anno de mil seiscentos e noventa e oito.

Indice da Chronica do Padre João Felippe Betendorf

Livro 2.º — Do que obraram os Padres missionarios em tempo do governo do primeiro governador do Estado, e do segundo, em que se fez a viagem para Quito, e do terceiro, em que os hollandezes tomaram o Maranhão.

Livro 5.º — Do que se obrou do anno 1667 até o anno 1684.

Livro 6.º — Das cousas que succederam á missão em tempo do governo do Padre Pero Luiz Gonsalvi, Romano.

Livro 7.º — Do levantamento do povo do Maranhão, expulsão e restituição dos padres missionarios da Companhia de Jesus.

Livro 8.º Põe-se a missão em estado maior e sua ultima consistencia.

Livro 10.º — Trata-se das cousas da missão acontecidas em tempo do superiorado do Padre José Ferreira.

1851 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1910

Fins do Instituto.— Revista.— Admissão de socios.— Sessões.— Correspondencias.

O Instituto tem por fim colligir, estudar, divulgar, investigar e archivar os documentos concernentes á historia, geographia, ethnographia e archeologia, principalmente do Brazil.

Publica desde 1839 uma *Revista*, a qual no fim do anno forma um tomo em duas partes: a 1ª consta dos documentos relativos ao Brazil e a 2ª comprehende os trabalhos de socios e as actas das sessões, assim como os discursos do Presidente e do Orador e o Relatorio do 1º Secretario, apresentados nas sessões anniversarias.

Os socios são:— effectivos em numero de 50, correspondentes em numero de 100, honorarios em numero de 50, benemeritos em numero de 10 e bemfeitores, havendo uma classe de Presidentes Honorarios, á qual só podem pertencer o chefe do Estado e os chefes de outras nações.

Admittem-se como socios, tanto os nacionaes como os estrangeiros, mediante offerecimento de obras e apresentação, por escripto, da respectiva candidatura.

Os socios do Instituto têm como distinctivos um collar e medalha de ouro e uma roseta de côr azul celeste.

As sessões ordinarias do Instituto, a que podem assistir todos os socios, realizam-se mensalmente de Abril a Outubro, á noite.

A correspondencia e todas as remessas devem ser dirigidas ao 1º Secretario e encaminhadas para o Instituto, aberto todos os dias das 11 horas da manhã ás 5 da tarde.

Presidente do Instituto

Barão do Rio-Branco.

Commissão de redacção da Revista

Max Fleiuss.
Conde de Affonso Celso.
Dr. Alfredo Nascimento.
Dr. Gastão Ruch.
Dr. Alexandre José Barbosa Lima.

1º Secretario Perpetuo do Instituto

Max Fleiuss.

Thesoureiro do Instituto

Arthur Ferreira Machado Guimarães.

Bibliothecario do Instituto

Dr. José Vieira Fazenda.

AVISO

Art. 54 dos Estatutos:

« Os socios que satisfizerem a joia e as contribuições terão direito a um exemplar da *Revista do Instituto*, desde o dia da sua admissão em diante.

§ 1.º Aquelle que dever as prestações de tres annos perderá o direito de receber a *Revista*.

§ 2.º O 1º Secretario fica incumbido da sua distribuição aos socios e a outras pessoas residentes no Brazil e fóra delle.»